Humilhados e Ofendidos



PRIMEIRA PARTE

Capítulo primeiro

O ano passado, em 22 de Março, ao fim da tarde, sucedeu-me uma estranha aventura. Todo o dia percorrera a cidade à procura de alojamento. O anterior era muito húmido e, por essa altura, eu tinha já começado a tossir fortemente. No Outono quisera mudar-me, mas adiei a mudança até à Primavera. Durante todo esse dia não consegui arranjar nada que me servisse. Em primeiro lugar, desejava um quarto independente, só para mim, e que além disso fosse bem grande e ao mesmo tempo o mais barato possível. É que numa casa pequena até as ideias se tornam pequenas. Eu, quando medito nos meus futuros romances, gosto de passear para trás e para diante no meu quarto. É verdade, sempre gostei mais de ruminar as minhas obras e as minhas fantasias à medida que me ocorriam do que escrevê-las — e não é por preguiça. Mas porque será então?

Já desde a manhã me sentia indisposto e, ao pôr do Sol, sentime mesmo muito mal; começava a apoderar-se de mim uma espécie de febre. Para mais não parara de andar durante todo o dia e estava esgotado. Ao entardecer, antes do crepúsculo, fui até ao Prospekt Vosnesenski (’). Adoro o sol de Março em Petersburgo, sobretudo quando se põe por uma tarde radiosa e fria. A rua toda fica de súbito a faiscar, inundada de uma luz claríssima. Todas as casas parecem imediatamente cintilar. As suas cores cinzentas, amarelas, Ou de um verde sujo, perdem num instante toda a fealdade. É como se a nossa alma se iluminasse, como se estremecêssemos ou alguém nos despertasse dando-nos uma cotovelada. Vemos logo tudo com outros olhos, outros pensamentos. E» (’) Avenida da Ascensão, uma das avenidas principais de Petersburgo extraordinário o poder de um raio de sol sobre a alma de um homem!

Mas o raio de sol desapareceu; o frio aumentou e começou a picar-me o nariz; as sombras adensaram-se; refulgiu o gás das lojas e dos armazéns... Ao passar em frente da pastelaria de Muller parei, como se

esperasse um acontecimento, algo que pressentia de extraordinário, e de facto, nesse mesmo momento, vi no passeio fronteiro um velho com um cão. Recordo-me de como o meu coração estremeceu sob o peso de uma sensação desagradável e sem que eu possa explicar de que natureza era esta sensação. Eu não sou um místico; não acredito em impulsos do coração nem em pressentimentos, e, no entanto, têm-me acontecido coisas muito difíceis de explicar pelos fenómenos conhecidos e naturais. Por exemplo: por que motivo a aparição daquele velho se me afigurou o anúncio de algo fora do comum? Aliás, eu estava doente, e as impressões doentias são quase sempre enganadoras.

Caminhando com passo lento, inseguro, apoiando-se nas pernas como em dois troços de madeira inarticulados, curvado, fincando o bordão entre as pedras da rua, o velho aproximava-se da pastelaria.

Nunca vira uma figura tão estranha, e já anteriormente, sempre que o encontrava em casa do Muller, ele me causava uma dolorosa impressão. A sua elevada estatura, os ombros curvados; a cara de octogenário, de aspecto cadavérico; o casaco rafado, o chapéu redondo, todo amolgado e roto, que devia contar bem mais de vinte anos de serviço sobre aquela cabeça sem cabelo, que conservava somente um pequeno tufo de cabelos sobre a nuca, não brancos, mas amarelados; os seus movimentos de autómato, tudo nele chocava quem o visse pela primeira vez. Fazia uma impressão esquisita olhar aquele velho sobrevivente, por assim dizer, sem tutela nem vigilância, que parecia um louco fugido do manicómio. Era de uma magreza extrema, incorpórea, uma armação só de pele e ossos. Os olhos, grandes e meigos, rodeados de olheiras fundas, olhavam constantemente para o vácuo, sem que parecessem dar conta do que os rodeava, e tive oportunidade de verificar que, se me pusesse na sua frente, ele continuava a caminhar como se nada obstruísse o seu caminho, como se o espaço estivesse vazio. Havia pouco tempo que ele aparecera na casa do Muller; ninguém sabia de onde vinha, viam-no sempre acompanhado do cão. Os frequentadores habituais da pastelaria nunca se haviam decidido a dirigir-lhe a palavra, e ele tão-pouco jamais havia interpelado alguém. «No entanto, porque irá a casa do Muller e

que terá ele a fazer ali?», pensava eu, parado do outro lado da rua e seguindo-o irresistivelmente com o olhar. Uma certa irritação, consequência da doença e do cansaço, começava a apoderar-se de mim. «Em que pensará ele?», continuava eu a falar para mim mesmo. «Que se passará naquela cabeça? E pensará sequer em alguma coisa? Tem uma cara sem vida a tal ponto que, evidentemente, já nada exprime. Além disto, onde teria ido buscar também aquele cão sarnoso que não o larga — como se formassem os dois um todo inseparável — e que se parece tanto com ele?»

Aquele desgraçado cão parecia ter igualmente oitenta anos; sim, devia ser assim. Em primeiro lugar, denotava uma velhice imprópria de um cão e, além disso, por que me teria surgido imediatamente, desde que o vi pela primeira vez, a ideia de que aquele cão não era como os outros cães, mas era... um cão extraordinário, que fatalmente devia ter algo de fantástico, de mágico, que talvez fosse uma espécie de Mefistóteles sob a aparência de cão, e que o seu destino estava ligado ao do seu dono por laços misteriosos e ignorados. Bastava olhá-lo para que alguém adivinhasse imediatamente que de certeza teriam decorrido já uns vinte anos desde que o cão comera pela última vez. Era magro como um esqueleto (ou pior), tal como o dono. O pêlo caíra-lhe quase todo e o rabo, todo torcido, trazia-o metido entre as pernas, hirto como um pau. A cabeça fraca, de longas orelhas, pendia lamentavelmente para o chão. Nunca na minha vida vira um cão tão repugnante.

Quando iam os dois pela rua — o dono adiante e o espantalho atrás, este roçava o focinho pelas abas do casaco do outro, como se lhes fosse colado, e a sua maneira de andar, todo o seu aspecto, pareciam dizer a cada passo: «Que velhos somos, senhor, que velhos somos!»

Lembro-me de que um dia me veio à ideia que o velho e o cão se teriam escapado de alguma estranha narrativa de Hoffmann, ilustrada por Gavarny, e que andavam pelo mundo na qualidade de reclamo ambulante de um editor...

Finalmente atravessei a rua e, atrás do velho, dirigi-me até à pastelaria.

O velho comportava-se de uma maneira estranha, e Múller, nos últimos tempos, costumava já fazer uma careta de aborrecimento quando, de pé, atrás do balcão, via entrar o inoportuno visitante. Em primeiro lugar, o estranho hóspede nunca pedia nada. Ia sempre direito ao canto do fogão de aquecimento e aí se sentava. Se esse lugar se encontrava já ocupado, depois de permanecer algum tempo a contemplar, numa irresolução perplexa aquele que se apoderara do seu posto, o velho, como que inibido, encaminhava-se para outro canto junto da janela. Escolhia uma cadeira, sentava-se lentamente, tirava o chapéu, colocava-o no chão, ao seu lado, punha o bordão perto do chapéu, recostando-se na cadeira, quedava-se imóvel durante umas três ou quatro horas. Nunca pegava num jornal, proferia uma palavra ou fazia qualquer rumor; limitava-se a sentar-se e assim se deixava ficar, olhando para o vazio com os olhos muito abertos; porém, com tal fixidez e tanta ausência de vida que poderia apostar-se como ele nada via nem tão-pouco ouvia de tudo quanto o rodeava. O cão, depois de dar duas ou três voltas sem sair do mesmo sítio, acabava por deitar-se tristemente a seus pés; afundava o focinho entre as patas, respirava profundamente e, estendendo-se a todo o comprimento sobre o chão, ficava assim imóvel toda a noite, como se estivesse morto. Poderíamos até supor que aqueles dois seres jaziam mortos durante o dia inteiro e somente ao pôr do Sol ressuscitavam com o único objectivo de se dirigirem à pastelaria do Miiller e cumprirem ali algum dever misterioso e ignoto.

Depois de estar assim sentado três ou quatro horas, o velho finalmente levantava-se, apanhava o chapéu e regressava a casa. O cão levantava-se também e, voltando a encolher a cauda e a baixar a cabeça, com o mesmo vagaroso caminhar de antes, começava maquinalmente a seguir o dono. Os fregueses da pastelaria, nos últimos tempos, tinham acabado por fazer o vazio à roda do velho, evitando roçarem-se por ele, como se lhes inspirasse desprezo. Porém, ele nunca chegou a dar por isso.

Esses clientes eram, na maioria, alemães. Iam ali, vindos de todo o Prospekt Vosnesenski; eram todos proprietários de vários

estabelecimentos: serralharias, padarias, tinturarias, chapelarias, casas de arreios, todos eles gente patriarcal, na acepção germânica da palavra. Em casa de Miiller observava-se o patriarcalismo. O dono costumava formar tertúlia com os clientes conhecidos, sentando-se com eles à mesa, na qual consumiam grande quantidade de ponche. Os cães e os filhitos do pasteleiro aproximavam-se também frequentemente dos fregueses; estes afagavam os cães e as crianças. Todos se conheciam uns aos outros e todos se respeitavam mutuamente. E enquanto os clientes se afundavam na leitura dos jornais alemães, por detrás da porta do fundo, nos aposentos do dono ouviam-se as notas da valsa *Agustin,* que no derreado piano tocava a sua filha mais velha, uma alemãzita loura, de cabelo eriçado, muito parecida com um ratinho branco. A valsa era acolhida com satisfação. Eu ia a casa de Múller nos primeiros dias de cada mês para ler os diários russos que ali se recebiam.

Quando entrei na pastelaria reparei que o velho estava já sentado junto da janela, e a seus pés o cão estendido como sempre. Em silêncio, sentei-me num canto e a mim próprio fiz mentalmente esta pergunta: «Porque viria eu aqui, quando decididamente nada tenho a fazer neste lugar e, além disso, assim doente? Devia era ir depressa para casa, tomar uma chávena de café e meter-me na cama. Dar-se-á o caso que eu venha unicamente para ver este velho?» Apoderou-se de mim um grande descontentamento. «Que me importa a mim esse velhote? — pensei recordando a estranha, mórbida impressão que me provocara o seu encontro na rua. — E, além do mais, que me importam também estes aborrecidos alemães? Porquê esta fantástica disposição de espírito? Porquê este invencível desejo de solidão que noto em mim de algum tempo para cá e me impede de viver e de olhar a vida com olhos claros, como notou já um crítico profundo ao censurar com aspereza o meu último romance?» Entretanto, cavilando e resmungando, continuava no meu lugar, sem que o mal-estar deixasse de me afligir cada vez mais e mais, até que por fim se me tornava custoso abandonar aquele sítio tão quentinho. Peguei na *Gazeta de Francfort,* li duas linhas e quedei-me amodorrado.

Os alemães não me incomodavam. Liam, fumavam, e só de quando em quando, aí uma vez em cada meia hora, comunicavam laconicamente e em voz baixa uns aos outros alguma notícia de Francfort ou algum dito do seu célebre escritor humorista Safir; depois do que, com o seu orgulho nacional duplicado, voltavam a enfronhar-se na leitura.

Teria estado assim adormentado uma meia hora até que despertei com um grande calafrio. Decididamente, tinha de ir para casa. Porém, naquele mesmo instante, uma cena alemã, que se desenrolava na pastelaria, obrigou-me uma vez mais a ficar. Disse já que o velho, assim que se sentava na sua cadeira, fixava imediatamente o olhar num ponto e daí não o desviava durante toda a noite. Uma vez por outra me ocorreu que fosse cego o branco daquele olhar que se fixava algures, absurdamente teimoso e, quando isso acontecia, apressava-me a mudar de lugar. Dessa vez a vítima do velho era um alemão pequenino, rechonchudo e extraordinariamente limpo, com um colarinho teso, muito engomado, uma carantonha vermelhusca, freguês de passagem que tinha um negócio em Riga e se chamava, segundo soube depois, Adam Ivanitch Schultz, amigo íntimo de Múller, mas que ainda não conhecia o velho nem a maioria dos fregueses. Lia com deleite o *Dorfbarbier (*)* e saboreava o seu ponche, quando de repente, ao levantar a cabeça, encontrou o olhar parado do ancião fixo em si. Isso aborreceu-o.

(*) «O barbeiro da aldeia» (N. do T)

Adam Ivanitch era um homem muito rabujento e susceptível, como o são em geral todos os alemães «importantes». Pareceu-lhe estranho e ofensivo que se pusessem a examiná-lo com tanta insistência e à vontade. Dominando a indignação, afastou a vista do indelicado freguês, resmungou qualquer coisa por entre dentes e, em silêncio, voltou à leitura do seu jornal. Entretanto, não pôde conter-se e, passados dois minutos, deitou ao velho uma olhadela furtiva por cima do jornal: encontrou o mesmo olhar obstinado, o mesmo exame imbecil. Ainda por aquela vez Adam Ivanitch se calou. Porém, ao repetir-se aquilo pela

terceira vez, explodiu e julgou de seu dever sair em defesa da sua honra e não deixar mal vista diante de um público notável, a nobre cidade de Riga, da qual, pelos vistos, se julgava representante. com um gesto de enfado poisou o jornal sobre a mesa, deu sobre ela uma pancada enérgica com a vareta a que ele estava seguro e, arrebatado por um sentimento de dignidade pessoal, todo vermelho pelo efeito do ponche e da indignação, fixou por sua vez os seus olhinhos injectados de sangue sobre o velho maçador. Dir-se-ia que ambos, o alemão e o seu adversário, se esforçavam por se dominarem um ao outro com o poder magnético dos seus olhares e que aguardavam a ver qual dos dois se rendia primeiro baixando a vista. A pancada com a vareta e a extravagante atitude de Adam Ivanitch atraíram sobre ele a atenção de todos os presentes, que abandonaram imediatamente as suas ocupações e, com grave e tranquila curiosidade, puseram-se a contemplar os dois contendores. A cena era realmente muito cómica. No entanto, o magnetismo das olhadelas provocantes do rubicundo Adam Ivanitch não dava resultado. O velho, sem se preocupar com coisa alguma, imperturbável, continuava a olhar o furioso senhor Schultz e, evidentemente, não reparava que estava a ser objecto da curiosidade geral, tal como se tivesse a cabeça na lua e não cá na terra. Por fim, a paciência de Adam Ivanitch acabou e ele explodiu.

— Porque me olha o senhor com tal fixidez? — gritou em alemão com voz cortante e estentórea e aspecto ameaçador. Mas o adversário persistiu no silêncio, como se não tivesse percebido nem ouvido a pergunta.

Adam Ivanitch interpelou-o então em russo: — Pergunto-lhe, a si, por que me olha com tanta «insistência» — vociferou com redobrada fúria. — Eu sou conhecido na corte e o senhor não! — acrescentou saltando da cadeira.

Porém, o velho, nem por um instante se moveu. Entre os alemães houve um murmúrio de indignação. O próprio Müller, atraído pelo barulho, veio para o meio da sala. Posto ao corrente da questão, pensou que talvez o velho fosse surdo e foi dizer-lhe ao ouvido: — O «senhor» Schultz pede-lhe que não o olhe tão «fixamente» — gritou-lhe com todas as forças, encarando nos olhos o estranho freguês.

O velho olhou maquinalmente para Múller e logo no seu rosto, até então imóvel, transpareceram indícios de angústia, de uma determinada e inquieta comoção. Inclinou-se, apanhou rapidamente o chapéu e o bordão, levantou-se e, com um sorriso doloroso, o sorriso humilde de um desgraçado que, por engano, ocupou um lugar que lhe não correspondia, dispôs-se a deixar o estabelecimento. Naquela precipitação mansa, submissa, do pobre ancião esfarrapado, havia qualquer coisa que fazia tanto dó, que tanto nos oprimia o coração, que todos os presentes, a começar por Adam Ivanitch, mudaram logo de atitude. Era evidente que o velho não somente era incapaz de ofender alguém, como também, pelos vistos, temia a todos os instantes que pudessem escorraçá-lo como a um mendigo.

Múller era homem bom e compassivo.

— Não, não! — exclamou dando uma palmadita animadora no ombro do velho. — Sente-se! *Aber Herr* Schultz pede-lhe «encarecidamente» que não o «olhe» com tanta «insistência». É «conhecido» na corte...

(*) Mas o senhor (Em alemão, no texto original) (N. do T)

Porém, o infeliz nada compreendia. Agitou-se ainda mais que anteriormente, inclinou-se para apanhar o seu velho lenço azul esfarrapado, que lhe caíra do chapéu, e começou a fustigar o cão que continuava estendido sem se mexer, no chão, e parecia bem ferrado no sono, com o focinho entre as patas dianteiras.

Azorka! Azorka! — gritou o velho com voz senil e tremente.

— Azorka!

Azorka permanecia impassível.

Azorka! Azorka! — repetiu ansiosamente o velho, dando com o bastão no cão.

Mas este continuou na mesma posição.

O bordão tombou das mãos do velho. Agachou-se, pôs-se de joelhos e com ambas as mãos levantou o focinho de Azorka. Pobre Azorka! Estava morto. Morrera silenciosamente aos pés do dono, quem sabe se de

velhice, se de fome. O velho contemplou-o num instante, transtornado, como se lhe fosse impossível compreender que Azorka pudesse ter morrido; depois, em silêncio, inclinou-se sobre o seu defunto servidor e roçou o rosto pálido pelo focinho frio do cão. Houve um minuto de silêncio. Estávamos todos comovidos... Finalmente o infeliz levantou-se, muito pálido. Tremia como se fosse atacado de febre.

— Pode ser embalsamado — disse o compassivo Múller, desejoso de consolar um pouco o velhote. — Pode ser embalsamado; Fiodor Karlovitch Krieger é «mestre» nessa arte — afirmou Múller apanhando do solo o bastão e entregando-o ao velho.

— Sim; isso faço eu bem — confirmou o próprio *Herr (*)* Krieger, chegando-se ao primeiro plano.

Era um alemão esguio, seco e afável, com uns cabelos eriçados e revoltos, olhinhos diminutos e nariz recurvo.

— Fiodor Karlovitch Krieger tem muito jeito para «fazer» todo o género de excelentes «trabalhos» de embalsamento — acrescentou Múller, que começava a entusiasmar-se com a sua ideia.

(*) Senhor (Em alemão, no original) (N do T.)

— É verdade que tenho muito jeito para «fazer» toda a espécie de excelentes «trabalhos» de «embalsamento»

— tornou a dizer *Herr* Krieger — e embalsamarei o seu «contrapeso, de graça» — acrescentou num ímpeto de generoso desinteresse.

— Isso não; pagar-lhe-ei a «si» o seu «trabalho» — exclamou Schultz, pondo-se duplamente vermelho, arrebatado também de generosidade e considerando-se causa inocente daquela desdita.

O velho escutava tudo aquilo com cara de não compreender e continuava com o corpo a tremer.

— Não se vá embora! Beba um copito de conhaque do melhor! — exclamou Míiller ao ver que o enigmático cliente se dispunha a sair.

Trouxeram-lhe o conhaque. O velho, maquinalmente, pegou no copo; mas como a mão lhe tremia, antes que chegasse a levá-lo aos lábios

entornou metade no chão e, sem beber uma gota, voltou a pô-lo sobre o balcão.

A seguir, esboçando um sorriso estranho, que não tinha qualquer relação com o caso, com passo apressado, desigual, saiu da confeitaria deixando ali Azorka. Estávamos todos atónitos; ouviram-se exclamações.

— *Schwerhoth! Was fur eine Geschichte! (*)* — diziam os alemães olhando uns para os outros.

Lancei-me em perseguição do velho. A alguns passos da confeitaria, do lado direito da saída, há uma ruela estreita e escura, ladeada de casas enormes. Uma coisa me dizia que o velho devia infalivelmente ter ido por aí. A segunda casa da direita estava em construção e toda cheia de andaimes. A paliçada que a circundava avançava quase até ao meio da rua; junto da paliçada tinham posto um passadiço de tábuas para os transeuntes. Num recanto obscuro, que a paliçada formava com a casa vizinha, encontrei o velho. Estava sentado no extremo do passadiço de tábuas e segurava a cabeça com ambas as mãos, de cotovelos apoiados nos joelhos. Sentei-me ao seu lado.

Oiça — disselhe, sem saber bem por onde começar não se aflija por causa de Azorka. Venha, que o levarei a sua casa. Acalme-se. vou buscar um trem. Onde mora?

O velho não me respondeu. Eu já não sabia o que havia de fazer. Por ali não passava ninguém. De repente ele pegou-me na mão.

Sufoco! — exclamou com voz débil, dificilmente perceptível. — Sufoco!

— Vamos para sua casa! — exclamei eu obrigando-o a levantar-se. — Vai tomar um pouco de chá e deitar-se... Eu volto já com um trem. E chamo o médico. Conheço um...

É provável que lhe tenha dito muito mais coisas. O velho conseguiu levantar-se; porém, mal se pusera em pé, deixou-se cair de novo sobre o chão e começou a resmungar não sei o quê, com aquela sua voz confusa e apagada. Inclinei-me para ele e consegui ouvir: — Em Vassilievski Ostrov — murmurou —, na sexta rua... sex...ta rua. — E calou-se logo.

— Mora em Vassilievski? Pois não ia por bom caminho, porque fica à

esquerda e não à direita. Eu vou levá-lo...

O velhote não se mexia. Peguei-lhe pela mão, mas essa mão desprendeu-se como morta. Olhei-lhe para o rosto, inclinei-me sobre o seu corpo... Estava morto! Tudo aquilo me parecia um sonho.

Esta aventura acarretou-me muitos trabalhos, durante os quais a minha febre acabou por passar. Pus-me logo à procura da morada do velho. No entanto, ele não vivia em Vassilievski, mas a dois passos do próprio sítio em que morreu, na casa Klugen (**), num 5.º andar de uma água-furtada, num apartamento independente, composto de um insignificante vestíbulo e de um quarto grande mas de tecto muito baixo, com três frestas à laia de janelas. Vivia na maior miséria.

(*) Que infelicidade' Mas que história' (Em alemão, no texto original) (N. do T)

*(**) Os prédios eram designados pelo nome de proprietário (N do T)*

O mobiliário reduzia-se a uma mesa, duas cadeiras e um divã velhíssimo, duro como uma pedra, e do qual, por todos os lados, saía a palha; este -era todo o seu mobiliário. O fogão, pelos vistos há muito que não se acendia; também ali não se viam velas. Estou agora convencido de que o velho ia a casa do Miiller só com o fim de encontrar ali luz e calor. Em cima da mesa havia uma bilha de barro vazia e uma velha côdea de pão duro. No que respeita a dinheiro, nem um copeque. Nem sequer se encontrou a roupa branca necessária para lhe fazer a mortalha; foi uma pessoa que ofereceu uma camisa. Era evidente que não podia viver assim, sozinho, daquela maneira, e era provável que, ainda que de longe em longe, alguém viesse visitá-lo. Na gaveta da mesa estava guardado o seu passaporte. O defunto era estrangeiro, mas súbdito russo; chamava-se Jeremias Smith, era mecânico e tinha setenta e oito anos. Em cima da mesa estavam dois livros: um compêndio de geografia e o Novo Testamento, na versão russ'a, com as margens riscadas a lápis e marcadas com as unhas. Adquiri esses livros para mim. Fiz perguntas aos vizinhos, ao senhorio; pouco ou nada sabiam acerca dele. Havia muitos inquilinos

naquele prédio, quase todos operários alemães, que ocupavam dependências mobiladas e com pensão. O administrador do prédio, que era pessoa de condição, também não soube dizer-me grande coisa do seu falecido inquilino, a não ser que alugava aquele quarto por seis rublos mensais, que o morto vivera ali quatro meses, mas que nos dois últimos não tinha pago nem um só copeque. e por isso chegara até a ver-se obrigado a despedi-lo. Perguntei-lhe se não costumava vir ninguém visitá-lo. Porém, a essa pergunta ninguém soube dar uma resposta satisfatória. O prédio era grande e entrava muita gente naquela espécie de arca de Noé. Seria impossível lembrarem-se de todos. O porteiro, que vivia ali havia já cinco anos, e certamente teria podido dar-me algumas informações, fora para a terra havia umas duas semanas, com os pais, deixando a substituí-lo um sobrinho, um rapaz novo que ainda não conhecia nem sequer a metade dos moradores. Não sabia muito bem como ia terminar tudo aquilo; o certo é que acabaram por sepultar o morto. Naqueles três dias, entre várias coisas que tive de fazer, fui a Vassilievski Ostrov, na sexta rua, e mal aí cheguei logo tive de me rir de mim próprio. Que podia eu encontrar na sexta rua senão uma enfiada de casas vulgares? No entanto — dizia para comigo —, por que motivo o velho, ao morrer, mencionara a sexta rua e Vassilievski Ostrov? Não estaria a delirar?

Voltei a ver o quarto desalugado de Smith e agradou-me. Aluguei-o para mim. O essencial era tratar-se de um quarto grande, ainda que de tecto muito baixo, tanto que, de princípio, tinha sempre a impressão de que ia bater nele com a cabeça. Entretanto, não tardou que me acostumasse. Por seis rublos mensais não era possível encontrar nada melhor. Seduziu-me a sua independência; não me restava senão regular a questão do serviço, porque sem ter alguém que nos faça um serviço é impossível viver. O porteiro, a princípio, ofereceu-se para subir ao meu andar pelo menos uma vez por dia e atender-me no mais necessário. «E quem sabe — pensava eu — se não virá alguém procurar o velho.» Entretanto, tinham passado já cinco dias depois da sua morte e ninguém ainda aparecera.

Capítulo segundo

Por esse tempo, quer dizer, há um ano, ainda eu colaborava em jornais, redigindo artigos, e ainda acreditava firmemente que havia de chegar a escrever algo de extraordinário, de muito bom. Trabalhava então num romance extenso, mas a coisa parou quando caí doente num hospital, e, pelos vistos, estou condenado a uma morte rápida. E se tenho de morrer em breve para que hei-de escrever?

Sem querer, estou constantemente a recordar esse doloroso ano passado da minha vida. Quero agora descrevê-lo todo, pois, se a mim próprio não proporcionasse esta ocupação, morreria de tristeza. Todas essas passadas impressões me põem, num verdadeiro transe de paixão e de tortura. Mas, passadas a palavras escritas, hão-de tomar um aspecto mais tranquilizador, mais sereno; tornar-se-ão menos semelhantes a um delírio, a um pesadelo. Isto é o que eu penso. O próprio mecanismo da caneta só por si já é benéfico: acalma, refreia, desperta em mim os antigos hábitos de escritor, transforma as minhas evocações e sonhos dolorosos num trabalho, numa ocupação... Sim, é uma boa ideia. Além disso deixo como legado o meu manuscrito ao enfermeiro, ainda que as minhas memórias lhe venham a servir unicamente para tapar as janelas quando chegar a ocasião de lhes pôr as vidraças de Inverno.

No entanto, depois disto tudo, não sei porque razão comecei a minha narrativa pelo meio. Mas, como vou contar tudo, é preciso começar pelo princípio. Para mais, a minha autobiografia não há-de ser muito extensa.

Não nasci aqui, mas bem longe, no distrito de... Quero acreditar que os meus pais eram boas pessoas, no entanto deixaram-me órfão muito cedo e fui assim criado em casa de Nikolai Serguieitch Ikmeniev, um modesto proprietário, que me acolheu por dó. Tinha apenas uma filha, Natacha, mais nova que eu três anos.

Criámo-nos juntos, como irmão e irmã. Oh! Minha doce infância! Como te deploro e lamento agora que tenho vinte e cinco anos, e ao morrer somente a ti recordarei com entusiasmo e gratidão! Então, o céu

era tão límpido, com um sol tão pouco petersburguês, os nossos pequenos corações latiam com tal alegria e alvoroço!

Então, à volta tínhamos campos e bosques e não um montão de pedras inertes, como agora. Que maravilhosos o jardim e o parque de Vassiiievskoie, de que Nikolai Serguieitch era administrador! Nesse jardim, Natacha e eu costumávamos brincar; por detrás havia um cerrado e triste bosque, no qual um dia nos perdemos os dois...

tempos lindos, dourados! A vida começava *a.* aparecer-nos misteriosa e atraente, e era um prazer familiarizarmo-nos com ela. Então, afigurava-se-nos que atrás de cada arbusto e de cada árvore vivia um ser misterioso e desconhecido; o mundo das aparências confundia-se com o da realidade; e quando nos fundos vales se adensava a bruma da tarde e em faixas cinzentas e sinuosas se ia enroscando entre a vegetação bravia que trepava pela vertente pedregosa da nossa grande encosta, Natacha e eu, mesmo no extremo do cume, de mãos dadas, olhávamos para o precipício e ficávamos à espera que alguém viesse lá de baixo ter connosco ou surgisse de entre a névoa. Os contos da nossa ama eram então a pura, a indubitável verdade. Em certa ocasião, já muito tempo depois, tive oportunidade de fazer recordar a Natacha como nessa época nos presentearam uma vez com um livro de leituras infantis, e como imediatamente fomos para o jardim, para junto do tanque, onde, à sombra de um velho e frondoso castanheiro, tínhamos o nosso predilecto banco verde, e como ali nos sentámos e nos pusemos a ler um conto de fadas que se chamava *Alphonso et Daltnda.* Ainda hoje não posso lembrar-me dessa historiazinha sem sentir um estranho tumulto no coração; e quando relembrei a Natacha, há um ano, as duas primeiras linhas — «Afonso, o herói do meu conto nasceu em Portugal; seu pai foi D. Ramiro, etc.» —, por um pouco que não me pus a chorar. É certo que isto foi um disparate e por isso Natacha sorriu tão estranhamente do meu entusiasmo. Para mais ela pensou logo isso, nessa ocasião (lembro-me), e para consolar-me pôs-se ela própria a evocar o passado. Palavra após palavra, também ela se ia comovendo. Inesquecível essa noite, rememorámos tudo, tudo... Quando me enviaram à capital do distrito,

para um colégio interno — Senhor! Como chorei então! — e quando nos voltámos a separar, na altura em que deixei para sempre Vassiiievskoie! Por essa altura tinha já terminado os estudos no colégio e mudei-me para Petersburgo para dar entrada na Universidade. Tinha eu dezoito anos e ela quinze.

Diz Natacha que eu era tão esganifrado que ninguém podia olhar-me que não sentisse vontade de rir. No momento da despedida chamei-a à parte, com a intenção de lhe dizer algo de terrivelmente sério; porém, a língua paralisou-se-me logo e não consegui dizer nada. Recorda ela que eu estava muito perturbado. E assim se frustrou a nossa conversa.

Eu não sabia o que havia de dizer, e ela é possível que também não soubesse; senão talvez me tivesse compreendido. A única coisa que fiz foi pôr-me a chorar tristemente e acabei por me afastar sem ter dito nada.

Voltámos a encontrar-nos em Petersburgo, haverá dois anos. Viera então o velho Ikmeniev ali para tratar da sua demanda e eu acabara, havia pouco, de me lançar na literatura.

Capítulo terceiro

Nikolai Serguieitch Ikmeniev era originário de uma boa família, que, entretanto, de há muito vinha empobrecendo. Mas apesar disso herdara ainda do pai uma boa propriedade de cento e cinquenta almas. Aos vinte anos resolveu ingressar nos hussardos. Tudo caminhava pelo melhor quando no sexto ano de serviço lhe aconteceu perder todos os bens ao jogo, numa noite de azar. Não conseguiu dormir durante essa noite. Na noite seguinte voltou a apresentar-se à banca de jogo e apostou numa carta sobre o cavalo a última coisa que lhe restava. Ganhou essa carta, e depois outra, e mais uma terceira, de tal maneira que passada meia hora de jogo recuperara uma das suas propriedades, a Ikmenievka, que contava cinquenta almas, segundo o último censo. Não continuou a jogar e no dia seguinte pediu a reforma. Mas perdera cem almas irremediavelmente.

Passados dois meses deram-lhe a reforma no grau de tenente e foi estabelecer-se na sua granja. Depois, jamais na sua vida falou da sua perda ao jogo e, apesar da sua indiscutível bondade, decerto que jogaria à pancada com quem tivesse o atrevimento de vir recordar-lha. Na aldeia entregou-se conscienciosamente ao cuidado das suas terras, e aos trinta e cinco anos casou com uma rapariga pobre mas de boa linhagem, Ana Andreievna Chumilova, que não trazia dote mas fora educada num conhecido internato da capital, dirigido por uma emigrada, a senhora de Mont-Revêche, do que Ana Andreievna se orgulhou toda a vida, se bem que ninguém pudesse jamais adivinhar em que consistia essa educação. Serguieitch revelou-se um excelente administrador.

Todos os proprietários dos arredores aprendiam a economizar com ele. Passaram alguns anos, quando, na quinta próxima, no lugarejo de Vassilievskoie, que contava novecentas almas, se apresentou, vindo de Petersburgo, o seu dono, o príncipe Piotre Alexandrovitch Valkovski. A sua chegada produziu em todos aqueles arredores uma grande impressão. O príncipe era um homem ainda novo, se bem que não fosse

já um rapaz; ocupava uma elevada posição, possuía relações distintas, era bem apessoado, dispunha de dinheiro e, finalmente, era viúvo, o que naturalmente era particularmente interessante para as mulheres e raparigas de todo o distrito. Falava-se do brilhante acolhimento que lhe dispensara o governador da capital, do qual era ainda parente em certo grau, e dizia-se que «todas as senhoras da capital tinham ficado encantadas com a sua amabilidade», etc., *etc.* Numa palavra, era um desses brilhantes representantes da alta sociedade petersburguesa, que raramente aparecem pela província e que, quando tal acontece, produzem um efeito sensacional. O príncipe, entretanto, estava bem longe de ser realmente amável, sobretudo com aqueles de quem não necessitava e aos quais considerava inferiores. com os seus vizinhos de quinta, entendeu por bem não entabular relações, o que lhe granjeou muitos inimigos. E por isso todos ficaram muito admirados quando um dia ele se lembrou de fazer uma visita a Nikolai Serguieitch. É certo que Nikolai Serguieitch era um dos seus mais próximos vizinhos. Em casa dos Ikmenieves produziu o príncipe uma grande impressão. Quem ficou mais entusiasmada foi Ana Andreievna. Passado pouco tempo já ele entrava ali como em sua casa, ia vê-los todos os dias, convidava-os para a sua quinta, procurava ser engraçado, contava anedotas, passava as mãos pelo seu detestável piano, cantava.

Os Ikmenieves não saíam do seu espanto: como seria possível que se pudesse dizer de um homem tão fino e simpático que era orgulhoso, altivo, egoísta, como proclamavam em coro todos os vizinhos? Temos de admitir que, efectivamente, o príncipe logo de princípio simpatizara com Nikolai Serguieitch, homem simples, recto, franco e nobre. Aliás, não tardou que tudo se explicasse. O príncipe viera a Vassilievskoie com a intenção de demitir o seu administrador, um alemão libertino, ambicioso, um agrónomo *já* de cabelos brancos e de nariz aquilino, mas que apesar de todas estas vantagens roubava com o maior descaramento e, como se isto não bastasse, fizera morrer à pancada alguns campónios. Finalmente, Ivan Karlovitch era um homem esperto e sempre pronto para se aproveitar das ocasiões, dizendo muitas bravatas e falando

constantemente da honestidade germânica; apesar de tudo isso foi expulso e até com certa dose de enxovalho.

O príncipe precisava de um administrador e pôs os seus olhos em Nikolai Serguieitch, homem muito entendido e honestíssimo, a respeito do qual seria impossível conceber a mínima suspeita. Ao que parece, o príncipe desejara que fosse o próprio Nikolai Serguieitch a oferecer-se para o cargo de administrador, porém tal não aconteceu; uma bela manhã foi o próprio príncipe que lhe fez essa proposta, sob a forma de um amistoso e insistente pedido. A princípio, Ikmeniev recusou, mas a importância do ordenado seduziu Ana Andreievna, e as amabilidades redobradas do interessado acabaram por dissipar as últimas hesitações. O príncipe alcançara o seu objectivo. Temos de concordar que era um grande conhecedor das pessoas. No curto período do seu convívio com Ikmeniev percebeu logo perfeitamente com quem tratava e compreendeu que, a esse, teria de cativá-lo de maneira amistosa e cordial, de atrair a sua amizade, e que sem isso o dinheiro de pouco serviria. Necessitava de um administrador no qual pudesse confiar cegamente e para sempre, a fim de nunca mais ter de aparecer em Vassilievskoie, conforme era sua intenção. A sedução que exerceu em Ikmeniev foi tão forte que este acreditou na sua amizade com plena franqueza. Nikolai Serguieitch era destes indivíduos bons e ingenuamente românticos, tão abundantes por aqui, na Rússia, que nem vale a pena falar deles, e que, se tomam afeição a uma pessoa (e sabe Deus, que às vezes), entregam-lhe toda a sua alma e levam as demonstrações da sua adesão até ao ridículo.

Passaram uns anos. A propriedade do príncipe prosperava As relações entre o proprietário de Vassilievskoie e o seu administrador mantinham-se também sem o menor desentendimento de qualquer das partes, reduzindo-se exclusivamente a assuntos de carácter prático. O príncipe, sem intrometer-se nunca naquilo que Nikolai Serguieitch determinava, dava-lhe às vezes certos conselhos que causavam a admiração de Ikmeniev pela sua índole excepcionalmente prática e oportuna. Era evidente que não só não gostava de fazer gastos supérfluos, mas que também sabia economizar. Cinco anos depois da sua

visita a Vassilievskoie, enviou uma procuração a Nikolai Serguieitch para a compra de uma magnífica propriedade de quatrocentas almas, no mesmo distrito.

Nikolai Serguieitch estava entusiasmado; os êxitos do príncipe, os boatos sobre a sua prosperidade, tocavam-lhe a alma como se se tratasse de um irmão seu. E o seu entusiasmo atingiu o cúmulo quando o príncipe, em certa ocasião, lhe demonstrou a grande confiança que nele depositava. Mas ao chegar a este ponto é indispensável que eu recorde aqui alguns pormenores particulares da vida deste príncipe Valkovski, o qual, de certo modo, é uma das principais personagens da minha narrativa.

Capítulo quarto

Já anteriormente disse que era viúvo. Casara muito novo e casara por interesse. De seus pais, que irreparavelmente se tinham arruinado em Moscovo, quase nada herdou.

Vassilievskoie estava hipotecada e reipotecada; pesavam sobre essa propriedade dívidas enormes. O príncipe, que nesse tempo contava então vinte e dois anos, e se vira obrigado a colocar-se em Moscovo, não sei bem em que repartição, não possuía nem um copeque e entrava nesta vida «como uma pobre vergôntea de um velho tronco». O casamento com a filha já durázia de um lavrador-negociante foi a sua salvação. O sogro sem dúvida que o ludibriou no que respeitava ao dote, mas, apesar de tudo, com o dinheiro da mulher pôde resgatar as terras do pai e levantar cabeça outra vez. A filha do comerciante, a mulher do príncipe, mal sabia escrever e não era capaz de dizer duas palavras seguidas; feia de cara, apenas possuía uma enfatuada dignidade, e era também boa e dócil. O príncipe soube tirar completo partido daquela dignidade; logo no primeiro ano do casamento abandonou a mulher, que entretanto lhe dera um filho, deixando-a em companhia do sogro, em Moscovo, enquanto ele partia para o distrito de..., onde, graças à influência de uma conhecida personagem de Petersburgo, alcançou uma posição muito brilhante. A sua alma estava sedenta de honrarias, de distinções, de uma bela carteira, e compreendendo que com a mulher não poderia viver em Petersburgo nem em Moscovo resolveu, na esperança de conseguir algo de melhor, iniciar a sua carreira pelas províncias.

Diz-se que já no primeiro ano da sua vida com a esposa fizera sofrer muito a infeliz com os seus maus tratos.

Tais boatos mortificavam sempre Nikolai Serguieitch, que se punha com veemência na defesa do príncipe, afirmando que ele era incapaz de comportar-se de um modo tão vil. Até que ao fim de oito anos a princesa morreu e em seguida o viúvo instalou-se em Petersburgo. Aí causou também uma certa impressão. Novo ainda, de bom parecer, rico, dotado

de algumas brilhantes qualidades, de indiscutível habilidade, de bom gosto e de permanente bom humor, apresentou-se não como quem procura protecção e boa sorte, mas com certa independência. Dizem que, de facto, possuía algo de fascinante, de arrebatador e de poderoso. Agradava extraordinariamente às mulheres e as suas relações com uma beldade da alta sociedade valeram-lhe uma fama escandalosa. Desbaratava o dinheiro, apesar de um sentido inato da economia, que roçava às vezes pela mesquinhez; jogava forte às cartas e nem sequer franzia o sobrolho perante as perdas mais elevadas. Mas não viera para Petersburgo para se divertir; o que ele desejava era estabelecer-se definitivamente na capital e consolidar a sua carreira, o que conseguiu. O conde Nainski, seu ilustre parente, que a princípio, por ele lhe ter aparecido como um solicitante, não lhe prestara atenção, impressionado agora pelos seus triunfos na sociedade julgou possível e até distinto fixar nele a sua particular atenção e dignou-se receber na sua casa, para o educar, o filho dele, que contava então oito anos. Foi nesse tempo que se deu a visita do príncipe a Vassilievskoie e o seu conhecimento com Ikmeniev. Finalmente, depois de obter por intervenção do conde um lugar importante numa das principais embaixadas, partiu para o estrangeiro. De novo voltaram a correr confusos rumores acerca dele; falavam de certa aventura aborrecida que lhe acontecera no estrangeiro; porém, ninguém podia dizer ao certo do que se tratava. Soube-se apenas que tinha conseguido comprar ainda mais quatrocentas almas, segundo se disse. Regressou do estrangeiro muitos anos depois com um cargo importante e ocupou imediatamente em Petersburgo uma posição elevada.

Pela propriedade de Ikmeniev espalhou-se o boato de que ia casar-se em segundas núpcias, ligando-se a uma distinta, opulenta e poderosa família. «Vão vê-lo feito num grande senhor!», exclamou Nikolai Serguieitch esfregando as mãos de contente. Eu estava então em Petersburgo, na Universidade, e recordo-me de que Ikmeniev me escreveu de propósito para falar-me disso e perguntar-me se eu sabia algo de positivo sobre aqueles boatos de casamento. Escreveu também ao

príncipe pedindo que me protegesse, mas o príncipe não respondeu à sua carta. Eu, a única coisa que sabia era que o filho, que fora educado, primeiro em casa do conde, e depois no liceu, terminara os seus estudos de ciência aos dezanove anos. Foi isto que comuniquei a Ikmeniev, e também lhe disse que o príncipe queria muito ao filho, o tratava muito bem e começava já a preocupar-se com o seu futuro. Tudo isso sabia eu por intermédio de um condiscípulo meu que conhecia o jovem príncipe. Por esse mesmo tempo, numa bela manhã, recebeu Nikolai Serguieitch uma carta do príncipe que lhe provocou o mais extraordinário assombro... O príncipe, que até então, como já disse, nas suas relações com Nikolai Serguieitch se limitava pura e simplesmente a tratar dos assuntos da propriedade, escrevia-lhe agora nos termos mais minuciosos, francos e amistosos, acerca das suas circunstâncias familiares; lamentava-se do filho, dizia-lhe que o desgostava muito pela sua conduta, mas que, naturalmente, não se deviam tomar muito a sério aquelas diabruras de garoto (como se vê, esforçava-se por desculpá-lo); no entanto, estava disposto a castigá-lo, a meter-lhe um certo medo, ou fosse a enviá-lo por uma temporada para a aldeia, colocando-o sob a vigilância de Ikmeniev. Acrescentava o príncipe que confiava totalmente no «seu excelente e nobilíssimo Nikolai Serguieitch, e em especial em Ana Andreievna», pedindo a ambos que acolhessem aquele ciclone na sua família, procurassem assentar-lhe a cabeça no seu lugar, lhe tomassem afecto e, se fosse possível, e era isso o principal, corrigissem o seu estouvado carácter, «inculcando-lhe os princípios de vida salutares e severos, os quais tão necessários são ao homem». Escusado será dizer que o velho Ikmeniev se encarregou do assunto com entusiasmo. O jovem príncipe chegou e ele recebeu-o em sua casa como se fosse seu próprio filho. Não tardou que Nikolai Serguieitch criasse por ele viva afeição e o mesmo se deu com Natacha, e a tal ponto que ainda depois, quando rompera já as relações com o príncipe pai, o velho se recordava com gosto do seu Aliocha, que era o nome por que ele costumava tratar Alexiei Petrovitch. Este era, no fundo, um rapaz extremamente simpático, gentil, fraco de carácter e nervoso como uma mulher, mas ao mesmo tempo jovial e

ingénuo, -com uma alma franca e capaz dos mais nobres sentimentos, um coração amoroso, sincero e agradecido... Tornou-se o ídolo dos Ikmenieves. Apesar dos seus dezanove anos era todavia uma autêntica criança. Tornava-se difícil imaginar por que o teria o pai enviado para ali, que, segundo disse já, lhe queria tanto. Murmuravam que o rapaz levava em Petersburgo uma vida ociosa e louca, que não queria entrar para o serviço do Estado e o pai estava muito descontente por essa razão. Nikolai Serguieitch nada quis perguntar a Aliocha, porque seu pai, pelos vistos, passava deliberadamente por alto, na carta, a verdadeira causa do afastamento do filho. Para mais corriam rumores relativos a certa imperdoável loucura de Aliocha a não sei que amores com uma dama e a um duelo; o mesmo quanto a perdas inverosímeis ao jogo; chegavam inclusivamente a falar de uns dinheiros alheios que ele teria gasto em proveito próprio. Diziam também que o príncipe resolvera aquilo de afastar de si o filho, não porque este fosse culpado de alguma coisa, mas por causa de certas considerações de ordem pessoal e egoísta. Nikolai Serguieitch afastava com repugnância tais suposições, tanto mais que Aliocha queria muitíssimo a seu pai, com o qual não convivera durante toda a sua infância e adolescência; falava dele com entusiasmo arrebatado; era evidente que estava debaixo da sua influência. Aliocha costumava falar também de certa condessa, pela qual bebiam os ares, o pai e o filho, que dera preferência a Aliocha, o que muito aborrecera o príncipe. Contava sempre esta história com infantil orgulho, por entre risadas ruidosas e joviais; porém, Nikolai Serguieitch imediatamente se interpunha, cortando-lhe a palavra. Aliocha afirmava também que o pai queria casá-lo.

Havia quase um ano que estava eLivros, escrevendo de quando em quando cartas respeitosas ao pai, nos prazos combinados e, por fim, a tal ponto se aclimatara a Vassilievskoie que no fim desse ano, quando o príncipe veio em pessoa à aldeia (do que oportunamente prevenira Ikmeniev), foi ele, o próprio desterrado, que acabou por pedir a seu pai que o deixasse continuar ali o mais tempo possível, garantindo-lhe que a vida rústica... era a sua autêntica vocação.

Todas as resoluções e desmandos de Aliocha provinham do seu temperamento, delicado e nervoso no mais alto grau; do seu fogoso coração, do seu aturdimento, que às vezes tocava as raias da insensatez; da sua extraordinária facilidade para se deixar submeter a qualquer influência e da sua absoluta falta de vontade.

Entretanto, o príncipe escutou o pedido do filho com certa apreensão.

Nikolai Serguieitch tinha agora uma certa dificuldade em reconhecer o seu antigo «amigo»: o príncipe Piotre Alexandrovitch sofrera uma modificação considerável, tornara-se subitamente muito desconfiado para com Nikolai Serguieitch; sobretudo na revisão das contas da propriedade mostrava uma avidez repulsiva, uma avareza e meticulosidade incompreensíveis. Tudo isso afligiu profundamente o excelente Ikmeniev que, durante muito tempo, nem queria acreditar nessas coisas.

Dessa vez tudo correu de maneira diferente daquela em que o príncipe fizera a sua primeira visita a Vassilievskoie, catorze anos atrás; agora o príncipe travava conhecimento com todos os seus vizinhos, sobretudo com os de categoria importante. Em compensação não visitou nem só uma vez Nikolai Serguieitch e comportou-se com ele como se fora seu subordinado. Até que de repente se deu um acontecimento extraordinário: sem motivo aparente, produziu-se uma ruptura violenta entre o príncipe e Nikolai Serguieitch.

Soaram frases duras, ofensivas, proferidas por ambas as partes. Indignado, Ikmeniev afastou-se de Vassilievskoie; porém, as coisas não ficaram por aí. Por todos aqueles arredores começaram a difundir-se boatos repugnantes. Afirmavam que Nikolai Serguieitch, adivinhando o carácter do príncipe mais novo, soubera aproveitar-se de todos os seus defeitos; que a sua filha Natacha (que nessa ocasião fizera já dezoito anos) resolvera dar volta ao juízo do jovem, que contava vinte; que os pais protegiam aqueles amores, ainda que fingissem não dar por eles; que a astuta e «imoral» Natacha acabara por enfeitiçar o rapaz; que durante todo aquele ano, graças aos seus ardis, não vira uma só das raparigas autênticas nobres, como tantas poderia ter conhecido nas

respeitáveis casas dos proprietários vizinhos. Asseguravam, finalmente, que os noivos haviam combinado entre si irem casar-se a quinze ventas de Vassilievskoie, na aldeia de Grigoriev, segundo as aparências às escondidas dos pais de Natacha, os quais, entretanto, estavam a par de tudo, até nos mais pequenos pormenores, e assediavam a filha com os seus abomináveis conselhos. Em resumo: um livro inteiro seria pequeno para recolher tudo quanto as comadres da freguesia vieram a dizer sobre aquela história. E o mais espantoso era que o príncipe acreditava piamente em tudo isso e chegou até a vir a Vassilievskoie exclusivamente por essa razão, em consequência de certa delação anónima que da província lhe enviaram para Petersburgo. Sem dúvida que alguém que conhecesse Nikolai Serguieitch não acreditava nem uma só palavra de tudo aquilo de que o inculpavam; o certo era que, como de costume, todos se alvoroçaram, falavam, comentavam, viravam a cabeça e... pronunciavam uma sentença irrevogável.

Ikmeniev era suficientemente orgulhoso para se pôr a justificar a filha perante aquelas linguareiras e, com toda a severidade, proibiu à mulher que entrasse em quaisquer explicações com os vizinhos sobre o assunto.

Quanto a Natacha, que durante um ano inteiro fora o alvo daquelas calúnias, nada sabia de semelhantes murmúrios; em casa ocultavam-lhe tudo com o maior cuidado, e por isso vivia tão alegre e inocente como uma mocinha de doze anos.

Entretanto, o desentendimento entre o príncipe e Ikmeniev tornava-se cada vez mais fundo. E os boateiros também não adormeciam. Apareceram delatores e testemunhas, e o príncipe pôde comprovar, por fim, a que a administração durante tantos anos desempenhada por Nikolai Serguieitch estava bem longe de se distinguir por uma honestidade exemplar. Mais: havia três anos, com o pretexto da venda de uma mata, Nikolai Serguieitch guardara para si mil rublos de prata. Do que podia apresentar provas claras perante os juizes, baseadas na lei. Tanto mais que na venda dessa mata procedera sem procuração legal do príncipe e por seu-livre alvedrio, e só depois o prevenira persuadindo-o de que essa venda fora imprescindível, e remetendo-lhe uma quantia

muitíssimo inferior à que realmente recebera. Claro que tudo isto eram puras calúnias, como depois se demonstrou; mas o príncipe assim o afirmava e, apoiado por testemunhas, arrastou Nikolai Serguieitch perante os tribunais. Ikmeniev não pôde suportar mais e respondeu com insultos igualmente fortes; deu-se uma cena terrível. O processo judicial começou imediatamente. Nikolai Serguieitch, por falta de alguns documentos, e, sobretudo, de influências, e também por falta de experiência em tais assuntos, começou desde o princípio a perder terreno. Embargaram-lhe as terras. Irritado, o velho deixou tudo e resolveu finalmente mudar-se para Petersburgo, a fim de conduzir pessoalmente a sua parte na questão, deixando como administrador das suas terras um homem experimentado. Segundo parece, não tardou o príncipe a reconhecer de si para si que ofendera injustamente Ikmeniev. Porém, as ofensas de parte a parte foram tão graves que seria despropositado falar de reconciliação. O príncipe, enfurecido, pôs então em jogo todas as forças para conseguir que a questão se decidisse a seu favor, ou, o que vinha a dar no mesmo, para arrebatar ao seu ex-administrador o último pedaço de pão.

Capítulo quinto

Vieram pois os Ikmenieves viver para Petersburgo. Não quero descrever o meu encontro com Natacha, de quem estive separado durante aqueles quatro anos e a quem não pudera esquecer nem um instante. Não sabia explicar o sentimento que ela me inspirava, mas ao vê-la agora de novo o meu primeiro pensamento foi que ela era a mulher que o destino me prometia. Pareceu-me logo que estava pouco desenvolvida e que continuava a ser a mesma rapariguinha de antes da nossa separação. Mas de dia para dia ia descobrindo nela um novo e ignorado encanto, que parecia ter ocultado até então... Que entusiasmo me provocavam essas descobertas! Durante os primeiros tempos da sua estada em Petersburgo, Ikmeniev mostrava-se irritável, bilioso; a sua causa não caminhava bem e ele'encolerizava-se e indignava-se, entregando-se por completo à sua papelada, sem querer saber dos outros para nada. Ana Andreievna, sua mulher, estava como que transtornada; Petersburgo fazia-lhe medo; suspirava e chorava recordando-se da terra onde vivera até então. Queixava-se de que Natacha estava em idade de casar e que não lhe apareciam pretendentes, do que se lamentava com uma grande franqueza comigo, certamente por não ter outra pessoa de mais confiança a quem fazer as suas confidências. Eu terminara então o meu primeiro romance; começava a minha carreira literária e, como principiante, não sabia para onde me voltar.

Não dissera nada disto aos Ikmenieves, com medo de uma reprimenda, pois censuravam-me continuamente por viver na ociosidade, sem ofício nem benefício, e por não tentar arranjar uma colocação.

Meu pai adoptivo fizera-me amargas censuras, mas como essas censuras nasciam de um afecto paternal, não tive coragem de dizer-lhe aquilo em que me ocupava. Menti-lhe, disselhe que não conseguia encontrar emprego, se bem que fizesse tudo para consegui-lo. Um dia, Natacha, de lágrimas nos olhos, chamou-me de parte e disseme que

pensara no meu futuro; fez-me perguntas, quis saber como empregava o meu tempo e, como evitei dizer-lhe a verdade, obrigou-me a jurar-lhe que não consentiria nunca que a preguiça e a ociosidade provocassem a minha desdita. Não lhe disse o género de trabalho em que me ocupava, se bem que uma só palavra sua de encorajamento me trouxesse mais contentamento que os juízos mais favoráveis de todos os críticos juntos.

Até que o meu romance apareceu; já antes de sair à luz, produzira grande celeuma no mundo literário. B... (*) ficou contente como uma criança, ao ler os meus escritos. Nunca senti tanta felicidade como nos primeiros momentos do meu triunfo; eu não comunicara nem lera a minha obra a ninguém; trabalhava a altas horas da noite, cheio de sonhos e de esperanças; trabalhava com paixão; vivia com as pessoas que eu próprio criava, como se fossem meus filhos, como seres que verdadeiramente existissem; amava-os; tomava parte nos seus sofrimentos e alegrias e chorava lágrimas sobre o infortúnio do meu herói.

(*) Inicial de Bielmsky, o famoso crítico russo.

Nem sei descrever quanto os alegrou, a Ikmeniev e a sua mulher, o rumor do meu êxito, se bem que a sua primeira impressão fosse de surpresa. Ana Andreievna não queria acreditar que aquele jovem escritor, a quem toda a gente elogiava fosse... eu próprio, aquele mesmo Vânia que... e punha-se a abanar a cabeça. O velho foi mais demorado em render-se à minha admiração, e quando os primeiros rumores lhe chegaram aos ouvidos veio falar comigo, muito assustado, a dizer-me que podia dar por perdida toda a esperança de entrar para o serviço do Estado e a falar-me da vida desordenada que, em geral, levavam os escritores.

Mas as apreciações favoráveis que de mim faziam os jornais, e algumas palavras de elogio que ouviu a pessoas nas quais tinha uma confiança que tocava a adoração, fizeram-no mudar de ideias. Os seus

últimos escrúpulos desfizeram-se quando viu que o meu trabalho me trazia dinheiro e o que se podia ganhar com a literatura. Passou assim da dúvida à confiança plena; feliz como uma criança, com o meu êxito, entregou-se às maiores ilusões, aos sonhos mais brilhantes sobre o meu futuro. Todos os dias idealizava para mim novos triunfos e forjava um novo projecto. E que projectos! Começou até a demonstrar por mim uma certa consideração que antes não tinha. Entretanto, lembro-me de que no meio do seu entusiasmo voltavam a assaltá-lo as dúvidas antigas, e assim costumava dizer, às vezes: «Ser escritor, poeta, que coisa esquisita! Os poetas... alguma vez abriram caminho ou alcançaram honras? Nada havia a esperar desses escrevinhadores, desses enlambuzadores de papel!» Reparei que estas perplexidades lhe chegavam sempre há hora do crepúsculo (tenho bem gravado na memória tudo quanto respeita a esse tempo). Sobretudo a essas horas punha-se nervoso, impressionável e desconfiado. Natacha e eu sabíamo-lo e ríamo-nos de antemão. Eu fazia todo o possível por inculcar-lhe ideias mais optimistas, contando-lhe algumas anedotas de Sumarok (*), que fora nomeado general (2), ou de Derjavine (3), ao qual uma vez presentearam com uma tabaqueira cheia de moedazinhas de ouro; dizia-lhe que a imperatriz Catarina fizera uma visita a Lemonossov (4); falava-lhe de Puchkin, de Gogol...

Bem sei, meu filho, já sei isso tudo — respondia o velho, que talvez ouvisse essas histórias pela primeira vez na sua vida.' — Quanto a ti, o que me consola um pouco, rapaz, é que não te dá para a versalhada. Os versos são absurdos e não me agradam. Acredita num velho que só deseja o teu bem é tempo perdido; que os colegiais façam versos, vá lá, agora num jovem da tua idade, seria caminhar direito para o manicómio. Puchkin pode ser um grande homem, ninguém diz menos disso, mas ao fim e ao cabo, na verdade, eu não o li muito. Versos e nada mais, e isto é bem efémero. A prosa é coisa diferente; com a prosa pode instruir-se o povo, falar do amor da pátria, da virtude... Não sei explicar-me bem, mas tu compreendes-me. É a amizade que me faz falar assim. Mas vamos lá a ver, lê — disse ele como remate, em tom protector, no dia em que por fim lhe levei o meu livro, quando nos encontrávamos todos reunidos à volta

da mesa-redonda, depois do chá. — Lê-nos alguma coisa do que escrevinhaste. Deste muito que falar. Vamos, vamos a ver do que se trata.

(*) Sumarok, poeta e dramaturgo do reinado de Isabel, filha de Pedro, o Grande

(2) Na Rússia existia também a categoria de general nos empregos civis, e correspondia à de conselheiro privado.

(3) Derjavine foi, de certa maneira, o poeta oficial da corte de Catarina II. Foi também ministro da Justiça. Nasceu em 1743 e morreu em 1816.

(4) Uma das personalidades mais notáveis da Rússia do séc. XVIII, depois do reinado de Pedro, o Grande: filho de um pescador, foi ao mesmo tempo poeta, historiador, gramático e físico. É sobretudo conhecido pelas suas odes à imperatriz Catarina.

Abri o livro e dispus-me a ler. O meu romance fora posto à venda nesse mesmo dia e quando consegui um exemplar corri com ele a casa dos Ikmenieves. Quanto me custara não lhe ter lido anteriormente algum trecho, mas o manuscrito estava nas mãos do editor! Natacha chorou de despeito e queixou-se de que os estranhos viessem a ler o meu livro antes dela... Por fim, todos se prepararam, à espera que a leitura começasse; o velho tomou um ar extraordinariamente solene, de crítico. Queria julgar severamente (fazer uma opinião por si mesmo). A velha Ana tinha também um aspecto mais solene que de costume; pouco faltou para que não pusesse uma touca nova para ouvir a leitura.

Havia já um certo tempo que ela percebia que eu olhava para a sua querida Natacha com um infinito amor, que o meu espírito estava suspenso do dela, que se me enevoava a vista quando lhe falava, e que Natacha, por sua vez, me olhava com uns olhos mais brilhantes que antigamente; surgira o tempo em que iam talvez realizar-se os meus sonhos dourados, chegar para mim a felicidade.

A velhota reparara já há algum tempo que o marido me elogiava de um modo excessivo e que nos olhava, à filha e a mim, de uma certa maneira... e alarmou-se. Eu não era nenhum conde, mesmo príncipe ou

duque reinante! Nem sequer um conselheiro da instrução pública, com projectos, jovem, belo e com muitas condecorações! «Não sei porque o hão-de elogiar tanto... — pensava ela. — Escritor, poeta... Afinal, ao fim e ao cabo, que vem a ser um escritor?»

Capítulo sexto

Li-lhes o meu romance todo de uma vez. Começámos imediatamente depois do chá e ficámos sentados até às duas da madrugada. A princípio o velho franziu o sobrolho. Esperava qualquer coisa de uma sublimidade que lhe fosse incompreensível, pelo menos algo de muito elevado, e em vez disso encontrou-se perante coisas que sucediam diariamente e que toda a gente sabia; as mesmas que aconteciam constantemente à nossa volta.

Ainda se ao menos o meu herói fosse um homem de interesse excepcional! Alguma personagem histórica como Roslaviev ou Iuri Miloslavski... (*) Mas não. Punham na sua frente um pobre diabo, um modesto funcionário de labita coçada e sem botões, e isto contado na linguagem em que toda a gente fala... Era verdadeiramente extraordinário! Ana Andreievna olhava para o marido com ar interrogativo e um tanto enfadada, como se estivesse para dizer:

— Vale a pena imprimir um livro destes e, sobretudo, dar dinheiro por ele?

Natacha era toda atenção, escutava com grande interesse; não deixava um instante de olhar os meus lábios e a cada palavra que eu pronunciava movia os seus, tão bonitos. Que mais podia eu desejar? Já todos os meus ouvintes tinham os olhos rasos de lágrimas. Ana Andreievna chorava de verdade, compadecida do meu herói, de todo o coração e, segundo deduzia dos seus gestos, desejaria poder ajudá-lo nas suas desditas. O velho renunciara aos seus sonhos de grandeza e de elevação. «Logo desde o princípio se vê que não vais muito além disso. Mas está contado com simplicidade e chega-nos ao coração — disse. — Compreende-se e fixa-se na memória aquilo que acontece à nossa volta. Por esta história se vê que até o homem mais decaído e humilde continua a ser um homem e merece o nome de irmão.»

Natacha escutava, chorava e, às escondidas, por debaixo da mesa, apertava-me a mão com força. Acabou a leitura. Natacha levantou-se,

com as faces vermelhas e os olhos rasos de pranto; de repente pegou-me na mão, beijou-me e saiu precipitadamente da sala. Os velhos trocaram um olhar.

(*) Roslaviev, luri Miloslavski: grandes romances históricos de Zagoskin, escritor do princípio do século XIX, que tiveram grande êxito.

— Hum! Que entusiasmo! — disse o pai admirado da ingenuidade da filha. — Não há nisto maldade nenhuma, é uma boa rapariga — acrescentou, olhando para a mulher, com o intento de desculpar a filha e também, de certo modo, a si próprio.

Ana Andréievna, porém, apesar da comoção que experimentara durante a leitura, mostrava agora uma cara de menos entusiasmo e parecia preparar-se para dizer: «Alexandre da Macedónia pode ser um herói, mas isso não é razão para se ficar de cabeça à roda.»

Natacha não tardou em voltar, feliz e contente e, ao passar perto de mim, beliscou-me levemente. Ikmeniev queria apreciar «a sério» a minha obra; mas a alegria fê-lo esquecer o seu propósito.

— Muito bem, caro Vânia, muito bem — disseme alvoroçado. — Isso saiu-te bem, melhor do que eu esperava, se bem que não seja nada de grande nem de sublime. Olha, eu tenho *A Libertação de Moscovo,* que li lá mesmo em Moscovo, e logo desde as primeiras linhas nos sentimos elevados pelos ares, como uma águia, meu rapaz... Este teu livro é mais simples e mais fácil de compreender. É justamente por isso que ele me agrada, por ser tão compreensível e tão real. Até me parece que tudo isso me aconteceu a mim próprio. E afinal, para que falar de coisas tão sublimes que ninguém entende? Ainda que, ao fim e ao cabo, não te ficaria mal se modificasses um pouco o teu estilo; só tenho a elogiar-te, mas creio que te falta, diz lá o que quiseres, um pouco de elevação... bom, agora já é tarde, já está impresso. Mas na segunda edição, pois terás de fazer uma segunda edição... E é que te dará mais dinheiro...

— É verdade, Ivan Petrovitch, que isto te deu muito dinheiro? — perguntou Ana Andreievna. — Oh! Meu Deus, quanto mais olho para ti,

mais me custa a acreditar!

— O dinheiro que hás-de ganhar! Olha, Vânia — continuou Ikmeniev alegrando-se por instantes —, que isso não vale o que vale o serviço do Estado, mas, no fim de contas, sempre é uma carreira. Hão-de ler-te as pessoas mais importantes. Não dizes que Gogol recebe uma pensão e que o enviaram ao estrangeiro? Quem sabe se tu... hem? É capaz de ser ainda cedo de mais! Sim, deve ser ainda demasiado cedo, é preciso que escrevas outra coisa. Nesse caso, escreve, rapaz, e apressa-te, não te ponhas a dormir sobre os louros alcançados.

Dizia isto tão convencido, com tal bondade, que não tive coragem para cortar-lhe a palavra e refrear o seu entusiasmo.

— E se te dessem uma cigarreira para te animar! Quem sabe! Talvez te convidem para a corte — acrescentou com certa malícia, piscando o olho a Natacha. — Ou será ainda muito cedo para isso?

— bom, temo-lo já na corte! — disse a mãe ressentida.

— Um pouco mais e fazem-me general — disse eu a rir. O velho ria também com vontade; estava contentíssimo.

— Meu general, não deseja comer qualquer coisa? — disse Natacha, que entretanto preparara a ceia. E, soltando uma gargalhada, lançou-se nos braços do pai.

— Paizinho, que bom, paizinho! — gritava louca de entusiasmo.

— Bem, bem — dizia Ikmeniev também muito comovido. — Bem, bem, já chega... General ou não, vamos comer. Que coração tão sensível! — dizia, dando leves pancadinhas nas faces coradas de Natacha. — Afinal de contas, Vânia, é a minha amizade que me faz falar assim; mas suponhamos que não eras general (e mesmo isso ainda está longe), de qualquer maneira já não serias um desconhecido, eras um autor!

— Agora diz-se escritor, paizinho.

— Ah, não é autor? Não sabia disso. bom, chamemo-lo escritor. Quero dizer que se o não fizerem gentil-homem da câmara pelo facto de ter escrito um romance, não tem importância; entretanto, podem fazê-lo qualquer outra coisa: agregado de uma embaixada estrangeira; também podem enviá-lo a Itália para se aperfeiçoar na arte, ou estipularem-lhe

uma pensão em dinheiro. Certamente que há-de ser pelos teus méritos que receberás distinções ou recompensas. Pelo teu trabalho e não como uma protecção humilhante.

— Apre! Não te conformas com pouco, Ivan Petrovitch! — acrescentou Ana Andreievna.

— Não, papá — disse Natacha a rir. — Que lhe dêem antes uma condecoração; agregado de embaixada! Que miséria! — e deu-me outro beliscão no braço.

— Repara como ela ri — dizia o velho orgulhoso da sua Natacha, que tinha as faces coradas e os olhos radiantes. — Talvez eu vá um pouco longe de mais, meus filhos, mas sempre fui assim; e no entanto, quando te olho, não vejo em ti nada de extraordinário, Vânia...

— Meu Deus, mas que querias tu ver, paizinho?

— Não era isso o que eu queria dizer: é que não acho nada de poético na *-sua.* figura... Dizem que os poetas têm uns cabelos assim, enormes, e uns olhos... Como o Goethe e companhia. Li isso num almanaque. Mas... que é? Disse alguma tolice? Porque se riem de mim? Eu tenho as ideias mas não sei explicar-me; «a tua figura não me parece má, até pelo contrário, agrada-me...» Não era isso o que eu queria dizer... Ser um homem honrado, um homem de coração, isso é que importa. Leva sempre uma vida honrada e não te preocupes com mais coisa nenhuma. Tens à tua frente um vasto caminho. Realiza honestamente a tua obra. Era isso o que eu queria dizer, era isso!

Que tempos tão felizes! Passava todas as tardes em casa dos Ikmenieves, todas as minhas horas livres; contava aos velhos todas as notícias do mundo literário; os escritores começaram logo a interessá-los; liam os artigos de B..., o crítico que eu tanto elogiara e, ainda que não o compreendessem, admiravam-no e censuravam asperamente os seus inimigos, que escreviam na *Abelha do Norte.* E eu acabara finalmente por ouvir Natacha dizer-me «sim» em voz mansa, de cabeça baixa e lábios quase cerrados.

A mãe vigiava-nos. Mas Natacha e eu ludibriávamos a sua vigilância. Os nossos corações palpitavam em uníssono. Os pais andavam alerta,

conjecturando e reflectindo.

Alcançaste um grande êxito — dizia-me Ana Andreievna abanando muito a cabeça —, mas se para a próxima vez fraquejas ou sai por aí qualquer coisa de outro autor, que hás-de tu fazer? Se ao menos tivesses um emprego.

— Quanto a mim, ouve o que te digo — acrescentava o velho, depois de reflectir um instante —, já reparei que tu e Natacha... Hem? Não vejo mal algum nisso. No entanto, são ainda muito novos e a minha Ana Andreievna tem razão. Aguardemos. Tu possuis talento, muito talento até. Muito bem. Não serás um génio, como disseram a princípio, mas tens realmente talento. Hoje voltei a ler aquela crítica que te dedicaram na *Abelha.* Tratam-te com severidade excessiva. No entanto, temos de reparar que se trata de um jornaleco. Mas vê: o talento, apesar de tudo, não significa dinheiro no bolso e vocês dois são pobres. Esperem um meio anito ou um ano. Se tudo te correr bem, se então caminhares em terreno sólido, Natacha será tua. Senão, pensa tu próprio...

E ficámos nisto. E agora vejam em que situação nos encontrávamos um ano depois!

Sim, foi precisamente um ano depois. Num esplêndido dia de Setembro, ao anoitecer, doente e com o desespero na alma, cheguei a casa dos meus velhotes e deixei-me cair numa cadeira meio desfalecido, de tal maneira que todos se assustaram quando me viram. A cabeça andava-me à roda, o meu coração estava cheio de angústia. Por dez vezes me aproximara da porta e outras tantas retrocedera. Não porque não tivesse ainda alcançado glória e dinheiro; não por ser ainda adido de embaixada nem ver jeitos de ir à Itália como bolseiro, mas porque... Num só ano podem viver-se dez e neste ano que acabava de passar a minha Natacha também os vivera. Um abismo se abrira entre nós os dois e recordo-me de estar, naquela tarde, sentado em frente do velho, silencioso, torturando com mãos nervosas a já muito ameigada copa do meu chapéu. Estava sentado e esperava não sabia quê, quando Natacha entrou. Eu vestia um fato coçado, que me ficava muito mal. Emagrecera de rosto e de corpo, estava muito pálido, e sem dúvida que nem de longe

me parecia com um poeta; nos meus olhos nada transluzia daquela grandeza de que um dia falara Nikolai Serguieitch.

A velha mirava-me com uma compaixão mal dissimulada; mostrava-se muito solícita para comigo e parecia pensar: «Olhem a quem eu ia entregar a minha Natacha! Deus me livre!»

— Toma uma chávena de chá, Ivan Petrovitch. (O samovar fervia sobre a mesa). Como te sentes, rapaz? Estás doente? — perguntou-me num tom lamuriento, que ressoa ainda nos meus ouvidos.

Enquanto falava comigo parecia pensar noutras coisas; o marido estava também absorto nas suas meditações.

Eu sabia que eles sentiam agora grande inquietação sobre o resultado do seu processo com o príncipe Valkovski e tinham tido ainda outra contrariedade que quase pusera doente Nikolai Serguieitch. O jovem príncipe achara maneira de vir visitá-los uns cinco meses antes. O velho Ikmeniev, que lhe queria como a um filho e diariamente se recordava muito dele, recebeu-o cheio de alegria.

À mulher, isso levava-a a recordar-se de Vassilievskoie e dava-lhe vontade de chorar. As visitas do jovem tornaram-se cada vez mais frequentes. Ikmeniev, homem recto e franco, recusou com indignação toda a espécie de subterfúgios. Por espírito de nobre orgulho, nem sequer se demorava a pensar o que poderia dizer o príncipe e desprezava todas as absurdas suposições que ele viesse a fazer quando soubesse que o filho frequentava de novo a casa dos Ikmenieves. Mas o velho não sabia se ainda lhe restariam forças para suportar novos agravos. O jovem príncipe deu em ir ali quase diariamente. Entendia-se muito bem com os velhos e ali se deixava ficar quase até ao cair da noite. Como era natural, não tardou que o príncipe viesse a saber tudo.

Pronunciou então as mais abomináveis palavras. Insultou Nikolai Serguieitch numa carta horrível e proibiu terminantemente ao filho que visitasse os Ikmenieves. Isto dera-se precisamente quinze dias antes da minha visita.

O velho caíra numa profunda aflição. Como podia acontecer que voltassem a caluniar daquela maneira a sua Natacha, uma criatura tão

pura, tão inocente? O nome de sua filha manchado pelo mesmo que tão horrorosamente havia ultrajado o seu...

Iria suportar tudo isto sem exigir uma reparação? Nos primeiros dias o desgosto obrigou-o a ficar de cama. Eu estava ao facto de tudo isto. Acabara por chegar aos meus ouvidos, se bem que, doente e abatido pelo sofrimento, não fosse a casa dos Ikmenieves havia já três semanas. E sabia também... quero dizer, não, não fazia mais que pressenti-lo; sabia, porém não ousava acreditá-lo, que outra coisa lhe importava agora, a ela, mais que o resto, e procurava lê-lo nos seus olhos...

Sim, aquilo era um suplício. Tinha medo de adivinhar, tinha medo de acreditar; mas desejava o momento fatal. E, no entanto, fora ali unicamente por causa disso. Sentia que alguma coisa me atraía para ela nessa noite!

— Olá, Vânia! — disse imediatamente Ikmeniev, como se despertasse. — Tens estado doente? Há quanto tempo não te vejo! Sinto-me culpado, devia ter ido ver-te. Mas, acontece que... — e voltou a afundar-se nos seus pensamentos.

— Tenho estado um pouco adoentado — respondi-lhe.

— Hum! Adoentado! — replicou depois de uns momentos. — Adoentado! Bem te avisei, mas não me quiseste escutar. Hum! Meu caro Vânia, a musa viveu sempre na trapeira, morta de fome, e assim há-de viver eternamente...

Não estava de bom humor, o velho. Era preciso que tivesse o coração muito magoado para falar-me assim.

Pus-me a observá-lo: estava amarelo e os olhos exprimiam uma certa inquietação; algum problema que não conseguia resolver. Estava mais violento e bilioso que de costume. A mulher olhava-o com ansiedade e aproveitou um momento em que ele voltou a cabeça para fazer-me um rápido sinal.

— Como está Natacha Nikolaievna? Está em casa? —perguntei timidamente a Ana Andreievna.

— Está sim — respondeu a mãe, como se a minha pergunta a contrariasse. —Já vem. Mas que coisa tão engraçada! Três semanas sem

nos visitares! Ela também está um pouco... não sei como dizer; não sei o que ela tem, se está bem ou mal! Deus a proteja! — e lançou ao marido um olhar assustado.

— Qual quê! — respondeu Nikolai Serguieitch de mau humor. — Está boa. Está a tornar-se mulher e nada mais. Quem pode compreender esses desgostos, esses caprichos de rapariguinha!

— Não fales de caprichos! — respondeu Ana Andreievna em tom ressentido.

O velho calou-se e pôs-se a bater com os dedos sobre a mesa.

«Meu Deus, terá havido já algum desgosto entre eles!», pensava eu inquieto.

— E tu, que nos contas de novo? — disse um instante depois. — B... continua com as suas críticas?

— Sim, continua — respondi-lhe.

— Ah, Vânia! Vânia! — acrescentou deixando cair os braços. — Para que serve a crítica!

A porta abriu-se e Natacha entrou.

Capítulo sétimo

Trazia o chapéu na mão e, assim que entrou, pousou-o sobre o piano; depois dirigiu-se para mim e, em silêncio, estendeu-me a mão. Os seus lábios agitaram-se levemente, como se desejasse dizer-me alguma frase de cortesia, mas não chegou a dizer nada.

Havia três semanas que não nos víamos; eu olhava-a com assombro e espanto. Que transformação se dera nela! O meu coração perturbou-se ao ver as suas faces pálidas e descarnadas, os lábios que tremiam como se sentisse arrepios de febre, e os olhos que, debaixo da sombra das pestanas escuras, irradiavam uma chama ardente e uma apaixonada energia.

Mas, meu Deus, como estava bonita! Nunca, nem antes nem depois, a vi tão bela como nesse dia fatal. Era esta a mesma Natacha que havia um ano, no máximo, não tirava os olhos de mim, cujos lábios se moviam ao mesmo tempo que os meus durante a leitura do meu livro, e que com tanta alegria e despreocupação ria e gracejava com o pai e comigo à sobremesa do jantar? Era esta a mesma Natacha que, no quarto próximo, com as faces vermelhas e os olhos baixos, me dissera *sim?*

Ouviu-se a voz sonora e grave de um sino que tocava as vésperas. Natacha estremeceu e a velha benzeu-se.

— Estão a tocar as vésperas, Natacha; tu queres ir... — disse. — Pois sim, vai, Natacha, vai rezar; a igreja é perto. Porque hás-de estar sempre aqui fechada? Estás tão pálida! Até parece que alguém te rogou uma praga!

— Parece-me que hoje... não vou — disse Natacha lentamente, baixando a voz, quase num murmúrio, empalidecendo cada vez mais.

— Era melhor ires, Natacha; há pouco querias ir e até já estavas com o chapéu na mão; vai, vai rezar, Natacha; vai pedir a Deus que te dê saúde — disse Ana Andreievna olhando para a filha com receio.

— Sim, vai; ao mesmo tempo apanhas um pouco de ar — reforçou o velho olhando com inquietação o rosto da filha. — A tua mãe tem razão.

Olha, Vânia acompanha-te.

Pareceu-me que um amargo sorriso assomava aos lábios de Natacha. Dirigiu-se para o piano, pegou no chapéu e pô-lo; as mãos tremiam-lhe. Todos os seus movimentos pareciam inconscientes, não dava conta do que fazia. Os pais olhavam-na com estranheza.

— Adeus — disse ela com uma voz que mal se ouvia.

— Porque nos dizes adeus, minha querida? Vais asssim para tão longe? Faz-te bem apanhares ar, estás tão pálida. Ah! Meu Deus, já me esquecia! Esqueço-me de tudo. Acabei a tua bolsinha e cosi-lhe por dentro uma oração, minha querida! Foi uma freira de Kiev (*) que ma ensinou o ano passado, é muito eficaz. Põe-a, Natacha! Vamos, Natacha! Pode ser que Deus Nosso Senhor te restitua a saúde. És a nossa única filha...

Tirou da sua caixa de costura uma cruzinha de ouro, que Natacha trazia sempre ao pescoço; a bolsinha que acabara pendia da mesma fita.

— Deus te dê saúde! — disse, pondo-lhe a cruz e benzendo-a. — Há algum tempo benzia-te todas as noites antes de adormeceres e dizia uma oração que tu ias repetindo, mas agora já não és a mesma. Deus Nosso Senhor não quer dar-te a paz de espírito. Ah, Natacha, Natacha! As minhas orações de mãe já não te servem de nada — e a velha desatou a chorar.

Natacha beijou em silêncio a mão da mãe e deu um passo para a porta; mas de súbito retrocedeu e aproximou-se do pai, muito agitada.

— Paizinho, abençoe também a sua filha — disse com uma voz abafada e caindo de joelhos diante dele.

Estávamos todos perturbados ao vermos a sua atitude tão inesperada e solene. O pai olhou para ela um momento, completamente atónito.

— Natacha! Minha pequenina! Minha filhinha! Minha adorada! Que tens tu? — gritou por fim e dos seus olhos caíram lágrimas. — Que desgosto te consome? Porque choras dia e noite? Porque eu vejo tudo; levanto-me a todos os momentos e vou escutar à porta do teu quarto. Diz-me tudo, Natacha; confia os teus desgostos a teu velho pai e nós...

Não acabou e amparou-a entre os braços. Ela apertou-se

convulsivamente contra o seu peito e escondeu a cabeça no seu ombro.

— Não é nada! Não é nada! É que estou um bocadinho nervosa — dizia ela, sufocada pelas lágrimas que procurava reprimir.

(*) A maior cidade da Ucrânia, que faz parte da U. R. S. S. Foi uma antiga capital da Rússia.

— Que Deus te abençoe como eu te abençoo, minha querida, minha adorada filha — disse o pai. — Que Ele te envie a paz de espírito e te defenda sempre de todo o mal. Pede a Deus, minha querida, para que chegue até Ele a súplica deste pecador.

— E que a minha bênção te acompanhe — acrescentou a mãe desfeita em lágrimas.

— Adeus — murmurou Natacha com voz fraca. Chegou à porta e parou. Olhou para eles outra vez, como se quisesse dizer qualquer coisa; mas faltaram-lhe as forças e saiu de casa a correr. Eu precipitei-me atrás dela com o pressentimento de que alguma coisa de mau ia acontecer.

Capítulo oitavo

Natacha caminhava em silêncio, de cabeça baixa e sem me olhar; mas, quando voltou a cabeça, no cais do Neva, parou de repente e pegou-me na mão.

— Sufoco! — murmurou. — Tenho o coração opresso! Sufoco!

— Voltemos, Natacha! — exclamei, assustado.

— Mas não compreendes, Vânia, que saí para não voltar? — disse ela, olhando-me com tristeza inexprimível.

O meu coração deixou de pulsar. Tinha este pressentimento; quando ia para ali já o pressentia, como através de um nevoeiro, já há muito tempo; no entanto as suas palavras caíram sobre mim como um raio.

Caminhávamos tristemente pelo cais. Eu não podia falar; fazia esforços para raciocinar, mas estava completamente transtornado; a cabeça andava-me às voltas. Aquilo parecia-me tão monstruoso, tão impossível!

— Tu deves achar-me culpada, Vânia — exclamou finalmente.

— Não... Não... acredito, isso não pode ser! — respondi, sem saber o que dizia.

— E no entanto é assim, Vânia! Deixei-os; não sei o que vai ser deles. Nem sequer o que será de mim!

— Vais a casa dele, Natacha? Vais?

— Vou — respondeu-me.

Mas isso é impossível! — gritei com exaltação. — Tu sabes que é impossível! Minha pobre Natacha! Isso é absurdo. Matá-los a eles e tu corres para a perdição. Não compreendes, Natacha?

— Sim, eu sei, mas não posso deixar de o fazer, eu já não tenho vontade — disse, e as suas palavras mostravam um acento de desespero, como se caminhasse para um suplício.

— Volta, volta, que ainda estás a tempo! — suplicava-lhe eu com tão grande insistência, com tanto mais ardor quanto eu mesmo reconhecia a inutilidade das minhas exortações e a sua ineficácia em tal momento. —

Pensaste no teu pai? Bem sabes que o pai *dele é* inimigo do teu, que o insultou e acusou de ladrão! Não percebes? Tu sabes que o processo... Tu não sabes isto, Natacha? Sim, meu Deus! Sim, tu bem o sabes: disseram que os teus pais te quiseram ligar a Aliocha quando ele estava em vossa casa, no campo. Lembra-te do que o teu pai sofreu com essas calúnias durante estes anos! Até os cabelos lhe embranqueceram! Pensa bem! Mas o principal já tu sabes, Natacha. Meu Deus! Imagina o que lhe custará perder-te agora para sempre, a ti, o seu tesouro, a única coisa que lhe resta na velhice. Tu bem sabes, o teu pai julga-te inocente e caluniada por essa gente soberba. A antiga animosidade recrudesceu ao receber Aliocha em vossa casa. O pai dele voltou a insultar o teu; a cólera ferve na alma do pobre velho por causa desta nova injúria, mas assim todas essas acusações ficarão justificadas. Hão-de todos dizer que o príncipe tem razão em acusar-vos, a ti e ao teu pai. Que vai acontecer? Morrerá de vergonha! E de quem é a culpa? De ti, da sua filha, da sua única e adorada menina! E a tua mãe? Pensas que sobreviverá ao velho? Natacha, Natacha, que vais fazer? Cai em ti, regressemos.

Ela continuava calada; finalmente olhou-me com um ar de censura, e eu li uma dor tão intensa, um sofrimento tão grande nos seus olhos, que compreendi como o coração ferido lhe sangrava. Compreendi como lhe custara tomar aquela resolução e como eu acabava por torturá-la e dilacerá-la com as minhas inúteis e tardias reflexões; mas apesar de tudo não pude conter-me e continuei: — Há um instante dizias a Ana Andreievna que talvez não saísses, que não virias à igreja. Tinhas o desejo de ficar. Talvez a tua decisão não seja irrevogável, não é verdade?

Um sorriso amargo foi a sua única resposta. Porque lhe perguntei aquilo? Eu bem via que a sua decisão era irrevogável.

— Gostas assim tanto dele? — gritei com desgosto, olhando-a e sem me aperceber da minha pergunta.

— Que queres que te diga, Vânia? Tu bem vês, ele disseme que fosse e eu vou esperá-lo — disse ela com o mesmo sorriso dolorido.

— Mas escuta, ao menos — disselhe eu agarrado ainda a uma última esperança. — Tudo se pode arranjar ainda, tudo se pode ainda arranjar,

Natacha; eu própio preparei os vossos encontros... tudo. Ninguém te obrigará a deixares a tua casa; não te vás, eu passarei as vossas cartas. Que não faria eu? Eu saberei arranjar tudo; hás-de ficar contente, vais ver... Pelo menos não te perderás, Natacha. Tudo há-de correr bem; hão-de namorar quando quiserem e quando os vossos pais deixarem de guerrear-se e injuriar-se (o que há-de acontecer, mais tarde ou mais cedo), então...

— Basta, Vânia, cala-te — e apertava-me a mão, sorrindo por entre as lágrimas. — Meu bom amigo, meu querido Vânia, como tu és bom e honesto! Não dizes nem uma palavra de ti! Ofendi-te e perdoas-me, não pensas senão na minha felicidade. Queres encarregar-te de levar e trazer as nossas cartas — e rompeu em pranto. — Eu sei como tu gostaste de mim, como ainda gostas, que não me fazes nenhuma censura e nunca me disseste uma palavra dura. E eu, eu... Meu Deus, como sou má para ti! Lembras-te, Vânia, lembras-te do tempo que passámos juntos? Ah! Mais valia que não o tivesse conhecido, que nunca *o* tivesse encontrado... Teria sido tão feliz contigo, Vânia, contigo meu amigo querido! Já vês como eu sou... Pois não me ponho agora a recordar a nossa felicidade passada, como se não tivesse já bastantes desgostos... Estiveste três semanas sem vir; pois olha, nem um momento sequer pensei que pudesses maldizer-me e odiar-me. Eu sabia porque é que tu não vinhas: para não nos incomodares, para não seres uma censura viva para mim. E também devia ser-te tão doloroso ver-nos! Eu, Vânia, também sentia pena de ti. Ouve, Vânia, eu amo Aliocha com um amor louco, mas parece-me que a ti te quero ainda como amigo e que não saberei viver sem ti; és-me preciso; faz-me falta o teu coração de ouro... Ah, Vânia, que tempo tão doloroso e cheio de amargura se aproxima!

E desfazia-se em lágrimas.

— Que vontade eu tinha de te ver! — dizia-me depois, reprimindo as suas lágrimas. — Estás magro, pálido.

Estiveste doente, Vânia? Só te falo de mim; e tu... como vais com os teus jornais? Vai adiantado o teu novo romance?

— Que me interessam os meus romances, Natacha? Nada. Mas diz-

me: ele exigiu-te que fizesses isto?

— Não, sou eu que... ou melhor... eu... Escuta! Ele tem razão quando diz que sou eu. Olha, querido Vânia, vou contar-te tudo; querem casá-lo com uma rapariga de uma família distinta e rica. O fito dele, já tu o conheces, é um intrigante e quer à viva força que ele case com ela, fará tudo o que for necessário para o conseguir, porque uma ocasião assim nem em dez anos torna a aparecer. Grandes relações, uma enorme fortuna, muito bonita, bem-educada e um anjo de bondade. Aliocha está enamorado dela, e como o pai tende a desembaraçar-se do filho o mais cedo possível para poder casar-se também, quer a todo custo desfazer a nossa união. Receia a influência que eu tenho sobre Aliocha.

— Mas o príncipe — interrompia, assustado — conhece as vossas relações? Até aqui apenas suspeitava...

— Sabe, sabe tudo. Aliocha, ultimamente, contou-lhe tudo. Ele próprio me confessou que dissera tudo ao pai.

— Meu Deus! Então ele contou tudo ao pai... e em que altura!

— Não o culpes, Vânia — interrompeu-me Natacha —, não te rias dele. Seria injusto julgá-lo como tu o julgas. É uma pessoa que teve uma educação diferente da nossa. Achas que ele tem consciência do que faz? A primeira influência é suficiente para fazê-lo esquecer o juramento que acaba de fazer, de guardar um segredo.

Ele não tem personalidade: está de prevenção contra uma pessoa, e no mesmo dia, com a mesma boa fé, confia-se a outra qualquer. No primeiro encontro vai contar tudo. Comete uma má acção e nós não sabemos se havemos de culpá-lo ou defendê-lo. E capaz de chegar ao sacrifício, mas isso não lhe dura senão até à próxima impressão, e de novo esquece tudo. «Também se esquecerá de mim se eu não estiver constantemente ao seu lado; é assim, ele.»

— Ah, Natacha! Pode ser que isso não seja verdade, que seja apenas um boato. Como queres que ele se case, se ainda é um garoto?

— O pai tem os seus cálculos, acredita!

— Como sabes tu que a noiva é assim tão bonita e que lhe agrada?

— Foi ele mesmo que mo'disse.

— O quê? Dissete que pode amar outra e ao mesmo tempo exige de ti este sacrifício?

— Não, Vânia, não! Conhece-lo mal, quase não o viste, precisavas de conhecê-lo melhor para o julgar. Não há coração mais honesto e puro que o seu. Seria melhor que ele mentisse? Que possam seduzi-lo, não é estranho. Se estivesse oito dias sem me ver, esquecer-me-ia para amar outra, ao passo que se me vir constantemente cairá outra vez aos meus pés. Não! Ele fez bem em não me esconder isso, senão morreria de ciúmes. Sim, Vânia! A minha decisão é irrevogável. «Se eu não estiver constantemente ao seu lado, imediatamente deixará de amar-me, esquecer-me-á e abandonar-me-á.

— Pode outra seduzi-lo, e eu que faria depois? Morreria, mas que importa? A morte seria uma felicidade para mim Mas viver sem ele é mil vezes mais horrível que a morte, que todos os tormentos! Oh! Vânia, Vânia...

Podes compreender até que ponto eu o amo para deixar os meus pais por causa dele! Não me ralhes, porque eu estou decidida. Preciso que ele esteja ao meu lado a todas as horas, a todos os instantes! Não posso voltar atrás. Sei que me perco e perco a outros... Ah, Vânia! — exclamou estremecendo toda. — Se ele já não me amasse! Se fosse verdade o que disseste! — eu não teria dito tal coisa. — Ele não faz outra coisa senão enganar-me! E se ele não fosse bom e sincero de verdade e no fundo fosse apenas mau e vaidoso? Vê tu se eu estou para aqui a defendê-lo contra ti, enquanto ele estava com outra, quando eu, vil criatura, abandonei tudo por ele e vou à sua procura pelas ruas! Ai, Vânia!

E deixou escapar uns gemidos tão dolorosos que a alma me doeu. Compreendi imediatamente que Natacha já não era dona da sua vontade. Apenas os ciúmes podiam cegá-la até ao ponto de tomar uma resolução tão louca e insensata. Mas também eu me consumia de ciúmes e tinha o coração dilacerado. Não fui capaz de continuar a dominar-me e deixei-me possuir por um sentimento mesquinho.

— Não compreendo como possas amá-lo depois do que me disseste dele. Tu não o estimas, tu não acreditas no seu amor e, no entanto, corres

para ele e sacrificas-lhe as vidas dos seres mais queridos. Que vais fazer?

Preparam um para o outro uma vida cheia de amarguras. Ama-lo demasiado, Natacha, demasiado! Não compreendo um amor assim!

— Sim, amo-o loucamente — respondeu-me, empalidecendo, como se tivesse adoecido. — De ti nunca gostei assim, Vânia. Compreendo que perdi a razão, que não devia amá-lo desta maneira... Não é bom este amor.

Sinto-o. Ouve, Vânia: até nos momentos mais felizes tive sempre o pressentimento de que ele não me daria senão desgostos e tormentos. Mas que hei-de fazer se as dores que dele me vierem serão uma felicidade para mim? Não sei eu de antemão o que me espera, o que hei-de padecer? Jurou amar-me, fez-me toda a espécie de promessas, mas não tenho fé nenhuma nelas, não acredito nele, nunca acreditei; agora mesmo não sei se me mente, não sei se é capaz de mentir-me. Disselho sinceramente. Não quero obrigá-lo a nada. Ninguém gosta de obrigações e eu sou a primeira que as odeio. Sinto-me feliz em ser sua escrava voluntária e em sofrer por ele, contando que esteja junto de mim, que possa vê-lo, olhá-lo. Creio que o deixaria amar outra, contando que eu estivesse ao seu lado... Que baixeza! Não é verdade, Vânia? — gritou, fixando em mim os olhos chamejantes. — Sei que isto é uma baixeza e, no entanto, se ele me abandonasse iria procurá-lo pelo mundo inteiro, embora me repudiasse e expulsasse. Tu exortas-me a renunciar à minha decisão, a voltar atrás. De que serviria isso? Amanhã partiria de novo, se ele mo dissesse, se ele mo mandasse. Não precisa de mais senão de chamar-me, de assobiar-me como a um cão, para que eu corra logo atrás dele... Tormentos... Não acredito nos tormentos, se vierem dele...

Ao menos saberei que é por ele, *por ele* que sofro! Oh! Não vás contar nada do que eu te digo, Vânia!

«E os seus pais?», pensava eu para comigo. Ela parecia já tê-los esquecido.

— Mas ele não quer casar contigo, Natacha?

— Prometeu-mo, prometeu tudo. Disseme que iríamos já amanhã, discretamente, casar-nos fora da povoação; mas ele não sabe o que diz.

Talvez nem saiba o que *é* preciso fazer para se casar. Que marido singular! Dá vontade de rir, na verdade! E se nos casarmos e não for feliz no casamento, depois há-de censurar-me... Não quero que tenha nunca uma censura a fazer-me. Eu dou-lhe tudo sem exigir-lhe nada. Se ele não há-de ser feliz com o casamento, para que torná-lo desgraçado?

— Tudo isso não passa de uma fantasia, Natacha! — disse. — E és tu mesma que o vais agora procurar?

— Não, prometeu vir buscar-me aqui. Marcámos o encontro — e olhou com impaciência, ao longe; mas não via ninguém.

— E ainda não chegou! És tu a primeira a chegar — gritei-lhe indignado. Natacha estremeceu, como se lhe tivessem dado uma pancada. A sua cara mostrou uma dor enorme.

— E muito possível -que não venha — disse com um amargo sorriso. — Escreveu-me a dizer que se eu não lhe prometia vir, se veria obrigado a adiar a sua decisão... A nossa fuga e o nosso casamento'. Que o pai queria levá-lo a *casa* da noiva. Disseme isso com tanta simplicidade e naturalidade como se isso não tivesse importância. E se ele tivesse de facto ido vê-la, a *ela,* Vânia?

Não respondi. Natacha pegou-me na mão com força; os seus olhos cintilavam.

— Está com ela — repetiu tão baixo que mal a ouvi. — Esperava que eu não viesse para ir para casa da noiva e dizer depois que fora eu que não viera. Já está cansado de mim e abandona-me! Oh, meu Deus! Louca que sou! Da última vez disseme que eu o aborrecia... Portanto, porque o espero ainda?

— Olha, lá vem ele! — gritei de repente, quando o vi ao longe.

Natacha estremeceu, deu um grito e, largando a minha mão, correu ao seu encontro. Ele acelerou também o passo e um momento depois já estavam nos braços um do outro. Na rua, além de nós, não havia quase ninguém. Eles beijavam-se e riam. Natacha ria e chorava ao mesmo tempo, como se se vissem depois de uma longa separação. As suas faces pálidas tingiram-se de vermelho; parecia pregada ao chão.

Aliocha viu-me e dirigiu-se para mim.

Capítulo nono

Eu olhava para ele avidamente, embora já o tivesse visto muitas vezes'; procurava o seu olhar como se ele viesse dissipar todas as minhas dúvidas e explicar-me tudo. Como pudera aquele rapazelho enfeitiçar Natacha, inspirando-lhe um amor tão arrebatado, um amor que a fazia esquecer os seus primeiros deveres e sacrificar loucamente tudo o que até então julgara mais sagrado?

O príncipe pegou-me nas duas mãos, apertou-mas vigorosamente, e o seu olhar, doce e sereno, chegou-me ao coração.

Pensei que podia ter-me enganado no conceito que fizera acerca dele, levado apenas pelo facto de ser meu rival. Eu não lhe tinha afeição e não poderia nunca vir a tê-

la; podia ser que fosse eu a única pessoa que não o via com bons olhos. Havia nele muitas coisas que não me agradavam, a começar pela sua figura sedutora, e precisamente por sê-lo demasiado. Mais tarde reconheci que o apreciei levianamente.

Era alto, esbelto, delgado; de rosto ovalado, sempre pálido, o cabelo louro, grandes olhos azuis, doces e pensativos, que brilhavam às vezes com uma alegria ingénua, infantil. Os lábios, vermelhos e carnudos, de um desenho admirável, mostravam quase sempre um rictos sério, o que tornava ainda mais encantador o seu inesperado e jovial sorriso, tão ingénuo, que fosse qual fosse a disposição em que estivéssemos, sentíamos necessidade de corresponder-lhe. Vestia sem excessivo apuro, mas sempre com elegância, e esta elegância, que ostentava em tudo, via-se bem que não lhe custava nenhum esforço, que lhe era inata. Tinha, na verdade, algumas qualidades feias; era estouvado, presunçoso e um pouco impertinente, e sofria de alguns maus costumes de menino elegante. Mas era muito franco e simples e era o primeiro a reconhecer os seus defeitos, a censurá-los e metê-los a ridículo.

Eu julgava que este rapazote não seria nunca capaz de mentir, nem sequer por brincadeira, e que, se mentia, o fazia sem dar por isso. Até o

seu egoísmo se tornava simpático, precisamente porque não procurava escondê-lo de maneira nenhuma. Não havia nele uma ponta de dissimulação. Fraco, confiado, tímido e sem força de vontade. Ofendê-lo ou enganá-lo seria um pecado tão grande como enganar ou ofender uma criancinha. De uma ingenuidade inacreditável para a sua idade, não sabia quase nada da vida e parecia que aos quarenta anos nada chegaria também a saber dela. Há pessoas assim, que parecem condenadas a esperar eternamente a maioridade. A mim parecia-me que não podia haver uma pessoa que não gostasse dele; sabia lisonjear-nos com as suas carícias de criança. Natacha dissera a verdade: debaixo de qualquer forte influência, era capaz de cometer uma acção má, mas creio que morreria de repente se viesse a compreender as suas consequências. Natacha sentia instintivamente que havia de ser a sua soberana, a sua dominadora, e que acabaria por torná-lo sua vítima.

Sentia prazer amando-o até à loucura e atormentando-se até à dor, tal era a maneira como gostava dele; talvez por isto se tivesse apressado a ser a primeira a sacrificar-se. Mas nos olhos dele cintilava o amor e contemplava-a numa espécie de êxtase. Ela olhou para mim, distraída. Nesse instante esquecera tudo... era feliz.

— Vânia! — gritou de repente. — Fui injusta para com ele, não o mereço. Pensava que não virias, Aliocha.

Esquece o meu mau pensamento — acrescentou, olhando-o como um amor infinito. Ele sorriu, beijou-lhe a mão e, sem largá-la, disse, dirigindo-se a mim: — Não me culpe, já há algum tempo que queria abraçá-lo como a um irmão. Ela falou-me tanto de si! Nós temo-nos visto pouco, quase não trocamos uma palavra. Sejamos amigos e... perdoe-me — disse corando um pouco e com um sorriso tão sedutor que eu não pude deixar de corresponder ao seu acolhimento.

— Sim, sim — respondeu Natacha —, para nós é como um irmão; já nos perdoou e, sem ele, não poderíamos ser felizes. Ah, como nós somos maus, Aliocha! Mas agora viveremos os três juntos. Vânia, vai ter com *eles,* pois conhecem o teu coração bondoso e quando virem que me perdoaste pode ser que abrandem um pouco contra mim. Diz-lhes tudo,

tudo, com as palavras que o coração te ditar. Defende-me, salva-me, expõe-lhes todas as minhas razões. Sabes, Vânia, talvez eu não me decidisse a *isto* se tu não tivesses ido lá a casa? Tu és a minha salvação. Construi imediatamente a esperança de que tu saberias falar-lhes de maneira a adoçar-lhes o horror da primeira impressão. Oh, meu Deus, meu Deus! Diz-lhes, da minha parte, Vânia, que já sei que, para mim, não há perdão; que eles me perdoariam, mas Deus não poderá perdoar-me; mas ainda que eles me amaldiçoem eu abençou-os e rezarei por eles toda a minha vida. O meu coração está com eles. Ah! Porque não poderemos ser todos felizes? Porquê, porquê... meu Deus? Que fiz eu? — gritou de repente, como se voltasse a si, tapando o rosto com as mãos. Aliocha apertou-a entre os braços. Ficámos todos calados por uns momentos.

— E teve a coragem de exigir-lhe semelhante sacrifício? — gritei lançando a Aliocha um olhar de censura.

— Não me condene! — repetiu ele. — Por muito dolorosos que sejam todos estes desgostos, não hão-de durar mais que um instante, posso afiançar-lhe. Basta que tenhamos apenas um pouco de firmeza para suportarmos este momento. Foi a própria Natacha que mo disse. O senhor bem sabe, a causa de tudo isto é esse orgulho de ”amília, mas essas questões hão-de terminar um dia, e esse processo... Mas... Eu reflecti muito sobre isto, afirmo-lhe. Tudo isto há-de ter um fim. Havemos de nos reunir todos de novo e seremos tão felizes que os nossos pais, quando nos virem, hão-de reconciliar-se... Quem sabe se o nosso casamento não será o princípio da reconciliação! Penso que não poderá ser de outra maneira. Que lhe parece?

— Fala de casamento; mas quando se casam? — perguntei, olhando para Natacha.

— Amanhã ou depois de amanhã; no máximo depois de amanhã... Não tenho a certeza, vejam bem, nem eu mesmo

o sei; e, na verdade, ainda não preparei nada. Pensei que Natacha talvez não viesse hoje. Aliás, o meu pai quer levar-me esta noite a casa da minha noiva. Porque me arranjaram uma noiva, Natacha não lho disse? Mas eu não a quero. Por isso não posso decidir nada de maneira firme.

Seja como for, casaremos depois de amanhã. Pelo menos é isto o que eu penso, porque não pode ser de outra maneira.

Amanhã pôr-nos-emos a caminho de Pskov. Tenho um camarada do liceu, que vive perto daí, um óptimo rapaz. Pode ser que eu lho apresente. Aí devemos encontrar um *pope,* embora eu não saiba ao certo se lá haverá algum. Devia ter-me informado com antecedência, mas não tive tempo... Embora, no fim de contas, isso seja um pormenor sem importância. O que é preciso é atender ao principal. Podemos mandar vir um de uma aldeia próxima, não é verdade? E uma pena não ter tido tempo de escrever ao meu amigo umas linhas a preveni-lo... Devia tê-lo feito... E se ele agora não estivesse em casa?... Ora, não tem importância! Contanto que se queira, tudo o mais se arranjará por si. Não é verdade? Enquanto esperamos até amanhã ou depois de amanhã, Natacha ficará em minha casa. Aluguei um andarzinho, no qual nos instalaremos no nosso regresso.

Como deve compreender, não quero voltar para casa do meu pai, não é verdade? O senhor há-de ir visitar-nos; arranjei uma casinha muito boa. Os meus antigos companheiros de estudo irão também visitar-nos, organizaremos tertúlias...

Eu olhava-o com assombro e angústia. Natacha parecia implorar-me com os olhos que não o julgasse com severidade e fosse mais indulgente; ela seguia as suas palavras com um sorriso triste e ao mesmo tempo admirava-o como se admira um menino lindo e traquina, ao escutar-mos a sua tagarelice absurda mas encantadora. Eu olhava Natacha com olhos de censura, sentia um desgosto enorme.

— E o seu pai? — perguntei-lhe. — Tem a certeza de que lhe perdoará?

— com certeza, que remédio! Claro que a princípio há-de amaldiçoar-me, bem sei. É tão severo para comigo!

Pode ser que se dirija à Justiça e, numa palavra, queira fazer valer a sua autoridade paterna... Mas não deve ser coisa séria. Gosta muito de mim, a princípio ficará zangado mas acabará por perdoar-me. Depois todos se reconciliarão e seremos todos felizes. Até o pai dela.

— E se não perdoar? Já pensou nisso?

— De certeza que perdoará, embora não tão depressa como seria para desejar; mas se não fosse assim, provar-lhe -ia que tenho carácter. Ele não faz outra coisa senão censurar a minha falta de energia, a minha leviandade; pois agora é que ele há-de ver se eu sou um cabeça no ar ou não. O homem que funda um lar não é nenhum palhaço; eu já não sou..- nenhuma criança... Hei-de dizer-lhe que quero ser como os outros, como os homens casados. Viverei do meu trabalho. Natacha disse que mais vale isso do que viver à custa dos outros, como eu vivo. Se soubessem como ela me dá bons conselhos! Eu nunca me teria lembrado, não fui criado dessa maneira, não me educaram nessas ideias. Na verdade, eu próprio reconheço que sou um estouvado e quase um inútil; mas olhe, há três dias tive uma ideia espantosa. Embora o momento não seja muito oportuno, vou contar-lho porque é preciso que Natacha a conheça e o senhor me aconselhe. Trata-se disto: quero escrever crónicas para os jornais, como o senhor. Vai pôr-me em contacto com jornalistas, não é verdade? Conto consigo. Esta noite estive a pensar num romance, sabe? Podia ser que saísse bem. O argumento foi tirado de uma comédia de Scribe... Mas outro dia lhe contarei. O principal é que isto me renda dinheiro... A si, pagam-lhe os seus escritos, não é verdade?

Não pude conter um sorriso.

— Não se ria — disse ele sorrindo também. — Não, desculpe — acrescentou com uma ingenuidade inconcebível. — Não me julgue pelas aparências, asseguro-lhe que tenho o dom da observação, o senhor há de ver. Porque não experimentar? Pode ser que consiga qualquer coisa, embora talvez o senhor tenha razão: não sei nada da vida real; é isso o que me dizem, Natacha e toda a gente. Sobre que poderia eu escrever? Ria-se, mas corrija-me, faça-o por amor dela, pois sei que a ama. Reconheço-o e lamento-o; não sei como pude inspirar-lhe um amor tão grande. Creio que seria capaz de dar a minha vida por ela! Até este momento nada receei, mas agora já começo a ter medo. Que vai ser de nós? Meu Deus! É possível que, a um homem que sabe e quer cumprir o seu dever, chegue um momento na vida em que lhe faltem as forças para

fazê-lo? Venha o senhor em nosso auxílio. O senhor é o único amigo que nos resta.

Isto é a única coisa que sei. Desculpe contar tanto consigo; sei que tem um grande coração, que vale muito mais do que eu. Mas hei-de emendar-me, afirmo-lhe, hei-de tornar-me digno de ambos. E no seu olhar brilhava um sentimento bom e generoso. com que confiança me apertava a mão e como estava certo da minha amizade!

— Natacha há-de ajudar a corrigir-me — prosseguiu. — Não faça má opinião de nós. Tenho muitas esperanças e, no ponto de vista material, podemos estar completamente tranquilos; se, por exemplo, o meu romance não me saísse bem (eu, na verdade, penso que é um disparate, e se lhe falei dele foi para ouvir a sua opinião), daria lições de música. Não sabia que eu entendo qualquer coisa de música? Não tenho vergonha de viver do meu trabalho. A respeito disso as minhas ideias são modernas. Além disso possuo uma quantidade de *bibelots* preciosos e de objectos de *toilette* que não servem para nada; vendê-los-ei e teremos com que viver por muito tempo. Enfim, supondo que as coisas corram mal, em último caso posso entrar para a Administração. O meu pai já quis obrigar-me a fazê-lo, mas eu aleguei que estava mal de saúde. Em último lugar, trabalharei em qualquer coisa. Assim ele verá como o meu casamento me foi útil, me tornou mais sério e que, de facto, sirvo para alguma coisa; ficará contente e perdoar-me-á.

— Mas, Alexei Petrovitch, já pensou no que pode acontecer entre o seu pai e o de Natacha? Que pensa que se passará esta noite em casa deles?

E apontei para Natacha, que, de súbito, ao ouvir as minhas palavras, se fez pálida como uma morta. Eu era inexorável .

— Sim, sim. Diz bem, tem razão, é terrível! — respondeu ele. — Estou consternado... Mas que se há-de fazer? Se ao menos os pais dela nos perdoassem! E se soubessem como eu gosto deles! Trataram-me sempre como a um filho e veja como eu lhes pago! Estas querelas, este processo! Não pode imaginar até que ponto tudo isto me é odioso! E porque hão-de zangar-se? Nós, que gostamos tanto uns dos outros, zangarmo-nos! Se

pudessem reconciliar-se! Era o que deviam fazer, já tudo se acabaria. As suas palavras fizeram amedrontar-me. Natacha, é horrível o nosso procedimento para com eles.

Já to tinha dito... És tu quem insistes... Mas há-de ver, Ivan Petrovitch, como tudo se arranjará o melhor possível. Não lhe parece? Acabarão por fazer as pazes. Nós reconciliá-los-emos. Isso é certo, não poderão resistir ao nosso amor. Ainda que nos amaldiçoem, nós continuaremos a amá-los. O senhor não sabe como o meu pai às vezes tem bom coração; simplesmente, de quando em quando perde a cabeça. Se visse com que ternura ele me falava esta manhã, esforçando-se por me convencer! E entretanto eu procedo agora contra a sua vontade. Não imagina quanto me custa! E tudo isto por causa de estúpidos preconceitos. Que loucura!

Bastava que reparasse bem nela e estivesse meia hora ao seu lado para que o meu pai desse logo o seu consentimento para tudo — e ao dizer isto Aliocha dirigiu a Natacha um olhar terno e apaixonado. —Já tenho pensado mil vezes com delícia como ele há-de gostar dela quando a conhecer bem e como todos ficarão assombrados quando virem quanto ela vale. Nunca deve ter visto uma rapariga semelhante! O meu pai está convencido de que ela é simplesmente uma intrigante. O meu dever é reabilitá-la na sua honra e saberei fazê-lo. Ah, Natacha, toda a gente vai gostar de ti! — gritou triunfante. — Toda a gente! Quem não há-de gostar de ti? — acrescentou com entusiasmo. — Tenho a certeza absoluta de que este dia nos há-de trazer todas as venturas, paz e reconciliação. Abençoado seja este dia! Não é verdade, Natacha? Mas que tens tu? Meu Deus! Que te aconteceu?

Natacha estava pálida como uma morta. Durante todo o tempo que Aliocha falou manteve o olhar fixo sobre ele, mas os seus olhos estavam imóveis e o rosto cada vez mais pálido. Parecia-me até que, por fim, já não o escutava e que estava prestes a desfalecer. De repente, as exclamações de Aliocha despertaram-na. Estremeceu, olhou à volta e, de súbito, encarou comigo. Tirou uma carta da algibeira e deu-ma rapidamente, às escondidas de Aliocha.

Era uma carta para os pais, que escrevera na véspera; entregou-ma

com um olhar de desespero, que ainda recordo, e que me encheu de espanto; compreendi que agora via claramente todo o horror da sua conduta; quis dizer-me qualquer coisa e começou a falar, mas desmaiou e não tive tempo senão para ampará-la.

Aliocha, então, empalideceu de terror; friccionava-lhe as fontes, beijava-lhe as mãos e a boca; passados alguns momentos Natacha recuperou os sentidos. Perto, estava o coche de aluguer em que Aliocha viera. Este mandou-o aproximar-se. Quando já estava sentada, embora ainda aturdida, Natacha, como louca, apertou-me a mão e salpicou-ma de lágrimas ardentes. O coche partiu e eu fiquei durante muito tempo cravado no mesmo lugar, a segui-lo com os olhos. Toda a minha felicidade se desfizera, toda a minha vida estava estragada.

Compreendia isso perfeitamente. A seguir voltei a casa dos velhos, pelo mesmo caminho porque viéramos.

Não sabia como havia de entrar, o que dizer; as minhas ideias estavam entorpecidas, as pernas dobravam-se-me...

Esta é toda a história da minha felicidade; assim terminou e se desfez o meu amor! Agora continuarei a minha narrativa interrompida.

Capítulo décimo

Cinco semanas depois da morte de Smith, instalei-me no seu apartamento. Para mim, foi esse um dia de tristeza insuportável. Fazia frio e caía continuamente uma chuva misturada de neve. Ao entardecer, o Sol apareceu por um momento e um raio perdido entrou no meu quarto, sem dúvida por curiosidade. Comecei a arrepender-me de me ter instalado ali. No entanto, o quarto era grande, mas de tecto baixo, e muito escuro, de ar viciado devido à má ventilação e desagradavelmente vazio, apesar dos móveis. Então pensei que ia perder nesse cubículo a pouca saúde que me restava.

Passei toda a manhã a arrumar os meus papéis, revendo-os e pondo-os em ordem. Como não havia pasta guardei-os numa fronha de almofada. Depois sentei-me a escrever. Trabalhava no meu romance, mas a pena escorregava-me da mão, o meu pensamento estava noutra coisa...

Larguei a pena e sentei-me à janela. Começava a escurecer e a minha tristeza cada vez aumentava mais; assaltavam-me ideias lúgubres. Tinha o pressentimento de que acabaria por sucumbir em Petersburgo. «A Primavera aproxima-se — pensava. — Voltarei à vida, sairei deste tugúrio para a luz do dia e respirarei o cheiro fresco dos campos e dos bosques, pois já há muito tempo não os gozo.» Lembro-me de que pensei também: «Que felicidade, se, por obra de magia ou por um milagre, pudesse esquecer completamente todo o passado, tudo o que sofri nos últimos anos, esquecer tudo, refrescar a cabeça e começar a viver com ideias novas!» Pus-me a sonhar com isso e a esperar uma ressurreição. «E se eu fosse para um manicómio — decidi finalmente — para dar uma volta ao cérebro e mudar de modo de ser e começar a viver de novo?» Tenho sede de viver e de acreditar na vida... Mas lembro-me de que nesse mesmo instante soltei uma gargalhada. Que havia eu de fazer quando saísse da casa dos loucos? Continuar a escrever romances?

Assim eu sonhava e me afligia, enquanto ia escurecendo completamente. Nessa noite tinha uma entrevista com Natacha, que me

escrevera na véspera. Levantei-me e dispus-me a sair. De qualquer modo sentia a necessidade de deixar aquele quarto triste e ir a qualquer parte, embora estivesse a chover e a nevar.

À medida que a escuridão aumentava, o meu quarto parecia-me mais amplo, como se se fosse dilatando cada vez mais. Imaginava que todas as noites e em todos os cantos iria ver Smith, que ele estaria ali, sentado, olhando-me fixamente, como olhava na pastelaria de Adam Ivanitch, e com Azorka deitado a seus pés.

E exactamente nesse momento aconteceu-me qualquer coisa que me causou profunda impressão. Além disso, ou fosse porque tinha os nervos cansados, ou pelas novas impressões que em mim produzia o meu novo alojamento, ou, enfim, pela melancolia que nos últimos tempos me assaltara, o certo foi que acabei por me encontrar nessa disposição de espírito em que costumo cair frequentemente à noite, desde que estou doente, e a que chamo *pavor místico.* Consiste num temor profundo, inquietante, qualquer coisa que eu próprio não consigo definir, algo de fantástico ou de irreal relativamente às outras coisas, mas que parece postar-se diante de mim e avolumar-se num instante, como se quisesse troçar de todos os raciocínios com a irrefutabilidade de um facto terminante, horrível, informe, implacável. Este pânico vai crescendo em mim gradualmente, a despeito de todas as invocações que faço à serenidade e ao raciocínio, de maneira que embora acabe por conseguir um pouco de lucidez nem por isso deixo de me sentir incapaz de afuguentar a inquietação. O meu espírito, então, não presta ouvidos à razão: é ineficaz, e esse vislumbre de discernimento apenas serve para aumentar ainda mais a sobressaltada inquietação da expectativa. Em parte, esse medo parecia-me o medo das pessoas que temem as almas do outro mundo. Mas na minha angústia, o aspecto vago dessa inquietação agravava ainda mais o meu suplício.

Lembro-me que estava de pé, diante da mesa, de costas para a porta, e que ia já pegar no chapéu, quando, de repente, nesse mesmo instante, me assaltou a ideia de que, infalivelmente, quando me voltasse, iria ver Smith: começaria por abrir a porta sem ruído e ficaria parado entre os

umbrais, a examinar o meu quarto; depois, silenciosamente, de cabeça baixa, viria postar-se na minha frente, fixaria em mim o seu olhar e de repente pôr-se-ia a rir com um longo riso desdentado, que convulsionaria o seu corpo durante muito tempo. Esta visão apresentou-se-me com clareza e precisão extraordinárias, e ao mesmo tempo apoderou-se de mim a certeza plena, irrefutável, de que tudo isso havia infalivelmente, inevitavelmente de acontecer, que já acontecera e que, se eu ainda não o via, era unicamente porque estava de costas para a porta, a qual talvez tivesse acabado de abrir-se nesse mesmo instante. Voltei-me repentinamente e... de facto, a porta abriu-se suavemente por si só, sem ruído, exactamente como eu imaginara um minuto antes. Dei um grito.

Durante um momento não apareceu ninguém, como se a porta se tivesse aberto sozinha; mas, de súbito, entre os umbrais, surgiu uma figura estranha: dois olhos, conforme pude distinguir na obscuridade, olhavam-me fixos e insistentes.

Senti que todos os membros me gelavam. com espanto enorme reconheci que se tratava de uma pequenita; e se fosse o próprio Smith em pessoa, talvez não me assustasse tanto como com essa aparição estranha, inesperada, de uma menina desconhecida no meu quarto, àquela hora e naquele momento.

Já disse que a porta se abrira devagarinho e cautelosamente, como se ela tivesse medo de entrar. Depois de se entremostrar, parou à entrada e olhou-me com um espanto que raiava pela hipnose; finalmente adiantou dois passos, devagarinho, suavemente, e parou diante de mim sem ter pronunciado uma palavra. Examinei-a mais de perto: era uma menina de doze ou treze anos, baixinha, magra e pálida, como se acabasse de sofrer uma doença grave.

E por isso mesmo os seus olhos grandes e negros brilhavam extraordinariamente. com a mão esquerda segurava um grande lenço velho, esburacado, com o qual cobria o peito, que lhe tremia ainda do frio da noite.

O vestido era um autêntico farrapo; os cabelos, pretos e bastos, estavam numa desordem.

Permanecemos assim um ou dois minutos fitando-nos mutuamente.

— Onde está o meu avô? — perguntou-me ela, finalmente, com uma voz rouca e fraca, como se tivesse o peito ou a garganta doentes.

Todo o meu *pavor místico* desapareceu perante esta pergunta. Perguntava por Smith; a sua pista aparecia, de repente, de uma maneira inesperada.

— O teu avô? Morreu! — disselhe eu bruscamente, sem pensar na minha resposta, mas em seguida arrependime.

A menina permaneceu um instante imóvel, e de repente pôs-se a tremer tão fortemente que eu pensei que ela ia sofrer um ataque de nervos. Tive de ampará-la para que ela não caísse. Passados poucos minutos já se sentia melhor e vi claramente que fazia esforços sobre-humanos para disfarçar a sua comoção.

— Perdoa-me, pequenita, perdoa-me! — supliquei-lhe. — Dissete isso, assim, tão de repente... e talvez não seja assim, minha pobrezinha! Quem procuravas tu? O velho que vivia aqui?

— Sim — respondeu desanimadamente e olhando-me, inquieta.

— Chamava-se Smith?

— Chamava.

— Então é ele... Sim, morreu... Mas não chores, minha pomba. Porque não apareceste há mais tempo? E agora... donde vens tu? Foi enterrado... ontem. Morreu de repente. És neta dele?

A menina não respondeu às minhas perguntas rápidas e desordenadas. Deu meia volta em silêncio e saiu do quarto devagarinho. Eu estava tão desorientado que nada fiz para retê-la nem para continuar a interrogá-la.

Ela parou outra vez à porta e, voltando-se para mim, perguntou-me:
— Azorka também morreu?

— Sim, Azorka também morreu — respondi, achando a pergunta estranha; parecia estar convencida de que Azorka havia de morrer ao mesmo tempo que o velho.

Quando ouviu a minha resposta, a pequena saiu do quarto e fechou com cuidado a porta atrás de si. Um minuto depois corri em sua busca,

muito contrariado por tê-la deixado partir. Saíra tão discretamente que nem sequer ouvi abrir a porta do patamar. «Não deve ter tido tempo de abrir a outra porta», pensei, e pus-me à escuta, à entrada. Mas estava tudo em silêncio e não se ouvia o menor ruído de passos; apenas se ouviu uma porta num andar inferior, depois tudo voltou a ficar no maior silêncio. Apressei-me a descer a escada; desde o meu quarto até ao 5.º andar era de caracol, mas a partir do 4.º andar era direita. Era uma escada suja, negra e sempre escura; uma dessas escadas que costumam encontrar-se frequentemente nos prédios grandes, divididos em apartamentos modestos. Nesse momento estava já na maior escuridão.

Tacteando, desci até ao 4.º andar e parei; e de repente pareceu-me sentir que ali, no patamar, havia alguém que se colava à parede e procurava fugir de mim. Pus-me a tactear com as mãos: a pequenita, estava ali, no canto, a cara contra a parede, chorando baixinho.

— Porque tens medo? — disselhe. — Assustei-te, fui desajeitado; o teu avô, quando morreu, falou de ti, foi a sua última palavra... Deixou-me ali uns livros que ficam para ti, claro... Como te chamas? Onde moras? Ele disse que era na sexta rua.

Mas não acabei. Ela deu um grito de susto, parecia que de eu saber onde morava, repeliu-me com a sua mão fraca e ossuda e desceu a escada rapidamente. Corri atrás dela. Ainda se ouvia o barulho dos seus passos. De repente, esses passos interromperam-se. Quando cheguei à rua, tinha desaparecido. Corri até à Avenida Vosnessenski e as minhas pesquisas foram inúteis. «Naturalmente escondeu-se em qualquer parte», pensei, quando estava ainda na escada.

Capítulo décimo primeiro

Mas mal pusera pé no sujo e escorregadio passeio da avenida quando choquei de repente com um transeunte que, pelos vistos, mergulhado em profundas reflexões, caminhava ligeiro e cabisbaixo. Grande foi o meu espanto quando reconheci o velho Ikmeniev.

Essa era para mim uma noite de encontros inesperados. Eu sabia que o velho Ikmeniev estivera três dias muito doente e eis que de repente o encontrava na rua, com aquela humidade! Aliás, ele já não saía à noite, e, desde a fuga de Natacha, isto é, havia quase meio ano, mal punha os pés na rua. Pareceu ficar contente por me ver, como um homem que encontra finalmente um amigo com o qual pode trocar umas impressões; estendeu-me a mão efusivamente e, sem perguntar-me onde é que eu ia, arrastou-me com ele. Mostrava um certo alarme e inquietação. «Onde poderá ir?», pensava eu. Era inútil perguntar-lho. Tornara-se terrivelmente desconfiado e, às vezes, na pergunta ou na observação mais ingénua, via uma alusão humilhante ou uma ofensa. Examinei-o às furtadelas: tinha cara de doente, estava muito mais magro e com barba de uma semana.

Os cabelos, já completamente brancos, escapavam-se, revoltos, do chapéu amolgado e caíam-lhe em grandes madeixas sobre a gola do sobretudo velho e roto. Já disse antes que, às vezes, tinha momentos da mais completa distracção, esquecia-se, por exemplo, de que não estava só e punha-se a falar consigo mesmo, gesticulando e mexendo-se. Fazia pena vê-lo.

— Onde vais, Vânia? — perguntou-me ele. — Eu vim tratar dos meus assuntos. Tens passado bem de saúde?

— E o senhor? — respondi-lhe. — Ainda está convalescente e já sai...

O velho não me respondeu, como se não tivesse ouvido.

— Como está Ana Andreievna?

— Está bem... está bem, embora com os seus achaques. Anda um pouco triste. Fala muitas vezes de ti...

Porque não nos vais ver? Ias agora a nossa casa, Vânia? Não estarei a aborrecer-te, a desviar-te do teu caminho? — perguntou, olhando-me desconfiadamente, pois o melindroso velho era tão sensível que, se eu lhe dissesse que não ia naquele momento a sua casa, ter-se-ia ofendido e despedido de mim. Apressei-me a dizer-lhe que ia precisamente visitar Ana Andreievna, embora soubesse muito bem que já era tarde e talvez não pudesse ir a casa de Natacha.

— Muito bem — disse, completamente tranquilizado com a minha resposta. — Está muito bem — e de repente calou-se e ficou pensativo, como se não soubesse o que havia de dizer mais. — Sim, está muito bem — repetiu maquinalmente passados alguns momentos, como se despertasse de um sonho profundo. — Hum!

Olha, Vânia, tu foste sempre para nós como uma pessoa de família; Deus não nos quis dar um filho, mas enviou-nos a ti; sempre pensei isto e a minha velha também... Que Deus te abençoe por isso, Vânia. Sempre te mostraste respeitador e obediente como um filho bom e grato para connosco e nós os dois abençoamos-te e amamos-te...

A sua voz tremia; calou-se por um minuto antes de continuar.

— Mas bem, que te aconteceu? Estiveste doente? Porque estiveste tanto tempo sem nos vires ver?

Contei-lhe a história de Smith e desculpei-me também dizendo-lhe que estivera um pouco adoentado e que se me tornara difícil ir a Vassilievskoie, porque era muito longe; continuavam a viver em Vassilievskoie. Estive quase a confessar que, apesar de tudo isso, tivera oportunidade de visitar Natacha; felizmente contive-me a tempo.

A história de Smith interessou-o vivamente. Tornou-se mais atento. Quando soube que o meu alojamento era lúgubre e quase pior que o outro, e custava seis rublos por mês, indignou-se.

De uma maneira geral era muito impaciente e colérico. Apenas Ana Andreievna sabia acalmá-lo quando se punha assim, e nem sempre.

— Hum! Toma, aí tens, aí tens a literatura, Vânia! — gritou irritado. — Levou-te a uma trapeira e há-de levar-te ao cemitério! Eu já to disse, eu já to disse... e B..., ainda faz críticas?

— Morreu tísico... parece-me que já lho disse.

— Morreu! Hum! Morto! Tinha de ser! E deixou alguma coisa à mulher e aos filhos? Tu disseste-me que tinha mulher. Para que se casará essa gente?

— Não, não deixou nada — respondi com tristeza.

— Ora aí está! — gritou tão indignado como se se tratasse de um parente próximo, do seu próprio irmão. — Vês, Vânia? Eu já tinha imaginado que ele havia de acabar assim! Não deixou nada! Muito bonito! A glória imortal mas... com isso não se come. Quanto a ti, meu amigo, também já o pressentia; gabava-te, mas o coração já me adivinhava tudo. com que então B... morreu! Como é que ele não havia de morrer? A vida é bela... e este lugar também... Olha!

E com um movimento de mão repentino, impaciente, mostrou-me a perspectiva lúgubre da rua, fracamente iluminada pelos revérberos escondidos entre a névoa, as casas sujas, as lajes do chão reluzentes de humidade, os transeuntes tristes, tristes e aborrecidos por causa da chuva; todo aquele quadro, coroado pela cúpula negra, como que salpicada de tinta-da-china do céu de Petersburgo. Chegámos à praça; diante de nós erguia-se a estátua de Nicolau I no meio das trevas, um pouco iluminada em baixo pelas lanternas do gás, e mais adiante erguia-se a imensa mole sombria da Catedral de Santo Isaac, que sobressaía vagamente sobre a cor obscura do céu.

— Dizias tu, Vânia, que B... era um bom homem, generoso, simpático e simples, um homem de coração. São todos assim, simpáticos e bons. Mas a única coisa que sabem é multiplicar o número de órfãos... Hum! Sim, calculo que devem sentir-se felizes por morrer! Eh! Mais valia que fossem para longe, para qualquer parte, ainda que fosse para a Sibéria! Que queres tu, menina? — perguntou de repente ao ver no passeio uma pequenita que pedia esmola.

Era uma petizita, pequena e débil, de sete ou oito anos, o máximo, coberta de sujos andrajos; trazia os pezinhos sem meias, calçados nuns sapatos rotos. Esforçava-se por tapar o corpinho, que tremia de frio, com uma espécie de vestido sem feitio e que já lhe ficava apertado. Voltava

para nós a sua carinha triste, pálida e doentia; olhava-nos com timidez e resignação e, como se receasse um mau acolhimento, estendia-nos a mãozinha trémula. O velho estremeceu também quando a viu e encarou-a tão vivamente que a assustou. Ela sobressaltou-se e afastou-se dele.

— Que queres tu, menina? -— disselhe ele. — Andas a pedir esmola? Então, toma...

Tremendo de comoção, rebuscou nas algibeiras e tirou duas ou três moeditas de prata; mas pareceu-lhe pouco, procurou novamente e tirou um rublo do porta-moedas, tudo quanto levava, e pô-lo na mão da mendiga.

— Deus te proteja... minha filha! Que o anjo da guarda te acompanhe!

E com a sua mão tremente fez várias vezes o sinal da Cruz sobre a infeliz; mas, de repente, ao ver que eu o observava, franziu as sobrancelhas e continuou a andar com grandes passadas.

— Olha, Vânia, não posso ver — disse, depois de um silêncio cheio de tristeza, que durou muito tempo —, não posso ver essas inocentes criaturas tiritando de frio no meio da rua por culpa dos seus malditos pais.

Embora, pensando bem, que mãe seria capaz de enviar uma menina para este horror, se ela própria não fosse uma desgraçada? Provavelmente, além, no seu tugúrio, terá outros irmãozinhos e esta deve ser a mais velha; talvez a pobre mulher esteja doente ou já seja velha, e... hum!, estes não são filhos de príncipes. Há muitos neste mundo, Vânia, que não são filhos de príncipes. Hum!

Calou-se por uns momentos, pensativo.

— Ouve, Vânia, eu prometi a Ana Andreievna, prometi-lhe... isto é, concordámos os dois em adoptar uma orfazinha... a primeira que encontrássemos, naturalmente, pobre e pequenita, compreendes? Nós os dois, já velhos, aborrecemo-nos sozinhos. Hum! Simplesmente a minha mulher põe algumas objecções; por isso, fala-lhe tu, peço-te, não em meu nome, mas como coisa tua; expõe razões... Compreendes? Já há muito tempo que queria pedir-to... para que consigas o seu consentimento... mas era-me difícil. Perfilhar uma menina? Bem sei que não há

necessidade disso. Era só para ouvir uma voz infantil... Bem, para quê falar de tolices? E afinal é pela minha velha que o faço, para que se distraia mais que comigo. Mas tudo isto são tolices! Olha, Vânia, desta maneira nunca mais chegamos! Tomemos um fiacre; ainda estamos longe e Ana Andreievna deve já esperar-nos com impaciência.

Eram sete e meia quando chegámos a casa de Ana Andreievna.

Capítulo décimo segundo Os velhos amavam-se muito. O amor e a longa convivência tinham-nos unido com um laço indestrutível. No entanto, nem agora nem nos tempos mais felizes, nunca Nikolai Serguieitch fora muito expansivo com Ana Andreievna, e muitas vezes chegava até a ser rude, sobretudo diante dos estranhos. Algumas pessoas ternas e sensíveis experimentam uma certa timidez, um certo pudor e aversão de mostrarem o seu coração, mesmo à pessoa amada, não somente em público como também na intimidade, e apenas de longe em longe lhes escapa uma demonstração de amor, tanto mais efusiva quanto mais tempo esteve reprimida. Assim fora sempre o velho Ikmeniev para com a sua Ana Andreievna. Estimava-a e amava-a muitíssimo, embora ela não fosse mais do que uma mulher bondosa e que não sabia outra coisa senão amá-lo; e ele também não permitia muitas vezes que ela se mostrasse muito expansiva com ele. Mas desde a fuga de Natacha, a ternura dos velhos aumentara. Sentiam doentiamente que tinham ficado sozinhos no mundo. E ainda que Nikolai Serguieitch tivesse momentos em que se punha muito sombrio, nem por isso era menos verdade que não podiam estar separados umas horas sem sentirem uma verdadeira tristeza. Parecia terem feito um acordo tácito para não falarem nunca de Natacha, como se ela não existisse. Ana Andreievna, embora isso lhe fosse muito doloroso, não ousava fazer alusão à fugitiva na presença do marido. Havia muito tempo que, no seu coração, perdoara a Natacha. Combináramos entre os dois, entre mim e ela, que eu lhe levaria notícias da sua amada filha, em quem pensava constantemente.

A velha ficava doente quando se passava um certo tempo sem receber notícias de Natacha; quando eu ia vê-la perguntava-me e tornava a perguntar-me com uma curiosidade insaciável, e as minhas palavras

confortavam-na. Uma vez ia morrendo de desgosto ao saber que Natacha estava doente e até quis vê-la. Mas isto foi um caso extremo. A princípio não ousava exprimir o desejo de ver a filha, e quase sempre, depois dos nossos diálogos, quando já me tinha perguntado tudo, achava que não podia passar sem se queixar diante de mim, e afirmava que embora se interessasse pela sorte de sua filha Natacha cometera uma falta tão grande que era impossível perdoar-lhe. Mas tudo isto era fingido; havia ocasiões em que Ana Andreievna quase desmaiava, chorava, chamava por Natacha com os nomes mais doces, queixava-se amargamente do marido; depois, na presença deste, começava a fazer alusões, embora prudentes, falava de orgulho e de dureza de coração, e chegava a dizer que Deus não perdoa aos que não querem perdoar; mas não ousava tocar mais directamente na questão. Nesses momentos o velho punha-se carrancudo e sério; franzia as sobrancelhas sem dizer nada, mudava de conversa ou, finalmente, retirava-se para o seu quarto e deixava-nos sozinhos, de maneira que a mulher podia desabafar a sua tristeza com lágrimas e lamentações. Parecia que, quando eu chegava, depois de me cumprimentar, se metia no quarto de propósito para me dar tempo a comunicar a Ana Andreievna as últimas notícias de Natacha.

Foi o mesmo que fez naquele momento: «Venho todo molhado — disse quando entrou em casa. — vou lá dentro num instante. E tu, Vânia, senta-te. Conta o que te aconteceu no teu novo alojamento. Eu volto já.» E saiu dali precipitadamente, fazendo o possível por não olhar para nós, como se se envergonhasse de ser ele próprio a proporcionar a nossa conversa. Em momentos destes, quando regressava, mostrava-se severo e sério, tanto para comigo como para Ana Andreievna, e até pesaroso para consigo próprio pela sua falta de firmeza e excessiva condescendência.

— Procede sempre assim — disseme a pobre velha, que nos últimos tempos me comunicava até os seus pensamentos mais íntimos —, procede sempre assim comigo e o mesmo faz para com a filha. Para que será todo este fingimento para comigo? Então eu sou uma estranha para ele? Podia perdoar à minha Natacha e talvez o deseje, só Deus é que sabe. À noite, chora, que eu ouço-o. Mas quando não está só faz-se forte, o

orgulho enlouquece-o. Diga-me, Ivan Petrovitch, onde ia ele?

— Nikolai Serguieitch! Não sei, vinha precisamente perguntar-lho.

—- Assustei-me quando o vi sair com este tempo, de noite. «E preciso que tenha qualquer coisa de muito importante a tratar», disse para comigo. Mas que poderá ele fazer de mais importante que aquilo que já sabes?

Pensei isso, mas não tive coragem para perguntar-lhe; eu agora vejo-o sempre numa aflição e por isso não me atrevo a dizer-lhe nada. Meu Deus, cheguei a pensar que ele ia vê-la, mas não tive coragem de perguntar-lho!

Ele sabe tudo a respeito dela, até as coisas mais insignificantes. Eu, de facto, penso que ele está a par de tudo, mas não sei como. Ontem e anteontem passou o dia numa grande inquietação. Mas porque estás calado? Diz-me, meu amigo, aconteceu qualquer coisa? Esperava-te como a um messias. Bem, diz-me, esse malvado abandonou Natacha?

Contei a Ana Andreievna, com toda a franqueza, o que sabia. Eu era sempre muito franco para com ela.

Disselhe que Natacha e Aliocha estavam à beira de um rompimento; que havia entre eles sérias desavenças, que Natacha me escrevera a suplicar-me que fosse vê-la nessa mesma noite, às dez, e que teria ido se não tivesse encontrado Ikmeniev. Expliquei-lhe que a situação era crítica; que o pai de Aliocha, que havia uma semana regressara da sua viagem, não queria aceitar nada, fazia grande pressão sobre o filho, e o mais grave era que o rapazote parecia agora sentir já menos repulsa pela noiva que lhe destinavam e achava-a até muito a seu gosto.

Acrescentei que Natacha me escrevera num momento de grande excitação; dizia que esta noite devia decidir-se tudo; o quê, não sabia. Também era estranho que me escrevesse com data do dia anterior, mas pedindo-me que fosse hoje, a uma hora determinada, às dez. E que, por isso, desejava ir lá o mais cedo possível.

— Vai, vai já, meu amigo, vai sem falta! — exclamou a velha. — Assim que ele voltar tomas uma chavenazinha de chá... Ah! Não trouxeram o samovar. Matriona! És uma valdevinas e não uma rapariga

decente! O samovar? Já sabes, tomas uma chávena de chá e em seguida procuras um pretexto e vais. E amanhã virás sem falta contar-me tudo. Vai já! Ai, meu Deus, se aconteceu alguma nova desgraça! Apesar de tudo, que poderia ser pior que o presente! Não é verdade, Vânia? O meu marido está ao facto de tudo quanto se passa, tenho a certeza. Eu sei muitas coisas por Matriona, que se informa por intermédio de Agacha, e Agacha pelo marido de Maria Vassilievna, que servem em casa do príncipe... O meu Nikolai está de péssimo humor, zanga-se e grita, e depois custa-lhe muito falar; estamos com falta de dinheiro. Como se fosse por causa do dinheiro que ele grita assim! Tu já conheces a nossa situação. Depois do jantar meteu-se no quarto com o pretexto de se deitar um pouco, mas eu olhei por uma fresta da porta, que ele não conhece, e vi-o ajoelhado diante do oratório, a rezar.

Quando vi aquilo, as minhas pernas fraquejaram. Ele não tomou chá nem dormiu a sesta; pegou no chapéu e saiu às cinco. Não me atrevia a perguntar-lhe onde ia, pois acabaria por gritar. Grita por tudo e por nada com Matriona e algumas vezes comigo também. E quando ele começa a guinchar assim, as pernas tremem-me e parece-me que me arrancam o coração. Claro que tudo isso é forçado, bem sei que é forçado, mas, seja como for, é horrível. Quando ele partiu estive durante uma hora a pedir a Deus que lhe desse bons pensamentos...

Mas onde está essa carta? Mostra-ma.

Mostrei-lha; sabia que Ana Andreievna alimentava a doce ilusão de que Aliocha, a quem ela algumas vezes chamava malvado, desalmado, outras garoto estúpido e insensível, acabaria por casar-se com Natacha, e que o pai, o príncipe Piotre Alexandrovitch, daria para isso o seu consentimento. Assim o dizia muitas vezes diante de mim, embora noutras se arrependesse e desdissesse as suas palavras. Mas por nada deste mundo se teria atrevido a exprimir as suas esperanças na presença de Nikolai Serguieitch, embora soubesse que o velho o supunha e já em mais de uma ocasião lhe dirigira censuras. Penso que amaldiçoaria definitivamente Natacha e que a expulsaria para sempre do seu coração, se acreditasse na possibilidade desse casamento.

Era esta então a opinião de todos. Ele esperava a filha com todas as ânsias do seu coração, mas esperava-a a ela sozinha, arrependida e depois de ter arrancado do coração até a recordação de Aliocha. Era esta a condição necessária para o perdão e, embora ele não o dissesse, era o que todos deduzíamos, ao vê-lo.

— É um rapaz sem carácter e de mau coração, sempre o disse — continuava Ana Andreievna. — Não souberam educá-lo, saiu um estouvado. Vai abandoná-la. Que será da pobre Natacha! Meu Deus, com o amor que ela lhe tem! Mas que achará ele de particular na outra? E estranho!

— Tenho ouvido dizer que essa rapariga é encantadora e Natacha Nikolaievna diz a mesma coisa, Ana Andreievna -— interrompia eu.

Tu não falas verdade! Para vocês, garatujadores de napel, assim que vêem umas saias, todas são encantadoras. Se Natacha a gaba é por generosidade. Não sabe dominá-lo, aguenta tudo e sofre. Quantas vezes a terá enganado esse malvado, esse desalmado! Mas eu, Ivan Petrovitch, fico espantado. O orgulho cega-os a todos. Se ao menos o meu marido apaziguasse o seu ressentimento, perdoasse à minha pombinha e a trouxesse para aqui... Como eu a trataria bem! Está mais magra?

— Está, sim, Ana Andreievna.

— Querido Ivan Petrovitch, como sou desgraçada! Choro dia e noite... Hei-de contar-te... Quantas vezes tenho estado quase para pedir-lhe indirectamente que lhe perdoe; mas falta-me a coragem. O coração adivinha-me, tenho medo que se zangue e nos amaldiçoe a todos. Até agora ainda não lhe ouvi maldições...

mas receio muito que nos amaldiçoe. Seria uma desgraça. Quando o pai amaldiçoa, Deus também castiga. Por isso, passo a minha vida a tremer... Mas tu, Ivan Petrovitch, devias ter vergonha, tu que não recebeste de nós senão palavras de amizade, como podes achá-la encantadora? Quem esperaria uma coisa destas? Encantadora!

Não é isso o que diz Maria Vassilievna, que vive em casa do príncipe, não procedi bem, mas um dia convidei-a a tomar café, quando o meu marido estava ausente, e ela contou-me todos os pormenores. O pai de

Aliocha mantém relações ilícitas com uma condessa, a qual já há muito tempo o censura por não se casar com ela; mas ele faz-se desentendido. Esta condessa tornou-se notável, ainda em vida do marido, pela sua conduta escandalosa. Quando ficou viúva, partiu para o estrangeiro e aí... ora, italianos ou franceses, tanto fazia, todos lhe serviam. Foi lá que ela pescou o príncipe Piotre Alexandrovitch, pai de Aliocha. Mas a enteada, que era muito bonita, foi crescendo. Ficou-lhe do seu primeiro casamento. A condessa dava cabo da sua fortuna; a pequena ia crescendo e os dois milhões que o pai, negociante de aguardente, lhe deixara, iam também crescendo. Dizem que tem agora três milhões; o príncipe, que não é tolo, pensou: «bom partido para Aliocha!» Não é tão tolo que deixe escapar uma oportunidade destas. Há um conde seu parente, homem de elevada posição, que o apoia. Três milhões não são para desprezar. «Está bem — disse —, fala à condessa.» O príncipe foi e comunicou-lhe o seu plano; ela não o quis ouvir; é uma mulher sem princípios, dizem, uma insolente; aqui já não a recebem em parte nenhuma; isto não é como no estrangeiro. «Não — disselhe —, casa tu comigo, e não o teu Aliocha com a minha enteada.» Dizem que a rapariga gosta da madrasta e que lhe obedece em tudo. Segundo dizem, tem uma alma de anjo. O príncipe respondeu-lhe: «Olha, condessa, não te apoquentes. Perdeste a tua fortuna e estás crivada de dívidas. Mas se a tua enteada casar com Aliocha, farão um óptimo par; ela é uma santinha e o meu filho um palerma; nós os dois manejá-los-emos à nossa vontade, mantê-los-emos debaixo da nossa tutela e tu terás dinheiro. E em compensação — diz-me —, de que servia eu casar-me contigo?» Que espertalhão! É mesmo um pedreiro-livre! Há seis meses que isso se passou e a condessa ainda não decidiu nada; mas agora dizem que fizeram uma viagem a Varsóvia e que já se puseram de acordo. Isto foi o que me contou Maria Vassilievna, e é verdade, pois ouviu-o da boca de um homem de confiança. Portanto, aí tens: dinheiro, milhões, e além disso encantadora.

A história de Ana Andreievna ímpressionou-me profundamente, pois concordava com o que havia pouco me dissera Aliocha, jurando-me que jamais faria um casamento por dinheiro. Mas Catarina Fiodorovna ia-o

conquistando e seduzindo. Além disso, Aliocha dissera-me ainda que o pai talvez se casasse também, embora repudiasse esses boatos, para não inquietar prematuramente a condessa. Já disse que Aliocha gostava muito do pai; gostava dele, elogiava-o e acreditava nele como num oráculo.

— A tal menina encantadora não é fidalga, sabes? Não é condessa — insistiu Ana Andreievna, magoada com o meu elogio da futura noiva do jovem príncipe. — Natacha seria melhor partido para ele, é nobre, uma autêntica senhora. A outra é filha de um comerciante, ao passo que Natacha... Ainda ontem, esquecime de to dizer, o meu velho abriu o cofre onde guarda os seus papéis e passou toda a noite a rever e a arrumar os nossos velhos pergaminhos. Estava sentado, muito sério. Eu fazia meia, sem olhar para ele, quando percebeu que eu não dizia nada, aborreceu-se, e depois, apesar disso, chamou-me e esteve a explicar-me a nossa genealogia. Os Ikmenieves, já no reinado de Ivan, *o Terrível,* eram nobres (*), e os meus, os Chumilov, já eram conhecidos nos tempos de Alexiei Mikailovitch (2); possuímos todos os documentos, e Karamazin (3) menciona-os na sua história. Por isso, meu amigo, já vês que neste campo não temos nada a invejar a ninguém. Assim que o velho começou a explicar-mo, compreendi imediatamente a sua intenção. Não havia dúvida que estava ferido pelo desprezo que mostram por Natacha. A outra, a mais do que nós só tem a riqueza. Mas o que é certo é que Piotre Alexandrovitch, esse bandido, vai atrás da fortuna. Isso já se sabe. Não tem coração, é um avarento.

Dizem que professou secretamente nos jesuítas de Varsóvia. É verdade?

— Esse boato é absurdo — exclamei, interessando-me involuntariamente por aquele boato; e também me impressionou a notícia de que Nikolai Serguieitch se tivesse posto a rever a sua ascendência.

— São todos uns malvados sem coração — continuou Ana Andreievna. — Então ela, a minha querida, sofre e chora? Ah, já é tempo de ires ter com ela! Matriona, Matriona! Que estúpida é esta criada! Uma

criminosa e não uma criada! Não a ofenderam? Diz-me tudo, Vânia.

Que havia eu de responder-lhe? A velhota chorava. Perguntei-lhe que desgraça lhe acontecera e à qual aludira havia pouco.

(*) Século XVI.

(2) Um dos primeiros Romanov, reinou de 1645 a 1676.

(3) Escreveu uma História do Império Russo em onze volumes. Nasceu em 1766 morreu em 1826.

— Ai, meu amigo, uma desgraça só não chegava; pelos vistos, o cálice ainda não estava esgotado! Olha, não te lembras que eu tinha um medalhão de ouro com o retrato da minha Natacha quando era pequena? De quando tinha apenas oito anos, o meu anjo! Encomendámo-lo a um pintor que passou por aqui; mas tu, segundo parece, já não te lembras desse retrato. Representava-a de «cupido», com os seus cabelos louros, como ela os tinha então, todos encaracolados, e uma camisinha de musselina branca, através da qual se via o corpinho... Estava tão bonita que uma pessoa não se cansava de a contemplar. Pedi ao pintor que lhe pusesse duas asas, mas ele não quis. Pois olha, eu, depois de tantos desgostos como os que temos sofrido, tirei o medalhão da caixinha onde o tinha guardado e pendurei-o ao pescoço, num fiozinho onde trago a cruz. Mas com muito medo que o meu marido o visse. Já sabes que ele mandou tirar ou queimar tudo o que havia dela nesta casa, para que nada a recordasse. Mas assim, ao menos, já podia olhar para ela, e às vezes chorava ao contemplá-la, o que me aliviava; dizia-lhe palavras ternas, e à noite, quando estava só, beijava-a como se a beijasse a ela mesma, outras vezes falava-lhe baixinho; quando estava só fazia-lhe perguntas, parecia-me que ela me respondia e então continuava a fazer mais perguntas, e antes de me deitar persignava-a... Ai, querido Vânia, como me custa dizê-lo! Estava muito contente porque ele não sabia nada nem tinha reparado no medalhão. Mas uma manhã não o encontrei. Procurei, revolvi tudo... mas em vão. Eu sabia muito bem onde o tinha posto! Julguei que morria. Continuei a procurar, a procurar... Nada!

Onde poderia ter ido parar? «Talvez — disse para comigo — tenha caído na cama.» Revistei tudo, e nada! Alguém o devia ter encontrado. Mas quem poderia ter sido senão *ele* ou Matriona? Ela gosta muito de mim... Matriona, então o samovar? «Bem — disse para mim mesma — se foi ele que o encontrou, que irá acontecer?» Sentei-me. Invadiu-me uma grande tristeza e comecei a chorar, sem poder conter as lágrimas. Mas Nikolai Serguieitch mostra por mim maior ternura que nunca; quando repara no meu estado aflige-se, como se soubesse porque choro e tivesse dó de mim. E eu penso: como pode ele saber? Naturalmente encontrou o medalhão e destruiu-o Era capaz disso, na sua ira. Destruiu-o e agora está arrependido. Fui procurá-lo debaixo da janela, junto da fonte, com Matriona... Nada. Poderia ter caído na água. Passei a noite toda a chorar. Era essa a primeira noite em que não fazia o sinal da Cruz sobre o retrato. Ah, ah, isto é um mau agoiro, Ivan Petrovitch! Não anuncia nada de bom. No outro dia, ainda de olhos molhados, recomeço a chorar. Esperava-te a ti, meu amigo, como a um anjo de Deus, embora sentisse a alma em ferida.

E a velha rompeu num pranto desolador.

— Ah, esquecia-me de dizer-te uma coisa! — exclamou de repente, satisfeita por se ter lembrado. — Ouviste-o falar a respeito de uma órfã?

— Ouvi, Ana Andreievna. Disseme que pensavam os dois e tinham combinado adoptar uma rapariguinha pobre, uma órfã. É verdade?

— Eu não pensei nisso. Não quero nenhuma órfã. Recordava-me a nossa infelicidade, o nosso desgosto. Eu só posso gostar da minha Natacha. Era e será a minha única filha. Mas porque teria ele essa ideia, meu amigo?

Que pensas tu, Ivan Petrovitch? Talvez pense que eu possa consolar-me assim. Como me vê tão chorosa!

Também pode ser que queira esquecer a filha adoptando outra. Que te disse ele de mim durante o caminho?

Como o achaste, carrancudo, Cangado? Depois falaremos nisso. Não te esqueças de vir amanhã, por amor de Deus!

Capítulo décimo terceiro O velho entrou; olhou curioso, como se

estivesse envergonhado, e sentou-se à mesa.

— E o samovar? — perguntou. — Porque não o trouxeram?

— Vem já, *paizinho (*)*, vem já — apressou-se a dizer Ana Andreievna.

Assim que viu Nikolai Serguieitch, Matriona apareceu com a chaleira, como se estivesse à espera que ele chegasse para a trazer.

Era uma velha criada, hábil e delicada, mas muito rabujenta, caprichosa e teimosa. Temia-se de Nikolai Serguieitch e diante dele sabia moderar a língua. Do que se desforrava sobejamente no seu trato com Ana Andreievna. Andava sempre a resmungar e via-se bem que tinha a pretensão de dominar a patroa, embora ao mesmo tempo a estimasse cordial e sinceramente, tanto a ela como a Natacha.

A esta Matriona já eu conhecia há muito tempo.

— Hum! Não é muito agradável chegar a casa molhado e não quererem prepararem-me rapidamente uma chávena de chá — resmungou o velho a meia voz.

Ana Andreievna olhou para mim. Ele não gostava de gestos disfarçados e naquele momento esforçava-se por não olhar para nós, mas conhecia-se-lhe na cara que reparara.

— Fui tratar de um assunto, Vânia — disse de repente. — É uma vileza. Já te contei? Condenaram-me em tudo. Claro, não tenho provas! Fazem-me falta documentos que não possuo e o inquérito é injusto. Falava no seu litígio com o príncipe, o processo arrastava-se e tomara um aspecto desfavorável para Nikolai Serguieitch.

Eu calava-me, sem saber que responder-lhe. Ele olhava-me com receio.

— Então? — gritou de repente, excitado pelo nossso silêncio. — Quanto antes, melhor! Fará bem em condenar-me; não ficarei desonrado, ainda que me obriguem a pagar. A minha consciência está tranquila; condenem-me até onde quiserem. Quando me tiverem arruinado, ao menos deixar-me-ão em paz.

Abandonarei tudo e irei para a Sibéria.

(*) Antigo tratamento, de respeito carinhoso.

— Meu Deus! Para onde queres tu ir? Para quê para tão longe? — exclamou Ana Andreievna.

— Que fazemos nós aqui? — perguntou-lhe ele com rudeza, como se tivesse ficado contente com a sua contrariedade.

— Mas... e as outras pessoas? — disse Ana Andreievna? olhando-me com ansiedade.

— Quais pessoas? — gritou ele passeando o olhar irritado de mim para ela e vice-versa. — Quais pessoas? Os traidores? Os ladrões? Os caluniadores? Esses existem de sobra em todos os lados. Descansa que também os encontraremos na Sibéria. E, além disso, se não quiseres vir comigo, ficas, eu não te obrigo.

— Nikolai Serguieitch... meu amigo! Que faria eu aqui sem ti? — exclamou a pobre Ana Andreievna. — Sem seres tu, já não tenho mais ninguém no mundo...

Ficou perturbada. Calou-se e olhou para mim cheia de espanto, como se implorasse protecção e ajuda. O velho estava desesperado. Tudo o irritava, era impossível contradizê-lo.

— Acalme-se, Ana Andreievna! Na Sibéria já não se vive hoje tão mal como antes. Se lhes acontecer alguma infelicidade, se se virem forçados a venderem a vossa Ikmenievka, nesse caso, o projecto de Nikolai Serguieitch é excelente. Na Sibéria pode encontrar-se facilmente uma boa propriedade e... então...

— Aí está! Ao menos tu, Ivan, compreendes-me. Foi precisamente isso o que eu pensei. Deixo tudo e vou-me.

— Não esperava isso — gritou Ana Andreievna juntando as mãos. — Também tu, Vânia! Não esperava isso de ti, Vânia... Só tens recebido mimos de nós, e agora...

— Ah! Ah! Ah! Pois que esperavas tu? Como julgas que vamos viver aqui? Pensa um pouco! O dinheiro voou; estamos a gastar os últimos copeques e com certeza não me aconselhas a ir pedir perdão ao príncipe Piotre Alexandrovitch, não é verdade?

Quando ouviu falar do príncipe, a pobre velha começou a tremer de

medo; a colher de chá escapou-se-lhe das mãos e foi cair ruidosamente na tigela.

— Não, com certeza — exclamou Ikmeniev, troçando, com um sorriso maldoso e desabrido. — Que te parece, Vânia? Achas que faria bem em ir? Para que hei-de eu emigrar para a Sibéria? Amanhã cedinho, visto-me, penteio-me e calço-me. Ana Andreievna, prepara-me uma camisa nova, com pessoas desta categoria é necessário. Compro umas luvas elegantes e apresento-me diante de sua excelência: «Paizinho, Excelência, meu benfeitor, meu pai... perdoe-me e tenha dó de mim! Dê-me pão, tenho mulher e filhinhos!» Achas isto bem, Ana Andreievna? É isto o que tu queres?

— Paizinho, eu não quero nada, falei sem saber o que dizia; desculpa-me se te ofendi em alguma coisa, mas não grites — disse ela tremendo cada vez mais.

Estou persuadido de que ele sentia a alma dorida ao ver as lágrimas e o terror da sua pobre mulher; estou convencido de que sofria mais do que ela, mas não podia conter-se. E o que costuma acontecer às pessoas melhores, mas nervosas, e que apesar da sua bondade se deixam dominar pela excitação e pelo desgosto, às vezes com prazer, e chegam até, seja lá pelo que for, a ofender outras pessoas inocentes, e em particular os seres mais próximos.

As mulheres, por exemplo, sentem às vezes necessidade de armar em vítimas e desejam que se apiedem delas, ainda que não existam nem ofensas nem desgraças. Há alguns homens que, nisto, são parecidos com as mulheres, e precisamente aqueles que não têm nada de feminino. O velho Ikmeniev sentia necessidade de ralhar, embora com isso ele sofresse também.

Lembro-me de que uma ideia me veio então ao espírito. Não teria ele feito já algumas diligências do género da que propusera Ana Andreievna? Não lho inspirara o Senhor, e não saíra efectivamente com a intenção de ver Natacha, mas ter-se-ia arrependido no caminho ou se lhe frustrou qualquer coisa e desistiu do seu propósito — como fatalmente tinha de acontecer — e voltara para casa ressentido e

humilhado, envergonhado dos seus recentes desejos e sentimentos, procurando alguém sobre quem descarregar a sua raiva, por causa da *sua fraqueza,* e escolhendo precisamente a pessoa que suspeitava que partilhava esses desejos e sentimentos' Podia ser que, desejando embora perdoar à filha, imaginasse o entusiasmo e a alegria da pobre Ana Andreievna, e em vista do inêxito, *naturalmente,* descarregasse de preferência sobre ela.

Quando viu a mulher tremer de espanto, conteve-se, Parecia envergonhar-se da sua cólera e, por um momento, reprimiu-se. Estávamos todos calados; eu esforçava-me por não olhar para ele. Mas esse momento durou pouco. Fosse como fosse, era preciso desabafar.

— Olha, Vânia — disse de repente —, a mim, custa-me; eu não queria, mas chegou o momento de falar francamente, sem rodeios, como um homem honesto. Compreendes-me, Vânia? Estou satisfeito porque estejas presente e quero dizer diante de ti, para que também o oiçam os outros, que todos esses suspiros e essas lágrimas me exasperam. Quando arranco alguém do meu coração, ainda que seja com sangue e dor, nunca mais esse alguém volta. E assim. Disse-o e faço-o. Refiro-me ao que aconteceu há meio ano.

Compreendes, Vânia?

Levantou-se da cadeira e deu um soco sobre a mesa com tanta força que as chávenas tilintaram.

— E falo disto, francamente e intencionalmente, para que as minhas palavras não possam nunca enganar-te — acrescentou olhando com olhos cintilantes e evitando nitidamente o olhar assustado da mulher. — Repito-o: isto é um absurdo. Não quero... E o que mais me indigna é que, como a um imbecil, como o maior malandro, *todos* me julguem capaz de ter tão baixos, tão covardes sentimentos... Pensam que a dor me faz perder a cabeça... Que absurdo! Eu afugentei, esquecime dos antigos sentimentos.

— Nikolai Serguieitch, tenha piedade de Ana Andreievna — gritei, indignado, sem poder conter-me e olhando-o quase com aborrecimento. — Repare na maneira como está procedendo com ela.

Mas isto não foi senão deitar mais lenha na fogueira.

— Não há piedade! — exclamou ele tremendo e empalidecendo. — Não tenho piedade porque de mim também não a têm... Na minha própria casa há conjuras contra a minha fronte agravada, a favor de uma filha corrompida, digna de maldição e de todos os castigos.

— Paizinho Nikolai Serguieitch, não a amaldições! Tudo o que quiseres, tudo, menos isso! Não amaldições a tua filha! — gritou Ana Andreievna.

— Sim, amaldiçoo-a! — gritou o velho ainda com mais energia que antes —, já que exigem de mim, que fui ofendido, uns com suspiros e outros com alusões, que eu vá ver essa maldita e lhe peça perdão. Sim, sim, é assim mesmo! Por causa disso martirizam-me de dia e de noite, diariamente, na minha casa! Olha, Vânia -— acrescentou, tirando da algibeira uns papéis, com a mão trémula —, olha para os maços do nosso pleito, onde dizem que eu despojei o meu benfeitor, onde me chamam ladrão e esbanjador... Estou desonrado, difamado por causa dela, por sua causa!

E lançou sobre a mesa vários papéis que tirara com precipitação da algibeira, uns atrás dos outros, procurando impacientemente entre eles aquele que queria mostrar-me; mas o documento precioso parecia esconder-se propositadamente. Na sua impaciência tirou da algibeira tudo quanto lhe vinha à mão e de repente... qualquer coisa pesada e sonora caiu sobre a mesa. Ana Andreievna deu um grito. Era o medalhão perdido! Eu não queria acreditar no que via. O sangue afluiu ao rosto do velho e afogueou as suas faces.

Teve um sobressalto. Ana Andreievna levantou-se, estendeu a mão e olhou-o, suplicante. O seu rosto brilhava numa esperança alegre e luminosa. A vermelhidão, a comoção do velho, à nossa vista... Sim, sim, ela não se enganara; compreendia agora como é que o medalhão tinha desaparecido. compreendia que ele o encontrara e ficara satisfeito com o achado, e talvez, trémulo de alegria, o tivesse guardado para escondê-lo de todos os olhares; talvez, sozinho, às escondidas de todos, se comprazesse em contemplar o rosto da filha querida... sem nunca se

cansar; talvez ele, tal como a infeliz mãe, se escondesse de todos para falar com a sua adorada Natacha, para imaginar as suas respostas e responder por ela, e à noite, numa tristeza torturante e lançando suspiros, beijaria a imagem querida e, em vez de maldições daria o seu perdão e>a sua bênção àquela que não queria ver e amaldiçoava à frente dos outros.

— Então ainda gostas dela, meu querido? — exclamou Ana Andreievna sem poder conter-se, diante daquele pai sombrio que havia um instante amaldiçoara a sua Natacha.

Ao ouvir isto, uma cólera ensandecida brilhou nos olhos do velho. Pegou no medalhão, atirou-o ao chão e espezinhou-o furiosamente.

— Para sempre, amaldiçoou-a para sempre! —- gritou com uma voz tremendamente cortante. — Para sempre, para sempre!

— Meu Deus! — exclamou a velha. — A ela, a ela, à minha Natacha! A carinha da minha Natacha debaixo dos teus pés! Tirano, cruel, orgulhoso, coração de pedra!

Quando ouviu os gemidos da mulher, o velho furioso quedou-se espantado daquilo que fizera.

De repente, pegou no medalhão e ia já para sair, mas ainda mal saíra do quarto caiu de joelhos, agarrando-se com as mãos ao divã, que estava próximo, apoiando a cabeça inerte sobre ele. Soluçava como uma criança, como uma mulher. Os soluços assaltavam-lhe o peito, como se quisessem aniquilá-lo. O severo velho estava nesse instante mais débil que uma criança. Oh, agora já não podia amaldiçoar; agora já não se envergonhava de nós, e no seu irreprimível arrebatamento de amor pôs-se na nossa presença a cobrir de beijos inumeráveis o retrato que um minuto antes espezinhara sobre o chão. Parecia que toda a sua ternura, todo o seu amor pela filha, tanto tempo reprimidos, irrompiam agora com uma força irresistível e ao estalarem com essa força arrastavam atrás de si todo o seu ser.

— Perdoa-lhe! Perdoa-lhe! — gritou Ana Andreievna abraçando-o. — Deixa que ela volte para casa de seus pais, meu querido, que Deus, no seu terrível juízo, há-de levar em conta a tua mansidão e a tua clemência!

— Não, não, nunca! — exclamou ele com voz estridente e ofegante. — Nunca, nunca!

Capítulo décimo quarto

Só pelas dez horas consegui aparecer em casa de Natacha. Ela vivia agora no cais de Fontanka, perto da ponte Semionovski, no sujo prédio *principal* do comerciante Kolotuchkin, no 4.º andar. Nos primeiros tempos, quando da sua fuga da casa paterna, ela e Aliocha moravam num andar, não muito grande mas bonito e cómodo, na Liteinaia (’). Mas em breve se acabaram os recursos do jovem príncipe. Não se tornara professor de música; começou a pedir dinheiro emprestado e contraiu dívidas enormes. Gastava o dinheiro em pagar o andar e em presentes para Natacha, que protestava contra esse esbanjamento, ralhava com ele e às vezes até se punha a chorar. O sensível e terno Aliocha, que era capaz de passar uma semana inteira a pensar com prazer no presente que lhe daria e como é que ela o acolheria, que fazia disso uma verdadeira festa e estava constantemente a falar-me das suas esperanças e ilusões, ficava tão desanimado com aqueles ralhos e lágrimas que sofria dolorosamente e, por causa desses presentes, surgiam entre eles censuras, discussões e desgostos.

Além disso, Aliocha gastava muito, às escondidas de Natacha, divertindo-se com antigos camaradas que o impeliam a enganá-la... Ia com Josefinas e Minas (2), apesar de amá-la loucamente. Amava-a até com certa dor. Dizia-me muitas vezes, triste e -pesaroso, que o humilhava valer menos que um dedo da sua Natacha e que se sentia incapaz de elevar-se até ela e de fazer-se digno do seu amor.

(*) Uma das principais avenidas de Petersburgo.
(2) Nomes ***de tocattes alemãs.***

Em parte, tinha razão. Eram completamente diferentes. Ele sentia-se uma criança diante dela e ela olhava-o sempre como uma criança. Confessava-me, com as lágrimas nos olhos, as suas aventuras com Josefinas e pedia-me que não falasse disso a Natacha; e quando, tímido e

irritado, ia vê-la em minha companhia (infalivelmente em minha companhia), afirmava-me que não se atrevia a enfrentar o seu olhar, depois da sua falta, e que só eu podia valer-lhe. A Natacha bastava vê-lo para adivinhar tudo. Ela era muito ciumenta e nem sei como podia perdoar-lhe sempre todas as suas culpas. De uma maneira geral, as coisas passavam-se assim: Aliocha entrava comigo e começava a falar-lhe com humildade, olhando-a timidamente, nos olhos. Ela adivinhava imediatamente que ele tinha culpas, mas não dizia nada, nem começava logo a falar nisso, nem lhe fazia censuras e, pelo contrário, começava a acariciá-lo e punha-se muito contente, e não por uma atitude estudada ou por fingimento, mas sinceramente, pois para esta admirável criatura era um prazer perdoar e amar.

Parecia que, perdoando a Aliocha, experimentava uma satisfação especial. Mas por enquanto tratava-se apenas de Josefinas. Ao vê-la assim tão clemente e mansa, Aliocha já não podia conter-se e punha-se então ele próprio a contar-lhe tudo sem que ninguém o interrogasse, para desabafar e *ficar como antes,* conforme dizia.

Quando lhe perdoávamos, o seu entusiasmo não tinha limites. As vezes até chorava de júbilo, de prazer.

Beijava-a e abraçava-a. Depois ficava muito contente e começava a contar-nos com uma sinceridade infantil todos os pormenores das suas relações com Josefina; ria-se, ria-se às gargalhadas, e o serão terminava bem, alegremente.

Quando se lhes acabou o dinheiro, começou a vender objectos. Para alojamento de Natacha procuraram um quarto pequenino, barato, no Fontanka.

Continuaram a vender coisas; Natacha chegou a vender vestidos e a procurar trabalho de costura; quando o soube, Aliocha ficou desesperado; jurou, gritou que se desprezava a si próprio, mas com isso não se remediava nada.

Actualmente, até esses últimos recursos se lhe tinham acabado. Restava-lhe apenas o trabalho; mas a retribuição era insignificante.

Nos primeiros tempos em que viveram juntos, Aliocha teve grandes

altercações com o pai. A insistência do príncipe em querer casar o filho com a enteada da condessa, Catarina Fiodorovna, não passava de um projecto; no entanto, estava bem aferrado a este projecto. Apresentou a Aliocha a sua futura noiva, incitou-o a esforçar-se por se lhe tornar simpático e obrigou-o a isso com muitos conselhos; entretanto o caso dificultava-se por causa da condessa. Depois o pai começou a fechar os olhos sobre as relações do filho com Natacha, confiado no tempo e esperando que, dada a leviandade do rapaz, o tempo esfriaria o seu amor. Quase deixou de importar-lhe a hipótese de o filho casar-se com Natacha.

Os amantes, esses, tinham adiado este projecto até à reconciliação com o pai e até que as circunstâncias mudassem.

Era visível, para mais, que Natacha não queria falar disso. Aliocha dissera-me em segredo que o pai estava muito contente com toda esta história, pois gozava com a humilhação dos Ikmenieves.

Somente por formalidade continuara a mostrar má cara ao filho; reduziu-lhe a sua já bastante exígua pensão (era demasiado avaro com ele) e ameaçou-o de retirar-lha completamente; mas em breve partiu para a Polónia, ao encontro da condessa, que tratava então aí dos seus interesses, sempre com a ideia de conseguir o seu projecto nupcial. A bem dizer, Aliocha era ainda muito novo para se casar; mas a noiva que ele lhe propunha era muito rica e não se podia pensar em perder tal oportunidade. O príncipe conseguiu o seu fim. Até nós chegaram rumores de que finalmente o casamento fora combinado. No tempo a que me refiro acabava o príncipe de regressar a Petersburgo. Acolheu o filho afavelmente, mas a sua teimosia em continuar com Natacha desgostou-o. Começou a duvidar, a recear. Exigiu-lhe enérgica e terminantemente a ruptura; mas depois pensou que seria melhor apelar para outros meios e levou Aliocha a casa da condessa. A enteada, embora fosse ainda quase uma criança, tinha fama de possuir uma grande beleza, uma grande bondade e um espírito sereno e alegre, inteligente e sensato. O príncipe pensava que seria necessário meio ano para conseguir o seu objectivo, que Natacha depois não teria já para seu filho o atractivo da novidade e

que ele não olharia para a sua futura noiva da mesma maneira que agora.

Em parte, mas apenas em parte, acertou. De facto, Aliocha ficou seduzido. Acrescentarei que o pai, de um momento para o outro, começou a mostrar-se muito amável com o filho (excepto na questão de dinheiro). Aliocha suspeitava que debaixo dessa afabilidade se ocultava um propósito decidido, irrevogável, e sofria... embora não tanto como teria sofrido se não visse todos os dias Catarina Fiodorovna. Eu sabia que havia já cinco dias que Aliocha não ia a casa de Natacha. com a avidez de vê-la, que sempre conservei, corri até lá, de casa dos Ikmenieves, pensando naquilo que ela queria dizer-me. Logo ao longe descobri uma vela acesa na janela. Havia muito tempo que combináramos que ela poria uma vela na janela quando tivesse uma grande e imprescindível necessidade de me ver, para que, se por casualidade me acontecesse passar por ali próximo (o que se dava quase todas as noites), ao ver essa luz desacostumada na janela, eu pudesse compreender que ela me esperava e que eu lhe era necessário. Nos últimos tempos rara era a noite em que faltava a luz...

Capítulo décimo quinto

Fui encontrar Natacha sozinha. Passeava pelo quarto de um lado para o outro, com os braços cruzados no peito e como se estivesse afundada num sonho. Há já algum tempo que o samovar me esperava sobre a mesa.

Natacha estendeu-me a mão em silêncio e a sorrir. Tinha a cara pálida, a expressão era de sofrimento. No seu sorriso havia qualquer coisa de resignado, doloroso e terno. Os seus olhos claros pareciam maiores que de costume, e os cabelos mais espessos, naturalmente por efeito da magreza e da doença.

— Julguei que não vinhas — disse, estendendo-me a mão. — Ia mandar Mavra para ver se estavas doente.

— Não, não estive doente, é que me entretiveram. Eu já te conto. Que há de novo?

— Nada — disse ela fingindo surpresa. — Porque me fazes essa pergunta?

— Como me escreveste ontem marcando-me uma hora e dizendo-me que não deixasse de vir pontualmente, nem mais cedo nem mais tarde, e isto não é normal...

— Ah, sim! É que julguei que *ele* viria hoje...

— Mas ele não vem todos os dias?

— Não; e eu pensava que, se ele não viesse, teria de falar contigo — acrescentou depois de um momento de silêncio.

— E tu esperava-lo esta noite?

— Não, não esperava. Esta noite vai ele até *lá.*

— E tu pensas, Natacha, que já não virá mais?

— Há-de voltar, com certeza — respondeu, olhando-me com uma seriedade especial.

Não lhe agradava a rapidez das minhas perguntas. Ficámos um momento calados, continuando a passear pelo quarto.

— Estive bastante tempo à tua espera — disse, sorrindo de novo. —

Sabes o que eu fazia? Olha, passeava de um lado para o outro recitando uns versos. Lembras-te? *O pequeno chocalho, o caminho sob a neve. O samovar que ferve sobre a mesa de carvalho...* Nós recitávamo-los juntos *(*) : O Sol já se pôs; o caminho está claro E a noite olha com os seus milhões de pupilas turvas...*

E depois: *De repente o meu ouvido escuta... a voz apaixonada do [poeta Vibrando no doce tilintar do chocalho. «Oh, quando, quando chegará o meu amigo Para descansar no meu regaço!»*

Que hora tão doce! Brilhando sobre os vidros, A Lua começa a brincar com o orvalho. O samovar ferve sobre a mesa de carvalho O fogão crepita e jorra luz, num canto. Atrás da cortina colorida está o leito...

«Que bonito! Que versos tão comovedores e que quadro tão fantástico eles descrevem! Há apenas a tela, o desenho está só esboçado... podemos bordar nele o que quisermos. Duas comoções, a primeira e a última. , «Esse samovar, essa cortina de indiana... como isso tudo é familiar! Tal como nas casas abastadas da nossa vila; a mim, parece-me que vejo essa casa; novinha, de madeira, ainda sem tábuas a revesti-la... E também este outro quadro:

(*) Versos de um poema de Pblonski, poeta posterior a Puchkin.

Depois a mesma voz se torna a ouvir, Ressoando tristemente no tilintar do chocalho. Onde está o meu velho amigo? Tenho medo de que ele não [venha mais Para me encher de beijos e carícias. Oh, que vida a minha! Tão triste, tão mesquinha! Como está triste este quarto! O vento sopra sobre os vidros! Lá fora há apenas uma torre que a névoa já não deixa ver; Pode ser que tenha desaparecido.

Oh, que vida! As cortinas do meu leito já estão descoloridas! Estou doente mas não volto para casa de meus pais. Seria enganar a todos... Para mim não haveria mais perdão... E a velhota começaria logo a resmungar...

«Estou doente. Esse *doente,* como está bem aplicado. *Seria enganar a todos...* quanta ternura e languidez nestes versos e quantas saudades dolorosas; mas uma dor dessas que a própria pessoa provoca e ama...

Senhor, como isso é tudo tão verdadeiro!

Ficou calada, como se se abandonasse ao começo de uma vertigem mental.

— Meu querido Vânia! — disse, depois de uns minutos de silêncio.

Em seguida calou-se de repente, como se se esquecesse do que queria dizer ou dissesse aquilo só por dizer, levada por um impulso de momento. E ao mesmo tempo continuávamos a passear pelo quarto. Em frente da imagem ardia uma lamparina. Nos últimos tempos Natacha mostrava-se mais devota, mas não gostava que lhe falassem disso.

— O quê? Há festa amanhã? — perguntei-lhe. — acendeste a lâmpada?

— Não, não há festa — respondeu. — Mas senta-te, Vânia, deves estar cansado. Queres chá? Ainda não o tomaste? Donde vens agora?

— De casa *deles* — era assim que designávamos sempre os pais dela.

Submeteu-me a um verdadeiro interrogatório. Devido à comoção, a cara tornara-se-lhe ainda mais pálida.

expliquei-lhe pormenorizadamente o meu encontro com o velho, a minha conversa com a mãe e a cena do medalhão. Contei-lhe tudo minuciosamente, sem omitir nada. Escutava-me avidamente, bebendo cada uma das minhas palavras. Eu nunca lhe escondia nada. Brilhavam lágrimas nos seus olhos; a cena do medalhão provocou-lhe uma comoção violenta.

— Diz-me mais coisas, Vânia, mais coisas! — disse, interrompendo a minha narrativa a todos os momentos.

— Dá-me mais pormenores, diz-me tudo, tudo, com o máximo de pormenores que possas. Tu saltas muitas coisas.

Repeti-lhe a minha narrativa pela segunda e terceira vez, respondendo largamente às suas contínuas perguntas.

— Achas que, de facto, ele queria vir aqui? — perguntou depois de um momento de silêncio.

— Não sei, Natacha, não faço a menor ideia. Que ele está triste por tua causa, e gosta de ti, salta à vista...

Tenho a certeza de que gosta de ti e sofre por te ter perdido; quanto a

ter a intenção de vir ver-te, isso... isso...

— Dizes que beijou o meu retrato? E que dizia quando o beijava?

— Apenas palavras soltas, exclamações. Chamava-te os nomes mais ternos... chamava-te...

— Chamava-me!

— Sim.

— Coitados! — disse. — E ele sabe tudo — acrescentou depois de um silêncio. — Isso não é prudente. A respeito do pai de Aliocha também sabe muitas coisas.

— Natacha — disselhe eu timidamente. — vamos vê-los... vem comigo, queres?

— Quando? — disse alarmada e estremecendo no seu lugar.

Pensava que eu queria ir naquele mesmo instante.

— Não! Não falemos mais nisso... é melhor, Vânia — acrescentou cruzando as mãos sobre o peito e sorrindo tristemente. — Não, meu amigo! Insistes sempre sobre a mesma coisa, mas não me fales-mais disso...

— Então... nunca, nunca mais esta terrível história terá fim — gritei desolado. — És tão orgulhosa que não te decides a dar o primeiro passo. Ele só espera isso, tu deves ser a primeira. Talvez não espere senão isso para perdoar-te... Ele é teu pai, tu ofendeste-o. Respeita a sua dignidade, que é lógica, que é natural. É isto o que deves fazer! Vem, que ele perdoar-te-á sem condições.

— Isso é impossível, Vânia, e não me censures inutilmente. Desde que os abandonei tenho pensado nisso dia e noite. Quantas vezes não falei disto contigo! E tu mesmo sabes que não é possível tentar uma coisa dessas.

Não, meu amigo, não posso! Se o tentasse ainda se enfurecia mais contra mim. O passado não volta, e sabes porque é impossível que volte? Porque é impossível que voltem aqueles anos felizes da minha infância que passei com eles. Ainda que o pai perdoasse, agora já não me reconheceria. Ele amava ainda em mim a criança, a menina. Amava a minha inocência infantil. Quando me acariciava olhava-me ainda na

testa, como quando eu tinha sete anos e, sentada sobre os seus joelhos, lhe cantava as minhas cantiguinhas de roda. Desde a primeira até à última noite em que estive com eles, sempre foi até à minha cama para abençoar-me. Um mês antes da nossa desgraça comprou-me uns brincos sem eu saber. Estava contente como um petiz, pensando como eu ia ficar satisfeita com o presente, e zangou-se muito com todos, e comigo em primeiro lugar, quando lhe disse que havia já algum tempo estava ao facto da compra dos brincos. Três dias antes da minha saída notou que eu estava triste e afligiu-se tanto que até ficou adoentado e... sabes o que ele fez? Para me distrair, empenhou-se em levar-me ao teatro... Oh, meu Deus! Julgava que podia assim curar a minha tristeza. Repito-o, ele via e amava em mim a criança e não queria pensar que algum dia me tornaria mulher. Isto não lhe entrava na cabeça. Se eu voltasse agora para casa não me reconheceria. Ainda que me perdoasse, quem é que ele receberia agora? Eu já não sou a mesma. Já vivi muito. Embora lhe agradasse assim, ele havia de suspirar pela felicidade passada *e* teria de reconhecer com desgosto que eu já não sou a mesma de antes, de quando ele amava ainda em mim a criança, e o que passou parece sempre melhor. E sempre com dor que o recordamos!

Oh, e que belo é o passado, Vânia! — exclamou, interrompendo-se com este grito, que lhe confrangia dolorosamente o coração.

— É verdade o que tu dizes, Natacha — respondi-lhe ell — Mas isso significa que, agora, terá de conhecer-te e querer-te outra vez... Porque o principal é conhecer... Mas que importa? Pensas por acaso que ele não será capaz de compreender-te? Ele, com o coração que tem...

— Vânia, não sejas injusto. Que tem de especial que me compreenda? Eu não estava a falar disso... Mas escuta. O amor paterno também tem os seus ciúmes. Ele está ofendido por eu ter convivido com Aliocha sem ele saber. Ele sabe que nem sequer suspeitava isto, e ainda mais, que as infelizes consequências do nosso amor e a minha fuga lhe custa a minha *ingrata* dissimulação. Eu não fui ter com ele desde o princípio, não lhe revelei o menor palpitar do meu coração desde o começo do meu amor; pelo contrário, ocultei-lhe tudo, escondi-me dele. E afirmo-te, Vânia,

essas dissimulações doem-lhe mais, ofendem-no mais que as próprias consequências do meu amor... Isto é, o meu afastamento deles e a minha entrega total ao meu amante.

Suponhamos que ele me recebe agora como um pai carinhoso e afável; ainda assim restar-lhe-ão alguns motivos de hostilidade. Ao segundo, ao terceiro dia surgiriam as reticências, as recordações, as censuras.

Embora me perdoasse não o faria incondicionalmente. Suponhamos que eu, no fundo do meu coração, reconheço que ele tem direito a estar ressentido até ao último extremo, que sou culpada. E embora me seja doloroso que ele não queira compreender quanto me custa a mim própria esta *felicidade* com Aliocha e os sofrimentos que eu própria tive de padecer, que me submeto em tudo à sua vontade e a tudo me resigno...

pois, ainda assim, tudo isso há-de parecer-lhe pouco. Exigirá de mim uma submissão impossível; exigirá que renegue o meu passado, que renegue Aliocha e o meu amor por ele. Há-de pretender o impossível: que volte ao passado e apague da nossa vida este meio ano. Mas eu não posso renegar nada disso, eu não posso renunciar... O que aconteceu, tinha de acontecer...

Não, Vânia, agora já não é possível! Ainda não chegou o momento.

— Então quando chegará?

— Não sei. Ainda devo sofrer pelo nosso bem futuro... comprá-lo ao preço de novas torturas. O sofrimento purifica tudo!

Fiquei calado e olhei-a, pensativo.

— Porque me olhas assim, Aliocha... isto é, Vânia? — exclamou, enganando-se e rindo do seu erro.

— Vejo-te rir, Natacha. Onde foste buscar esse riso? Há pouco não o tinhas.

— Pois que tem o meu sorriso?

— Mostra que, verdadeiramente, ainda conservas a Candura infantil... Mas quando te ris, parece que se te aperta o coração... Estás mais magra, Natacha, até parece que tens o cabelo mais farto; é esta a recompensa que

te dão? Isso também é obra dele?

— Como tu gostas de mim, Vânia! — respondeu, olhando-me com afecto. — E tu, que fazes agora? Trazes qualquer trabalho entre mãos?

— O costume; escrevo romances, mas com muito custo e sem proveito. A inspiração não me acode. Não é possível escrever e concentrar a atenção quando se está triste; a dor destrói as ideias felizes. Além disso, para os jornais é preciso escrever com prazo fixo. Eu, agora, penso deixar o romance e escrever narrativas curtas, qualquer coisa de leve e gracioso e sem ponta de tristeza. Estou decidido. Toda a gente precisa de estar contente e divertir-se!

— Pobre de ti! Trabalhas tanto... E Smith? —- Smith morreu.

— Ele não te *apareceu?* Digo-te isto a sério, Vânia, porque estás com os nervos escangalhados; tudo isso são desvarios.

Quando me falaste em alugar esse quarto logo te avisei. Deve ser um quarto húmido e insalubre.

— Isso é. Ainda esta noite me aconteceu lá uma coisa... Mas depois te contarei...

Ela estava agora afundada numa meditação profunda.

— Como poderia eu escapar-me deles? Devia ter febre — disse, olhando-me com uns olhos que não esperavam resposta Se eu lhe tivesse falado naquele momento, não me ouviria.

— Vânia — disseme com uma voz quase imperceptível) pedi-te que viesses para falar-te de uma coisa.

— De quê?

— Rompi com ele. É preciso acabar com esta vida. Chamei-te para desabafar contigo tudo quanto tenho calado até agora.

Era sempre assim que a pobrezinha começava as suas confidências, anunciando-me segredos, mas percebendo logo que eu já os conhecia todos.

— Ai, Natacha! Já te ouvi mil vezes dizer a mesma coisa! Não duvido de que, embora vivam juntos, nada haja de comum entre vocês; a vossa união é um tanto estranha. Mas... terás coragem para separar-te?

— Até hoje havia apenas essa intenção, Vânia, mas agora estou

resolvida. Gosto dele até à loucura; no entanto, compreendo que sou o seu primeiro inimigo, que estou a estragar o seu futuro. É preciso que lhe devolva a sua liberdade. Casar-se comigo, não pode, não tem energia para fazer frente ao pai. E eu também ”não posso obrigá-lo. E além disso fico muito satisfeito se ele casar com essa noiva que lhe arranjaram. Assim não lhe custará tanto separar-se de mim. Devo fazê-lo. É a minha obrigação... Se o amo devo sacrificar tudo por ele, devo provar-lhe o meu amor, tenho obrigação disso. Não é verdade?

— E poderás convencê-lo?

— Nem sequer o tentarei. Se entrasse aqui neste momento, seria para ele a mesma de sempre. Mas tenho a obrigação de encontrar um meio para que ele me abandone sem remorsos. É isto o que me aflige, Vânia. Não serias capaz de aconselhar-me qualquer coisa?

— Só há um meio — disse eu —, deixá-lo completamente e amar outro. Simplesmente, é difícil; já conheces o seu carácter. Há cinco dias que não vem. Suponhamos que te abandonou definitivamente; não tinhas mais nada a fazer senão escreveres-lhe uma carta dizendo-lhe que eras tu quem o deixavas e verias como ele vinha logo.

— Porque não gostas dele, Vânia?

— Eu?

— Sim, tu, tu. Tu és o seu inimigo secreto e raivoso. Tenho visto muitas vezes que o teu maior prazer é rebaixá-lo e enegrecê-lo. Sobretudo pintá-lo de cores negras; digo-te isto a sério.

— Já mo disseste mil vezes, Natacha! Basta, Natacha! Falemos de outra coisa.

— Queria mudar-me para outro quarto — disse outra vez. — Mas não te aborreças, Vânia...

— Juro-te que não estou aborrecido! Mas para que te hás-de mudar? Ele dava logo contigo.

— O amor é poderoso e o seu novo amor retê-lo-ia. Se voltasse para mim, não seria senão por um momento...

Não achas?

— Não sei, Natacha. Nesse homem tudo é inexplicável. Quer casar-se

com outra e amar-te a ti. Ele é capaz de tudo ao mesmo tempo.

— Se eu tivesse a certeza de que ele a amava, então, Vânia, não me escondas nada! Sabes alguma coisa e não me queres dizer?

Olhou-me com olhos inquietos e indagadores.

— Não sei nada, minha amiga, palavra de honra. Sempre fui franco para contigo. Aliás, suponho que não deve estar tão apaixonado pela enteada da condessa como pensamos.

— Achas, Vânia? Meu Deus, se isso fosse verdade! Só queria que ele entrasse neste momento, pois conhecia logo tudo na sua cara. Mas não vem, não vem!

— Espera-lo, Natacha?

— Não. Ele está com *ela,* bem o sei... mandei indagar... Quanto eu daria para vê-la, a ela! Ouve, Vânia, vou dizer um absurdo, mas não será possível que eu a veja, não poderei chegar um dia a conhecê-la? Que pensas tu?

Aguardava a minha resposta num desassossego.

— Vê-la, ainda seria possível... Mas vê-la, só, é pouco.

— Eu contentar-me-ia em vê-la; isso bastava para eu adivinhar o resto. É que eu endoideço a andar assim, sozinha, com os meus pensamentos, por este quarto, para trás e para diante! Pensamentos como um torvelinho, tão dolorosos! Pensei se tu não poderias conhecê-la. Disseste-me que a condessa elogiou muito o teu romance. Tu vais algumas noites a casa do príncipe R..., onde ela também vai. Procura que ta apresentem.

Aliocha mesmo pode apresentar-ta. Depois poderás dizer-me tudo aquilo que me interessa.

— Natacha, minha amiga, falaremos disso depois. Mas diz-me seriamente: achas que terás coragem para uma ruptura? Examina-te agora. Estás serena?

— Havia de ter — disse muito baixo. — Por ele... tudo. A minha vida toda por ele! Mas escuta, Vânia, o que me enlouquece é pensar que agora ele está com ela, esquecido de mim, sentado ao seu lado, conversando e rindo, lembas-te?, como quando se sentava aqui... Olha-a nos olhos... Ele

olha sempre assim, e nem sequer se lembra de que eu estou aqui... contigo...

— E és tu, Natacha... aquela que há pouco dizia...

— Unamo-nos e não nos separemos nunca — atalhou-me com olhos cintilantes. — Eu estou-lhe grata por isto. Mas custa muito, Vânia, que seja ele o primeiro a esquecer-me. Ai, Vânia, que suplício! Nem eu mesma me compreendo. Penso uma coisa e depois outra... Que vai ser de mim?

— Basta, basta, Natacha, acalma-te!

— Já lá vão cinco dias que a todas as horas, a todos os momentos... A sonhar, acordada, sempre ele, ele!

Vânia, vamos até lá, leva-me.

— Basta, Natacha, não vamos.

— Estava à tua espera, Vânia! Há três dias que penso neste projecto. Por isso te escrevi... É preciso que me leves, não deves negar-te a isso... Esperava-te há três dias...

Parecia fora de si. No vestíbulo ouviu-se um ruído; parecia que Mavra discutia com alguém.

— Escuta, Natacha! Quem será? — perguntei-lhe. Escutou com um sorriso incrédulo e, de repente, fez-se terrivelmente pálida.

— Meu Deus! Quem será? — disse com voz sumida. Quis reterme, mas eu precipitei-me para o vestíbulo, ao encontro de Mavra. Era quem eu supunha! Era Aliocha. Ele perguntava qualquer coisa a Mavra, e esta, a princípio, não queria deixá-lo entrar.

— De onde vens tu? — dizia ela cheia de autoridade.

— Como? Está bem, está bem; mas por onde temos andado? Agora vai-te. A mim não me enganas tu. Vamos, desaparece. Que disseste?

— Não tenho medo de ninguém... vou entrar! — disse Aliocha um pouco desconcertado.

— bom, vai-te. És demasiado estouvado.

— Eu entro... Ah! O senhor está aqui? — exclamou quando me viu. — Muito prazer em vê-lo! Bem, já aqui estou! Que devo fazer?

— Entrar, simplesmente — respondi-lhe. — De que tem medo?

— Eu não tenho medo de nada, afirmo-lhe, porque eu, para com ela, Deus é testemunha, não sou culpado.

Pensa talvez que o sou? Pois vai ver como eu me justifico imediatamente. Natacha, posso entrar? — disse com um peculiar sorriso afectuoso, de pé, diante da porta fechada.

Ninguém lhe respondeu.

— Que significa isto? — perguntou com inquietação.

— Nada; ela estava aí há um momento — respondi eu.

— Talvez qualquer coisa...

Aliocha abriu a porta e, cautelosa e timidamente, deitou um olhar para o quarto. Não estava ninguém. Depois, de

repente, viu Natacha escondida entre o armário e a janela. Estava aí escondida, mais morta do que viva.

Quando me lembro disto ainda hoje não posso deixar de sorrir. Aliocha aproximou-se dela devagarinho.

— Natacha, que tens? Boa noite, Natacha — disse timidamente, olhando-a com certo receio.

— Quem... eu? Nada! — respondeu ela terrivelmente comovida, como se tivesse cometido qualquer falta. — Queres chá?

— Natacha, escuta — disse Aliocha completamente transtornado —, pensas que sou culpado mas não o sou...

De maneira nenhuma! Tu própria hás-de ver... Hei-de contar-te tudo!

— Para quê? — murmurou Natacha. — É inútil. Toma a minha mão de amiga e o resto acabou-se para sempre — e quando saiu do seu esconderijo as cores começavam a subir-lhe às faces. Vinha de olhos baixos, como se não se atrevesse a olhar para Aliocha.

— Oh, meu Deus! — exclamou ele comovidamente. — Se eu tivesse alguma culpa não me atreveria a olhá-la no rosto depois disto. Repare, repare! — gritou encarando comigo. — Considera-me culpado; estão todos contra mim, todas as aparências me condenam. Há cinco dias que não venho. Correm boatos de que estou com a noiva e que faz ela? Despede-me. Diz-me: «Dá-me a mão e acabou-se!» Natacha, minha querida, meu anjo, eu não tenho culpa, tu bem sabes! Eu não tenho culpa

de nada! Pelo contrário!

— Mas... tu, *lá...* Tu, agora, foste convidado *para. lá...* Como é que estás aqui? Que horas são?

— Dez e meia. Estive *lá, é* verdade... Mas disselhes que me sentia indisposto e vim, e esta é a primeira, a primeira vez que em cinco dias me vejo livre, que consegui deixá-los e vir ver-te, Natacha. Claro que podia ter vindo antes, mas foi intencionalmente que o não fiz. Porquê? Já vais saber, eu já explico. Foi para isso que vim, para explicar-te, e juro-te em nome de Deus que desta vez não tenho nada que censurar-me diante de ti.

Nada!

Natacha levantou a cabeça e olhou-o... Como resposta os olhos do rapaz brilharam com tal alegria, com um tão honesto alvoroço, que era impossível não acreditá-lo. EU pensava que eles, como tantas outras vezes, iriam lançar um grito e atirarem-se nos braços um do outro. Esperei um desses momentos de reconciliação que já tinha presenciado. Natacha, como se sufocasse de felicidade, inclinou a cabeça no seu peito e de repente começou a chorar... Aliocha não pôde conter-se. Lançou-se a seus pés. Beijava-lhe as mãos e os pés, parecia delirante. Aproximei uma cadeira e ele sentou-se. As pernas fraquejavam-lhe.

SEGUNDA PARTE

Capítulo primeiro

Um instante depois ríamos como loucos.

— Mas deixem-me, deixem-me contar-vos — gritou Aliocha impondo a sua voz sonora sobre os nossos risos.

— Eles julgam que, agora, é o mesmo de antes... Que me entretenho com ninharias... Mas eu digo-vos que trago entre mãos um assunto interessantíssimo... Então não se calam?

Ardia de impaciência por falar. Pelo seu aspecto podia concluir-se que trazia notícias importantes. Mas a própria gravidade do seu rosto, ingenuamente ufana, fazia rir Natacha. Eu pus-me também a rir, e quanto mais ele se zangava connosco mais nós nos ríamos. A zanga e o desespero infantil de Aliocha acabaram depois por nos pôr nesse estado de espírito em que basta mostrar o dedo mínimo para imediatamente se desatar a rir, como o marinheiro de Gogol. Mavra, que chegava da cozinha, parou à porta e, olhando-nos com sincero desgosto, lamentou que a boa Natacha não tivesse deixado Aliocha na rua, como esperara que acontecesse durante esses cinco dias, e que ainda por cima estivéssemos todos tão contentes. Finalmente, quando viu que os nossos risos ofendiam Aliocha, Natacha deixou de rir.

— Que queres tu contar-nos?

— Então o samovar não se prepara? — perguntou Mavra intrometendo-se, sem a menor consideração por Aliocha.

— Vai-te embora Mavra, vai! — respondeu-lhe este pegando-lhe numa das mãos e empurrando-a precipitadamente. — vou contar-vos tudo, tudo o que se passou, e tudo o que está para se passar, pois já sei tudo. Eu bem vejo, meus amigos, que querem saber onde é que estive estes cinco dias e é isso o que eu quero contar-vos; simplesmente, vocês não me deixam. Em primeiro lugar, deves ficar a saber, Natacha, que te enganei durante todo este tempo; já há muito, muito, que te engano, e isto é o principal.

— Que me enganas!

— Sim, há um mês, ainda antes de o meu pai ter vindo. Agora chegou o momento de falar com franqueza. Há um mês, quando ainda estava fora, o meu pai escreveu-me uma carta muito grande, da qual não vos disse nada. Nessa carta comunicava-me ele simplesmente, e reparem, num tom tão sério que fiquei assustado, que o assunto do meu casamento já estava arrumado, que a minha noiva era um modelo de perfeição, e que embora, naturalmente, eu fosse indigno dela, casaríamos irrevogavelmente, e que por isso devia fazer o possível por esquecer todas as loucuras que me enchiam a cabeça, etc., *etc.* Bem, o que ele entende por loucuras já sabem o que é. Ora eu ocultei-vos esta carta com o maior mistério.

— Ocultaste-nos! — interrompeu Natacha. — Olhem do que ele se gaba! Contaste-nos logo tudo! Ainda te vejo a procurares desculpar-te, terno e conciliador, como se eu tivesse alguma coisa que perdoar-te; e disseste-nos o conteúdo da carta, parágrafo por parágrafo.

— Isso não é possível. Do principal não vos disse uma palavra. Talvez tenham adivinhado alguma coisa, isso é lá convosco, mas eu não vos contei nada. Ocultei-vos tudo e sofri horrivelmente com isso.

— Lembro-me, Aliocha, que tu me contaste tudo pormenorizadamente, aos pedaços, imediatamente, em frases soltas — interrompi eu olhando para Natacha.

— Contaste-nos tudo! Não te gabes agora do contrário! — insistiu ela. — Mas porventura tu podes calar alguma coisa? Até Mavra o sabia. Não é verdade, Mavra?

— Claro, como não havia de saber? — concordou Mavra apontando-o com a cabeça. — Nos primeiros três dias contou tudo. Não é lá muito esperto!

— Como é aborrecido discutir convosco! Dizes isso tudo, por má, Natacha! E tu, Mavra, também te enganas.

Lembro-me de que, nessa altura, não estava em mim. Lembras-te, Mavra?

— Como não havia de lembrar-me? Se agora também não está bom!

— Não, não, eu não falo disso. Vê se te lembras. Nessa ocasião nós

estávamos sem dinheiro e tu foste empenhar a minha cigarreira de prata. Mas vamos ao principal. Desculpa-me, Mavra, se te faço notar que me tratas com muito pouca consideração. Tudo isso foi Natacha quem to ensinou. Mas seja; admitamos que nessa altura vos tenha contado tudo ponto por ponto. (Agora parece-me que já me lembro). Mas do tom, do tom da carta, vocês não sabem nada, e o tom, numa carta, é o principal. Era disso que queria falar-vos.

— bom. Então que tom era esse? — perguntou Natacha.

— Ouve, Natacha; tu perguntas de uma maneira... Não te rias, *pois isto não é para rir.* Afirmo-te que se trata de alguma coisa muito séria. Nunca o meu pai me tinha falado assim. Seria preferível o terremoto de Lisboa a afrontar as consequências da oposição à sua vontade. Era digno de ver-se esse tom!

— Bem. Conta. Porque te sentiste obrigado a esconder de mim essa carta?

— Ah, meu Deus! Para não te assustar. Pensava que as coisas se arranjariam por si mesmas. Mas com a recepção dessa carta e a chegada imprevista do meu pai começaram os meus tormentos. Propunha-me responder-lhe de uma maneira clara, séria e firme, mas não surgiu a ocasião. Ele não me falou do caso. Que espertalhão! Pelo contrário, parecia pensar que era coisa resolvida e que não podia haver entre nós discussões nem dúvidas. Estás a ouvir? Como se as coisas tivessem fatalmente de ser assim. Que presunção! Estava tão carinhoso comigo, tão terno! Eu estava simplesmente pasmado. Como ele é inteligente, Ivan Petrovitch! Se o conhecesse! Leu tudo, sabe tudo; basta ver uma pessoa uma só vez para conhecer-lhe logo os pensamentos, como se fossem os seus; não há dúvida de que deve ser por isto que lhe chamam jesuíta. Natacha não gosta que eu o elogie. Não te zangues, Natacha. Bem. A princípio ele não queria dar-me dinheiro, mas ontem deu-mo. Natacha, meu anjo, a nossa miséria acabou-se. Olha, olha, tudo quanto descontou na minha pensão para castigar-me durante este meio ano, deu-mo ontem. Olha para este dinheiro todo, ainda nem o contei. Mavra, olha para este dinheiro! Já não precisas de empenhar colheres e botões de punho.

Tirou da algibeira um grosso maço de notas, cerca de mil e quinhentos rublos, e atirou-os sobre a mesa.

Mavra olhou para as notas com espanto e felicitou Aliocha. Natacha cortou-lhe a palavra.

— Bem. Que havia eu de fazer? — continuou Aliocha. — Como havia de ir contra a sua vontade? Juro-vos que se ele se tivesse portado mal comigo, eu não teria pensado em nada nem um segundo. Ter-lhe-ia dito redondamente que não, que já sou um homem feito e refeito e que agora já... pronto, acabou-se! E acreditem-me, ter-me-ia mantido firme. Mas agora, que dizer-lhe? Não me culpes. Vejo que estás descontente comigo, Natacha. Porque olham um para o outro dessa maneira? Estão convencidos de que cedi à primeira pressão e que perdi logo a firmeza? Nada disso; sou mais firme do que vocês pensam! A prova é que, apesar da minha situação comprometida, pensei logo a seguir: «É este o meu dever, tenho obrigação de dizer tudo a meu pai; é o meu dever», e então contei-lhe tudo e ele escutou-me até ao fim.

— Que lhe disseste, afinal? — perguntou Natacha inquieta.

— Disselhe que não queria outra noiva senão aquela que tenho, ou sejas tu. Verdadeiramente ainda não lhe disse isto, mas já o preparei e dir-lho-ei amanhã; é coisa decidida. De momento disselhe que era vergonhoso e indigno isso de uma pessoa casar com outra por causa do dinheiro, e uma estupidez da nossa parte o considerarmo-nos aristocratas. com ele, sou franco como com um irmão. Depois expliquei-lhe que sou *tiers état (*),* e que o *tiers état* é o *essencial,* que sinto orgulho de parecer-me com toda a gente e que não quero distinguir-me de ninguém... Numa palavra: poderei inculcar-lhe todas estas ideias sãs. Falei-lhe com um entusiasmo, com um aprumo de que eu próprio me admirava. Combati os seus pontos de vista. Disselhe à queima-roupa: «Que espécie de príncipes somos nós? Só pela linhagem, mas, na realidade, que temos de principesco? Em primeiro lugar, não somos verdadeiramente ricos, e hoje a riqueza é o principal. Nestes tempos, o príncipe dos príncipes é Rothschild. Além disso, há já um longo século que não se ouve falar de nós na alta sociedade; o último que ainda teve

alguma fama foi o meu tio Simeão Valkovski, que apenas ficou conhecido em Moscovo porque desbaratou as últimas trezentas almas que restavam à nossa família. E se o seu pai não tivesse feito economias, todos os seus descendentes estariam hoje lavrando a terra como aconteceu a outros príncipes. Por isso, não temos de que nos orgulhar.» Enfim, disselhe tudo o que tinha cá dentro... tudo, com entusiasmo e franqueza, e ainda acrescentei mais qualquer coisa. Ele não se aborreceu, apenas me censurou por me ter esquecido do conde Nainski e aconselhou-me a que me tornasse simpático à princesa X..., minha madrinha, que poderia facilitar-me a entrada na alta sociedade; que se a princesa me recebesse bem, também em todos os outros sítios me receberiam bem e poderia então dar a minha carreira por ganha, e assim continuou a pintar o meu futuro. O pior era que eu, por tua causa, deixava tudo, e que isso era devido à tua influência! Mas até agora nunca chegou a mencionar-te directamente e vê-se até claramente que o evita.

Procedemos os dois astuciosamente, procuramos ver qual de nós dois engana o outro e estou convencido de que o nosso dia há-de chegar.

— Muito bem; mas em que ficaram? Que decidiu ele? Isso é o principal. E tem tento no que dizes, és um tagarela, Aliocha!

(*) Terceiro estado, is»1!» Ô *pow, a plebe. (N. T.)*

— O que ele decidiu, só Deus o sabe; eu não falo demasiado, cinjo-me ao assunto; ele não resolveu nada, sorria a todos os meus raciocínios, mas com um certo sorriso, como se tivesse pena de mim. Compreendo que isto é humilhante mas é assim mesmo. Disseme: «Eu estou perfeitamente de acordo contigo, sou da tua opinião, vamos até casa do conde Nainski, mas tem cuidado, não digas uma palavra de tudo isto. Eu compreendote, mas eles não te compreenderiam.» Segundo parece, também aí não o recebem muito bem, e isso aborrece-o. De uma maneira geral, o meu pai, presentemente, não goza de simpatia na alta sociedade. O conde, a princípio, recebeu-me friamente, e do alto da sua grandeza e como se eu

me tivesse esquecido que me criei em sua casa começou a recordar-mo. Parecia ofendido pela minha ingratidão, quando, verdadeiramente, não há tal ingratidão da minha parte. É que uma pessoa aborrecia-se tanto naquela casa!

Recebeu o meu pai com a máxima frieza; tão frio, que não consigo perceber por que motivo o meu pai lá vai.

Tudo isso me custava... Pouco faltava ao meu pobre pai para se curvar diante dele. Compreendo que fazia tudo isso por minha causa, que afinal não preciso disso. Propus-me demonstrar ao meu pai todo o meu sentir, que procurava dominar. E porquê? Das suas convicções não conseguira fazê-lo mudar; não consigo senão aborrecê-lo e desgostos já ele tem que cheguem. «Basta! — disse para comigo —, apelemos para a astúcia; eu sou mais esperto que todos eles; obrigarei o conde a respeitar-me...» E acreditem, atingi imediatamente o meu fim. Um dia foi o suficiente. Agora Nainski, o conde, é para mim a amabilidade personificada. E isto foi exclusivamente obra minha, efeito da minha esperteza pessoal, sem que o meu pai se tivesse metido no caso.

— Ouve, Aliocha, o melhor era falares no assunto — disse Natacha com impaciência. — Pensava que ias falar sobre o nosso caso e tu limitaste a contar-nos os teus êxitos em casa do conde Nainski. Que me interessa a mim o teu conde?

— Que te importa? Ouve isto, Ivan Petrovitch! Mas aí *é* que está o assunto principal! Vais ver, tu própria acabarás por ficar admirada. Tudo se há-de esclarecer no fim. Mas é preciso que me deixem falar... Eu, finalmente (porque não dizê-lo com franqueza?), olha, Natacha, e você também, Ivan Petrovitch: eu, às vezes sou... na verdade, sou muito pouco sensato. Digamos, já tem acontecido, até simplesmente estúpido. bom. Mas garanto-vos que nessa altura empreguei a maior astúcia... bom... E até inteligência. E olhem, eu pensava que vocês ficariam contentes por eu não ser sempre... desajeitado...

— Pronto, já chega, Aliocha, chega, meu querido! Natacha não podia suportar que Aliocha fosse tomado por tolo. Quantas vezes se zangou comigo por eu lhe fazer ver, sem rodeios, que Aliocha cometera uma

tolice! Não podia consentir que humilhassem o seu amante, tanto mais que ela, no seu foro íntimo, o considerava um medíocre. Mas nunca deixava transparecer a sua opinião, receando ofender o seu amorpróprio. Ele, nestes casos, era particularmente perspicaz e adivinhava os mais secretos pensamentos dela.

Natacha percebia, sentia pena dele e punha-se logo a lisonjeá-lo e a acariciá-lo. Eis o motivo porque, agora, as suas palavras a feriam profundamente.

— Basta, Aliocha! És apenas um pouco estouvado, nada mais — acrescentou. — Mas porque hás-de rebaixar-te a ti próprio?

— Muito bem. Mas deixa-me acabar. Depois da visita ao conde o meu pai ficou furioso. Eu disse para comigo: «Espera um pouco.» Fomos depois a casa da princesa. Eu ouvira dizer que ela coxeava e estava surda, e que adorava cãezinhos. Que tinha uma matilha deles e que os adorava. Em sua casa reúne-se muita gente, mas ela não ouve o que dizem. No entanto, tem grande influência social e o próprio conde Nainski, *lê superbe (*),faisatt antichambre chez elle* (2). Pelo caminho lancei as bases de um plano de actividade ulterior, baseado sabem em quê? Na simpatia que, felizmente inspiro a todos os cães. Já percebi isso. Dar-se-á o caso de que exista em mim certa força magnética ou será isso o resultado do grande amor que tenho pelos animais? Sabe-se lá! A propósito de forças magnéticas, ainda não te contei Natacha, que estive uma vez em casa de um médium e que evocámos alguns espíritos. E muito engraçado. Mas fiquei impressionado, Ivan Petrovitch. Evoquei o espírito de Júlio César.

(*) O soberbo (N. da T.)

(2) Tinha de aguardar o momento de ser recebido. (N. do T.)

— Ah, meu Deus! Porquê o de Júlio César? — exclamou Natacha, soltando uma gargalhada. — Não te contentavas com menos?

— É que eu... tinha de chamar alguém... Se calhar não tinha o direito de chamar Júlio César? Que havia nisso de especial? bom, ri-te!

— Nada, é claro... Meu querido! Bem, mas'conta-nos... que te disse Júlio César?

— Dizer-me, não me disse nada. Eu tinha um lápife o lápis deslizava sozinho por cima do papel e escrevia.

Diziam que era Júlio César que escrevia. Eu não acredito.

— Bem, mas que escreveu ele?

— Escreveu qualquer coisa no estilo de Gogol... Mas não te rias mais!

— Então fala-nos da princesa!

— Bem; chegámos a casa da princesa e eu pus-me a fazer caretas para Mimi. Mimi é uma horrível cadela, velha e desdentada. A princesa é doida por ela, parece que têm ambas a mesma idade. Atafulhei a cadelinha de bombons e num quarto de hora ensinei-a a dar-me a patinha, coisa que não tinham conseguido durante a sua longa existência. A princesa estava entusiasmada; chorava de alegria. «Mimi, Mimi, dá cá a patinha.»

Assim que chegava alguém punha-se logo: «Mimi, a patinha. Olhem como ela aprendeu a cumprimentar!»

Entrou o conde Nainski. «Mimi, a patinha!» E dirigia-me um olhar comovido, de gratidão. É uma boa velhinha. Até me faz pena! Continuei a lisonjeá-la. Vi numa tabaqueira um retrato de mulher (o seu), feito talvez há sessenta anos, quando ela era nova, e, pegando-lhe entusiasmado, exclamei: «Que lindo retrato! Que beleza maravilhosa!» Esteve quase a derreter-se; falou-me disto e daquilo, gabou-me, perguntou-me onde fizera eu os meus estudos e disseme que o meu cabelo era muito bonito, etc., *etc.* E também a fiz rir contando-lhe uma história escandalosa. Isso encantou-a; limitou-se a ameaçar-me com um dedo, embora se risse muito. Quis que me aproximasse dela... Beijou-me, benzeu-me, pediu-me que fosse todos os dias distraí-la. O conde apertou-me a mão; tinha uma expressão untuosa, e o meu pai, que é uma excelente criatura, honesta e nobre, talvez não acreditem, mas quase chorava de alegria quando regressávamos os dois a casa; abraçou-me, falou-me com franqueza, com uma franqueza um pouco misteriosa, acerca da minha carreira, de relações, de dinheiro, de casamento, de uma

tal maneira que muitas coisas não as percebi. E também me deu dinheiro. Isto foi ontem. No dia seguinte voltei a casa da princesa. O meu' pai sempre é uma boa pessoa. Não pensem que, embora ele tente afastar-me de ti, Natacha, o faz porque esteja enganado ou porque ambiciona os milhões de Katinka; tu não os tens, mas ele ambiciona-os para mim, e só por ignorância se torna injusto para comigo. E

que pai não deseja a felicidade do filho? Ele não tem culpa de se ter costumado a resumir a felicidade no dinheiro. Acontece o mesmo a todos eles. É preciso ter em conta que é nesse ponto de vista que devemos julgá-lo e não de outro... e por isso não temos outro remédio senão dar-lhe razão. Eu vim de propósito para convencer-te disto, Natacha, porque sei que tu tens uma ideia preconcebida contra ele, embora não tenhas culpa disso. Eu não te acuso...

— De maneira que tudo se resume a que tiveste um grande êxito junto da princesa. É essa a tua grande astúcia? — perguntou Natacha.

— O quê? Que disseste? Isso é apenas o princípio... Se falei da princesa foi porque, compreendes, graças a ela poderei convencer o meu pai e ainda não fiz mais do que principiar a história principal.

— Bem, então conta lá tudo!

— Hoje aconteceu-me outro episódio, e também bastante estranho, de tal maneira que ainda estou impressionado — continuou Aliocha. — Devo avisar-vos de que embora o meu pai tenha combinado casar-me com a condessa, até agora, oficialmente, não havia nada definitivo. De maneira que podíamos romper sem que se produzisse nenhum escândalo; o único que está ao corrente é o conde Nainski, e este considera-se como nosso parente e protector. Embora eu, nestas duas semanas, visitasse muito Kátia, até esta noite ainda não lhe disse uma palavra a respeito do futuro, isto é, do casamento, e... bom, do amor. Estava também combinado, de princípio, conseguir o consentimento da princesa K..., da qual se prometem lá em casa toda a espécie de benefícios e uma chuva de ouro. Quando ela diz uma coisa toda a gente a repete; está muito bem relacionada. Parece empenhada em introduzir-me na alta sociedade. Mas é a condessa, a madrasta de Kátia, quem particularmente

inspira todos os planos. O facto é que a princesa, por causa dos seus enredos, não quis recebê-la em sua casa, e quando a princesa não recebe uma pessoa os outros também já não a recebem; por isso, agora, apresenta-se-lhe uma boa ocasião... o meu casamento com Kátia. E por isso a condessa, que dantes se opunha ao casamento, hoje ficou extremamente contente com o meu êxito junto da princesa. Mas isto é secundário, vamos ao principal. Eu conheço Catarina Fiodorovna desde o ano passado. Mas então eu era ainda uma criança, não percebia nada. Nem sequer reparei nela...

— Acontecia mas era que então gostavas mais de mim — interrompeu-o Natacha — e por isso não reparaste nela. Em compensação, agora...

— Não continues, Natacha! — exclamou Aliocha com veemência. — Estás redondamente enganada e ofendes-me! Além disso, eu não te interrompo... Continua a escutar-me que ficarás a perceber tudo... Ah, se tu conhecesses Kátia! Se soubesses que alma tão terna, tão límpida, tão adorável é sua! Mas já vais conhecê-la, escuta até ao fim! Há duas semanas, quando a condessa chegou, fez com que o meu pai rne levasse a visitar Kátia e eu estive todo o tempo a observá-la atentamente. Observei que ela também me olhava. Isto excitou muito a minha curiosidade, para não falar em que a mim próprio me propusera conhecê-la mais a fundo... Propósito que datava já de quando eu recebi aquela carta do meu pai, que tanto me impressionou. Não quero dizer nada nem pôr-me a gabá-la; afirmarei apenas que é uma brilhante excepção dentro do seu meio. É uma criatura tão original, uma alma tão firme e recta, forte, precisamente pela sua pureza e rectidão, de tal maneira que eu, perante ela, não passo de um petiz, de um seu irmãozinho mais novo, embora só tenha dezassete anos. Houve outra coisa que observei também: é muito melancólica, aparenta uma espécie de pesar secreto. Quase não falava; em casa', está quase sempre calada, como se tivesse medo... Está sempre a meditar... Parece ter medo do meu pai. Não gosta da madrasta, segundo me pareceu... A condessa, não sei com que fim, faz ver a toda a gente que a enteada é louca por ela, mas isso não é verdade. Kátia, o que

faz é obedecer-lhe com resignação e como se isso fosse uma coisa combinada.

Havia já quatro dias que eu pensava no meu projecto, que realizei esta noite. Falar claro a Kátia, contar-lhe tudo, interessá-la a nosso favor e acabar com isto *de* uma vez...

— O quê? Que foste tu dizer-lhe? Confessaste-lhe? — disse Natacha sobressaltada.

— Tudo, absolutamente tudo — respondeu Aliocha — e abençoo o Céu que me inspirou tal ideia. Mas escutem, escutem. Há quatro dias, depois de ter feito todas as observações, decidi separar-me de ti para trabalhar por minha própria conta, sem que tu nem ninguém influísse em mim. Somente colocando-me num estado de espírito em que fosse preciso dizer de minuto a minuto que era necessário resolver este caso, que eu *tinha o dever* de resolvê-lo, fui capaz de armazenar energias e... resolvi-o! Propus-me voltar a ver-vos e trago uma solução!

— Qual? O quê? Conta já!

— É muito simples! Eu dirigi-me a ela sem rodeios honesta e corajosamente... Mas antes de mais devo contar-vos uma coisa que me sucedeu antes disto e que me impressionou de um modo horrível. Antes de sairmos de casa, o meu pai recebeu uma carta. Nesse momento dispunha-me eu a entrar no seu escritório e parei à porta. Ele não me viu. A carta impressionara-o tanto que se pôs a falar só, a lançar exclamações e a dar voltas pela sala e, de repente, soltou uma gargalhada, com a carta na mão. Não me atrevia a entrar; esperei um pouco e depois entrei. O meu pai, não sei por que razão, estava muito contente, contentíssimo; falou-me de um modo um pouco estranho; depois ordenou-me que me preparasse para sair, embora fosse ainda muito cedo. Em casa delas não havia hoje mais ninguém senão nós, e tu pensavas erroneamente, Natacha, ao supores que tinham convidados para esta noite. Não te informaram bem...

— Bem, não divagues, Aliocha, por favor. Fala, diz como foi que contaste tudo a Kátia.

— Tive a sorte de que, durante duas horas, nos deixassem

completamente sós. Expliquei-lhe simplesmente que, embora quisessem casar-nos, o nosso casamento era impossível; que eu, no fundo do meu coração, tinha a maior simpatia por ela e que dela esperava a minha salvação. Foi então que lhe expliquei tudo. Imaginem que ela não sabia nada a nosso respeito, da minha vida contigo, Natacha! Se tu visses a impressão que isso lhe fez! A princípio, até se assustou. Empalideceu. Contei-lhe toda a nossa história: que tu fugiste dos teus pais por minha causa: que vivíamos juntos; que agora sofríamos muito e tínhamos medo de tudo e que lhe acudíamos (eu falava também em teu nome, Natacha) para que se pusesse do nosso lado e dissesse francamente à madrasta que não queria casar-se comigo; que a nossa salvação estava nisto, e que de ninguém mais, senão dela, podíamos esperar alguma coisa. Ela escutou-me com muita curiosidade, com muita simpatia. Que olhos os seus! Parecia que a alma se lhe espelhava toda nos olhos! Tem mesmo uns olhos de pomba... Agradeceu-me a confiança que eu tinha nela e deu-me a sua palavra de que nos ajudaria na medida das suas forças. Depois começou a perguntar-me por ti; disseme que gostaria muito de conhecer-te; pediu-me que te dissesse que já gosta de ti como de uma irmã, e quando soube que havia já cinco dias que eu não te via foi ela mesma quem me mandou para aqui... Natacha estava comovidíssima.

— E tiveste coragem de me contar em primeiro lugar os teus êxitos com essa princesa surda! Ai, Aliocha, Aliocha! — exclamou com uma censura no olhar. — Bem, e Kátia estava alegre, contente, quando te mandou embora?

— Sim... Estava contente por poder realizar uma nobre acção, mas ao mesmo tempo chorava. Porque repara, Natacha, ela também gosta de mim. Ela mesma me confessou que já tinha começado a gostar de mim, que não vê mais ninguém, e que desde há muito tempo eu lhe agradava; que me distinguira porque à sua volta tudo é astúcia e intriga, ao passo que eu lhe parecia sincero e honesto. Depois levantou-se e disse: «Deus te ajude, Alexiei Petrovitch... mas eu pensava...» Não acabou a frase e retirou-se a chorar. combinámos que amanhã dirá à madrasta que não gosta de mim, e que eu também ainda amanhã contarei tudo ao meu pai,

e que nos manteremos ambos firmes no nosso propósito. Censurou-me por eu não lhe ter dito mais cedo: «Um homem honesto não deve ter medo de nada...» Oh, que natureza tão nobre a sua! Não simpatiza com o meu pai; diz que é astuto e que anda atrás do dinheiro. Eu defendi-o mas ela não me acreditou. Combinámos que se não conseguisse que o meu pai me atendesse amanhã (e ela com certeza pensava que eu não o conseguiria), falasse francamente com a princesa K... Porque então já ninguém se atreveria a opor-se. Prometemos ser como irmãos um para o outro. Oh, se conhecesses a sua história! Como é infeliz, com que aversão encara a sua vida em casa da madrasta, onde tudo é comédia! Não mo disse assim directamente, como se eu lhe inspirasse medo; mas adivinhei-o por algumas palavras suas. Minha querida Natacha, que admiração eu sentiria por ti se vocês viessem a conhecer-se! Que coração tão bom ela tem! Que bem se está ao seu lado! Vocês nasceram para serem irmãs. É preciso que gostem uma da outra. É uma coisa que não me sai do pensamento E, na verdade, o que me agrada era ver-vos juntas para vos olhar a toda a hora e amar as duas com loucura. Não penses nada de mau, Natacha, e deixa-me falar dela. É isso exactamente o que eu sinto, desejos de falar dela a ti e de ti a ela. Tu bem sabes que gosto de ti mais do que todas as outras, mais do que dela... Tu és tudo para mim!

Natacha olhava-o em silêncio, doce, mas tristemente. As suas palavras pareciam lisonjeá-la e atormentá-la ao mesmo tempo.

— Há duas semanas que comecei a estimar Kátia, a perceber o que ela vale — prosseguiu Aliocha. — Ia vê-la todas as noites. Quando voltava a casa pensava em ti e comparava as duas.

— E qual das duas te agrada mais? — perguntou-lhe Natacha, sorrindo.

— Umas vezes és tu, outras é ela. Mas eras sempre tu quem acabava por ganhar a palma. Quando falo com ela parece-me que me torno melhor... mais inteligente, de melhor fundo... Enfim, amanhã, amanhã tudo se decidirá.

— E não tens pena dela? Não? Repara que ela gosta de ti, segundo disseste... que tu próprio já reparaste nisso!

— É uma pena, Natacha! Mas nós os três vamos amar-nos todos e... depois...

— Ah, e depois... Adeus! — murmurou Natacha muito baixo, como se falasse consigo mesma. Aliocha olhou para ela, perplexo. Mas nesse momento a conversa foi interrompida da maneira mais inçsperada. Na sala, que servia ao mesmo tempo de cozinha e de vestíbulo, ouvimos um leve ruído, como se alguém tivesse entrado.

Passados uns minutos Mavra abriu a porta e pôs-se a fazer sinais para Aliocha, às furtadelas, chamando-o.

Voltámo-nos todos para ela.

— Perguntam por ti; chega aqui num instante, se fazes favor — disse num tom misterioso.

— Quem será? — perguntou Aliocha olhando-nos com inquietação. — Já lá vou.

Na cozinha estava um criado com a libré que se usava em casa do príncipe seu pai. Pelos vistos era o criado do príncipe, o qual, de regresso a casa, mandara parar a carruagem diante do apartamento de Natacha e o enviara para saber se Aliocha se encontrava ali. Depois de informar-se, o criado saiu.

— É curioso. É a primeira vez que tal acontece — exclamou Aliocha olhando-nos com inquietação. — Que significará isto?

Natacha olhou para ele sobressaltada. De repente, Mavra abriu outra vez a porta do quarto.

— Aqui está o príncipe em pessoa! — balbuciou, desaparecendo em seguida.

Natacha, muito pálida, levantou-se. De repente, os seus olhos cintilaram. Apoiada ao bordo da mesa, olhava com comoção para a porta por onde devia entrar o inesperado visitante.

— Natacha, não tenhas medo; eu estou contigo; não consentirei que te ofendam — murmurou Aliocha dominando a sua perturbação.

A porta abriu-se e apareceu o príncipe Valkovski em pessoa.

Capítulo segundo

Envolveu-nos num olhar rápido, atento, pelo qual não era possível adivinhar se vinha como amigo ou como inimigo. Mas vou descrever minuciosamente o seu aspecto. Aquela noite deixou-me uma impressão especial.

Eu já o tinha visto anteriormente. Era um homem de uns quarenta e cinco anos, não mais; de feições belas e regulares, que mudavam de expressão conforme as circunstâncias, mas que mudavam brusca e totalmente, com uma rapidez extraordinária, passando do aspecto mais amável ao mais sombrio, como se obedecesse a uma mola. O rosto, ovalado, um pouco moreno; os dentes, magníficos; os lábios, finos; o nariz, direito, um pouco comprido; a fronte, ampla, na qual não se via ainda a mais pequena ruga; os olhos, grandes e cinzentos. Tudo era belo nele, e no entanto não produzia uma impressão agradável.

Aquele rosto repelia precisamente porque a sua expressão não parecia sua, mas outra, constantemente estudada, falsa, postiça, que nos prevenia de que jamais se poderia conhecer a sua expressão verdadeira.

Olhando-o com atenção, começava-se a suspeitar por debaixo daquela máscara permanente não sei quê de mau, de hipócrita e altamente egoísta. Chamavam particularmente a atenção os seus olhos cinzentos, muito abertos.

Somente eles pareciam não estar completamente sujeitos à sua vontade. Esforçava-se por torná-los doces e acariciadores; mas os raios do seu olhar bifurcavam-se, por assim dizer, e por entre os que eram doces e amáveis viam-se brilhar os outros, duros e desconfiados, perscrutadores e maliciosos... Era bastante alto e bem proporcionado, um pouco seco, e parecia incomparavelmente mais novo do que era. Os cabelos, castanhos e finos, mal começavam a Branquejar. As orelhas, as mãos, os pés, de uma delicadeza surpreendente, de uma delicadeza aristocrática. Vestia com requintada elegância, mas com uma série de pormenores juvenis que não lhe ficavam mal. Parecia o irmão mais velho de Aliocha. Pelo

menos ninguém o suporia pai de um filho já tão crescido. Avançou em direcção a Natacha e disselhe, olhando-a fixamente: — A minha presença em sua casa, a esta hora e sem aviso prévio... é estranha e fora do normal; mas espero que há-de reconhecer pelo menos que eu me apercebo da excentricidade da minha conduta. Sei também com quem trato; sei que é compreensiva e generosa. Conceda-me apenas dez minutos e tenho a certeza de que há de compreender-me e perdoar-me.

Disse tudo isto num tom cortês mas enérgico e com certa fatuidade.

— Queira sentar-se — disse Natacha, ainda não completamente refeita da primeira comoção e um pouco alvoroçada, pez uma leve reverência e sentou-se.

— Antes de mais dê-me licença que dirija duas palavras a este — começou, apontando para o filho. — Aliocha, depois que saíste de lá sem esperares por mim e sem te despedires de nós vieram dizer à condessa que Catarina Fiodorovna estava mal disposta. A condessa ia a dirigir-se para o seu quarto, quando, de repente, ela apareceu diante de nós muito agitada. Sem mais rodeios, disse-nos que não podia ser tua esposa. Disse também que ia meter-se num convento, que tu tinhas implorado o seu auxílio e lhe confessavas que amavas Natacha Nikolaievna... Tão inesperada declaração da parte de Catarina Fiodorovna, e para mais, em tal momento, era consequência da estranhíssima atitude que tinhas tido para com ela. Estava quase transtornada.

Deves compreender que isto me impressionou e assustou. Quando passei por aqui vi luz na sua janela — continuou, dirigindo-se a Natacha. — Então uma ideia que havia já algum tempo me perseguia apoderou-se de mim com tal força que não pude resistir ao primeiro impulso e entrei em sua casa. Porquê? vou dizer-lhe imediatamente, mas antes, quero pedir-lhe que não fique admirada se as minhas palavras lhe parecerem um pouco estranhas. Tudo isto foi tão inesperado...

— Creio que serei capaz de compreendê-lo e apreciar... devidamente aquilo que me disser — exclamou Natacha, com hesitação.

O príncipe olhava-a fixamente, como se procurasse «penetrar-lhe» a alma em um minuto.

— Eu também confio na sua benevolência — continuou e se tomei a liberdade de vir visitá-la a esta hora foi precisamente porque sabia com quem tratava. Há muito tempo que já a conheço, embora algumas vezes tenha podido ser injusto e incorrer em falta para consigo. Bem sabe que entre o seu pai e mim há aborrecimentos já antigos Não quero justificar-me; talvez eu seja mais culpado para com ele do que até agora tenho suposto. Mas se assim for *é* porque me enganei. Sou desconfiado, confesso-o. Sou mais propenso a pensar mal que bem; é uma má qualidade, própria de corações duros. Mas não tenho o costume de dissimular os meus defeitos. Acreditei em todas as calúnias e quando a senhora deixou os seus pais, tremi por Aliocha. Mas então não a conhecia. As informações que fui colhendo pouco a pouco animaram-me. Observei, estudei e convenci-me de que as minhas suposições não eram fundadas.

Soube que se zangara com a sua família e soube também que o seu pai se opunha com todas as suas forças ao seu casamento com o meu filho. O facto de a senhora ter uma tal influência, um tão grande domínio sobre Aliocha, e não o ter aproveitado até agora para obrigá-lo a casar-se, bastava para mostrá-la a meus olhos sob um favorável aspecto. E, no entanto, confesso-o francamente, tomei a resolução de fazer tudo quanto pudesse para evitar toda a eventualidade de a senhora se casar com o meu filho. Sei que me explico com demasiada sinceridade, mas neste momento a sinceridade, pelo meu lado, é mais necessária que tudo. Há-de concordar com isto, quando eu tiver acabado de falar. Na altura em que a senhora deixou a sua casa, saí eu de Petersburgo, mas no momento em que o fiz já não temia por Aliocha. Contava com o seu nobre orgulho.

Compreendi que a senhora não desejava o casamento enquanto não ficassem arrumadas as nossas desavenças familiares e não queria perturbar as boas relações que existiam entre o meu filho e eu compreendendo que não lhe perdoaria nunca, e muito menos queria poder ser acusada de ter procurado um noivo príncipe e uma ligação com a nossa casa. Deixou até perceber, pelo contrário, o seu desdém por nós, esperando o momento em que fosse eu próprio a vir pedir-lhe que

me desse a honra de conceder a sua mão ao meu filho. Mas apesar de tudo eu persistia na minha hostilidade para consigo. Sem querer justificar a minha conduta, não posso esconder os motivos que me impeliram a proceder assim. Ei-los: a senhora não pertence a uma grande família nem é rica. Nós, embora possuamos algum dinheiro precisamos de muito mais do que aquele que temos. A nossa casa está em decadência. Precisamos de relações e de dinheiro. A enteada da condessa Zinaida Fiodorovna, embora também não possua relações, é rica. E deixar passar algum tempo e logo começarão a aparecer os pretendentes que nos roubarão a noiva; mas não é possível perder uma tal oportunidade, e por isso, embora Aliocha seja ainda muito novo, resolvi oficializar as suas relações com ela. Já vê que não lhe escondo nada; a senhora pode olhar com desprezo para um pai que é o primeiro a reconhecer que induz o filho, por interesse, a cometer uma má acção, pois abandonar uma rapariga desinteressada, que sacrificou tudo por ele, e perante a qual é culpado... constitui uma má acção. Mas não procuro justificar-me. A segunda razão para o projectado casamento do meu filho com a enteada da condessa Zinaida Fiodorovna é a de que esta menina é altamente digna de amor e de respeito. É graciosa, de uma educação esmerada, de excelente carácter e muita ponderação, embora seja ainda uma criança, sob muitos aspectos. Aliocha não tem carácter. É estouvado, um cabeça no ar. com vinte anos é uma autêntica criança, sem outro mérito talvez senão o de um coração nobre, bom... Qualidade que, junta aos seus outros defeitos, se torna até perigosa. Há algum tempo notei que a minha influência sobre ele tinha começado a diminuir; o ardor da juventude dominava-o, fazendo-o esquecer deveres. Eu, é possível que lhe queira demasiado, no entanto estou convencido de que não sou suficiente para o dominar e que ele precisa ao seu lado de uma influência constante e boa. É um temperamento dócil, fraco, carinhoso, mais inclinado a amar e a obedecer que a mandar. E assim e assim há de ser enquanto for vivo. Já pode imaginar qual não seria a minha alegria ao encontrar em Catarina Fiodorovna a rapariga ideal que eu desejava para esposa do meu filho. Mas a minha alegria chegava tarde; sobre ele

imperava já outro ascendente, impossível de desenraizar: o seu.

Quando há um mês regressei de Petersburgo, observei-o perscrutadoramente e, assombrado, verifiquei nele uma notável mudança para melhor. O seu estouvamento, a sua infantilidade continuavam quase os mesmos, mas afirmavam-se nele algumas nobres inclinações; começava a interessar-se por mais qualquer coisa, sem ser apenas por simples brincadeira, por tudo quanto é nobre, elevado e honesto. As suas ideias são estranhas e levianas, às vezes injustas; mas os seus desejos, os seus impulsos, o seu coração, são agora melhores, e isso é a base de tudo, e isto que nele há de melhor... é, indiscutivelmente, obra sua. A senhora transformou-o.

Confesso-lhe que me lembrei então de que a senhora, melhor do que ninguém, poderia fazê-lo feliz. Mas repeli este pensamento. Precisava de afastá-lo de si, fosse como fosse; comecei a manobrar e pensava conseguir o meu objectivo. Ainda há uma hora pensava que a vitória era minha. Mas o episódio da casa da condessa fez-me mudar radicalmente de maneira de pensar, e acima de tudo impressionou-me um facto inesperado: a estranha sinceridade de Aliocha, a firme consciência do seu dever para consigo, a vitalidade destas relações. Repito-o, a senhora realizou nele uma mudança definitiva. Fiquei também admirado que essa mudança tenha ido ainda mais longe do que eu supunha. Hoje, de repente, mostrou diante de mim indícios de uma inteligência que eu de maneira nenhuma suspeitava nele, e ao mesmo tempo uma subtileza extraordinária, um grande poder de observação. Descobriu o melhor caminho para sair de uma situação que julgava difícil. Estimulou a mais nobre faculdade do coração humano, a faculdade de perdoar e de pagar o mal com o bem. Entregou-se nas mãos da pessoa que ofendera e correu para ela pedindo-lhe simpatia e assistência. Despertou todo o orgulho de uma mulher, de uma mulher que o ama, confessando-lhe directamente que tem uma rival, e ao mesmo tempo soube suscitar a sua simpatia por essa mesma rival e obteve o seu perdão para ela e a promessa de uma amizade fraterna. Entrar em tais confidências sem ferir os sentimentos nem ofender, é uma coisa que às vezes se torna difícil até para as pessoas

mais sensatas e discretas; mas não o é para os que têm um coração nobre, puro e bom, como o dele. Estou convencido de que a senhora, Natacha Nikolaievna, não tomou parte alguma na sua conduta de hoje, nem com uma palavra nem com um conselho.

Pode ser que até ao momento de ele lho ter dito não o soubesse. Estou enganado? Não teria sido assim?

— Não, não está enganado — concordou Natacha, cujos olhos e rosto resplandeciam com um estranho fogo, como de inspiração. A dialéctica do príncipe começava a produzir os seus efeitos. — Havia já cinco dias que eu não via Aliocha — respondeu. — Foi ele sozinho quem pensou e fez tudo isso.

— Assim o creio — confirmou o príncipe. — No entanto, este inesperado poder de observação, esta força de vontade, esta consciência do seu dever, esta nobre firmeza, tudo isto, enfim, é o efeito da sua influência sobre ele. Reflecti sobre tudo isto demoradamente, quando voltei para casa, e depois de pesar todas as circunstâncias tomei a resolução de vir. Os nossos projectos matrimoniais com a enteada da condessa caíram por terra e não poderão já erguer-se; mas ainda que o contrário fosse possível também, já não o desejava para ele; estou convencido de que só a senhora poderá fazer o meu filho feliz e ser... o seu verdadeiro guia, pois foi quem lançou os fundamentos da sua felicidade futura. Não lhe ocultei nem lhe ocultarei nada; eu aprecio tudo quanto significa dinheiro, carreiras brilhantes, distinção, linhagem, embora no fundo considere uma grande parte de tudo isto como preconceitos; mas adoro estes preconceitos e não quero de maneira nenhuma desprezá-los. No entanto, há circunstâncias que impõem silêncio a todas as outras considerações e nas quais não é possível avaliar tudo pela mesma medida... Além disso, gosto muito do meu filho. Em resumo, cheguei à conclusão de que Aliocha não deve separar-se da senhora, porque sem si estaria perdido. E... quer que lhe diga? Há um mês pensei isto, mas até agora não tinha pensado que esta era a resolução adequada. Podia ter deixado estas explicações para amanhã, em vez de vir importuná-la quase à meia-noite. Mas a minha urgência actual será

suficiente para fazer-lhe ver com que interesse e, sobretudo, com que sinceridade trato deste assunto. Eu não sou nenhuma criança e não poderia na minha idade decidir-me a dar um passo irreflectido. Quando me decidi a vir aqui já trazia tudo resolvido e pensado. No entanto, compreendo que será preciso um certo tempo para convencê-la de toda a minha sinceridade. Mas vamos ao caso! Será necessário repetir-lhe porque é que vim?

Vim cumprir o meu dever para consigo, e peço-lhe, com todo o imenso respeito que me inspira, que faça feliz o meu filho e lhe conceda a sua mão. Oh! Não veja em mim um pai severo que acabou de perdoar ao filho e concordou finalmente em contribuir para a sua felicidade. Não, não! Isso seria injurioso para mim. Não pense também que, sabendo como se sacrificou pelo meu filho, eu viesse já seguro do seu consentimento, baseado em que a senhora se sacrificou por ele; mais uma vez lhe digo que não. Eu sou o primeiro a reconhecer que ele, para si, pouco valor tem, e... ele, que é sincero e bom, há-de também vê-lo. Mas deixemos isto. Eu não vim a esta hora por causa disso mas sim — levantou-se respeitosamente e com solenidade —, vim aqui porque quero ser seu amigo. Não ignoro que não tenho direito a isso, pelo contrário. Mas... peço-lhe que me dê a oportunidade de merecê-lo. Consinta que lhe faça esta promessa!

Respeitosamente inclinado diante de Natacha, aguardou a sua resposta. Eu observei-o atentamente durante toda a sua arenga. Ele reparou nisto. Pronunciou o seu discursozinho friamente, mas com certas pretensões dialécticas e afectando às vezes um certo à-vontade. O tom da sua parlenda não correspondia ao impulso que o levara ali, a desoras, pela primeira vez e em tais circunstâncias. Era evidente que trazia algumas das suas frases já preparadas, e em certos momentos do seu longo e por isso mesmo estranho discurso aparentou ser uma boa criatura que se esforçava por dissimular os sentimentos sob a capa do humorismo, da despreocupação e do gracejo. Mas tudo isto pensei-o eu mais tarde. Naquele momento era outra coisa. As últimas palavras pronunciou-as comovidamente, com uma tal expressão de sincero

respeito por Natacha que seduziu a todos.

Qualquer coisa parecida com uma lágrima brilhava nos seus olhos. O nobre coração de Natacha estava completamente vencido. Levantou-se e, sem proferir uma palavra, bastante emocionada, estendeu-lhe a mão.

Ele tomou-a e beijou-lha com ternura. Aliocha estava louco de entusiasmo.

— Eu não te dizia, Natacha? — gritou. — Tu não querias acreditar! Não acreditavas que o meu pai era o mais nobre coração do mundo! Agora já vês, tu própria já vês!

E atirou-se ao pescoço do pai abraçando-o efusivamente. Ele respondeu-lhe da mesma maneira e tratou de dar fim à cena sentimental, como se tivesse vergonha de demonstrar a sua comoção.

— Pronto — disse, pegando no chapéu —, vou-me embora. Pedi-lhe apenas dez minutos e estive aqui uma hora

— acrescentou sorrindo."— Mas levo a maior impaciência de voltar outra vez. Dá-me licença que volte, assim que me for possível?

— Sim, sim, sim! — respondeu Natacha. — O mais cedo que puder! Quero começar já a gostar muito do senhor!

— acrescentou, perturbada.

— Que sincera! Que honesta! — disse o príncipe sorrindo das suas palavras. — Nem sequer se esforça por responder com uma fórmula de simples cortesia. Aprecio mais a sua sinceridade que todas essas finezas. Sim!

Vejo que ainda precisarei de muito tempo para tornar-me digno da sua amizade.

— Oh, por favor! Já chega de elogios — murmurou Natacha muito comovida.

Como ela estava bonita naquele momento!

— Bem. Está então tudo combinado? — disse o príncipe. — Só mais uma palavra, para que veja como eu sou feliz. Não poderei vir vê-la, amanhã, nem depois de amanhã. Recebi esta noite uma carta tão importante para mim (reclama a minha imediata participação no assunto) que não posso de maneira nenhuma deixar de comparecer.

Preciso de sair de Pertersburgo amanhã de manhã. Foi por isso que vim, assim, fora de horas, pois não podia fazê-lo dentro dos próximos dois dias. Naturalmente, a senhora não podia supô-lo. Mas como eu sou desconfiado! Porque me pareceria que a senhora havia de ter essa ideia? Sim, esta desconfiança sempre me prejudicou na minha vida e em todos os meus litígios com a sua família, que, é possível, tivesse origem neste meu carácter ruim... Hoje é terça-feira; quarta, quinta e sexta não estarei em Petersburgo. Espero estar de volta no sábado e nesse mesmo dia virei vê-la. Dá-me licença que venha passar a tarde consigo?

— Claro, claro! — gritou Natacha. — Sábado à tarde, esperá-lo-ei com impaciência.

— Terei o maior prazer. Assim poderei conhecê-la melhor. Bem, preciso de ir, mas não irei sem ter apertado a sua mão — disse, voltando-se então para mim. — Peço-lhe que me desculpe esta conversa toda... Já tenho tido muitas vezes o gosto de encontrá-lo e creio que até já fomos apresentados. Não posso ir-me sem exprimir-lhe quanto me é agradável renovar este conhecimento.

— Já nos encontrámos muitas vezes, é verdade — disselhe eu apertando a mão que me estendera —, mas sinto não me lembrar de que nos tenham apresentado.

— Em casa do príncipe de R..., o ano passado.

— Perdão, tinha-me esquecido. Mas asseguro-lhe que desta vez não será assim. Esta noite há-de ficar especialmente gravada na minha memória.

— Tem razão, e na minha também. Sei que o senhor é um verdadeiro e sincero amigo de Natacha Nikolaievna e do meu filho. Tenho a esperança de que me admitam como o quarto entre os três. Não é verdade? — acrescentou dirigindo-se a Natacha.

— Sim, ele é o nosso verdadeiro amigo e vamos viver todos juntos — gritou Natacha com profunda convicção.

Pobrezinha! O seu rosto encheu-se de alegria ao ver que o príncipe não se esquecia de despedir-se de mim. Como gostava de mim!

-— Conheço muitos admiradores do seu talento — continuou o

príncipe — e entre estes duas verdadeiras admiradoras suas. Teriam muito gosto em conhecê-lo pessoalmente, a condessa, a minha melhor amiga, e a sua enteada, Catarina Fiodorovna Filimonova. Permita-me esperar que me concederá a satisfação de apresentá-lo a estas senhoras.

— Para mim seria uma honra; actualmente tenho poucas relações...

— Mas dê-me a sua morada. Onde vive? Quero ter o gosto...

— Eu não posso receber em minha casa, príncipe, pelo menos por agora.

— Mas para mim, embora o não mereça, não fará o senhor uma excepção?

— Já que tem assim tanto empenho... eu moro no... no beco de V... casa Klugen.

— Casa Klugen! — exclamou um pouco assombrado. — O quê? Mora aí há muito tempo?

— Não, há muito não — respondi observando-o involuntariamente. — Moro no número quarenta e quatro.

— No quarenta e quatro! Vive... sozinho?

— Completamente só.

— Ah! E que... parece-me que conheço essa casa... óptimo. Passarei sem falta por lá, para cumprimentá-lo; tenho muitas coisas a dizer-lhe e espero muito de si. Quero pedir-lhe um favor. Como vê, começo logo com pedidos. Bem, até à vista. As vossas mãos!

Apertou a minha mão e a do filho, beijou outra vez a de Natacha e partiu sem consentir que Aliocha o acompanhasse. Ficámos os três em silêncio. O que acabava de acontecer era tão inesperado e imprevisto!

Sentíamos todos que tudo tinha mudado num momento e que qualquer coisa de novo, de ignorado, ia começar. Aliocha, sentado junto de Natacha, beijava-lhe as mãos em silêncio e fitava-a no rosto, esperando que ela falasse.

— Querido Aliocha, amanhã irás visitar Catarina Fiodorovna — disselhe por fim.

— Era isso mesmo o que eu pensava — respondeu. — não deixarei de o *fazer.*

— Embora talvez lhe seja doloroso ver-te... Que se há-de fazer?

— Não sei, minha amiga, eu também pensava isso mesmo.

Ela sorriu e olhou-o longa e ternamente.

— Que delicadeza a sua! Viu o teu quarto, tão pobre, e nem uma palavra.

— Uma palavra de quê?

— Ora, de... de te mudares para outro... ou qualquer coisa do género — acrescentou, corando.

— Basta, Aliocha! A que propósito vem isso?

— Quero pôr em relevo a sua delicadeza... e como te elogiou! Eu não te dizia! É capaz de compreender e de sentir tudo. A mim tratou-me como uma criança. Como ele gosta de mim! E de facto eu sou uma criança!

— Sim, és uma criança, mas mais inteligente do que nós. Meu bom Aliocha!

— Disse também que a minha bondade me prejudicava. Porquê? Não compreendo. Mas diz-me, Natacha, não achas que eu devo ir já ter com ele? Amanhã de manhã tens-me outra vez aqui.

— Vai, vai, meu querido. É uma boa ideia. Mas amanhã vem o mais cedo possível. Daqui para diante já não poderás andar cinco dias longe de mim — acrescentou com malícia, acariciando-o com o olhar.

Estávamos todos cheios de uma alegria doce, plena.

— Vem comigo, Vânia? -— disseme Aliocha ao sair do quarto.

— Não, fica; tenho de falar-te, Vânia. Já sabes, amanhã cedinho!

— Assim que amanhecer. Adeus, Mavra!

Mavra estava numa grande agitação. Ouvira tudo o que o príncipe dissera, mas não tinha compreendido bem.

Sentia vontade de informar-se, de perguntar. Mas, no entanto, mostrava-se muito séria, muito ufana. Adivinhava também que uma grande transformação se operara.

Ficámos sós. Natacha pegou-me numa mão e ficou algum tempo em silêncio, como se procurasse o que havia de

dizer.

— Estou cansada — disse finalmente com uma voz fraca.

— Diz-me, vais amanhã visitar os meus pais?

— com certeza.

— À mamenka podes dizer tudo, mas a ele, não.

— Já sabes que nunca falo de ti.

— Ele logo o saberá. Mas tu repara no que ele diz, como é que encara o caso. Meu Deus, Vânia! Achas que me amaldiçoará se eu chegar a casar-me? Mas não, não é possível!

— Quem há-de arranjar tudo é o príncipe; deve reconciliar-se com o teu pai e assim tudo ficará arrumado.

— Ai, meu Deus! Se assim fosse, se assim fosse! — exclamou num tom suplicante.

— Está tranquila, Natacha. Tudo se há-de arranjar. Foi para isso que eu vim.

Ela olhou-me fixamente.

— Vânia, que pensas tu do príncipe?

— Creio que falou com sinceridade e que, se assim é, é um perfeito cavalheiro.

— Que queres dizer? Então ele podia, por acaso, não ser sincero?

— É o que eu penso também — respondi. — «Pode ser que ande a tramar qualquer coisa», pensei para comigo.

— Tu estiveste sempre a olhar para ele tão fixamente... É estranho!

— Sim, parecia-me um pouco estranho.

— A mim também. Tem uma tal maneira de falar... Estou esgotada, meu caro Vânia. Olha, deixa-me agora e vem ver-me amanhã, quando saíres de casa dos meus pais... Ah! Diz-me, não teria ele ficado ofendido por eu lhe dizer que desejava começar imediatamente a gostar dele?

— Não. Porque havia ele de ofender-se — Mas não foi também uma tolice? com isso eu dava-lhe a entender que ainda não gostava dele.

— Pelo contrário; foi uma lembrança muito simpática ingénua e espontânea. Estavas muito bonita nesse momento! Ele é que será um idiota se, do alto da sua grandeza, não o apreciar assim.

— Parece que o olhas com desconfiança, Vânia. Eu também sou

desajeitada, desconfiada, vaidosa.

Não te rias; já sabes que nunca escondo nada de ti. Ah, Vânia, tu és o meu melhor amigo Se eu voltasse a ser infeliz, se os desgostos voltassem, serás tu quem estará junto de mim, e talvez sejas tu só. Como poderei agradecer-te? Nunca me abandones, Vânia!

Assim que cheguei a casa despi-me imediatamente e deitei-me. O meu quarto estava húmido, sombrio como uma gruta. Sentia que um grande número de ideias e sentimentos estranhos se agitavam em mim, e fiquei muitas horas sem poder adormecer.

Mas como havia de rir-se, nesses mesmos instantes, de todos nós, um homem que dormia em cómodo leito, supondo que se dignasse rir! Mas não, não se dignaria!

Capítulo terceiro

No dia seguinte, às dez da manhã, quando saía de minha casa a correr para ir ver os Ikmenieves, e ir depois daí a casa de Natacha, encontrei à minha porta a mesma visitante da véspera, a netita de Smith. Não sei porquê, mas lembro-me de que fiquei contente com esse encontro. Não tivera tempo de olhá-la bem na noite anterior e surpreendeu-me em pleno dia. De facto, seria difícil encontrar uma criatura mais estranha, de aspecto mais original. Pequena, de olhos negros, cintilantes, nada russos; uma cabeleira negra, abundante e desgrenhada; um olhar mudo, fixo *e* perscrutador.

Chamaria a atenção de qualquer transeunte na rua. O que mais me impressionava nela era o seu olhar cintilante, inteligente, e ao mesmo tempo desconfiado. De dia, o seu vestuário, velho e sujo, parecia ainda mais esfarrapado. Parecia-me que devia estar minada por qualquer doença lenta que ia inexoravelmente destruindo o seu organismo. A sua carinha, fraca e pálida, era de um amarelo-escuro, pouco natural, com pintas biliosas. Mas, de uma maneira geral, apesar de todos os sinais da miséria e da doença, não era feia. Tinha as sobrancelhas bem desenhadas, finas e belas; particularmente bonitos eram a sua testa ampla e os lábios magnificamente desenhados, com uma prega que indicava orgulho e ironia, mas muito pálidos, quase incolores.

— Ah! És tu outra vez — disse. — Sempre pensei que havias de voltar. Entra.

Como na véspera, entrou lentamente, olhando à sua volta com desconfiança. Olhava atentamente para o quarto onde vivera o avô, como se quisesse observar as mudanças que ali introduzira o novo inquilino. «Bem. A neta condiz com o avô — pensei eu. — Não estará louca?» Enquanto eu pensava isto, ela continuava calada; eu esperava.

— Os livros — murmurou por fim, baixando os olhos.

— Ah, sim, os livros! Aqui os tens, toma-os; guardava-os precisamente para ti.

Olhou-me com curiosidade e torceu a boca de um modo estranho, como se quisesse esboçar um sorriso incrédulo. Isto durou apenas um minuto e o seu rosto recuperou logo a expressão severa e enigmática.

— O meu avô falou-lhe de mim, por acaso? — perguntou-me, olhando-me dos pés à cabeça com um pouco de ironia.

— Não, ele não me falou de ti, mas...

— E como sabia o senhor que eu viria? Quem lho disse? — perguntou rapidamente, interrompendo-me.

— Porque pensei que o teu avô não podia viver só, abandonado de todos. Estava tão velho e tão fraco que supus que alguém viria visitá-lo. Toma, aqui tens os teus livros Estudas com eles?

— Não.

— Então para que os queres?

— A princípio, quando eu vinha vê-lo, o avozinho dava-me lições com eles.

— Então depois deixaste de vir?

— Deixei de vir... Estive doente — acrescentou, à guisa de desculpa.

— Tens pai, mãe, família?

Franziu imediatamente as sobrancelhas e olhou-me assustada. Depois voltou-se e saiu do quarto devagar, sem dignar-se responder-me, como fizera na véspera. Estupefacto, segui-a com os olhos. Mas ela deteve-se à entrada.

— De que morreu ele? — perguntou-me de súbito, voltando-se um pouco para mim e, com o mesmo gesto e a mesma atitude com que entrara na noite anterior parou também à porta e perguntou-me por Azorka.

Aproximei-me dela e comecei a contar-lhe tudo à pressa. ela escutava-me, calada e curiosa, com a cabeça baixa e de costas para mim. Contei-lhe também como o velho, ao morrer, me falou da sexta rua.

— Eu calculava — acrescentei — que aí devia viver alguém que lhe era querido e esperava que viessem perguntar por ele. Devia gostar muito de ti, porque, no último instante, de quem se lembrou foi de ti.

— Não — murmurou involuntariamente —, não gostava de mim.

Estava muito excitada. Enquanto falava eu olhava-a no rosto. Reparei que fazia esforços espantosos para reprimir a sua comoção diante de mim, como se fosse por orgulho. Estava cada vez mais pálida e franzia o lábio inferior. Mas o que mais me impressionava era o bater do seu coração. Cada vez lhe batia com mais força, de tal maneira que parecia ter um aneurisma. Eu pensava que, de repente, ia pôr-se a chorar como na véspera, mas dominou-se.

— Onde está a paliçada, o sítio em que ele morreu?

Mostro-ta quando sairmos. Mas diz-me, como te chamas?

— Não vale a pena.

— Não vale a pena?

— Não, não é preciso, eu não tenho nome — exclamou num tom cortante e, como se tivesse ficado zangada, fez menção de retirar-se. Eu detive-a.

— Espera, pequena, que estranha tu és! Olha que eu gosto de ti. Custou-me muito aquilo de ontem, quando te puseste a chorar num canto da escada. Não posso lembrar-me disso. Para mais o teu avô morreu nos meus braços, e com certeza que pensava em ti quando me falou na sexta rua, como se te lançasse nos meus braços.

Apareceu-me em sonhos. Olha, eu arranjei-te uns livros, e tu és tão arisca que pareces teres medo de mim.

Deves ser muito pobre e órfã e viver sob o domínio de estranhos. E assim ou não?

Eu contemplava-a comovidamente e não poderia dizer o que é que me atraía nela. No meu pensamento imiscuía-se qualquer outra coisa que não era a piedade. Talvez o mistério de todo o desamparo, a impressão que Smith me deixara ou a fantasia do seu próprio temperamento... Não sei, mas qualquer coisa de indefinido me atraía para ela. As minhas palavras pareciam tê-la perturbado; olhava-me de um modo estranho, já não tão arredio mas sim suave e demoradamente. Depois voltava a baixar a cabeça, como se reflectisse.

— Helena — murmurou de repente, de um modo inesperado e numa voz sumida.

— Com que então chamaste Helena?

— Sim.

— Queres viver aqui comigo?

— Não pode ser... Não sei... Eu hei-de voltar — murmurou ela com esforço e perturbada.

Nesse momento, em qualquer lado ouviu-se um relógio de parede. Estremeceu e, olhando-me com uma tristeza indefinível, doentia, balbuciou: — Que horas são?

— Devem ser dez e meia.

Estremeceu de medo.

— Senhor! -— exclamou, e, de repente, deitou a correr Eu fi-la parar outra vez no patamar.

— Não tenhas medo de mim! — disselhe. — Porque tens medo? Já é tarde para ti?

— Sim, vim aqui às escondidas. Vou-me embora. «Ela vai bater-me — exclamou, libertando-se das minhas mãos. — Escuta — disselhe. — Eu também vou a Vassilievski Ostrov, à linha (*) treze. Vem comigo que eu levo-te a casa.

— A minha casa? Não pode ser, não pode ser! Gritou, muito admirada. O seu rosto crispou-se de espanto só com o pensamento de que eu pudesse segui-la até onde vivia.

— Já te disse que tenho de ir à linha treze tratar de um assunto, e não a tua casa. Não te acompanharei. Mas, de trem, chegaremos mais depressa. Vamos.

Descemos a escada. Eu mandei parar o primeiro cocheiro que passou com um *drojki* (2) detestável. Pelos vistos, Helena tinha grande pressa de partir. O mais curioso de tudo era que nem sequer me atrevia a interrogá-la. Agitava os braços e por um pouco não se arremessou do trem quando lhe perguntei porque é que tinha tanto medo da sua própria casa. «Que mistério será este?», pensava eu.

A pequena ficou mal acomodada. A cada movimento do *drojki* agarrava-se ao meu paletó com a mão esquerda, uma mãozinha pequena, suja e muito gelada. com a outra segurava os livros, que devia estimar

muito. Quando se acomodou melhor deixou a descoberto um pé, pelos seus sapatos esburacados vi, com grande assombro, que trazia apenas esses sapatos esburacados, sem meias. Embora tivesse resolvido não perguntar nada, não pude conter-me.

— Então não trazes meias? — perguntei-lhe. — Como podes andar assim, com um tempo tão húmido e frio?

— Não — respondeu com secura.

(*) Linha ou tua. (N. do T.)

(2) Trem de praça. (N. do T.)

— Mas com certeza que deves viver com alguém! Pede-as a qualquer pessoa quando tiveres de sair.

— Ando assim porque quero.

— Pois olha que podes adoecer e morrer.

— Quem me dera morrer!

Era evidente que não queria responder e as minhas perguntas a irritavam; contive-me.

— Olha, aqui é que ele morreu — disselhe eu apontando para o muro diante do qual morrera o velho.

Olhou fixamente para o sítio e depois disseme, suplicante: — Por amor de Deus, não venha comigo. Eu virei eu virei! Assim que puder, virei!

— Bem. Eu já te disse que não iria a tua casa. Mas diz-me: de quem é que tu tens medo? Deves ser muito infeliz. Fazes-me pena, quando olho para ti.

— Não tenho medo de ninguém — disse ela desabridamente, num certo tom de aborrecimento.

— Mas porque disseste «ela bate-me»?

— Que me bata! — gritou, e os seus olhos chispavam.

— Que me bata! Que me bata! — repetiu com veemência, e o seu lábio superior arqueava, exprimindo desdém.

Finalmente, chegámos a Vassilievski. Ela mandou parar o trem à entrada da sexta linha e saiu, olhando com inquietação à sua volta.

— Adeus, eu vou sozinha, eu vou sozinha! — repetiu com estranha inquietação, pedindo-me que não a seguisse.

— Vá-se embora já, já.

Continuei o meu caminho, mas depois de ter andado ao acaso durante algum tempo mandei embora o *drojki* e, voltando para trás, para a sexta linha, atravessei rapidamente para o outro passeio da rua. Ainda a vi. Não tivera tempo de afastar-se muito, embora caminhasse muito depressa e olhando à sua volta; chegou até a parar um momento para certificar-se de que ninguém a seguia. Mas eu escondi-me atrás de um portão e ela não me viu. Seguiu o seu caminho e eu atrás dela, pelo outro passeio da rua.

A minha curiosidade estava altamente excitada. Apesar de ter resolvido não a seguir, queria a todo o custo ficar a conhecer a casa em que ia entrar. Encontrava-me sob o influxo de uma impressão dolorosa e estranha, semelhante àquela que me provocara antes, na pastelaria, o seu avô quando morreu Azorka.

Capítulo quarto

Andámos muito, até ao Prospekt Mali. Ela parecia fugir, mas por fim entrou numa loja. Fiquei parado à sua espera. «Não deve viver na loja», pensei.

De facto, passado um momento saiu, mas já sem os livros; em vez deles trazia na mão uma malga. Depois de andar um pouco entrou pela porta de uma casa sórdida. Era uma casa pequena, de pedra, velha, de dois andares, pintada de amarelo sujo. Numa das janelas do andar inferior, que tinha três ao todo, via-se um pequeno caixão vermelho, insígnia de um modesto construtor de ataúdes. As janelas do andar superior eram muitíssimo pequenas e perfeitamente quadradas, com uns vidros sujos, verdes e estilhaçados, através dos quais se percebiam umas cortinitas de cor, de indiana. Atravessei a rua, aproximei-me da casa e li numa tabuleta de ferro, que havia por cima da porta: «Casa da Burguesa Bubnova».

Mal eu acabara de ler esta inscrição quando no pátio da casa Bubnova se ouviram uns gritos insistentes de mulher, seguidos de pragas. Olhei pela portinhola; no patamar da escada de madeira estava uma mulher gorda, vestida com um traje citadino, em cabelo e com um xaile verde sobre os ombros. O seu rosto tinha uma repugnante cor avermelhada; os olhos pequeninos, enterrados nas órbitas, injectados de A pequena avenida, uma das principais avenidas de Vassihevski Ostrov sangue, cheios de maldade. Percebia-se claramente que, apesar de não serem ainda horas de almoçar, estava já completamente embriagada. Gritava contra a pobre Helena, petrificada diante dela, com a sua malga na mão.

Na escada, por cima do ombro da mulher de cara rubicunda, olhava outra mulher com o vestido e o cabelo em desordem, esborratada de carmim e de branco. Um instante depois abria-se a porta da escada do sótão e nos degraus apareceu, provavelmente atraída pela gritaria, outra mulher de meia idade, pobremente vestida mas de cara agradável e simpática. Pelas portas abertas do andar de baixo espreitavam outros

inquilinos: um velho completamente decrépito e uma rapariga. Um mujique robusto e de elevada estatura, que devia ser o porteiro, estava a meio do pátio e, apoiado à vassoura, presenciava a cena com indiferença.

— Ah, maldita! Ah, sanguessuga, percevejo! — gritava a mulher lançando numa catadupa pela boca fora os insultos de que era capaz, sem interrupção e quase se engasgando. — É assim que agradeces os meus cuidados, meu frangalho? Mando-a buscar pepinos e desaparece. Eu já o adivinhava. Eu já sabia o que fazia quando a mandei. Já o adivinhava, olá! Ontem apanhou por causa do mesmo e vejam como hoje tornou a fugir. Por onde andas tu, vagabunda? Onde é que vais? com quem é que vais ter, malvada, piolhosa, com esses olhos espantados, víbora? Onde vais, lama dos charcos? Fala ou mato-te!

E a velha, furiosa, atirou-se sobre a pobre pequenita, mas conteve-se ao ver que a inquilina do andar de baixo a olhava e, voltando-se para ela, continuou com as suas lamentações, guinchando ainda mais do que antes e como se a tomasse por testemunha do monstruoso crime da sua vítima.

— A mãe foi desta para melhor! Já sabem, senhores; esta miserável está só no mundo, absolutamente sem nada, e eu, vendo-a assim tão desamparada e para agradar a S. Nicolau, fui e tomei conta desta órfã. Recolhia. E que pensam vocês? Há dois meses que a sustento... e nestes dois meses tem dado cabo de mim, tem-me esfolado e sugado o sangue.

Oh, esta sanguessuga, esta serpente venenosa, diabo raivoso! E ela sem dizer pio; batem-lhe e, como se tivesse a boca pregada, não diz uma! Dá cabo de mim... e não diz uma palavra! Quem julgas tu que és, toleirona, maltrapilha, mostrengo? Se não fosse eu tinhas esticado o pernil no meio da rua. O que devias era beijar a terra que eu piso! Se não fosse eu tinhas morrido de fome!

— Porque está assim tão zangada, Ana Trifonovna? Ela deu-lhe outro aborrecimento? — perguntou a mulher com muito respeito.

— O que é que ela fez, criatura, o que é que ela fez outra vez? Pois contrariame em tudo. Para salvar um olho dela eu era capaz de arrancar os meus dois... Eu sou assim! E ela, hoje, por um pouco não me manda para o outro mundo. Quando me levantei mandei-a buscar pepinos e

aparece-me ao meio-dia. Eu já palpitava isto, quando a mandei; já o adivinhava. Onde foste? Apareceram-te alguns protectores, não? Não te chego eu? À mãe dela perdoei eu catorze rublos que me devia, paguei-lhe o enterro e fiquei-lhe com esta filha endiabrada para a educar; tu bem o sabes, criatura, tu sabe-lo de sobra. E depois disto não terei eu direitos sobre ela? Se ao menos ainda me agradecesse.. Mas não, vai sempre contra mim. Contra mim, que só quero o seu bem!

Quis pôr-lhe vestidos de musselina, comprei-lhe botinas, vesti-a como uma boneca. E que imaginam os senhores? Em dois dias esfarrapou tudo e olhem como anda agora. Para castigo deixei-a sem leite durante uma semana. Ponho-a a lavar e ela lava toda a porcaria. Põe-me maluca com o seu silêncio e a sua inflexibilidade; por isso, ontem, bati-lhe até me doerem as mãos. Tirei-lhe os sapatos e as meias para que não pudesse sair... e saiu mesmo assim! Onde estiveste? com quem andaste? Fala! A quem é que foste queixar-te?

Fala, vadia, fala!

Raivosamente, lançou-se sobre a pequena, segurou-a pelos cabelos e sacudiu-a.

A malga com os pepinos caiu no chão e fez-se em cacos, o que aumentou ainda mais a fúria da mulher, que se pôs a castigar a vítima na cara e na cabeça, sem que a pequenita deixasse escapar um grito ou uma queixa.

Precipitei-me para o pátio e, de um salto, lancei-me sobre a ébria, que parecia enraivecida.

— Que faz a senhora? Porque maltrata assim uma pobre criança? — gritei, segurando aquela fúria por um braço.

— Mas que é isto? Quem és tu? — perguntou-me num ar fanfarrão e pondo as mãos na cintura. — Que fazes tu aqui, em minha casa?

— Não tem compaixão! Como se atreve a torturar assim esta pobre órfã?

— Senhor! Jesus! — gritou a megera. — Mas quem és tu e quem é que te chamou? Vieste com ela? Pois vais ver como eu vou fazer queixa ao comissário da polícia! Então Andron Timofeich, que tanto me aprecia!

É então contigo que ela vai ter? Socorro, socorro! Porque te vens meter numa casa alheia?

Caminhou para mim de mãos no ar... Mas nesse momento ouviu-se um grito penetrante, que não parecia humano...

Voltei-me... Helena, que estava de pé, como insensibilizada, tombou de repente no chão com um alarido terrível, antinatural, tomada de horríveis convulsões. O seu rosto estava transtornado. Costumavam dar-lhe ataques epilépticos. A rapariga do quatro independente e a mulher de baixo acudiram, levantaram-na e apressaram-se a levá-la para cima.

— Se ao menos rebentasse, essa malvada! — grunhiu a mulher correndo atrás dela. — Já é o terceiro ataque num mês... fora daqui, delator! — e de novo fez menção de atirar-se a mim. — Mas que fazes aí pespegado, *dvornik?* (*) Para que te pago eu?

— Gira! Gira daqui depressa se não queres que te dê uma coça! — disse o porteiro por dever de ofício. — Não te metas onde não és chamado, enfia a viola no saco e põe-te a mexer.

(*) Porteiro. (N. do T.)

Compreendi que era o melhor que tinha a fazer e parti, convencido de que a minha intervenção fora completamente inútil. Mas fervia de indignação. Já na rua, parei no passeio e olhei pela vigia da porta. Mal eu saí, a mulher gorda dirigiu-se lá para cima e o *dvornik,* acabado o seu trabalho, desapareceu. Um momento depois, a mulher que ajudara a levar Helena atravessou o portal em direcção à sua casa. Quando me viu parou e olhou-me com curiosidade. A doçura e a bondade do seu rosto encorajaram-me. Voltei a aproximar-me da porta e interroguei-a directamente.

— Dê-me licença — perguntei-lhe. — É daqui essa pequenita, a quem acabava de tratar tão mal essa mulher cruel? Pode crer que não se trata apenas de curiosidade. É que eu conheço essa rapariguinha e por uma certa razão interesso-me muito por ela.

— Pois se lhe interessa, leve-a, não deixe que ela se perca aqui —

disseme com receio de que a ouvissem e fez menção de retirar-se.

— Mas explique-me o que devo fazer. Digo-lhe desde já que não sei nada. A Bubnova deve ser a dona desta casa...

— Sim, é.

— E como se encontra esta pequena em seu poder? A mãe dela morreu aqui?

— Parece que sim... Mas não é comigo — e procurou outra vez escapar-se.

— Diga-me, quem é essa pequena? Afirmo-lhe que me interessa muito. E talvez eu possa fazer qualquer coisa. Quem era a mãe dela? Sabe?

— Uma estrangeira recém-chegada; vivia -connosco, aqui em baixo; estava sempre doente, tísica, e morreu.

— Devia ser muito pobre para viver num canto, num saguão!

— Se era! Fazia pena. A nós ficou ela a dever seis rublos em cinco meses que esteve connosco. Fomos nós que lhe pagámos o enterro; o meu marido fez-lhe o caixão.

— Então como é que a Bubnova diz que foi ela quem lhe pagou o enterro?

— Que ia pagar-lho!

— Como se chamava a falecida?

— Eu não sou capaz de dizê-lo, paizinho, era um nome pouco vulgar, devia ser alemão.

— Smith?

— Não, não era assim. Mas Ana Trifonovna ficou com a pequena para educá-la, segundo diz. Mas... a coisa não está muito clara...

— Não teria ficado com ela sem alguma outra intenção?

— Os seus negócios não são muito claros — respondeu a mulher, perplexa e hesitante (deveria falar ou não?).

— Mas, no fim de contas, nós não temos nada com isso, nós somos estranhos...

— Não seria melhor acabares com a conversa? — gritou nas nossas costas uma voz de homem.

Era um homem já idoso, que trazia uma bata até um pouco abaixo da cintura e por cima desta um cafetã (*) e de aspecto citadino. Era o marido da minha interlocutora.

— Olhe, paizinho, não temos nada a dizer-lhe, isso não nos diz respeito — murmurou, olhando-me de soslaio.

— E tu, vem daí. Adeus, cavalheiro! Nós fazemos caixões. Se , alguma vez precisar dos nossos serviços, temos muito gosto em... De outras coisas não temos nada que falar...

Saí daquela casa perplexo e profundamente perturbado. Não podia fazer nada mas era-me muito doloroso deixar o caso assim. Algumas das palavras da mulher do fabricante de ataúdes tinham-me impressionado particularmente. Havia ali qualquer coisa que não estava bem; era esse o meu pressentimento.

Seguia cabisbaixo e pensativo, quando, de repente, uma voz forte chamou pelo meu nome. Olho.., e vejo à minha frente um homem bêbado, que mal podia manter-se de pé, bem vestido, mas com uma pobre capa e um gorro ensebado. A sua cara era-me bem conhecida. Parei a olhar para ele Piscou-me um olho e sorriu ironicamente. — Então, já me reconheceste?

(*) O cafetã é um paletó comprido, ajustado ao corpo, de pano azul ou preto. (N. do T.)

Capítulo quinto

— És tu, Masloboiev — exclamei, reconhecendo de súbito o meu antigo condiscípulo do ginásio (*) oficial.

— Que encontro!

— Há quanto tempo! Há seis anos que não nos víamos! Embora talvez já nos tivéssemos encontrado, simplesmente Vossa Excelência não se dignou olhar para mim. Agora és um general, em sentido literário, já se sabe! — e ao dizer isto sorria zombeteiramente.

— Olha, meu caro Masloboiev, não mintas — interrompi-o. — Em primeiro lugar, os generais, mesmo os literários, não têm o meu aspecto, e além disso, permite-me que te diga que, de facto, me lembro de ter-te encontrado umas duas vezes na rua; mas tu parecias fugir de mim e eu abstenho-me quando vejo que me evitam... Sabes o que penso? É que se tu não estivesses agora *grosso* não me terias cumprimentado. Não será isto verdade? Bem. Pois então, boa tarde! Eu, meu caro, estou muito satisfeito por ter-te encontrado.

— Sério? Não te comprometo com a mi... com este aspecto? Bem, é escusado perguntar-te, isso não tem importância; eu nunca me esqueço de que eras um bom rapaz, Vânia. Lembras-te daquela vez em que foste castigado por minha culpa? Tu calaste-te, não me denunciaste, e eu, em vez de agradecer-te, fiquei a rir-me de ti durante uma semana. Que alma inocente a tua! bom dia, meu amigo, saúde! — e tu, e tu? beijá-mo-nos. — já há anos que ando sozinho... trabalhando dia e noite... e no entanto Isso não se esquece! E

(*) O mesmo que liceu. (N. do T.)

— Eu? Também trabalho, e só...

Ele olhou-me durante um longo momento, com a viva simpatia de um homem amansado pela aguardente.

Embora, afinal, não precisasse disso para ser uma excelente pessoa.

— Não. Vânia, não; tu não estás como eu — exclamou finalmente com uma expressão trágica. — Olha, eu tenho lido, tenho lido, Vânia, tenho lido... Mas escuta. Fala-me com a alma. Tens pressa?

— Tenho fome e, confesso-te, estou terrivelmente preocupado com um caso. O melhor era... Onde moras?

— Já te digo. Mas isso não é o melhor. Não seria preferível outra coisa?

— O quê — Olha para ali. Estás a ver? — e apontava-me uma tabuleta a dez passos do lugar em que nos encontrávamos. — Vês? Pastelaria e restaurante, isto é, trata-se simplesmente de uma casa de pasto, mas é um lugar bom. A clientela é distinta e há boa *vodka;* não terás nada a dizer. Vim de Kiev a pé. Bebi, bebi bastante, reconheço-o, e aqui não se atrevem a dar-me da má. Sabem quem é Filipe Filipitch. O quê? Torces o nariz? Não. Deixa-me falar. É meio-dia e um quarto, vi agora. Pois bem, à uma menos vinte e cinco em ponto largo-te. Entretanto, poderemos matar o bicho. Vinte minutos para o velho amigo, valeu?

— Se se trata apenas de vinte minutos, seja, porque, meu caro, juro-te que o assunto...

— Bom. Sempre vens. Assentemos em que vens. Mas, antes de mais, duas palavras. Estás com mau parecer; acabas de sofrer algum desgosto, não é verdade?

— Sim.

— Já vês como adivinhei. Eu, meu amigo, agora dei em fisionomista, é uma profissão como outra qualquer.

Bem, vamos lá, entremos e conversemos. Eu, em vinte minutos terei tempo de sobra para estrangular o almirante Tchainski (*) e embutir outro copito de aguardente, outro de anis outro de Pomerânia, outro de *parfait amour* (2), e mais qualquer coisa ainda. Eu bebo, meu amigo! Só nos dias de festa antes da missa, é que valho qualquer coisa.

Tu, se não quiseres, não bebes. Preciso de ti para uma coisa. Mas entra, e se beberes demonstrarás uma especial grandeza de alma. Entremos. Trocaremos duas palavras, e depois, durante dez anos cada um tornará a andar por onde calhar. Eu sou o teu irmão, Vânia, e não o

teu igual!

— Bem. Não fales mais e entra quanto antes. Durante vinte minutos estou ao teu dispor, mas depois tenho de deixar-te.

Para se entrar no restaurante era necessário subir por uma pequena escada de madeira, com um patamar no 2.º andar. Na escada encontrámos dois senhores que deviam ter bebido muito. Quando nos viram, afastaram-se, cambaleando.

Um deles era um rapaz muito novo, ainda imberbe, com um bigodinho incipiente e uma expressão de cara completamente estúpida. Vestia com elegância mas com um certo ridículo, era como se trouxesse roupa alheia; trazia anéis valiosos nos dedos, um alfinete de preço na gravata, e tinha um penteado disparatado, com uma espécie de topete na frente. Não fazia senão rir às gargalhadas. O seu companheiro devia ter já uns cinquenta anos; era um homem gordo, barrigudo, vestido com muito desleixo, mas que trazia também um vistoso alfinete na gravata; calvo, uma cara de bêbado, rubicunda e afogueada, óculos sobre o nariz, do tamanho de um botão; a expressão do rosto era maliciosa e implicativa. Os seus olhinhos chispantes,, maliciosos e perspicazes estavam enterrados em gordura e pareciam olhar por uma fresta. Pelos vistos ambos conheciam Masloboiev; mas o pançudo, quando se encontrou connosco, aparentou, embora apenas por um momento, uma expressão de contrariedade, ao passo *T.* que o rapaz esboçava um sorriso de troça disfarçada de servil obsequiosidade. Até tirou o gorro. Porque ia de gorro.

(*) Expressão picaresca para designar o chá, que se diz tebai em russo (N. T.)
(2) Em francês, no texto.

Desculpe-me, Filipe Filipitch — murmurou, olhando-o com servilismo.

— Porquê?

— Porque pecámos... por aqui — e apontou o pescoço.

— Mitrochka está lá dentro. A semana passada, em certo sítio, apanhou uma tosa! Hi, hi!

O companheiro, contrariado, deu-lhe uma cotovelada.

— Mas o senhor, Filipe Filipitch, não quer esvaziar uma garrafa connosco?

— Não, paizinho, agora é impossível — respondeu Masloboiev —, agora tenho um assunto...

— Hi, hi! Também eu tenho um assunto para tratar consigo...

O companheiro tornou a dar-lhe com o cotovelo. Via-se que Masloboiev fazia esforços para não os olhar. Mas ainda mal entráramos no primeiro compartimento, ao longo do qual corria um armário, bem fornecido de aperitivos, frascos e garrafas de várias cores, quando Masloboiev me levou para um canto e me disse: — O rapaz... é o filho de Sizobriukov, o famoso fabricante de farinhas, que herdou do pai meio milhão, e dedica-se agora à boémia. Esteve em Paris e arejou ali as algibeiras de tal modo que gastou quase a herança toda. Depois herdou outra vez de um tio e veio de Paris gastar aqui o que lhe restava. Escusado será dizer que, dentro de um ano, ficará teso. É um doidivanas. É nos melhores restaurantes, nas casas de mariscos e nas tabernas, com actrizes e hussardos, que ele anda sempre... Há pouco apresentou uma demanda. O outro, o mais velho é... Arkipov, também comerciante ou qualquer coisa do género, e também é doido pela pinga. É um velhaco, um covarde, esse actual compincha de Sizubriokov; Judas *e* Falstaff num pé só, duas vezes falido e de uma sensualidade repugnante, com certos caprichos... Conheço-lhe um caso de crime, neste género... É por isso que ele me evita. Por um lado estou satisfeito por tê-lo encontrado aqui; estava à espera dele... E claro que Arkipov vive há custa de Sizobriukov; conhece todos os sítios e é do melhor que há para acompanhar rapazes deste género. Eu, meu caro, aqui há tempos mostrei-lhe os dentes.

Mitrochka (*) também lhos mostrou... é esse rapazinho muito bem vestido que está ali, junto da janela, com cara de cigano. É negociante de cavalos e não há aqui um hussardo que não o conheça. Previno-te de que é tão astuto que é capaz de fabricar moeda falsa na tua frente, e tu, que o

estás vendo, vais passá-la. Veste de pelúcia, é verdade, e parece um eslavónico (o que, em minha opinião, não lhe fica mal); mas põe-lhe um fraque de bom corte, leva-o ao Clube Inglês (2) e verás como todos dizem: «Caramba! Aquele é o poderoso conde Barabanov!» E durante duas horas tratá-lo-ão como se fosse o tal conde... E ele fará outro papel e falará como um conde de tal maneira que ninguém suspeitará de nada e os enganará a todos. Há-de acabar mal. Pois bem. Esse tal Mitrochka mostrou também os dentes ao barrigudo, porque agora anda a tinir e o pançudo roubou-lhe Sizobriukov, que dantes era seu amigo e agora lhe rouba a pele. Se se encontraram os dois aqui no restaurante é porque, de certeza, tramam qualquer coisa. Poderia até dizer o quê, e calculo que foi Mitrochka e não outro quem me avisou de que Arkipov viria aqui com Sizobriukov, e que trazem entre mãos algum assunto feio. Eu tenciono aproveitar-me do ódio que Mitrochka tem a Arkipov, cá tenho as minhas razões; foi precisamente por isso que vim aqui. Mas fingir-me-ei desentendido com Mitrochka e tu faz também que não reparas nele. Quando sairmos, com certeza que será ele próprio quem há-de aproximar-se e me dirá aquilo que preciso de saber... Agora, Vânia, vamos para aquela salita. Olha... Vamos lá a ver, Stepan — prosseguiu, dirigindo-se ao noivo —, sabes o que eu quero?

(*) Diminutivo de Demitri. Esta personagem imaginária corresponde a outra personagem real que Dostoievski conheceu no presídio (Vulkov) e que descreve nas Recordações da Casa Morta quase com as mesmas palavras (N. do T.)

(2) O Clube Inglês, fundado no tempo de Catarina II, esteve muito em moda no século XIX Era o lugar de reunião da aristocracia e dos altos funcionários (N. ao T.)

— Sei.

— E está pronto? — Está.

— Então traz. Senta-te, Vânia. Mas porque me olhas assim' Estás admirado? Não te admires. A um homem podem sempre acontecer

coisas com as quais nem sequer sonhou, sobretudo quando... bem, sobretudo quando eu lia contigo o Comélio Nepote. Mas olha, Vânia, não te esqueças de uma coisa. Por muito batido que Masloboiev seja, ainda tem coração, e tudo se reduz a que as circunstâncias mudaram. Eu quis estudar Medicina, fazer-me professor de literatura nacional, escrevi um artigo sobre Gogol, trabalhei também como pesquisador de ouro, e, além disso, estive quase para me casar... E «ela» estava pelos ajustes embora eu não tivesse nem para mandar tocar um cego. Fiz os preparativos necessários para o casamento e fui comprar umas botas fortes porque as minhas já estavam em estiras... Mas não cheguei a casar-me. Ela partiu com um professor e eu fiquei num escritório, não num escritório comercial, mas numa casa de penhores. Mas aquilo não me agradava. Os anos passaram e, embora eu não tenha agora nenhum emprego, dinheiro não me falta; deito as minhas contas e faço valer os meus direitos; sou feroz para com os mansos e manso para com os ferozes. Sigo uma regra. Sei, por exemplo, que ninguém pode lutar sozinho, e... arranjo-me... Geralmente, trabalho à sucapa... compreendes?

— Es agente secreto ou qualquer coisa do género?

— Não, não sou agente, mas ocupo-me em assuntos, em parte oficiais e em parte privados. Olha, Vânia, bebo.

E como nunca deixei afogar o juízo, sei bem qual há-de ser o meu futuro. O meu tempo já passou, e águas passadas não movem moinhos. Só te digo uma coisa. Se eu, apesar de tudo, não fosse um homem, não me teria aproximado de ti, Vânia. Tu tinhas razão. Encontrei-me contigo, já te tinha visto mais vezes e quis falar-te, mas não me atrevia, faltava-me a coragem. Disseste a verdade, Vânia; se me aproximei de ti foi porque estou bêbado. Mas embora tudo isto tenha o seu interesse, já chega de falar de mim! Falemos agora de ti. Bem, meu amigo, pois eu li, li e reli tudo, e, meu caro, é à tua primeira obra que me refiro, e ao lê-la estive quase a tornar-me um homem disciplinado.

Pouco faltou; simplesmente pensei-o, mas não o fiz, achei melhor continuar a ser um homem desordenado.

Por isso...

Disseme ainda muitas outras coisas. Cada vez estava mais bêbado e começou depois a enternecer-se muito e ficou quase a ponto de chorar. Masloboiev fora sempre um bom rapaz, mas não conseguia ter juízo e desenvolver uma ideia. Esperto, brigão, desinquietador e buliçoso, já no colégio; mas na realidade um homem de coração, um homem perdido. Há muitos indivíduos como ele entre os russos. Costumam possuir grandes aptidões mas permanecem improdutivos e, além disso, propendem inconscientemente a actuar contra a sua consciência, por pura fraqueza, em determinados pontos, e não só se perdem, como já de antemão sabem que se hão-de perder. Masloboiev, entre outras coisas, naufragava em aguardente.

— Agora, meu caro, ainda duas palavras — continuou. — Eu dei pelo barulho que fez o teu primeiro livro; li depois várias críticas sobre ti (li-as, de facto, naturalmente pensas que eu já nem leio); encontrei-te depois mal calçado, sujo, sem galochas, com um chapéu todo amolgado e adivinhei qualquer coisa. Não escreves agora nos jornais?

— Escrevo, sim, Masloboiev.

— Quer dizer então que fazes de moço de fretes?

— Qualquer coisa do género.

— Pois, olha, meu amigo, ouve o que eu te digo: embebeda-te melhor. Eu embebedo-me, estendo-me no divã (porque eu tenho um divã, fofo, de molas) e imagino que sou qualquer coisa da categoria do Homero, do Dante, ou do Frederico Barba-Roxa... bom. Tudo o que de melhor se pode imaginar. Mas tu, claro, não podes imaginar que és Dante nem Barba-Roxa; primeiro, porque aspiras a ser tu próprio e, além disso, porque não podes permitir-te caprichos, visto que és um moço de fretes. Para mim, a fantasia, para ti, a realidade. Escuta-me com toda a franqueza e como irmão, se não ficarei ofendido e humilhado para os dez anos mais próximos: precisas de dinheiro? Tal qual. Não faças trejeitos. Pegas no dinheiro, pagas os adiantamentos ao editor, sacodes o jugo, descansas sem preocupações durante um ano, imaginas um assunto e escreves um grande livro. Hem? Que dizes?

— Ouve, Masloboiev. Agradeço a tua fraternal oferta, mas não posso

aceitá-la... Porquê? Seria preciso entrar em muitos pormenores. Mas prometo contar-te tudo mais tarde, como de irmão para irmão. Agradeço o teu oferecimento; prometo ir visitar-te e hei-de ir por mais de uma vez. Mas vamos ao assunto. Tu és franco para comigo e por isso resolvi pedir-te um conselho. Tanto mais que, segundo parece, és mestre nestas coisas.

E contei-lhe toda a história de Smith e da sua netita, começando pela pastelaria. Coisa estranha: enquanto eu falava parecia-me adivinhar no seu olhar que ele sabia algo sobre essa história. Perguntei-lho.

— Não, não sei — respondeu. — Mas, de facto, ouvi dizer qualquer coisa a respeito de um tal Smith, de um velho que morreu numa pastelaria. E de madame Bubnova, sei, efectivamente, qualquer coisa. Dessa senhora recebi eu, haverá dois meses, uma quantia de F rends mon bien ou je le trouve (*), e é só nisto que eu sou parecido com Molière]. E, embora lhe tenha apanhado cem rublos, nesse mesmo instante jurei a mim próprio apanhar-lhe, não cem, mas quinhentos. Que mulher tão repugnante! Dedica-se a negócios ilícitos. E isso ainda seria o menos, mas é que às vezes ultrapassa todas as marcas. Entretanto, não me tomes por um dom-quixote, peço-te. O que eu quero é tirar daqui proveito, e quando há um momento nos encontrámos com Sizobriukov, fiquei muito satisfeito. Sizobriukov visita-a, pelos vistos, e deve, levar o seu barrigudo; ora como eu já sei a que espécie de negócios se dedica o barrigudo, deduzo que... Bem. Eu o arranjarei. Estou muito satisfeito porque me tenhas falado dessa pequenita; agora já tenho outra pista Eu, meu caro, trato de vários assuntos, e se visses as pessoas com quem lido... Há pouco tive de tratar de um caso com certo príncipe. Se quiseres contar-te-ei uma certa história de uma mulher casada. Vem visitar-me, meu caro amigo que eu te darei assuntos para livros, assuntos tais que, se os escreveres, nem hão-de querer acreditar-te...

(*) Em francês, no texto: governo-me como posso, deito a mão ao que aparece (N. do T)

— Qual é o apelido desse príncipe? — interrompi imaginando qualquer coisa.

— A ti, que te interessa? Bem, é Valkovski.

— Piotre Valkovski?

— Isso mesmo.

— Conhece-lo?

— Conheço-o, mas'não muito bem. Olha Masloboiev, vou perguntar-te algumas minúcias acerca desse cavalheiro — disse, levantando-me. — Despertaste em mim um interesse enorme.

— Meu caro, pergunta o que quiseres. Eu posso contar histórias, mas só até certo ponto... compreendes?

Senão, de outra maneira perde-se o crédito e a fama nos negócios e ainda mais.

— Bem. Tudo quanto a dignidade permita. Eu estava muito comovido, no que ele reparou.

— bom. Que me dizes agora a respeito dessa história que acabo de contar-te? Sugeriu-te qualquer coisa ou não?

— A tua história? Um momento. Espera dois minutos que eu vou pagar.

Aproximou-se do balcão, e aí, como por acaso, surgiu de repente o rapazelho do jaquetão de pelúcia, ao qual tão familiarmente tratava por Mitrochka. A mim parecia-me que Masloboiev o conhecia melhor do que aparentava. Pelo menos era evidente que não era aquela a primeira vez que se viam. Mitrochka era um rapaz de aspecto muito original.

O seu colete, que deixava ver uma linda camisa de seda vermelha; as feições enérgicas mas bem desenhadas, muito novo ainda, com uns olhos cintilantes e trocistas, provocavam uma impressão estranha mas não antipática. Os seus jestos tinham qualquer coisa de afectamente obsequioso mas, ao mesmo tempo, esforçava-se visivelmente por dominar-se, adoptando um ar altamente preocupado, grave e sério.

— Olha, Vânia — disse Masloboiev dirigindo-se a mim —> vem até minha casa esta noite, às oito, pois talvez possa dizer-te alguma coisa; simplesmente, eu, agora, não sou ninguém; já o fui, mas agora sou

apenas um borracho e não me ocupo de negócios. Mas possuo boas relações; posso interrogar alguém, andar na estúrdia com gente fina; com isso é que eu conto verdadeiramente quando estou livre; isto é, como bêbado também faço qualquer coisa, sempre com a ajuda dos amigos... Mas, bom, eu estou bêbado... Basta! Aqui tens a minha direcção; na Chestilavotchnaia (*).

Ainda vou beber do dourado, mas em casa. Depois deito-me. Vai! Apresento-te a Alexandra Semionovna e falaremos de poesia.

— E do outro assunto também?

— Bem. Pode ser que também.

— Irei, irei sem falta...

(*) Rua das Seis Lojas. (N. do T.)

Capítulo sexto

Havia muito tempo que Ana Andreievna me esperava. O que eu lhe dissera na noite anterior a respeito da carta de Natacha excitara vivamente a sua curiosidade e por isso ela aguardava-me desde manhã cedo, pelo menos desde as dez. Quando apareci em sua casa, às duas da tarde, a tortura da espera esgotara quase por completo as forças da pobre velha.

Além disso, estava ansiosa por comunicar-me as novas esperanças que concebera no dia anterior e por falar-me de Niko lai Serguieitch, o qual desde a véspera andava rabujento e esquivo, embora ao mesmo tempo se mostrasse carinhoso para com ela, de uma maneira muito especial. Quando entrei acolheu-me com uma expressão de frieza e de descontentamento no rosto; mal me cumprimentou, por entre dentes e não manifestou a menor curiosidade. Foi como se desejasse dizer-me «Porque vieste? Que gosto o teu, palmilhar ruas durante todo o dia.» Estava zangada até mais não poder Mas eu apressei-me e, sem mais preâmbulos, contei-lhe toda a cena da véspera em casa de Natacha. Assim que ouviu a referência à visita do velho príncipe e o solene pedido da mão de Natacha que ele fizera, logo a velhota abandonou imediatamente toda a sua fingida indiferença. Não haveria palavras suficientes para descrever a sua alegria e até o seu êxtase, a maneira como se benzeu, chorou e prostrou diante da imagem em genuflexões até ao chão, e como, depois de abraçar-me, quis correr em busca de Nikolai Serguieitch e comunicar-lhe a sua alegria.

— Paizinho, ele está aborrecido com tantas ofensas e humilhações. Mas agora, quando souber que vão dar uma satisfação a Natacha, há-de esquecer tudo num momento.

Só com muito custo a dissuadi. A boa velhota, apesar de estar já casada havia vinte e cinco anos, ainda não conhecia bem o marido. Queria também ir comigo imediatamente a casa de Natacha. Fiz-lhe ver que não só podia muito bem acontecer que Nikolai Serguieitch não

aprovasse o seu procedimento, como até poderíamos fazer com que tudo se acabasse ainda por estragar. Só à força consegui convencê-la a desistir, mas, no entanto, reteve-me ainda meia hora e durante todo esse tempo não parou de falar.

— Mas porque hei-de estar eu aqui metida entre estas quatro paredes, com esta alegria tão grande? — dizia.

Finalmente convencia a deixar-me sair, fazendo-lhe notar que Natacha devia estar já à minha espera com impaciência. A velhota benzeu-me várias vezes durante o caminho até à porta; encarregou-me de felicitar Natacha em seu nome *e* por um pouco não me punha a chorar quando eu lhe disse que já não podia voltar naquela noite, a menos que não acontecesse a Natacha qualquer coisa de especial. A Nikolai Serguieitch não cheguei a vê-lo nesse dia; não dormira em toda a noite passada e queixava-se de dor de cabeça, mas nessa altura descansava no escritório.

Também Natacha me esperara durante toda a manhã. Quando entrei, passeava ela pelo quarto, como era seu costume, com os braços cruzados e como quem medita em alguma coisa. Ainda hoje, quando me lembro dela, não posso imaginá-la de outra maneira senão sempre sozinha, no seu mísero quarto, pensativa, abandonada, à espera, de braços cruzados, os olhos dolorosamente fixos no chão e dando voltas sem objectivo, de um lado para o outro.

Com uma voz tranquila e sem deixar de caminhar, perguntou-me por que me demorara eu tanto. Expus-lhe com brevidade todas as minhas aventuras, mas ela quase não me ouviu. Era evidente que estava preocupada com qualquer coisa.

— Há alguma coisa de novo? — perguntei-lhe.

— De novo, nada — respondeu-me num tom que me fez adivinhar imediatamente que, de facto, havia qualquer coisa de novo e que ela me esperava para contar-me aquela novidade, mas que, conforme era seu hábito, não ma diria logo mas só quando eu fosse já para sair.

Era assim que fazia sempre. Eu já o sabia e aguardava.

Como era natural, iniciámos a nossa conversa falando do dia anterior.

Fiquei muito admirado ao ver que estávamos os dois absolutamente de acordo acerca da impressão que o príncipe deixara; a ela era-lhe decididamente antipático, muito mais antipático que na véspera. Mas quando lhe fiz notar certos aspectos da sua visita, Natacha disse de repente: — Ouve, Vânia, a mim tem-me acontecido sempre que quando alguém me é antipático na primeira vez isso é um indício quase infalível de que mais tarde virá a ser-me simpático. Pelo menos, é o que me tem acontecido sempre.

— Deus queira, Natacha. Aliás, vou dar-te a minha opinião, que é definitiva. Reparei em tudo e concluí que o príncipe, embora seja um tanto jesuíta, deu consentimento para o vosso casamento com toda a seriedade e de boa fé.

Natacha ficou -parada no meio do quarto e olhou-me com severidade. Todo o seu rosto mudara; até os lábios lhe tremiam levemente.

— Mas como poderia ele, num caso *destes,* empregar a astúcia e... mentir? — perguntou-me com uma altiva segurança.

— Claro, claro! — apressei-me a responder.

— Certamente que ele não mentiu. Parece-me que nem sequer devemos pensar nisso. Também não é possível ir procurar uma razão que justificasse tal mentira. E, afinal, quem sou eu a seus olhos para que quisesse troçar de mim até esse ponto? Pode existir um homem capaz de infligir tal ofensa'

— Claro, claro! — corroborei eu, enquanto pensava para mim: «Tenho a certeza de que era nisto e apenas nisto que tu pensavas enquanto fazias esses passeios pelo quarto, minha pobrezinha, e pode ser que duvides disso ainda mais do que eu.»

— Ah, como gostaria que ele voltasse depressa! — disse. — Queria ficar junto de mim uma noite inteira e afinal... com certeza que devia ter assuntos muito importantes, uma vez que deixou tudo e partiu. Sabes alguma coisa, Vânia? Não ouviste dizer nada?

— Vá-se lá saber! Anda sempre à caça de dinheiro! Ouvi dizer que está ligado a certa empresa, aqui, em Petersburgo. Eu, Natacha, de negócios não percebo patavina.

— Bem sei. Aliocha, ontem, falou-me não sei de que carta.

— Alguma notícia. A propósito: Aliocha veio?

— Veio.

— Cedo?

— Ao meio-dia. Já sabes que ele é pouco madrugador. Esteve aqui apenas um momento. Eu mandei-o para Catarina Fiodorovna, não é possível outra coisa, Vânia.

— Então não foi por sua livre vontade?

Não, fui eu que o mandei.

Quis acrescentar qualquer coisa mais mas ficou calada. olhei-a e fiquei à espera. O seu rosto exprimia tristeza, de boa vontade a teria interrogado, mas às vezes as perguntas incomodavam-na muito.

— Que rapaz estranho! — disse, por fim, franzindo levemente a boca e como se se esforçasse por não me olhar.

— O quê? Tiveram alguma *zanga.?*

— Não, de maneira nenhuma, simplesmente... Além disso ele é tão bom... Apenas...

— Bem, em breve acabarão todas as suas amarguras e inquietações — disselhe eu.

Natacha olhou para mim, atenta e curiosa. Pode ser que se tivesse lembrado de responder-me que Aliocha nunca chegara verdadeiramente a ter grandes inquietações, mas pareceu-lhe que nas minhas palavras se encerrava o mesmo pensamento. Ficou um pouco amuada.

Mas em breve se pôs afectuosa e amável. Dessa vez foi até particularmente amável. Fiquei a fazer-lhe companhia por mais de uma hora. Estava muito desassossegada. O príncipe metia-lhe medo. Eu pude inferir de algumas perguntas suas que desejava saber verdadeiramente a impressão que lhe fizera na noite anterior.

Como se tinha conduzido? Não teria demonstrado demasiada alegria com a sua presença? Não se teria mostrado demasiadamente exigente? Ou, pelo contrário, excessivamente condescendente? Que teria ele pensado? Não lhe pareceria ridícula? Não sentiria desprezo por ela? com todas estas cavilações, as faces ardiam-lhe como fogo.

— Para que te comoves tanto perante a ideia do que um mau homem possa pensar? Que pense o que quiser! — disse-lhe eu.

— Mau, porquê? — perguntou-me.

Natacha era receosa, mas de coração puro e carácter íntegro. Os seus receios procediam de uma fonte límpida.

Era orgulhosa, nobremente orgulhosa, e não podia suportar que aquilo que julgava superior a tudo fosse objecto de mofa perante os seus próprios olhos. Ao desprezo de um homem vil responderia com o mesmo desprezo; no entanto, doía-lhe que troçassem daquilo que considerava sacrossanto, fosse quem fosse o trocista. Isso não se devia a uma falta de firmeza, mas sim ao seu pequeno conhecimento do mundo, à sua falta de convívio com as pessoas, a ter passado a vida metida num canto.

Passar a vida toda quase sem sair de casa. E finalmente, essa qualidade dos seres ingénuos, que talvez lhe viesse do pai, de apreciar uma pessoa, considerando-a por melhor do que verdadeiramente é e exagerar exaltadamente tudo quanto tem de bom, tinha-se desenvolvido nela num grau violento. A essas criaturas custa-lhes depois muito refazerem-se da sua desilusão e ainda mais quando sentem que são elas mesmas as culpadas. Para quê esperar de uma pessoa mais do que aquilo que ela pode dar? Dizem que, a tais pessoas, uma desilusão as espera a cada momento. O melhor de tudo seria estarem muito quietas nas suas casas e não andarem pelo mundo, e eu já reparei que, efectivamente, têm tal amor ao seu cantinho que acabam por se tornar ariscas. Além disso, Natacha sofrera muitos dissabores, muitas ofensas. Era já uma criatura doente e ninguém podia acusá-la, se é que as minhas palavras encerravam qualquer recriminação.

Mas eu estava com pressa e levantei-me para sair. Ela ficou admirada e por pouco não se pôs a chorar quando viu que me retirava, apesar de que, durante todo o tempo que eu ali estivera se mostrara mais fria que de costume. Beijou-me com ímpeto e ficou a olhar-me por muito tempo.

— Ouve — disseme. — Aliocha hoje esteve ridículo e até me deixou ficar admirada. Na aparência estava muito carinhoso, muito contente,

mas agitava-se e remexia-se muito e não fazia outra coisa senão olhar para o espelho. Não parecia preocupado... e entretanto esteve muito pouco tempo comigo. Calcula que me trouxe doces.

— Doces? É muito bom, é ingénuo! Ah, como vocês me saíram os dois! Agora põem-se a observar um ao outro, a odiarem-se, a investigar os rostos e a ler pensamentos secretos sem conseguirem decifrá-los. E ele nem sequer... Continua tão alegre e colegial como antes. Mas tudo!

E sempre que Natacha mudava de tom e me vinha com queixas de Aliocha ou à procura de que eu lhe resolvesse alguma pequena dúvida, ou a contar-me algum segredo, desejosa de ser compreendida apenas por meias palavras, lembro-me de que nessas ocasiões ficava sempre a olhar-me, entremostrando os dentes, e parecia pedir-me que a todo custo lhe dissesse qualquer coisa, contanto que ficasse mais contente. Mas lembro-me também de que, nesses casos, eu adoptava sempre um tom um pouco severo e cortante, à guisa de reprimenda, o que fazia de um modo completamente inconsciente e «dava sempre resultado». A minha seriedade e gravidade pareciam de facto mais autoritárias, porque às vezes sentimos a necessidade irresistível de que alguém nos ralhe. Pelo menos Natacha ficava algumas vezes perfeitamente reconfortada.

— Não, Vânia — continuou, apoiando uma das suas mãos no meu ombro e apertando a minha com a outra — , parece-me que ele está pouco entusiasmado... Já procede comigo como «mari...» (*), sabes? Como se fosse casado já há dez anos, embora como um marido que ainda gosta da mulher. Não achas muito cedo para isso?

Ri-se, anda de um lado para o outro, como se tudo isso me fosse indiferente, como se já estivesse um pouco aborrecido, e não como antes... Está sempre com pressa de ir para junto de Catarina Fiodorovna... Falo-lhe e ele não me ouve ou começa a falar-me de outra coisa. Sabes? É esse desagradável costume da alta sociedade que nós os dois lhe tínhamos tirado. Enfim, conduz-se de um modo... como se tudo lhe fosse indiferente...

Mas que digo eu! Como nós somos exigentes, Vânia, que déspotas tão caprichosos! Só agora é que o vejo!

Não perdoamos a uma pessoa uma simples mudança de expressão e afinal só Deus sabe por que terá sido. E tu, meu amigo, ainda me vens com censuras! Serei eu a única culpada? Somos nós próprios que provocamos os nossos aborrecimentos e depois ainda por cima nos queixamos... Muito obrigada,, Vânia!

(*) Marido.

Conseguiste acalmar-me! Ah, mas se ele viesse! Mas para quê? Até quando? Olha, ainda estou zangada pelo que se passou.

— Mas vocês zaragatearam? — perguntei-lhe, assombrado.

— Não, não é isso! Simplesmente, eu estava um pouco tristonha, e ele, de tão alegre que estava no princípio, pôs-se de repente murcho, e pareceu-me que se despediu de mim friamente. Mas eu vou mandar chamá-lo... Vem tu também, Vânia, esta noite.

— Sim, sem falta, a não ser que um certo assunto — Que assunto vem a ser esse?

— Um caso que me preocupa. Mas penso que poderei vir.

Capítulo sétimo

Às sete em ponto estava eu em casa de Masloboiev. Ele vivia na Chestilavotchnaia, num prédio pequeno, do qual ocupava uma ala num andar muito sujo, composto de três quartos, satisfatoriamente mobilados. Notava-se aí até um certo desafogo e ao mesmo tempo uma excessiva falta de ordem doméstica. Veio abrir a porta uma rapariga muito jeitosa, de uns dezanove anos, vestida com simplicidade mas com gosto; muito amável e com uns olhos magníficos. Adivinhei imediatamente que se tratava da própria Alexandra Semionovna, à qual ele se referira já, propondo-se apresentar-ma. Perguntou-me quem era e, quando ouviu o meu apelido, disseme que Masloboiev me esperava, embora estivesse a dormir no seu quarto, onde me conduziu. Masloboiev dormia num bonito e fofo divã, embrulhado no seu apote seboso e com uma almofada de couro já gasta debaixo da cabeça. Dormia num sono muito leve. Assim que entrei chamou logo pelo meu nome.

— Ah, és tu! Estava à tua espera. A sonhar que chegavas e me acordavas. Já é tempo. Vamos.

— Onde?

— A casa dessa senhora.

— De que senhora? Para quê?

— A casa de madame Bubnova, para falar com ela... É uma beldade! — exclamou, voltando-se para Alexandra Sennonovna e até beijou as pontas dos dedos com a recordação de madame Bubnova.

bom, mas vê se tens cuidado! — exclamou Alexandra Semionovna, que considerou seu dever mostrar-se um pouquinho aborrecida.

— Ainda não se conhecem? Então vão conhecer-se! Alexandra Semionovna, apresento-te este general literato; só conseguimos vê-los gratuitamente uma vez por ano; o resto do tempo, só pagando.

— Bem, lá se saiu ele com uma das suas! O senhor, por favor, não ligue importância; está sempre a fazer troça de mim. Mas há generais dessa classe?

— São de um género especial. Mas tu, Excelência, não imagines que eu seja idiota; sou muito inteligente, mais do que pareço à primeira vista.

— Não lhe ligue importância. Há-de sempre envergonhar-me diante das pessoas decentes, este descarado! Ainda se ao menos me levasses ao teatro de vez em quando...

— Dedique-se mas é aos trabalhos domésticos, Alexandra Semionovna... Já se esqueceu daquilo de que deve gostar? Esqueceu-se das palavrinhas que lhe ensinei?

— com certeza que não... Isto é alguma tolice?

— Não, nada disso; é qualquer coisa de literário.

— Não quero tornar-me ridícula diante do visitante. Pode ser que signifique qualquer coisa de absurdo. Até a língua se me embrulha ao dizê-lo.

— Se é assim, é porque te esqueceste!

— Pois então não havia de esquecer! Os penates. Amai os vossos penates... foi o que tu me ensinaste. Pode ser que os penates não existam, mas por isso mesmo é que devemos amá-los. Tudo mentira!

— Em compensação, madame Bubnova...

— Vai para o diabo com a tua madame Bubnova!

E Alexandra Semionovna retirou-se muito indignada.

— Já é tempo. Vamos. Adeus, Alexandra Semionovna! Saímos.

— Olha, Vânia, primeiro que tudo tomemos esse trem. Isso mesmo! Ora bem. Há pouco, quando nos despedimos, fiquei a saber uma coisa, e soube-a não por suposições mas com toda a exactidão. Ainda fiquei uma hora em Vassilievski, uma hora. Esse barrigudo... é um grande canalha, um porco repugnante, de gostos baixos e abjectos. A essa Bubnova há já algum tempo que a conheço, por se ter metido em enredo desse género. Ainda há poucos dias tramava a perdição de uma rapariga honesta. Os vestidos de musselina que ela vestia a essa órfã, conforme me disseste há pouco, causam-me inquietação,'porque já ouvi qualquer coisa a esse respeito. Recentemente chegaram até mim certos rumores, por acaso, mas, segundo parece, com fundamento. Quantos anos tem essa rapariguita?

— A avaliar pela aparência, uns treze.

— Mas pelo seu desenvolvimento parece ter menos. Bem, ela procede desta maneira: conforme as necessidades dirá que tem onze ou quinze. E como a pobre rapariga é indefesa, sem amparo nem família...

— Que queres dizer?

— Que julgas tu? Madame Bubnova não é mulher para tomar conta de uma órfã só por compaixão. Se o pançudo vai lá, é assunto arrumado. Esta manhã já se encontrou com ela. A esse melquetrefe de Sizobriukov tinham-lhe prometido para hoje uma beldade, uma mulher casada, esposa de um funcionário. Os filhos de comerciantes que se entregam à borga parecem-se todos. Pedem sempre mulheres de funcionários.

Já a gramática latina o dizia, lembras-te?: «A distinção *é* preferível à perfeição.»'Mas, no fim de contas, também é possível que eu estivesse bêbado. É fresca, essa Bubnova, não te atrevas a meter-te em tais embrulhadas. Ela entende zombar da Polícia; mente. Mas tem medo de mim, sabe como é boa a minha memória... etc... Compreendes?

Eu estava muito excitado. Todas essas notícias me tinham perturbado. Receava chegar tarde e dava pressa ao cocheiro.

— Não te preocupes, tomámos todas as precauções — disseme Masloboiev. — Mitrochka deve estar lá, Sizobriuicov dar-lhe-á dinheiro; mas o barrigudo é mau... por natureza. Tudo isso ficou combinado há pouco, mas a Bubnova encontra-se à minha mercê. Por isso não se atreverá...

Chegámos e apeámo-nos em frente do restaurante, mas o indivíduo chamado Mitrochka não se encontrava aí.

Depois de dizermos ao cocheiro que esperasse à porta do restaurante, dirigimo-nos a casa de Bubnova.

Mitrochka esperava-nos à porta. Pelas janelas filtrava-se a claridade e ouviam-se as risadas avinhadas de Sizobriukov.

— Já lá estão todos há um quarto de hora — disse-nos Mitrochka. — Não há tempo a perder.

— Mas como nos apresentaremos?

— Como visitas — respondeu-me Masloboiev. -— Eu e Mitrochka

somos seus conhecidos. com certeza que devem ter a porta fechada, mas para nós, não.

Bateu de manso à porta e abriram imediatamente. Foi o porteiro que a abriu e trocou um olhar significativo com Mitrochka. Entrámos sem barulho. Ninguém deu por nós. O porteiro conduziu-nos pela escada e chamou. Perguntaram-lhe quem era e respondeu que ia só. — É preciso mentir! — Abriram e nós entrámos de roldão. O porteiro eclipsou-se.

— Ah! Quem são os senhores? — exclamou a Bubnova, bêbada e toda a encolher-se no minúsculo vestíbulo, com uma luz na mão. — Que vem a ser isto — exclamou Masloboiev. — Então tu, Ana Trifonovna, não conheces os teus estimados visitantes? Não te lembras de mim? Filipe Filipitch...

— Ah, Filipe Filipitch! É o senhor... meu caro amigo? É que, como o senhor... eu... Mas façam o favor de entrar para aqui...

E atrapalhava-se cada vez mais.

— Para onde? Para aqui? Para esse compartimento? Não. A senhora vai ser mais amável. Queremos beber champanhe, e deve haver aí raparigas jeitosas, não?

A dona da casa animou-se imediatamente.

— Para amigos destes arranjam-se sempre, até iria à China, se fosse preciso.

— Duas palavras, caríssima Ana Trifonovna. Onde está Sizobriukov?

— A...qui.

— É que eu preciso de falar com ele. Como se atreve esse malandro a vir para a pândega sem contar comigo?

— Garanto-te que ele não se esqueceu. Estava à espera de alguém, naturalmente era de si.

Masloboiev bateu uma pancadinha na porta e vimos de repente um quartinho pequeno, com duas janelas enfeitadas de gerânios, umas cadeiras de palha e um piano velhíssimo, tudo adequado àquele lugar. Mas ainda antes que tivéssemos tido tempo de entrar, quando estávamos ainda a conversar no corredor, Mitrochka desapareceu. Soube depois que não chegara a entrar, mas ficara à espera junto da porta. Pois teria de

abri-la a alguém. À mulher desgrenhada e pintada que nessa manhã me olhara por cima do ombro de Bubnova e que vinha a ser a sua comadre.

Sizobriukov estava sentado num frágil e pequeno divã, forrado de vermelho, diante de uma mesa circular, coberta com um pano. Em cima da mesa viam-se duas garrafas de champanhe chilro e outra de um rum detestável; havia também bandejas com doces, pães de especiarias e nozes de três espécies. Do outro lado da mesa, em frente de Sizobriukov, sentava-se uma fêmea repelente, quarentona e picada das bexigas, vestia de tafetá preto, com pulseiras e berloques de metal - Era a esposa de um oficial do estado-maior, mas, evidentemente, tratava-se de uma falsificação.

Sizobriukov estava embriado e muito contente. O barrigudo, seu compincha, não estava ali.

— É assim que se procede, não? — vociferou Masloboiev a plenos pulmões. — Dussot, não me convidas também?

— Que prazer, Filipe Filipitch! — resmungou Sizobriukov levantando-se para vir ao nosso encontro com um ar satisfeito.

— Bebes?

— Sim, desculpa.

— Deixa-te de desculpas e convida os amigos! Viemos precisamente para nos embebedarmos em tua companhia. Olha, além disso trago-te outro convidado, um amigo. — E Masloboiev apontou para mim.

— Muito prazer, muito contente... Hi, hi!

— Mas é a isto que chamam champanhe? Parece sopa de couves azedas!

— Isso é ofensa.

— Por isso tu não ousas aparecer em casa de Dussot! E ainda convidas as pessoas!

— Estava a contar-me precisamente há um momento que esteve em Paris — disse a mulher do oficial. — E agora já se vê que é mentira. Não queria mais nada!

— Fedossia Titichna, não sejas ofensiva. Estive. Fui até lá.

— Sim, sim... Um campónio como tu ir a Paris!

— Mas fui. Tal qual. E tornei-me célebre, juntamente com Karp Vassilitch. Não conheces Karp, Vassilitch?

— Porque havia eu de conhecer o teu Karp Vassilitch?

— É que... Trata-se de um assunto de política. Eu estive lá com ele, em Paris, em casa de madame Joubert, onde partimos um tremo.

— Um quê?

— Um espelho. Um espelho assim, enorme, que ocupava toda a parede, até ao tecto. Karp Vassilitch já estava bêbado, de tal maneira que até falava em russo a madarne Joubert. Estava junto do espelho e começou a ameaçá-lo com o punho. A Joubert gritou-lhe à sua maneira: «É um espelho que vale setecentos francos (a meu ver, valia só a quarta parte). Cuidado, não o parta!» Ele pôs-se a rir e olhou para mim; eu estava sentado em frente dele, num canapé e com uma beldade ao meu lado, embora não tão interessante como esta, mas também tinha a sua graça, para dizer a verdade. E ele pôs-se a gritar: «Stepan Terentch, Stepan Terentch, vamos a meias?» E eu respondi-lhe: «Vamos!» Então ele descarregou um murro sobre o espelho... Paf! Ficou feito em estilhas. A Joubert deu um grito e increpou-o: «Que fizeste tu, bandido?» Mas ele foi e respondeu-lhe: «Madame Joubert, aqui tens o dinheiro e não te oponhas aos meus caprichos.» E entregou-lhe seiscentos e cinquenta francos. Ela ainda lhe abateu cinquenta.

Nesse momento um terrível e agudo alarido se ouviu por detrás de uma porta, dois ou três quartos para além daquele em que nos encontrávamos. Eu dei um pulo e deixei escapar também um grito. Tinha reconhecido a voz de Helena. Imediatamente a seguir a esse alarido de horror ouviram-se outros gritos, insultos, vozes, e por fim o barulho de várias bofetadas aplicadas em cheio, ressoantes, fortes. Aquilo, provavelmente, tinha pedido a intervenção de Mitrochka. De repente a porta do quarto abriu-se, e Helena, lívida, de olhos alterados, com um vestido de musselina branca todo cheio de rasgões, com o cabelo arranjado mas revolto como se tivesse andado numa briga, irrompeu pelo quarto. Eu estava de pé, em frente da porta, e ela correu direita para mim, agarrando-me as mãos. Todos saltaram dos seus lugares; todos

ficaram comovidos. Quando ela entrou, ouviram-se gemidos e gritos. Atrás dela apareceu Mitrochka, à entrada da porta, arrastando pelos cabelos o odiento barrigudo, com o aspecto mais miserável que imaginar se possa. Largou-o junto da porta, no chão, e entrou no quarto.

— Aqui está ele! Aí o têm! — disse Mitrochka com um ar de quem cumpriu o seu dever.

— Escuta — exclamou Masloboiev aproximando-se tranquilamente e dando-me uma palmadinha no ombro.

— Vai para o trem, leva a pequena contigo e volta para tua casa, nada mais tens a fazer aqui. Amanhã trataremos do resto.

Não precisei de ouvir mais. Peguei na mão de Helena e apressei-me a tirá-la daquele antro. Não sei como o caso acabou por lá. Não procuraram deter-nos; a dona da casa estava petrificada de admiração. Tudo aquilo acontecera tão inesperadamente que nem sequer pôde impedi-lo. O cocheiro estava à nossa espera e, vinte minutos depois, chegávamos a casa.

Helena estava meia morta. Desabotoei-lhe os botões do vestido, borrifei-a com água e deitei-a no divã.

Começava já com febre e entrava em delírio. Contemplei o seu rostozinho pálido, os lábios descorados, os cabelos negros, todos revoltos para um lado, mas retorcidos em espiral e untados de brilhantina. Aquele penteado, aquelas fitinhas vermelhas que conservava ainda presas ao vestido... e acabei por compreender toda aquela história odiosa. Pobrezinha! Cada vez piorava mais. Não a deixei mais e resolvi não ir ver Natacha nessa noite. De vez em quando Helena erguia as longas pestanas recurvadas e olhava-me, olhava-me longa e atentamente, como se me reconhecesse. Já tarde, à uma da noite, adormeceu. Eu adormeci também junto dela, no chão.

Capítulo oitavo

Levantei-me muito cedo. Passei toda a noite a acordar de meia em meia hora e a aproximar-me da minha pobre hospedazinha para mirá-la de alto a baixo. Tinha febre e estava um pouco delirante. Mas de manhã acabara por adormecer profundamente. «bom sinal», pensei. Como ainda era cedo, decidi ir o mais depressa possível em busca de médico.

Conhecia um alemão, um velhinho solteiro e bondoso que vivia há muito em Vladimirski, na companhia de um criado. Fui à sua procura. Prometeu-me que viria às dez. Eram oito quando fui chamá-lo. Eu tinha um grande desejo de ir, de passagem, procurar Masloboiev, mas pensei que certamente estaria ainda a dormir, e que, além disso, Helena podia acordar de um momento para o outro e assustar-se quando se visse só no meu quarto. No estado em que estava podia esquecer como, quando e porque fora parar a minha casa.

Acordou no momento preciso em que eu entrava no quarto. Aproximei-me e perguntei-lhe com cuidado como é que se sentia. Não me respondeu, mas ficou a olhar-me durante muito tempo, de alto a baixo, com os seus olhos negros e expressivos. A avaliar pelo seu olhar, parecia-me que compreendia tudo e que de tudo se lembrava perfeitamente. Se não me respondera podia ser talvez por ser esse o seu costume. E nem nessa noite nem no terceiro dia da sua permanência em minha casa respondeu uma palavra às minhas perguntas, limitando-se a olhar-me nos olhos com o seu longo e pertinaz olhar, no qual, à perplexidade e à curiosidade selvagem, se misturava um certo orgulho. Agora notava também nos seus olhos seriedade e uma espécie de desconfiança. Ia para pôr-lhe a mão na testa, para ver se tinha febre, mas ela, suavemente e em silêncio, afastou a minha mão com a sua mãozinha e voltou a cara para a parede. Eu retirei-me para não a incomodar.

Eu tinha uma grande chaleira de cobre. Havia já muito tempo que a empregava, em vez do samovar, e servi-me dela para pôr a água a ferver. Também tinha lenha que o porteiro me trouxera, para cinco dias. Acendi

o fogão e fui buscar água, que pus a ferver. Entretanto, coloquei também o serviço de chá sobre a mesa. Helena voltou-se para mim e olhava tudo aquilo com curiosidade. Perguntei-lhe se queria alguma coisa. Mas ela voltou de novo o rosto contra a parede e não me respondeu.

«Porque estará zangada comigo? — pensei. — Que rapariga tão estranha!»

Conforme disse, o meu velho doutor chegou às dez. Examinou a doente com toda a sua minúcia germânica e animou-me muito, dizendo-me que, embora se tratasse de um estado febril, não havia motivo para inquietação. Acrescentou que ela devia ter outra doença real, qualquer coisa como palpitações do coração, «mas que esse ponto requeria uma observação especial, e que, por agora, a doentinha estava fora de perigo».

Receitou-lhe uma poção e não sei que pós, mais por hábito que por necessidade, e depois começou a perguntar-me por que motivo se encontrava ela ali, ao mesmo tempo, que, admirado, passava revista ao meu alojamento. Esse velhinho era um terrível falador.

Helena interessou-o. Tinha-lhe dado uma palmada quando ele quis tomar-lhe o pulso e negava-se a mostrar-lhe a língua. A suas perguntas não respondeu nem uma palavra, limitando-se todo o tempo a olhar com muita atenção a sua enorme cruz de S. Estanislau, que lhe pendia do pescoço.

— Deve doer-lhe muito a cabeça — observou o velhinho. — Mas que maneira de olhar! Que olhos!

Julguei desnecessário contar-lhe qualquer coisa a respeito de Helena e desculpei-me alegando que era uma história muito comprida.

— Avise-me, se for preciso — disseme à saída. — Por agora não há perigo.

Decidi ficar todo aquele dia ao lado de Helena e, se fosse possível, não a deixar enquanto ela não se sentisse bem. Mas como sabia que Natacha e Ana Andreievna estariam ansiosamente à minha espera, resolvi avisar pelo menos Natacha, pelo correio interior, de que nesse dia não podia ir vê-la. A Ana Andreievna não era possível escrever. Ela mesma me pedira terminantemente que nunca lhe escrevesse, a partir daquela vez em que

lhe participei por carta a doença de Natacha.

«O velho franziu o sobrolho quando viu a tua carta — disseme. — Queria saber o que dizia, mas, no entanto, não ousara perguntar-mo. E ficou todo esse dia de mau humor. E a mim também, amigo, me puseste descontrolada com a tua cartinha. Apenas dez folhas! Tinha vontade de perguntar-te mais pormenores, e tu, nada!»

Por isso decidi escrever somente a Natacha, e quando fin à farmácia, com a receita, de caminho deitei a carta.

Entretanto, Helena voltou a adormecer. Durante o sono queixava-se levemente e estremecia. O médico acertara: doía-lhe muito a cabeça. De vez em quando dava um pequeno grito e acordava. Olhava-me com aborrecimento como se lhe fosse particularmente desagradável a minha atenção. Confesso que isto me custava muito.

Aí pela uma chegou Masloboiev. Vinha preocupado e distraído; ficou apenas um momento e parecia estar com muita pressa de ir a-qualquer sítio — Bem, meu amigo, eu já calculava que não devias viver à grande — observou, depois de examinar todo o quarto. — Mas, francamente, não esperava vir encontrar-te nesta baiuca imunda. Porque isto é uma baiuca e não uma casa. Mas, enfim, não falemos nisto; o principal é que todas estas ocupações secundárias não fazem outra coisa senão distrair-te do teu trabalho. Ia a pensar nisso ontem, quando nos dirigíamos a casa da Bubnova. Mas olha, meu caro, atendendo ao meu temperamento e à minha posição social, sou uma dessas pessoas que não procedem bem, mas pregam sermões de moral aos outros. Agora escuta: pode ser que eu venha ver-te amanhã ou depois de amanhã; mas tu não tens outro remédio senão vir a minha casa no domingo de manhã. Espero que nessa altura já esteja completamente arrumado o caso desta pequena e falar-te-ei seriamente, já que contigo é preciso tomar as coisas a sério. Viver assim não é possível. Ontem limitei-me a fazer alusões, mas agora apresentar-te-ei raciocínios lógicos. E, finalmente, diz-me: mas que te aconteceu?

Achas que é desonra pedir-me dinheiro emprestado?

— Não discutamos — interrompi-o. — Conta-me melhor como terminou aquilo, ontem.

— Da maneira mais feliz conseguimos atingir o nosso fim, compreendes? Agora não tenho tempo. Vim apenas por um momento, para avisar-te de que não tenho tempo para estar contigo. Mas diz-me, tencionas pô-la em algum sítio *Ou* mantê-la em tua casa? Porque é preciso pensar nisso e tomar uma decisão.

De facto, ainda não sei o que hei-de fazer e esperava-te precisamente para que me aconselhasses. Porque, vejamos, em que poderia eu fundamentar-me para a ter comigo?

— Quanto a isso... Na qualidade de criada...

— Peço-te que fales mais baixo. Embora esteja doente, conserva toda a lucidez e pareceu-me que estremeceu.

Isso significa que ela se lembra do que aconteceu ontem.

Descrevi-lhe depois o seu carácter e tudo o que tinha observado nela. As minhas palavras interessaram Masloboiev. Acrescentei que talvez pudesse encontrar-lhe amparo numa casa que conhecia e contei-lhe por alto o caso dos meus velhos. Verifiquei com grande espanto que ele conhecia já qualquer coisa da história de Natacha, e às perguntas que lhe fiz para saber como é que se informara respondeu-me: — Já há muito tempo ouvi qualquer coisa referente a um certo assunto. Já te disse que conheço o príncipe Valkovski. É muito bem pensado isso que disseste de enviá-la para casa desses velhotes. De contrário seria um estorvo para ti. Mas ouve ainda uma coisa. Serão necessários documentos. Mas não te preocupes, isso fica por minha conta... Adeus! Vem visitar-me muitas vezes. Que faz ela, agora? Dorme?

— Parece que sim — respondi-lhe.

Mas assim que ele saiu, Helena chamou-me imediatamente.

— Quem é? — perguntou-me. A sua voz tremia, mas olhava-me de alto a baixo com altivez. Não consigo exprimir-me de outro modo.

Disselhe que se chamava Masloboiev e acrescentei que fora graças a ele que conseguira arrancá-la da casa da Bubnova e que a Bubnova tinha muito medo dele. De súbito, as suas faces afoguearam-se, como o céu que reflecte um incêndio, provavelmente devido às reminiscências da noite anterior.

— E ela não poderá vir até aqui? — perguntou-me Helena, olhando-me com curiosidade.

Apressei-me a tranquilizá-la. Ela ficou calada e segurou-me a mão com os seus deditos febris, mas largou-ma imediatamente, como se se tivesse recordado de qualquer coisa. «Não é possível que, no fundo, sinta por mim uma tal aversão — disse eu para comigo. — É que assim... A não ser que... a pobrezinha tenha sofrido tantas amarguras que já não possa ter fé em ninguém neste mundo.»

À hora marcada fui à farmácia buscar o remédio, e ao mesmo tempo a uma casa de pasto conhecida, onde costumava comer e onde me fiavam. Dessa vez, quando saí de casa levei comigo uma tigela e pedi na casa de pasto uma porção de caldo de galinha para Helena. Mas ela não queria comer e tive de deixar o caldo ao lume, no fogão.

Depois de lhe dar o remédio, pus-me a trabalhar. Supunha que estaria adormecida, mas ao dirigir involuntariamente a vista para ela, reparei que se soerguera e olhava com muita atenção para me ver escrever.

Fingi que não percebia.

Até que finalmente acabou por adormecer, com grande satisfação da minha parte, sem delírios e sem gemidos.

Comecei então a pensar que Natacha, que ignorava tudo aquilo, podia aborrecer-se comigo por não ir vê-la, tanto mais que já tinha motivos de sobra para isso, por eu a ter abandonado precisamente quando talvez precisasse mais de mim. Ela podia também ter algumas preocupações, alguma incumbência para mim, e eu, parecia de propósito, esquecia-a.

Quanto a Ana Andreievna, também não sabia como havia de apresentar-me diante dela no dia seguinte.

Pensava e tornava a pensar, e de repente decidi ir aos dois lados. A minha ausência não podia ser superior a duas horas. Helena dormia e não me sentiria sair. Levantei-me, pus o sobretudo, peguei no gorro, e dispunha-me a sair quando, de repente, Helena me chamou. Fiquei espantado. Seria fingido aquele sono?

Devo dizer que, embora parecesse que Helena não queria falar

comigo, aqueles chamamentos tão frequentes, aquele afã de dirigir-se a mim para todas as suas dúvidas, vinham demonstrar o contrário, e confesso que me eram muito agradáveis.

— A quem pensa entregar-me? — perguntou, quando me aproximei.

De uma maneira geral fazia as suas perguntas de repente, de uma maneira totalmente inesperada. Também dessa vez não compreendi logo o que ela queria dizer.

— Há pouco, quando falava com o seu amigo, o senhor disse que queria levar-me não sei para que casa. Mas eu não quero ir para lado nenhum.

Debrucei-me sobre ela: estava de novo a arder, repetia-se a crise febril. Procurei distraí-la e afirmei-lhe que se ela preferia continuar comigo, não a confiaria a ninguém. Enquanto falava, tirei o sobretudo e o gorro. Não me decidia a deixá-la só naquele estado.

— Vá! — disse ela percebendo que eu queria ficar. — Quero dormir, não tarda que pegue outra vez no sono...

— Mas tu não podes ficar sozinha? — disselhe, perplexo. — Se bem que dentro de duas horas já cá estarei outra vez...

— Está bem, vá. Senão vou ficar o ano todo doente para que não saia mais de casa — e procurou sorrir e olhou-me de um modo estranho, como se lutasse com algum bom sentimento que se insinuava no seu coração.

Pobrezinha! O seu bom e terno coraçãozinho mostrava-se agora, apesar do seu ódio pelos homens e desespero aparentes.

A primeira coisa que fiz foi correr a casa de Ana Andreievna, que me esperava com uma impaciência febril e me acolheu com recriminações; estava na maior inquietação; Nikolai Serguieitch saíra logo depois do jantar...

Não sabia para onde. Eu calculava que a velha não tinha tido paciência e lhe contara tudo, segundo o seu costume, sob a forma de alusões. Aliás, foi o que ela me confessou, dizendo que não pudera conter-se para não lhe dar aquela grande alegria, mas que Nikolai Serguieitch, segundo as suas próprias palavras, se mostrava mais

sombrio que uma nuvem e não dissera nada. «Aferrou-se ao seu silêncio e não respondeu às minhas perguntas» e depois, de repente, saiu após a refeição. Quando me contava isto Ana Andreievna quase tremia de medo. Depois pediu-me que lhe fizesse companhia até que Nikolai Serguieitch estivesse de volta. Eu desculpei-me e disselhe, quase abruptamente, que no dia seguinte não poderia ir vê-la e que viera só de fugida para preveni-la. Quase nos zangámos. Ela pôs-se a chorar e dirigiu-me censuras duras e amargas. Mas quando já me encaminhava para a porta, correu para mim, atirou-me os braços ao pescoço e pediu-me que não ficasse zangado com ela, que era «uma órfã», e não ficasse ofendido com as suas palavras.

A Natacha, contrariamente ao que esperava, fui encontrá-la também sozinha e pareceu-me que não estava nesse dia tão contente comigo como no anterior e, em geral, como das outras vezes. Parecia que qualquer coisa a desgostava e coibia. A minha pergunta: «Aliocha veio hoje?», respondeu-me: — Claro que veio, mas por pouco tempo. Prometeu-me vir também esta noite — acrescentou, como se estivesse duvidosa.

— E ontem veio?

— Não... não. Prenderam-no — acrescentou depressa. — E então, Vânia, como vão as tuas coisas?

Compreendi que, por qualquer motivo, queria mudar de assunto e encaminhar o nosso diálogo noutra direcção. Olhei-a com atenção; estava visivelmente nervosa. Além disso, quando reparou que eu a observava com toda a atenção, dirigiu-me de repente um olhar rápido e mal-humorado, tão violento que parecia querer trespassar-me com ele. «Sofre de novo — pensei. — Simplesmente não mo quer dizer.»

Quando respondi à sua pergunta, a respeito da minha vida, contei-lhe a história de Helena, com todas as minúcias. Mostrou grande interesse e ficou muito admirada com a minha narrativa.

— Meu Deus! E tiveste coragem para deixá-la sozinha, assim doente? — exclamou.

Expliquei-lhe que de boa vontade teria ficado em casa todo o dia, mas receava que ela, Natacha, se zangasse e tivesse necessidade de mim.

Ter necessidade de ti — murmurou para si, reflectindo. — Lá ter necessidade de ti, tenho, Vânia; mas o melhor é deixar tudo para outra ocasião. Estiveste em casa dos meus pais?

E contei-lhe a minha visita.

— Bem. Sabe Deus como o meu pai receberá todas estas notícias. Apesar de que, no fim de contas, que importa...

— Como as receberá? — perguntei-lhe. — Uma mudança destas!

— Tão grande... Onde foi ele agora? Vocês pensavam que ele tinha vindo ver-me. Ouve, Vânia, se puderes vem visitar-me amanhã. Talvez tenha alguma coisa para dizer-te... Só contigo eu tranquilizo a minha consciência. Mas agora volta para casa, vai para junto da tua protegida. Não haverá já duas horas que saíste?

— Sim. Adeus, Natacha. Bem; e como se portou hoje Aliocha contigo?

— Quanto a Aliocha não tenho nada a dizer... Admira-me até a tua curiosidade.

— Até à vista minha amiga.

— Adeus.

Estendeu-me a mão com certa indolência e evitou o meu último olhar de despedida. Saí de sua casa um pouco admirado. Pensava que devia estar preocupada com qualquer coisa. «Alguma coisa de grave. Amanhã contar-me-á tudo», pensei.

Voltei a casa triste e, assim que entrei, senti uma terrível comoção. Já tinha escurecido. Helena estava sentada no divã, com a cabeça caída sobre o peito, como num profundo êxtase. Nem sequer me dirigiu um olhar e parecia completamente ausente.

Aproximei-me. Murmurou qualquer coisa para si mesma. «Estará a delirar?», pensei.

— Helena, minha pequena, que tens tu? — perguntei-lhe sentando-me a seu lado e pegando-lhe numa das mãos.

— Quero ir-me embora... Prefiro ficar com ela murmurou sem levantar a cabeça.

— Para onde? com quem? — perguntei-lhe admirado — com ela, com a Bubnova. Não faz outra coisa senão dizer-me que eu lhe devo muito

dinheiro, que pagou o enterro da minha mãezinha à sua custa... Não quero que ela insulte a minha mãe... Quero trabalhar para ela e pagar-lhe tudo... Só depois disso é que sairei de sua casa. Agora quero voltar outra vez para a sua companhia.

— Acalma-te, Helena; não é possível voltares para lá disselhe eu. —— Essa mulher tortura-te e procura a tua perdição...

— Pois que me perca, que me mate — respondeu Helena com veemência. — Não serei eu a primeira; a outras, melhores do que eu, também ela martiriza. Já mo disse uma mendiga da rua. Sou pobre e pobre quero continuar. Toda a minha vida hei-de ser pobre; foi o que a minha mãe me ordenou, ao morrer. Trabalharei...

Não quero andar com este vestido...

— Amanhã compro-te outro. E também hei-de trazer-te livros. Viverás comigo. Não irás para casa de ninguém, desde que não queiras; está sossegada...

— Trabalharei.

— Muito bem, muito bem. Acalma-te, deita-te e dorme.

Mas a pobre pequena rompeu em pranto. Pouco a pouco, as suas lágrimas transformaram-se em soluços. Eu não sabia o que havia de fazer-lhe; dei-lhe água, humedeci-lhe as fontes e a testa. Até que por fim se deixou cair sobre o divã, completamente esgotada e de novo a assaltou a febre. Tapei-a com o que encontrei à mão e ela adormeceu, mas com um sono desassossegado, interrompido de tremuras e de bruscos despertares. Eu, embora tivesse andado pouco nesse dia, estava terrivelmente cansado e decidi deitar-me logo. Pensamentos inquietos e torturantes turbilhonavam na minha cabeça. Tinha o pressentimento de que aquela pequenita ia causar-me muitos sobressaltos. Mas o que mais me preocupava era Natacha e os seus problemas. De uma maneira geral, agora me lembro, raras vezes me vi numa disposição de espírito mais aborrecida do que nessa noite infeliz, quando me deitei.

Capítulo nono

Acordei muito tarde, às dez. A cabeça doía-me e andava-me à roda. Olhei para a cama de Helena; estava vazia.

Nesse mesmo instante, vindos do lado direito do meu quarto, chegaram aos meus ouvidos certos ruídos, como se alguém andasse a varrer o chão. Fui ver. Helena tinha a vassoura na mão e, segurando com a outra o vestido bonito, que ainda não tirara desde o dia anterior, varria a casa. Um monte de lenha, que se destinava ao fogão, estava colocado a um canto; sobre a mesa, o pano de cobri-la e o serviço de chá, limpos; numa palavra, Helena fazia as vezes de dona de casa.

— Olha, Helena — gritei-lhe —, quem te mandou varrer a casa? Eu não quero que faças isso, tu estás doente.

Eu não te trouxe para minha casa para trabalhares...

— Mas então quem há-de varrer o chão? — respondeu ela endireitando-se e olhando-me de frente. — Eu já não estou doente.

— Mas eu não te trouxe para aqui a fim de trabalhares, Helena. Naturalmente tens medo que eu vá ralhar-te, como a Bubnova, e deitar-te em rosto que vives à minha custa? onde foste buscar essa horrível vassoura?

Aqui não havia nenhuma — acrescentei, olhando-a assombrado.

— É a minha. Fui eu que a trouxe. Eu varria aqui o chão do quarto do avô com ela. E ficou aí esquecida, atrás do fogão, até agora.

Voltei para o meu quarto, pensativo. Podia ser que me enganasse, mas parecia-me que lhe custava aceitar a minha hospitalidade e queria mostrar-me a todo o custo que não era em vão que comia o meu pão. Mas, sendo assim, «que carácter tão melindroso!», pensei. Passados dois minutos ela entrou e sentou-se no seu lugar do dia anterior, no divã' e ficou a olhar-me com curiosidade. Entretanto, pus o samovar a ferver, deitei o chá, enchi uma chávena para ela e dei-lha com um pedaço de pão branco. Ela aceitou-o em silêncio e sem protestos.

Durante aquelas vinte e quatro horas quase não comera nada.

— E foste pôr-te a varrer com o vestido novo! — disselhe eu reparando numa grande mancha na orla do seu vestido.

Ela olhou para si própria de alto a baixo e, de repente, com grande espanto meu, deixou a chávena, apanhou a orla da saia de musselina, aparentemente com muita calma, rasgou-a de alto a baixo de uma só vez. Em seguida ergueu para mim, em silêncio, os seus olhos penetrantes e brilhantes. Estava pálida.

— Que fizeste, Helena? — exclamei, convencido de que se tratava de uma louca.

— É um vestido mau — disse ela, quase sufocada de comoção. — Porque disse que era bonito? Eu não o quero pôr — exclamou de repente, saltando do seu lugar. — Hei-de rasgá-lo todo. Eu não lhe pedi que mo vestisse. Foi ela quem me obrigou a pô-lo, à força. Já rompi outro e hei-de romper este também, hei-de rompê-lo, hei-de rompê-lo, hei-de rompê-lo!

E, numa fúria, começou a rasgar o vestido. Num momento deixou-o quase feito em estiras. Quando acabou estava tão pálida que mal podia ter-se de pé. Eu contemplei, atónito, aquele acto de desespero. Ela lançou-me um olhar de desafio, como se eu tivesse procedido mal com ela. Mas eu já sabia o que havia de fazer.

Sem hesitar, decidi comprar-lhe ainda nessa mesma manhã outro vestido. com aquela criatura selvagem, exasperada, era preciso empregar a bondade. Parecia que nunca tinha encontrado pessoas na sua vida. Se já uma vez, sem se lembrar do castigo cruel que a esperava, havia estragado o primeiro vestido, com que desespero não devia olhar agora aquele que lhe recordava um recente e terrível momento!

Em Tolkutchi (*) podia comprar-se barato um vestidinho bonito e bonzinho. O mal era que, naquele momento, eu quase não tinha dinheiro que chegasse. Mas já desde a véspera, quando me deitei, eu resolvera dirigir-me neste dia a um sítio onde esperava encontrá-lo e assim que o tivesse em meu poder dirigir-me a Tolkutchi. Peguei no chapéu. Helena seguiu-me atentamente com os olhos, como se esperasse qualquer coisa.

— Vai tornar a fechar-me? — perguntou, ao ver que eu pegava na chave para fechar o quarto, quando saísse, como tinha feito no dia

anterior e no outro.

— Minha amiga — disselhe eu aproximando-me dela. — Não te zangues por causa disto. Eu fecho porque podia entrar alguém. Tu estás doente e ficavas assustada. E sabe Deus quem poderia vir, talvez até a Bubnova, para te levar...

Disselhe isto intencionalmente. Mas fechava-a porque não tinha confiança nela. Parecia-me que ela ia escapar-se-me de um momento para o outro. Por isso resolvi proceder cautelosamente. Helena ficou calada e eu fechei-a mais uma vez.

Sabia de um editor que havia três anos já publicava uma obra em muitos tomos. Costumava encontrar trabalho em sua casa quando precisava de ganhar rapidamente algum dinheiro. Pagava pontualmente. Fui ter com ele e, consegui vinte e cinco rublos adiantados, com a obrigação de levar-lhe, daí a uma semana, um artigo de compilação. Mas esperava subtrair algum tempo para a minha novela. Era isto o que eu fazia quando me encontrava em apuros.

(*) O adelo de Petersburgo

Depois de receber o dinheiro, dirigi-me a Tolkutchi. Aí encontrei rapidamente uma velha penhorista, minha conhecida, que vendia toda a espécie de fatos. Descrevi-lhe a figura de Helena e ela trouxe-me num instante um vestidinho claro, de algodão, muito apropriado por ser facilmente lavável. Além disso, comprei-lhe também um lencinho para o pescoço. Já depois de ter pago, pensei que Helena precisava também de algum casaco, uma capa, qualquer coisa do género. O tempo estava frio e ela mal tinha com que cobrir-se. Mas adiei essa compra para outra vez. Helena era tão susceptível, tão orgulhosa, tão soberba... Só Deus sabe como acolheu o vestidito, e isso apesar de eu ter escolhido o mais simples e barato, o mais modesto que se podia imaginar. Também lhe comprei dois pares de meias: um de algodão e outro de lã. Ofereci-lhos com o pretexto de que ela estava doente e que no nosso quarto fazia frio.

Também precisava de roupa interior. Mas deixei isto para quando a

conhecesse melhor. Em vez disso, comprei umas cortinas para a sua cama, velhas... coisa indispensável e com as quais Helena iria ficar muito satisfeita.

com tudo isso só voltei para casa cerca do meio-dia. A minha porta abria-se quase sem fazer ruído, de maneira que Helena, no primeiro momento, não me ouviu chegar. Fui encontrá-la de pé, junto da mesa, folheando os meus livros e papéis. Quando me sentiu deixou imediatamente o livro que lia e retirou-se da mesa, muito vermelha. Olhei para o livro; era o meu primeiro romance, um número solto de uma revista, em cuja capa tinham posto o meu nome.

— Enquanto esteve fora houve alguém que bateu — disse ela com um ar implicador. — Perguntou: «Porque diabo a fechou à chave?»

— Talvez fosse o médico — respondi-lhe. — Não falaste com ele, Helena?

— Não.

Então, desatei o embrulho e tirei o vestido que comprara.

— Vê, Helena — disse, aproximando-me dela —, não podes continuar com esses farrapos. Por isso comprei-te este vestido para uso, muito barato, para que não precises de ter muitos cuidados com ele; custou-me apenas um rublo e vinte copeques. Quero que o uses com muita saúde.

Deixei-lhe o vestido ali próximo. Ela estremeceu e, durante um momento, olhou-me com os olhos muito abertos.

Estava muito admirada e ao mesmo tempo parecia-me perceber nela uma vergonha enorme. Mas qualquer coisa de suave e terno se espalhava pelos seus olhos. Quando vi que não dizia nada, aproximei-me da mesa.

Não havia dúvida de que o meu procedimento a surpreendera. Mas fez um esforço para dominar-se e sentou-se, fixando a vista no chão.

Doía-me a cabeça e estava cada vez mais incomodado. O ar fresco não conseguira fazer-me bem. No entanto, era preciso ir a casa de Natacha. A minha inquietação por ela não diminuíra desde o dia anterior, mas, pelo contrário, cada vez aumentava mais. De repente, pareceu-me que Helena me chamava. Voltei-me.

— Quando sair, não me feche — disse ela olhando para outro lado e

esticando com o dedo a tela do divã, como se estivesse absorvida nessa ocupação. — Eu não penso fugir.

— Muito bem, Helena, está combinado. Mas se vier alguém estranho? Sabe-se lá quem pode vir!

— Deixe-me a chave que eu fecho-me por dentro e se alguém chamar, respondo: «Não está ninguém» — e olhou-me maliciosamente, como se quisesse dizer-me: «Já vê como é simples.!»

— Quem é que lava a sua roupa? — perguntou-me, de repente, antes de eu ter tido tempo de responder ao que dissera antes.

— Uma mulher que vive neste prédio.

— Eu também sei lavar. E de onde é que trouxe o jantar, ontem?

— Da casa de pasto.

— Eu também sei cozinhar. Eu faço-lhe a comida — Basta, Helena. Como podes tu saber cozinhar, Helena? Dizes isso por dizer...

Helena calou-se e baixou a cabeça. Era evidente que a minha observação não lhe agradara. Passaram pelo menos dez minutos e nenhum de nós falou mais.

— Sopa — disse de repente, sem levantar a cabeça.

— Sopa, o quê? Que é isso de sopa?... perguntei-lhe assombrado.

— Sei fazer sopa. Era eu que a fazia para a minha mãezinha, quando ela estava doente. E também ia às compras.

— Já podes ver, Helena, já podes ver como és orgulhosa — disselhe aproximando-me dela e sentando-me a seu lado no divã. — Eu procedo contigo com toda a sinceridade. Tu agora estás sozinha, és infeliz. Eu quero ajudar-te. Como tu me ajudarias também se me visses mal. Mas tu não queres conformar-te com isso e custa-te a aceitar de mim o mais pequeno favor. Queres imediatamente pagá-lo, trabalhar para recompensá-lo, como se estivesses com a Bubnova e eu te ralhasse. Se é assim, isso é uma vergonha, Helena.

Não respondeu e os lábios tremeram-lhe. Parecia que queria dizer qualquer coisa. Mas dominou-se e ficou calada. Eu levantei-me para ir ver Natacha. Dessa vez'deixei a chave a Helena e pedi-lhe que, se alguém tocasse, acudisse à porta e perguntasse: «Quem é?» Estava convencido de

que algo de muito grave acontecera a Natacha e que havia algum tempo me escondia qualquer coisa, o que nunca fizera antes. Mas, de toda a maneira, decidi ir vê-la, pois, de contrário, podia magoá-la com o meu abandono.

Assim aconteceu. Natacha recebeu-me com um ar zangado e um olhar severo. Eu devia ter-me retirado imediatamente, mas as minhas pernas negavam-se.

— Venho só por um minuto, Natacha — comecei —, para pedir-te um conselho: que devo fazer da minha pupila?

— e apressei-me a contar-lhe tudo quanto se referia a Helena. Natacha escutou-me em silêncio.

— Não sei que aconselhar-te, Vânia — respondeu. — Pelos vistos trata-se de uma criatura muito estranha.

Talvez esteja ressentida, assustada. Toma conta dela, pelo menos até se pôr boa. Queres levá-la aos nossos?

— Ela diz que não quer separar-se de mim. E, aliás, sabe Deus como eles a acolheriam. Não sei o que hei-de fazer. Bem, e tu, minha amiga, como estás? Estiveste doente, ontem? — perguntei-lhe timidamente.

— Sim... e hoje também me dói um pouco a cabeça — respondeu-me, distraída.

— Não viste ninguém dos nossos?

— Não. vou lá amanhã. Amanhã é sábado...

— Que queres dizer com isso?

— Que à noite o príncipe deve vir...

— Está bem. Não me tinha esquecido.

— Não, é que eu...

Pôs-se diante de mim e durante bastante tempo olhou-me nos olhos com insistência. Nos seus notava-se uma certa obstinação, uma certa decisão; algo de febril, de fogoso.

— Sabes uma coisa, Vânia — disse. — Seria bom que não viesses ver-me; metes-te demasiado na minha vida...

Saltei da cadeira e fiquei a olhá-la com um espanto inexprimível.

— Natacha, minha amiga! Que te aconteceu? Que tens tu? — exclamei

inquieto.

— Não me aconteceu nada! Amanhã saberás tudo, tudo, mas agora quero estar sozinha. Olha, Vânia, vai-te embora já. Custa-me tanto, tanto, olhar para ti!

— Mas diz-me ao menos...

— Tudo, amanhã saberás tudo! Oh, meu Deus, mas não te irás embora?

Saí. Ia tão transtornado que mal me lembrava de mim mesmo. Mavra alcançou-me no patamar.

— Está zangada? — perguntou-me. — Eu já tenho medo de me aproximar dela.

— Mas que se passa?

— Ora, o que há-de ser? Que o «nosso» há já três dias que não se lhe vê nem a sombra nesta casa.

— Há três dias? — perguntei-lhe eu estupefacto. — Mas se ela própria me disse ontem que ele tinha vindo de manhã e que depois voltaria à noite...

— Qual noite! Nem sequer esteve de manhã! Já te disse que não aparece nesta casa há três dias. Foi ela quem te disse que ele tinha estado ontem de manhã?

— Ela mesma.

— Bom — disse Mavra pensativa —, uma vez que ela não quer confessar-te que ele não veio, isso significa que o facto a magoa. Um grande estróina é que ele é!

— A respeito de quem dizes isso? — exclamei.

— A respeito desse, que não sei o que anda a fazer com ela — continuou Mavra abrindo as mãos. — Ontem fez-me ir duas vezes procurá-lo, mas depois mandou-me voltar para trás outras duas vezes. Hoje nem sequer se digna dirigir-me a palavra. Porque não vais tu ter com ele? Eu não me atrevo a deixá-la.

Saí, fora de mim, pelas escadas abaixo.

— Voltas esta noite? — gritou Mavra lá de cima.

— Depois verei — respondi-lhe sem parar. — Pode ser que venha e te

pergunte como vão as coisas, se conseguir aguentar-me...

Parecia-me, de facto, que me tinham dado uma pancada em pleno peito.

Capítulo décimo

Encaminhei-me directamente para casa de Aliocha. Vivia com o pai na Malaia Morskaia (*). Apesar de viver só, o príncipe ocupava todo um grande andar. Aliocha ocupava aí dois magníficos quartos. Tinha-o visitado poucas vezes, outra e esta, se bem me lembro. Em compensação ele vinha visitar-me com mais frequência, sobretudo ao princípio, nos começos das suas relações com Natacha.

(*) Um dos bairros mais bonitos de Petersburgo.

Não estava em casa. Dirigi-me directamente aos seus aposentos e deixei-lhe este bilhete: «Aliocha. Segundo parece, perdeu a cabeça. Terça-feira passada, à noite, quando o seu pai foi pedir a Natacha que o fizesse feliz, a si, aceitando ser sua esposa, mostrou-se muito contente com esse pedido, do que fui testemunha; há-de concordar que a' sua maneira de proceder para com a sua futura esposa é altamente indigna e leviana. Sei muito bem que não tenho direito algum de pregar-lhe moral e prescindo de fazê-lo.

P. S. — Ela não sabe nada desta carta e também não me disse nada de si.

Selei a carta e deixei-a em cima da mesa. Às minhas perguntas, o criado respondeu-me que Alexiei Petrovitch mal parava em casa e que só devia voltar já de madrugada.

Não sei como cheguei a casa. Parecia que a cabeça me queria voar. As pernas doíam-me e fraquejavam-me. A minha porta estava aberta. Lá dentro, à minha espera, estava Nikolai Serguieitch Ikmeniev. Estava sentado à mesa, calado; contemplava Helena com espanto, a qual o olhava também com grande assombro, embora conservasse um obstinado mutismo. «É claro — disseme ele —, não há dúvida que há-de parecer-lhe estranha.»

— Olha, meu amigo; há já uma hora que estou à tua espera e confesso

que nunca esperei encontrar-te assim — continuou, passando revista ao quarto e apontando-me Helena com um piscar de olhos imperceptível.

Parecia estupefacto. Mas observando-o atentamente percebi no seu olhar pesar e melancolia. Tinha o rosto mai,s pálido que de costume.

— Senta-te aqui, senta-te — continuou com um ar preocupado e abstraído. — Vim a correr, à tua procura; há qualquer coisa de grave. Mas diz-me, como estás? Tens mau aspecto.

— Não ando bem de saúde. Desde esta manhã que sinto tonturas.

— Pois é preciso ter cuidado com isso. Estás constipado?

— Não. É um ataque de nervos. E uma coisa que costuma acontecer-me. E o senhor, está bom?

— Qual bom! Até me parece que sinto febre. Mas tenho um assunto para tratar contigo. Senta-te.

Aproximei uma cadeira e sentei-me em frente dele junto da mesa. O velho encostou-se a mim e começou em voz baixa: — Ouve, não olhes para ela e finge que falamos de coisas sem importância. Que hóspeda é esta que trouxeste para tua casa?

— Depois lhe explicarei tudo, Nikolai Serguieitch. É uma pobre pequenita, órfã de pai e mãe, neta daquele Smith que vivia aqui e morreu de repente na pastelaria.

— Ah, então ele também tinha uma netinha! Mas, na verdade, meu amigo, que estranha ela é! Que maneira de olhar, que maneira de olhar! Digo-te a sério, se demorasses mais cinco minutos já não esperava por ti. Quis por força abrir-me a porta e, até agora, nem uma palavra; é simplesmente um bicho-do-mato, nem parece uma pessoa. Mas como veio ela parar aqui? Ah, já percebo! Naturalmente veio procurar o avô, sem saber que ele tinha morrido.

— Foi, foi. Tem sido muito infeliz. O velho, ao morrer, lembrou-se dela.

— Hum! Tal avô, tal neta. Depois me contarás tudo. Talvez seja possível ajudá-la em qualquer coisa, seja como for, visto que é tão infeliz... Mas, por agora, meu amigo, não se poderia dizer-lhe que se retirasse, pois preciso falar-te de um assunto sério...

— Mas dizer-lhe que se vá embora é impossível, porque ela vive aqui!

E expliquei ao velho em duas palavras o que pude, acrescentando que podíamos falar diante dela, pois era uma criança.

— Sim, isso é verdade, é uma criança. Mas tu, meu amigo, deixas-me apalermado. Então ela vive contigo?

E o velho tornou a olhar para ela, atónito. Helena, compreendendo que falavam dela, continuava silenciosa, de cabeça baixa e beliscando o divã com os dedos. Pusera já o vestido novo, que chegara mesmo no momento oportuno.

penteara-se com mais esmero que de costume, talvez em honra do vestidinho novo. De uma maneira geral, sem contar com a expressão arisca do seu olhar, era uma menina muito engraçada.

— Em resumo, eis aqui do que se trata, meu amigo — principiou outra vez o velho. — Trata-se de qualquer coisa de sério, de importante...

Estava sentado com a cabeça baixa, com um ar grave e pensativo e, apesar da sua precipitação e daquele «em resumo», não soltava uma palavra. «Que será?», pensava eu.

— Olha, Vânia, vim para te fazer um pedido muito importante. Mas antes... segundo eu mesmo compreendo, é preciso explicar-te algumas circunstâncias... Circunstâncias sumamente delicadas...

Tossiu e olhou-me com timidez; olhou-me e pôs-se encarnado; pôs-se encarnado e aborreceu-se consigo próprio pela sua falta de aprumo; zangou-se e decidiu-se: — bom. E afinal para quê explicar-te? Tu mesmo compreenderás! Olha, desafiei o príncipe para um duelo e peço-te que te encarregues de arranjar as coisas e de seres meu padrinho.

Eu inclinei-me para trás, na cadeira, e olhei-o no cúmulo do assombro.

— Porque olhas? Não julgues que perdi o juízo.

— Mas dê-me licença, Nikolai Serguieitch! com que pretexto, para que fim? E, por último, como é possível isso?

— Pretexto! Fim! — exclamou o velho. — Está bonito!

— Bem, bem, já sei o que quer dizer; mas que lhe adiantará isso? Um duelo! Confesso-lhe que não percebo.

— Eu bem via que tu não me compreenderias. Mas ouve. O nosso processo acabou, isto é, acabará dentro de dias; faltam apenas umas formalidades sem importância, e eu perdi-o. Tenho de pagar-lhe dez mil rublos, assim diz a sentença. A Ikmenievka serve de penhor. De maneira que esse homem vil ficará com o meu dinheiro, enquanto eu, despojado da Ikmenievka, lhe pago e fico reduzido à miséria. Mas então que eu levante a cabeça: «Pois bem, respeitável príncipe; há já dois anos que o senhor me ofende; escarnece do meu nome, da honra da minha família e eu não tenho tido outro remédio, até aqui senão suportar tudo isso. Então, eu não podia desafiá-lo. O senhor ter-me-ia dito: «És um espertalhão, queres matar-me para não me pagares o dinheiro, pois já te cheira a que serás condenado a pagares-me mais tarde ou mais cedo. Mas não, primeiro é preciso ver como vai acabar o processo e depois já poderás desafiar-me.» Pois agora, respeitabilíssimo príncipe, o processo está perdido, o senhor saiu triunfante, de maneira que não há inconveniente nenhum; por isso faça o favor de sair à liça.» É este o caso. Que te parece? Não terei eu, finalmente, direito de vingar-me de tudo, de tudo?

Os olhos brilhavam-lhe. Eu contemplei-o durante muito tempo em silêncio. Queria penetrar o seu pensamento íntimo.

— Oiça, Nikolai Serguieitch — respondi-lhe, por último, resolvido a dizer-lhe o. principal, sem o que não nos poderíamos entender. — Não poderia falar-me com toda a franqueza?

— Posso — respondeu com voz firme.

— Então fale, francamente. É apenas o sentimento de vingança que o impele a esse desafio ou não terá em vista outra finalidade?

— Vânia — respondeu-me —, tu sabes que eu não consinto a ninguém que me falem a respeito de certas coisas; mas por esta vez abro uma excepção contigo, porque tu, com uma lúcida inteligência, compreendeste imediatamente que é impossível evitar essa explicação. Sim, tenho outro fim: salvar a minha filha, que está a caminho da perdição, tirá-la desse caminho, no qual a espera agora o pior extremo.

— Mas como pode salvá-la com esse duelo? Aí é que está a questão.

— Desfazendo tudo o que eles tramam actualmente. Ouve. Não penses que fala em mim a ternura paterna ou alguma fraqueza do género. Tudo isso são balelas! O fundo do meu coração não o mostro eu a ninguém, e tu bem o sabes. A minha filha abandonou-me, fugiu de casa com um amante, e eu arranquei-a do meu coração, arranquei-a de uma vez para sempre, nessa mesma noite, compreendes? Embora me tivesses visto chorar por causa dela naquele dia do retrato, não vás concluir daí que estou disposto a perdoar-lhe. Também não lhe perdoei nesse dia. Chorava pela felicidade perdida, pelo sonho desvanecido e não por «ela» como é agora. Talvez eu chore muitas vezes, não me envergonho de confessá-lo, como também não me envergonho de reconhecer que amei a minha filha mais que tudo neste mundo. Tudo isto está aparentemente em contradição com a minha decisão actual. Podes objectar-me: «Se é assim, se é indiferente à sorte daquela que já não considera como sua filha, então para que se mete de permeio nos projectos dos outros?» Mas a isso responder-te-ei: «Em primeiro lugar, porque não quero que se ria de mim um velho velhaco e covarde e, além disso, porque me impele um sentimento do mais vulgar humanitarismo.

Embora ela já não seja minha filha, é, no entanto, uma criatura fraca, desamparada, da qual abusaram e da qual hão-de abusar ainda mais até perdê-la definitivamente. Interceder directamente no assunto, não posso, mas posso, de uma maneira indirecta, por meio de um desafio. Se me matarem ou derramarem o meu sangue, como irá ela, passando por cima do meu corpo, e talvez do meu cadáver, casar-se com o filho do meu matador, como a filha daquele czar (lembras-te daquele livro que havia em nossa casa e em que aprendeste a ler) que passou por cima do cadáver de seu pai com o carro? Se o nosso príncipe aceitar o duelo, isso significa que já não quer o casamento. Numa palavra, eu não quero esse casamento e empregarei a força para impedi-lo. Compreendes-me, agora?

— Não. Se quer bem a Natacha, como se atreve a impedir o seu casamento, isto é, precisamente aquilo que pode reabilitar o seu bom nome? Lembre-se que ela ainda é muito nova e precisa de ter boa

reputação.

— Ela devia mas era cuspir sobre todas as reputações do mundo! Devia compreender que a maior ignomínia, para ela, estará nesse casamento, sobretudo nas suas relações com essa gente vil, com essa sociedade ruim. Um nobre orgulho. .. devia ser essa a sua resposta a toda essa gentalha! Então... podia ser que eu consentisse em estender-lhe a minha mão, e depois veríamos quem é que se atrevia a insultar a minha filha.

Fiquei surpreendido perante um idealismo tão desesperado. Mas compreendi imediatamente que não estava em seu perfeito juízo e que devia delirar.

— É idealismo demasiado — respondi-lhe —, e, por conseguinte, cruel. Exige dela forças que talvez não lhe tenha transmitido quando a gerou. Dar-se-á o caso de que ela aceite esse casamento por ter a ambição de ser princesa? Lembre-se que ela ama. Trata-se da paixão, do *fatum.* E, finalmente, exige dela o desprezo da opinião pública, perante a qual o senhor mesmo se inclina. O príncipe ofendeu-o publicamente, infamou-o com a acusação vil de que o senhor quis manhosamente ligar-se à sua casa principesca, e o senhor então diz para si próprio: «Se ela o repelir agora, depois desse pedido de casamento, será essa a mais cabal e visível refutação da calúnia anterior.» De maneira que, assim, o senhor inclina-se perante a opinião desse mesmo príncipe, o senhor aspira a que ele próprio reconheça o seu erro. Pretende vexá-lo, vingar-se dele, e para isso não hesita em sacrificar a felicidade da sua filha. Não será isso egoísmo?

O velho continuava amuado e irritado e durante muito tempo não disse uma palavra.

— Tu és injusto comigo, Vânia — exclamou finalmente, e as lágrimas assomaram-lhe aos olhos. —Juro-te que és injusto. Mas deixemos isto. Não posso abrir-te o meu coração! — continuou, levantando-se e pegando no chapéu. — Só te digo uma coisa. Há um momento, falavas da felicidade da minha filha. Eu, digo-o com toda a convicção, não creio em tal felicidade, e isto para não falar já de que nunca esse casamento se realizará, ainda que não me intrometa no caso.

— Mas porquê? Porque pensa isso? Sabe alguma coisa — exclamei com curiosidade.

— Não, não sei nada de concreto. Mas esse canalha maldito não era capaz de tomar uma decisão dessas. Tudo isso são absurdos, tretas. Tenho a certeza disso, sou capaz de dar a minha palavra de honra. Além disso, supondo ainda que esse casamento se realizava, o que apenas se daria no caso de que a sua maldade visse nele alguma vantagem especial, misteriosa, ignorada... e que eu não veja, nesse caso, julga por ti mesmo, interroga o teu coração: seria ela feliz com esse casamento? Censuras, humilhações, a vida com um garoto que já está farto do seu amor, e, quando se casasse... imediatamente lhe perderia o respeito e começaria a ofendê-la e a rebaixá-la, e ao mesmo tempo a força da paixão pelo lado dela reforçar-se-á, enquanto do lado dele irá arrefecendo; ciúmes, torturas, dores, a separação e quem sabe se até um crime! Não, Vânia! Se é isto que *eles* preparam e tu apoias, então aviso-te, terás de dar contas a Deus, Mas depois será tarde! Adeus!

Detive-o.

— Oiça, Nikolai Serguieitch, façamos uma coisa: esperemos. Acredite que não sou o único a apreciar este assunto e que talvez ele se resolva por si mesmo da melhor maneira possível, sem decisões forçadas e artificiais, como, por exemplo, esse duelo. O tempo... é a melhor solução para tudo. E, por fim, deixe-me também dizer-lhe que todo esse projecto é absolutamente impossível. O senhor imagina que o príncipe vai aceitar o seu desafio?

— O quê? Que dizes? Repara bem!

— Juro-lhe que não o aceitará e acredite que há-de encontrar algum pretexto para isso, muito razoável, que conduzirá tudo com uma gravidade pedante e o senhor cobrir-se-á de ridículo...

— Obrigado, meu amigo, obrigado! Tu atiras todos os meus raciocínios por terra! Não aceita o desafio? Não, Vânia; tu és simplesmente um poeta, é isso mesmo, um verdadeiro poeta. Julgas que ele não acharia honroso bater-se comigo?

Pois eu valho tanto como ele. Sou um pai de família velho, ofendido;

tu... um literato russo, e por isso és também uma pessoa respeitável; podes muito bem servir de padrinho e... e... verdadeiramente, não consigo compreender o que desejas ainda...

— O senhor espanta-me. Ele há-de apresentar tais pretextos que o senhor será o primeiro a reconhecer que bater-se com ele... é absolutamente impossível.

— Hum! bom, está bem, meu amigo; seja como tu dizes! Mas aguardarei até que expire o prazo marcado, naturalmente. Veremos o que o tempo nos traz. Mas ouve uma coisa, meu amigo; vais dar-me a tua palavra de honra de que nem *lá*, nem junto de Ana Andreievna, dirás nada a respeito da nossa conversa.

— Está dada.

— E também, Vânia, hás-de fazer-me o favor de nunca mais me recordares este assunto.

— Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Outro pedido ainda. Eu sei, meu filho, que tu te aborreces em nossa casa; mas apesar disso vem visitar-nos o maior número de vezes que possas. A minha pobre Ana Andreievna gosta tanto de ti e... e... aborrece-se tanto sem ti... Compreendes, Vânia?

Apertou-me a mão com força. Eu prometi fazer-lhe a vontade, de todo o coração.

— E agora, Vânia, o último ponto delicado: tens dinheiro?

— Dinheiro! — repeti assombrado.

— Sim — e o velho corou e baixou os olhos. — Eu, meu amigo, vejo a maneira como estás instalado... As circunstâncias em que te encontras... E penso que também podes ter outras despesas extraordinárias (podias tê-las agora, precisamente) e... bem, meu amigo, aqui tens estes cento e cinquenta rublos para qualquer eventualidade.

— Cento e cinquenta rublos, e ainda como «para qualquer eventualidade», e isto quando perdeu o processo!

— Vânia, pelo que vejo não me compreendes! Deves calcular que podem aparecer gastos «extraordinários», indispensáveis. Em certos casos o dinheiro proporciona-nos uma posição independente, prepara-

nos para procedermos com liberdade. Pode ser que agora não te seja necessário, mas não te fará falta no futuro? Em todo o caso aí ficam. Foi tudo o que pude arranjar.

Não te preocupes, depois me pagarás. Mas agora, adeus. Meu Deus, como estás pálido! Estás doente?

Não lhe respondi e aceitei o dinheiro. Percebia perfeitamente porque é que ele mo deixava.

— Mal posso ter-me de pé — respondi-lhe.

— Toma cuidado, Vânia, meu caro, toma cuidado! Não saias hoje. vou dizer a Ana Andreievna como tu estás.

Tens médico? Amanhã virei ver-te outra vez; pelo menos farei todo o possível para isso, desde que os pés me deixem... Mas, agora, deita-te... Adeus! Adeus, pequena. Eu voltarei. Ouve, meu amigo, aqui tens estes cinco rublos, são para a pequena. Não lhe digas que fui eu que lhos dei, compra-lhe antes qualquer coisa, uns sapatinhos, roupa interior... O que lhe for mais preciso! Adeus, meu amigo!

Acompanhei-o até à porta. Precisava de dizer ao porteiro que fosse buscar o jantar. Helena ainda não tinha comido nada.

Capítulo décimo primeiro

Mal chegara lá acima quando a cabeça se me esvaiu e tombei no meio do quarto. Lembro-me apenas do grito de Helena, que estendeu os braços e correu para mim para me amparar. Foi esse o último pormenor que conservei gravado na memória.

Lembro-me é do que se passou a seguir, quando estava já na cama. Helena contou-me depois que ela e o porteiro, que entretanto viera trazer-me o jantar, me tinham levado para o divã. Acordei e adormeci por várias vezes e via sempre inclinada sobre mim a compassiva e preocupada carinha de Helena. Mas lembro-me de tudo isso como em sonhos, como através de uma névoa, e a doce figura da pobre rapariguinha desaparecia na minha frente, por entre coisas esquecidas, como se fosse um panorama ou uma estampa; dava-me de beber, acomodava-me na cama ou sentava-se à minha cabeceira, triste, asustada, a acariciar-me o cabelo com os seus dedinhos. Lembro-me de que uma vez me deu um beijo muito suave sobre o rosto. De outra, quando abri de repente os olhos de noite, vi, à luz da vela acesa que ardia à minha frente, na mesinha próxima do divã, Helena com a cabeça sobre a minha almofada e timidamente adormecida, de lábios brancos e com a palma da mão debaixo da face pálida. Mas na manhã seguinte acordei já restabelecido. A vela estava completamente gasta; um raio de luz da aurora, claro e rosado, brincava na parede. Helena estava sentada numa cadeira, junto da mesa, e reclinava a sua cabecinha cansada sobre a mão esquerda, apoiada na mesa; estava profundamente adormecida e lembro-me de que fiquei a contemplar o seu rostozinho infantil, que mesmo adormecido tinha uma expressão inocente e apresentava uma beleza estranha e doentia; pálida, com os grandes olhos rebrilhantes nas faces vincadas, aureoladas pelos cabelos negros de azeviche, que lhe caíam desalinhados e bastos, em um nó frouxo, para um lado. A sua outra mão descansava na minha almofada. Suavemente beijei aquela mãozinha descarnada, mas a pobre pequenita não acordou e apenas um sorriso

pareceu assomar aos seus lábios pálidos. Fiquei a mirá-la e a remirá-la e, sem dar por isso, fui-me tranquilizando e adormeci profundamente. Dessa vez não acordei até ao meio-dia. Quando abri os olhos sentia-me completamente bem.

Apenas a debilidade e o peso dos meus membros acusavam a doença recente. Ataques nervosos desse género, já antes costumavam assaltar-me. Conhecia-os muito bem. De uma maneira geral, o mal-estar desaparecia completamente em vinte e quatro horas o que, apesar de tudo, não impedia de me provocar durante esse tempo efeitos intensos e graves.

Era quase meio-dia. A primeira coisa que vi foram as cortinas que comprara no dia anterior suspensas de uma corda. Fora Helena quem as arranjara, colocando-as no cantinho que ocupava no quarto. Estava sentada junto do fogão e preparava o chá. Quando viu que eu tinha acordado, sorriu, contente, e aproximou-se imediatamente de mim.

— Minha amiga — disse-lhe eu pegando-lhe numa mão — passaste a noite toda a velar-me. Não sabia que eras tão bondosa.

— E como *é* que sabe que eu o velei? Como o sabe, se passou a noite a dormir? — perguntou-me, olhando com uma ingénua e envergonhada malícia, e pondo-se ao mesmo tempo muito corada.

— Acordei e vi-te. Só adormeceste de madrugada.

— Quer chá? — interrompeu ela como se lhe custasse continuar aquela conversa, como costuma acontecer aos temperamentos pudicos e muito severos em pontos de honra, quando os apontamos para elogiá-los.

— Quero, sim — respondi. — Não jantaste, ontem?

— Não jantei, mas ceei. O porteiro trouxe-me a ceia. Mas não fale, deixe-se ficar deitado e sossegado. Ainda não está completamente bom — acrescentou, trazendo-me o chá e sentando-se à minha cabeceira.

— Qual deitado! Estarei até à tarde, mas depois levanto-me, não tenho outro remédio, Lenotchka.

— Ora! Mas porquê? com quem é que tem de encontrar-se? com o visitante de ontem?

— Não, não é com ele.

— Pois ainda bem que não é com ele. Foi ele o culpado de que ficasse assim, ontem. Então é com a filha dele?

— Como sabes que ele tem uma filha?

— Porque ouvi tudo, ontem — respondeu-me, baixando a cabeça.

Estava aborrecida. Arqueava as sobrancelhas.

— É um velho severo — acrescentou depois.

— Mas tu conhece-lo? Pois olha, é muito bondoso.

— Não, não, é mau, eu estive a ouvi-lo — respondeu com veemência.

— Mas que foi que tu ouviste?

— Não quer perdoar à filha...

— Mas gosta dela. Ela portou-se mal para com ele, e no entanto, ele preocupa-se com ela e sofre por sua causa.

— Mas porque não lhe perdoa ele? Agora, ainda que ele lhe perdoasse, a filha já não devia ir a casa dele.

— Não? E porquê?

— Porque não merece que a filha goste dele — respondeu com exaltação. — Mais vale que o deixe para sempre e se ponha a pedir esmola, e que ele veja a filha a pedir esmola e sofra.

Os seus olhos brilhavam, as faces ardiam-lhe. «Não há dúvida de que deve dizer o que sente», pensava eu.

— E era para casa desse homem que o senhor queria que eu fosse viver? — acrescentou depois de uma pausa.

— Sim, Helena.

— Não, preferia ir servir.

— Nada do que dizes está certo, Helena! Que absurdo! Onde pensas tu que poderias colocar-te?

— Em casa de qualquer mujique — respondeu-me com impaciência, cada vez mais meditabunda.

Era muito irascível.

— Mas um mujique não precisa de criados — disselhe eu sorrindo.

— Bem, então em casa de algum senhor.

— Com o teu temperamento, tu, ires colocar-te em casa de uns

senhores?

— Com o meu...

Quanto mais se zangava mais cortantes eram as suas respostas.

— Mas se tu não te dominas!

— Hei-de dominar-me! Se ralharem comigo, hei-de calar-me intencionalmente. Se me baterem não abrirei a boca, ainda que me matem, e por nada deste mundo hei-de chorar. Ainda lhes custará mais a suportar uma pessoa que não chora.

Mas que dizes tu, Helena?! És assim tão má? E tão soberba! Deves ter sofrido muito...

Levantei-me e aproximei-me da minha mesa grande. Helena continuou no divã, olhando para o chão, pensativa e beliscando o pano com os deditos. Permanecia em silêncio. «Teria ficado aborrecida por causa das minhas palavras?», pensei.

De pé, junto da mesa, pus-me a folhear maquinalmente os livros do dia anterior, que me tinham levado para a preparação do meu artigo e, pouco a pouco, fui-me absorvendo na leitura. Costuma acontecer-me isso frequentemente; pego num livro apenas por um momento, folhei-o, afundo-me na leitura e esqueço-me de tudo.

— Que está a escrever agora? — perguntou-me Helena com um sorriso tímido, aproximando-se da mesa devagarinho.

— Olha, Lenotchka, isto é uma salsada. Mas é para isto que me pagam.

— Processo?

— Não, não são processos — e expliquei-lhe conforme pude que escrevia diversas histórias de diferentes personagens, com o que compunha livros, aos quais dava o nome de contos e romances. Ela ouvia-me com grande curiosidade.

— É verdade tudo quanto escreve?

— Não, é inventado.

— E porque escreve coisas que não são verdade?

— Faz favor de leres e verás; aqui tens este livrinho; tu já o folheaste uma vez. Porque tu deves saber ler...

— Sei.

— Bem, então já vais ver. Olha, este livrinho escrevi-o eu.

— O senhor? vou lê-lo.

Queria dizer-me ainda mais qualquer coisa, mas pelos vistos isso custava-lhe e estava muito agitada. Algo se escondia nas suas perguntas.

— E pagam-lhe muito por isso! — perguntou-me finalmente.

— Conforme. Umas vezes muito, e outras nada, quando o trabalho não sai bem. E um trabalho difícil, Lenotchka — Então o senhor não é rico?

— Não, não sou rico.

— Bem. Então eu trabalharei e hei-de ajudá-lo. Deitou-me um olhar rápido, ruborizou-se, baixou os olhos e, dirigindo-se para mim, pegou-me de repente em ambas as mãos e apertou com força, com muita força, o seu rosto contra o meu peito. Eu olhei para ela atónito.

— Eu gosto de si... Eu não sou orgulhosa — disse.

Disseme há pouco que sou soberba. Não, não... Eu não sou assim... Eu gosto de si. O senhor é a única pessoa que gosta de mim...

E já as lágrimas a sufocavam. Um momento depois brotaram dos seus olhos com o mesmo ímpeto que no dia anterior, no momento do ataque. Caiu aos meus pés de joelhos e pôs-se a beijar-me as mãos, os pés...

— O senhor gosta de mim! — repetia. — É o único, o único!

Abraçou-me os joelhos, convulsivamente. Todo o seu sentimento, tanto tempo reprimido, explodia agora, num impulso indomável, e eu compreendia aquela estranha teimosia do coração que se escondera pudicamente até então, tanto mais teimosamente, com tanta maior severidade, quanto mais violenta era a sua ânsia de expansão, e tudo isso até à explosão inevitável, em que todo o seu ser, de repente, cedeu àquela necessidade de amor, de gratidão, de carícias, de lágrimas, até ao esquecimento de si mesma.

Pouco a pouco foi serenando, mas ainda não levantava os olhos para mim. Por duas vezes, suavemente, eles poisaram no meu rosto, com uma grande doçura e qualquer coisa de semelhante a um sentimento sobressaltado que entrava logo e esconder-se. Finalmente fez-se muito

corada e sorriu.

— Estás melhor? — perguntei-lhe. — Como tu és sensível, Lenotchka, e delicada, minha pequena!

Não, Lenotchka, não! — murmurou ela continuando a esconder o rosto.

Lenotchka, não? Então?

— Nelly.

— Nelly? Mas porque há-de ser Nelly? Bem, está bem, *é* um nome muito bonito. Se é esse o teu gosto, chamo-te assim.

— Era assim que me chamava a minha mãezinha... E nunca mais ninguém, senão ela, me chamou assim. E eu também só queria que fosse ela a chamar-me assim. Mas o senhor pode chamar-me dessa maneira, eu gostava muito. Eu, de si, hei-de gostar sempre, sempre...

«Coraçãozinho amoroso e orgulhoso — pensei eu. — Quanto tempo não foi preciso para que te rendesses...

Nelly!» Mas agora sabia já que o seu coração me pertencia para sempre.

— Olha, Nelly — disselhe eu assim que ela serenou. — Tu acabas de dizer que apenas a tua mãezinha e mais ninguém gostou de ti. Mas o teu avôzinho também não gostava muito de ti?

— Não gostava de mim.

— Mas tu choraste por ele, aqui, na escada, lembras-te? Ficou um momento pensativa.

— Não gostava de mim... Era mau!

E que sentimento de dor se reflectiu no seu rosto!

— Mas deves pensar que, a ele, não se lhe podia exigir nada, Nelly. Segundo parece não estava em seu perfeito juízo. Morreu inconsciente. Já te contei como é que ele morreu.

— Sim. Mas ele só se pôs assim no último mês em que viveu. Costumava ficar aqui sentado todo o dia e, se eu não viesse vê-lo, assim ficava dois ou três dias sem comer nem beber. Mas antes estava muito melhor.

— Antes, quando?

— Antes de a minha mãezinha ter morrido.

— Tu trazias-lhe de comer e de beber, Nelly?

— Trazia.

— E onde ias buscá-lo? A casa da Bubnova?

— Não, eu nunca recebia nada de casa da Bubnova respondeu-me com altivez e com uma voz um pouco tremente — Mas onde ias buscá-lo? Porque tu não tinhas nada. Nelly não respondeu e empalideceu extraordinariamente-depois pousou em mim um longo, longo olhar.

— Andava a pedir esmola pelas ruas... Juntava cinco copeques e comprava-lhe pão e rapé...

— E ele consentia? Nelly! Nelly!

— A princípio saía sozinha e não lhe dizia nada. Mas depois, quando soube, era ele mesmo quem me mandava pedir. Ia para o passeio, pedia aos que passavam, e ele, entretanto, punha-se às voltas por aí, à espera, e quando via que me davam alguma coisa, aproximava-se de mim e tirava-me o dinheiro, como se eu tencionasse escondê-lo, como se eu não estivesse a pedir para ele.

Ao dizer isto sorria de um modo cáustico, amargo.

— Tudo isso foi quando a minha mãezinha morreu. Ele ficou meio tolo.

— Então, pelos vistos, gostava muito da tua mãe. Porque não vivia com ela?

— Não, não gostava... Era mau e nunca chegou a perdoar-lhe... como esse velho mau, de ontem — disse em voz baixa, como num murmúrio, e cada vez se punha mais pálida.

Eu estremeci. O enredo de todo um romance brilhava na minha imaginação. Essa pobre mulher, que morrera num saguão, em casa de um carpinteiro de caixões; a filha, órfã, visitando de quando em quando o avô, que amaldiçoara a mãe; o velho extravagante e aloucado, que morrera numa pastelaria, ao mesmo tempo que o cão...

— Olhe, Azorka, dantes, era da minha mãezinha — disse Nelly de súbito, sorrindo a não sei que evocação. — O avô, dantes, gostava muito da minha mãezinha e, quando ela fugiu de casa, ele ficou com Azorka,

que era dela. Por isso gostava tanto de Azorka... Não perdoou à minha mãe; Mas quando o cão morreu, ele também morreu — acrescentou Nelly, gravemente, e o sorriso fugiu do seu rosto.

— Nelly, que era ele «dantes»? — perguntei-lhe depois de esperar um momento.

— Dantes era rico. eu não sei o que ele era... — respondeu-me. — Parece que tinha uma fábrica... Era o que a minha mãezinha me dizia. A princípio ela pensava que eu era ainda muito pequena e contava-me tudo. Não fazia senão beijar-me e dizer-me: «Hás-de saber tudo, lá chegará esse tempo, pobrezinha, minha infeliz.» E

chamava-me sempre pobre e infeliz. E de noite, quando pensava que eu estava a dormir, e eu realmente fingia que dormia, não fazia outra coisa senão chorar, inclinada sobre mim, dava-me muitos beijos e dizia: «Pobre criança, pobre criança!»

— E de que morreu a tua mãe?

— Tísica; está agora a fazer seis semanas.

— E tu lembras-te de quando o teu avô ainda era rico?

— Então ainda eu não tinha nascido! A minha mãezinha fugiu de casa antes de eu ter nascido...

— com quem fugiu?

— Não sei — respondeu Nelly com uma voz apagada e como se reflectisse. — Ela foi para o estrangeiro e eu nasci lá.

— No estrangeiro? Onde?

— Na Suíça. Eu estive lá, e na Itália, e também estive em Paris.

Fiquei espantado.

— E lembras-te de tudo isso, Nelly?

— De muitas coisas ainda me lembro.

— E como falas tão bem o russo, Nelly?

— É que a minha mãe, quando ainda estávamos lá, ensinou-me russo. Era russa e a mãe dela também era russa; mas o avô era inglês, embora já fosse como russo. E quando voltámos de lá, com a minha mãe, há ano e meio, acabei de aprender a língua. A minha mãe já estava doente. Passávamos muitas necessidades. A mãezinha não fazia mais nada senão

chorar. A princípio procurou o avô, aqui, em Petersburgo, e eu dizia-lhe muitas vezes que ela procedera mal para com ele, e então ela punha-se a chorar... O que ela chorava! O que ela chorava! Mas quando soube que o avô também estava na miséria, as suas lágrimas redobraram Começou a escrever-lhe cartas e mais cartas, mas ele não respondia a nenhuma.

— E porque voltou a tua mãe do estrangeiro? Foi por causa do pai?

— Não sei! Estávamos lá tão bem! — e os olhos de Nelly iluminaram-se. — A minha mãezinha vivia só comigo. Tinha um amigo muito bom, tão bom como o senhor... Conheceu-o aqui. Mas morreu no estrangeiro e então a minha mãe regressou...

— Então foi com ele que a tua mãe fugiu?

— Não, não foi com ele. A mãezinha fugiu de casa do avô com outro, que a deixou logo.

— E com quem fugiu, Nelly?

Nelly olhou-me e não respondeu. Parecia que sabia com quem tinha fugido a mãe e quem era o seu pai, mas que lhe custava dizer-me o nome...

Eu não quis mortificá-la com perguntas. O seu carácter era estranho, nervoso e impetuoso, capaz de arrebatamentos; simpático mas hermético, de tão orgulhoso e desconfiado. Durante todo o tempo que eu a tratei, apesar de amar-me de todo o seu coração, com o amor mais luminoso e transparente, quase igual ao que dedicava à sua falecida mãe, da qual não podia recordar-se sem dor... apesar disso, raras vezes era franca no seu passado; pelo contrário, até parecia ocultar-mo zelosamente. Nesse dia, durante algumas horas, por entre suspiros e soluços convulsos, que interrompiam a sua narrativa, revelou-me tudo o que a fazia sofrer e mais atormentava nas suas recordações, e nunca me esquecerei dessa história estranha. Mas o principal deixá-lo-ei mais para diante.

Era uma história estranha: a história de uma mulher abandonada, que sobreviveu à sua felicidade; doente, cansada e esquecida de toda a gente; repelida pela última criatura em quem podia ainda esperar... seu pai, ao qual ofendera em outro tempo e que por sua vez acabara por perder a razão, devido aos desgostos e humilhações sofridos.

A história de uma mulher levada até aos extremos do desespero, que, juntamente com a filha, à qual considerava ainda uma criancinha, andava pelas sujas e frias ruas pertersburguesas a pedir esmola; de uma mulher que esteve longos meses moribunda num saguão lúgubre e à qual o pai negou o perdão até ao último instante da sua vida, e depois, quando se arrependeu e correu a perdoar-lhe, apenas encontrou um cadáver hirto, em vez daquela a quem amava mais que tudo neste mundo. Era uma história singular, de misteriosas e mal comprensíveis relações entre o ancião que perdera o senso e a sua neta, que já compreendia muito de tudo isso, apesar da tenra idade, sem ter conhecimento de mais nada durante anos da sua vida triste e monótona.

Era uma história lúgubre, uma dessas tristes e dolorosas histórias que com tanta frequência e sem dar por isso se desenrolam debaixo do sombrio céu petersburguês, nos lôbregos, escondidos tugúrios da enorme cidade, entre vidas loucas e tumultuosas, profundos egoísmos, interesses desenfreados, repugnante perversidade e crimes sangrentos, entre todo esse inferno de uma vida insensata e anormal... Mas esta história deixá-la-emos para mais tarde.

TERCEIRA PARTE

Capítulo primeiro

Havia já algum tempo que escurecera e que a noite chegara, quando acordei de um lúgubre pesadelo e voltei a recordar-me da realidade.

— Nelly — disse —, olha, tu, agora, estás doente, fraca, e eu sou obrigado a deixar-te só, nesse estado de comoção e cheia de lágrimas. Minha amiga, perdoa-me, e fica sabendo que existe também uma criatura amável e a quem igualmente não perdoaram, infeliz, ofendida e humilhada. Espera por mim. E eu próprio me sinto tão atraído para ela, agora, depois do que me contaste, que me parece que não seria capaz de passar sem vê-la imediatamente, neste mesmo instante...

Não sei se Nelly compreenderia tudo o que lhe disse. Eu estava fora de mim, tanto pela impressão que me deixara o seu relato como pela minha recente enfermidade; mas dirigi-me a casa de Natacha. Já era tarde, eram nove horas quando lá cheguei.

Já na rua, à porta da casa onde Natacha vivia, vi uma carruagem e pareceu-me que era a do príncipe. Para se chegar ao andar de Natacha passava-se pelo pátio. Assim que comecei a subir a escada ouvi à minha frente, um degrau acima, um indivíduo que subia tacteando, com cuidado, e que, pelos vistos, não conhecia a casa.

Pensei que seria o príncipe, mas não tardei a pôr de parte essa ideia. O desconhecido subia resmungando e blasfemando, e com tanto mais vigor e energia quanto mais subia. É certo que a escada era empinada, suja, estreita, escura; mas aquelas pragas, que tinham começado no 3º andar, não poderia eu nunca atribuí-las ao príncipe: o senhor que subia à minha frente praguejava como um cocheiro. Mas no 3.º andar começava já a haver luz; diante da porta de Natacha ardia constantemente uma lanterna. Ali alcancei eu o meu desconhecido e qual não foi a minha surpresa quando reconheci o príncipe. Pareceu-me que lhe era muitíssimo desagradável encontrar-se assim cara a cara comigo. No primeiro momento não me reconheceu, mas não tardou a mudar completamente a expressão do rosto. Ao seu primeiro olhar, hostil e

rancoroso, sucedeu de repente outro, afectuoso alegre, e, com um alvoroço um pouco exagerado, estendeu-me as duas mãos.

— Ah, era o senhor! Tenho vontade de ajoelhar-me a seus pés e pedir a Deus a salvação da minha vida. Ouviu como eu praguejava?

E pôs-se a rir de uma maneira bonacheirona. Mas de repente o seu rosto tomou uma expressão séria e preocupada.

— E Aliocha pôde instalar Natacha Nikolaievna em semelhante alojamento? — disse, movendo a cabeça. — Olhe, há pormenores insignificantes e que no entanto servem para caracterizar um homem. Eu receio por ele.

É bom, tem um coração nobre, mas repare: ama loucamente e instala aquela a quem ama num tugúrio destes.

Eu tenho ouvido dizer que às vezes até passa fome — acrescentou em voz baixa, procurando o botão da campainha. — Parece-me que endoideço quando penso no seu futuro, e sobretudo no de Ana Nikolaievna quando for sua mulher.

Enganou-se no nome, mas não reparou nisso, muito aborrecido por não atinar com a campainha. Mas não havia campainha. Eu puxei pela tranqueta da fechadura; em seguida Mavra veio abrir e recebeu-nos com muita amabilidade. Na cozinha, separada do minúsculo vestíbulo por um tabique de madeira, viam-se pela porta aberta alguns preparativos; tudo estava, como sempre, limpo e arranjado; no fogão ardia o fogo; sobre a mesa via-se uma baixela nova. Percebia-se que estavam à nossa espera. Mavra dispôs-se a tirar-nos os sobretudos.

— Aliocha está cá? — perguntei-lhe.

— Não tem vindo — respondeu-me como em segredo. Fomos ter com Natacha. No seu quarto não se viam quaisquer preparativos especiais. Aliás, ela tinha sempre tudo limpo e atraente, sem que fosse necessário arranjar nada à pressa. Natacha veio receber-nos, de pé, à porta. Eu fiquei impressionado perante o seu rosto, consumido e exrernamente pálido, apesar de, por um momento, uma vermelhidão ter brilhado nas suas faces mortiças. Os seus olhos estavam febris. Em silêncio e perturbada, estendeu a mão ao príncipe, visivelmente alterada e atarantada. A mim,

nem sequer me olhou. Eu continuava de pé e esperava em silêncio.

— Cá estou eu! — exclamou amistosa e jovialmente o príncipe. — Há apenas umas horas que voltei. Lembrei-me de si durante todo esse tempo — e beijou com ternura a sua mão — Tenho tanto que dizer-lhe, que contar-lhe! Bem. Já vamos falar de tudo. Em primeiro lugar, vejo que não está cá o meu ciclone...

— Dê-me licença, príncipe — atalhou Natacha corando e sorrindo. — Preciso de dizer duas palavras a Ivan Petrovitch; Vânia, chega aqui... Só duas palavras...

Pegou-me na mão e levou-me para trás do biombo.

— Vânia — disseme em voz baixa, levando-me para o canto mais escuro —, perdoas-me?

— Claro, Natacha! Porque não?

— Não, não, Vânia; tu acabas sempre por me perdoar, mas toda a paciência tem limites. Tu nunca deixarás de gostar de mim, bem sei; mas poderás chamar-me ingrata, e eu, ontem e anteontem portei-me contigo como uma ingrata, egoísta e cruel...

De repente rompeu em lágrimas e apoiou-se ao meu ombro.

— Basta, Natacha! — tentei convencê-la. — Olha, eu estive muito mal a noite passada e ainda hoje só com muito esforço é que consigo ter-me de pé, e foi por isso que não vim ver-te nem ontem à noite nem hoje em todo o dia, donde tu concluíste que eu estava zangado. E, minha amiga, não saberei eu o que se passa na tua alma?

— Bem, isso quer dizer que, como sempre, me perdoas — disse ela sorrindo por entre lágrimas e apertando-me a mão até me magoar. — O resto fica para logo.

Tenho muitas coisas para te dizer, Vânia. Mas agora vamos ter com ele — Vamos já, Natacha. Deixámo-lo só, assim tão de repente ...

— Tu vais ver, vais ver o que se vai passar — murmurou rapidamente. — Agora já sei tudo, já tinha adivinhado tudo. O culpado de tudo é ele. Esta noite é decisiva. Vamos então!

Eu não a compreendi bem, mas não tive tempo de perguntar-lhe mais nada. Natacha aproximou-se do príncipe com um sorriso alegre. Ele

continuava de pé, de chapéu na mão. Ela pediu-lhe desculpa, muito bem disposta, pegou-lhe no chapéu, ofereceu-lhe uma cadeira e sentámo-nos os três à volta da mesa.

— Tinha começado a falar-lhe do meu ciclone — começou o príncipe. — Eu vi-o apenas um momento, quando se preparava para dirigir-se a casa da condessa Zinaida Fiodorovna. Estava cheio de pressa e, calculem, nem sequer se dignou demorar-se um pouco nos meus aposentos, depois de termos estado quatro dias sem nos vermos. E, pelos vistos, eu é que tenho a culpa, Natacha Nikolaievna, de que ele não esteja aqui e de que eu tenha chegado antes dele; eu aproveitei a oportunidade e, como não podia hoje ir ver a condessa, passei-lhe o encargo. Mas não tarda que esteja aqui.

— Deu-lhe a certeza de que viria hoje? — perguntou-lhe Natacha dirigindo ao príncipe o olhar mais ingénuo.

— Ah, meu Deus, não faltava mais nada senão que não viesse! Porque me pergunta isso? — exclamou o príncipe olhando-a assombrado. — Embora, no fim de contas, eu compreenda; está zangada com ele. De facto, não está certo que seja o último a chegar. Mas, repito-lhe, o culpado de tudo sou eu. Não se zangue com ele. É um estouvado, um furacão. Eu não estou a defendê-lo. Mas há certas circunstâncias especiais que exigem não só que ele não abandone -agora a casa da condessa e de outras pessoas nossas conhecidas, mas que pelo contrário as frequente o mais possível.

Mas como ele, agora, tenho a certeza, não sai de casa e se esquece de tudo o mais, não se aborreça se alguma vez eu lho roubar por umas duas horitas apenas, por causa das incumbências que lhe dou. Tenho a certeza de que ele não esteve nem uma só vez em casa da princesa K..., desde aquela noite, e sinto muito não ter tido tempo, há pouco...

Olhei para Natacha. Ouvia o príncipe com um sorriso levemente irónico. Mas ele falava tão francamente, com tanta naturalidade... Parecia que não havia o menor motivo para suspeitar das suas palavras.

— Mas o senhor não sabe, seriamente, que ele durante todos estes dias nem uma só vez apareceu por aqui? — perguntou-lhe Natacha

numa voz mansa e tranquila, como se falasse de uma coisa muito natural para si.

— O quê? Nem uma só vez? Que me diz? — exclamou o príncipe admiradíssimo, pelo menos na aparência.

— O senhor veio ver-me na terça-feira, já tarde, à noite; na manhã seguinte veio ele e esteve comigo uma meia hora, e a partir daí nunca mais o vi.

— Mas isso é inverosímil! — estava cada vez mais assombrado. — E eu a pensar que ele não saía daqui!

Desculpe, mas isso é tão estranho... é simplesmente inverosímil.

— No entanto, é verdade, uma triste verdade; eu estava precisamente à sua espera para ver se sabia pelo senhor onde ele pára.

— Ah, meu Deus! Mas não deve tardar que ele esteja aqui! O que acaba de me dizer choca-me a tal ponto que... confesso-lhe, eu não esperava dele... semelhante coisa.

— Mas porque se admira assim? Eu supunha que o senhor não só não devia ficar admirado, como estaria até ao facto do que se passava...

— Ao facto? Eu? Pois afirmo-lhe, Natacha Nikolaievna, que apenas o vi hoje um momento e não perguntei a ninguém por ele, e parece-me muito estranho que a senhora não me acredite — continuou, olhando para nós os dois.

— Deus me livre — respondeu Natacha. — Estou firmemente convencida de que o senhor diz a verdade.

E tornou a sorrir abertamente, na cara do príncipe de uma maneira que ele não pareceu achar muita graça.

— Explique-se — disse, inquieto.

— Mas eu não tenho nada a explicar! Eu falo com toda a simplicidade. O senhor bem sabe como ele é estouvado e esquecido. Pois bem, como agora lhe deram liberdade plena, diverte-se.

— Mas divertir-se até esse ponto é impossível. Aqui há mais qualquer coisa, e assim que conseguir apanhá-lo hei-de obrigá-lo a explicar-me tudo. Mas o que mais me espanta é que a senhora parece culpar-me, a mim, de qualquer coisa quando eu, afinal, nem sequer cá tenho estado.

Vejo também que está muito zangada com ele, mas isso é compreensível. Tem todo o direito e, naturalmente, sou eu o primeiro culpado, embora somente por ter sido o primeiro a vir, não é verdade? — continuou, dirigindo-se a mim com uma zombaria irritada.

Natacha excitou-se.

— Dê-me licença, Natacha Nikolaievna —, continuou o príncipe com dignidade. — Concordo que sou culpado, mas apenas por ter partido em viagem no dia seguinte àquele em que nos conhecemos, e por causa disso, em virtude de uma certa desconfiança que noto no seu carácter, já se apressou a mudar de opinião a meu respeito, tanto mais que as circunstâncias a isso se prestaram. Ao passo que, se eu não tivesse partido, a senhora conhecer-me-ia mais a fundo e Aliocha, debaixo da minha vigilância, não se teria transviado. Vai ouvir o que eu lhe vou dizer...

— Assim fará com que ele acabe por me tomar aversão. É impossível que o senhor, com a sua inteligência, pense realmente que pode ser-me útil desse modo.

— Suponho que não quer insinuar que eu procuro intencionalmente ver se ele lhe toma aversão. A senhora ofende-me, Natacha Nikolaievna.

— Eu procuro sempre evitar alusões indirectas quando falo com alguém, seja com quem for — respondeu Natacha. — E, pelo contrário, esforço-me sempre por me expressar com a maior clareza possível e pode ser que ainda hoje mesmo me seja fácil demonstrar-lho. Não tenho a menor ntenção de ofendê-lo, nem de o desejar sequer... Disto tenho a certeza absoluta, porque compreendo muito bem as nossas relações recíprocas. O senhor não disse isso a sério, não é verdade? Mas se de facto o ofendi estou disposta a pedir-lhe perdão para cumprir em tudo, para com o senhor, os deveres da... hospitalidade.

Apesar do tom de despreocupação e de alegria com que Natacha pronunciou essas palavras, com um sorriso nos lábios, nunca eu a vira tão excitada. Até então não me apercebera ainda até que extremo ela devia ter sofrido naqueles três dias. As suas enigmáticas palavras, das quais eu já sabia tudo e tudo adivinhara, deixaram-me numa inquietação;

referiam-se directamente ao príncipe. Tinha mudado de opinião a respeito dele e considerava-o como seu inimigo; isso era evidente. Percebia-se que atribuía à sua influência o seu fiasco com Aliocha e talvez tivesse razão. Eu receava que se desse repentinamente uma cena entre eles. O seu tom de gracejo era demasiado transparente, quase diáfano. As últimas palavras dirigidas ao príncipe, dizendo-lhe que ele não podia tomar as suas relações a sério e pedindo-lhe perdão em nome dos deveres da hospitalidade, assim como a sua promessa, em tom de ameaça, de demonstrar-lhe nessa mesma noite que sabia falar com franqueza... Tudo isso era a tal ponto sincero e explícito que não era possível que o príncipe não o compreendesse. Eu via que a sua expressão se transformara, embora ele se dominasse. Tomou imediatamente o ar de não ter reparado naquelas palavras, de não ter compreendido a sua verdadeira intenção e, naturalmente, tomou-as por gracejo.

— Deus me livre de pedir explicações! — encareceu, sorrindo. — Eu não pretendia isso, de maneira nenhuma, e além do mais não faz parte das minhas regras de conduta pedir explicações a uma mulher. No nosso primeiro encontto tive o cuidado de preveni-la sobre o meu carácter e, portanto, com certeza que a senhora não se zangará comigo por causa de uma simples observação, tanto mais que, de uma maneira geral, se refere a todas as mulheres.

Com certeza que a senhora também deve estar de acordo com essa observação — continuou, dirigindo-se a mim com muita amabilidade. — Dizia eu, concretamente, que o carácter feminino apresenta certos aspectos que fazem com que, se por exemplo uma mulher é culpada de qualquer coisa, procure de preferência compensar a sua falta com mil lisonjas a reconhecer a sua culpa no próprio instante em que a comete, a confessar-se culpada e pedir perdão. De facto, se a senhora supusesse que me tinha ofendido, eu, nesse mesmo instante e intencionalmente, não quereria explicações; estas ser-me-iam mais úteis depois, quando reconhecesse o seu erro e quisesse indemnizar-me por ele... com mil lisonjas. E a senhora é tão boa, tão honesta, tão sincera, que eu calculo como devia estar encantadora no momento do arrependimento. Mas em

vez de apresentar-me desculpas, o melhor será dizer-me se eu próprio não poderia demonstrar-lhe que procedo consigo com mais sinceridade e franqueza do que a senhora imagina.

Natacha corou. A mim parecia-me que na resposta do príncipe havia demasiada leviandade, até excessivo à vontade, qualquer coisa como uma graciosidade intempestiva.

— Queria demonstrar-me que procede comigo de um modo sincero e franco? — perguntou Natacha olhando-o com um olhar de desafio.

— Sim.

— Sendo assim, responda-me a uma pergunta.

— Desde já o prometo.

— Ei-la: não incomode Aliocha com uma palavra nem com uma alusão a meu respeito, nem hoje nem amanhã. Nem uma só censura por se ter esquecido de mim, nem uma só repreensão... Eu própria quero recebê-lo como se entre nós nada se tivesse passado, para que ele não possa notar nada. Dá-me a sua palavra de que fará isso?

— Com muito gosto — respondeu o príncipe. — E permita-me acrescentar, de todo o coração, que raramente tenho encontrado quem saiba ver uma questão deste género com tão sensato e claro critério... Mas parece-me que Aliocha já chegou.

Efectivamente, ouviu-se um ruído na sala de entrada. Natacha estremeceu e demonstrou aperceber-se de qualquer coisa. O príncipe continuou sentado, com uma expressão séria e na expectactiva; seguia Natacha atentamente, com os olhos. A porta abriu-se e Aliocha entrou rapidamente.

Capítulo segundo

Entrou com um rosto radiante, alegre, jovial. Era evidente que vivera muito contente e feliz durante esses quatro dias. Notava-se que queria comunicar-nos qualquer coisa.

— Ora cá estou eu! — disse, espraiando o olhar por toda a sala. — Cá está aquele que devia ter sido o primeiro de todos a chegar. Mas já vão saber tudo, tudo. Há pouco, foi-me impossível trocar sequer duas palavras contigo, papá, e tinha muitas coisas para te dizer. É só quando ele está bem disposto que eu me permito tratá-lo por *tu* — interrompeu-se, dirigindo-se a mim. — Valha-me Deus! Tirando esses casos nunca mo consente! E é ver a técnica que emprega: é ele próprio quem começa a tratar-me por *você!* Mas a partir de hoje quero que ele esteja sempre bem disposto e vou tratá-lo assim. Sofri uma grande mudança durante estes quatro dias, uma mudança radical, radical, eu já vos conto tudo. Mas fica para logo. Agora vamos ao principal: eu estou outra vez com ela! Outra vez! Ela! Natacha, minha querida, boa noite, meu anjo! — disse, sentando-se a seu lado e beijando-lhe a mão com avidez. — Como eu devo ter-te feito sofrer durante estes dias! Mas que queres! Não posso, não posso corrigir-me! Minha querida! Parece que emagreceste um pouco... e como estás pálida!

Cobria-lhe as mãos de beijos, com entusiasmo olhando-a avidamente nos seus lindos olhos, como se não pudesse afastar deles os seus. Eu olhava para Natacha e adivinhava no seu semblante que pensávamos os dois o mesmo isto é, que ele era inocente. Mas, sendo assim, como é que aquele *inocente* podia tornar-se culpado?

De repente, um vivo rubor se espalhou pelas faces de Natacha, como se o sangue concentrado no coração lhe tivesse subido à cabeça. Os seus olhos chispavam fogo e olhava ufana para o príncipe.

— Mas por onde... andaste... tantos dias? — exclamou numa voz débil e entrecortada.

Estava com uma respiração difícil e irregular. Meu Deus, como o

amava!

— De facto, de certo modo parece que eu sou culpado para contigo, *parece*. Que sou culpado, já o sei, e porque o sei é que vim. Kátia disseme ontem e hoje que não há mulher alguma que perdoe semelhante abandono (ela está ao facto de tudo o que se passou aqui na terça-feira; contei-lho no dia seguinte). Pus-me a discutir com ela; demonstrei-lhe, disselhe que essa mulher se chama Natacha e que talvez não haja outra parecida com ela, a não ser Kátia; e vim aqui sabendo, naturalmente, que ganharia a discussão. Então um anjo como tu não poderia perdoar? «Quando não vem, é porque tem que fazer, ou então deixou de me querer...», foi qualquer coisa deste género que deve ter pensado a minha Natacha, Mas poderia eu deixar de amar-te?

Seria possível? Sofria por tua causa. Não há dúvida de que sou culpado. Simplesmente, quando souberes tudo serás tu a primeira a desculpar-me. vou já contar-te tudo; preciso de desabafar a minha alma convosco, foi para isso que vim. Se tivesse tido um segundo livre, já hoje teria vindo ver-te num instante para dar-te um abraço; mas não pôde ser, Kátia mandou-me chamar com urgência para um assunto importantíssimo. Foi quando eu já estava no trem, papá, tu bem viste; já era a segunda vez que, acedendo a um pedido de Kátia, me dirigia para sua casa. Pois deves saber que nós, agora, passamos o dia inteiro mandando cartinhas de uma casa para a outra.

— Herr Petrovitch, não pude ler a sua carta senão hoje, e tem toda a razão naquilo que me diz. Mas que se há-de fazer? Não tive possibilidade física! De maneira que eu pensava: «Amanhã à tarde apresentarei as minhas desculpas a todos.» Pois esta noite já me teria sido impossível não te vir ver, Natacha.

— A que carta te referes? — perguntou Natacha.

— É que ele esteve em minha casa, não me encontrou, naturalmente, e deixou-me uma carta recriminando-me por não te vir ver, na qual tinha razão de sobejo. Isso foi ontem.

Natacha olhou para mim.

— Mas tinhas tempo para estar em casa de Catarina Fiodorovna,

desde manhã até à noite — insinuou o príncipe.

Já sei, já sei o que vais dizer — atalhou Aliocha. — «Se tinhas tempo para estar com Kátia, então tinhas o dobro da razão para vires aqui.» Perfeitamente de acordo e acrescentarei até por minha conta: não tinha o dobro da razão mas um milhão de razões. Mas, em primeiro lugar, acontecem na vida coisas estranhas, inesperadas, que alteram e perturbam tudo. Ora aconteceu-me uma dessas coisas, a mim. Já lhes disse que nestes dias tinha sofrido uma mudança radical, dos pés à cabeça, pois surgiram-me circunstâncias gravíssimas!

— Ai, meu Deus! Mas que te aconteceu? Continua, por favor! — exclamou Natacha sorrindo perante a veemência de Aliocha.

De facto, tornava-se um pouco ridículo. Atrapalhava-se, engasgava-se com as palavras que lhe vinham à boca, atropelando-as, como se falasse pelos cotovelos, sem nexo, enfim, numa grande algaraviada. O seu desejo era falar, falar, contar. Mas, enquanto falava não largava a mão de Natacha e levava-a constantemente aos lábios, como se não se fartasse de beijá-la.

— Enfim, aconteceram-me muitas coisas! — continuou Aliocha. — Ai, meus amigos, o que eu fiz, o que conheci! Em primeiro lugar, Kátia. Que bonita! Eu não a conhecia, não a conhecia, a bem dizer, até agora! E na terça-feira passada, quando te falei dela, Natacha... lembras-te com que entusiasmo? Bem, pois nessa altura ainda mal a conhecia Ela escondeu-se de mim até esse momento.

Mas agora conhecemo-nos os dois a fundo. Já nos tratamos por tu. Mas começarei pelo princípio. Em primeiro lugar, Natacha, se tivesses ouvido o que ela me disse sobre ti, quando no dia seguinte, na quarta-feira, eu lhe contei o que houve entre nós... E de facto lembro-me de, como me portei estupidamente contigo, quando vim ver-te na manhã dessa quarta-feira. Tu recebeste-me comovida, ainda perturbada pela nossa nova situação; querias falar comigo de tudo isso, estavas -triste e ao mesmo tempo coqueteavas e brincavas comigo, enquanto eu para aí fiquei, armado em senhor grave! Oh, que idiota, que idiota! Mas juro que o que eu queria dar a entender era que em breve serei um homem, um

homem a sério! E com quem fui eu tomar esses ares... Contigo! Ai como devias ter-te rido de mim e como foram merecidos esses risos!

O príncipe permanecia silencioso e contemplava Aliocha com um certo sorriso irónico e triunfante. Parecia que se alegrava por o seu filho se mostrar tão estouvado e até ridículo. Observei-o constantemente nessa noite e percebi que não gostava do filho, apesar de falar a toda a hora no grande amor de pai que lhe tinha.

— Daqui fui ter com Kátia — disse Aliocha, continuando a sua narrativa. — Já disse que foi só a partir desta manhã que nos começámos a conhecer melhor um ao outro e foi bem estranha a maneira como isso aconteceu. Nem sequer me lembro... algumas palavras entusiásticas, algumas comoções e pensamentos francamente declarados e... eis-nos aproximados para sempre. É preciso, é preciso que a conheças, Natacha. A maneira como ela me falava de ti, como te compreende, como ela me explicava o tesouro que tu és para mim!

Pouco a pouco ia-me expondo todas as suas ideias e todo o seu modo de pensar acerca da vida! Que rapariga tão séria e exaltada! Falava-me do dever, do nosso destino, de que todos temos de servir a humanidade, e assim ficámos juntos umas cinco... ou seis horas, a falar, até que acabámos por jurar uma amizade eterna e procedermos sempre em conjunto na vida.

— Proceder em quê? — perguntou o príncipe assombrado.

— Eu sofri uma tal transformação, papá, que tudo isto deve sem dúvida causar-lhe estranheza; até já calculo de antemão quais serão as suas objecções — respondeu Aliocha com solenidade. — Todos vocês são gente prática, que atende apenas a regras velhas, sérias, rigorosas, mas que olha com receio, com hostilidade e com sarcasmo tudo quanto é novo, juvenil e fresco. Mas eu já não sou aquele que era ainda há poucos dias. Já sou outro! E tenho a coragem de olhar para toda a gente na cara! Como sei que a minha convicção é justa, sigo-a até às últimas consequências e na medida em que não me afasto do caminho sou um homem honesto. Para mim já é bastante. Portanto, podem dizer o que quiserem, que eu não me importo.

— Bravo! — exclamou o príncipe sorrindo.

Natacha olhou para nós desassossegada. Receava por Aliocha. Quando falava costumava entregar-se a divagações, que lhe eram pouco lisonjeiras, e ela sabia-o. Não queria que Aliocha se tornasse ridículo diante dos outros e, sobretudo, diante de seu pai.

— Mas que dizes tu, Aliocha? Isso já é pura filosofia — disse ela. — Não há dúvida nenhuma de que ela te iniciou. .. Mas o melhor era contares...

— Mas se já estou a contar! — exclamou Aliocha. — Pois bem. Kátia tem dois primos afastados, dois primos, creio, Levinka e Borinka, um é estudante, outro é ainda um tapazito. Dá-se com eles e eles são simplesmente... uns tipos invulgares! À condessa, apenas visitam por uma questão de princípios. Quando eu estava a falar com Kátia a respeito do destino do homem, da vocação e de outras coisas do género, ela mencionou-os e depois entregou-me uma carta de apresentação para eles. E eu tratei imediatamente de conhecê-los. Conseguimos falar ainda nessa mesma noite. Havia lá doze pessoas de várias condições: estudantes, oficiais, artistas um escritor... Todos o conhecem, Ivan Petrovitch, isto é, todos leram as suas obras e esperam muito de si para o futuro Foi assim que eles mesmos me disseram. Eu disselhes que era seu amigo e que havia de apresentá-lo. Todos eles me receberam como a um irmão, de braços abertos. Eu, desde o primeiro momento lhes anunciei que não tardaria a casar-me, de maneira que me trataram já como a um homem casado. Vivem no 5.º andar e aí se reúnem frequentemente, em casa de Levinka e de Borinka. São todos rapazes muito espertos, todos animados de um ardente amor pela humanidade; falaram do nosso presente e do nosso futuro, de ciências, de literatura, e se vissem como falavam bem, com franqueza e simplicidade! Também lá vai um do liceu. A maneira como se tratam entre si, como são todos bondosos! Até agora ainda não tinha visto pessoas semelhantes! Onde eu vivi até agora? Em que me ocupava? Só tu, Natacha, foste a única pessoa que me falou desse modo. Ah, Natacha, tu tens de conhecê-los! Kátia já os conhece. Falam dela quase com reverência e Kátia já disse a Levinka e a Borinka que,

quando entrar na posse dos seus bens, sacrificará um milhão a favor da utilidade geral.

— E os administradores desse milhão com certeza que serão Levinka e Borinka e demais companhia, não? — perguntou o príncipe.

— Não senhor, não senhor; que vergonha dizer uma coisa dessas, pai! — exclamou Aliocha com veemência.

— Já me queria parecer que havias de sair com uma dessas! A respeito desse milhão falámos nós durante muito tempo e exaustivamente. Em que empregá-lo? Finalmente chegámos à conclusão de que devíamos empregá-lo na civilização geral...

— Sim, eu, de facto, até agora não conhecia Catarina Fiodorovna — observou o príncipe, como se falasse consigo mesmo, sem deixar o seu sorriso zombeteiro. — Embora esperasse muitas coisas dela, isso, francamente...

— Mas que tens a dizer a isto? — interrompeu-o Aliocha. — Porque te espantas tanto? Porque sai um pouco das tuas normas? Porque ninguém até agora sacrificou um milhão e ela sacrifica-o? Que tem isso de particular? Alguém tem alguma coisa com o facto de ela não querer viver à custa dos outros? Porque viver desses milhões significa viver à custa dos outros (só agora é que eu o compreendi). Ela quer ser útil à pátria e a todos e contribui com o seu óbulo para a utilidade geral. O óbulo, já se fala nas escrituras, esse óbulo, afinal, pode transformar-se num milhão. Em que se fundamenta toda essa encarecida sensatez na qual tive tanta fé até aqui? Pai, porque me olhas dessa maneira? Dir-se-ia que tens na tua frente um palhaço ou um imbecil.

Bem, mas que importa ser imbecil? Natacha, não ouviste o que Kátia disse acerca disto? «O principal não é a inteligência, mas sim aquilo que a rege... A natureza, o coração, as nobres qualidades, a cultura...» Mas neste campo é muito importante a genial expressão de Bezmiguin. Este Bezmiguin é um amigo de Levinka e de Borinka, e, aqui para nós, é uma cabeça, uma cabeça verdadeiramente genial! Ainda ontem o demonstrou durante a discussão! «O idiota que se reconhece idiota já não é idiota!» Isto é que é ver bem! E frases como esta tem-nas ele a cada passo. Diz

cada verdade...

— Genial, efectivamente! — observou o príncipe.

— Tu troças de tudo. Mas o certo é que, a ti, nunca ouvi nada de semelhante, nem tão-pouco a ninguém da vossa sociedade. Entre vós, pelo contrário, tudo se achata e se pega ao chão, para que todas as estaturas e todos os narizes se ajustem infalivelmente a determinadas medidas, a determinadas regras... Como se isso fosse possível! Como se isso não fosse mil vezes mais impossível do que aquilo que nós dizemos e pensamos!

E ainda nos chamam utópicos! Se tivesses ouvido as coisas que eles me disseram ontem!

— Mas que vem a ser isso que vocês dizem e pensam? Conta, Aliocha, que até agora ainda não compreendi — disse Natacha.

— De uma maneira geral trata-se de tudo quanto se refere ao progresso, ao humanismo, ao amor; tudo o que constitui os problemas do nosso tempo. Falamos da vida pública, das reformas que começam a realizar-se, do amor pela humanidade, dos factores contemporâneos; reunimo-nos e lemos. Mas o mais importante é que damos mutuamente a nossa palavra de que falaremos com absoluta sinceridade e franqueza, sem estarmos com dissimulações. Só a sinceridade, só a franqueza podem conseguir os seus fins.

Eu falei disto a Kátia e ela está de acordo em tudo com Bezmiguin. Por isso todos nós, debaixo da direcção de Bezmiguin, nos comprometemos a proceder com honradez e franqueza durante toda a vida, digam os outros o que disserem e julguem-nos como nos julgarem, a não nos envergonharmos dos nossos entusiasmos, das nossas convicções nem dos nossos erros e a caminhar sempre a direito. Se queres que te respeitem, deves começar por respeitar-te a ti próprio. Só assim, só com este respeito por ti mesmo obrigarás os outros a respeitarem-te. Era assim que dizia Bezmiguin e Kátia estava totalmente de acordo com ele. De uma maneira geral, agora, discutimos acerca das novas convicções e cada um por seu lado reflecte sobre elas, para trocarmos impressões depois, todos juntos...

— Mas que aranzel! — exclamou o *príncipe* inquieto. — E quem é esse Bezmiguin? Não, isso não pode ficar assim...

— O que é que não pode ficar assim? — perguntou Aliocha. — Ouve, pai: sabes porque disse eu tudo isto diante de ti? Porque quero e espero atrair-te para o nosso círculo. Já lhes dei a minha palavra. Tu sorris-te.

bom, eu já sabia que havias de levar o caso para brincadeira. Mas escuta, tu és bom, nobre, hás-de compreender! Não vês que não conheces esses indivíduos, nem ouviste falar deles? Suponhamos, no entanto, que estás ao facto de tudo isso, que estás informado de tudo, que és imensamente culto; pois ainda assim seria preciso conhecê-los, conviver com eles; de maneira que não podes apreciá-los devidamente. Tu imaginas apenas que sabes. Mas não. Tu deves ir vê-los, ouvi-los, depois... dou-te a minha palavra de que serás um dos nossos! E o principal é que eu quero empregar todo o género de meios para salvar-te de te perderes nessa tua sociedade, à qual tanto te agarras, e para arrancar-te das tuas convicções.

O príncipe escutou toda essa arenga em silêncio e com um sorriso sarcástico; o seu rosto reflectia maldade.

Natacha olhava-o com uma aversão evidente. E ele bem o notava, mas fazia que não dava por tal. Quando Aliocha acabou, soltou uma gargalhada. Até se repoltreou na cadeira, como se não tivesse forças para se suster. Mas aquela gargalhada, não havia dúvida, era postiça. Via-se perfeitamente que ele se ria apenas com o fim de ridicularizar e humilhar o filho. De facto, Aliocha sentiu-se muito; todo o seu semblante reflectia um desgosto imenso. Mas esperou pacientemente que acabasse o ataque de hilariedade de seu pai.

— Pai — começou com tristeza —, porque te ris assim de mim? Eu dirijo-me a ti franca e abertamente; se, em tua opinião, eu digo tolices, faz-me ver onde está a razão, mas não troces de mim. E de que te terias tu rido? Daquilo que eu tenho por sagrado e sublime? Ora vejamos. Suponhamos que estou enganado, que tudo isso é falso, erróneo; suponhamos que eu seja um imbecil, como tu algumas vezes me chamas; mas, se me engano, faço-o honrada, sinceramente; nem por isso perco a

minha nobre alma. Entusiasmo-me por ideias elevadas. Suponhamos que sejam falsas, mas o seu fundamento é sagrado. Comecei por dizer-te que nem tu, nem os teus, nunca me disseram nada que me guiasse, que levasse para vós. Refuta os meus argumentos, diz-me algo de melhor, que eu te seguirei; mas não te rias de mim, pois isso fere-me profundamente.

Aliocha pronunciou estas palavras com extraordinária nobreza e com severa dignidade. Natacha olhava-o com agrado. O príncipe ouvia o filho, espantado, e a seguir mudou de tom.

— Não, não tive a menor intenção de ofender-te, meu amigo — respondeu. — Pelo contrário, até tenho pena de ti. Tu supões-te a dar na vida um passo de tal transcendência, que, perante isso, devias deixar de ser um rapaz estouvado. E este o meu pensamento. Ri-me sem querer e de maneira nenhuma tive a intenção de ofender-te.

— Mas então porque me teria parecido isso? — continuou Aliocha com amargura. — E porque será que já há muito tempo me olhas com olhos hostis, com um sorriso frio e não como um pai ao seu filho? Porque será que, se eu estivesse no teu lugar, não riria tão ofensivamente de um filho meu como tu te ris de mim? Olha, expliquemo-nos francamente, agora mesmo, de uma vez para sempre, para que não nos fique dúvida alguma.

E... quero dizer toda a verdade. Quando entrei aqui, pareceu-me que se produziu alguma celeuma; não esperava encontrar-vos todos reunidos. Tenho razão ou não? Ora, se é assim, não seria melhor que cada qual manifestasse os seus sentimentos? Quantos males se podem evitar com a franqueza!

— Fala, fala, Aliocha! — disse o príncipe. — Acho muito bem a tua proposta. Parece-me que era por aí que se devia ter começado — acrescentou, olhando para Natacha.

— Não te aborreças comigo por causa da minha franqueza — começou Aliocha. — És tu mesmo quem a deseja, tu mesmo quem a reclama. Escuta. Tu consentiste no meu casamento com Natacha, proporcionaste-me essa felicidade e, para isso, venceste-te a ti mesmo. És

generoso e todos nós apreciamos a tua nobre conduta.

Mas porque é que tu, agora, estás continuamente, e com uma certa alegria, a dar-me a entender que eu ainda sou uma criança, que não estou de maneira alguma apto para ser um marido e, como se isto ainda fosse pouco, parece que queres ridicularizar-me, humilhar-me e até desprestigiar-me aos olhos de Natacha? Ficas muito contente sempre que podes ridicularizar-me; não foi só agora que o notei, mas já há muito tempo. Dir-se-ia que tens um interesse especial em nos convenceres de que o nosso casamento seria ridículo, estúpido, e que não fazemos um par conveniente. Verdadeiramente, parece que não acreditas naquilo que dispuseste, como se considerasses tudo isto uma troça, como uma divertida situação de *vaudevilles…*

Afirmo-te de que não concluí isto apenas das tuas palavras de hoje- Também naquela noite, na de terça-feira passada, uando regressei na tua companhia, depois de termos saído daqui, te ouvi certas expressões estranhas que me assombraram e até me irritaram. E na quarta-feira, à partida, fizeste também algumas alusões à nossa situação actual e disseste a respeito dela... Não, não foi nada de ofensivo, pelo contrário, mas qualquer coisa que eu desejaria não ter ouvido de ti qualquer coisa de demasiado leviano, desamorável e menos respeitoso para com ela... Seria difícil defini-lo; mas o tom não deixa dúvidas, o coração também ouve. Diz-me que estou enganado. Dissuade-me, encorajame e... e a ela também, porque também a ela fizeste sofrer.

Adivinhei-o ao primeiro olhar, assim que entrei...

Aliocha disse tudo isto com ardor e dignidade. Natacha ouvia-o com certa solenidade e muito comovida, de rosto afogueado, e murmurou por duas vezes enquanto falava: «Sim, é assim mesmo, assim mesmo!» O príncipe ficou mal-humorado.

— Meu amigo — respondeu-lhe —-, eu, é claro, não posso lembrar-me de tudo quanto tenho dito; mas é muito estranho que interpretes as minhas palavras dessa maneira. Estou disposto a convencer-te do teu erro por todos os meios ao meu alcance. Que eu me risse há pouco é muito compreensível. Só te digo que, com o meu riso, procurava

dissimular a minha amargura. Quando penso, agora, que não tardarás a casar-te, isso afigura-se-me perfeitamente impossível, insensato, e, perdoa-me, ridículo até. Tu censuras-me por me rir, mas afirmo-te que a culpa é toda tua. Também me acuso a mim mesmo; pode ser que eu próprio me tenha preocupado pouco contigo nestes últimos tempos e por isso, até esta noite, não esteja ainda ao facto daquilo para que poderás ter utilidade. Mas agora começo já a tremer quando penso no teu futuro com Natacha Nikolaievna; procedi levianamente; vejo agora que são muito diferentes um do outro. O amor acabará, mas a desigualdade fica. Não quero já falar do teu destino, mas se tens ao menos boas intenções pensa em que te perdes a ti e perdes ao mesmo tempo Natacha Nikolaievna, com toda a certeza. Estiveste aqui a falar do amor pela humanidade e da nobreza das convicções desses excelentes indivíduos que acabas de conhecer, durante uma hora, mas pergunta a Ivan Petrovitch o que lhe dizia eu há pouco, quando subíamos até este 4.º andar, por esta repugnante escada, e parámos depois à porta agradecendo a Deus por termos chegado sãos e salvos. Sabes de que foi que, involuntariamente, eu me lembrei? De que, apesar do amor que tens a Natacha Nikolaievna, possas suportar que ela viva em semelhante tugúrio. Como não percebes que, se não tens meios, se não estás em condições de cumprir os teus deveres, também não tens o direito de te casar nem de arcar com nenhuma responsabilidade? O amor, sozinho, de nada vale; o amor demonstra-se por actos, mas tu pensas deste modo: «Ainda que tenhas de sofrer a meu lado, hás-de viver comigo.» Mas repara que isso não é humano, não é digno. Falar do amor em geral, interessar-se pelas questões que respeitam a toda a humanidade, e ao mesmo tempo cometer uma má acção contra o amor, sem dar sequer por tal... Isso é inconcebível! Não me interrompa, Natacha Nikolaievna, deixe-me terminar; eu não posso suportar isso e é necessário que desabafe. Dizias tu, Aliocha, que nos dias antecedentes andaste cheio de entusiasmo por tudo quanto é digno, belo e honesto, e censuraste-me porque na nossa sociedade não existem tais sentimentos e apenas existe o árido bom senso. Mas vê: entusiasmares-te tanto com o que é nobre e sublime e,

depois do que aconteceu na terça-feira passada, abandonares durante quatro dias aquela que, segundo todas as aparências, devias apreciar mais do que tudo no mundo... Falaste também da tua discussão com Catarina Fiodorovna a respeito de que Natacha Nikolaievna gosta de ti a tal ponto que te perdoa todos os desvairos.

Mas que direito tinhas tu de contar com esse perdão e de jurar sobre ele? Mas nem uma vez ao menos te detiveste a pensar quantas dores, quantas ideias amargas, quantas dúvidas e suspeitas causaste nestes dias a Natacha Nikolaievna? Então, pelo facto de teres andado assim entusiasmado com essas ideias novas, tinhas o direito de desprezar o mais importante dos deveres? Desculpa-me, por faltar à minha palavra, mas o assunto que agora nos preocupa é mais importante que essa palavra; a senhora mesma há-de compreender... Sabes, Aliocha, que eu vim encontrar Natacha Nikolaievna tão magoada que se compreende todo o sofrimento que lhe causaste nestes quatro dias, que deviam ter sido afinal os melhores dias da tua vida? Tal conduta, de uma parte, e... palavras, palavras e palavras da outra... Não tenho razão? E podes tu, depois disso, vires acusar-me a mim, sendo tu culpado?

O príncipe acabou de falar. Deixara-se arrastar pela sua eloquência e não podia ocultar-nos a sua vitória.

Quando Aliocha ouviu falar do sofrimento de Natacha olhou para ela com um olhar desgostoso; mas Natacha tomara já uma resolução: — Basta, Aliocha, não te preocupes — disse — pelo facto de que outros te deitem culpas. Está quieto e ouve o que eu vou dizer ao teu pai. Chegou o momento!

— Explique-se, Natacha Nikolaievna — insistiu o príncipe. — Peço-lhe respeitosamente. Já há duas horas que estou a ouvir falar deste enigma. Isso torna-se insuportável e confesso-lhe que não esperava tal coisa desta entrevista.

— Pode ser que seja assim, porque o senhor pensava deslumbrar-nos com palavras para que não pudéssemos penetrar as suas intenções secretas. Mas para quê explicar-lhe alguma coisa? O senhor sabe tudo e compreende tudo. Aliocha tem razão. O principal desejo do senhor...

consiste em separar-nos. O senhor sabia já tudo de antemão, quase de cor, tudo quanto ia acontecer aqui depois de terça-feira e até contava com isso.

Eu já lhe disse que o senhor não nos tomava a sério, nem a mim nem a esse casamento que planeou. O senhor estava a brincar comigo, fazia o seu jogo e perseguia os seus fins. O seu jogo saiu certo. Aliocha tinha razão quando lhe censurou o facto de considerar tudo isto como um *vaudeville.* O senhor, pelo contrário, devia estar contente e não censurar Aliocha porque ele, que não sabe de nada, fizesse tudo quanto dele esperava, tudo e talvez ainda mais.

Eu estava atónito. Esperava que, nessa noite, acabasse por dar-se ali alguma catástrofe. Mas a franqueza decisiva de Natacha e o tom claramente depreciativo das suas palavras surpreenderam-me extraordinariamente. «Não há dúvida ela sabe de facto qualquer coisa», pensava eu, e, sem rodeios, decidiu-se a declará-lo. É possível até que esperasse o príncipe com impaciência para dizer-lhe tudo na cara. Q príncipe empalideceu levemente. O rosto de Aliocha exprimia um medo ingénuo e uma expectativa ansiosa.

— Lembre-se daquilo de que me culpava há um momento — exclamou o príncipe — e medite um pouco nas suas palavras. Não as compreendo.

— Ah! De maneira que não quer compreender em duas palavras — disse Natacha — que também ele, também Aliocha, o compreendia, como eu, apesar de não termos trocado impressões, nem sequer nos termos visto um ao outro? A ele também lhe parecia que o senhor fazia comigo um jogo indigno, ofensivo, mas ele gosta do senhor e tem fé em si como num deus. O senhor não achou necessário usar com ele de mais cautela, de mais astúcia; contava que ele não o percebesse. Mas ele tem um coração sensível, terno, impressionável, e as suas palavras, o seu *tom,* como disse, chegaram-lhe ao coração...

— Nada, não compreendo nada! — repetiu o príncipe dirigindo-se a mim com uma expressão do maior assombro, como se me tomasse por testemunha. Estava irritado e excitava-se. — A senhora é desconfiada e

está alarmada — continuou, dirigindo-se a Natacha. — Numa palavra, tem ciúmes de Catarina Fiodorovna e por isso não se importa de acusar toda a gente e a mim em primeiro lugar, e... e deixe-me que lhe diga tudo: poder-se-ia formar uma opinião estranha acerca do seu carácter... Eu não estou costumado a estas cenas; não ficaria aqui nem mais um instante se não fosse por causa do meu filho... Mas não perdi ainda a esperança de ouvir as suas explicações.

— De maneira que o senhor teima em não querer compreender as coisas em duas palavras, quando sabe já tudo de cor e salteado? Quer que lhe diga tudo por claro?

É isso mesmo que eu desejo.

— Bem, então, ouça — exclamou Natacha de olhos chamejantes de ira. — vou dizer-lhe tudo, tudo...

Capítulo terceiro

Levantou-se e começou a falar, sem reparar sequer que se pusera de pé. O príncipe escutava-a, escutava-a e levantou-se também do seu lugar. Essa cena teve um aspecto muito solene.

— Lembre-se das suas próprias palavras de terça-feira passada — começou Natacha. — O senhor disse: «Eu preciso de dinheiro, de caminhos desimpedidos, de uma posição elevada na sociedade...» Lembra-se?

— Lembro.

— Bem; pois, para isso, para conseguir todos esses triunfos, que via já escaparem-se-lhe das mãos, é que o senhor veio aqui na terça-feira e planeou este casamento, pensando que esta farsa o ajudaria a recuperar aquilo que lhe fugia.

— Natacha — exclamei eu —, vê aquilo que dizes!

— Farsa! Cálculo! — repetia o príncipe com expressão de dignidade ultrajada.

Aliocha estava acabrunhado e desgostoso e olhava sem perceber quase nada.

— Sim, sim, não me interrompa; eu jurei dizer-lhe tudo — continuou Natacha excitada. — Senão, julgue o senhor mesmo. Aliocha não tinha feito caso do que o senhor lhe dizia. Havia já ano e meio que o senhor se esforçava em vão porque ele me deixasse. Ele não se rendia. E de repente houve um momento em que isso se tornou para si urgente. Deixá-lo escapar a ele e à noiva, ao dinheiro, ao principal... ao dinheiro, nada mais, nada menos do que três milhões de dote, que lhe fugiam das mãos. Restava apenas um recurso: que Aliocha criasse amizade por aquela que lhe designava por noiva; o senhor disse para consigo: «Quando chegar a ganhar-lhe amizade, pode ser que deixe a outra...»

— Natacha, Natacha! — exclamou Aliocha desgostoso — Que dizes tu?

— Foi isso o que o senhor fez — continuou ela sem se deter perante o

grito de Aliocha — mas... e lá temos outra vez a mesma história. Tudo podia arranjar-se, desde que ele lhe fizesse uma visita. Havia só uma coisa em que tinha esperança: o senhor, como homem experiente e esperto, talvez tivesse já observado que Aliocha costumava cansar-se dos seus anteriores afectos. Também não podia ter deixado de reparar que ele começava a prestar-me menos atenção, a aborrecer-se a meu lado, que deixava passar cinco dias sem me ver. «Talvez acabe por cansar-se de todo e por abandoná-la», quando, de repente, a decisão de Aliocha, na terça-feira passada, o surpreendeu profundamente. Que fazer?

— Dê-me licença — exclamou o príncipe. — Nada disso; esse facto...

— Agora falo eu — atalhou Natacha com altivez —, o senhor perguntava a si próprio nessa noite: «Que hei-de fazer agora?», e decidiu: «Dar-lhe o meu consentimento para que se case com ela, não a sério, mas sim, por boca, só para o calar. A data do casamento pode ser adiada até onde for necessário — pensou o senhor —, e entretanto terá já surgido um novo amor.» O senhor já o conhecia. Era precisamente nesse novo amor nascente que o senhor se fundava.

— Romances, romances — exclamou o príncipe em voz baixa, como para si. — Solidão, desvario e leitura de romances!

— Sim, nesse novo amor fundava o senhor tudo — repetiu Natacha, sem lhe dar ouvidos e sem prestar atenção às suas palavras, cheia de ardor febril e cada vez mais exaltada.

— E quantas probabilidades para esse novo amor! Já tinha começado, quando Aliocha nem sequer conhecia todas as perfeições dessa rapariga! No mesmo instante em que naquela noite lhe declarou que a não podia amar, porque há muito amava outra... essa jovem, logo lhe mostrou tanta nobreza, tanta simpatia, a ele e à sua rival, logo o desculpou tão amigavelmente que ele, apesar de reconhecer a sua beleza, viu que nunca suspeitara, até àquele instante, em como ela era formosa. Dali veio ver-me — só para me falar dela. Que impressão ela lhe causara! Sim, no dia seguinte teve de reconhecer a necessidade imprescindível de ver de novo essa criatura tão bela, nem que fosse apenas por gratidão. E porque não ir vê-la? A outra, a antiga, essa já não sofre. O seu casamento é coisa

decidida: irá pertencer-lhe toda a vida, ao passo que a esta apenas poderá dedicar uns breves momentos. Que ingrata seria'Natacha se sentisse ciúmes desses momentos. Veja, como, insensivelmente, foi tirando a essa Natacha, em vez de um minuto, um, dois, três dias! E durante esse tempo a jovem vai-se-lhe revelando sob um aspecto novo, totalmente inesperado... é de condição tão nobre... é uma criança tão entusiasta e ingénua... e liga tão bem com o seu feitio... Juram amizade, fraternidade. E não querem separar-se toda a vida. Em cinco ou seis horas de conversa, toda a alma dele se abre a novas emoções e entrega-lhe o seu coração. «Chegou, enfim, o momento», pensa o senhor. Está a fazer comparações entre o antigo amor e o novo, com as suas recentes sensações: ali tudo é conhecido, habitual, demasiado sério; exigências, ciúmes, enfados, lágrimas... e procuram agradar, brincam com ele. Fazem-no, não como a um igual, mas como a uma criança... mas... principalmente, tudo é demasiado conhecido, tudo vem já de há muito tempo...

Afogavam-na as lágrimas e os soluços ardentes, mas Natacha fez-se forte por um momento.

— E depois? Depois apenas uma questão de tempo! O casamento com Natacha já se não realizará imediatamente; há muito tempo e tudo pode mudar. E aqui poderiam intervir também as suas palavras, as suas explicações, os seus raciocínios. Poderia também caluniar-se essa antipática Natacha, apresentá-la sob um aspecto pouco favorável e... em que irá parar tudo isto... não se sabe! Mas a vitória será sua! Aliocha não me culpes, meu amigo. Não digas que não compreendo o teu amor e que tenho pouco apreço por ele.

Olha sei que ainda me amas e que, neste momento, é muito possível que não percebas as minhas queixas. Sei que fiz mal e que tudo isto agora o demonstra. Mas que hei-de fazer se apesar de ver tudo isto, te amo cada vez mais!... Apaixonadamente... Até à loucura!

Cobriu o rosto com as mãos, caiu na cadeira e rompeu em soluços como uma criança. Aliocha deu um grito e lançou-se para ela. Nunca podia ver sem lágrimas as suas lágrimas.

Os seus soluços prestaram um grande serviço ao príncipe. Todo o

arrebatamento de Natacha no decorrer daquela larga explicação, toda a dureza dos seus ataques (ante os quais, mais não fosse senão por decoro, não tinha outro remédio senão mostrar-se ofendido), tudo isso podia agora atribuir-se a um absurdo ataque de ciúmes, a amor ressentido, a doença... Seria até decente mostrar simpatia...

— Tranquilize-se, acalme-se, Natacha Nikolaievna' — consolou-a o príncipe. — Tudo isso é efeito da fantasia, de desvario, da solidão... A que ponto a senhora se deixou levar pela sua desvairada conduta... Veja que se trata apenas de perturbação da sua parte. O principal facto que recorda, a cena de terça-feira, deveria mostrar-lhe o infinito afecto dele por si, e em vez disso põe-se a imaginar...

— Oh! Não me fale, não continue a atormentar-me — cortou Natacha chorando amargamente. — Há muito que o coração me adivinha tudo isto! Pensa, por acaso, que não noto que já se desvaneceu o seu antigo amor?

Aqui neste quarto, sozinha... Quando ele me deixava, esquecia-me. Eu já vivia antecipadamente tudo isto...

pressentia tudo. Mas que havia de fazer? Não te culpo a ti, Aliocha. Porque é que o senhor me enganava?

Pensava acaso que eu não havia de fazer tudo para me enganar a mim mesma?... Oh! Quantas vezes, quantas vezes! Não ouvia eu a voz dele em cada ruído? Não aprendera a ler no seu rosto, no seu olhar? Tudo acabou.

Tudo está enterrado... Ai! Como sou desgraçada.

Aliocha chorava diante dela, de joelhos.

— Sim, sim, sou eu o culpado de tudo. Tudo aconteceu por minha causa — repetia entre soluços.

— Não, não te culpes, Aliocha... São coisas dos outros, dos nossos inimigos... São eles... eles!

— Mas permita-me finalmente — começou o príncipe com certa impaciência — com que fundamento me atribui a senhora todos esses... crimes? Repare que tudo isso são suposições suas, sem a mínima prova...

— Provas! — esclamou Natacha levantando-se rapidamente. — Provas para si, grande traidor! O senhor não podia proceder de outro

modo ao vir aqui! O senhor precisava de tranquilizar o seu filho e adormecer os seus remorsos para que ele se pudesse entregar por completo a Kátia, com maior liberdade e mais tranquilamente!

De outro modo, ele havia de lembrar-se de mim, não lhe obedeceria, e o senhor estava farto de esperar. Ou não será assim?

— Confesso — respondeu o príncipe com um sorriso sarcástico — que, se quisesse enganá-la, decerto havia de calcular as coisas desse modo. A senhora é muito inteligente, mas veja, é preciso demonstrar tudo isso e só então poderá ofender as pessoas com semelhantes recriminações...

— Demonstrar! Mas... e toda a sua conduta anterior, quando o afastou de mim? Quem ensina seu filho a desprezar deveres como estes e a brincar com eles, por vantagens materiais... O que faz é prevertê-lo! Que dizia o senhor, há pouco, desta escada e deste quarto? Não lhe retirou a pensão que antes lhe dava, com o fim de nos obrigar assim a separarmo-nos pela miséria e pela fome? O senhor é que tem a culpa deste quarto e desta escada, e vem agora com censuras, grande pérfido! E de onde tirou, naquela noite, tanto ardor, convicção tão insólita e tão pouco naturais em si? E porque necessitava de mim? Eu andava de trás para diante no meu quarto, durante esses quatro dias; pensava em tudo, ponderava tudo, cada palavra sua, cada expressão do seu rosto, e convencia-me de que tudo fora algo de fictício, uma farsa, uma comédia ofensiva, ruim e indigna. Já vê o senhor que o conheço, que o conheço há muito. Cada vez que Aliocha para aqui vinha, depois de ter ido a sua casa, eu adivinhava no seu semblante tudo o que o senhor lhe tinha dito e sugerido. Compreendia toda a sua influência sobre ele. Não o senhor não chegou a enganar-me. Talvez pensasse outra coisa... Talvez eu não tenha dito o mais importante, Mas é o mesmo. O senhor queria enganar-me e isso é o principal... e isso era preciso dizer-lho cara a cara!

— Mas como! São essas as suas provas? Veja se compreende, minha senhora: com esse passo (como chama à minha proposta de terça-feira) eu comprometia-me bastante. Teria sido muita leviandade da minha parte.

— Em que se comprometia o senhor? Que significava a seus olhos o facto de me enganar? Que importância teria para o senhor ofender uma rapariga qualquer, uma criança que, além do mais, é uma pobre desgraçada, desprezada pelo pai, indefesa, uma imoral que se manchou voluntariamente? Valerá a pena mostrar consideração por ela, se essa farsa trouxer algum proveito, por pequeno que seja?

— Mas em que situação se coloca a si própria, Natacha Nikolaievna. Pense! A senhora insiste em que houve da minha parte uma grave ofensa para si. Mas, se se trata de uma ofensa tão grande, tão humilhante, não percebo como é possível expô-la, e menos ainda como se pode insistir nela. É necessário estar acostumada a tudo para admitir essa ofensa tão à-vontade, desculpe-me que o diga. Eu censuro-a, na verdade, mas porque vira o meu filho contra mim. Se ele ainda não se revoltou contra mim por sua culpa, o seu coração está contra...

— Não, pai, não! — exclamou Aliocha. — Ainda que me revolte contra ti, julgo que não podes ofender e não posso crer que fosse possível ofenderes a tal ponto.

— Ouviu? — exclamou o príncipe.

— Natacha, tenho a culpa de tudo, não o culpes a ele. Isso é um grande pecado.

— Ouviste, Vânia? Ele já está contra mim! — exclamou Natacha.

— Basta! — disse o príncipe. — É necessário acabar com esta cena vergonhosa. Este absurdo e furioso ataque de ciúmes, fora de todos os limites, mostra-me o seu carácter sob um aspecto completamente novo para mim. Eu estava enganado. Precipitei-me, sim, precipitei-me. A senhora nem sequer vê que me ofendeu; isso, a si, não lhe importa. Precipitei-me, procedi levianamente. Claro que a minha palavra deve ser sagrada, mas... sou pai e desejo a felicidade do meu filho...

— O senhor desobriga-se da sua palavra! — exclamou Natacha fora de si. — O senhor alegra-se com esta bela oportunidade! Pois saiba que eu própria, há uns dois dias, decidi desobrigá-lo a ele dessa palavra. Mas agora declaro-lhe diante de todos: sou eu que me recuso!

— Quer dizer que a senhora procura talvez despertar nele todas as

antigas inquietações, o sentimento do dever, «a noção das suas obrigações», como há pouco dizia, para assim se assegurar do seu apego, como antes. Isso está mais de acordo com a sua teoria (e eu digo o mesmo), mas basta; o tempo decidirá. Aguardarei momentos de mais calma para ter uma explicação consigo. Espero que não vamos cortar definitivamente as nossas relações. Espero também que a senhora aprenda a conhecer-me melhor. Eu também queria comunicar-lhe hoje os meus projectos acerca dos seus pais, projectos pelos quais poderia ver... Mas basta! Ivan Petrovitch — acrescentou aproximando-se de mim —, agora mais do que nunca ser-me-á grato conhecermo-nos com mais familiaridade, sem falar já de que isto era um antigo desejo meu. Espero que me entenderá. Dentro de dias passarei por sua casa, permite-mo?

Fiz-lhe um cumprimento, Parecia-me que já não podia evitar. Ele apertou-me a mão, fez, em silêncio, uma reverência a Natacha, e saiu com ar de dignidade ofendida.

Capítulo quarto

Durante alguns minutos nenhum de nós pronunciou uma palavra. Natacha permanecia triste, pensativa e deprimida. Toda a sua energia a abandonara. Olhava abstracta sem nada ver, como que ausente, e tinha entre as suas as mãos de Aliocha. Este, imóvel, chorava a sua dor, olhando às vezes para ela com curiosidade discreta.

Finalmente, começou a consolá-la, com uma certa timidez, pediu-lhe que não se aborrecesse e culpou-se de tudo. Era evidente que queria desculpar o pai e que estava nisto a sua maior preocupação. Por mais de uma vez começou a falar dele; mas não se atreveu a falar com clareza, temendo causar novo aborrecimento a Natacha. Jurou-lhe amor eterno, inalterável, e desculpou-se com veemência pelas suas relações com Kátia.

Repetia constantemente que só queria a Kátia como a uma irmã, como a uma boa e terna irmã a quem não é possível abandonar — o que seria uma grosseria e uma crueldade da sua parte. E continuava a assegurar que, quando Natacha a conhecesse, imediatamente ambas se fariam amigas e que depois nunca se haviam de separar, e então acabariam todas as desavenças. Esse pensamento era-lhe especialmente grato. O pobrezinho não mentia. Não compreendia o alarme de Natacha e, de modo geral, também não compreendia o que ela há pouco dissera a seu pai. Só compreendia que ambos tinham discutido, e isto pesava como uma pedra sobre o seu coração.

— Censuras a minha conduta para com o teu pai? — perguntou-lhe Natacha.

— Mas... posso eu censurar alguém — respondeu ele com amargura — quando sou eu quem tem a culpa de tudo? Fui eu quem te levou a esse extremo de cólera, e na tua cólera chegaste a culpá-lo, porque querias justificar-me. Tu procuras sempre desculpar-me e eu não o mereço. Era preciso encontrar um culpado, e tu pensaste que era ele. Mas ele, verdade, verdade, não tem culpa nenhuma — exclamou Aliocha anelante. — E foi para isto que ele veio! Por certo que não esperava!...

Mas, ao ver que Natacha o olhava com tristeza e inflexibilidade, perdeu as forças.

Bem! Não direi mais nada! Perdoa-me! — exclamou.

Sou eu o culpado de tudo.

— Sim, Aliocha — continuou ela com esforço. — Agora ele interpôs-se entre nós e estragou a nossa paz para toda a vida. Tu sempre tiveste mais confiança em mim que em ninguém, mas agora ele insinuou no teu coração uma suspeita contra mim: a incredulidade. Tu acusas-me. Ele tirou-me metade do teu coração. Há uma sombra entre nós.

— Não fales assim, Natacha! Porque dizes tu que «há uma sombra entre nós?» — aquela expressão impressionou-o mal.

— Com falsa bondade, com generosidade fingida, conseguiu atrair-te — prosseguiu Natacha —, e de hoje em diante cada vez mais te indisporá contra mim.

— Juro-te que não há-de ser assim! — exclamou Aliocha, embora sem grande ardor. — Ele estava irritado ao dizer que «nós nos tínhamos precipitado»... Verás, amanhã ou depois, como ele se justifica. E se estivesse tão aborrecido que se opusesse ao nosso casamento, então juro-te que lhe desobedeceria... Não me falta resolução para isso. E olha, sabes quem nos vai ajudar? — exclamou, entusiasmado com a ideia. — Pois vai ser Kátia!

Vais ver como ela é boa! Vais ver se ela pretende ser tua rival e separar-nos... Que injusta foste há pouco ao dizer que eu sou dos que podem esquecer o seu amor no dia seguinte ao casamento! Quanto me custou ouvir-to! Não, eu não sou desses, e se vou com frequência ver Kátia...

— Basta, Aliocha, vai vê-la quando quiseres. Eu não me referia a isso: não posso exigir do teu coração mais do que ele pode dar-me...

Mavra entrou.

— Então? Trago o chá ou não? com todas estas zangas, o samovar já está a ferver há duas horas! E são onze.

Falava com mau modo. Via-se claramente que estav fora de si e aborrecida com Natacha. A verdade é que, desde terça-feira, estivera

sempre tão entusiasmada com a ideia de que a sua menina (a quem tinha grande afecto) ia casar-se, que se apressara já a divulgar a notícia por toda a casa e pela vizinhança, na loja e na porteira. Estava muito presumida e contava com solenidade que o príncipe — uma pessoa de grande importância, extraordinariamente rico — tinha ido em pessoa pedir a mão da sua menina, e que ela, Mavra ouvira tudo com os seus próprios ouvidos. E agora tudo estava perdido. O príncipe saíra dali que nem uma fúria e os outros já não queriam chá. Claro que a culpada era apenas a sua menina: Mavra ouvira como ela tratara o príncipe sem nenhum respeito.

— Bem... traz o chá — respondeu Natacha.

— E trago também os aperitivos?

— Pois sim, trá-los também. — E Natacha sorriu.

— Tinha preparado tudo — continuava Mavra. — Desde ontem que não descanso. Fui buscar vinho ao Nevski, mas... — e saiu, aborrecida, batendo com a porta.

Natacha corou e olhou-me de modo algo estranho. Depois serviu-me o chá e uma refeição ligeira: peixe, duas garrafitas de um vinho excelente de Elisseiev (*). «Para quem teria preparado tudo isto?» — pensei eu.

— Olha, Vânia, vê como eu sou — disse Natacha sentando-se à mesa e olhando-me algo confusa. — O coração adivinhava-me como tudo isto ia acabar e, no entanto, também pensava que talvez não acabasse deste modo. Aliocha vinha, fazíamos as pazes... verificava-se que todas as minhas suspeitas eram injustas, eu convencia-me disso e... pronto, mandei preparar uma merenda. «Que importa? — pensava. — Conversaremos durante muito tempo...»

(l) Conhecido estabelecimento de víveres. (N. do T.).

Pobre Natacha! Como corou ao dizer isto! Aliocha entusiasmou-se: — Pois já vês, Natacha! Tu própria não acreditavas nos teus pensamentos; há tempo que já não tinhas fé nas tuas suspeitas. Não, é preciso reparar tudo isto. Eu sou o culpado, sou o causador de tudo, e tenho de arranjar

as coisas. Natacha, deixa-me ir falar com o meu pai.

Preciso de vê-lo, está ofendido, pesaroso. É preciso. É preciso consolá-lo. Explicar-lhe-ei tudo, falar-lhe-ei unicamente em meu nome. não te misturarei em nada. Hei-de arranjar tudo... Não te aborreças comigo por ter tanta pressa de o ir ver, deixando-te a ti. Não se trata disso; é que ele faz-me pena. Depressa se há-de justificar para contigo, verás... Amanhã, logo pela manhã, ter-me-ás aqui, passarei todo o dia contigo e não irei ver Kátia.

Natacha não o reteve, mas ela própria o aconselhou a ir. Receava horrivelmente que Aliocha viesse a passar consigo um dia inteiro «à força» e que se aborrecesse da sua companhia. Só lhe pediu que a não mencionasse e esforçou-se por sorrir, com a maior alegria possível, ao despedir-se dele. Já estava prestes a sair quando, de repente, se aproximou dela, segurou-lhe as mãos e sentou-se a seu lado. Comtemplou-a com ternura inexprimível.

— Natacha, minha amiga, meu anjo, não te aborreças comigo, não briguemos. Dá-me a tua palavra de que sempre hás-de acreditar em mim, como eu acredito em ti. Ouve, meu anjo, o que vou contar-te. Brigámos uma vez, já não me lembro porquê. A culpa foi minha. Estivemos algum tempo sem nos ver. Eu não queria pedir perdão em primeiro lugar, mas isso causava-me uma tristeza horrível. Andava de trás para diante, pela cidade, espreitava por todos os cantos, ia ver os meus amigos, e tinha o coração tão triste, tão triste... E então pensei: «E se ela, por acaso, adoecer e morrer?» E ao pensá-lo senti uma tristeza tão grande, como se na verdade te tivesse perdido para sempre. Os meus pensamentos eram cada vez mais tristes, mais estranhos. E foi então que, pouco a pouco, comecei a imaginar que ia à tua sepultura e caía sem sentidos sobre ela, a ela me abraçava e morria de dor. Pensei também que me punha a beijar a tua sepultura e que te pedia que saísses dela, ao menos por um momento... e pedia a Deus um milagre: que, ainda que fosse só por breves momentos te ressuscitasse.

Pensava como te havia de abraçar, como te beijaria... E morreria ali mesmo, completamente feliz, por ter podido abraçar-te como dantes,

embora apenas durante um breve instante. Imaginando tudo isto, disse para comigo, de repente: «vou pedir a Deus que ma entregue por um instante e vou dizer-lhe: há seis meses que vivemos juntos e, durante eles, quantos dias não estivemos sem nos falar, zangados dias inteiros, desperdiçando a nossa felicidade? Mas agora, por um minuto, vou levantar-te da tua sepultura e estou disposto a pagar este minuto com a minha vida...» Ao pensar tudo isto, não pude conter-me, corri para ti, corri para aqui, e tu já estavas à minha espera. Quando nos abraçámos, depois daquela zanga, lembro-me de que te apertei muito contra o meu peito, como se te quisesse sufocar. Natacha, não voltemos a zangar-nos — nunca mais! Quanto me custa tudo isto! E é possível, Senhor, pensar que eu sou capaz de te abandonar? Natacha chorava. Abraçaram-se com força um ao outro e Aliocha mais uma vez lhe jurou que nunca a abandonaria.

Depois saiu a correr, à procura do pai. Estava plenamente convencido de que tudo se arranjaria, de que tudo havia de acabar bem.

— Tudo acabou! Tudo se desfez! — disse Natacha, apertando-me convulsivamente a mão. — Ainda me ama e nunca deixará de me querer, mas também ama Kátia e, dentro em pouco, há-de amá-la mais do que a mim.

Mas o malvado do pai não se deixará dormir, e então...

— Natacha! Eu também penso que o príncipe não se conduz honestamente, mas...

— Tu não acreditas em tudo o que eu lhe disse! Vi-o na tua cara. Mas, por Deus, tu mesmo estás a ver: tinha ou não tinha razão? E, todavia, olha que eu falava em termos gerais. Deus sabe o que ele estará a congeminar, é um homem terrível. Passei aqui estes quatro dias, aqui neste quarto, e adivinhei tudo. Ele precisava de aliviar, distrair o coração de Aliocha da sua dor, que o impedia de viver, pela responsabilidade do amor que me tinha. E pensou nesse casamento, ao mesmo tempo com intenção de se interpor entre nós com a sua influência e de deslumbrar Aliocha com a sua nobreza e generosidade. É esta a verdade, a verdade, Vânia. Aliocha tem precisamente esse carácter. Inquietava-se pela minha

sorte: o seu sobressalto era por mim.

Ele havia de dizer: «Agora ela já é minha mulher, minha *maeternum*», e involuntariamente iria prestando mais atenção a Kátia. O príncipe» sem dúvida, estudaria essa Kátia e adivinharia que era quem convinha a Aliocha, quem poderia distraí-lo melhor do que eu. Oh! Vânia, em ti se resumem agora todas as minhas esperanças. Ele, não sei porquê, quer relacionar-se contigo, fazer amizade. Não o afastes, por amor de Deus, procura ir quanto antes por casa da condessa. Trava relações com essa Kátia, olha-a bem e diz-me como é.

Preciso que a observes bem. Ninguém me entende como tu, e tu vês como isso me é necessário. Observa também até que ponto se fizeram amigos, o que há entre eles, de que falam. Kátia, Kátia, sobretudo, olha-a bem. Demonstra-me também agora, querido, meu querido Vânia, demonstra-me também agora a tua amizade.

Em ti, só em ti, se resume agora a minha esperança...

Quando voltei a casa era uma da noite. Nelly veio abrir-me a porta com uma carita ensonada. Sorria e olhava-me, carinhosa. A pobrezinha estava muito triste, porque se deixara adormecer. Empenhava-se sempre em esperar-me. Disse que tinha ido procurar-me um indivíduo e que, depois de esperar um pouco, acabara por me deixar um bilhete em cima da mesa. O bilhete era de Masloboiev. Convidava-me a ir a sua casa, no dia seguinte, à uma hora. Eu quis interrogar Nelly, mas deixei isso para o outro dia, insistindo para que se fosse deitar; a pobrezinha já estava cansada de me esperar e apenas se deixara adormecer uma meia hora antes da minha chegada.

Capítulo quinto

No outro dia Nelly contou-me coisas muito estranhas acerca do visitante da véspera. Além do mais, já era estranho que tivesse ocorrido a Masloboiev ir ver-me naquela noite. Ele, certamente, sabia que eu não estava em casa; eu mesmo o avisara da nossa última entrevista, lembrava-me muito bem. Nelly disseme que, de início, não quisera abrir-lhe a porta, por ter medo: eram já 8 da noite. Mas ele insistiu, através da porta fechada, afirmando-lhe que, se me não deixasse um aviso, poderia suceder-me algo desagradável no dia seguinte.

Assim que ela o mandou entrar, garatujou umas linhas, aproximou-se dela e sentou-se a seu lado no divã. «Eu pus-me de pé e não quis dar-lhe conversa — contou-me Nelly —, tinha muito medo; ele pôs-se a falar-me da Bubnova, de como está aborrecida, de que já se não atreveria a vir-me buscar. E depois pôs-se a falar-me de si, disse que era muito seu amigo e que o conhecia desde rapaz. Eu então comecei a falar-lhe. Ele pegou num embrulhito como bombons e pediu-me que os aceitasse. Eu não queria, mas ele procurou convencer-me de que-era uma pessoa de bem, que sabia muitas cantigas e dançar; saltou do lugar e pôs-se a fazer piruetas.

Estava cheia de vontade de rir... Então ele disse que esperaria mais um bocado: «Esperarei por Vânia, pode ser que volte.» Insistiu muito para que eu não tivesse medo e me sentasse a seu lado. Sentei-me, mas não queria falar com ele. Então disseme que tinha conhecido a minha mãezinha e o avozinho. Comecei logo a falar, e ele esteve sentado muito tempo.»

— E de que falaste?

— Ora... Da minha mãezinha, da Bubnova, do avôzinho. Esteve aqui duas horas.

Parecia que Nelly não queria dizer-me de que tinham falado. Nada lhe perguntei, esperando saber tudo pelo próprio Masloboiev. Mas parecia-me que Masloboiev fora procurar-me intencionalmente, durante a minha ausência, para encontrar Nelly sozinha. «Porque teria feito

isso?», perguntei a mim mesmo.

Ela mostrou-me três dos bombons que ele lhe dera. Eram de açúcar pile, embrulhados em papelitos verdes e vermelhos. Não prestavam e deviam ter sido comprados numa mercearia. Nelly sorria ao mostrarmos.

— Mas... não os comeste? — perguntei-lhe.

— Não os quero — respondeu muito séria, franzindo o sobrolho. — Nem sequer os aceitei por minhas mãos, foi ele que os deixou no divã...

Nesse dia eu precisava de dar muitas voltas. Resolvi despedir-me de Nelly.

— Aborrece-te estar só? — perguntei-lhe ao sair.

— Sim e não. Só me aborrece por o senhor estar fora muito tempo.

E olhou-me com muita ternura ao dizer-me aquilo. Toda aquela manhã me olhou com uns olhos cheios de meiguice e parecia tão alegre, tão carinhosa e, ao mesmo tempo, tão envergonhadita e até inquieta, como se receasse contrariar-me, perder a minha estima. E... parecia também como que sufocada.

— E porque é que te não aborreces? Disseste «que sim e que não»... — perguntei eu, sorrindo sem querer, tão grata e querida me era já.

— Sei muito bem porquê — respondeu ela sorrindo e voltando-se corada de vergonha.

Falávamos junto da porta aberta. Nelly estava de pé, na minha frente, com os olhos baixos, uma das mãos apoiada no meu ombro e a outra ocupada em beliscar-me na manga do sobretudo.

— Como? É segredo? — perguntei.

— Não, nada disso. É que eu comecei a ler o seu livrinho, sem o senhor aqui estar — murmurou em voz baixa, e levantando para mim um olhar terno e compreensivo pôs-se muito vermelha.

— Ah, sim! E gostas?

Eu experimentava a confusão do autor a quem elogiam cara a cara. Deus sabe quanto daria para poder beijá-la naquele instante, mas não era possível fazê-lo. Nelly calou-se Depois perguntou-me: — Porque é, porque é que ele morre?

A sua expressão reflectia uma pena profunda. Lançou-me um olhar

rápido e depois baixou de novo os olhos.

— Ele quem?

— Ora... O rapazito tísico..., o do livro.

— Não podia fazer outra coisa, Nelly.

— Podia, sim! — respondeu ela quase em voz baixa, mas rapidamente, quase com mau humor. Franziu os lábios e pôs, ainda mais obstinadamente, os olhos no chão. Passou um minuto.

— Mas ela... bem, eles... a rapariguinha e o velho (*) — murmurou, enquanto continuava a puxar-me a manga ainda com mais força — chegam a viver juntos? E deixam de ser pobres?

— Não, Nelly. Ela vai para longe, casa com um proprietário; e ele fica só — respondi com pena, lamentando efectivamente não poder dizer nada mais consolador.

— Ah! Bem! Então é assim? Oh! Então... já não quero lê-lo.

E, com pesar, soltou a minha mão, afastando-se rapidamente de mim; dirigiu-se para a mesa e voltou a cara para a parede, com os olhos postos no chão. Estava muito corada e respirava nervosamente, como que devido a algum grande desgosto.

— Basta, Nelly. Porque ficaste aborrecida? — disse, aproximando-me dela. — Olha que nada disso é verdade, é uma coisa escrita, uma ficção. Bem! Vais aborrecer-te por isso? Que criaturinha tão sensível tu és!

— Eu não estou aborrecida — respondeu timidamente, levantando para mim uns olhos cheios de luz e de carinho.

E de repente, apertou-me a mão, encostou o rosto ao meu peito e desatou a chorar.

(*) Alusão às personagens de Pobre Gente, Macáno Alexieievitch e Varinka (N. do T.)

Mas, no mesmo instante, pôs-se a rir... e ria e chorava ao mesmo tempo. A mim também me apeteceu rir e senti como que... alegria. Mas ela nem por sombras queria olhar para mim; quando eu tentei afastar a sua carita do meu ombro segurou-se a ele ainda com mais força, rindo-se

cada vez com mais gosto.

Finalmente, terminou aquela cena sentimental. Despedimo-nos; eu estava com pressa. Nelly, toda afogueada, como que cheia ainda de vergonha e com olhos muito brilhantes veio a correr atrás de mim até à escada, pedindo-me que voltasse depressa. Prometi-lhe regressar, infalivelmente, à hora de jantar, sendo possível ainda antes.

A primeira coisa que fiz foi ir ver os velhos. Estavam os dois mal. Ana Andreievna estava muito doente; Nikolai Serguieitch encontrava-se no seu gabinete. Ouviu-me chegar, mas eu sabia que, como de costume, só se apresentaria passado um quarto de hora, a fim de nos dar tempo a falar. Eu não queria incomodar Ana Andreievna e, assim, adocei quanto pude o meu relato sobre a noite anterior, embora dizendo toda a verdade.

com grande espanto meu, a velhinha, embora ficasse triste, pareceu receber sem surpresa a notícia de uma possível ruptura.

— Aí está, meu caro, bem me parecia — disseme ela. — Quando se foi embora outro dia... Pensei muito e concluí que isso não se realizaria. Não merecíamos, valha-nos Deus, um homem tão desavergonhado. Que coisas boas podiam esperar-se dele? Brinca, brincando deve-nos dez mil rublos. Ele sabe que os deve, mas não os paga. Tiranos o último pedaço de pão, põe à venda a Ikmenievka. Natacha mostrou-se digna e inteligente em não dar crédito à sua palavra. Mas o senhor não sabe — continuou em voz baixa — o que diz o meu... ? Pois que é absolutamente contrário a esse casamento. Pronunciou-se contra. «Não quero», diz ele.

Eu, primeiro, pensava que ele havia de transigir; mas não, é a sério. E que vai ser dela, da minha pombinha?

Porque, nesse caso, ele vai amaldiçoá-la. Mas, bem, e Aliocha? Que diz ele?

Fez-me muitas perguntas e, segundo o seu costume suspirava e dava mostras de grande aflição a cada resposta minha. Eu já tinha observado que ela, nos últimos tempos andava muito abatida. Qualquer notícia lhe fazia profunda impressão. A ofensa feita a Natacha feria de morte o seu coração e a sua saúde.

O velho entrou, de roupão e chinelos. Queixava-se de febre, mas olhou a esposa com ternura. Durante todo o tempo que lá estive, atendeu a mulher como uma enfermeira, olhando-a nos olhos e como que corando na sua presença. Quanta ternura havia no seu olhar! Estava alarmado pela doença dela. Pressentia que tudo lhe faltaria na vida quando ela lhe faltasse.

Estive com eles uma hora. Ao despedir-me, Nikolai Serguieitch veio comigo até ao vestíbulo e falou-me de Nelly. Tinha o firme propósito de levá-la para sua casa, em lugar da filha. Queria resolver comigo a maneira de convencer Ana Andreievna. Perguntou-me por Nelly com muita curiosidade... se eu não tinha nada de novo para lhe contar a seu respeito. Contei-lhe tudo rapidamente. As minhas palavras impressionaram-no.

— Voltaremos a falar disto! — disse com decisão. — Mas, entretanto... quanto ao mais, eu mesmo irei a tua casa, quando me sentir melhor. Resolveremos então.

Ao meio-dia em ponto já eu estava em casa de Masloboiev. com grande espanto meu, a primeira pessoa com quem encarei foi o príncipe. Estava no vestíbulo e vestia o casaco, ajudado solicitamente por Masloboiev, que lhe oferecia também a bengala. Ele já me havia falado da sua amizade com o príncipe, mas, apesar de tudo, aquele encontro deixou-me estupefacto.

O príncipe pareceu contrariado ao ver-me.

— Ah! E o senhor! — exclamou com cordialidade exagerada. — Olhem que encontro! O senhor Masloboiev estava precisamente a dizer-me que são amigos. Muito prazer, muito prazer, muitíssimo prazer em vê-lo. Estava justamente a pensar em visitá-lo; espero fazê-lo quanto antes. dá-me licença? Tenho de fazer-lhe um pedido: ajude-me, explique-nos a nossa actual situação. Decerto já percebeu que me refiro ao que se passou ontem à noite— O senhor é um amigo da casa, seguiu todo o desenrolar dos acontecimentos, tem influência... Sinto muito não poder falar-lhe agora... Mas, dentro de dias, o mais cedo possível, terei o gosto de o visitar. Agora...

Apertou-me fortemente a mão, trocou um olhar com Masloboiev e foi-se embora.

— Diz-me, por Deus!... — comecei, ao entrar no quarto.

— Não posso dizer-te absolutamente nada — cortou Masloboiev, apanhando à pressa a boina e dirigindo-se para o vestíbulo. — Coisas! Eu, meu caro, tenho que fazer, estou atrasado...

— Mas lembra-te de que me escreveste convocando-me para o meio-dia.

— Que importa que te escrevesse? Ontem escrevi-te, mas hoje escreveram-me a mim; tenho a cabeça à roda...

Mas que história! Estão à minha espera! Perdoa, Vânia! Tudo o que posso fazer é consentir que me batas por te ter incomodado inutilmente. Se queres, bate-me, mas por Cristo, depressa. Não digas nada, que estou com pressa...

— Mas porque havia eu de bater-te? Já que tens de fazer, apressa-te, porque há sempre que contar com o imprevisto. Apenas...

— Não. Sobre esse *apenas* já te direi — atalhou, saindo para o vestíbulo e pondo o sobretudo. Eu vesti também o meu. — Preciso de falar contigo, e por um motivo muito importante. Por isso te chamei. Diz-te respeito directamente, a ti e aos teus interesses. Mas assim, em tão pouco tempo, é-me impossível contar-te tudo. Mas, por amor de Deus, dá-me a tua palavra de que voltas aqui ainda hoje, esta noite, às oito em ponto, nem antes nem depois. Estarei em casa.

— Hoje... — disse eu indeciso — esta noite tenho de — Mas vai, meu caro, vai imediatamente onde querias ir e vem à noite ver-me a mim. Porque, Vânia, nem sequer podes imaginar tudo quanto tenho para te dizer.

— Bem, bem. Mas de que se trata? Confesso que me enches de curiosidade.

com tudo isto tínhamos saído de casa e estávamos já a meio do passeio.

— Então, virás? — perguntou-me receoso.

— Já te disse que sim.

— Não, dá-me a tua palavra de honra.

— Como tu estás! Bem! Palavra de honra.

— Óptimo. Muito obrigado. Por onde vais?

— Por ali — respondi, apontando para a direita.

— Eu vou por aqui — disse ele indicando a esquerda.

— Adeus, Vânia! Lembra-te: às oito.

«É estranho», pensei, seguindo-o com o olhar.

Naquela noite eu queria ir ver Natacha, mas, segundo o que combinara com Masloboiev, resolvi dirigir-me logo a sua casa. Estava convencido de que iria encontrar aí Aliocha e, na verdade, ele lá estava e ficou muito contente quando me viu.

Estava muito carinhoso, extraordinariamente terno com Natacha, e até se alegrou muito com a minha visita.

Natacha, embora se esforçasse por parecer alegre, via-se bem que a sua alegria era fictícia. Tinha cara de doente, estava pálida; dormira mal na noite anterior. Mostrava-se carinhosa para Aliocha, mas de maneira forçada.

Aliocha, apesar de falar muito e contar muitas coisas, desejoso, pelos vistos, de alegrá-la e arrancar um sorriso dos seus lábios, que ela involuntariamente mantinha apertados, notava-se que evitava falar de Kátia e do pai.

Provavelmente não obtivera êxito a sua tentativa de reconciliação.

— Sabes uma coisa? Está cheio de pressa de me deixar — murmurou Natacha apressadamente, enquanto Aliocha saiu para dizer qualquer coisa a Mavra — e tem medo de o dizer. Eu também não me atrevo a dizer-lhe que se vá, porque então, com certeza, vai insistir em ficar e o que eu mais receio é que se aborreça e se afaste totalmente de mim. Que fazer?

— Meu Deus, em que situação se colocam ambos a si próprios! Que desconfiados e como se espiam mutuamente! Que um se explique, e acabou-se. De contrário, pode ser que esta situação acabe efectivamente por aborrecê-lo.

— Mas como fazê-lo? — exclamou ela assustada.

— Deixa estar que eu arranjarei tudo...

E entrei na cozinha com o pretexto de pedir a Mavra que me limpasse uma das galochas que estavam sujas.

— Cuidado, Vânia! — gritou ela.

Assim que entrei na cozinha, Aliocha precipitou-se para mim como se já me esperasse.

— Ivan Petrovitch, meu caro amigo, que hei-de eu fazer? Aconselhe-me. Empenhei ontem a minha palavra em como estaria hoje, precisamente a esta hora, em casa de Kátia! Não posso faltar! Eu quero a Natacha como nem sei dizer, por ela lançar-me-ia ao fogo, mas concorde que é impossível deixar a outra abandonada.

— Bem, então ande, vá-se embora...

— E como deixar Natacha? Vai ficar ofendida... Ivan Petrovitch, veja se se lembra de qualquer coisa...

— Ao que me parece, o melhor é ir-se embora. Sabe como ela lhe quer: vai julgar que se aborrece junto dela e que vem aqui à força. O melhor é proceder com naturalidade. Além disso, vamos lá, eu vou ajudá-lo.

Querido Ivan Petrovitch! Como é bom! Entrámos. Passado um minuto disselhe: — Acabo de ver seu pai.

— Onde? — exclamou ele assustado.

— Na rua, por mero acaso. Esteve comigo um momento e mais uma vez manifestou o desejo de sermos amigos. Perguntou-me por si, se eu sabia onde estava, pois precisava muito de vê-lo, para dizer-lhe não sei o quê.

— Ai, Aliocha, anda, vai procurá-lo! — insistiu Natacha compreendendo o meu intuito.

— Mas... onde vou eu encontrá-lo agora? Estará em Casa?

— Não, lembro-me de ele ter dito que ia a casa da condessa...

— Bem, então... — exclamou ingenuamente Aliocha, olhando, triste, para Natacha.

— Ai, Aliocha, vamos a ver! — disse. — Queres deixar essa amizade para me tranquilizar? Não compreendes que isso é infantil? Em primeiro

lugar é impossível, e em segundo procederias como um ingrato para com Kátia. Vocês são amigos! Será possível, por acaso romper tão bruscamente as vossas relações? Finalmente, confesso que me ofendes julgando-me tão ciumenta. Anda, vai imediatamente, peço-te. Assim também o teu pai ficará tranquilo.

— Natacha, meu anjo, não valho nem o teu dedo mendinho! — exclamou Aliocha, entusiasmado e contrito.

— És tão boa, ao passo que eu... eu...! Bem, quero que o saibas: há pouco pedi a Ivan Petrovitch, na cozinha, que me ajudasse a ir-me embora. E foi ele quem se lembrou disto. Mas não me julgues mal, meu anjo, Natacha. Não sou inteiramente culpado, porque te quero mil vezes mais que a toda a gente e por isso me ocorreu uma ideia nova: abrir-me com Kátia e expor-lhe a minha situação actual e tudo o que ontem aqui se passou. Ela há-de lembrar-se de alguma coisa para nos salvar; ela tem-nos tanta afeição...

— Bem, vai! — respondeu Natacha sorrindo. — E quero que saibas, meu amigo, que eu também tenho muito gosto em conhecer Kátia. Como havemos de fazer para conseguir isso?

O entusiasmo de Aliocha não tinha limites. Depois começou a pensar no modo como haviam de travar conhecimento. Segundo ele, era muito simples: Kátia já pensara nisso. Desenvolveu a sua ideia com ardor, com veeemência. Prometeu que voltaria com a resposta no mesmo dia, daí a duas horas, e que passaria o serão com Natacha.

— De verdade que vens? — perguntou Natacha, empurrando-o. «

— Duvidas por acaso? Adeus Natacha, adeus minha querida. És a minha querida para sempre. Adeus, Vânia! Ai, meu Deus, chamei-o Vânia sem querer. Oiça, Ivan Petrovitch: eu estimo-o muito, porque não havemos de tratar-nos por tu?

— Combinado.

— Graças a Deus! Já me tinha lembrado disto mais de cem vezes. Só não me atrevia a dizê-lo. Mas veja como continuo a tratá-lo por «senhor». É muito difícil costumarmo-nos ao tratamento por «tu». Tolstoi nota-o muito bem, numa das suas obras. Dois amigos juram tratar-se por tu e

nenhum deles consegue costumar-se a isso, ambos evitam empregar frases em que entrem pronomes. Natacha, leste *Infâncta e Adokscência?* Se visses como está bem escrito!

— Mas vai, vai — e Natacha empurrava-o, a rir. — Põe-se a falar, a falar, de alegre que está...

— Adeus. Até logo, dentro de duas horas. Beijou-lhe a mão e saiu a correr.

— Viste, viste, Vânia? — exclamou ela, rompendo a chorar.

Fiz-lhe companhia durante duas horas, consolei-a e consegui convencê-la. Claro que tinha razões de sobra para o seu alarme. O coração enchia-se-me de pena ao pensar na sua situação. Receava por ela. Mas que fazer?

Aliocha também me causava estranheza; amava-a, não menos que antes, mais ainda talvez, com mais força e aflição, por arrependimento e gratidão. Mas, ao mesmo tempo, apoderara-se fortemente do seu coração um novo amor. Em que acabaria tudo aquilo... era impossível prevê-lo. Eu tinha também uma grande curiosidade de conhecer Kátia; mais uma vez prometi a Natacha fazer com que me apresentassem a ela.

Por fim, pareceu alegrar-se. Entre outras coisas, falei-lhe de Nelly, de Masloboiev e da Bubnova. Contei-lhe o meu encontro com o príncipe em casa de Masloboiev e participei-lhe a minha combinação para as oito. Tudo a interessou muitíssimo. Falei pouco dos velhos, mas calei-me provisoriamente a respeito da visita de Ikmeniev; o projectado duelo de Nikolai Serguieitch com o príncipe poderia alarmá-la. Também lhe referi as estranhas relações do príncipe com Masloboiev e o seu vivo desejo de estabelecer relações comigo, o que se explicava bem pela actual situação.. Às três horas voltei para casa.

Nelly veio receber-me com a sua luminosa carita...

Capítulo sexto

Às oito em ponto da noite estava eu em casa de Masloboiev. Veio receber-me efusivamente e de braços abertos. Não é preciso dizer que se encontrava completamente embriagado. Mas o que mais me impressionou foram os extraordinários preparativos que fizera para me receber. Saltava à vista que estava à minha espera.

Um bejo samovar de ouro e cobre fervia sobre a mesa — redonda, coberta com uma linda toalha, que devia ter sido muito cara. O serviço de chá era de cristal, prata e porcelana. Noutra mesa, coberta por uma toalha de outro género, mas não menos valiosa, havia em diversos pratos, doces, frutas de Kiev, frescas ou secas, marmeladas, pastilhas doces, geleias, pastéis franceses, laranjas, maçãs e três ou quatro variedades de nozes.

Numa palavra, uma frutaria completa. Numa terceira mesita, coberta com uma toalha branca como neve, grande variedade de aperitivos, caviar, queijo, empadinhas, presunto, peixes e uma fila de magníficas garrafas de cristal com licores de várias marcas e de cores muito atraentes: verdes, vermelhas, canela e ouro.

Finalmente, numa mesinha pequena, posta de lado, mas ainda assim coberta com um pano branco, duas garrafas de champanhe. Na mesa defronte do divã, três garrafas: Sauternes, Laffitte e conhaque — garrafas paradisíacas e caríssimas. Junto da mesinha de chá estava sentada Alexandra Semionovna, em traje simples e modesto, embora visivelmente rebuscado, e que lhe ficava muito bem. Sabia que lhe ficava bem e estava muito orgulhosa por isso. Ao receber-me, levantou-se com certa solenidade. A satisfação e o contentamento espalhavam-se no seu rosto fresco. Masloboiev calçava umas lindíssimas balbuchas chinesas, vestia um roupão de preço e deixava ver uma roupa interior elegante e aparatosa. Na sua camisa, onde quer que se pudessem prender, mostrava botões e broches à moda. O cabelo assente, untado com cosmético, e com risco ao lado, segundo a moda.

Eu estava tão admirado que me detive no meio do quarto e me pus a olhar de boca aberta, ora para Masloboiev, ora para Alexandra Semionovna, cuja satisfação raiava pela beatitude.

— Mas, que é isto, Masloboiev? Tens festa esta noite?

— exclamei, finalmente, inquieto.

— Não, só te esperava a ti — respondeu solenemente.

— Mas, e isso? — e apontei os aperitivos. — Há aí o suficiente para abastecer um exército completo!

— E para lhe dar de beber... esquecias o principal; para lhe dar de beber — acrescentou Masloboiev.

— Tudo isso só por mim!

— E por Alexandra Semionovna. Preparou tudo com tanto gosto...

— Bem, já me queria parecer! — exclamou, corando, Alexandra Semionovna, mas sem perder o seu ar de satisfação. — Não se pode receber dignamente um hóspede?... Sou sempre eu a culpada de tudo!

— Desde esta mesma manhã, já podes ver, desde esta manhã, assim que soube que virias à noite, não parou um momento. Andou tão atarefada!

— Sim, sim! Mas não só desde esta manhã; já desde ontem à noite! Quando entraste ontem à tarde disseste-me logo que ele viria passar o serão aqui...

— Ouviste mal.

— Não ouvi mal, foi o que tu disseste. Eu nunca minto. E porque não havemos de receber bem as visitas?

Passam-se dias e dias sem que ninguém nos venha ver e, no entanto, temos de tudo o que é preciso. Que ao menos as pessoas vejam que nós também sabemos viver.

— E que vejam o principal: como é diligente e hábil a dona da casa — acrescentou Masloboíev. — Já vês, meu caro amigo, porque é que eu terei caído aqui. Bordam-me camisas de holanda, colocam-me os botões de punho, calçam-me as babuchas, vestem-me um roupão chinês; penteiam-me e põem-me brilhantina com essência de bergamota. Ela até queria pôr-me perfume de *creme brullée;* só sei que perdi a paciência, levantei-me

e fiz valer a minha autoridade de marido...

— Não é bergamota, é a melhor brilhantina francesa, que vendem no seu frasco de porcelana! — insistiu, toda aborrecida, Alexandra Semionovna. — Veja o senhor mesmo, Ivan Petrovitch: nunca me leva ao teatro nem a um baile; só sabe oferecer-me vestidos e mais vestidos. Que hei-de eu fazer? Vestir-me e pôr-me a dar voltas por aqui, sozinha... Há dias estava combinado que iríamos ao teatro; já me tinha vestido e só me faltava pôr um broche. Fui buscá-lo, e quando voltei já ele se metera com as garrafas. Em resumo: ficámos em casa.

Ninguém, absolutamente ninguém, nos vem ver. Só de manhã, para negócios, é que vem alguém, e então eu desapareço... E no entanto não nos falta o samovar, nem o serviço de chá com lindas chávenas... Temos tudo isso, *e* tudo oferecido. E oferecem-nos também comestíveis: quase só precisamos de comprar a aguardente e a brilhantina. Aí tem: aperitivos, empadinhas, presunto e até doces comprámos para o senhor, para que veja como vivemos. Há um ano que ando a pensar: «Se vier algum convidado, poderíamos mostrar-lhe tudo isto e obsequiá-lo; ele havia de nos elogiar, o que nos daria muito prazer.» E pus a brilhantina a este, embora ele o não mereça, pois, por sua vontade, andaria sujo. Veja o roupão que traz. Também foi oferecido. Por acaso merece ele um roupão como este? Do que ele gosta é de se pôr a beber. Já vai ver como, antes de lhe oferecer chá, lhe oferece *vodka.*

— E então? É assim, é, vamos beber um bocadito, Vânia, da garrafa de licor de ouro e também licor de prata.

Depois, com a alma iluminada, passaremos a outras bebidas.

— Então, eu não dizia?

— Não te assustes, Sachenka; também tomaremos chá, com um bocadinho de conhaque, à tua saúde.

— Bem, aí temos! — exclamou Alexandra, levantando os braços. — Um chá de seis rublos que nos ofereceu o comerciante há três dias, e ele prefere beber conhaque. Não faça caso, Ivan Petrovitch, eu vou servir-lhe o chá! Já vai ver, já vai ver que chá...

E pôs-se a andar de um lado para o outro, afanosamente, à volta do

samovar.

Era evidente que tinham pensado entreter-me ali toda a noite. Alexandra Semionovna estivera durante um ano à espera de um hóspede e agora dispunha-se a desafogar a sua alma comigo. Mas aquilo não estava nos meus cálculos.

— Desculpa, Masloboiev — disse eu, sentando-me —, eu não vim ver-te como convidado, tenho que fazer.

Tu chamaste-me para me comunicares não sei o quê...

— Bem, é verdade. Negócios são negócios, mas também há lugar para uma conversa de amigos...

— Não, meu caro, não tenhas ilusões. Às nove e meia vou-me embora. Tenho que fazer, prometi...

— Não penses nisso. Faz favor de ver como vais proceder comigo. Que vais fazer a Alexandra Semionovna?

Olha para ela. Até faz pena! Para que me poria ela a brilhantina? Vê lá tu, cheiro a bergamota!

— Levas tudo a brincar, Masloboiev. Juro a Alexandra Semionovna que, para a semana que vem, sexta-feira, por exemplo, virei jantar convosco. Mas hoje, caro irmão, dei a a minha palavra, ou, melhor, preciso simplesmente de ir a determinado lugar. É melhor que me expliques já o que querias dizer-me.

— Mas o senhor só fica connosco até às nove e meia? — exclamou Alexandra Semionovna com voz tímida e lastimosa, quase a chorar, enquanto me servia uma chávena do seu excelente chá.

— Não te aflijas, Sachenka, isto é apenas vontade de falar — insistiu Masloboiev. — Ele vai ficar connosco; outra coisa seria um absurdo. Mas diz-me, Vânia, que sítio é esse onde vais constantemente? Que assunto te ocupa? Não se pode saber? Passas os dias de cá para lá, não trabalhas.

— E isso que te importa? Entretanto, pode ser que to diga mais tarde... Mas diz-me tu antes: porque foste ontem à noite a minha casa, quando eu te tinha dito — lembras-te que não estaria lá?

— Lembrei-me depois, mas ontem tinha-me esquecido Queria efectivamente falar contigo sobre um assunto, mas o que mais me

interessava era distrair um pouco Alexandra Semionovna. «Olha — disseme ela —, esse homem parece-me simpático. Porque não o convidas?» E por tua culpa não me deixou descansar durante quatro dias. Por causa da bergamota, meu irmão, terás de me perdoar, indubitavelmente, muitos pecados...

Então pensei: «Porque não passar um serão agradável em companhia de um amigo?» E veio-me à ideia um estratagema: escrevi-te a dizer que se passava qualquer coisa de tão sério que se não viesses tudo iria por água abaixo.

Eu pedi-lhe que, para a outra vez, não voltasse a fazê-lo, mas que me falasse francamente. Apesar de tudo, aquela explicação não me satisfez totalmente.

— Bem! Mas vamos lá a saber: porque fugiste de mim? — perguntei.

— Ora, porque efectivamente tinha que fazer, não te mentia.

— com o príncipe, por acaso?

— Gosta do nosso chá? — perguntou-me Alexandra Semionovna com voz melíflua.

Esperava há cinco minutos que eu elogiasse o seu chá e eu sem reparar.

— E excelente, Alexandra Semionovna, magnífico! Nunca tomei outro igual.

Alexandra Semionovna corou de satisfação e serviu-me outra chávena.

O príncipe! — exclamou Masloboiev. — Um bom Desavergonhado, meu irmão, é um bom desavergonhado, esse tal príncipe. Eu, meu irmão, vou dizer-te uma coisa: não me tenho em grande conta, mas apenas por vergonha não quereria encontrar-me na sua pele. Mas basta. É um tratante. Isso é tudo o que posso dizer dele.

— Pois eu vim ver-te com toda a intenção de te falar nele, entre outras coisas. Mas deixaremos isso para depois. Agora diz-me: porque é que ontem, na minha ausência, ofereceste bombons à minha Helena e até te puseste a dançar diante dela? E de que falaste tu durante hora e meia?

— Helena é uma criança de onze ou doze anos, que vive agora com

Ivan Petrovitch — explicou Masloboiev à mulher, voltando-se para ela. — Olha Vânia, olha — prosseguiu, apontando-a com os dedos —, toda ela estremeceu ao ouvir que levei bombons a uma desconhecida. Pôs-se vermelha e estremeceu como se tivesse ouvido o disparar de uma pistola... Vê como os seus olhos brilham que nem brasas. Mas, Alexandra Semionovna, não há nada, nada que ocultar! Anda, põe-te com ciúmes. Se não tenho explicado que era uma garota de onze anos, estava bem servido... Nem a bergamota me salvaria!

— A partir de agora, com certeza que não te salva.

Ao dizer aquelas palavras, Alexandra Semionovna, de um salto, dirigiu-se para nós, abandonando a sua mesinha de chá, e, antes que Masloboiev tivesse tempo de esconder a cabeça, agarrou-o pelos cabelos e deu-lhe uns poucos de bofetões.

— Toma, toma! Para não te atreveres a dizer diante do nosso hóspede que sou ciumenta. Para não te atreveres, para não te atreveres, para não te atreveres!

Pusera-se vermelha e, embora sorrisse, nem por isso batia com menos força no marido.

— Diz coisas que fazem vergonha! — acrescentou, a sério, dirigindo-se a mim.

— Já vês, Vânia, que vida é a minha! Não tenho remédio senão consolar-me com a aguardente — decidiu Masloboiev alisando os cabelos e dirigindo-se, pouco menos que „ correr, para a *garrafa*..

Mas Alexandra Semionovna adiantou-se-lhe, inclinou-se sobre a mesa, serviu-lhe o vinho ela própria, entregou-lho e até lhe deu, com carinho, uma pancadinha na face. Masloboiev, ufano, piscou-me o olho, estalou com a língua e bebeu solenemente.

— Quanto aos bombons é difícil explicar — começou ele, sentando-se junto de mim no divã. — Comprei-os há três dias, embriagado, numa mercearia... Não sei com que fim. Talvez com o único fim de fomentar o comércio e a indústria nacionais... não sei bem. Só me lembro de que caí, embriagado, no meio da rua; que caí na lama, puxei os cabelos e me pus a chorar, vendo que era um inútil. Naturalmente esquecime dos bombons

que ficaram no meu bolso até ontem à noite; sentei-me sobre eles quando descansei no teu divã. Quanto às danças, eu estava também embriagado; tinha uma bebedeira muito respeitável e, quando estou assim e me sinto feliz na vida, costumo pôr-me a dançar. E é tudo. Falta talvez apenas acrescentar que a orfazinha me inspirou dó e também que ela não queria falar comigo, como se estivesse aborrecida. Dancei também para a alegrar e para o mesmo lhe ofereci os doces.

— Mas não lhos terias oferecido com o fim de a sondar? Confessa francamente: foste procurar-me intencionalmente, sabendo que eu não estava em casa, para falares a sós com a pequenita e para lhe arrancares algum pormenor, não é? Lembra-te que sei que estiveste a falar com ela durante hora e meia, que lhe disseste que conheceras a sua falecida mãe e que lhe perguntaste não sei que mais.

Masloboiev piscou o olho e sorriu maliciosamente.

— Olha, não teria sido má ideia — disse. — Mas não, Vânia, não é assim. Claro que não fica mal perguntar, mas não se tratava disso. Escuta, velho amigo, embora esteja agora muito embriagado, como é costume, deves saber que nunca Filipe Filipitch te enganou com «má intenção». Assim mesmo: com «má intenção».

— Bem. E sem má intenção?

— Ora... tão-pouco sem má intenção. Mas que é isto? Bebamos e vamos ao assunto! Que é muito simples — continuou sem deixar de beber. — Essa Bubnova não tinha nenhum direito de reter essa criança. Estou a par de tudo. Não havia perfilhação nem nada no género. A mãe da garota devia-lhe dinheiro, e vai ela ficou com a pequena. A Bubnova, por muito esperta e desavergonhada que seja, é, como todas as mulheres, uma tonta. A falecida tinha um passaporte em regra, e assim tudo está claro. Helena pode viver contigo, embora fosse preferível que qualquer família generosa a adoptasse. Mas, por agora, pode continuar contigo. Isso não importa, arranjarei tudo. A Bubnova não se atreve nem a mover um dedo. Acerca da falecida não pude averiguar nada de concreto. Só sei que era viúva e tinha o apelido Salzmann.

— É assim, é. Nelly já mo disse.

— Bem, está o caso arrumado. Agora Vânia — começou com certa solenidade —, tenho de fazer-te um pedido insignificante. Vais conceder-me o que te peço. Vais contar-me, o mais pormenorizadamente possível, que assunto é esse que te preocupa, onde vais, onde passas os dias inteiros. Embora algo tenha ouvido e saiba sobre isso, preciso de mais dados.

Aquela solenidade surpreendeu-me e até me causou inquietação.

— Como? Para que precisas de sabê-lo? Perguntas-mo tão solenemente...

— vou dizer-to, Vânia, sem palavras supérfluas: quero prestar-te um serviço. Olha, meu amigo, se eu usasse de astúcia, poderia, sem solenidade nenhuma, arrancar-te da língua o que desejo saber. Mas tu pensas que estou a usar de astúcia; compreendi-o quando falaste dos bombons. Mas, ao falar-te agora com esta solenidade, não o faço no meu interesse, mas no teu. Assim, não duvides e conta-me, com toda a franqueza, a verdade inteira... sinceramente...

— Mas que serviço é esse? Ouve, Masloboiev. Porque não me contas alguma coisa sobre o príncipe? Se soubesses como eu preciso de saber certos pormenores...

Isso, sim seria um favor.

— Do príncipe? Hum... Bem, seja. Falar-te-ei com franqueza. Ia precisamente perguntar-te agora qual a sua conduta.

— Sim?

— Olha, meu irmão, eu já tinha notado que ele andava de permeio no teu assunto. Entre outras coisas, perguntou-me por ti. Como se inteirou de que tu e eu somos amigos... é coisa que te não diz respeito. O principal é isto: tem cuidado com esse príncipe. É um judas traidor e fíco-me por aqui. Quando vi que estava metido nos teus assuntos, comecei a recear por ti. Quanto ao mais, não sei nada; por isso te pedia que mo dissesses tu, para poder ajuizar... E por isso também te convidei para hoje. Olha que isto é um assunto importante. Não posso explicar-me com mais clareza.

— Mas, pelo menos, quererás dizer-me qualquer coisa, ainda que seja

só a razão pela qual devo ter cuidado com o príncipe?

— Pois bem, seja. Eu, meu irmão, costumo, por vezes, meter-me em assuntos alheios. Mas julga por ti mesmo: há quem tenha confiança em mim, porque não sou linguareiro. Como hei-de contar-te alguma coisa?

Não te aborreças, pois, se te falar apenas de modo geral, só para te mostrar o tratante que esse homem é. Mas fala tu primeiro.

Eu pensei que realmente não devia ocultar nada a Masloboiev. A história de Natacha não era nenhum segredo e, além disso, podia esperar de Masloboiev algo de útil para ela. Claro que, no meu relato, procurei, dentro do possível, passar por altos pontos. Masloboiev escutou com particular atenção tudo o que dizia respeito ao príncipe. Muitas vezes obrigava-me a parar para perguntar várias coisas que tornassem o meu relato mais pormenorizado. Falei durante meia hora.

— Hum! Essa rapariga é muito inteligente! — concluiu fvfasloboiev. — Supondo que ela não tivesse acertado em tudo o que respeita ao príncipe, pelo menos acertou numa coisa, desde o primeiro instante: foi em compreender com quem tinha de haver-se e cortar as relações com ele. Bravo Natacha Nikolaievna! Bebo à tua saúde! — e bebeu... — mas não basta a inteligência, também *é* preciso coração para uma pessoa não se deixar enganar. Coração foi o que lhe faltou. Naturalmente que o assunto já está arrumado; o príncipe realiza os seus desejos, e Aliocha deixa-a abandonada. O único que me faz pena é Ikmeniev... Ter de pagar dez mil rublos a esse desavergonhado. Quem se encarregou do seu caso? Quem deu cabo dele? Talvez ele próprio. Ah! São todos os mesmos, estes homens nobres e ardentes!

Não servem para nada! com o príncipe era necessário proceder de outro modo. Eu teria arranjado um advogadozito para Ikmeniev que... Ah! — e deu com aborrecimento um soco na mesa.

— Bem, e agora, que me dizes do príncipe?

— Para ti não existe senão o príncipe. Que hei-de dizer-te dele? Não me agrada, além disso, que mo tenhas lembrado. Eu, Vânia, só queria prevenir-te contra esse desavergonhado, a fim de te pôr a salvo da sua influência. Quem se relaciona com ele não se livra de inquietações. Por

isso, toma cautela. Aqui tens tudo.

Parece-me que já tinhas pensado que eu te ia contar sabe Deus que mistérios de Paris. Para alguma coisa hás-de ser romancista... Bem! Que hei-de eu dizer desse tratante? Que é um desavergonhado?... Pois bem: vou contar-te, por exemplo, uma das suas façanhas, naturalmente sem especificar lugar, cidade ou personagens.

Quero dizer, sem precisão. Deves saber que, na sua mocidade, quando se via obrigado a viver do seu ordenado de funcionário, teve de casar-se com a filha de um opulento negociante. Bem! Pois não se portou nada bem com a tal filha do comerciante, e, embora se não trate agora dela, far-te-ei notar de passagem, Vânia, que toda a vida gostou de empregar recursos destes. Mas continua a ouvir. Fez uma viagem ao estrangeiro. Aí...

— Pára, Masloboiev. A que viagem te referes? Em que ano foi?

— Faz agora precisamente noventa e nove anos e três meses... bom, aí também raptou uma filha à família, filha única, e levou-a para Paris. E sabes o que fez? O pai da pequena era dono de uma fábrica ou sócio de uma empresa não sei bem. Olha que isto tive eu de reconstituí-lo com argumentos e suposições inferidos de outros dados. Pois o príncipe enganou-o e entrou de sociedade com ele. Enganou-o completamente e tirou-lhe uns dinheiros. Quanto ao dinheiro roubado, o velho possuía documentos. O príncipe, porém, queria levá-lo, não pensava devolvê-lo, e também não queria mostrar que praticara simplesmente um roubo. O velho tinha uma filha, uma filha encantadora, e desta formosura estava enamorado um homem ideal, um irmão de Schiller, poeta e ao mesmo tempo comerciante, um jovem sonhador, numa palavra, um perfeito alemão, chamado Pfefferkuchen (*), ou qualquer coisa semelhante.

— Com que então chamava-se Pfefferkuchen?

— Pode ser que não, mas diabos me levem se isso nos interessa! O certo é que o príncipe começou a fazer a corte à pequena, e de tal modo a fez que ela se apaixonou por ele como uma louca. O príncipe, com isto, pretendia duas coisas: primeiro, possuir a rapariga, e depois os documentos que o velho tinha comprovadores de que a quantia fora

somente emprestada. Era a filha que guardava as chaves de todas as gavetas do velho. O velho amava-a com loucura, a ponto de não a querer dar em casamento a ninguém. Tinha ciúmes de todos os noivos, não se convencia de que se tinha de separar dela e expulsou de sua casa esse tal Pfefferkuchen, que era um inglês...

— Inglês? Mas onde se passava toda esta história?

— Disse inglês por comparação, e tu agarras-te logo a isso... Esta história passou-se em Santa Fé de Bogotá, ou talvez em Cracóvia, numa cidade ou noutra, tanto faz.

Olha, parece-me que, o mais certo, foi tudo ter acontecido no principado de Nassau, quer dizer, escreveu-se na areia, precisamente em Nassau. Estás satisfeito? Bem. O prícipe raptou a rapariga e, por indicação dele, esta levou consigo alguns documentos. Aquilo é que foi uma paixão, Vânia! Livra! Meu Deus! E acho que a pequena era decente, boa, distinta. Para dizer a verdade, talvez ela não soubesse muito de papeladas. A ela só a preocupava uma coisa: a maldição do pai. O príncipe afastou os seus temores comprometendo-se a casar com ela legal e formalmente. Assegurou-lhe, além disso, que só estariam ausentes uma temporada, o suficiente para dar tempo a que o velho se apaziguasse. Voltariam então, já casados, e viveriam para sempre juntos, os três, em amor e concórdia, assim até à eternidade. A pobrezinha fugiu, o velho amaldiçoou-a e teve de declarar-se falido. Frauenmilch (**) correu para Paris atrás dela, deixando tudo e abandonando até o negócio, pois estava perdidamente enamorado.

— Mas que Frauenmilch era esse?

— Bem, como se chamava ele? Feuerbach... (2) quer dizer, Pfefferkuchen! Bem! Claro que ao príncipe era impossível casar-se, pois, que diabo, que diria a condessa Klestova? Que pensaria o barão Pomoikine? Por conseguinte, era necessário usar de artimanhas. E não esteve com meias medidas... Em primeiro lugar, pouco faltou para lhe bater e, além disso, convidou intencionalmente para sua casa o próprio Pfefferkuchen, o qual acudiu à chamada, fez-se amigo dela e, vamos, derramaram juntos umas lagrimitas, passaram juntos alguns serões,

lamentando a sua desdita e consolando-se. Eram ambos uns ingénuos. O príncipe preparara tudo... Uma vez surpreendeu-os já tarde e saiu dizendo que ambos se entendiam e começou a levantar questões. Dizia que os vira com os seus próprios olhos. Expulsou-os imediatamente de casa e partiu para Londres. Mas, pouco tempo depois de a deixar, ela deu à luz uma menina, quer dizer um menino, é isso, um filhinho, ao qual pôs o nome de Volodia. Pfefferkuchen foi o padrinho. Enfim, ela acabou por ir viver com Pfefferkuchen, que tinha um dinheirito. Viajaram pela Suíça, pela Itália.'., por todas essas terras poéticas, ao acaso. Ela não fazia senão chorar e Pfefferkuchen choramingava também. Assim se passaram muitos anos e o menino cresceu. Ao príncipe tudo correra bem, excepto uma coisa: não pôde arrancar-lhe o documento pelo qual se comprometia a casar-se.

(*) Torta de pimenta, em alemão.
(**) Leite de mulher em alemão.
(2) Rio de fogo, em alemão.

«És um covarde — dissera ela ao despedir-se. — Raptaste-me, desonraste-me e agora abandonas-me. Adeus!

Mas não contes que te devolva a promessa de casamento. Não que ainda pense casar contigo, mas porque sei que receias este documento. Por isso o guardarei sempre em meu poder.» Numa palavra, exaltou-se; mas o príncipe permaneceu tranquilo. Em geral, esta classe de indivíduos sabe muito bem regular os seus assuntos com essas criaturas a que chamamos exaltadas. Estas são de condição tão nobre que se deixam enganar facilmente. Além disso, rematam sempre tudo com sublime desdém, em vez de tentar arrumar o assunto de maneira prática e justa, se for possível. Pois essa mãe procedeu assim: pôs fim ao episódio com altivo desprezo e, embora ficasse com os documentos, o príncipe bem sabia que mais depressa ela se deixaria enforcar que faria uso deles. Por isso, continuou tranquilo até agora. O certo é que, embora lhe tivesse

chamado, cara a cara, desavergonhado, ela ficou com Volodia nos braços. Se ela morresse, que seria dele?

Mas não se ficou a pensar nisso. Bruderschaft (*) animava-a, e também não pensava nisso... Ambos liam Schiller. Até que finalmente deu a Bruderschaft uma grande tristeza, não sei porquê, e... foi-se desta para melhor...

— Referes-te a Pfefferkuchen?

(*) Fraternidade: Outro nome humorístico para designar o carácter apaixonado da rapariga. (N. T.)

— Claro que sim, diabos o levem. Mas ela...

— Pára! Quantos anos andaram a viajar pelo estrangeiro?

— Duzentos bem contados. Bem! Como ia a dizer, ela voltou para Cracóvia. O pai não quis recebê-la. Amaldiçoou-a e ela foi-se e acabou por morrer, enquanto o príncipe estoirava de alegria. Eu também lá estava. Provei do mel, pelos bigodes passou, mas à boca não chegou. Deram-me um empurrãozito e saí pela porta fora... Bebamos, meu irmão!

— Bem me parecia que tu estavas dentro do assunto, Masloboiev.

— Achas que sim?

— Só não compreendo o que poderás fazer!

— Pois olha: quando ela voltou para Madrid, depois de dez anos de ausência, foi preciso averiguar o que acontecera a Bruderschaft e ao velho, se ela voltara efectivamente, que teria acontecido ao menino, de que teria ela morrido, que fora feito dos documentos, etc., para maior tranquilidade. Mas basta. É um homem perigoso. Foge dele, Vânia, e lembra-te sempre disto: pelo que respeita a Masloboiev, nunca, por nada no mundo, lhe chames canalha. Embora tenha algo de desavergonhado (a meu entender não há ninguém que não o seja) nunca o será para ti. Estou muito embriagado, mas ouve: se alguma vez, cedo ou tarde, agora ou para o ano, te parecer que Masloboiev te fez objecto de alguma maroteira (e peço-te que não esqueças esta palavra, *maroteira),* lembra-te que foi sem má intenção. Masloboiev olha por ti. Além disso, não

acredites em suspeitas, antes vem até cá e explica-te, com toda a franqueza e fraternalmente, com o próprio Masloboiev.

Bem. Queres agora outro copito?

— Não.

— Só um bocadinho?

— Não, meu irmão, desculpa...

— Bem, então vai-te. Já são nove menos um quarto e tu gostas de ser pontual. Já está na tua hora.

— Como? Que é isso? Bebes até te embriagares e depois despedes as visitas? És sempre o mesmo. Ah!

Desavergonhado! — exclamou, quase a chorar, Alexandra Semionovna.

— Não mistures alhos com bugalhos... Alexandra Semionovna, nós ficamos juntos e podemos adorar-nos mutuamente. Mas esse *é* um general. Não, Vânia, minto, não és um general, mas eu... sou um desavergonhado. Olha para mim. Que pareço agora? Que sou eu comparado contigo? Perdoa, Vânia, não leves a mal e deixa-me desabafar.

Abraçou-me e salpicou-me de lágrimas. Eu levantei-me para sair.

— Ah, meu Deus, *e* eu que tinha preparado a ceia!

exclamou Alexandra Semionovna com grande pesar. — Mas sexta-feira, sem falta, virá jantar connosco, não?

— Virei, Alexandra Semionovna, palavra de honra que virei.

— Talvez o senhor se aborreça de vê-lo tão... embriagado. Mas não faça caso, Ivan Petrovitch. Ele é muito bom... e se visse quanto lhe quer! Dia e noite não faz senão falar-me de si; não tem outro tema. Comprou-me os seus livros, mas eu ainda não pude lê-los — começarei amanhã. E se soubesse que prazer me dá se vier!

Nunca vejo ninguém, nunca vem ninguém a esta casa. Não nos falta nada, mas estamos sós. Estava eu ali, sentada, a ouvi-los falar... e com tanto prazer! Bem, até sexta-feira.

Capítulo sétimo

Apressei-me a voltar a casa. As palavras de Masloboiev tinham-me causado profunda impressão. Deus sabe as coisas de que me lembrei! Como que intencionalmente, aguardava-me em casa um episódio que me impressionou tão viva mente como uma descarga eléctrica.

Em frente da porta de casa havia uma lanterna. Ainda eu 264

não chegara à porta quando, de sob essa lanterna, se dirigiu para mim um estranho vulto, que até me fez dar um grito: era uma pobre criatura assustada, a tremer, meia louca, e que, dando um grito, me agarrou num braço. O espanto apoderou-se de mim: era Nelly.

— Nelly! Que é isto? — exclamei. — És tu?

— Lá em cima. . . Está lá em cima. . . Em casa. . .

— Mas quem? Subamos, vem comigo.

— Não quero, não quero. Esperarei que se vá embora. . . Não saio daqui. . . Não quero. . . Desci assim que ele entrou.

Eu subi, com um pressentimento estranho. Abri a porta e... encontrei-me com o príncipe. Estava sentado à mesa e lia. Pelo menos o livro aberto estava.

— Ivan Petrovitch! — exclamou alvoroçado. — Quanto me regozijo por que tenha enfim regressado. Estava quase para ir-me embora. . . Já o espero há uma hora, mais ou menos. Eu comprometi hoje a minha palavra, perante insistente reiterado pedido da condessa, de que o levaria hoje a sua casa. Insistiu tanto comigo, tem tal desejo de o conhecer... E assim, como o senhor já mo tinha prometido, julguei melhor vir eu mesmo buscá-lo, antes que tivesse tempo de ir a outro lado, a fim de convidá-lo. Agora calcule a minha arrelia: a sua criadita explicou-me que o senhor não estava em casa. Que fazer? Eu tinha dado a minha palavra de honra de que só voltaria na sua companhia. . . Resolvi sentar-me, para o esperar apenas um quarto de hora. Sim, sim, apenas um quarto de hora. Peguei no seu romance e pus-me a ler. Que maravilha! E não o compreendem ainda depois disto!... Sabe que conseguiu fazer-me chorar!

É que, quero que o saiba, eu chorei — e não costumo chorar com muita frequência...

— Então o senhor quer levar-me consigo? Pois devo dizer-lhe que agora... embora eu também desejasse ir...

— Por amor de Deus, venha. Se não vier, que vai ser de mim? Olhe que estou à sua espera há hora e meia... Além disso, preciso tanto, tanto, de falar consigo... Não se lembra sobre quê? O senhor está mais a par do assunto que eu. . . Talvez possamos resolver alguma coisa, optar por qualquer solução. Pense! Por amor de Deus, não deixe de me atender! Reflecti que, mais cedo ou mais tarde, não teria remédio senão ir. Supondo até que Natacha está só e que precisa de mim, não me encarregou ela de tentar, quanto antes, conhecer Kátia? Além disso, pode ser que Aliocha lá esteja... Eu sabia que Natacha não ficaria tranquila enquanto eu lhe não levasse notícias de Kátia, e resolvi-me a ir. Mas tinha pena de Nelly — Desculpe-me — disse ao príncipe.

E saí para a escada. Nelly estava escondida num canto escuro.

— Porque não queres entrar, Nelly? Que te fez ele? Que te disse?

— Nada... Mas não quero, não quero... — repetia. Tenho medo...

Por mais que lhe pedisse, foi inútil. Combinei então que, assim que eu saísse com o príncipe, ela entraria no quarto e se fecharia.

— E não abras a ninguém, Nelly, por mais que insistam.

— Mas o senhor vai com ele?

— Vou, sim.

Estremeceu e agàrrou-me a mão, como se quisesse pedir-me que não saísse, mas não disse nada. Eu decidi interrogá-la mais em pormenor no dia seguinte.

Depois de apresentar as minhas desculpas ao príncipe, comecei a vestir-me. Ele garantiu-me que não era necessário traje de cerimónia.

— Vista qualquer coisa leve — acrescentou, passando-me revista da cabeça aos pés. — Apesar de que, afinal, esses preconceitos mundanos... é impossível alguém desprender-se completamente deles. Tal perfeição não se encontra no nosso mundo — concluiu ao verificar, com ar satisfeito, que eu tinha fraque.

Saímos. Mas detive-o no patamar e entrei no quarto onde Nelly já se metera e, mais uma vez, despedi-me dela.

Estava terrivelmente agitada. Tinha a cara lívida. Fiquei inquieto; custava-me muito deixá-la.

— Que estranha é a sua criadita! — disseme o príncipe ao sair para a escada. — Suponho que essa rapariguinha é sua criada...

— Não... ela... vive comigo provisoriamente.

— Que estranha criatura. Tenho a impressão de que está louca. Imagine que, a princípio, respondia muito bem às minhas perguntas; mas, assim que me olhou, atirou-se a mim, pôs-se a dar gritos e a tremer. Agarrou-se a mim e parecia querer dizer qualquer coisa, sem o conseguir. Confesso que tive medo e dispunha-me já a deitar a desaparecer quando ela, graças a Deus, se adiantou, fugindo de mim. Eu estava atónito. Como pode o senhor suportá-la?

— Ela é epiléptica — respondi eu.

— Ah! Sim? Então não há que estranhar... se lhe dão ataques...

No mesmo instante ocorreu-me que a visita de Masloboiev na véspera, sabendo que eu não estava em casa, o relato que o próprio Masloboiev me fez, embriagado e de má vontade, o seu convite para as oito em sua casa, a advertência para que eu não supusesse haver, da sua parte, vilania para comigo, e, finalmente, o facto de o príncipe me ter esperado hora e meia, sabendo talvez que eu estava com Masloboiev, quando Nelly fugiu para a rua... — ocorreu-me que tudo isso devia estar relacionado. Havia motivo para assim pensar.

À porta esperava-nos a caleche do príncipe. Subimos e partimos.

Capítulo oitavo

Não tínhamos de ir longe: só até à ponte de Torgovi. Durante os primeiros momentos, conservámo-nos em silêncio. Eu só pensava: «Que será que ele me quer dizer?» Parecia que queria pôr-me à prova, fazer-me frente, sondar-me.

Mas ele começou a falar sem rodeios e foi logo direito ao assunto.

— Estou actualmente muito preocupado com uma ideia, Ivan Petrovitch. Quero falar-lhe sobre ela, antes de falar com mais ninguém, para que me dê a sua opinião. Há tempo que decidi desistir da demanda iniciada e perdoar a Ikmeniev os dez mil rublos do litígio. Como hei-de fazer?

«Não me parece que tu não saibas o que hás-de fazer .

pensei. — Quererás troçar de mim?»

— Não sei príncipe — respondi com a maior ingenuidade possível. — Pelo que respeita a Natacha Nikolaievna, estou pronto a declarar-lhe que é absolutamente imprescindível que combinemos todos uma reunião; mas quanto a esse assunto de que me fala, o senhor sabe mais do que eu.

— Não, não, pelo contrário... O senhor conhece-os e talvez a própria Natacha Nikolaievna lhe tenha exposto o seu modo de pensar sobre o assunto. Isso será para si o guia principal. O senhor pode ajudar-me, trata-se de um problema muito difícil. Eu estou disposto a renunciar e até já decidi fazê-lo, enquanto se resolvem as outras coisas. compreende? Mas como? Que aspecto dar a essa desistência? Que pretexto atribuir-lhe? O velho é orgulhoso, insolente. É possível que se ofenda com a minha generosidade e me recuse esse dinheiro...

— Mas permita-me: como considera o senhor esse dinheiro? Seu ou dele?

— Eu ganhei a demanda, portanto é meu.

— E na sua consciência?

— Naturalmente que o considero meu — respondeu-me um pouco melindrado pela minha falta de urbanidade. — Além do mais, segundo

me parece, o senhor não conhece o assunto a fundo. Eu não acuso o velho de me ter enganado intencionalmente e confesso-lhe que nunca o acusei. Foi ele mesmo quem, involuntariamente, se considerou ofendido. Eu só o acusei de descuido, de não olhar pelas coisas que lhe estavam entregues. Segundo combinámos, ele estava obrigado a responder sobre algumas dessas coisas. Mas saiba que também se não tratava disso: tratava-se da nossa questão, das nossas ofensas mútuas, numa palavra, do nosso amorpróprio ofendido. É possível que eu nem sequer tivesse prestado atenção a esses miseráveis dez mil rublos... O senhor já sabe por ele como a coisa começou... Reconheço que procedi com desconfiança e até com injustiça (quer dizer, fui bruto naquela altura), mas então não dei por isso, e, na minha arrelia, ao sentir-me ofendido pelas grosserias do velho, não quis perder a ocasião e iniciei a demanda. Talvez isso lhe pareça pouco nobre da minha parte. Não quero justificar-me. Só quero fazer-lhe notar que a cólera e, sobretudo, o arnor-próprio ferido não significam ausência de nobreza, porque são coisas naturais, humanas. Confesso e repito que quase não conhecia Ikmeniev quando dei crédito a todos aqueles rumores que corriam a respeito de Aliocha e da filha dele. Assim, acreditei também num desfalque premeditado... Mas deixemos isso. O principal é outra coisa: é que não sei o que hei-de fazer. Renunciar ao dinheiro? Mas, se eu lhe digo que o considero meu, à lei do Direito, visto que ganhei o processo, isso significa que o ofereço. E veja o que a situação tem de delicado, se se pensar em Natacha Nikolaievna. .. Ele vai infalivelmente atirar-me com o dinheiro à cara...

— Repare, se é o senhor o próprio a dizer que ele «lho atirará», isso demonstra que o considera um homem honrado e, sendo assim, é porque o senhor está absolutamente convencido de que ele não roubou o dinheiro. E então porque não vai procurá-lo e não lhe explica, com toda a franqueza, que considera a demanda ilegal?

Isso seria muito nobre. Talvez então Ikmeniev não achasse inconveniente em receber o «seu dinheiro».

— Hum... o «seu dinheiro»... Bem, mas veja, que quer que eu faça? Que vá explicar-lhe que considero a minha demanda ilegal? Mas donde

conclui o senhor, como sabe que a minha demanda é ilegal? Dizermo assim, cara a cara! Eu não mereço isso, porque eu estava no meu direito... Nunca disse ou escrevi que ele me tinha roubado. Quanto ao seu descuido, à sua despreocupação, ao seu modo desacertado de tratar dos assuntos, de tudo isso estou convencido. Esse dinheiro é indiscutivelmente meu, e, portanto, é-me doloroso renunciar a ele. Em último caso, repito-lhe que foi o velho quem me ofendeu. E o senhor quer obrigar-me a pedir-lhe desculpa... Essa é um pouco forte!

— Parece-me que quando dois homens querem fazer as pazes...

— Acha que é assim tão simples?

— Sim.

— Não. Algumas vezes é muito difícil, tanto mais...

— Tanto mais que estas circunstâncias estão relacionadas com outras. Nisso estou de acordo consigo, príncipe. O caso de Natacha Nikolaievna e do seu filho tem o senhor de o resolver em todos os pontos que dependem de si, e tem de resolvê-lo de modo satisfatório para os Ikmenieves. Só então poderá ter uma explicação com Nikolai Serguieitch, acerca do litígio, com absoluta sinceridade. Mas agora, que nada está resolvido, só tem um caminho: reconhecer a injustiça da sua demanda, e reconhecê-la franca e... publicamente, se for preciso. É esta a minha opinião. Se lha exponho com franqueza é porque o senhor próprio ma pediu; decerto não quereria que eu faltasse à sinceridade... Isto dá-me coragem para perguntar: porque se preocupa tanto com a devolução desse dinheiro a Ikmeniev? Se pensa que estava dentro da justiça nesse processo, porque há-de restituí-lo? Perdoe a minha curiosidade, mas isto está de tal modo relacionado com outras circunstâncias...

— Mas que pensa? — perguntou-me imediatamente, como se não tivesse ouvido a minha pergunta. — Está certo de que o velho Ikmeniev vai recusar o dinheiro se lhe entregarem os dez mil rublos sem nenhuma desculpa e... e... sem nenhumas dessas atenuantes?

— Claro que recusará!

Eu estremeci e até fiz um impaciente movimento de aborrecimento; aquela pergunta céptica causou-me a mesma impressão de que se o

príncipe me tivesse cuspido nos olhos.

Esta ofensa juntou-se outra: aquele grosseiro modo mundano com que, sem responder à minha pergunta e como que não reparando nela, me interrompeu com outra, dando-me claramente a entender que eu me distraía e me familiarizava demasiado ao fazer-lhe tais perguntas. A mim eram-me antipáticos até ao ódio esses modos aristocráticos e já antes me empenhara em tirá-los a Aliocha.

— Hum... O senhor é muito fogoso, mas no mundo há coisas que não podem fazer-se como pensa — fez-me notar o príncipe, tranquilamente, ante a minha exclamação. — Além do mais, penso que isto poderia ser em parte resolvido por Natacha Nikolaievna. Diga-lho. Talvez ela possa aconselhar-nos.

— De maneira nenhuma — respondi secamente. — O senhor não se digna escutar o que eu comecei há pouco a dizer-lhe e cortou-me a palavra. Natacha Nikolaievna pensará que, o senhor devolve o dinheiro sem sinceridade e sem nenhuma dessas «atenuantes»,'como diz, isso significa que paga ao pai pela filha, e à filha por Aliocha, numa palavra: que os indemniza com dinheiro...

— Hum... Como o senhor me trata, meu caro Ivan Petrovitch! — e o príncipe sorriu. Porque teria ele sorrido?

— Mas, para já — continuou —, temos ainda tanto, tanto que falar! E agora não há tempo... Só lhe peço que tenha presente «uma coisa»: o assunto afecta directamente Natacha Nikolaievna e todo o seu futuro... e tudo depende da maneira como o senhor e eu resolvermos isto, e daquilo que estabelecermos. O senhor é imprescindível... já o está a ver. Por isso, se continua a ter afecto por Natacha Nikolaievna, não pode negar-se a uma explicação comigo, por muito pouca que seja a simpatia que eu lhe inspire. Mas heis-nos chegados... *à bientôt.*

Capítulo nono

A condessa vivia muito bem. Tinha a casa posta com conforto e gosto, embora sem fausto. No entanto, tinha o aspecto de uma instalação provisória; era apenas uma elegante vivenda para uma temporada e não a residência permanente de uma família rica, com todos os seus refinamentos aristocráticos e todos esses caprichos que se julgam indispensáveis. Corria o boato de que a condessa, quando voltasse o Verão, se mudaria para a sua propriedade (arruinada e hipotecada) da província de Simbirsk, e que o príncipe a acompanharia. Eu já o ouvira falar disso e pensava com pena: «Que fará Aliocha quando Kátia se for com a condessa?» A Natacha ainda eu não falara disto, por receio; mas, por alguns indícios, pude inferir que tal rumor também tinha chegado aos seus ouvidos. Simplesmente calava e sofria em silêncio.

A condessa recebeu-me muito bem, estendeu-me afectuosamente a mão e disseme que havia muito tempo me desejava ver em sua casa. Ela própria me serviu o chá, de um magnífico samovar de prata, em volta do qual estavam sentados, o príncipe, eu e outro cavalheiro da alta sociedade, já entrado em anos, com uma condecoração, afectado e com ares de diplomata. A esse senhor, segundo parecia, todos tinham muito respeito. A condessa, ao voltar do estrangeiro, ainda não tivera tempo de fazer amizades em Petersburgo, nem de consolidar a sua situação, como queria e esperava. Além daquele senhor, ninguém mais apareceu durante toda a noite. Procurei com o olhar Catarina Fiodorovna. Estava noutra sala, com Aliocha, mas, quando deu pela nossa chegada acorreu imediatamente. O príncipe beijou-lhe a mão amavelmente e a condessa chamou-lhe a atenção para mim. Em seguida fez as apresentações. Eu observava-a com atenção impaciente. Era uma lourita delicada, vestida de branco, de estatura mediana, com uma expressão serena e plácida e com olhos de pomba (como Aliocha dizia), tinha a beleza da juventude e nada mais. Eu esperava encontrar-me com um modelo de beldade, mas não havia tal beleza. O seu rosto, de contornos delicados, umas feições

bastante singulares, cabelos abundantes e realmente belos, penteados muito simplesmente, olhos serenos e atentos... Se a tivesse encontrado nalgum sítio, teria passado junto dela sem lhe dedicar particular atenção. Mas aquilo foi só o primeiro olhar, porque, ao observá-la com mais vagar, já me pareceu melhor. Quando me apertou a mão, olhou-me nos olhos com atenção ingénua e insistente, sem dizer uma palavra.

Impressionou-me pela sua singularidade; não pude deixar de lhe sorrir. Claro que experimentei logo a impressão de me encontrar perante um ser de coração puro. A condessa não tirava a vista de cima dela. Depois de me apertar a mão, Kátia, com certa pressa, afastou-se de mim e foi sentar-se no outro extremo da sala, junto de Aliocha. Este, depois de me cumprimentar, murmurou-me ao ouvido: «Só estou aqui por um minuto, depois vou para lá.»

O «diplomata» — ignoro o seu apelido e chamo-lhe diplomata para lhe chamar qualquer coisa — falava com calma e dignidade, desenvolvendo não sei que ideia. A condessa ouvia-o com atenção. O príncipe sorria de modo encorajador e lisonjeiro; o orador, que se dirigia frequentemente a ele, apreciava-o, certamente, como a um ouvinte digno de si. A mim serviram-me o chá e deixaram-me em paz, com o que muito me alegrei.

Entretanto, eu ia observando a condessa. À primeira vista agradou-me muito, confesso que, em parte, contra a minha própria vontade. Talvez já não fosse muito nova, mas a mim parecia-me que não teria mais de vinte e oito anos. O rosto ainda fresco, e na sua juventude devia ter sido interessantíssima. Os cabelos, de um louro escuro, eram ainda muito abundantes. O olhar bondoso, embora um pouco frívolo, brincalhão e travesso. Mas agora, por alguma razão, reprimia-se visivelmente. No seu modo de olhar reflectia-se também muito espírito, mas, acima de tudo, bondade e alegria. Afigurava-se-me que os traços predominantes do seu carácter eram uma certa frivolidade, a ânsia dos prazeres e um certo egoísmo, talvez até mesmo grande Encontrava-se sob o domínio do príncipe, que exercia sobre ela extraordinária influência. Eu sabia que entre eles houvera uma ligação e também ouvira dizer que ele não tinha

sido um amante muito zeloso, durante a permanência no estrangeiro. Parecia-me, porém — e ainda agora me parece .

que a ambos unia, além das suas antigas relações, alguma outra circunstância, em parte secreta, algo como um compromisso recíproco, baseado nalgum cálculo... Numa palavra, qualquer coisa nesse género. Sabia também que o príncipe já estava cansado dela, se bem que não tivessem cortado as suas relações. Talvez que o que unia ambos fossem os seus desígnios sobre Kátia, a iniciativa dos quais devia ter sido do príncipe. Por esta razão, aquele abstinha-se de casar com a condessa, que lho exigia, convencendo-a de que isso facilitaria o casamento de Aliocha com a sua enteada. Era o que eu deduzia do ingénuo relato que me fizera Aliocha, no qual tive forçosamente de ver alguma coisa, por pouco que fosse. Parecia-me também, a julgar por estas mesmas referências, que o príncipe, embora tivesse a condessa completamente à sua mercê, não deixava de ter alguma razão para a recear. Também Aliocha já notara isso. Vi logo que o príncipe desejava casar a condessa com qualquer outro e que talvez fosse com essa intenção que a enviava para a província de Simbirsk, esperando encontrar-lhe um bom marido naquela região.

Eu estava sentado e escutava, sem achar o modo de conseguir, o mais depressa possível, conversar à parte com Catarina Fiodorovna. O diplomata respondia a não sei que pergunta da condessa, referente ao estado dos assuntos contemporâneos, às reformas incipientes, e se seria ou não razoável assustar-se com elas. Falava muito, com fleuma e como quem tem autoridade. Desenvolvia a sua tese com muito senso e espírito, apesar de que essa tese era repulsiva: sustentava que toda a reforma e modificação espiritual não tardariam a produzir os resultados esperados; que esses resultados seriam outras tantas provas da necessidade de se ser razoável, que, não só na sociedade (naturalmente numa certa parte da sociedade...), mas fora dela, aquele novo espírito encontraria acolhimento — apesar de que logo, com a experiência haviam de reconhecer o erro cometido e, então, com dobrada energia, voltariam a defender o antigo regime. Que a experiência, embora de lamentar, resultaria proveitosa, porque ensinaria a defender essa antiguidade salvadora e porque

proporcionaria novos dados. Por conseguinte, seria de desejar que, quanto antes, se chegasse aos últimos extrefflos da imprudência.

«Sem *nós* nada é possível — concluiu (sem nós nenhuma sociedade perdurou. Nós não perderemos nada, mas, pelo contrário, ganharemos; vamo-nos mantendo ao de cima e o nosso lema, no momento presente, deve *ser pire ca vá, mieux ca est!» (*)* O príncipe sorriu-lhe com uma simpatia que me desgostou. O orador estava satisfeitíssimo consigo próprio. Eu estive prestes a cometer a tolice de lhe dar resposta: o coração parecia que me saltava, mas conteve-me um olhar do príncipe que, imperceptivelmente, se voltou para mim. Pareceu-me que esperava alguma estranha e juvenil saída da minha parte: talvez que até o desejasse, para se divertir ao ver-me comprometido *ex abrupto.* Além disso, eu já estava firmemente persuadido de que o diplomata não iria fazer caso da minha objecção, nem talvez, até, de mim próprio. Tornava-se-me insuportável permanecer a seu lado, mas Aliocha tirou-me de apuros.

Aproximou-se de mim, devagar, deu-me uma pancadinha no ombro e pediu-me duas palavras. Adivinhei que vinha enviado por Kátia e, de facto, assim era. Ao fim de um minuto já eu estava de conversa com eles. A princípio Kátia olhou-me atentamente, como se pensasse: «Bem, já sei como tu és.» No primeiro instante, nenhum dos dois atinava com uma palavra para iniciar o diálogo, apesar de que eu estava convencido de que valera a pena ficar a falar com ela até de manhã. «As cinco... ou seis horas de conversa», de que nos falara Aliocha, vieram-me à ideia. Aliocha estava perto de nós e também aguardava com impaciência que começássemos.

(*) Quanto pior, melhor. (N. T.)

— Mas então não falam? — disse, olhando-nos sorridente. — Estão juntos e não falam?

— Ai, Aliocha, como tu és!... Vamos já falar — respondeu Kátia. — Eu

precisava muito de falar consigo, Ivan Petrovitch, e veja: agora não sei por onde começar. Conhecemo-nos demasiado tarde; devíamos ter-nos encontrado antes, embora eu já o conheça há muito tempo. E tinha tanto desejo de vê-lo! Até pensei escrever uma carta.

— Acerca de quê? — perguntei, sorrindo involuntariamente.

— Pois, de qualquer coisa — respondeu-me com seriedade —, ainda que fosse para lhe perguntar se é verdade o que este me disse de Natacha Nikolaievna: que ela se não ofende por ficar só tanto tempo... Bem. É

possível alguém proceder como ele procede? Mas... não me queres dizer porque estás aqui agora?

— Ai, meu Deus, eu já me vou embora! Eu tinha dito que só aqui estaria um minuto, mas vejo que se dispõem a falar e gostava de poder estar cá e lá, ao mesmo tempo.

— Mas que tem de especial o facto de falarmos? Já viu? Há-de ser sempre o mesmo — afirmou ela corando levemente e apontando Aliocha com o dedo. — Ele diz «um instante, só um instante», e veja, fica aqui até à meia-noite. «Natacha não se aborrece, é muito boa.» Veja como ele pensa! Quer fazer o favor de me dizer se isto assim está bem, se isto é correcto?

— Bem, eu já vou — respondeu Aliocha, lastimoso. — É que gostava de ficar convosco...

— Mas que tens tu a fazer aqui? Nós é que precisamos muito de falar a sós. Faz o favor de te não aborreceres: é indispensável... Pensa bem!

— Se é indispensável, vou-me agora mesmo... Mas... porque havia de me aborrecer? Estarei apenas um momento com Levinka e irei logo a seguir para casa dela. A propósito, Ivan Petrovitch — continuou, enquanto pegava no chapéu —, não sabe que o meu pai quer renunciar ao dinheiro que ganhou no pleito com Ikmeniev?

— Sim, sei. Ele já mo disse.

— Isso é muito digno da sua parte! Mas repare: Kátia não crê que ele proceda com nobreza. Fale-lhe disto.

Adeus, Kátia, e, por favor, não duvides de que eu amo Natacha. Mas porque me impõem essa condição, porque me recriminam e me seguem

com os olhos... como se me tivessem sob a vossa tutela? Ela sabe quanto lhe quero e tem fé em mim, estou convencido de que tem. Eu amo-a independentemente de todas as circunstâncias, sem nenhum compromisso, nem eu mesmo sei quanto lhe quero. Amo-a, simplesmente. Por isso, não me interroguem como a um criminoso. Olha, pergunta a Ivan Petrovitch, agora que o tens aqui, e ele te dirá que Natacha é ciumenta e que, apesar de me querer muito, há no seu amor um pouco de egoísmo, pois por nada do mundo renunciaria a mim.

— De verdade? — perguntei, assombrado, sem querer dar crédito aos meus ouvidos.

— Que estás a dizer, Aliocha? — quase gritou Kátia, juntando as mãos.

— Bem, que tem isso de particular? Ivan Petrovitch sabe-o. Ela pretende que eu esteja a seu lado, quer dizer, ainda que não o diga, vê-se que é esse o seu desejo.

— Mas... não te envergonhas, não te envergonhas de dizer isso? — exclamou Kátia cheia de cólera.

— Porque me havia de envergonhar? Que graça te acho, Kátia. Olha, eu amo-a mais do que parece, mas se ela não me quiser verdadeiramente, como eu lhe quero a ela, sacrificar-se-ia por mim. Claro que ela me diz que venha aqui, mas nota-se-lhe na cara quanto isso lhe custa, o que para mim vale o mesmo que nada me dizer!

— Não, isto são ideias dele! — exclamou Kátia, dirigindo-se a mim com os olhos flamejantes de cólera. — Confessa, Aliocha, confessa agora que tudo isso foi influenciado pelo teu pai! Disse-to hoje mesmo? E, por favor, não armes em esperto comigo, que eu já te conheço! E assim ou não?

— Sim, foi ele que mo disse — respondeu Aliocha confuso. — E que tem isso? Esteve hoje tão carinhoso para mim, tão amigo, e fez-me tais elogios sobre ela que eu estava assombrado. Natacha ofendeu-o tanto e o meu pai fazer o seu elogio!

— Mas pode estar certo — disse eu — de que agora mesmo, hoje mesmo, toda a inquietação dela era por si por si a quem ela deu quanto

podia dar, para que não se sentisse triste, para que se não privasse da possibilidade de estar com Catarina Fiodorovna! Foi o que ela própria me disse. E o senhor a acreditar em semelhantes calúnias!. Não tem vergonha?

— Ingrato! Ele nunca se envergonha de nada! — exclamou Kátia, apontando-o com a mão, como a um homem completamente perdido.

— Mas que me censuram agora? — continuou Aliocha, com voz lastimosa. — Tu és sempre assim, Kátia! Só vês em mim o lado mau... Não me refiro a Ivan Petrovitch! O senhor pensa que eu não amo Natacha. Não foi isto que eu quis dizer ao achá-la egoísta. Só quis dizer que me quer em excesso, com um amor que passa para todas as medidas e que é doloroso, tanto para 'ela como para mim. Mas o meu pai nunca seria capaz de me manobrar à sua vontade, ainda que o quisesse. Ele também não disse que ela era egoísta no mau sentido do termo, bem o percebi: apenas quis dizer aquilo que eu próprio acabo de exprimir: que ele me ama a tal ponto, com tal violência, que isso redunda em egoísmo, o que se torna aborrecido para os dois e, com o andar dos tempos, ainda se há-de tornar mais aborrecido para mim. Reparem que ele está no direito de falar assim, pelo afecto que me tem. Isto não quer dizer, de maneira nenhuma, que ofendesse Natacha; antes significa que vê nela um amor muito forte, um amor sem medida, tocando quase o impossível ...

Mas Kátia interrompeu-o e não o deixou concluir. Começou a censurá-lo com veemência, a mostrar-lhe que só intencionalmente seu pai se pusera a gabar Natacha, para o enganar com a sua aparente bondade, tudo com o intuito de afrouxar os laços e de acabar por virar contra ela, de modo quase insensível, o próprio Aliocha, com ardor e discrição, fez ressaltar quanto Natacha o amava, que nenhuma mulher lhe perdoaria o modo como estava a proceder para com ela, e que o único e verdadeiro egoísta era ele próprio, Aliocha. Pouco a pouco Kátia foi-lhe fazendo sentir um terrível desgosto e um arrependimento completo; estava sentado junto de nós, com os olhos no chão, sem responder nada, completamente aniquilado e com uma expressão de sofrimento no rosto.

Mas Kátia era inexorável. Eu contemplava-a com extrema curiosidade. Queria conhecer a fundo, quanto antes, aquela estranha rapariga.

Era, na verdade, uma criança especial, «com convicções», com normas firmes e com um amor apaixonado, agressivo, à bondade e a justiça. Embora se lhe pudesse chamar uma criança, pertencia a essa classe de crianças «que pensam», muito numerosas nas nossas famílias. Era evidente que já pensara muito. Era curioso olhar aquela cabecita pensadora e observar como nela alternavam ideias e suposições pueris com impressões seriamente sentidas e observações da vida (porque Kátia não era já uma criança); ao mesmo tempo havia ideias que (ela própria o ignorava) não eram vividas, que a tinham seduzido abstractamente nos 'livros — ideias que deviam ser muito numerosas e que por certo tomara como experiência própria. Em toda aquela noite e depois aprendi a conhecê-la muito bem. Possuía um coração impetuoso e sensível. Em alguns momentos, parecia esquecer o dom de se dominar, pondo acima de tudo a sinceridade. Considerava a coacção mundana como um preconceito e, ao que parecia, ufanava-se de tal convicção, o que costuma suceder a muitas pessoas fogosas, até quando já não são muito novas. Mas tudo isto lhe conferia uma atracção particular. Gostava muito de pensar e procurar as razões de tudo. Estava a tal ponto isenta de pedantismo, tinha tantas saídas infantis, dignas de uma criancinha, que a sua originalidade desde o primeiro instante se tornava encantadora e até nos costumávamos a ela.

Eu recordava-me de Levinka e Borinka, e pensava que tudo isto estava perfeitamente de acordo. E, coisa estranha, o seu rosto, no qual, ao primeiro olhar, eu não encontrara nenhuma beleza especial, tornou-se para mim, nessa noite muitíssimo belo e atraente. Aquela ingénua duplicidade da criança e da mulher que pensa, aquela ânsia infantil, e absolutamente sincera, de verdade e justiça, a sua fé inquebrantável nas próprias aspirações, tudo isso parecia iluminar-lhe o semblante com um certo fulgor de sinceridade, muito belo, e comunicava-lhe uma espécie de suprema beleza espiritual. Começava-se a compreender que não era fácil atingir o pleno significado daquela formosura, que esta não se patenteava

toda a qualquer olhar vulgar e indiferente. Compreendi que Aliocha devia estar apaixonadamente ligado a ela. Como não era capaz de discorrer nem de pensar, amava precisamente quem pensasse, e até quem desejasse por ele. Kátia tomara-o assim sob a sua tutela. Aliocha tinha um coração nobre e dócil; propendia sempre para o honesto e sublime, e Kátia fizera-lhe ver muitas coisas com toda a sua franqueza e simpatia infantis. Ele não possuía nem uma ponta de vontade própria; ela, em troca, tinha uma grande firmeza, uma vontade ardente. Aliocha só poderia prender-se a quem o soubesse dominar e até impor-lhe a sua vontade. Foi por isso, em parte, que Natacha conseguiu atraí-lo no início das suas relações, mas Kátia tinha uma grande vantagem sobre Natacha: a de ser uma rapariguinha e de haver de continuar a sê-lo por muito tempo ainda. A sua infantilidade, a sua inteligência lúcida e, ao mesmo tempo, uma certa falta de senso, tudo estava mais de acordo com Aliocha.

Este sentia-o e por isso Kátia cada vez o *atraía* mais. Estou convencido de que, quando falavam a sós, alternariam com as sérias expressões «de propaganda», de Kátia, algumas brincadeiras. E, embora Kátia, seguramente, ralhasse com Aliocha e até o tivesse nas suas mãos, era evidente que ele estava a seu lado com mais prazer que junto de Natacha. Eram mais «iguais» entre si, e isso é o essencial.

— Basta, Kátia, basta. Tu tens sempre razão e eu nunca Isso deve-se ao facto de a tua alma ser mais pura que a minha — disse Aliocha levantando-se e estendendo-lhe a mão em sinal de despedida. — vou agora mesmo ver Natacha, sem passar por casa de Levinka.

— Não tens nada a fazer em casa de Levinka. Acho muito bem que me obedeças e te vás embora.

— És sempre mais gentil que todos os outros — respondeu, num tom triste, Aliocha. — Ivan Petrovitch, preciso de dizer-lhe duas palavras.

Afastámo-nos um pouco.

— Conduzi-me hoje como um verdadeiro desavergonhado — disseme ele em voz baixa. — Procedi muito mal e incorri em culpa com toda a gente e, sobretudo, com elas as duas. Hoje, o meu pai, depois do

jantar, apresentou-me Alexandrine (uma francesa), uma mulher deslumbrante. Deixei-me levar e... bem! Sou indigno de estar com elas... Adeus, Ivan Petrovitch!

— É bom, é nobre! — apressou-se a dizer Kátia, logo que voltei a sentar-me a seu lado. — Mas já falaremos dele, e não há-de ser pouco. Agora, antes de mais, é necessário que me responda a uma pergunta: que lhe parece o príncipe?

— Um homem odioso.

— A mim também. Nisto, portanto, estamos completamente de acordo. Quanto ao resto, ser-nos-á fácil ajuizar. Falemos agora de Natacha Nikolaievna... Sabe, Ivan Petrovitch, que eu ando completamente às escuras e que o esperava como à luz?... O senhor vai-me aclarar tudo, porque, quanto ao essencial, eu não pude ajuizar senão por conjecturas tiradas do que me contava Aliocha. Não tinha mais ninguém por quem me informar. Diga-me, em primeiro lugar, qual é a sua opinião. Se Aliocha e Natacha se unirem, serão felizes ou desventurados? Isto é o que preciso de saber primeiramente, para adoptar uma solução definitiva, para saber como devo conduzir-me.

— Que hei-de dizer de seguro sobre este ponto?

— Evidentemente que não espero nenhuma informação segura — interrompeu —, apenas aquilo que lhe parece Porque o senhor é um homem muito inteligente...

— Ao que me parece não poderão ser felizes.

— Porquê?

— Porque não são iguais.

— Era o que eu pensava — e deixou cair os braços profundamente aflita. — Conte-me mais pormenores.

Oiça eu tenho uma enorme vontade de ver Natacha, porque preciso muito de falar com ela. Parece-me que, entre ambas resolveremos tudo. Já a imagino mentalmente: deve ser muito inteligente, muito séria, muito sincera e bonita. É assim?

— Assim mesmo.

— Tinha a certeza disso. Mas bem. Se é assim, como pode ela amar

Aliocha, que é tão infantil? Explique-me isto. E só o que me preocupa.

— Não é possível explicar-lho, Catarina Fiodorovna. É difícil ver as razões porque cada uma o ama. Sim, ele é infantil; mas não sabe até que ponto se pode querer a uma criança?

O meu coração enternecia-se ao olhá-la, ao ver os seus olhos que me contemplavam atentos com uma funda, séria e impaciente atenção.

— E precisamente porque Natacha não é uma menina — prossegui —, precisamente porque é mais séria é que mais facilmente se enamorou dele. Ele é sincero, franco, terrivelmente ingénuo e, por vezes, graciosamente simples. Talvez ela o amasse (quem poderia dizer?) como que por dó... Um coração generoso pode amar por compaixão... Mas, afinal, vejo que não posso explicar-lhe bem... Em troca, vou agora perguntar-lhe: a Kátia ama-o, não é verdade?

Formulei ousadamente esta pergunta, mas senti que, com ela, não poderia perturbar a infinita, a juvenil pureza daquela alma.

— Por Deus, ainda não sei ao certo! — respondeu, em voz baixa, olhando-me nos olhos. — Parece que o amo muito...

— Bem, já vê. E poderá explicar-me porque o ama?

— Nele não há mentira — respondeu, depois de pensar um momento —, e quando me olha e me fala isso é-

me muito agradável... Oiça, Ivan Petrovitch, estou a falar consigo sobre tudo isto, mas eu sou uma rapariga e o senhor um homem. Faço bem ou mal?

— Que mal pode haver?

— Efectivamente! Claro, que mal pode haver? Mas veja: eles — e assinalou com os olhos o grupo junto do samovar por certo diriam que isto não estava bem. Têm razão ou não?

— Não. O seu coração não a avisaria de que andava mal se assim fosse?

— Eu procedo sempre assim — apressou-se ela a interromper-me, com o visível desejo de falar comigo o mais possível — quando estou preocupada com alguma coisa, consolo o coração e, se está tranquilo, eu também fico tranquila. É assim que se deve proceder sempre. Além disso,

falo consigo tão francamente como comigo própria, em primeiro lugar, porque o senhor é uma pessoa de bem e porque conheço a sua história com Natacha, antes de Aliocha. Chorei ao ouvi-la contar.

— Mas quem lha contou?

— Aliocha, naturalmente; e também chorava ao contar-ma. Portou-se muito bem neste caso, o que muito me agradou. Creio que ele gosta mais de si que o senhor dele, Ivan Petrovitch. Veja: por estas coisas é que ele me agrada. Bem... Em segundo lugar, falo consigo com tanta franqueza como falaria a mim própria, porque o senhor é um homem muito inteligente e pode aconselhar-me e ensinar-me muitas coisas.

— Mas como sabe que eu tenho inteligência suficiente para instruí-la?

— Olhem que pergunta! — e ficou pensativa. — Oiça — prosseguiu —, eu apenas queria dizer-lhe isto: que pode falar-me do principal. Ajude-me, Ivan Petrovitch, eu sinto agora que sou rival de Natacha, sei-o; como hei-de proceder?

Por isso lhe perguntei há pouco se eles «poderiam ser felizes». Penso nisto de noite e de dia. A situação de Natacha é horrível, horrível... Porque, quero que o saiba, ele já não a ama, ao passo que a mim me quer cada vez mais de dia para dia. Não é assim?

— Parece.

— E veja: ele não a engana. Ele próprio ignora que deixou de amá-la, ao passo que ela já por certo deu conta do que se passa. Quanto deve sofrer!

— E que pensa fazer, Catarina Fiodorovna?

— Projectos tenho muitos — respondeu ela sinceramente —, mas, até agora, não fiz nada. Por isso o aguardava com tanta impaciência, para que o senhor resolva tudo Sabe muito mais do que eu sobre o assunto.

O senhor é agora para mim pouco menos que um deus. Oiça, eu, a princípio, pensava assim: se eles se amam reciprocamente, têm por força de ser felizes e, nesse caso, estou obrigada a sacrificar-me e a ajudá-los no que puder. É como lhe digo.

— Sei bem que, se fosse necessário, se havia de sacrificar!

— Sim, sacrificar-me-ia... Mas quando ele começou a vir aqui e a

querer-me cada vez mais, comecei a pensar sobre isto: «Sacrifico-me ou não me sacrifico?» Foi um mau sentimento, não acha?

— Isso é natural — respondi. — Tinha de ser assim... e a culpa não é sua.

— Eu não penso assim. O senhor diz-me isso porque é muito bondoso. Mas eu acho que não tenho já um coração puro. Se o tivesse, saberia o que resolver. Mas deixemos isto. Vim a saber mais pormenores acerca das relações entre eles, pelo príncipe, pela mamã e pelo próprio Aliocha, e deduzi que eles não estão bem um para o outro. O senhor mesmo acaba de o confirmar. Então insisti mais do que nunca nas minhas meditações: que fazer agora? Porque, se eles não vão ser felizes, é melhor que se separem. Resolvi, portanto, pedir-lhe mais pormenores e ir eu própia visitar Natacha e resolver tudo com ela.

— Mas... resolver como? A questão é esta...

— Bem, vou lá e digo-lhe: «A senhora ama-o mais que tudo no mundo e, portanto, deve desejar também, acima de tudo, a felicidade dele. Assim, o seu dever é deixá-lo.»

— Sim, mas como encarará ela isso? Suponho que concorda consigo, terá coragem suficiente para fazer o que lhe vai pedir?

— É nisso precisamente que penso, noite e dia, e... e... E começou a chorar.

— Não calcula que pena eu tenho de Natacha! — murmurou com os lábios trémulos, prestes a chorar.

Nada mais havia a dizer. Eu estava calado e também sentia vontade de chorar, ao vê-la sofrer tanto. Que criança tão simpática! Nem sequer lhe perguntei porque se considerava capaz de fazer Aliocha feliz.

— Gosta de música? — perguntou-me, depois de serenar um pouco, embora ainda comovida.

— Gosto muito — respondi, um pouco admirado.

— Se tivesse tempo, havia de lhe tocar o *Concerto n.º 3* de Beethoven. Ando agora a estudá-lo. Reflecte os mesmos sentimentos... que eu experimento agora. Pelo menos, é o que me parece. Mas ficará para outra vez.

Agora precisamos de falar.

E procurámos resolver a maneira de ela se encontrar com Natacha e como se arranjariam as coisas. Ela explicou-me que andava vigiada; embora a madrasta fosse boa e lhe tivesse afecto, por nada no mundo iria consentir que travasse amizade com Natacha Nikolaievna. Estava, pois, resolvida a empregar a astúcia. De manhã, costumava sair a passear, mas quase sempre com a condessa. Quando esta, algumas vezes, não podia ir com ela, entregava-a à francesa, que agora estava doente. Isso costumava acontecer quando *a* condessa ficava com enxaqueca e, portanto, era necessário esperar que assim sucedesse. Então ela combinaria tudo com a francesa (uma espécie de dama de companhia, já velha), que era muito boa. Em resumo: era impossível indicar antecipadamente o dia da visita a Natacha.

— Há-de conhecer Natacha e não o lamentará — disse eu. — Ela também deseja conhecê-la, e é necessário que falem, ainda que seja apenas para se saber quem há-de renunciar a Aliocha. Não se preocupe muito com este assunto. O tempo, só por si e sem que nós nos inquietemos, resolverá tudo. Ouvi dizer que vai fazer uma viagem ao campo.

— Sim, dentro em pouco, talvez dentro de um mês respondeu ela. — E sei que o príncipe insiste nessa viagem — E que pensa? Aliocha acompanhá-la-á?

— Sim, já pensei nisso — exclamou, olhando-me atentamente. — Virá!

— Irá.

— Meu Deus, não sei como irá acabar tudo isto! Oiça, Ivan Petrovitch. Eu escrever-lhe-ei muitas vezes e contar-lhe-ei tudo com pormenores. Já que comecei a aborrecê-lo... Virá ver-nos algumas vezes?

— Não sei, Catarina Fiodorovna. Depende das circunstâncias. Talvez não possa vir.

— Porquê?

— Depende de muitas coisas, mas principalmente das minhas relações com o príncipe.

— É um velhaco — declarou Kátia. — Mas oiça, Ivan Petrovitch, e se eu" fosse a sua casa? Estaria bem ou não?

— Que lhe parece?

— A mim parece-me que estava bem.

— Assim, contar-lhe-ia tudo... — acrescentou sorrindo. — Olhe: eu falo-lhe deste modo, porque, além de o respeitar... também o estimo muito... Sim, estimo-o... Mas diga-me, não é uma vergonha eu dizer-lhe estas coisas?

— Vergonha porquê? Eu também já a estimo, como se fosse da minha família.

— Então quer ser meu amigo?

— Oh, sim, sim! — respondi.

— Bem. Eles haviam de dizer seguramente que é uma vergonha e que uma menina não deve conduzir-se deste modo — observou, indicando-me de novo o grupo formado em volta da mesa de chá.

Devo anotar que o príncipe parecia ter-nos deixado intencionalmente falar a sós.

— Eu sei muito bem — acrescentou ela — que o príncipe o que quer é o meu dinheiro. Eles pensam que eu sou uma criança e até mo dizem na cara. Mas eu não penso assim. Eu já não sou uma criança. Eles sempre são muito estranhos! Eles é que parecem crianças. Vejamos o que andam a planear.

— Catarina Fiodorovna, esquecime de lhe perguntar uma coisa: quem são esse Levinka e esse Borinka que Aliocha visita tantas vezes? — São parentes meus, afastados. Uns rapazes muito inteligentes e muito sérios, mas que falam pelos cotovelos... Já os conheço... — e sorriu.

— É verdade que pensa oferecer-lhes mais tarde um milhão?

— Vê? Ainda que isso seja verdade, falaram tanto do milhão que já se torna insuportável. Claro que eu estou disposta a sacrificar-me por tudo o que for útil. Para que quero eu tanto dinheiro? Mas olhe que daqui até eu dar o milhão... E, todavia, já estão a fazer e a desfazer, a falar, a discutir, a gritar e a brigar sobre o modo como hão-de empregar o dinheiro. Até por isto brigam... o que é realmente estranho. Estão muito

apressados... Não obstante, são rapazes sinceros e... inteligentes. Estudam. É preferível isso à vida que outros levam, não é verdade?

Ainda estive um pedaço a falar com ela. Contou-me toda a sua vida e escutou as minhas palavras com avidez.

Insistia para que lhe contasse tudo o que soubesse de Natacha e de Aliocha. Seria já meia-noite quando o príncipe se aproximou de mim, dando-me a entender que eram horas de nos retirarmos. Despedi-me. Kátia apertou-me a mão com força e olhou-me expressivamente. A condessa insistiu para que voltasse. Saí com o príncipe.

Não posso deixar de expor uma observação singular, ainda que resulte incongruente. Da minha conversa de três quartos de hora com Kátia fiquei, entre outras coisas, com a convicção um pouco estranha, mas ao mesmo tempo profunda, de que ela era tão criança que ignorava em absoluto as relações secretas que existem entre o homem e a mulher. Isto imprimia uma graça desusada a algumas ideias suas e ao tom sério que tomava para abeirar-se de certos problemas importantes.

Capítulo décimo

— Sabe uma coisa? — disseme o príncipe ao sentar-se a meu lado no trem. — Parece-me que não estaria mal tomarmos qualquer coisa. Que lhe parece?

— Verdadeiramente não sei, príncipe — respondi, hesitante. — Eu nunca ceio...

— Bem, é que, naturalmente, «falaríamos», enquanto ceássemos — acrescentou ele olhando-me nos olhos atentamente e com uma expressão manhosa.

Como não compreender! Ele quer explicar-se comigo e é precisamente isso o que eu preciso. Aceitei.

— Pois vamos. À Bolchaia Morskaia, à *B.*

— Um restaurante? — perguntei com certa perplexidade.

— Sim, que tem? É raro cear em casa. Não me permite que o convide?

— Mas é que, já lhe disse, eu nunca ceio...

— Uma vez só, não tem importância. Além disso, sou eu quem convida...

Quer dizer: «Sou eu que vou pagar.» Estou convencido de que acrescentou aquilo «intencionalmente». Eu acedi a acompanhá-lo, mas estava resolvido a pagar a minha conta no restaurante. Chegámos. O príncipe pediu um compartimento reservado e, com arte e conhecimento do assunto, escolheu dois, três pratos. Eram pratos caros os que ele encomendou, tal como as garrafas, de excelente vinho de mesa. Aquilo não estava ao alcance da minha bolsa. Olhei a ementa e pedi para mim meio frango e um copo de Laffite. O príncipe protestou: — Mas não quer cear comigo? Isso é absolutamente ridículo. *Pardon, mon ami.* Olhe que isso... é de uma mesquinhez ofensiva. E de um amorpróprio tacanho. Dir-se-ia que há aqui preconceitos de classe e apostaria que assim é, Asseguro-lhe que me ofende.

Persisti na minha ideia.

— Bem, como queira — acrescentou. — Eu não quero constrangê-lo...

Diga-me, Ivan Petrovitch, poderei falar-lhe como a um verdadeiro amigo?

— Peço-lhe que o faça!

— bom, em meu entender essa mesquinhez prejudica -o. Prejudica-o a si e a todos os da sua classe. Os senhores, os literatos, precisam de conhecer o mundo e, no entanto, mantêm-se alheios a tudo. Não falo agora dos frangos. Veja: o senhor está disposto a recusar todas as relações com o nosso meio, e isto prejudica-o.

Perde muito... numa palavra: perde a sua carreira! O senhor tem necessidade de conhecer de facto o que descreve, o que se encontra nos seus romances: condes, príncipes e *boudoirs.* Além de tudo, depois de tudo, como direi? O senhor agora só pinta miséria, inspectores, oficiais violentos, funcionários, tempos passados, conspiradores... Sei-o bem, sei-o bem.

— Engana-se em-absoluto, príncipe. Se eu não penetro naquilo a que chama as «altas esferas», é porque nelas, em primeiro lugar, uma pessoa se aborrece, e depois porque não tenho lá nada que fazer. Apesar de tudo, de vez em quando ainda apareço...

— Já sei que vai a casa do príncipe R... uma vez por ano. Já tive ocasião de o ver lá. Mas, no resto do ano, o senhor reveste-se de um orgulho democrático e perde-se no seu casebre. Nem todos os do seu grémio se conduzem assim: há uns que só procuram aventuras e que me causam náuseas...

— Agradecia-lhe muito, príncipe, que mudasse de assunto e me deixasse em *paz* com os casebres!

— Ai, meu Deus, já se ofendeu! Mas lembre-se de que foi o senhor mesmo quem me autorizou a falar-lhe como a um amigo íntimo. Mas é verdade, errei, porque ainda não mereci a sua amizade. Excelente vinho. Prove-o.

Encheu-me meio copo da sua garrafa.

— Veja, meu caro Ivan Petrovitch, eu compreendo muito bem que não é decente atirar com a amizade à cara de uma pessoa; veja que nem todos nós somos grosseiros e duros para consigo, como o senhor pensa...

Apesar de que também compreendo muito bem que o senhor está aqui, não por deferência para comigo, mas porque lhe prometi «falar». Não é verdade? — e sorriu. —Já que vela tanto pelos interesses de certas pessoas das suas relações, vai ter a bondade de ouvir o que vou dizer-lhe, não é assim? — acrescentou com sorriso maldoso.

— Não se engana — atalhei, impaciente; eu via que ele era um desses indivíduos que, ao ver que um homem está em seu poder, ainda que apenas preso por um cabelo, imediatamente lho fazem sentir. Eu estava em seu poder; não podia sair dali sem escutar tudo o que quisesse dizer-me, e ele sabia-o de sobra. Mudou subitamente de tom, procurando cada vez mais dar às suas palavras um ar de familiaridade e até de brincadeira. — Não se engana, príncipe. Foi por isso que vim, de outro modo, realmente, não estaria aqui... tão tarde.

Senti o desejo de dizer: «De outro modo, por nada deste mundo estaria aqui consigo», mas não o disse e empreguei outros termos, não por receio, mas pela minha fraqueza e delicadeza, tão condenáveis. Depois de tudo, como ofender uma pessoa na sua própria cara, ainda que o mereça e que eu quisesse realmente fazê-lo?

Pareceu-me que o príncipe leu isto nos meus olhos. Olhou-me a sorrir, enquanto eu proferia aquela frase, como que satisfeito com a minha pusilanimidade e como que procurasse excitar-me com este olhar: «Anda, atreve-te, meu caro!» Por certo fora assim, pois, quando terminei, desatou a rir e deu-me uma pancadinha nas costas com uma afectuosidade protectora.

«Fazes-me rir, meu caro!», li eu nos seus olhos. «Espera que já vais ver!», pensei eu para comigo.

— Hoje foi para mim um dia muito alegre — exclamou ele -— e, na verdade, não sei porquê. Sim, sim, meu amigo. Era precisamente dessa pessoa que queria falar-lhe. E necessário resolver alguma coisa em definitivo, «ficarmos» nalguma coisa. Espero que agora me compreenda perfeitamente. Falei-lhe, há pouco, daquela quantia e desse pai fanfarrão, desse garoto sexagenário... Bem! Não vale a pena falarmos agora disso... Ah, ah, ah! O senhor, que é um literato, devia ter adivinhado...

Olhei-o atónito. Ao que parecia, ainda não estava embriagado.

— Bem! Quanto à tal menina, é verdade que a respeito e até me inspira afecto, creia-me. É um pouco voluntariosa, mas devemos pensar que «não há rosas sem espinhos», como diziam, e muito bem, há cinquenta anos! Os espinhos picam, mas isso é muito atraente e, embora o meu Alexiei seja um tolo, tenho de lhe perdoar, porque revelou bom gosto. Numa palavra: a pequena agrada-me, e eu... — e apertou os lábios de modo significativo — até tenho quanto a ela intenções pessoais... Mas, bom, isso fica para depois...

— Príncipe, por favor! — exclamei. — Não compreendo essa mudança tão brusca; mas... mudemos de conversa, suplico-lhe.

— Já está outra vez zangado! Está bem... vou falar de outra coisa. Só queria perguntar-lhe uma coisa, meu amigo: tem-lhe muita estima?

— Naturalmente! — respondi com brusca impaciência.

— E ama-a? — insistiu, estalando repulsivamente com a língua e piscando os olhos.

— O senhor esquece-se! — exclamei.

— Bem, bem, acalme-se! E que me encontro hoje numa excelente disposição. Estou contente como há muito não estava. Não quer champanhe? Que lhe parece, meu caro poeta?

— Não bebo, não quero!

— E também não fala. O senhor tem obrigação absoluta de fazer-me hoje companhia. Sinto-me muito bem disposto e com uma bondade que raia pelo sentimentalismo. Não posso ser feliz sozinho. Quem sabe se acabaremos a beber e a tratarmo-nos por tu!... Ah! ah, ah, não meu jovem amigo, ainda não me conhece! Estou certo de que acabará por me estimar. Quero que compartilhe hoje comigo a tristeza e a alegria, os risos e as lágrimas, apesar de que espero não chorar. Bom, vamos a ver: que diz o senhor, Ivan Petrovitch? Imagine apenas que se as coisas não me correrem bem toda a minha inspiração se desvanecerá, volatilizará, desaparecerá, e o senhor não chegará a ouvir nada. E veio aqui só para me ouvir, não é verdade? — acrescentou voltando a piscar-me maliciosamente o olho. — Agora escolha.

A ameaça era grave. Assenti. «Não quererá embriagar-me?», pensei. Efectivamente, é a altura de recordar um certo rumor que corria acerca do príncipe, rumor que há muito chegara aos meus ouvidos. Diziam que ele, sempre tão elegante em sociedade, gostava de se embriagar às vezes, durante a noite, beber como uma esponja e entregar-se clandestinamente a uma libertinagem torpe e secreta. Ouvira sobre ele boatos terríveis...

Diziam que Aliocha sabia que o pai costumava embriagar-se e que se esforçava por ocultá-lo de toda a gente e, em especial de Natacha. Certa vez começou a falar-me disso, mas imediatamente mudou de assunto e não respondeu às minhas perguntas. Além do mais, apesar de ter ouvido contar o facto, confesso que, a princípio, me recusava a acreditar. Agora estava à espera do que se iria passar.

Trouxeram-nos champanhe. O príncipe encheu duas taças das grandes, uma para ele e outra para mim.

— E uma simpática e linda rapariga, apesar de me ter tratado com aspereza — continuou, enquanto saboreava o champanhe com deleite. — As pessoas assim simpáticas são especialmente atraentes em determinados momentos... Ela havia de estar a pensar que conseguira confundir-me, lembra-se, que me reduzia a pó. Ah, ah, ah!... Como fica bonita quando cora!... O senhor percebe alguma coisa de mulheres? Às vezes um súbito rubor fica-lhes admiravelmente kern às faces pálidas, já reparou? Ai, meu Deus! Vejo que já se aborreceu outra vez!

— Sim, estou aborrecido! — exclamei, sem poder já conter-me. — Não quero que fale agora de Natacha Nikolaievna, isto é, não admito que fale nesse tom. Não posso... não posso consenti-lo!

— Bem, desculpe. vou fazer-lhe a vontade: mudarei de assunto. Porque, veja, eu sou tão flexível e brando como a cera. Falemos de si. Eu estimo-o, Ivan Petrovitch; se soubesse a simpatia tão amigável e sincera que me inspira...

— Príncipe, não seria melhor falarmos sobre o assunto? — interrompi.

— Do «nosso assunto», quer o senhor dizer. Eu, a si, até o compreendo por meias palavras, *mon ami.* Mas nem calcula como

ficaremos perto do assunto, se falarmos de si — se o senhor, naturalmente, me não interromper. Nesse caso, continuo. Queria dizer-lhe, meu inestimável Ivan Petrovitch, que viver como vive equivale simplesmente a perder-se. Há-de permitir que eu toque neste assunto delicado, porque sou seu amigo. O senhor é pobre, recebe dinheiro adiantado do editor e paga as dívidas; no semestre seguinte, porém, alimenta-se apenas de chá e treme de frio na sua trapeira, à espera que se publique o seu romance na revista do seu editor, não é assim?

— Embora seja assim, parece-me que tudo isso...

— É mais honesto que roubar, adular, pedir dinheiro emprestado, enredar, etc., *etc.* Sei, sei o que o senhor quer dizer. Tudo foi posto a claro, há tempo...

— Mas, na realidade, não me parece que o príncipe tenha de se intrometer nos meus assuntos... Vai dar lugar a que eu lhe dê uma lição de delicadeza...

— Não, não terá de a dar. Que fazer, todavia, quando estamos tocando numa corda tão sensível? Mas, enfim, deixemos em paz as trapeiras. Não gosto nada delas, salvo em determinadas ocasiões — e rompeu num riso repulsivo. Mas é ist:o que me espanta: porque tem tanto interesse em fazer papéis de segunda ordem? É verdade que um dos seus camaradas escritores disse uma vez, se bem me lembro, que talvez o maior feito de um homem fosse contentar-se na vida com um papel secundário... Era qualquer coisa deste género... E, a propósito, ouvi também qualquer coisa semelhante, não sei onde. Mas, enfim, o caso é que Aliocha lhe tirou a noiva, sei-o bem, e o senhor, como qualquer Schiller ainda se esforça por os servir, por lhes ser prestável. Só lhe falta pôr-se a quatro patas por causa deles... Desculpe-me meu caro, mas acho um pouco vil isso de brincar aos sentimentos generosos. Não sei como o senhor, no fundo, se não aborrece. É até vergonhoso. Eu, no seu lugar, morreria de desespero e, o que é mais importante, de vergonha, sim, de vergonha.

— Príncipe, parece-me que o senhor me trouxe aqui para me insultar! — exclamei, transtornado pela ira.

— Oh! Não, meu amigo! Neste momento sou apenas um homem prático e que deseja a sua felicidade. Numa palavra: desejo arrumar este assunto. Mas deixemos por agora toda esta história. Escute-me até ao fim e procure não se irritar, nem que seja apenas por um momento. E se o senhor se casasse? Vê? Falo-lhe agora sobre «outra coisa». Mas... porque me olha tão espantado?

— Estou à espera de que acabe — respondi, olhando-o, efectivamente com assombro.

— Pois não me interrompa. Quero precisamente saber o que diria o senhor se algum amigo seu, que lhe desejasse uma felicidade sólida, efectiva, não efémera, lhe propusesse uma jovem interessante mas... que já tivesse passado por certas coisas... Falo alegoricamente, mas deve compreender-me, uma rapariga como Natacha Nikolaievna, claro que com uma indemnização decente... Olhe que estou a falar-lhe de «outra coisa» e não do «nosso assunto».

— Bem, então que diria?

— Direi ao senhor que... está louco!

— Ah, ah, ah! Bah! Pouco faltou para se atirar a mim. Eu, efectivamente, senti tentações de me atirar a ele.

Não podia conter-me mais. Dava-me a impressão de um réptil, de uma aranha enorme que eu a todo o custo desejava esmagar. Ele divertia-se a troçar de mim. Brincava comigo como o gato com o rato, supondo que me tinha em seu poder. Parecia, lembro-me, que encontrava certa satisfação, certa voluptuosidade até, naquela tirania, naquele cinismo com que tirava diante de mim a sua máscara. Queria divertir-se com o meu espanto, com o meu assombro. Desprezava-me francamente e ria-se de mim.

Eu pressentia, desde o início, que tudo aquilo era deliberado e tinha alguma finalidade. Mas estava em tal situação que, houvesse o que houvesse, não tinha remédio senão ouvir o príncipe até ao fim. Assim convinha aos interesses de Natacha. Tive, pois, de resignar-me a tudo e tudo aguentar, porque talvez naquele instante se decidisse o seu destino.

Mas como seria possível ouvir aquelas cínicas e maldosas apreciações a respeito dela, como seria possível sofrer tudo aquilo a sangue-frio? Ele sabia muito bem que eu não tinha outro remédio senão ouvi-lo, e isto duplicava a sua ofensa. «Além do mais, ele também precisa de mim», pensei, e mostrei-me redondamente hostil. Ele compreendeu-o.

— Bom! Veja meu amigo — começou, olhando-me com seriedade —, que não é possível continuarmos assim.

Será melhor pormo-nos de acordo. Olhe que eu tencionava dizer-lhe uma coisa, mas é preciso que o senhor seja amável, que escute o que lhe quero dizer. Desejo falar à minha vontade, a meu gosto e como, de facto, se torna necessário. Vejamos, meu jovem amigo, está disposto a ter paciência?

Tive de fazer um grande esforço, e calei-me, apesar de ele me olhar com tal sarcasmo que parecia desafiar-me para que eu formulasse o mais vivo protesto. Mas compreendeu que eu acedera a não me retirar, e prosseguiu: — Não se aborreça comigo, meu amigo. Afinal, porque se aborrece? Só por aquilo que eu aparento, não é verdade? O senhor, no fundo, não esperava de mim outra coisa, qualquer que fosse a forma por que eu me exprimisse: com grande cortesia, ou como acabei de fazer, as ideias seriam as mesmas. O senhor sente desprezo por mim, não é verdade? Não vê quanta ingenuidade, franqueza e *bonhomie* há em mim! A si tudo confesso, inclusive os meus caprichos pueris. Sim, *mon cher,* sim. Ponha outra tanta *bonhomie* da sua parte e verá então como falamos, chegamos a acordo e nos compreendemos, finalmente, um ao outro. Mas não me olhe com esse espanto. Se soubesse como me aborrecem todas essas inocências, todas essas pastorais de Aliocha, todos esses dramas à Schiller, todas essas exaltações por causa dessa maldita ligação com a tal Natacha, que, aliás, é uma rapariga muito interessante... Posso até dizer que involuntariamente me regozijo por ter uma ocasião para lhe exprimir todo o horror que me inspiram. Bem, chegou a ocasião. Além disso, queria desafogar consigo a minha alma. Ah, ah, ah!

O senhor espanta-me, príncipe, não o reconheço. Está a usar o estilo de um polichinelo: essa franqueza inesperada...

— Ah, ah, ah! Isso, em parte, é verdade. Que comparação tão acertada! Eu estou muito divertido, meu amigo, estou muito divertido, estou alegre e contente. E o senhor, meu caro poeta, tem de mostrar-me toda a tolerância possível. Mas será melhor bebermos — decidiu, completamente satisfeito consigo, esvaziando um copo. — Veja, meu amigo. Aquela estúpida noite (lembra-se?), em casa de Natacha, acabou de me matar definitivamente. Ela, na verdade, estava muito interessante. Saí de lá com um desgosto horrível e não posso esquecê-lo, nem esquecê-lo nem ocultá-lo. Por certo que também me há-de chegar a vez e não deve tardar...

Mas deixemos isso, por agora. Queria, entretanto, explicar-lhe que há um traço no meu carácter que o senhor ainda ignora: é a aversão a todos esses imbecis que para nada servem, a todas essas ingenuidades vulgares e baratas. Um dos meus mais gratos prazeres foi sempre fingir concordância, exprimir-me no mesmo tom, acarinhar, encorajar qualquer desses eternamente jovens Schillers e depois, rapidamente, de um só golpe, desconcertá-lo, tirar a máscara da sua frente e, em vez de mostrar-lhe uma cara entusiasmada, fazer-lhe caretas, deitar-lhe a língua de fora... ,recisamente no instante em que menos esperasse tal surpresa. Que tal o senhor não compreende isto, parece-lhe abominável, absurdo, talvez ignóbil, não? — Pois claro!

— O senhor é franco. bom. Mas que hei-de eu fazer, se me aborrecem? será estupidez — também sou sincero —, mas é este o meu carácter. Além do mais, gostaria de lhe contar alguns episódios da minha vida. O senhor há-de compreender-me melhor e vai achar curioso. Sim, efectivamente, talvez me pareça hoje com um polichinelo. Mas, já vê, o polichinelo é sincero, não é?

— Por favor, príncipe. Já é tarde e, na verdade...

— Como? Meu Deus, que impaciência! Vamos! Continuemos a falar como amigos, sinceramente, sabe? Sim, senhor, junto da garrafa de vinho, como bons camaradas. O senhor pensa que eu estou bêbado? Que importa? Assim é melhor! Ah, ah, ah! Na verdade, estes momentos em companhia de um amigo ficam, para muito tempo, gravados na

memória, e uma pessoa recorda-os com prazer. O senhor não é bom, Ivan Petrovitch. Falta-lhe sentimentalismo, sensibilidade. Bem, que é para si uma garrafa a mais ou a menos, tratando-se de um amigo como eu? No fundo, isto também tem relação com o «assunto». Como é que não o compreende? Para mais sendo um escritor... O senhor até devia celebrar esta ocasião: pode tirar de mim um tipo para os seus romances... Ah, ah!, Meu Deus, como eu estou hoje simpático e tão franco!

Pelos vistos, estava embriagado. Mudara de semblante e mostrava agora uma expressão maldosa.

Indubitavelmente sentia vontade de morder, ferir, espicaçar, troçar. «Em parte, é melhor que esteja embriagado», pensei eu. Os bêbados dão sempre à língua. Mas ele não perdia a noção das coisas.

— Meu amigo — começou, visivelmente satisfeito consigo próprio —, há pouco dei-lhe uma indicação, talvez extemporânea, sobre a vontade invencível que às vezes me dá de deitar a língua de fora, em determinadas ocasiões. Devido a esta minha ingénua e simples franqueza, o senhor comparou-me com um polichinelo, ao que, sinceramente achei muita graça. Mas se o senhor me recriminasse ou se se espantasse comigo, porque me porto agora grosseiramente e até, permita-me, de uma maneira indecente, como um m'ujique, numa palavra, por ter mudado de tom, o senhor seria então absolutamente injusto. Em primeiro lugar, isto agrada-me e, além disso, não estou em minha casa, mas «consigo»... Quero dizer que nós, agora, estamos a divertir-nos como bons amigos; finalmente, também confesso que me agradam os caprichos. Não sabe que eu, uma vez, por mero capricho, me fiz também metafísico e filantropo e acabei quase por cair nas mesmas ideias que o senhor tem? Claro que isto foi há muitíssimo tempo, nos dourados dias da minha mocidade. Lembro-me que, nessa altura, fui às minhas terras, lá para a aldeia, animado de propósitos humanitários. Naturalmente aborrecime imenso. Quer crer do que me lembrei então? Pois, de tão aborrecido que estava, comecei a cultivar as relações com as raparigas bonitas... Franze a testa? Meu jovem amigo! Olhe que nós estamos agora a passar um bocadito como bons camaradas. Quando se

divertem, as pessoas desabafam. E olhe, o temperamento russo, o temperamento russo natural, patriótico, gosta de desabafar. Além disso, é necessário não desperdiçar o momento que passa e gozar a vida. Temos de morrer e então... bom... pois também fiz das minhas. Lembro-me de que numa quinta havia uma rapariga cujo marido era um mujique, um moço jovem e simpático. Castiguei-o duramente e quis fazê-lo soldado (diabruras passadas, meu amigo), mas não consegui. Morreu em minha casa, no hospital... Porque eu tinha na aldeia um hospital com doze camas (um edifício magnífico, muita limpeza, sobrados encerados), que há muito desmanchei. Naquela altura, porém, ele era todo o meu orgulho, eu era um filantropo... Bem. Pois quase matei o tal camponês, com o chicote, por causa da mulher... Que é isso? Já está outra vez a franzir a testa? Repugna-lhe ouvir estas coisas? Os seus nobres sentimentos sofrem com isto? Bem, bem, tranquilize-se. Tudo pertence ao passado. Fiz isto quando era romântico: queria tornar-me um benfeitor do homem, fundar uma Sociedade filantrópica. Em que pedra fui tropeçar... Naquela altura ainda se chicoteavam as pessoas... Agora não, agora é necessário fazer caretas; agora todos fazemos caretas..- A que tempos chegámos! Mas quem me dá mais vontade de rir é esse idiota do Ikmeniev. Estou certo de que sabia toda essa história com a camponesa... E que importa? Ele, pela bondade da sua alma, feita, ao que parece, de melaço, entusiasmou-se comigo e levou-me a sua casa... Resolveu não acreditar em nada, e assim fez, quer dizer, não deu crédito aos ditos. Andou atrás de mim doze anos até que chegou a sua vez... Ah, ah, ah! Bem, tudo isto é um absurdo! Bebamos, meu jovem amigo. Diga-me, gosta de mulheres?

Não respondi. Limitava-me a ouvi-lo. Já tinha entrado na segunda garrafa.

— Pois eu gosto de falar delas, depois de cear. Quer que lhe apresente como sobremesa uma tal *Mademoiselle* Philiberte? Que lhe parece? Que pensa? Mas... nem sequer olha para mim! Hum!

Ficou pensativo, mas depois levantou a cabeça, olhando-me de modo significativo. E continuou: — Olhe, meu caro poeta, quero revelar-lhe um

segredo da natureza, que, segundo parece, o senhor ignora por completo. Estou certo de que, neste momento, o senhor me classifica de pecador e, quem sabe, talvez de mau, extravagante, perverso e vicioso. Mas repare no que lhe digo: se fosse possível (o que, claro está, não será nunca, dada a natureza do homem), se fosse possível que cada um de nós escrevesse todos os seus pensamentos, mas sem recear desvendá-los — não só o que se receia dizer e por nada do mundo se diz aos outros, não só o que se não diz ao amigo mais íntimo, mas até aquilo que uma pessoa se não atreve a dizer a si própria —, então, creia-me, levantar-se-ia no mundo tal cheiro pestilencial que todos deitaríamos a correr, sufocados. E é por isso, diga-se entre parênteses, que as nossas convenções e o decoro mundano nos são precisos. Encerra-se neles um sentido profundo... não direi moral, mas simplesmente conservador, confortável, o que, naturalmente, é melhor, porque a moral, no fundo, se reduz a comodidade, quer dizer, só se inventou por comodidade. Mas já iremos falar das conveniências. Agora estou desorientado Lembre-me depois. Para terminar: o senhor toma-me por um libertino, por um homem perverso, imoral, quando eu talvez não seja agora culpado de outra coisa senão de ser «mais sincero» que os outros... e nada mais; de não ocultar o que os outros ocultam até a si próprios, como já disse... Nisso faço muito mal, mas agora quero que seja assim. Mas não se inquiete — acrescentou com um sorriso irónico —, disse «culpado», o que não significa que vá pedir perdão. Lembre-se de uma coisa: eu não pretendo desconcertá-lo, não vou perguntar-lhe: «Não terá o senhor também alguns segredos semelhantes, com os quais eu possa justificar-me?» Eu conduzo-me de outro modo, decoroso e nobre. Em geral, conduzo-me sempre com nobreza...

— O senhor está apenas a divagar — disselhe, olhando-o com desprezo.

— Divagar... Ah, ah, ah! Mas diga-me: em que está agora a pensar? O senhor há-de perguntar a si próprio porque o trouxe eu aqui, e porque, bruscamente, sem motivo, me estou a abrir consigo. Não será assim?

— É assim, é.

— Bem! Pois já vai saber.

— Parece-me bem que a chave de tudo é o facto de se terem já esgotado duas garrafas e... de o senhor estar embriagado.. .

— Quer dizer, simplesmente, bêbado. Talvez seja assim. «Embriagado». Isso é mais suave que dizer bêbado. Oh! Que homem tão delicado! Mas... parece-me que estamos de novo a discutir e que nos desviámos de um tema muito interessante. Sim, querido poeta, sim, há neste mundo coisas boas e saborosas — as mulheres.

— Olhe, príncipe, não chego a compreender porque me terá o senhor escolhido, precisamente a mim, para confidente dos seus segredos e alardes amorosos!

— Hum! Já lhe disse que lho explicarei em breve. Não se inquiete, que não há razão para isso. O senhor é poeta, o senhor compreende-me — já lhe falei disto. Existe uma voluptuosidade especial neste repentino tirar de máscara, neste cinismo com que um homem se mostra, de repente, aos demais, sob um aspecto em que já nem sequer se digna envergonhar-se deles. vou contar-lhe uma história. Havia em Paris um funcionário louco, a quem enviaram para um manicómio quando verificaram que estava doido. Bem; pois ao ficar louco, veja do que se lembrou para diversão própria: pôs-se nu como Adão, apenas com os sapatos, envolveu-se numa capa ampla e, com rosto grave e solene, foi para a rua. Visto de costas, era um homem como os outros, a passear embrulhado numa ampla túnica, a seu bel-prazer. Mas quando se encontrava com algum semelhante nalgum sítio solitário onde não houvesse mais ninguém, aproximava-se em silêncio, com um aspecto grave e pensativo, punha-se, de repente, em frente dele, abria a túnica e mostrava-se com absoluta... sinceridade. A coisa durava um instante, passado o qual se tornava a embrulhar na capa e, em silêncio, sem contrair sequer um músculo da cara, passava pelo espectador paralisado de espanto, grave e subtil como o espectro no Hamlet. Procedia assim com toda a gente: homens, mulheres e crianças, e estava nisto todo o seu prazer. Pois até certo ponto pode gozar-se esta mesma satisfação desconcertando algum Schiller e deitando-lhe a língua de fora, quando menos se espere. «Desconcertar»...

Bem, que palavra é esta? Lia-a nalgum trecho de literatura contemporânea.

— Bom, mas ele era louco, ao passo que o senhor...

— Estou no meu perfeito juízo?

— Sim!

O príncipe soltou uma gargalhada.

— O senhor está a ser injusto, meu amigo — acrescentou com a mais cómica expressão no semblante.

— Príncipe! — exclamei irritado com o seu impudor.

— O senhor odeia-nos a todos, incluindo eu, e é em que se vinga agora de tudo e de todos. Tudo isto revela o mais irritante amorpróprio. O senhor é perverso, nimimamente perverso. Nós conseguimos confundi-lo, e é talvez por isso, por causa daquela noite, que o senhor está tão furioso. Naturalmente não poderia vingar-se melhor do que com esse desprezo que mostra por mim. O senhor liberta-se nem que seja apenas por uma meia hora, de todos os deveres da cortesia a que estamos reciprocamente obrigados. O senhor quer mostrar-me claramente que nem sequer se digna ter vergonha diante de mim, ao tirar na minha presença, de modo tão franco e inesperado, a sua repugnante máscara... ao revelar-se-me, em toda a plenitude, com tão imoral cinismo...

— Mas, porque me diz todas essas coisas? — perguntou bruscamente, olhando-me com ar agressivo. — Para me demonstrar a sua sagacidade?

— Para lhe demonstrar que o compreendo e para lho fazer sentir.

— Quelle idée, mon cher! (*) — prosseguiu, mudando repentinamente de tom, para voltar ao seu anterior aspecto de alegria e bondade ingénuas. — O senhor só está a desviar-me do assunto. Buvons, mon ami! (2) Permita-me que o sirva. Eu apenas queria contar-lhe uma aventura interessantíssima e muito curiosa. Contar-lhe-ei em linhas gerais. Uma vez conheci uma senhora, muito jovem, de uns vinte e sete a vinte e oito anos, uma beldade de primeira categoria. Que busto? Que palminho de cara! Que andar! Tinha um olhar penetrante como as águias, sempre muito sério. Mantinha-se sempre muito soberba e altiva. Diziam-na fria como o mês de Janeiro e intimidava todos os homens com

a sua inacessível, a sua tremenda virtude. Isto mesmo: tremenda. Não havia nas suas relações um juiz tão severo como ela. Condenava não só os vícios, mas até a mais leve fraqueza das outras mulheres, e condenava sem recurso, sem apelação. No seu meio, gozava de enorme influência. As velhas mais orgulhosas e mais ferozes, quanto ao capítulo virtude, tinham-lhe respeito e até procuravam a sua estima. Ela olhava toda a gente com uma crueldade inflexível, como a abadessa de um mosteiro medieval. As raparigas tremiam ante o seu olhar e as suas censuras. Bastava uma observação sua, uma simples alusão, para deitar por terra uma reputação — tal era a aceitação de que gozava na sociedade. Até os homens a temiam. Finalmente, veio a cair em certo misticismo contemplativo, aliás também calmo e altivo... E, todavia, não havia mulher pervertida que fosse mais perversa que aquela mulher. Eu... tive a sorte de merecer a sua confiança absoluta.

(*) Que ideia, meu caro! (N. T.)
(2) Bebamos, meu amigo (N. T.)

Mantivemos relações com tal habilidade, tão magistralmente, que ninguém pôde conceber a mais leve suspeita. Só a sua dama de companhia, uma francesa, estava dentro de todos os seus segredos, mas nessa francesa podia haver toda a confiança: também tomava parte... Como se passavam as coisas? Já lho vou explicar. A minha amiga era tão luxuriosa que poderia dar lições ao próprio marquês de Sade. Mas o prazer mais forte, mais penetrante e violento, era o seu mistério, a sua habilidade para o engano. Aquele modo de pôr a ridículo tudo o que a condessa fingia em sociedade, dando-se ares de altiva, inacessível e inviolável e, finalmente, aquele riso íntimo e diabólico e aquele modo consciente de espezinhar tudo quanto era intangível... tudo isso sem medida, levado até ao último extremo que a imaginação mais fogosa não poderia conceber... Sim, isso era o principal e constituía o aspecto mais vivo daqueles prazeres. Sim, ela era o diabo em pessoa, mas tinha uma sedução irresistível. Ainda agora não consigo recordá-la sem loucura. No

momento culminante dos mais ardorosos deleites soltava uma gargalhada, e eu compreendia muito bem aquele riso e ria-me também. Ainda hoje estremeço só de a recordar, apesar de já lá irem muitos anos. Ao fim de um ano, deixou-me. Ainda que eu quisesse, não poderia prejudicá-la. Quem me acreditaria? Uma pessoa como ela?

Mas, que diz o senhor, meu jovem amigo?

— Livra! Que abominação! — respondi, após ter ouvido com repugnância aquela confissão.

— Já sabia, meu jovem amigo, que me não poderia responder de outro modo. Já sabia que iria dizer isso mesmo Ah, ah, ah! Espere, acalme-se, mon ami. Viva e compreenderá. Mas por agora... por agora, ainda precisa de comer muito sal. Não, afinal o senhor não é poeta, já vê. Aquela mulher compreendia a vida e sabia aproveitá-la.

— Mas... para que descer a tamanha bestialidade?

— Que bestialidade?

— Essa a que chegaram essa mulher e o senhor com ela.

— Ah! Chama a isso bestialidade? Sinal de que ainda está muito ingénuo. Já vejo que a oposição pode ser indício de independência. Mas... continuemos a falar, mon ami. Há-de concordar comigo em que tudo isso é absurdo.

— E que há que não seja absurdo?

— O que não é absurdo... é a personalidade, sou eu próprio. Tudo é meu, e o mundo foi feito para mim. Olhe, meu amigo, eu creio que neste mundo se pode viver bem. E este modo de pensar é excelente, porque sem ele seria impossível viver, mesmo mal. Uma pessoa acabaria por se envenenar. Dizem que foi o que fez certo imbecil: deu em filosofar até tal ponto que rompeu com tudo, inclusive com os deveres humanos, normais e naturais; chegou ao extremo de ficar sem nada, ficou reduzido a zero, pois dizia que nesta vida o melhor era o ácido prússico. O senhor dirá: «Esse é Hamlet, isso é desespero absoluto, numa palavra, algo tão grande que nunca o compreenderemos.» Mas o senhor é um poeta, ao passo que eu sou simplesmente um homem, por isso digo que é mister considerar as coisas sob um aspecto prático, simplesmente. Eu, por

exemplo, há tempo já que me libertei de todos os laços e até de todas as obrigações. Só me considero obrigado quando isso me traz alguma vantagem. O senhor, naturalmente, não pode ver as coisas deste modo; o senhor tem os pés atados e o gosto estragado: fala de ideais, de virtudes. Mas, meu amigo, eu estou disposto a concordar com tudo o que me diga — que hei-de fazer, porém, se tenho a certeza de que na base de todas essas virtudes humanas há um egoísmo profundo? Quanto mais virtuosa é uma acção mais dose de egoísmo contém. O amor por si próprio, eis a única norma que reconheço. A vida é uma transacção comercial; o senhor não deve dar o seu dinheiro em vão; pague pelo prazer e terá cumprido todos os seus deveres para com o próximo... Aí tem toda a minha moral, se é que lhe faz muita falta. Confesso-lhe, porém, que, em meu entender, é melhor não pagar ao próximo, mas saber obrigá-lo a fazer as coisas de graça. Quanto a ideais, nem os tenho nem os quero ter; nunca senti desejos por eles. No mundo pode viver-se muito bem e muito a nosso gosto sem ideais... en somme (*), aprecio imenso poder passar sem o ácido prússico. Concordo, de boa vontade, que sou pouco «virtuoso», mas, em troca, não farei o mesmo que o imbecil daquele filósofo (sem dúvida alemão). Não. Na vida há ainda tantas coisas boas!

A mim atraem-me a distinção, a posição social, as grandes jogadas de cartas (gosto imenso de cartas). Mas o principal, o principal são as mulheres... as mulheres de todos os tipos. Porque eu também aprecio as perversas, as obscuras e tenebrosas, as mais estranhas e originais, com algo, até de porcaria, para variar... Ah, ah, ah!

Estou a ver com que desprezo me olha agora! — Tem razão — respondi.

— Bem. Suponhamos que o senhor também tem razão. Mas veja: mais vale porcaria que ácido prússico, não acha?

— Não, o ácido prússico é muito melhor.

— Perguntei-lhe intencionalmente «não acha?», para me divertir com a sua resposta. Já a conhecia de antemão. Não, meu amigo, se é um verdadeiro filantropo deve desejar que todos os homens inteligentes tenham o mesmo gosto que eu, até pela porcaria, já que, de contrário,

nada ficará para fazer neste mundo aos homens inteligentes: só cá ficarão os imbecis. Eles é que serão felizes. Mas olhe: também temos um provérbio «A felicidade é para os tolos». E diga-me: há alguma coisa mais agradável que viver entre imbecis e fazer coro com eles? É muito proveitoso!

(*) Em resumo. (N. T.)

Não me censure porque aprecio os preconceitos, respeito as conveniências e aspiro ao bom nome. Bem sei que é em vão que vivo em sociedade, mas, por enquanto, há nela calor. Eu faço como os outros: finjo defendê-la, mas, se fosse necessário, seria talvez o primeiro a pôr-me a salvo. Veja: conheço todas as novas ideias, apesar de que nunca sofri por elas nem por nada. Remorsos, nunca os tive por coisa alguma. Concordo sempre com tudo, o que é muito proveitoso. Como eu, há muitos: nós arranjamo-nos sempre muito bem.

Ainda que todo o mundo ruísse, nós havíamos de nos salvar. Existiremos enquanto o mundo existir. O mundo poderá naufragar, mas nós ficaremos à superfície, sobrenadaremos sempre por cima de tudo. Se acha que não tenho razão, repare numa coisa: a vitalidade que têm as pessoas como eu. Olhe para mim, por exemplo: veja como sou forte. Nunca tinha reparado? Nós vivemos até aos oitenta, até aos noventa anos, o que significa que a própria natureza nos confere privilégios, eh, eh, eh! Custe o que custar, eu quero chegar até aos noventa anos. Não quero a morte, ela assusta-me. O diabo é que deve saber o que é morrer... Mas... para que falar disto? A culpa é da maldita filosofia. Para o diabo com a filosofia! Buvons, mon cher. Olhe, tínhamos começado a falar de raparigas bonitas... Mas... onde vai?

— Vou-me embora! Também já são horas para si...

— Ora, ora... Eu, por assim dizer, abri-lhe o meu coração, e o senhor não sabe apreciar esta evidente prova de amizade!... Eh, eh, eh! É pouco afectivo, meu poeta! Deixe-se estar, que vou mandar vir outra garrafa...

— A terceira?

— A terceira. Quanto à virtude, meu jovem discípulo... (há-de permitir que lhe dê este nome tão doce, talvez até que a minha lição lhe seja proveitosa.) Efectivamente, meu caro discípulo, quanto à virtude já lhe disse: «quanto mais virtuoso é o virtuoso, mais egoísta é.» vou contar-lhe, a este respeito, uma história muito engraçada. Uma vez estive apaixonado por uma jovem: amava-a quase deveras. Note-se que ela sacrificou muito por mim...

— Foi aquela que o senhor roubou? — perguntei à queima-roupa, sem poder já conter-me.

O príncipe deu um salto, mudou de semblante e ficou-se a olhar para mim com uns olhos inflamados; no seu olhar via-se perplexidade e raiva.

— Alto! — murmurou, como se falasse consigo próprio. — Alto! Deixe-me pensar. Estou muito embriagado e custa-me reunir as ideias...

Ficou silencioso e olhou-me com curiosidade, com um ar maldoso, apertando a minha mão na sua, como se receasse que eu fugisse. Estou certo de que naquele instante pensava, esforçando-se por adivinhar como poderia eu conhecer aquele assunto ignorado quase por toda a gente e tentando ver se não correria com isso algum perigo. Permaneceu assim por um minuto, mas logo mudou a expressão do rosto. Nos seus olhos apareceu uma expressão sarcástica, a alegria da embriaguez. Pôs-se a rir.

— Ah. ah, ah! com que então nada menos que um Talleyrand! Bem, e então? Eu, na verdade, fiquei diante dela como um estúpido quando me disse, cara a cara, que eu a tinha roubado. Como gritava e como me insultava! Era uma mulher raivosa e... sem o menor autodomínio. Mas ajuíze por si próprio: em primeiro lugar, eu não lhe roubei absolutamente nada, como o senhor disse há um momento. Foi ela própria que me ofereceu aquele dinheiro, de forma que ele era meu. Suponhamos que o senhor me oferece o seu melhor fraque — ao dizer isto olhava o meu fraque, o único que eu tinha, já bastante deformado, e que fora feito três anos antes pelo alfaiate Ivan Skorniaguine. — Fico-lhe muito grato, visto-o e, por fim, passados dois anos, o senhor briga comigo e exige que lhe entregue o fraque, já usado por mim. Isso não seria nobre. Para quê então oferecer? Além disso, apesar de o dinheiro ser meu, tê-lo-ia certamente

devolvido. Mas diga-me: onde iria eu buscar tal quantia, assim de repente, uma quantia como aquela? Mas, sobretudo, não tolero idílios e dramas à Schiller, já lho disse... e foi essa a verdadeira razão. O senhor não imagina como ela se pôs comigo, gritando que me dava aquele dinheiro (que, aliás era meu). A ira apoderou-se de mim, mas imediatamente resolvi o assunto segundo a lógica, porque a presença de espírito nunca me abandona. Pensei que se lhe devolvesse o dinheiro talvez ainda a tornasse mais infeliz. Privá-la-ia do prazer de ser completamente desgraçada «por minha culpa» e de me amaldiçoar por isso durante toda a vida. Creia-me meu amigo, numa desgraça desta índole há também como que a embriaguez suprema de nos considerarmos a nós próprios como totalmente inocentes e de termos o pleno direito de chamar patife ao ofensor. Esta embriaguez do ódio encontra-se nos temperamentos schillerianos. Claro que... talvez ela logo a seguir sofresse a fome, mas estou certo de que era feliz. Eu não queria privá-la dessa felicidade e não lhe devolvi o dinheiro. Assim, fica plenamente justificada a minha regra de que quanto maior e mais forte for a generosidade humana, tanto maior dose de repugnante egoísmo há nela... Está bem claro? Mas... o senhor queria apanhar-me. Ah, ah, ah!

Vamos, confesse que queria apanhar-me! Ah! Talleyrand!

— Adeus! — disselhe eu levantando-me.

— Só mais um minuto! Duas palavras para terminar — gritou, trocando o seu tom festivo pelo sério. — Oiça o resto. De tudo quanto lhe disse, deduz-se claramente (suponho que já o notou), que eu nunca estou disposto a sacrificar as minhas conveniências, seja pelo que for. Amo o dinheiro e preciso dele. Catarina Fiodorovna tem-no em abundância: o pai dela teve, durante dez anos, um negócio de aguardente. A pequena possui três milhões e esses três milhões vêem-me mesmo a calhar. Aliocha e Kátia... são absolutamente semelhantes: dois idiotas a mais não poder, o que também me faz muito jeito. Assim, desejo em absoluto e quero que o seu casamento seja um facto, e o mais rapidamente possível. Dentro de duas ou três semanas, a condessa e Kátia vão para o campo. Aliocha tem de acompanhá-las.

previna Natacha Nikolaievna para que não haja idílios nem dramas à Schiller, para que não pensem em contrariar-me. Eu sou mau e vingativo. Olho pelo que é meu. Não tenho medo dela. Há-de sair tudo à medida dos meus desejos e, se a aviso desde já é para seu interesse. Procure que ela não faça disparates e que se conduza de modo discreto. De outro modo, tudo irá a mal, mas muito a mal. Já devia estar-me muito grata por não proceder contra ela como devia, isto é, judicialmente. O senhor deve saber, meu caro poeta, que as leis velam pela tranquilidade das famílias, que põem o pai a coberto das culpas do filho e que aquelas que apartam os jovens dos seus sagrados deveres para com os pais não contam com a protecção da lei. E repare, finalmente, que eu possuo um certo número de conhecimentos, ao passo que ela não tem ninguém e... com certeza o senhor já compreendeu o que eu lhe posso fazer... Mas não faço nada, porque até agora se conduziu sempre discretamente. Não se inquiete: em cada momento, a cada movimento deles, havia uns olhos penetrantes que tudo vigiavam, durante este meio ano. Eu estava ao facto de tudo, até ao último pormenor.

Além disso, aguardava tranquilamente que Aliocha a abandonasse, como começa a fazer, embora ela tenha sido para ele uma distracção agradável. Fiz-me passar perante eles por um pai humano: precisava que ele pensasse isso de mim. Ah, ah, ah! Como me lembro dos cumprimentos que lhe fiz naquela noite, dizendo-lhe que era muito generosa e desinteressada, para não exigir o casamento com ele! Gostaria de saber como o conseguiria. Ao que me parece, naquela ocasião tudo obedeceu apenas ao facto de já ter tempo de pôr termo àquelas relações. Mas eu necessitava de convencer-me de tudo, pelos meus próprios olhos, pela minha própria experiência. Então? E agora? Já lhe chega? Ou quer saber mais alguma coisa? Porque o trouxe aqui? Porque me'desmascarei assim diante de si quando tudo isto dispensava bem as confidências... Natacha? vou dizer-lho com toda a sinceridade... Sim?

Contive-me e escutei avidamente.

— Pois foi apenas, meu amigo, porque me pareceu ver em si um pouco mais de bom senso, uma visão mais clara das coisas, que nos

nossos dois pombinhos. O senhor mais facilmente havia de ver quem eu sou, adivinhar, forjar suposições a meu respeito. Mas eu quis tirar-lhe todo este trabalho e decidi mostrar-lhe claramente «com quem» teria de haver-se. Efectivamente, uma impressão é uma grande coisa Compreenda-me, mon ami. O senhor já sabe com quem tem de haver-se.

Estima Natacha e, portanto, espero que há-de exercer sobre ela todo o seu ascendente (e tem tal ascendente sobre ela...) para «evitar» certos contratempos. De outro modo, havê-los-á e asseguro-lhe, asseguro-lhe que não só serão brincadeira. Aí tem as razões da minha franqueza para consigo... Já deve ver, meu caro... Eu queria cuspir um pouco sobre todo este assunto, e cuspir precisamente diante de si...

— E conseguiu o seu propósito — disse eu trémulo de emoção. — Estou de acordo sobre que não poderia exprimir diante de mim todo o ódio e desprezo que me tem, a mim e a todos nós, de modo mais perfeito do que empregando essa franqueza. O senhor não só não receou que essa sua franqueza «para comigo» pudesse comprometê-lo, mas até nem sentiu vergonha de mim... O senhor, na verdade, parece-me muito com o louco da capa. Não me considerou como um homem.

— Adivinhou, meu jovem amigo — disse ele, levantando-se —, acertou em tudo. Não é em vão que é escritor... Espero que nos separemos como bons amigos. E se bebêssemos à nossa saúde?

— O senhor está bêbado, e só em atenção a isso lhe respondo como deveria...

— Outra vez as reticências... Não acabou de dizer o modo como deveria responder! Ah, ah, ah! Permite-me que pague a sua parte?

— Não se preocupe; eu próprio a pagarei.

— Claro, sem dúvida. Não vai para os mesmos lados que eu?

— Não, não vou consigo.

Então, adeus, poeta. Espero que me tenha compreendido...

Saiu com passo incerto e sem se voltar para mim. (O lacaio sentou-se na caleche. Eu segui o meu caminho.

Eram três da madrugada. Chovia. Estava uma noite lúgubre...

QUARTA PARTE

Capítulo primeiro

Não quero demorar-me a descrever o meu desespero. Apesar de poder esperar tudo, estava transtornado, tal como se o príncipe se me tivesse apresentado em toda a sua fealdade, de um modo completamente imprevisto.

Lembro-me, também, de que os meus sentimentos eram de inquietação, como se estivesse oprimido, magoado, e uma negra dor me apertava cada vez mais o coração. Receava por Natacha. Pressentia que a esperavam muitos sofrimentos e, cheio de sobressalto, reflectia sobre a maneira de libertá-la, de dulcificar os últimos períodos antes da solução definitiva do caso. Da referida solução não havia dúvida nenhuma.

Aproximava-se. E como não adivinhar qual seria?

Não sei como cheguei a casa, embora a chuva me tivesse molhado durante todo o caminho. Eram já três horas da madrugada. Mal eu chegara à porta do meu quarto quando ouvi um gemido e a porta começou logo a abrir-se, como se Nelly não se tivesse deitado e houvesse ficado durante todo o tempo à minha espera, junto da ombreira. Havia uma luz acesa. Olhei para a cara de Nelly e fiquei assustado. Estava transtornada. Os olhos ardiam-lhe como se tivesse febre e olhava-me de um modo selvagem, como se não me reconhecesse. Estava muito afogueada.

— Nelly, que tens? Estás doente? — perguntei-lhe inclinando-me para ela e pegando-lhe numa mão.

Aproximou-se de mim a tremer, como se receasse não sei o quê; murmurou qualquer coisa numa voz entrecortada e apressadamente, como se estivesse à minha espera só para me dizer aquilo. Mas as suas palavras eram incoerentes e estranhas. Eu não compreendia o que ela dizia: delirava.

Levei-a para a cama. Mas ela agarrava-se a mim como se procurasse protecção contra alguém, depois de eu a ter deitado na cama ainda se segurava à minha mão com muita força, com receio de que eu tornasse a

sair.

Eu estava tão cansado e enervado que, ao vê-la assim, até chorei. Também eu estava doente. Quando viu as minhas lágrimas, olhou-me durante muito tempo, com muita atenção, como se se esforçasse por pensar ou imaginar qualquer coisa. Era evidente que isso lhe custava um grande esforço. Finalmente, qualquer coisa semelhante a um pensamento aflorou ao seu rosto. Depois de uma forte recaída na sua doença, quase sempre lhe era difícil concentrar os pensamentos durante um momento e articular as palavras de maneira clara. Era o que lhe acontecia agora: fazia um esforço enorme para dizer não sei o quê, e, adivinhando que eu não a percebia, soltou a sua mãozinha e pôs-se a enxugar-me as lágrimas, depois do que me deitou os braços ao pescoço e me puxou para si e me beijou.

Era evidente que na minha ausência sofrera um ataque e precisamente no instante em que estava junto da porta. Aturdida pelo ataque, provavelmente, tombara no chão. Nesses momentos o delírio mistura-se à realidade e ela devia ter imaginado qualquer coisa de horroroso, de terrível. Nesse instante teria dito a si própria que eu havia de voltar e parar à porta, e assim, estendida à entrada, no chão, estivera esperando atentamente o meu regresso, levantando-se quando me ouviu.

«Mas porque viria para junto da porta?», pensei eu.

E de repente observei com admiração que tinha vestida a sua pequena pelica que eu acabara de comprar a um penhorista conhecido (que costumava vir visitar-me ao meu quarto e me entregava os seus artigos a crédito); pelos vistos tencionava ir a algum lado e teria já aberto a porta quando, de súbito, lhe deu o ataque de epilepsia. Onde pensaria ela ir? Não estaria já transtornada nesse momento?

Entrentanto, a febre não descia e não tardou que a pobrezinha perdesse os sentidos. Já lhe tinham dado dois ataques desde que vivia comigo; mas passavam sempre sem nada de maior, ao passo que, agora, tinha febre. Depois de estar sentado meia hora junto dela, puxei uma cadeira junto do divã e deitei-me ao seu lado, vestido como estava, com a intenção de acudir em seu auxílio assim que me chamasse. Não apaguei a

luz. E ainda olhei para ela muitas vezes antes de me estender. Estava pálida; tinha os lábios pegajosos da febre e sanguinolentos, provavelmente por causa do ataque. do seu rosto não se apagara ainda uma expressão de espanto e tristeza dolorosa que, segundo parecia, nem em sonhos a deixava. Tomei a decisão de ir procurar um médico no dia seguinte, se ela estivesse pior. Receava que aquilo acabasse por degenerar numa febre verdadeira.

«O príncipe deve ter-lhe metido medo», pensei, estremecendo e lembrando-me do que ele me contara daquela rapariga, que lhe atirara com o seu dinheiro à cara.

Capítulo segundo

Passaram-se duas semanas. Nelly restabeleceu-se. Não chegou a ter febre, mas esteve muito mal. Levantou-se da cama já em fins de Abril, num dia luminoso, radiante. Era na Semana Santa.

Pobre criatura! Não posso continuar a minha narrativa seguindo a mesma ordem que até aqui. Muito tempo passou já até ao momento actual, em que descrevo todo este pretérito; mas ainda agora sinto uma funda, angustiante tristeza, ao recordar aquela carita pálida, vincada; aquele longo e triste olhar dos seus olhos pretos, quando ficávamos sozinhos e ela se punha a olhar-me, na sua caminha, a olhar-me longamente, de uma maneira que parecia convidar-me a adivinhar o que se passava na sua alma, mas ao ver que eu não o adivinhava e persistia na minha ignorância anterior, sorria para si mesma em silêncio e, de repente, estendia-me a sua mãozinha escaldante, de dedinhos fracos, descarnados. Agora já tudo passou: já tudo se sabe: mas ainda hoje ignoro todos os segredos desse coraçãozinho doente, torturado e ofendido Sinto que estou a afastar-me da minha narrativa; é que neste momento, não queria pensar em mais ninguém senão em Nelly. Coisa estranha: agora que estou só no meu leito de doente, abandonado de todos aqueles a quem tanto amei... agora vem-me de repente à memória um pequeno pormenor daquele tempo, em que então quase nunca reparava e depois logo esquecia, e, sem eu querer, assume a meus olhos um significado totalmente diferente, que aclara e ilumina aquilo que até aqui não consegui compreender.

Nos primeiros quatro dias de doença, nós, eu e o médico, receávamos terrivelmente por ela; mas ao quarto dia o médico chamou-me à parte e disseme que nada receasse, pois ela restabelecer-se-ia de certeza. Era aquele mesmo médico que eu conhecia já algum tempo, um velhinho solteirão, bondoso e extravagante, que chamei aquando da primeira doença de Nelly, e que tanta impressão lhe causou com o seu Estanislau (*) de dimensões invulgares, ao pescoço.

— Então não há motivo para receio! — exclamei num alvoroço.

— Não, desta ainda escapa, mas está condenada a não viver muito.

— Como? Porquê? — exclamei acabrunhado perante tal prevenção.

— Sim, não há dúvida de que há-de morrer nova. A doentinha tem um defeito constitucional no coração e ao menor contratempo tornará a cair doente. Poderá acontecer que volte a restabelecer-se, mas para recair de novo, e finalmente morrerá.

— E não há maneira nenhuma de salvá-la? Não, isso não pode ser!

— É um caso irremediável. Embora, é claro, se lhe evitarem todos os contratempos desagradáveis, se lhe assegurarem uma vida tranquila e aprazível, se lhe proporcionarem mais satisfações, talvez possa afastar-se a morte, e até se dão casos... inesperados, anormais e raros... Numa palavra: poderia salvar-se a doentinha se se desse uma série de circunstâncias favoráveis, embora salvá-la radicalmente... isso, nunca.

(*) Medalhão com a efígie de S. Estanislau, patrono dos médicos. (N. do T.)

— Mas, meu Deus, que fazer, agora?

— Seguir as minhas indicações: que leve uma vida tranquila e tome os remédios às horas marcadas. Já reparei que esta menina é voluntariosa, de um temperamento irregular e até um pouco trocista; não gosta de tomar os remédios receitados e até chega mesmo a negar-se a tomá-los.

— É verdade, doutor. De facto, é uma criança estranha, mas atribuo isso à sua excitação doentia. Ontem esteve muito obediente, mas hoje, quando lhe levei o remédio, deu um empurrãozito à colher, como se o fizesse sem querer, e entornou tudo. Quando lho quis dar pela segunda vez, tirou-me o frasco das mãos, atirou-o ao chão e depois pôs-se a chorar... Mas não acredito que fizesse isso por a obrigarem a tomar remédios — acrescentei, pensativo.

— Hum! Irritação. Essa grande infelicidade que sofreu! — eu tinha contado ao médico pormenorizadamente e com toda a sinceridade a história de Nelly, e a minha narrativa impressionaro-o profundamente.

— Tem ainda os seus efeitos naquilo que se está a passar e é daí que deriva a sua doença. Por agora o único meio... consiste em tomar os medicamentos e ela tem obrigação de tomá-los. Hei-de voltar e fazer-lhe-ei ver a sua obrigação, que ela deve seguir as prescrições do médico e... falando de uma maneira geral, tomar os remédios.

Saímos da cozinha, onde tivemos esta conversa, e o médico voltou a aproximar-se da cama da doentinha.

Mas, pelos vistos, Nelly estivera à escuta; pelo menos tinha erguido a cabeça da almofada e parecia ter compreendido a nossa conversa; devia ter ouvido tudo. Observei isto pela frincha da porta entreaberta.

Quando nos aproximámos a espertalhona tornou a embrulhar-se na dobra da coberta e olhou-nos com um sorriso trocista. A pobrezinha enfraquecera muito naqueles dias de doença; tinha os olhos encovados e a febre ainda não a deixara. Aquele ar trocista do seu rosto e o brilho vivo dos seus olhos admiraram muito o médico, que era o mais bondoso de todos os alemães que havia em Petersburgo.

Esforçando-se o mais possível por suavisar o tom de voz pôs-se, com toda a seriedade, com afectuosidade e com ternura, a demonstrar-lhe a necessidade de tomar os remédios, que eram bons, a obrigação que todos os doentes tinham de tomá-los. Nelly ergueu a cabeça, mas, de repente, com um gesto na aparência perfeitamente involuntário, deu um empurrão na colherzinha e outra vez o remédio se entornou no chão.

Tenho a certeza de que o fez propositadamente.

— Foi uma imprudência aborrecida — disse o velhote tranquilamente — e tenho a impressão de que a menina fez isto de propósito, o que é uma má acção. Mas... tudo se pode remediar. É trazer outra vez o remédio.

Nelly riu-se francamente na cara do médico, o qual abanava a cabeça devagar.

— Isso é uma maldade — disse, trazendo-lhe uma nova porção de remédio, — uma grande maldade.

— Não se zangue comigo — respondeu Nelly, esforçando-se por não se rir outra vez — que eu vou tomá-lo...

Fica a gostar de mim?

— Se se portar como deve ser, ficarei a gostar muito.

— Muito?

— Muito.

— E agora não gosta de mim?

— Gosto — E dá-me um beijinho se eu lhe der outro?

— Sim, se o merecer.

Nelly não pode conter-se e tornou a rir.

— A nossa doentinha tem um temperamento alegre; mas agora... esses nervos e esses caprichos... — disseme o médico em voz baixa, com uma expressão muito séria.

— Bem, vou tomar o remédio — exclamou Nelly, de repente, com a sua vozinha fraca — mas quando eu for crescida casa comigo?

Provavelmente a ideia desta nova brincadeira divertia-a muito. Os seus olhos chispavam fogo, mas os seus lábios reprimiam o riso, à espera da resposta do médico, já desorientado.

— Claro que sim! — respondeu este sorrindo involuntariamente perante esse novo gracejo. — Sim, se for uma boa rapariga, educada, obediente e...

— E tome os remédios, não é verdade? — concluiu Nelly-

— Oh! Isso mesmo, sim senhora, se tomar os remédios.

É uma boa menina — murmurou-me ao ouvido. — É muito, muito... bondosa e inteligente; no entanto... isso de casar-me com ela! Que lembrança tão estranha!

E tornou a insistir com o medicamento. Mas desta vez já nem sequer se serviu de artimanhas, deu simplesmente um empurrão à colher, às claras, e todo o remédio se entornou sobre a camisa e a cara do pobre velho. Nelly soltou uma gargalhada, mas já não do mesmo modo simples e jovial de antes. No seu rosto reflectia-se algo de cruel, de mau. Durante todo esse tempo parecia fugir do meu olhar, olhando unicamente para o médico, e com um sorrizinho, através do qual transparecia, no entanto, qualquer coisa de inquietação, esperava para ver o que iria fazer agora o *ridículo* velhote.

— Oh! Outra vez... Que pena! Mas... vamos dar-lhe outra colher — continuou o velho limpando o rosto e a camisa com o lenço.

Isso impressionou terrivelmente Nelly. Esperava que ficássemos zangados, que íamos começar a ralhar com ela, a fazer-lhe censuras, e talvez desejasse inconscientemente que assim fosse nesse instante, para ter um pretexto e se pôr em seguida a chorar, a gritar como uma histérica, a atirar, como antes, com as almofadas para o chão, ou até partir qualquer coisa na sua cólera, e satisfazer assim o seu caprichoso e doentio ressentimento. Caprichos desses costumam existir só nos doentes, não só em Nelly. Quantas vezes me tenho posto a passear pelo meu quarto de um lado para o outro com o desejo inconsciente de que alguém viesse ofender-me o mais brevemente possível ou me dissesse uma palavra que eu pudesse tomar como ofensa para desoprimir assim o coração! As mulheres também desabafam desta maneira e começam por derramar as lágrimas mais sinceras, mas as mais sensíveis acabam numa crise de histerismo. O que é muito simples e importante e costuma acontecer, sobretudo quando se tem um desgosto que os outros ignoram e se desejaria escondê-lo o mais possível de toda a gente.

Mas, de repente, Nelly apaziguou-se, desconcertada perante a angélica bondade do velho por ela ofendido, e pela paciência com que de novo ele lhe levou uma terceira colher de remédio, sem dirigir-lhe, uma única censura. O tal sorriso desapareceu dos seus lábios, corou e o seu olhar suavizou-se; olhou rapidamente para mim, mas voltou logo o rosto. O médico apresentou-lhe o remédio. Ela aceitou-o, tranquila e mansamente, pegou na mão do velho, vermelha e cabeluda, e depois fitou-o nos olhos.

— O senhor... está zangado porque eu sou má — ia para dizer; mas não acabou.

Escondeu-se na roupa, tapou a cabeça e desatou a soluçar ruidosamente, histericamente.

— Oh, minha filha... não chore! Isso não é nada... São os nervos. Beba um pouco de água.

— Mas Nelly não o escutava.

— Não se preocupe... não se aflija — continuou ele, também quase a chorar, pois era um homem muito sensível. — Prometo-lhe casar consigo, desde que continue a portar-se bem...

— E tome os remédios — ouviu-se debaixo da roupa, ao mesmo tempo um risinho nervoso, fino como o tilintar de campainha, entrecortado por soluços; um risinho que eu já conhecia.

— Boa e grata rapariguinha! — disse o médico com solenidade e quase com lágrimas nos olhos. — Pobre rapariga!

E a partir daí estabeleceu-se uma simpatia estranha entre ele e Nelly. Em compensação, Nelly mostrava-se cada vez mais arisca, nervosa e irritável. Eu não sabia a que atribuí-lo e admirava-me, sobretudo, porque aquela mudança se dera nela repentinamente. Nos primeiros dias da doença mostrava-se muito terna e carinhosa; parecia que não era capaz de desviar os olhos de mim; não se afastava do meu lado, costumava pegar na minha mão e uni-la à sua, febril, e obrigava-me a sentar junto dela, e se via que eu estava triste e pensativo esforçava-se por alegrar-me, dizia gracejos, brincava comigo e sorria-me, esquecendo-se das suas inquietações pessoais. Não queria que trabalhasse de noite nem ficasse a velá-la e afligia-se quando via que eu não lhe dava atenção. Às vezes, notava-lhe uma atitude preocupada; punha-se a perguntar e a querer saber porque estava eu triste, em que pensava; mas, coisa estranha, quando Natacha chegava, calava-se e punha-se a falar de outra coisa. Parecia fugir a falar de Natacha e isso admirava-me. Quando eu entrava em casa, ficava muito contente. Quando pegava no chapéu para sair, olhava-me com tristeza e de um modo estranho, como se me dirigisse uma censura, e seguia-me com a vista.

No quarto dia da doença passei toda a tarde e até uma parte da noite em casa de Natacha. Tínhamos muitas coisas para dizer. Quando saí de casa disse à minha doente que não me demorava, pois era realmente esse o meu pensamento. Quando me deixei ficar em casa de Natacha, quase involuntariamente, estava tranquilo a respeito de Nelly; não a deixara sozinha. Alexandra Semionovna, informada por Masloboiev, que me fizera uma pequena visita, de que Nelly estava doente e que eu tinha

muito que fazer e estava só, muito só, apressara-se a substituir-me ali. Meu Deus, como tagarelava aquela bondosíssima Alexandra Semionovna!

— Com que então ele não virá jantar connosco! Ah, meu Deus! E vive tão só, o pobrezinho, tão só! Pois bem, mostremos-lhe agora toda a nossa franqueza. Temos agora uma boa oportunidade.

Veio imediatamente para nossa casa, trazendo consigo e, finalmente, roupa branca: lençóis, toalhas, camisas de mulher, ligaduras, compressas... Uma farmácia completa depois do que desatou o embrulho. Trazia nele xaropes doce para doentes, um frango e uma galinha, para quando à nossa doentinha entrasse em convalescença; maçãs para cozer, laranjas, frutas secas de Kiev (se o médico consentisse) e, finalmente, roupa branca: lençóis, toalhas, camisas de mulher, ligaduras, compressas... Uma farmácia completa.

— Nós temos isto tudo — disse muito rapidamente e acentuando bem cada palavra, como se estivesse com pressa. — O senhor vive como um celibatário. Não tem quase nada destas coisas. Por isso dê-me licença que... além disso, foi o que Filipe Filipitch me mandou. Ora bem, vamos lá... Quanto mais depressa melhor!

Que é preciso fazer? Como está a doente? Conhece as pessoas? Ai, como ela está mal deitada! É preciso colocar bem a almofada para que fique com a cabeça mais baixa. Mas oiça, não seria melhor uma almofada de couro? Que tola eu sou! Não me lembrei de trazer... Hei-de ir buscá-la. Não será preciso acender o lume? vou trazer-lhe a minha velha. Eu tenho uma velhinha conhecida, e aqui, em sua casa, o senhor não tem quem possa servi-lo. Bem. Que é preciso trazer? Diga-me! Remédios... Que receitou o médico? Naturalmente alguma tisana para o peito. vou já acender o lume.

Mas eu tranquilizei-a e ela ficou muito admirada e até se afligiu quando me ouviu dizer que o caso não parecia de cuidado. O que no entanto não lhe tirou a coragem. Tornou-se imediatamente amiga de Nelly e ajudou-me muito durante todo o tempo da sua doença; visitava-nos quase diariamente e fazia uma cara como se alguma coisa se tivesse

extraviado e fosse preciso encontrá-la imediatamente. Dizia sempre que vinha por ordem de Filipe Filipitch. Nelly simpatizava muito com ela. Tomaram amizade uma pela outra, como duas irmãs, e eu penso que Alexandra Semionovna era, em muitas coisas, tão criança como a própria NellyContava-lhe histórias, fazia-a rir, e Nelly ficava muitas vezes triste quando Alexandra Semionovna se ia embora. A sua primeira vinda para nossa casa causou grande admiração à minha doente; adivinhou imediatamente porque viera aquela hóspede espontânea e, segundo o seu costume, ficou amuada, triste e taciturna.

— Porque veio ela para nossa casa? — perguntou-me Nelly, como se estivesse descontente, assim que Alexandra Semionovna saiu.

— Para te fazer companhia e tratar de ti, Nelly.

— Mas porquê? Porquê? Eu não fiz nada por ela.

— As pessoas boas não estão á espera que nós façamos nada por elas, Nelly. Gostam de dar o seu auxílio a quem precise dele, sem necessitarem disso. E assim , Nelly. Neste mundo há muitas pessoas boas.

Simplesmente tu não tiveste a felicidade de encontrá-las no teu caminho quando era preciso.

Nelly ficou calada. Eu afastei-me. Mas passado um quarto de hora já me chamava com a sua vozinha fraca; pediu-me chá e, de repente, cingiu-se contra mim, apoiou a cabeça no meu peito e ficou assim durante muito tempo sem me largar. No dia seguinte, quando Alexandra Semionovna chegou, recebeu-a com um sorriso alegre mas um pouco envergonhado.

Capítulo terceiro

Nesse dia eu passara todo o serão em casa de Natacha. Regressei já tarde. Nelly dormia. Alexandra Semionovna dormitava também, mas continuava sentada à cabeceira da doente e à minha espera. Começou a contar-me imediatamente, falando baixo, que Nelly, a princípio, estivera muito contente e se rira muito, mas que depois entristecera e, ao ver que eu não vinha, ficara silenciosa e pensativa. Depois começara a queixar-se de dores de cabeça, pusera-se a chorar e soluçava tanto «que eu já não sabia o que lhe havia de fazer», acrescentou Alexandra Semionovna.

— Falou-me de Natacha Nikolaievna, mas não sabia dizer-lhe nada acerca dela e então deixou de interrogar-me, as suas lágrimas abrandaram e acabou por adormecer. Bem adeus, Ivan Petrovitch. No entanto, parece-me que ela está melhor. Eu tenho de voltar para casa, conforme Filipe Filipitch me mandou. Confesso-lhe que, desta vez, apenas me enviou por duas horas e que fui eu que me demorei. Mas isso não tem importância, não se preocupe por minha causa; ele não se zanga... Simplesmente, se por acaso... Ai, meu Deus, meu caro Ivan Petrovitch, que se há-de fazer! Agora, acaba sempre por voltar bêbado para casa. Anda muito preocupado não sei com quê; mal me fala, está muito murcho, deve ter qualquer coisa de importante que o preocupa; mas todas as noites bêbado... A única coisa que eu penso é: «Se ele volta neste momento a casa, quem há-de ajudá-lo a deitar-se?» Mas bem, deixa-me ir, deixa-me ir. Adeus, adeus, Ivan Petrovitch! Já vi que tem muitos livros! E devem ser todos bons! Eu sou uma burra, nunca li nada... Bem, até amanhã...

No dia seguinte Nelly acordou amuada e arredia e não me queria falar. Não me dirigiu nem uma palavra, como se estivesse zangada comigo. Reparei que me examinava com alguns olhares, às escondidas, olhares em que havia um certo mau humor disfarçado, embora deixasse transparecer ternura, apesar de tudo, quando poisavam em mim. Nesse dia deu-se outra cena com o médico, quando este lhe deu o remédio. Eu

não sabia o que havia de pensar.

Mas Nelly mudara completamente para comigo. A sua estranheza, os seus caprichos e até, às vezes, o seu quase ódio, tudo isso se prolongou até ao último dia em que deixou de viver comigo, até ao surgir da catástrofe que veio pôr fim ao nosso romance. Hei-de falar disto mais para diante.

No entanto, acontecia às vezes que ela, durante uma hora, se tornava de repente tão carinhosa para comigo como antes. A sua ternura parecia redobrar nesses momentos; o mais frequente era que, então, irrompesse num choro amargo. Mas essas horas voavam rapidamente e logo voltava a afundar-se na antiga tristeza e a olhar-me com hostilidade, quando não se tornava também hostil para o médico, ou, de repente, ao notar que eu não achava graça a uma nova travessura sua, punha-se a rir, para acabar depois quase sempre a chorar.

Também zagarateava com Alexandra Semionovna e dizia-lhe que não precisava nada dela. Quando eu ralhava com ela diante de Alexandra Semionovna, enfurecia-se, respondia-me com uma certa má vontade acumulada; mas de súbito calava-se, e depois, tímida, ficava dois dias sem trocar uma palavra comigo, sem querer comer nem beber, e só o velho médico conseguia convencê-la e dominá-la.

Já disse que se estabelecera uma simpatia estranha entre ela e o médico, desde o primeiro dia em que tomara o remédio. Nelly gostava muito dele e recebia-o sempre com um sorriso alegre, como se todas as tristezas desaparecessem com a sua chegada. Por seu lado, o velho começava a visitar-nos diariamente e até duas vezes por dia, até mesmo quando Nelly se levantou e se restabeleceu completamente, e parecia que ela o fascinara de tal maneira que não podia passar um dia sem ouvir os seus risos e as suas brincadeiras, às vezes muito fortes. Começou a trazer-lhe livros com estampas, todos de índole instrutiva. Um deles comprou-o até de propósito para ela. Depois começou a trazer-lhe guloseimas em caixinhas muito graciosas. Nessas ocasiões costumava entrar com um ar solene, como se fosse o dia do aniversário de alguém, e Nelly adivinhava imediatamente que lhe trazia um presente. Mas ele não lho mostrava e,

limitando-se a sorrir maliciosamente, sentava-se junto dela e dizia-lhe que, se uma certa menina se tivesse portado bem na sua ausência e fosse merecedora de respeito, então com certeza que a tal menina seria digna de um prémio. Depois olhava para ela tão candidamente e tão bondosamente que Nelly se ria com o riso mais franco, mas ao mesmo tempo uma gratidão sincera, afectuosa, se reflectia naquele instante nos olhinhos radiosos. Por fim, o velho levantava-se solenemente da cadeira, puxava da caixinha com os doces e, quando lha entregava, dizia infalivelmente: — Para a minha futura e amada esposa.

Nesse instante, provavelmente, era mais feliz que Nelly Depois disto iniciava-se uma conversa, e ele, com seriedade e persuasão, exortava-a a olhar pela sua saúde e dava-lhe sugestivos conselhos médicos.

— Antes de mais, cuidar da saúde — dizia em tom dogmático —, que é a primeira e principal coisa para uma pessoa se manter entre os vivos, e em segundo lugar para ser sempre sadio e alcançar assim a felicidade na vida. Minha filha, se tem algum desgosto, esqueça-o, ou, para melhor dizer, faça por não se lembrar dele. Mas se não tem desgosto algum, então... também não pense neles e esforce-se, em compensação, por pensar em coisas agradáveis... em qualquer coisa de alegre e gracioso.

E em que coisa alegre e engraçada hei-de eu pensar? — perguntava Nelly.

Imediatamente o médico desanimava.

— Ora... ora... em qualquer brincadeira própria da sua idade; sobretudo nos seus estudos, ou também... bom, em qualquer coisa do género.

— Eu não quero brincar, não gosto de brincar — dizia Nelly. — Preferia um vestido novo.

— Um vestido novo! Hum! Isso é que já não está muito bem. Cada um deve contentar-se com a sua sorte na vida. Embora afinal... sim... também possa gostar de vestidos novos.

— E o senhor dá-me muitos vestidos quando casarmos?

— Que ideia! — exclamou o médico e, sem querer, ficava amuado. Nelly ria-se com malícia, e uma vez, sem dar por isso, deitou-me um

olhar no momento em que sorria. — Mas se se portar bem, eu compro-lhe os vestidos — continuou o médico.

— E também terei de tomar todos os dias o remédio quando for sua mulher?

— Pode ser que então já não tenha de o tomar todos os dias.— e o médico começou a sorrir.

Nelly interrompeu o diálogo com uma gargalhada. O velhinho riu, acompanhando a sua alegria com prazer.

— Que marota! — murmurou, dirigindo-se a mim. — via-se que em tudo isto há qualquer coisa de voluntarioso e de exaltação.

Tinha razão. Não havia dúvida, eu não sabia como havia de proceder com ela. Parecia que não queria de maneira nenhuma falar comigo, como se eu fosse culpado perante ela. O que me deixava numa grande amargura. Acabava também por ficar amuado e uma vez passei um dia inteiro sem lhe dirigir uma palavra, simplesmente no outro dia sentime envergonhado. As vezes punha-se a chorar e eu não sabia como havia de consolá-la. No entanto, uma vez quebrou o seu mutismo para comigo.

Dessa vez voltava eu para casa, ao cair da tarde, e reparei que Nelly escondia um livro debaixo da almofada.

Era o meu romance, que tinha ido buscar acima da mesa e que estivera a ler na minha ausência. «Porque o escondia de mim, como se isso a envergonhasse?», pensei eu. Mas fingi que não tinha percebido nada.

Passado um quarto de hora fui por um instante até à cozinha, e ela aproveitou a ocasião para saltar da cama e ir colocar outra vez o livro no seu lugar. Quando voltei encontrei-o já em cima da mesa. Passado um minuto ela chamou-me para o seu lado; na sua voz notava-se uma certa comoção. Havia já quatro dias que não me falava.

— Hoje... foi ver Natacha? — perguntou-me numa voz entrecortada.

— Sim, Nelly, tinha muita necessidade de vê-la. Ficou calada.

— Gosta muito dela? perguntou-me outra vez com uma voz fraca.

— Sim, Nelly, gosto muito dela.

Eu também gosto dela — acrescentou baixinho, e tornou a ficar

calada.

— Queria ir para junto dela e ficar a viver com ela —. começou de novo Nelly, olhando-me nos olhos.

— Isso não pode ser, Nelly — respondi-lhe um pouco surpreendido. — Não te sentes bem aqui?

— Mas porque não pode ser? — exclamou, exaltando-se. — O senhor tinha-me dito que eu podia viver com o pai dela, mas eu não quero. Ela tem criada?

— Tem.

— Pois bem, ela que despeça a criada que eu fico ao seu serviço. Farei tudo quanto ela precisar sem receber nada em troca; hei-de gostar muito dela e farei o serviço da cozinha Diga-lhe isto ainda hoje.

— Mas que capricho é esse, Nelly? Que pensas tu dela? Julgas que ela seria capaz de ficar contigo por criada?

Se ficasse contigo seria como tua igual, como a sua irmazinha mais nova.

— Eu não quero que seja como sua igual. Não quero.

— Mas porquê?

Nelly calava-se. Estava quase a chorar.

— Esse de quem ela gostava, deixou-a sozinha? — perguntou-me por fim.

Fiquei estupefacto.

— Mas como sabes tu isso, Nelly?

— Foi o senhor mesmo que me disse tudo, e anteontem de manhã, quando o marido de Alexandra Semionovna veio, eu perguntei-lho e ele contou-me tudo.

— Mas Masloboiev veio uma manhã?

— Veio — respondeu ela baixando os olhos.

— E porque não mo disseste?

— Porque...

Eu reflecti um momento. Sabe Deus o motivo por que aquele Masloboiev teria andado com aquele segredo.

Porque teria vindo? Era preciso sabê-lo.

— Bem. A ti que te importa, Nelly, que ele a tenha deixado?

— E que, como o senhor também gosta muito dela... há-de casar com ela, já que o outro a deixou.

— Não, Nelly, ela não gosta de mim como eu gosto, e eu... Não, isso não pode ser, Nelly.

— Eu serviria os dois como criada, e viveriam os dois juntos e seriam felizes — propôs ela quase num murmúrio, sem me olhar.

«Que lhe teria acontecido, que lhe teria acontecido!», pensava eu muito agitado.

Nelly ficou calada e durante toda a noite já não voltou a dizer mais nada. Quando eu me retirei pôs-se a chorar e assim ficou toda a tarde seguinte, conforme me disse Alexandra Semionovna, e adormeceu a chorar.

Também nessa noite chorou em sonhos e disse palavras delirantes.

Mas a partir desse dia tornou-se ainda mais arredia e tristonha e deixou completamente de falar-me. É verdade que notei dois ou três olhares seus, dirigidos para mim, às furtadelas, e que nesses olhares transparecia tanta ternura... Mas isso desapareceu juntamente com o momento que provocara aquela súbita ternura. E, como se resistisse a este impulso, Nelly, quase de hora a hora, tornou-se mais carrancuda, inclusivamente com o médico, que se admirava desta transformação.

Entretanto, estava já quase completamente restabelecida, e o médico permitiu-lhe finalmente passear ao ar livre, mas apenas por um momento. Estava um tempo claro, temperado. Era na Semana Santa, que dessa vez deitara para muito tarde; eu saí de manhã cedo; necessitava absolutamente de falar com Natacha, mas pensava voltar cedo para casa, para ir buscar Nelly e dar um passeio com ela. Entretanto, ela ficara sozinha.

Mas não posso descrever aquilo que me esperava em casa. Vinha com pressa. Entro e vejo que a chave está do lado de fora da porta. Olho: em cima da mesa, um papelinho, e nele, garatujado a lápis, numa letra grande e desigual: *Saio de sua casa e não voltarei. Mas gosto muito de si. Sua Nelly.*

É. Dei um grito de espanto e corri para a rua.

Capítulo quarto

Não tivera tempo sequer de chegar à rua; não tivera tempo ainda para pensar o que havia de fazer qvando uma carruagem parou à nossa porta e dela se apeou Alexandra Semionovna, conduzindo Nelly pela mão. Trazia-a muito bem segura, como se receasse que ela fugisse pela segunda vez. Corri imediatamente para elas.

— Nelly, que fizeste? — exclamei. — Para onde fugiste? E porquê?

— Acalme-se, não se desoriente; vamos lá para cima o mais depressa possível e já saberá tudo — murmurou Alexandra Semionovna. — Que coisas tenho para contar-lhe, Ivan Petrovitch! — acrescentou à pressa pelo caminho. — É espantoso... Vamos lá que já vai ficar a saber tudo.

Lia-se-lhe no rosto que trazia notícias de extrema gravidade.

— Retira-te, Nelly, retira-te, deita-te um pouco — disse assim que chegámos a casa. — Estás esgotada, essa corrida não foi brincadeira nenhuma. E sobretudo por cima de uma doença dessas. Deita-te um pouco, querida, deita-te. E o senhor venha comigo lá para dentro, pois aqui não a deixamos dormir — e fez-me sinal para passar com ela para a cozinha.

Mas Nelly não se deitou. Sentou-se no divã e tapou o rosto com as duas mãos.

Alexandra Semionovna e eu tomámos chá e ela contou-me rapidamente o acontecido. Depois vim ainda a saber mais pormenores sobre o assunto. E eis aqui o que acontecera.

Quando saiu de casa, duas horas antes do meu regresso, depois de me ter deixado o jantar feito, Nelly correu em primeiro lugar a casa do velho médico. Tivera o cuidado de conseguir antes o endereço. O médico contou-me que ficara gelado de susto quando viu Nelly em sua casa, e que todo o tempo que ali esteve *nem queria acreditar naquilo que os seus olhos viam.*

— Ainda agora me parece mentira — acrescentou, como até da sua história. — E nunca o acreditarei.

E, no entanto, Nelly estivera de facto em sua casa. Estava O o médico tranquilamente sentado na sua poltrona, no seu escritório, de bata e saboreando o café, quando ela entrou e lhe deitou os braços ao pescoço, antes que ele pudesse aperceber-se. Chorava, abraçava-o e enchia-o de beijos; beijava-o nas mãos e, com palavras persuasivas, embora incoerentes, pedia-lhe que a deixasse viver a seu lado. Dizia que não queria nem podia continuar a viver comigo e por isso me tinha deixado; que isso lhe custava muito; que daí por diante não tornaria a rir-se dele nem a falar dos seus vestidos novos e que se portaria bem e estudaria, aprenderia a *coser e a passar-lhe as camisas* (provavelmente preparara todo este pequeno discurso durante o caminho e talvez ainda com mais antecipação), e que, finalmente, lhe obedeceria em tudo, e tomaria os remédios que ele mandasse, ainda que tivesse de fazê-lo todos os dias. E que se tinha dito que queria ser sua esposa, fora por graça e que nunca pensara nisso. O velho alemão ficou tão desconcertado que esteve todo aquele tempo de boca aberta, com a mão que segurava o cigarro suspensa no ar e esquecido deste a tal ponto que ele se gastou sem dar por isso.

— *Madmuasel!* — exclamou por fim, recuperando um pouco o uso da palavra. — *Madmuasel,* se bem percebi, está a pedir-me que a receba em minha casa. Mas isso é impossível. Pode ver pelos seus próprios olhos que eu vivo com muita modéstia e não possuo nenhum rendimento certo... Em resumo: assim, de repente, sem ter pensado antes... É horrível! E, além disso, a menina, segundo vejo, fugiu de casa. Isso não está certo, e é impossível... E, finalmente, eu só lhe dei autorização para passear um bocadinho nos dias em que houver bom tempo, à vista do seu protector, e a menina deixa-o e vem para minha casa, quando devia ter cuidado consigo e... e... tomar os remédios. E, finalmente... finalmente, eu não compreendo absolutamente nada...

Nelly não o deixou continuar a falar. Pôs-se outra vez a chorar e de novo tornou a suplicar-lhe a mesma coisa; mas não conseguiu nada. O velho estava cada vez mais estonteado e cada vez compreendia menos. Por isso, Nelly deixou-o e exclamou «Ai meu Deus!», saindo do quarto a

correr.

— Eu fiquei doente todo esse dia — acrescentou o médico ao terminar a sua narrativa — e à noite tive de tomar uma infusão...

Nelly dirigiu-se então a casa de Masloboiev. Possuía também a sua direcção, mas ainda teve alguma dificuldade em dar com ela. Masloboiev estava em casa. Alexandra Semionovna bateu as palmas quando ouviu o pedido de Nelly, de que a deixasse ficar com ela. Mas às suas perguntas: «Porque queria isso? Se não estava contente junto de mim?», Nelly não respondera e deixara-se cair, soluçando, numa cadeira.

— Soluçava de uma maneira, soluçava tanto — contava-me Alexandra Semionovna —, que eu pensei que ela ia morrer ali.

Nelly pedia-lhe que a aceitasse, ainda que fosse como criada ou cozinheira; que varreria o chão e aprenderia a lavar a roupa, (nisso de lavar a roupa branca depositava ela as maiores esperanças, pensando que era a melhor recomendação para que a aceitassem). A intenção de Alexandra Semionovna era ficar com ela até que o caso se aclarasse, quando mo participasse. Mas Filipe Filipitch opôs-se decididamente e mandou imediatamente que me fosse entregue a fugitiva. Durante o caminho Alexandra Semionovna abraçou-a e beijou-a e Nelly voltou outra vez a chorar. Alexandra Semionovna, ao vê-la assim, chorava também. E vieram assim as duas a chorar durante todo o caminho.

— Mas porque não queres tu, Nelly, viver com ele? Ofendeu-te em qualquer coisa? — perguntava-lhe Alexandra Semionovna enxugando as lágrimas.

— Não, ofendér-me não me ofendeu.

— Bem. Então porque é?

— Por nada, mas não quero viver com ele... Não posso... Eu sou muito má para ele... e ele é muito bom. Mas em sua casa não me hei-de portar mal; trabalharei — dizia, soluçando, como num ataque de histerismo.

— Mas porque és tão má para ele, Nelly?

— Porque sou.

— E não consegui mais que arrancar-lhe esse *porque sou* — concluiu Alexandra Semionovna, enxugando as lágrimas. — Porquê tanto

sofrimento? Que pensa o senhor, Ivan Petrovitch?

Fomos ver Nelly. Estava deitada, com a cabeça escondida debaixo das almofadas, e chorava. Eu pus-me diante dela, de joelhos; peguei-lhe nas mãos e comecei a beijar-lhas. Ela retirou as mãozitas e aumentou ainda mais os soluços. Eu já não sabia o que havia de dizer-lhe. Nesse momento entrou o velho Ikmeniev.

— Venho falar do caso contigo, Ivan. Como estás? — disse, olhando-nos a todos muito admirado, quando me viu de joelhos.

O velho estivera doente todo aquele tempo. Estava pálido e fraco, mas, como se quisesse mostrar fanfarrão com alguém, desprezou a sua doença, não escutou os conselhos de Ana Andreievna, não ficou na cama e continuou a sair para tratar dos seus assuntos.

— Dê-me licença, por um momento — disse Alexandra Semionovna, depois de olhar o velho. — Filipe Filipitch disseme que não me demorasse. Temos que fazer. Mas voltarei esta tarde, por uma hora ou duas.

— Quem é? — perguntou o velho com voz baixa, como se estivesse a pensar noutra coisa.

Expliquei-lho.

— Hum! Mas vamos ao assunto, Ivan.

Eu sabia de que assunto se tratava e aguardava a sua visita. Vinha falar comigo e com Nelly, pedir-me que lhe consentisse levá-la para a sua companhia. Ana Andreievna consentira finalmente em levar uma órfã para sua casa. E isso foi devido às nossas entrevistas secretas. Eu tinha visitado Ana Andreievna e dissera-lhe que a presença de uma órfã, cuja mãe concitara também a maldição paterna, talvez fizesse que os sentimentos do nosso velho enveredassem por outro caminho. Expliquei-lhe tão claramente o meu plano que foi ela própria quem instou depois com o marido para que perfilhassem uma órfã. O velho tomou o assunto a peito; em primeiro lugar, queria agradar à esposa e, além disso tinha também as suas ideias particulares... Mas disto falarei depois mais pormenorizadamente.

Já disse que Nelly não simpatizara com o velho, desde a primeira

visita. Depois reparei que nos seus olhos se reflectia também uma certa aversão quando eu pronunciava perante ela o nome de Ikmeniev. O velho entrou imediatamente no assunto, sem estar com preâmbulos. Dirigiu-se a Nelly, que continuava ainda de cama; destapou-lhe o rosto e, pegando-lhe na mão, perguntou-lhe se queria viver com ele, para o lugar da sua filha.

— Eu tinha uma filha à qual queria mais que a mim mesmo — concluiu o velho —, mas agora já não está comigo. Morreu. Queres ocupar o seu lugar na minha casa... e no meu coração?

— Não, não quero — respondeu Nelly sem levantar a cabeça.

— Mas porquê, minha filha? Tu não tens ninguém. Ivan não pode ter-te decentemente em sua casa; em compensação, na nossa, estarás como na de teus pais.

— Não quero, porque o senhor é mau. Sim, mau — acrescentou levantando a cabeça e endireitando-se na cama, diante do velho. — Eu sou má, muito má, mas o senhor ainda é pior do que eu...

Quando disse isto, Nelly empalideceu; os seus olhos chispavam fogo; também os seus lábios, trementes, empalideceram e se crisparam devido à comoção. O velho olhava-a atónito.

— Sim, é mais mau do que eu porque não quer perdoar à sua filha; quer esquecê-la completamente e pôr outra no seu lugar. Mas será possível esquecer uma filha? Poderá o senhor gostar de mim? Todas as vezes que me olhar há-de recordar que sou uma estranha na sua casa, que tinha uma filha que votou ao esquecimento, porque é um homem cruel. E eu não quero viver com gente má. Não quero, não quero!

Nelly soluçou e olhou-me timidamente.

— Amanhã é o dia da Aleluia; toda a gente se beija e se abraça, todos se reconciliam, todos perdoam mutuamente as suas culpas... E para que veja que o sei... Só o senhor... Seu desalmado!

E pôs-se a chorar. Parecia que tinha já essas palavras preparadas de antemão para o caso do velho ir convidá-

la a ir para casa. O velho ficou perturbado e mudou de cor. Um grande sofrimento se reflectiu no seu rosto.

— Mas porquê, porque se preocupam todos comigo? Não quero, não quero! — exclamou Nelly, de repente, com uma certa exaltação. — Irei pedir esmola!

— Nelly, que tens tu? Nelly, minha querida! — exclamei eu involuntariamente; mas a minha exclamação não fez mais que atiçar o fogo.

— Sim, prefiro lançar-me à rua a pedir esmola que continuar aqui — exclamou soluçando. — Minha mãe pedia esmola e, quando morreu, disseme: «És pobre e mais vale mendigar que... Pedir esmola não é uma vergonha.» Não a pedirei a uma só pessoa, pedi-la-ei a toda a gente e toda a gente não é só uma pessoa; a uma, faz vergonha pedi-la, mas a toda a gente não é vergonhoso; foi o que me disse uma mendiga. Repare: eu sou pequena, ninguém me quer. Por isso pedirei esmola a toda a gente. Não quero, não quero, eu sou má, pior que ninguém. Oh, como eu sou má!

E de súbito, Nelly, de um modo completamente inesperado, pegou numa chávena que estava em cima da mesa e, olhando para mim com uma solenidade provocante, atirou-a ao chão.

— Tínhamos duas chávenas — disse ela. — A outra, também já a parti. Agora onde é que toma o chá?

Estava furiosa e parecia sentir prazer naquela fúria, como se ela própria reconhecesse que aquilo era vergonhoso e mau e, ao mesmo tempo, inflamava-se para novos arrebatamentos.

— Está doente, Vânia; deve ser isso! — disse o velho — A não ser que... a não ser que eu já não compreenda as pessoas. Adeus!

Pegou na sua pele de abafo e apertou-a na mão. Parecia esgotado. Nelly tinha-o ofendido de uma maneira terrível. Eu sentia uma revolta enorme.

— Não tiveste piedade dele, Nelly! — Exclamei quando ficámos sozinhos. — Não tens vergonha, não tens vergonha! Não, tu não és boa, és horrivelmente má!

E, tal como estava, sem chapéu, deitei a correr atrás do velho. Desejava alcançá-lo antes que chegasse à porta e dizer-lhe duas palavras

de consolação. Quando descia a escada a correr, parecia-me ver ainda à minha frente o rosto de Nelly, que empalidecera espantosamente perante as minhas censuras.

Depressa alcancei o velho.

— Ofenderam essa pobre rapariga e está magoada, acredita, Ivan. Eu comecei a falar-lhe das minhas coisas — disse, sorrindo amargamente — e toquei nas suas feridas. Dizem que o saciado não compreende o esfomeado, mas eu, Vânia, acrescentaria que até o esfomeado nem sempre entende o esfomeado.

Tentei falar-lhe de outras coisas, mas o velho moveu a mão.

— Nada de consolações. Faz antes o possível para que ela não fuja; olha de uma tal maneira... — acrescentou, com certa malícia.

E afastou-se de mim a grandes passadas, agitando a bengala e batendo com ela no passeio.

Mal podia imaginar que estava a fazer uma profecia certa.

Que não senti eu, quando ao regressar a casa, cheio de espanto, já aí não encontrei Nelly! Vim até ao patamar na escada, chamei-a no quarto vizinho e perguntei por ela; não queria nem podia acreditar que tivesse voltado a fugir. E como podia ela ter fugido? A casa apenas tinha uma porta. Quando saiu, precisava de ter passado diante de nós, enquanto eu estava a falar com o velho. Mas logo a seguir pensei, com grande tristeza, que podia ter-se escondido em algum sítio na escada, à espera que eu voltasse para casa, para fugir de maneira que eu não pudesse encontrá-la. Fosse como fosse, não devia estar muito longe.

Voltei a procurá-la, com grande inquietação, deixando a porta aberta, como se fosse por acaso.

Antes de mais, dirigi-me a casa de Masloboiev. Mas ele não estava em casa, nem tão pouco Alexandra Semionovna. Depois de lhes deixar um bilhete comunicando-lhe a nova infelicidade, e pedindo-lhes que se Nelly aparecesse por ali mo comunicassem imediatamente, fui à casa do médico. Também não estava e a criada disseme que, depois da sua última visita, não voltara a fazer outra. Que fazer? Dirigi-me à Bubnova e soube por um empregado amigo que ela fora presa no dia anterior, não sei

porque motivo, e que até *então* não tinha visto Nelly. Esgotado, desanimado, voltei de novo para casa de Masloboiev. A mesma resposta.

Ninguém lá tinha ido e os donos da casa ainda não tinham regressado. O meu bilhete continuava em cima da mesa. Que me restava fazer?

Voltei a casa com um tédio mortal, já noite avançada. Precisava de ir ver Natacha nessa noite; ela própria me mandara chamar de manhã. Eu não tinha comido nada durante todo o dia. A lembrança de Nelly torturava-me.

— Que será? — pensava eu. — Será isto uma estranha consequência da doença? Estaria ela já louca ou apenas a aproximar-se da loucura? Mas, meu Deus! Onde estará ela agora, onde poderei encontrá-la?»

Mal eu proferia esta exclamação quando de súbito vi Nelly a alguns passos de mim, na ponte de V... Estava de pé, junto de um lampião, e não me viu. Quis correr para ela mas detive-me.

«Que fará ela ali?», pensei, perplexo.

E, já com a certeza de que dessa vez não a perderia de vista, decidi esperar e observá-la. Passaram dez minutos e ela continuava ali, olhando para os transeuntes.

Finalmente passou um velhote bem vestido e Nelly aproximou-se. Ele sem parar, tirou qualquer coisa da algibeira e deu-lha. Ela fez-lhe uma reverência. Não posso exprimir o que senti naquele momento. O coração estremeceu-me, dolorosamente, como se qualquer coisa estimada, que eu amava, acariciava e amimava, se envilecesse e consumisse à minha vista naquele momento, e ao mesmo tempo brotaram lágrimas dos meus olhos.

Sim, lágrimas pela pobre Nelly, embora ao mesmo tempo sentisse um enorme aborrecimento; ela não pedia por necessidade; não vivia abandonada nem se encontrava exposta por ninguém à mercê da sorte; não fugira ao poder de opressores cruéis, mas da casa de amigos que a amavam e estimavam. Parecia antes que se se propusera assombrar ou assustar alguém com as suas proezas, como se quisesse dar-se ares de pessoa valente.

Perante quem? Mas algo de misterioso se agitava na sua alma... Sim, o velho tinha razão, ela estava ofendida, a sua ferida não podia sarar e parecia que se comprazia em irritá-la com aquele receio, com aquela desconfiança por toda a gente. Dir-se-ia que gozava com o seu mal, com aquela *dor egoísta,* se me é permitida a expressão. Este irritar da ferida e ter prazer nela era compreensível para mim; é o prazer de muitos ofendidos e agravados, maltratados pela sorte e convencidos da sua injustiça. Mas de que injustiça podia Nelly queixar-se? Parecia que queria assombrar-nos e assustar-nos com as suas façanhas, com os seus caprichos, com as suas lembranças selvagens; como se quisesse mostrar-se fanfarrona perante nós... Mas não.

Agora ela estava só, nenhum de nós a via pedir esmola. Dar-se-á o caso de que ela sozinha ache prazer nisto?

Para que precisa de esmolas? Para que quer o dinheiro?

Depois de receber uma esmola retirou-se da ponte e aproximou-se da montra iluminada de uma loja. Aí, pôs-se a contar o que tinha recebido; eu estava apenas a dez passos. Tinha bastante dinheiro na mão; era evidente que estivera a pedir desde manhã. Apertando-o na mão atravessou a rua e dirigiu-se para uma loja. Eu encaminhei-me imediatamente para a porta da loja, que estava aberta de par em par, e olhei. Que iria ela fazer ali?

Vi que colocava dinheiro sobre o balcão e que lhe entregavam uma chávena, uma simples chávena para chá, semelhante àquela que pouco antes tinha quebrado, para nos dar a entender, a mim e a Ikemeniev, como era má. Aquela chávena poderia valer cinco copeques e até talvez menos. O comerciante embrulhou-a em papel, atou-a e entregou-a a Nelly, que se apressou a sair da loja com uma expressão de contentamento.

— Nelly! — gritei-lhe, quando ia a passar junto de mim. — Nelly!

Ela estremeceu, olhou para mim, deixou escapar a chávena da mão, que caiu e se partiu. Nelly estava pálida, mas, quando me olhou e se convenceu de que eu a tinha visto e sabia tudo, de repente, fez-se muito vermelha, e esse rubor revelava uma vergonha intolerável, dolorosa.

Peguei-lhe na mão e levei-a a casa, que ainda estava longe. Nem uma só palavra trocámos durante o caminho. Já em casa, sentei-me. Nelly estava de pé, na minha frente, apreensiva e comovida, pálida como antes, de olhos fixos no chão. Não podia olhar-me na cara.

— Nelly, tu pediste esmola?

— Sim! — murmurou ela, e ficou ainda mais meditativa.

— Querias juntar dinheiro para comprar outra chávena como a que partiste?

— Sim...

— Mas eu censurei-te ou ralhei-te por causa disso? Não vês, Nelly, quanta maldade, quanta maldade deliciada consigo própria há na tua conduta? Achas isso bem? Não tens vergonha? Não...

— Vergonha? — murmurou ela com uma voz quase imperceptível, enquanto uma lagrimazinha rolava pela sua face.

— Vergonha — repeti eu por minha vez. — Nelly minha filha, se te ofendi em qualquer coisa perdoa-me e façamos as pazes.

Ela olhou para mim, as lágrimas brotaram dos seus olhos e lançou-se contra o meu peito.

Nesse instante Alexandra Semionovna apareceu a correr.

— O quê? Já está em casa? Outra vez? Ai! Nelly, Nelly, mas que te aconteceu? Bem. Ao menos ainda teve o bom senso de voltar a casa... Onde a encontrou, Ivan Petrovitch?

Fiz sinal a Alexandra Semionovna para que não continuasse a perguntar e ela compreendeu-me. Perdoei a Nelly, com ternura, mas ela continuava a chorar amargamente; pedi à bondosa Alexandra Semionovna que continuasse a fazer-lhe companhia até que eu voltasse e dirigi-me a toda a pressa para casa de Natacha. Estava atrasado e por isso tinha *de* correr.

Nessa noite, o nosso destino decidia-se; eu tinha muitas coisas que falar com Natacha, no entanto fiz recair a conversa sobre Nelly e contei-lhe tudo quanto se passara, com todos os pormenores. O meu relato interessou muito Natacha e até lhe fez impressão.

— Sabes uma coisa, Vânia? — disse pensativa. — Tenho a impressão

de que ela está apaixonada por ti.

— O quê? Que dizes? — exclamei eu surpreendido.

— Nada! Que isso é um começo de amor, de paixão de mulher...

— Não continues, Natacha! Não vês que é uma criança? — Que em breve vai fazer catorze anos. tudo isso é puro desespero por ver que tu não compreendes o seu amor, sim, que talvez nem ela mesma o compreenda; desespero em que há muito de pueril, mas *também de seriedade,* que é sério, doloroso. Tu gostas tanto de mim que, verdadeiramente, só pensas em mim e só te preocupas comigo e falas de mim, sem lhe dedicar, a ela, a menor atenção. Ela repara e isso exaspera-a. É possível que quisesse falar contigo, que sinta a necessidade de abrir-te o coração, mas não sabe, tem vergonha, não se compreende a si própria; espera uma oportunidade, e tu, em vez de provocares essa oportunidade, afastas-te dela, deixa-la para me vires ver a mim, e até quando esteve doente a deixaste dias inteiros sozinha.

Por isso ela chora; sente a tua falta e o que mais lhe custa é ver que tu não o notas. Bem vês, agora mesmo, neste momento, acabas de deixá-la sozinha para vires ver-me. E por isso é capaz de ficar doente amanhã, e tu, também, como podes tu deixá-la? Volta para o seu lado quanto antes...

— Eu não a deixaria sozinha, mas...

— Bem, vai. Fui eu própria que te pedi que viesses. Mas agora vai.

— Sim, mas fica sabendo que não acredito nada disso.

— Porque isto não se parece com o resto. Lembra-te da sua história; medita sobre tudo e depois já te convencerás. Ela não foi criada contigo, como eu...

Apesar disto, regressei tarde. Alexandra Semionovna contou-me que Nelly, tal como na noite anterior, também tinha chorado muito, e *também 'adormecera a chorar...* mas que «agora vou-me embora, Ivan Petrovitch, conforme me mandou Filipe Filipitch, que já deve estar farto de esperar por mim».

Agradeci-lhe e sentei-me à cabeceira de Nelly. Custava-me tê-la deixado naquelas circunstâncias. Fiquei sentado durante muito tempo, junto dela, a pensar... Horas fatais foram essas...

Mas é preciso contar o que se passou nessas últimas semanas.

Capítulo quinto

Depois daquela noite, que nunca mais poderei esquecer, aquela que me levou ao restaurante de B... em companhia do príncipe, durante alguns dias consecutivos senti um verdadeiro receio por Natacha. «Que ameaças lhe fará este maldito príncipe e, sobretudo, qual a vingança que trama contra ela?», a mim próprio perguntava a todos os momentos e perdia-me em diversas conjecturas. Cheguei finalmente à conclusão de que as suas ameaças não eram nenhum absurdo nem tinham nada de fantástico, e que enquanto ela vivesse com Aliocha, o príncipe, efectivamente, podia proporcionar-lhe muitos dissabores. «É exigente, vingativo e interesseiro», dizia eu para mim próprio. Dificilmente poderá esquecer uma ofensa e não aproveitar a primeira ocasião que se lhe apresente para vingar-se. Seja como for, ele indicou-me um ponto concreto em todo este assunto e exprimiu-se com toda a clareza: tinha absoluta necessidade da ruptura de Aliocha com Natacha, e contava comigo para a ir preparando para uma separação iminente, para que não viessem a dar-se nem *cenas sublimes nem dramas à Schiller.* Evidentemente que se esforçava por todos os meios para que Aliocha ficasse satisfeito com ele e continuasse a tê-lo por um pai amante, o que lhe era muito necessário para poder depois manejar o dinheiro de Kátia. Por isso eu me via na necessidade de preparar Natacha para uma ruptura iminente. Mas eu observara uma notável mudança em Natacha: da sua antiga franqueza comigo não havia agora nem uma amostra; e mais, parecia desconfiar de mim. As minhas consolações só serviam para mortificá-la; as minhas perguntas contrariavam-na cada vez mais e chegavam até a aborrecê-la. Sentava-me diante dela e observava-a. Ela andava no quarto de um lado para o outro, de braços cruzados, severa, pálida, distraída, esquecida de tudo, inclusivamente de que eu estava ali. Quando poisava a vista em mim, por acaso (e evitava também o meu olhar), ao seu rosto assomava uma contrariedade impaciente e apressava-se a voltar os olhos para outro lado. Eu compreendia que ela também elaborava algum plano

respeitante à ruptura iminente, e que podia pensar nisso sem sentir dor nem amargura.

Eu tinha a certeza de que ela já estava decidida à ruptura. Mas apesar disso afligia-me e assustava-me o seu desespero sombrio. Muitas vezes nem sequer me atrevia a falar-lhe e a consolá-la, e assim aguardava com espanto em que acabaria tudo aquilo.

Quanto à sua desconfiança e evasiva atitude para comigo, embora me inquietasse e custasse, sentia-me, no entanto, certo do coração da minha Natacha; via que ela sofria muito e que estava extremamente agitada.

Toda a interferência alheia a aborrecia e irritava. Em casos destes, a interferência, sobretudo de amigos íntimos, que sabem dos nossos segredos, é a que se nos torna mais aborrecida. Mas eu sabia também que no último momento Natacha havia de voltar para mim, a procurar refúgio no meu coração.

É claro que não lhe disse uma palavra da minha aventura com o príncipe; tudo quanto eu dissesse apenas serviria para aumentar a sua agitação e desassossego. Disselhe unicamente, como se fosse por acaso, que tinha estado com o príncipe em casa da condessa e que tivera oportunidade de verificar que era muito mau.

Mas ela não me perguntou porquê, o que muito me alegrou; em compensação estava ansiosa por ouvir tudo quanto lhe contei da minha entrevista com Kátia. Depois de me ter ouvido também não disse nada, mas corou, e durante quase todo esse dia mostrou-se muito agitada. Eu não escondi nada a Natacha e disselhe francamente que Kátia me deixara uma excelente impressão. Para quê estar com fingimentos? De qualquer maneira Natacha tinha adivinhado o que eu lhe ocultara, e ainda por cima ficara aborrecida comigo por causa dessa reserva. E foi por isso que eu, propositadamente, lhe contei tudo o mais pormenorizadamente possível, antecipando-me às suas perguntas, tanto mais que, na sua irritação, a ela mesma lhe teria sido difícil interrogar-me. Na verdade, será qualquer coisa de fácil inquirir com um ar indiferente das perfeições de uma rival?

Pensava que ela ignorasse ainda que Aliocha, por ordem irrevogável

do príncipe, tinha de ir fazer companhia à condessa e a Kátia, no campo, a fim de suavizar-lhe o golpe, na medida do possível. Mas qual não foi o meu assombro quando Natacha me deteve logo às primeiras palavras, dizendo-me que não a *consolasse*, pois havia cinco dias que estava ao facto de tudo!

— Meu Deus! — exclamei eu. — Mas quem é que to disse?

— Aliocha.

— O quê? Foi ele que to disse?

— Sim, e eu estou decidida, Vânia — acrescentou com um gesto que me dava a entender com toda a clareza e quase com impaciência que não devia continuar com o diálogo.

Aliocha visitava Natacha com muita frequência, mas apenas por um minuto; houve apenas uma ocasião em que ficou várias horas com ela. Mas isso foi de uma vez em que eu não estava presente. Costumava aparecer muito triste; olhava-a tímida e ternamente, mas Natacha recebia-o com tanto afecto e carinho que ele esquecia imediatamente tudo e punha-se muito contente. Também a mim me visitava com muita frequência, quase todos os dias. Para dizer a verdade, ele também sofria bastante, mas não podia ver-se sozinho nem um momento com a sua tristeza e vinha ter comigo em busca de consolo.

Que poderia eu dizer-lhe? Ele reprovava a minha frieza, a minha indiferença, e até se aborrecia comigo; lamentava-se, chorava, ia visitar Kátia e ali se distraía.

No mesmo dia em que Natacha me confessou estar já informada acerca da viagem (foi na semana seguinte à minha conversa com o príncipe), veio ele procurar-me, desesperado, abraçou-me, lançou-se nos meus braços e rompeu a chorar como uma criança. Eu calava-me, na expectativa do que ele iria dizer.

— Sou vil e velhaco, Vânia — começou. — Salva-me de mim próprio. Eu não choro por ser vil e velhaco, mas porque Natacha vai ser infeliz por minha causa... Porque eu a abandono na desgraça... Vânia, meu amigo, diz-me, resolve por mim, qual das duas é que eu amo mais: Kátia ou Natacha?

— Isso não posso eu dizê-lo, Aliocha — respondi-lhe. — Tu deves saber melhor que eu...

— Não, Vânia, não é isso; ainda não sou assim tão tolo que te fizesse uma pergunta dessas; mas é que, no fundo, eu próprio não o sei. Interrogo-me e não acho resposta. Ao passo que tu olhas o caso como espectador e pode ser que saibas mais do que eu... Bem, e ainda que não o saibas, diz-me: a ti que te parece?

— A mim parece-me que tu gostas mais de Kátia.

— Achas? Não, não, de maneira nenhuma. Estás completamente enganado. Eu amo infinitamente Natacha.

Nunca, por nada deste mundo, a poderei deixar; foi o que eu disse a Kátia e Kátia está completamente de acordo comigo. Porque estás tão calado? Mas tu sorris... Ah, Vânia, tu nunca me soubeste consolar nas ocasiões em que eu estou tão triste, como agora! Adeus!

Saiu do quarto a correr, deixando uma extraordinária impressão em Nelly, que estava assombrada e assistira ao nosso diálogo, em silêncio. Estava ainda de cama e a tomar remédios. Aliocha nunca falou com ela e durante as suas visitas mal reparava nela.

Passadas duas horas voltou a aparecer e eu fiquei admirado do seu rosto tão prazenteiro. Outra vez se atirou para os meus braços.

— É assunto arrumado! — exclamou. — Desvaneceram-se todas as dúvidas. Fui daqui directamente para casa de Natacha; eu estava excitado e não podia passar sem ela. Quando entrei lancei-me a seus pés, de joelhos, e beijei-lhos; tinha de fazer isso, era um desejo que eu tinha; se não o fizesse teria morrido de tristeza. Ela abraçou-me em silêncio e chorou. E eu então disselhe sem rodeios que gostava mais de Kátia do que dela...

— Ela, que disse?

— Não me respondeu nada, limitou-se a acariciar-me e a consolar-me... A mim, que acabava de dizer-lhe aquilo! Como ela sabe consolar uma pessoa, Ivan Petrovitch! Oh, desafoguei com ela toda a minha amargura, contei-lhe tudo! Comecei por dizer-lhe que amo muito Kátia, mas que por muito que a ame, a ela ou a outra, sem Natacha não

posso viver e morrer. Sim, Vânia, compreendo que nem um só dia poderei viver sem ela! Por isso decidimos casarmo-nos imediatamente e, como antes da viagem não é possível, porque agora, na Quaresma, estão encerradas as preces públicas deixá-lo-emos para o meu regresso, que será nos princípios de Junho. O meu pai dará o seu consentimento, disso não duvido. Pelo que respeita a Kátia, pode dizer-se o mesmo. Eu não posso viver sem Natacha. Casar-nos-emos e depois iremos para junto de Kátia!

Pobre Natacha! Como a consolava escutar aquele rapaz, sentado junto dela, ouvir as suas confidências e, para tranquilidade daquele egoísta, fingir que acreditava na história do seu próximo casamento! De facto, Aliocha ficou assim tranquilo por uns dias. Ia ver Natacha precisamente porque o seu fraco coração não tinha coragem para suportar sozinho a tristeza. No entanto, quando começou a aproximar-se a época da separação, voltou a cair no desassossego, a chorar, e de novo veio ter comigo para desabafar a sua amargura. Nos últimos tempos estava tão ligado a Natacha que não podia separar-se dela nem um dia, quanto mais um mês e meio. Mas não há dúvida de que até ao último momento esteve perfeitamente convencido de que apenas a deixava por mês e meio e que no seu regresso se casariam. Quanto a Natacha compreendia muito bem que o seu destino ia transformar-se radicalmente, que Aliocha já não voltaria para ela e que assim tinha de ser.

Chegou finalmente o dia da separação. Natacha estava doente, pálida, com os olhos inflamados e os lábios febris; ralava sozinha, de vez em quando, e de vez em quando também olhava para mim de um modo fixo, penetrante; não chorava, não respondia às minhas perguntas e tremia como uma folha de árvore, quando se ouviu a voz sonora de Aliocha, que entrava. Ela corou intensamente e apressou-se a ir ao seu encontro; abraçou-se convulsivamente a ele: beijava-o, ria... Aliocha olhava-a, às vezes com inquietação; perguntava-lhe se se sentia bem, consolava-a dizendo-lhe que ia por pouco tempo e que depois se casariam; Natacha fazia esforços visíveis para dominar-se e conter as lágrimas, não chegou a chorar na sua presença.

Uma vez chegou ele a dizer que era preciso deixar-lhe dinheiro para todo o tempo da sua ausência, para que não passasse necessidades, pois o pai devia dar-lhe muito para a viagem. Natacha ficou amuada. Quando ficámos sós, eu expliquei-lhe que tinha à sua disposição cento e cinquenta rublos. Ela não me perguntou pela origem dessa quantia. Isso passou-se dois dias antes da partida de Aliocha e na véspera do primeiro e último encontro de Natacha com Kátia. Kátia enviara um bilhete a Natacha, no qual lhe pedia que a deixasse visitá-la no dia seguinte; nele escrevia também umas linhas para mim; pedia-me que assistisse também ao seu encontro.

Eu resolvi estar ao meio-dia (hora marcada por Kátia), sem falta, em casa de Natacha, ponto de parte o que tinha para fazer; mas surgiram muitos obstáculos e daí resultou um atraso. Sem falar de Nelly, os Ikmenieves, nos últimos tempos, davam-me muitas preocupações.

Estas preocupações tinham começado uma semana antes. Ana Andreievna mandara-me chamar uma manhã, com o pedido de que deixasse tudo e fosse imediatamente a sua casa para tratar de um assunto importantíssimo que não consentia o menor adiamento. Quando cheguei encontrei-a sozinha; andava de um lado para o outro, assustada, num estado de comoção febril, aguardando a tremer o regresso de Nikolai Serguieitch. Como de costume, durante bastante tempo não consegui saber de que assunto se tratava e que receava ela, apesar de cada minuto ser precioso. Finalmente, depois de amargas censuras supérfluas em relação ao assunto: «Porque não gostava deles e os abandonava sozinhos na sua dor?», enquanto «Só Deus sabia o que teriam sofrido sem mim» e explicou-me que Nikolai Serguieitch se mostrava indescritivelmente agitado nos últimos três dias.

— Parecia outro, simplesmente — dizia ela —, à noite, cheio de febre, rezava em voz baixa, para que eu o não ouvisse, de joelhos diante da imagem, delirava em sonhos e de dia parecia meio louco; ontem, quando lhe trouxe a sopa nem conseguia segurar a colher; eu perguntava-lhe uma coisa e ele respondia-me com outra. Saía de casa a todos os momentos: «Tenho de ir tratar de um assunto — dizia tenho de ir

procurar o advogado.» Até que esta manhã se fechou no escritório. «Tenho — disseme — de escrever uma coisa para o assunto do processo.» «Bem — pensei eu para comigo —, que documento irás tu escrever se não consegues segurar na colher?» Mas pus-me a espreitar pelo buraquinho da fechadura: está sentado, escreve e, de vez em quando, parece que chora. «Que documento vai sair das suas mãos — dizia para comigo — se se encontra neste estado? A não ser que, agora, o seu desgosto seja por causa da nossa Ikmenievka!» Estava eu a pensar nisto quando, de repente, ele se levanta da cadeira, atira com a pena sobre a mesa, faz-se vermelho, os seus olhos começam a chispar fogo, pega no gorro e diz-me: «Ana Andreievna, eu já volto.» Assim que ele saiu aproximei-me da mesa para ver o que tinha escrito; há aí muitos papeluchos relacionados com o processo e ele não me deixa arrumá-los. Quantas vezes eu lhe pedi: «Ao menos deixa-me tirar esses papéis uma vez, para limpar o pó da secretária.» «De maneira nenhuma — grita —, proíbo-te que toques aí»; aqui em Petersburgo tem-se tornado mais impertinente e grita mais do que nunca. Bem; pois eu aproximo-me da mesa e procuro: «Qual será o papel que ele esteve a escrever agora mesmo? Bem vi que ele não o levou consigo e, quando se levantou da mesa, meteu-o debaixo dos outros papéis.» Pois bem, amigo Ivan Petrovitch, aqui tens o que eu encontrei, olha.

E estendeu-me uma folha de papel de carta, escrita até metade, mas com tantos borrões que era impossível decifrá-la.

Pobre velho! Podia adivinhar-se, desde as primeiras linhas, o quê e a quem escrevia. Era uma carta para Natacha, para a sua idolatrada Natacha. Começava ardente e terno; dirigia-se-lhe, oferecendo-lhe o seu perdão e chamando-a para o seu lado. Era difícil compreender essa carta toda, garatujada nuns termos arrevesados e incoerentes e cheia de torrões. A única coisa que era evidente era que o sentimento ardente que o levara a pegar na pena e a escrever as primeiras e inspiradas linhas, imediatamente depois de escritas tinha degenerado noutro; o velho passara a dirigir censuras à filha, pintava-lhe o seu crime com cores negras e recordava-lhe com dureza a sua teimosia, deitava-lhe em rosto a

sua falta de sentimentos por não ter pensado nem um momento naquilo que fizera a seus pais. Ameaçava-a com um castigo e com a maldição, por causa do seu orgulho, e terminava com a exigência de que voltasse imediatamente para sua casa, depois do que, e só quando tivesse cumprido uma nova vida exemplar, «no seio da família me resolverei a perdoar-te», escrevia. Era claro que o seu generoso sentimento inicial lhe devia ter parecido fraqueza, assim que escreveu as primeiras linhas, e que se sentiu envergonhado e, finalmente, sofrendo as torturas do orgulho ofendido, acabou a carta encolerizado e com ameaças. A velhinha, postada na minha frente, juntava as mãos e aguardava, temerosa, o que eu iria dizer depois de lida a carta.

Eu disselhe, sem rodeios, o que pensava. Isto é, que o velho já não podia viver sem Natacha e que, portanto, se podia falar já da sua imprescindível e próxima reconciliação, mas que, entretanto, tudo dependia das circunstâncias. Disselhe também em apoio desta minha suposição, que, em primeiro lugar, o desenlace desfavorável do processo o devia ter alterado e comovido muito, para não falar em que a vitória obtida pelo príncipe devia ter ofendido o seu amorpróprio, nem no desgosto que lhe devia ter trazido essa solução do caso. Perante essas dores espirituais não tinha outro remédio senão procurar quem o ajudasse a suportá-las, e mais do que nunca se lembrou daquela a quem continuava a amar mais que ninguém neste mundo. Por fim, podia ser que lhe tivesse acontecido também isto: que tivesse ouvido dizer (já que estava informado de tudo quanto dizia respeito a Natacha) que Aliocha estava prestes a deixá-la e pensasse no que iria ser dela, agora, e como iria ficar necessitada de amparo. Mas que, apesar de tudo, não podia dominar-se e considerava-se humilhado e ofendido pela filha.

Pelos vistos tinha-lhe ocorrido a ideia de que, fosse como fosse, não devia ser ela a primeira a vir ao seu encontro, que talvez não se lembrasse deles nem sentisse necessidade de uma reconciliação. Eu disselhe que, em minha opinião, devia ser este o seu pensar, e por isso não acabara a carta, e que talvez de tudo isso resultassem ainda novos agravos que podiam tornar mais sensíveis os primeiros, e que a

reconciliação ficava assim adiada sabia-se lá até quando.

A velhinha pôs-se a chorar. Por fim, quando eu lhe disse que me era forçoso ir a seguir a casa de Natacha, e que já estava atrasado, estremeceu e disseme que se esquecera do *principal.* Quando tirara a carta debaixo de outros papéis, sem querer tinha virado um tinteiro. De facto, havia um canto todo salpicado de borrões e a velha tinha um medo terrível de que o marido deduzisse, ao ver essas manchas, que lhe tinham remexido os papéis na sua ausência e que ela encontrara a sua carta para Natacha. O seu receio era fundado; só o facto de que nós conhecêssemos o seu segredo poderia ser o bastante para que ele, por pudor e aborrecimento, prolongasse a sua hostilidade e, por orgulho, insistisse na sua exigência.

Mas depois de ter considerado o caso aconselhei a velha a não se preocupar. Depois de ter arrumado a carta, ele tinha-se levantado no meio de tal comoção que não poderia recordar-se bem de todos os pormenores, e agora, provavelmente, pensaria que devia ter sido ele, quem sujara a carta, se é que não o esquecera. Depois de tranquilizar assim Ana Andreievna voltámos a colocar cuidadosamente a carta no seu lugar e preparei-me para, antes de me retirar, falar-lhe seriamente de Nelly. Parecia-me que a pobre órfã abandonada, sobre cuja mãe pesara também a maldição paterna, podia, com a tristeza e trágica história da sua vida passada e da morte de sua mãe, comover o velho e predispô-lo para sentimentos generosos. Tudo estava preparado, tudo amadurecia no seu coração; a nostalgia da filha começava já a vencer o seu orgulho e o seu amorpróprio ofendido. Só precisava de um impulso, de uma última ocasião apropriada, e essa oportunidade favorável podia Nelly oferecê-la. A velhinha escutava-me com uma atenção extraordinária; o seu rosto iluminava-se de esperança e entusiasmo. Pôs-se imediatamente a fazer-me censuras: «Porque não lhe dissera eu tudo isso antes?» Impaciente, começou a perguntar-me por Nelly *e* terminou com a solene promessa de que ela mesma iria agora suplicar ao velho que perfilhasse uma órfã.

Começava já a ganhar amizade sincera por Nelly; custava-lhe que estivesse doente, fazia-me perguntas acerca dela; empenhou-se em que eu lhe levasse um boião de doce, que ela mesma foi buscar à despensa;

deu-me cinco rublos de prata, alegando que eu não tinha dinheiro para pagar ao médico, e quando viu que eu não os aceitava, apenas se tranquilizou e contentou quando soube que Nelly não só precisava de roupa para sair e também de roupa interior, e que, portanto, ainda podia ser-lhe útil, e imediatamente abriu a arca, na qual revolveu toda a roupa, apartando as peças que podia oferecer à orfazinha.

Encaminhei-me para casa de Natacha. Quando subia pela última escada que, como já disse, era de caracol, vi diante da sua porta um homem que se preparava para chamar, mas que se deteve quando ouviu os meus passos. Por fim, desistiu subitamente do seu intento e resolveu descer a escada. Encontrei-o no último e escorregadio patamar e qual não seria o meu assombro ao reconhecer Ikmeniev! Aquela escada até de dia era muito escura. Ele encostou-se à parede para me deixar passar e, lembro-me ainda do estranho brilho dos seus olhos, que me olhavam atentamente. Pareceu-me que ele corara extraordinariamente; pelo menos ficou visivelmente desorientado e desconcertado.

— Ah, Vânia, eras tu! — proferiu numa voz insegura. — Vim aqui ver um indivíduo... um escrivão... Por causa do meu assunto... Mudou-se há pouco... para estes lados... mas parece que não mora aqui. Adeus.

E rapidamente começou a correr pela escada abaixo.

Resolvi, por então, não dizer nada acerca deste encontro a Natacha, pensando dar-lhe parte dele somente quando ficasse só, depois da partida de Aliocha. Agora estava tão agitada que, embora compreendesse e apreciasse plenamente todo o poder daquele facto, não teria podido entendê-lo e senti-lo como mais tarde, no instante em que sobre ela caíram o desgosto e o desespero finais. Não chegara ainda o momento.

Durante esse dia podia ter ido ver os Ikmenieves, e de facto lembrei-me disso, mas não fui. Parecia-me que o velho havia de estranhar isso e poderia até pensar que eu ia vê-lo intencionalmente, depois do nosso encontro.

Só fui visitá-lo passados três dias; o velhinho estava triste mas acolheu-me com bastante à-vontade e falou-me dos seus assuntos.

— E então, a casa de quem ias tu, quando nos encontrámos? Quando

foi? Há três dias, parece-me — perguntou-me de repente, com bastante despreocupação, evitando no entanto o meu olhar.

— É que tenho ali um amigo — respondi-lhe, desviando também os olhos.

— Ah! Eu ia à procura do meu escrivão, Astafiev; indicaram-me essa casa... Mas deviam estar enganados.

Bem, já te falei no meu caso; no Senado resolveram... etc., *etc.*

Corou também quando começou a falar no *assunto.*

Nesse mesmo dia contei tudo a Ana Andreievna, para ver se dava uma grande alegria à velhota, pedindo-lhe, entre outras coisas, que não o olhasse agora no rosto de um modo especial, nem suspirasse, nem fizesse alusões, nem lhe desse a entender de maneira nenhuma que estava ao corrente dessa nova saída sua.

A velhinha ficou admirada e alvoraçada a tal ponto que, a princípio, nem queria acreditar-me. E disseme, por seu lado, que falara já com Nikolai Serguieitch acerca da órfã, mas que ele ficara calado, apesar de ter sido ele quem anteriormente lhe pedira que adoptasse uma menina. Decidimos que no dia seguinte seria eu quem o interrogaria sobre o assunto, directamente e sem reservas. Mas no dia seguinte estávamos os dois com um medo e uma inquietação espantosos.

De facto, Ikememev tinha-se encontrado nessa manhã com um escrivão que dirigia o seu processo. O escrivão explicou-lhe que tinha visto o príncipe e que este, embora considerasse já como sua a Ikmenievka, entretanto, *em vista de certas consequências de família,* decidira indemnizar o velho e abonar-lhe dez mil rublos. E daí correra logo o velho a procurar-me, extraordinariamente agitado; os olhos chispavam-lhe de fúria. Obrigou-me a sair de casa para a escada, debaixo de um pretexto qualquer, e exigiu-me terminantemente que fosse procurar o príncipe naquele mesmo instante e o desafiasse em seu nome. Eu estava tão desorientado que demorei muito até a compreendê-lo. A primeira coisa que me competia fazer era procurar dissuadi-lo. Mas o velho estava tão furioso que o caso era difícil. Entrei em casa, com o pretexto de ir buscar um copinho de *vodka,* porém, quando voltei, já não encontrei

Ikmeniev na escada.

No dia seguinte fui a sua casa, mas ele já não estava; e esteve três dias sem aparecer.

Ao terceiro dia soubemos tudo. Da minha casa fora directamente à do príncipe e, como não o encontrara, deixou-lhe uma carta; dizia-lhe nessa carta que tinha sido informado das palavras que lhe dirigia o escrivão e que as considerava como uma ofensa mortal, e a ele um homem vil, e que por isso o concitava para um duelo, esperando que o príncipe não se atreveria a repelir o desafio, pois nesse caso desonrá-lo-ia publicamente.

Ana Andreievna contou-me que ele regressara a casa num estado de agitação e estonteamento tais que tivera de se deitar. Que se mostrara muito carinhoso para com ela, mas que mal respondera às suas perguntas e que parecia esperar qualquer coisa com uma impaciência febril. No dia seguinte recebeu uma carta da província; quando a leu, deu um grito e levou as mãos à cabeça. Ana Andreievna estava morta de susto. Mas ele pegara imediatamente no chapéu e na begala e saíra.

A carta era do príncipe. Seca, breve e cortesmente, dizia a Ikmeniev que das palavras que o escrivão dissera não tinha que dar satisfações absolutamente a ninguém. Que embora sentisse muito que Ikmeniev tivesse perdido o processo, apesar de todo o seu pesar nunca poderia achar justo que aquele que perdia um processo se sentisse no direito de desafiar a parte contrária para um duelo, só por vingança. Quanto à *desonra pública* com que o ameaçava, o príncipe pedia a Ikmeniev que não se preocupasse com isso, já que não havia nem poderia haver semelhante desonra pública; que enviara a sua carta para onde devia, e que a Polícia, prevenida, havia com certeza de adoptar medidas oportunas, velando pela ordem e pela tranquilidade.

Ikmeniev, com a carta na mão, foi imediatamente ver o príncipe. Também dessa vez, não o encontrou em casa; mas o velho ficou a saber pelo criado que ele estava nesse momento em casa do velho conde N... Sem se deter a pensar, correu a casa do conde. O guarda suíço do conde deteve-o quando ele ia a subir a escada.

Furioso até ao paroxismo, deu-lhe uma bengalada. Seguraram-no

imediatamente, trouxeram-no para o patamar e entregaram-no aos guardas, os quais o levaram preso. Participaram ao conde o que tinha acontecido. Quando o príncipe, que se encontrava de facto ali, explicou ao libertino velhote que aquele Ikmeniev era o pai de Natacha Nikolaievna (e o príncipe por mais de uma vez servira o velho *nestes assuntos)* o magnate limitou-se a sorrir e mudou o seu aborrecimento em brandura; os dois, de acordo, fizeram todos os esforços para conseguirem a liberdade de Ikmeniev, ao qual a Polícia só pôs em liberdade passados três dias, prevenindo-o (com certeza por ordem deles) de que o próprio príncipe e o conde tinham intercedido por ele.

O velho regressou a casa como louco, meteu-se na cama e permaneceu um dia inteiro sem se mexer, até que por fim se levantou e, com grande pavor da parte de Ana Andreievna, declarou-lhe solenemente que amaldiçoava *para sempre* a filha e a privava da benção paterna.

Ana Andreievna esta aterrorizada; mas era preciso ajudá-la a ela, que parecia agora meia tonta, e ajudar o velho; durante todo esse dia e toda essa noite estive a tratar dele, pondo-lhe na cabeça parches de vinagre e envolvendo-Iha em gelo. Tinha febre e delirava. Separei-me deles às três da madrugada. Mas na manhã seguinte Ikmeniev levantou-se e nesse mesmo dia veio ver-me com o fim de levar Nelly definitivamente. Mas já contei a sua cena com Nelly; essa cena acabou por abatê-lo. Quando Voltou para casa, deitou-se. Tudo isso se passou na Quarta-Feira Santa — dia marcado para a entrevista de Kátia com Natacha —, a véspera da partida de Aliocha e de Kátia, de Petersburgo. A essa entrevista assisti eu; realizou-se de manhã cedo, antes que o velho tivesse vindo ver-me e antes também da primeira fuga de Nelly.

Capítulo sexto

Aliocha apresentou-se antes da hora marcada para a entrevista, com o fim de prevenir Natacha. Eu cheguei também no momento em que a carruagem de Kátia parava à nossa porta. Kátia vinha acompanhada da velha dama de companhia que, depois de muitos melindres e hesitações, consentira por fim em acompanhá-la e até em deixá-la subir ao andar de Natacha, mas com Aliocha, enquanto ela ficava à espera em baixo, na carruagem. Kátia chamou-me e, sem apear-se da carruagem, pediu-me que chamasse Aliocha da sua parte.

Fui encontrar Natacha a chorar, e Aliocha chorava também. Quando soube que Kátia estava ali, levantou-se da cadeira, enxugou as lágrimas e foi colocar-se em frente da porta, muito comovida. O seu vestido, nessa manhã, era todo branco. Tinha os cabelos, de um louro escuro, repuxados para trás, lisos e seguros num grosso topete. Eu gostava muito desse penteado. Quando viu que eu ficava junto dela, Natacha pediu-me que fosse também receber os seus hóspedes.

— Só agora pude vir ver Natacha — disseme Kátia enquanto subia a escada. — Espiam-me de uma maneira horrível. Tive de insistir com madame Albert durante duas semanas inteiras, até ela finalmente consentir. Mas o senhor, o senhor Ivan Petrovitch, nem uma vez sequer esteve na minha casa! Escrever-lhe, também eu não podia, nem queria, porque com uma carta não se esclarece nada. E tinha tanta necessidade de vê-lo i Meu Deus, como eu tenho o coração!

— A escada é muito íngreme — respondi eu.

— Sim, sim, a escada... Mas acha que Natacha não ficará zangada comigo?

— Não. Porquê?

— Por nada... evidentemente... porquê? Já vamos ver isso, não vale a pena eu estar a perguntar-lhe...

Levava-a pelo braço. Ela também estava pálida e, segundo parecia, muito assustada. Parou no último patamar para respirar, depois olhou

para mim e continuou a subir já mais decidida.

Tornou a parar à porta do andar de Natacha e murmurou-me ao ouvido: «Entrarei e dir-lhe-ei simplesmente que é tal a confiança que tenho nela que vim sem receio... E, aliás, porque estou eu a dizer isto? Estou convencida de que Natacha é uma criatura nobilíssima. Não é verdade?»

Entrou timidamente, como se se sentisse culpada, e olhou atentamente para Natacha, que depois lhe sorriu.

Então, Kátia correu rapidamente para ela, pegou-lhe nas mãos e roçou os lábios pelos dela. Depois do que se dirigiu a Aliocha e pediu-lhe, com uma expressão séria e até severa, que nos deixasse sós, — Não fiques zangado, Aliocha — acrescentou —, porque tenho muitas coisas para dizer a Natacha, coisas muito importantes e muito sérias, que tu não deves ouvir. Por isso sê compreensivo e sai. Mas o senhor fique, Ivan Petrovitch. Tem de ouvir tudo quanto dissermos.

— Sentemo-nos — disse para Natacha assim que Aliocha saiu. — Eu sento-me aqui, na sua frente. Primeiro que tudo, quero vê-la.

Sentou-se quase em frente de Natacha e, durante alguns rninutos, esteve a contemplá-la de alto a baixo.

Natacha correspondia-lhe com um sorriso involuntário.

— Eu já tinha visto um retrato seu — disse Kátia. — Foi Aliocha que mo mostrou.

— E então? Acha-me parecida com esse retrato?

— É muito melhor — respondeu Kátia com seriedade e decisão. — Sim, eu pensava que havia de ser muito melhor.

— Deveras? Eu também a acho tão bonita!

— Que diz? Eu, bonita? Oh, minha querida! — acrescentou apertando com a sua mão trémula a de Natacha, e outra vez ficaram silenciosas, contemplando-se uma à outra. — Olhe, meu anjo — exclamou Kátia, quebrando o silêncio —, temos meia hora para estar juntas. Madame Albert só com muito custo consentiu em vir e temos muitas coisas de que falar... Eu quero... eu tenho a obrigação... bom, vou perguntar-lho, simplesmente: gosta muito de Aliocha?

— Sim, muito.

— Sendo assim, gostando assim tanto de Aliocha, também deve desejar a sua felicidade — acrescentou timidamente e em voz baixa.

— Sim, quero que ele seja feliz.

— Muito bem. Mas repare naquilo que eu vou perguntar-lhe: será verdade que eu represento a felicidade para ele? Tenho eu o direito de falar assim, uma vez que vou roubar-lho? Se assim o entender e nós resolvermos agora, que ele será mais feliz comigo, nesse caso... nesse caso...

— Isso já está decidido, querida Kátia; por si própria pode ver que já está decidido — respondeu Natacha em voz branda e baixou a cabeça. Era evidente que lhe era doloroso prolongar aquela conversa.

Pelos vistos, Kátia dispunha-se a uma demorada dilucidação do tema: qual das duas representava melhor felicidade para Aliocha e a qual pertencia ceder? Mas depois da resposta de Natacha compreendeu imediatamente que havia já algum tempo que tudo estava decidido e que não havia mais nada a dizer. Mordendo os seus lindos lábios, contemplou Natacha com perplexidade e tristeza e, ao mesmo tempo, sem lhe largar a mão.

— Mas gosta muito dele? — perguntou-lhe Natacha de repente.

— Sim. E olhe, eu também queria perguntar-lhe uma coisa e vim com essa ideia: qual o motivo porque gosta dele?

— Não sei — respondeu Natacha, e uma leve impaciência transpareceu na sua resposta.

— É inteligente, não acha?

— Não; gosto dele simplesmente, tal como é...

— Também a mim — consentiu Natacha.

— Que havemos de fazer-lhe, agora? Não consigo compreender como é que ele pode deixá-la por mim — exclamou Kátia. — Como eu a admiro e não a compreendo!

Natacha não respondeu e fixou os olhos no chão, Kátia ficou calada por um momento e, de repente, levantou-se do seu lugar e abraçou-a, sem dizer uma palavra. Choravam as duas abraçadas uma à outra. Kátia

sentou-se no braço do cadeirão de Natacha, sem largar-lhe o braço, e pôs-se a beijar-lhe as mãos.

— Se soubesse como gosto de si! — exclamou, a chorar. — Seremos irmãs, não deixaremos nunca de nos escrevermos e hei-de gostar de si eternamente... Hei-de gostar de si, muito...

— Ele falou-lhe do nosso casamento em Junho? — perguntou Natacha.

— Falou. Disseme que a senhora estava de acordo. Disse tudo isso, *assim*, só para consolá-lo, não é verdade?

— Claro.

— Foi isso o que eu calculei. Eu hei-de gostar muito dele, Natacha, e informá-la-ei de tudo. Segundo parece, não tarda que ele seja meu marido. Foi por isso que vim. Querida Natacha, pelos vistos, agora vai voltar para sua casa...

Natacha não lhe respondeu, mas beijou-a em silêncio.

— Que seja feliz! — disse.

— E... e a menina... e a menina também! — exclamou Kátia.

Neste momento a porta abriu-se e Aliocha entrou. Não pudera, não tivera coragem para esperar meia hora e, quando viu que as duas se abraçavam a chorar, muito comovido, deitou-se aos pés de Natacha e de Kátia.

— Mas porque choras? — disselhe Natacha. — Porque te vais separar de mim? Mas será por pouco tempo!

Em Junho já estarás de volta...

— E então casam-se — apressou-se Kátia a dizer, através das suas lágrimas, também para consolar Aliocha.

— Mas eu não posso, eu não posso estar separado de ti nem um só dia. Sem ti, morro. Tu não sabes como eu te quero agora. Precisamente agora!

— Bem. Então vê o que vais fazer — disse Natacha de repente, com animação. — Olha que a condessa ainda fica algum tempo em Moscovo!

— Sim, quase uma semana — corroborou Kátia.

— Uma semana! Excelente. Amanhã, tu, acompanha-las a Moscovo,

para o que só precisas de um dia, e depois voltas logo. Quando elas tiverem de partir, despedimo-nos por um mês e tu voltas para acompanhá-las.

— Isso, isso... E assim passarão os dois quatro longos dias juntos — exclamou Kátia, encantada, trocando um olhar significativo com Natacha.

Não posso descrever o entusiasmo de Aliocha perante esse novo projecto. Num instante se consolou do seu desgosto, o seu rosto respirava alegria, abraçou Natacha, beijou as mãos de Kátia, deu-me um abraço a mim...

Natacha olhava-o com um sorriso triste mas Kátia não podia mais. Trocou comigo um olhar ardente e cintilante; abraçou Natacha e levantou-se para se retirar. Como de propósito, nesse instante a dama de companhia enviou um recado com o pedido a Kátia de que desse a entrevista por terminada o mais depressa possível, pois já tinha passado o tempo marcado.

Natacha levantou-se. Ficaram de pé as duas, uma em frente da outra, de mãos entrelaçadas e esforçando-se por não darem a entender com os olhos uma à outra tudo quanto se agitava na sua alma.

— Já não nos veremos mais — disse Kátia.

— Nunca mais, Kátia — respondeu Natacha. E abraçaram-se.

— Não me amaldiçoe — murmurou Kátia rapidamente — que eu sempre... pode ter a certeza de que ele será feliz... Vamos, Aliocha, leva-me! — disse apressadamente pegando-lhe no braço.

— Vânia! — disseme Natacha comovida e dolorida, assim que eles saíram. — Vai tu também com eles e... não voltes; Aliocha ficará comigo até à tarde, até às oito. Eu ficarei sozinha... Vem às dez... Adeus!

Quando, depois de ter deixado Nelly com Alexandra Semionovna (na ocasião em que ela quebrara a tal chávena), fui ver Natacha, às dez horas, esta já estava sozinha e esperava-me com impaciência. Mavra touxe-nos o samovar; Natacha serviu-me o chá, sentou-se no divã e convidou-me a aproximar-me dela.

— Pronto, já se acabou tudo! — disse olhando-me fixamente (nunca

esquecerei esse olhar). — Acabou-se o nosso amor. Meio ano ,de vida! E para sempre — acrescentou, pegando-me na mão.- A sua escaldava.

Procurei convencê-la a agasalhar-se e a deitar-se.

— Agora, Vânia, agora, meu bom amigo, deixa-me falar e recordar um pouco. Estou como morta. Amanhã às dez, é a última vez que o vejo... a *última!*

— Natacha, tu tens febre, tu vais começar com arrepios; tem pena de ti própria...

— Que importa! Há meia hora que estava à tua espera, Vânia, e que pergunta fiz eu a mim própria, depois que ele partiu? Esta: «Eu amava-o ou não o amava, e que espécie de amor era o nosso?» Quê? Achas ridículo, Vânia, que só quisesse saber isso agora?

— Não te inquietes, Natacha.

— Já vês, Vânia. Olha, eu concluí que não o tinha amado como a um igual, como geralmente as mulheres casadas gostam dos maridos. Eu gostava dele como... quase uma mãe. Parece-me até que não existe no mundo absolutamente nenhum amor em que dois se amem de igual para igual. Que pensas tu?

Olhei-a com inquietação e receei que começasse já a delirar. Parecia que qualquer coisa a atraía, que sentia uma necessidade especial de falar; algumas das suas palavras eram um tanto incoerentes e às vezes até as pronunciava mal. Eu estava inquieto.

— Ele era meu — continuou. — Quase desde a primeira vez que me viu despertou em mim uma ânsia infinita de que fosse *meu, meu,* o mais depressa possível, e que não olhasse para ninguém nem conhecesse mais niguém senão a mim, a mim unicamente... Kátia, esta manhã disse bem: eu amava-o de uma certa maneira, como se constantemente, sem eu saber porquê, me inspirasse dó... Quando ficava sozinha, sentia sempre uma ânsia infinita, até ao suplício, de que ele fosse imensa e eternamente feliz. Não podia olhá-lo no rosto tranquilamente (já conheces a expressão do seu rosto, Vânia); é uma expressão que ninguém tem e, quando sorria, eu sentia frio e tremores. É verdade!

— Natacha, por favor...

— Repara: dizem — interrompeu-me —, e és tu quem o dizes, que ele não tem carácter e... e quanto a inteligência não está longe de uma criança. Bem. Pois era isso o que eu mais amava nele... acreditas? No fim de contas não sei se era isto precisamente a única coisa que eu amava nele; eu amava-o simplesmente, a ele todo, e se ele fosse diferente, com carácter ou inteligente, pode ser que não o tivesse amado dessa maneira.

Olha, Vânia, confesso-te uma coisa: Lembro-me de que tivemos uma zanga, há uns três meses, quando ele andou com essa tal Mina... Eu informei-me, segui-o, e, quererás acreditar? Isso custou-me muito, terrivelmente, e ao mesmo tempo foi-me quase agradável... não sei porquê... só o pensamento de que ele se distraía... ou não, não é isso, era antes o pensamento de que também ele, como qualquer outro *homem adulto, juntamente com outros adultos,* andava com mulheres, que também andava com Mina Eu... Que prazer me proporcionou então essa zanga! Depois perdoei-lhe, ao meu querido!

Olhou-me na cara e sorriu de uma maneira estranha. A seguir ficou um pouco pensativa, como se recordasse ainda tudo aquilo. E durante muito tempo esteve sentada assim, de sorriso nos lábios, absorta no passado.

— Eu tinha uma vontade atroz de perdoar-lhe, Vânia — continuou. — Sabes uma coisa? Quando ele me deixava só eu costumava passear pelo quarto afligindo-me, chorando, e às vezes pensava: «Quanto mais culpável for para comigo, tanto melhor...» Sim e olha, eu imaginava sempre que ele era uma criança; sentava-me, ele punha a cabeça nos meus joelhos, e eu, devagarinho, docemente, acariciava-lhe os cabelos... Era sempre assim que eu o imaginava, quando não estava comigo... Ouve, Vânia — acrescentou de repente —, como Kátia é atraente!

Parecia-me que se comprazia em irritar as suas feridas, que sentia uma certa necessidade de fazê-lo, uma necessidade de desespero, de sofrimento. E quantas vezes não sucede isso aos corações que perderam muito!

— Penso que Kátia poderá fazê-lo feliz — continuou a dizer. — Tem carácter e fala com tal convicção, trata-o com tanta seriedade, tão

gravemente... não fala senão de coisas importantes, tal como uma pessoa adulta. E apesar de que ela também é... uma verdadeira criança, simpática, simpática! Oh! Que sejam muito felizes! Deus queira, Deus queira, Deus queira!

E, de repente, brotaram lágrimas e soluços do seu coração. Durante meia hora não conseguiu dominar-se nem tranquilizar-se, por pouco que fosse.

Natacha, meu anjo! Nessa mesma noite, apesar do seu sofrimento, também tomou parte nas minhas preocupações, quando, ao ver que ela acalmara um pouco, ou melhor que o cansaço a esgotara, eu, para a distrair me pus a falar-lhe de Nelly... Separámo-nos tarde, nessa noite. Esperei que ela adormecesse e, quando saí, pedi a Mavra que durante a noite não se afastasse de junto da sua senhora doente.

— Oh, já, já! — exclamei quando voltei a casa. — Acabem já com este suplício. Seja como for, seja como for, contanto que seja já!

De manhã, aí pelas nove, já-eu estava em sua casa. Ao mesmo tempo que eu chegou Aliocha, que ia despedir-se. Não vou descrever, não quero recordar essa cena. Natacha parecia ter prometido a si própria dominar-se, mostrar-se mais alegre, mais serena; mas não pôde. Abraçou-se a Aliocha, convulsiva, fortemente. Pouco falou com ele, mas olhou-o longamente, com uns olhos dolorosos, de louca. Escutava avidamente todas as suas palavras, mas, segundo parecia, não compreendia nada do que ele dizia. Lembro-me de que ele lhe pediu que lhe perdoasse, que lhe perdoasse a ele e àquele amor, e tudo o que durante aquele tempo a fizera sofrer, a sua leviandade, a sua partida... Falava com incoerência, as lágrimas sufocavam-no. Às vezes, de repente, punha-se a consolá-la; dizia-lhe que se ausentava apenas por um mês, ou, no máximo, por cinco semanas, e que quando viesse na Primavera se casariam e seu pai daria o consentimento, e por fim o principal: que daí a dois dias voltaria a Moscovo e então teriam quatro dias completos para estarem juntos, e que agora se separavam unicamente por um dia...

Coisa estranha: estava perfeitamente convencido de que dizia a verdade e que, infalivelmente, daí a dois dias estaria de regresso... E se

era assim, para que chorar e atormentarem-se?

Finalmente soaram onze horas. Só a muito custo pude conseguir que ele saísse. O comboio para Moscovo partia às doze em ponto. Restava apenas uma hora. A própria Natacha me disse depois que não se lembrava de como é que o olhara pela última vez. Lembro-me de que ela o benzeu, o beijou e, cobrindo o rosto com as mãos, reentrou apressadamente em casa. Eu tive de levar Aliocha até à carruagem, senão teria voltado atrás e nunca mais teria acabado de descer a escada.

— Toda a minha esperança está em ti — disseme, ao descer. — Meu amigo, Vânia. Eu sou culpado para contigo e nunca serei merecedor do teu afecto; mas sê um irmão, para mim, até ao fim; ama-a, não a abandones. Escreve-me tudo, o mais pormenorizadamente possível, e muito, escreve-me o mais que possas, para que expliques tudo muito bem. Depois de amanhã estarei aqui outra vez sem falta, sem falta. E depois, quando eu tornar a partir, escreve-me.

Levei-o até ao carro.

— Até depois de amanhã! — gritou-me, já a caminho. — Sem falta!

De coração angustiado, voltei para cima, para casa de Natacha. Fui encontrá-la de pé, no centro do quarto, de braços cruzados, e olhou-me perplexa, como se não me reconhecesse. Tinha os cabelos penteados para um lado, os olhos vagos e como que toldados por uma nuvem. Mavra estava sentada junto da porta, parecia alheada e contemplava-a, espantada.

De súbito, os olhos de Natacha cintilaram.

— Ah! Es tu! Tu! — exclamou dirigindo-se a mim. — Só me restas tu, agora! Tu odiava-lo! Tu nunca pudeste perdoar-lhe que eu o amasse. Agora tu estás outra vez ao meu lado. Então? Vens outra vez consolar-me, ver se me convences a ir para o meu pai, que me expulsou de sua casa e me amaldiçoou? Eu já lhe disse ontem e há dois meses: não quero, não quero! Sou eu quem os amaldiçoa a eles! Vai-te, adeus; não posso verte! Adeus, adeus!

Compreendi que estava transtornada e que a minha presença lhe provocava uma cólera que raiava pela loucura; compreendi também que

assim tinha de ser e achei mais prudente retirar-me. Sentei-me na escada, no primeiro degrau e... esperei. De quando em quando levantava-me, entreabria a porta, chamava Mavra e interrogava-a. Mavra chorava.

Assim se passou hora e meia. Não posso exprimir o que sofri durante todo esse tempo. O meu coração estremecia e sentia um enorme mal-estar. De repente, a porta abriu-se e Natacha saiu a correr para a escada, de chapéu e casaco. Parecia fora de si e ela mesma me confessou depois que mal se lembrava disso e que não sabia com que intenção saíra assim de casa.

Ainda eu não tinha tido tempo de mover-me do meu lugar e esconder-me em qualquer sítio, quando de repente ela me viu e, sobressaltada, parou diante de mim, imóvel. «Lembrei-me de súbito — disseme ela depois — como é que eu, louca, cruel, podia expulsar-te a ti, meu amigo, meu irmão, meu salvador... E

quando vi que tu, infeliz, ofendido por mim, estavas aí sentado perto do meu quarto, na escada, não te tinhas ido embora e esperavas que eu voltasse a chamar-te, meu Deus, se tu soubesses, Vânia, o que eu pensei nesse momento! Que sobressalto eu senti!»

— Vânia, Vânia! — exclamou ela estendendo-me os braços. — Tu, aqui! — e caiu nos meus.

Segurei-a e levei-a para dentro. Tinha desmaiado.

«Que fazer? — disse para comigo. — Vai ficar com febre, de certeza!»

Decidi correr em busca do médico; era preciso deter o mal e era uma diligência fácil, essa: o meu velho alemão costumava estar em casa até às duas. Corri a sua casa, suplicando a Mavra que nem por um minuto nem por um segundo se separasse de Natacha, nem deixasse entrar ninguém. Deus veio em meu auxílio, pois se me tivesse demorado um pouco mais não acharia o meu velho em casa. Encontrei-me com ele na rua, quando já tinha saído. Fi-lo subir para o meu fiacre num instante, de maneira que nem sequer teve tempo de admirar-se, e dirigimo-nos para casa de Natacha.

Foi Deus que veio em meu auxílio! Durante a meia hora que durou a minha ausência dera-se em casa de Natacha um acontecimento que

poderia tê-la morto, se eu não tivesse chegado a tempo com o médico. Ainda não tinha passado um quarto de hora sobre a minha saída, quando o príncipe chegou. Assim que deixou os seus veio directamente da estação. Devia há muito tempo ter planeado essa visita. Foi a própria Natacha que me contou depois que, no primeiro instante não se admirou, quando viu o príncipe.

«Estava transtornada», disseme.

— Minha filha — disse o príncipe quando entrou — compreendo a sua dor; já sabia como este instante havia de ser-lhe doloroso e por isso achei que era meu dever visitá-la. Console-se, se isso for possível, pensando que, ao separar-se de Aliocha, o fez feliz. Mas a senhora deve compreender isto ainda melhor do que eu, quando se decidiu a essa acção generosa...

— Eu estava sentada e escutava — contou-me Natacha —, mas a princípio não o compreendia verdadeiramente. Só me lembro de que olhava fixamente para ele, fixamente. Ele pegou-me na mão e começou a acariciar-ma com a sua. Parecia que isso lhe era muito agradável. Eu estava tão fora de mim que nem sequer pensei em retirar a minha mão.

— Deve compreender — continuou a dizer — que se se tivesse empenhado em ser esposa de Aliocha isso teria podido acarretar consequências aborrecidas, e teve o nobre orgulho de assim o reconhecer e decidir...

Mas bem, eu não vim para dizer-lhe galanteios. Queria apenas comunicar-lhe que nunca, em parte alguma, a senhora encontrará melhor amigo que eu. Identifico-me com a sua dor e tenho pena de si. Desempenhei um papel involuntário em todo este assunto, mas... cumpria o meu dever. O seu bom coração há-de compreender isto e assim se reconciliará comigo... Eu sofri mais que a senhora, acredite-me.

— Basta, príncipe — disse Natacha. — Deixe-me em paz.

— Eu já me vou — respondeu ele —, mas gosto de si como de uma filha e vai com certeza permitir que a visite. Considere-me como seu pai, a partir deste momento, e permita-me que lhe seja útil.

— Eu não preciso de nada! Deixe-me! — tornou Natacha a dizer-lhe.

— Já sei que é orgulhosa... Mas eu falo-lhe sinceramente, com o coração nas mãos. Que pensa fazer agora?

Reconciliar-se com os seus pais? Isso seria o melhor, mas o seu pai é orgulhoso, injusto e despótico; desculpe-me, mas é assim. Em sua casa, agora, só iria encontrar censuras e novos sofrimentos... E preciso que a senhora seja independente, e o meu dever, o meu sagrado dever... é velar agora por si e ajudá-la. Aliocha pediu-me que não a abandonasse e fosse seu amigo. Aliás, há outras pessoas que também lhe são muito dedicadas. Há-de dar-me licença, com certeza, que lhe apresente o conde N... Tem um excelente coração, é nosso parente, e posso até dizer que protector de toda a nossa família; fez muito por Aliocha. Aliocha respeita-o e gosta muito dele. É um homem poderoso, com muita influência, e já quase velho, e por isso pode muito bem recebê-lo em sua casa. Já lhe falei de si. Pode dar-lhe uma situação e, se o desejar, dar-lhe uma elevada posição... em casa de um dos seus parentes. Já há muito tempo que eu lhe expliquei franca e abertamente, o *nosso* caso, e a tal ponto os seus bondosos e nobres sentimentos o encantaram que ele próprio se apressou a pedir-me que lha apresentasse em breve... É um homem que simpatiza com tudo quanto é belo, acredite; é um ancião generoso, honrado, capaz de apreciar os sentimentos dignos e ainda não há muito intercedeu por seu pai, em certo episódio.

Natacha levantou-se como se a tivessem picado. Agora já o compreendia.

— Mas a minha amiga esquece-se de que o conde pode também fazer muito pelo seu pai...

— O meu pai não aceita nada do senhor. Deixe-me! — tornou a gritar Natacha.

— Oh, meu Deus, que impaciente e desconfiada! Que fiz eu para merecer isto? — exclamou o príncipe olhando com certa inquietação à sua volta. — Mas, seja como for, a senhora há-de permitir-me que lhe deixe aqui esta prova de simpatia que me inspira e, em particular, da que inspira ao conde N..., que me incitou com os seus conselhos. Aqui, neste maço, estão dez mil rublos. Espere, minha amiga — insistiu quando viu

que Natacha se erguia do seu lugar, com um gesto de aborrecimento—, escute-me com paciência até ao fim; fique sabendo que o seu pai perdeu o processo que trazia comigo e que estes dez mil rublos representam a indemnização que...

— Fora! — exclamou Natacha. — Fora daqui com esse dinheiro! Já o conheço... homem vil, vil, vil!

O príncipe levantou-se da cadeira, depois de a ouvir pálido de cólera.

Certamente que tinha ido ali com a intenção de examinar o lugar e informar-se da situação e, provavelmente, confiava no efeito daqueles dez mil rublos sobre Natacha, reduzida à miséria e abandonada por toda a gente...

Mau e velhaco, não era essa a primeira vez que servia de intermediário ao conde N..., velho libertino, em tais enredos. Mas odiava Natacha, e ao ver que a coisa não tinha corrido bem, mudou de tom e, com uma alegria maldosa, para ao menos *não ir assim sem mais nem menos*, disse: — Olhe, minha filha, não está certo inflamar-se dessa maneira — disse com uma voz um pouco trémula por causa do impaciente desejo de ver quanto antes o efeito da sua ofensa. — Olhe que não está bem. Oferecem-lhe protecção e a senhora dá-lhe um pontapé... Mas a senhora não sabe que tem a obrigação de ser boa para comigo? Já há muito que eu poderia tê-la feito encerrar numa casa de correcção, como pai de um rapaz seduzido e espoliado por si, e vê que, afinal, não o fiz... Ah... ah... ah... ah!

Mas nós vínhamos já a chegar. Quando, já na cozinha, ouvi aquela voz, obriguei o médico a parar por um momento e escutei até ao fim a frase do príncipe. Depois ouviu-se aquele seu riso repugnante e a desesperada exclamação de Natacha: «Oh, meu Deus!» Nesse momento abri a porta e dirigi-me para o príncipe.

Cuspi-lhe na cara e, com todas as minhas forças, dei-lhe uma bofetada. De boa vontade se teria lançado sobre mim, mas quando viu que éramos dois, deitou a correr, mas não sem que tivesse agarrado primeiramente no maço de notas. Sim, fez isso, vi-o com os meus próprios olhos. Lancei-me em sua perseguição, com um rolo (*) que

apanhei em cima da mesa da cozinha... Quando voltei outra vez para o quarto fui encontrar Natacha debatendo-se entre os braços do médico, acometida, segundo parecia, de um ataque. Demorámos muito tempo a dominá-la, até que por fim conseguimos deitá-la na cama; estava cheia de febre e delirava.

— Que tem ela, doutor? — perguntei, morto de medo.

— Aguarde — respondeu-me. — E preciso observar a doença primeiro e depois veremos... Mas desde já lhe digo que o caso não está bem encarado... A febre poderia acabar por se declarar... Mas vamos tentar evitá-lo...

Eu tivera outra ideia. Pedi ao médico que permanecesse ao lado de Natacha mais duas ou três horas e arranquei a sua promessa formal de que não se separaria dela nem um instante. Assim que mo prometeu, corri a minha casa.

Nelly estava sentada num canto, severa e alarmada, e olhou-me de um modo estranho. Mas é claro que o meu aspecto também não devia ser menos estranho.

Peguei-lhe numa das mãos, obriguei-a a sentar-se num divã, deitei-me a seus pés de joelhos e pus-me a beijá-la com paixão. Ela exaltou-se.

— Nelly, meu anjo! — exclamei. — Queres ser a nossa salvadora? Queres salvar-nos a todos?

Ela olhou para mim, atónita.

— Nelly, é em ti que se resume agora toda a nossa esperança! Há um pai que amaldiçoou a sua filha e que ontem esteve aqui a pedir-te que fosses com ele para o lugar dela. Agora, a filha dele, Natacha (e tu disseste que gostavas dela), abandonou aquele a quem amava e pelo qual fugiu de casa. É o filho desse príncipe que esteve aqui ontem, lembras-te?, e que veio encontrar-te sozinha e tu fugiste dele e depois ficaste doente...

Conhece-lo, não é verdade? É um homem mau!

— Eu sei — respondeu Nelly estremecendo e empalidecendo.

(*) Rolo dos que se utilizam para estender massa de bolos. É *uma das*

acepções da palavra stalka, que Dostoievski emprega (N do T).

— Sim, é um homem mau. Odeia Natacha porque Aliocha, o seu filho, queria casar com ela. Aliocha foi-se hoje embora e uma hora depois ele apareceu em casa dela e ofendeu-a, ameaçou-a de a enviar para uma casa de correcção e escarneceu dela. Compreendes-me, Nelly?

Os seus olhos negros cintilaram, mas baixou-os imediatamente.

— Compreendo — murmurou numa voz quase imperceptível .

— Natacha, agora, está só e doente; eu deixei-a com o nosso médico e corri a ver-te. Escuta, Nelly: vamos ver o pai de Natacha; tu não gostas dele, negaste-te a ir com ele para sua casa, mas agora vamos lá os dois juntos.

Assim que entrarmos digo-lhe logo que tu, agora, já queres ir viver com eles, para o lugar da filha, para o lugar de Natacha. O velho agora está doente por ter amaldiçoado Natacha e porque há alguns dias o pai de Aliocha lhe fez uma ofensa mortal. Não quer ouvir falar da filha, mas gosta dela, gosta dela, Nelly, e está ansioso por se reconciliar com ela. Eu sei, sei isso tudo. É assim! Estás a ouvir-me, Nelly?

— Estou — disse num murmúrio.

Eu falava-lhe afogado em lágrimas. Ela olhava para mim timidamente.

— Acreditas em mim?

— Acredito.

— Bem. Então entrarei contigo, tu sentas-te e eles receber-te-ão, começarão a acariciar-te e a fazer-te perguntas. A seguir eu dirigirei a conversa de maneira que eles comecem a interrogar-te sobre a tua vida anterior, pela tua mãe e pelo teu avô. Tu conta-lhes tudo, Nelly, como me contaste a mim, tudo; conta-lhes tudo simplesmente e não lhes escondas nada. Conta-lhes como a tua mãe foi abandonada por um mau homem; como veio a morrer na cave da Bubnova; como tu vinhas pedir esmola para a rua, com a tua mãe; aquilo que ela te dizia e o que te pediu quando morreu... Fala-lhes também do teu avô. Conta-lhes como ele não queria perdoar à tua mãe e como esta te mandou ter com ele à hora da

morte, para ele lhe dar o seu perdão, e como ele se negou... e como ele morreu. Tudo, conta-lhes tudo!

E pode ser que, logo que tu acabes de contar tudo isto, o velho tenha um rebate de consciência. Olha, ele sabe que Aliocha a deixou hoje e que ela foi humilhada e insultada, que está sozinha, sem auxílio nem defesa de ninguém, por ter ofendido o seu inimigo. Ele sabe tudo isto... Nelly, salva Natacha! Queres ir?

— Sim — respondeu ela respirando ofegantemente e olhando-me com uns olhos estranhos, fixa e longamente; havia qualquer coisa semelhante a uma censura naquele olhar, pelo menos foi o que me pareceu.

Mas eu não podia abandonar a minha ideia. Tinha muita fé nela. Peguei na mão de Nelly e saímos. Eram já três horas da tarde. Havia nuvens. Durante os últimos dias estivera sempre calor e um ar abafado, mas agora anunciava-se ao longe a primeira e precoce tempestade outonal. O vento açoitava as ruas poeirentas.

Tomámos um fiacre. Durante o trajecto Nelly seguiu calada e apenas de quando em quando me lançava um daqueles olhares seus, estranhos, enigmáticos. Respirava precipitadamente e, ao segurá-la, no carro, senti como o seu coraçaozinho palpitava sobre a palma da minha mão, como se quisesse saltar-lhe do peito.

Capítulo sétimo

O caminho pareceu-me interminável. Finalmente chegámos e eu entrei em casa dos meus velhos, meio morto de angústia. Não sabia como sairia dali, mas, fosse como fosse, tinha ,de conseguir deles o seu perdão e a sua paz.

Eram já quatro horas. Os velhos estavam sós, como .de costume. Nikolai Serguieitch estava muito enfraquecido e doente, meio deitado, enterrado na sua cómoda poltrona, pálido e abatido, com um lenço atado à cabeça. Ana Andreievna estava junto dele; de quando em quando molhava-lhe as fontes com vinagre e espiava-lhe o rosto de instante a instante, o que parecia até inquietar e aborrecer o velho. Este guardava um silêncio obstinado e ela não ousava dirigir-lhe a palavra. O nosso aparecimento inesperado impressionou-os a ambos. Ana Andreievna assustou-se de repente, quando nos viu aos dois, como se de repente se sentisse culpada de qualquer coisa.

— Aqui lhes trago a minha Nelly — disse eu assim que entrei. — Já pensou melhor e agora já quis vir. Aí a têm. Gostem muito dela...

O velho olhava-me, receoso, e só por esse olhar se poderia adivinhar que estava ao facto de tudo, isto é, que Natacha se achava agora sozinha, abandonada, desprotegida e talvez ofendida. Ansiava por descobrir a secreta razão da nossa vinda e olhava interrogativamente para mim e para Nelly. Esta tremia, segurando com força a minha mão, de olhos fixos no chão, e de vez em quando lançava um olhar medroso, como uma ferazinha apanhada numa armadilha. Mas não tardou que Ana Andreievna se recordasse e adivinhasse tudo; aproximou-se então de Nelly, beijou-a, acariciou-a, chorou até, e fê-la sentar a seu lado com uma terna violência, sem lhe largar a mão. Nelly, curiosa e um pouco admirada, olhava-a de soslaio.

Mas, depois de acariciar Nelly e de obrigá-la a sentar-se a seu lado, a velhinha já não sabia o que havia de fazer mais e pôs-se a olhar para mim numa ingénua expectativa. O velho franziu o sobrolho, como se

começasse a perceber qual o objectivo com que eu trouxera Nelly. Quando viu que eu reparava na sua expressão de contrariedade e de enfado, levou a mão à cabeça e disseme secamente: — Dói-me a cabeça, Vânia.

Nós continuávamos calados, em silêncio; eu pensava por onde é que devia começar. O quarto estava na penumbra; passava nesse momento um negrão e tornou a ouvir-se o ribombar longínquo da trovoada.

— Os temporais começam muito cedo este ano — disse o velho. — Mas há trinta e sete anos, na nossa terra, ainda começavam antes.

Ana Andreievna suspirou.

— E se eu trouxesse o samovar? — perguntou timidamente, mas ninguém lhe respondeu e de novo encarou Nely

— E tu, minha linda, como te chamas? — perguntou-lhe.

Nelly disselhe o seu nome com uma voz fraca e baixou outra vez os olhos. O velho mirava-a de alto a baixo.

— Com que então Helena, hem? — continuou a velha, com animação.

— Sim — respondeu Nelly e novamente se fez um silêncio momentâneo.

— A irmã de Praskovia Andreievna tinha uma sobrinha que se chamava Helena — disse Nikolai Serguieitch.

— Também era Helena, lembro-me bem.

— De maneira que tu, minha pequena, não tens parentes nem pais? — tornou a perguntar-lhe Ana Andreievna.

— Não — murmurou Nelly lacónica e timidamente.

— Já o tinha ouvido dizer, já tinha ouvido dizer. E já há muito tempo que a tua mãe morreu?

— Não, há pouco.

— Minha pequenita, minha orfazinha — continuou a anciã, olhando-a compassivamente.

Nikolai Serguieitch tamborilava sobre a mesa com os dedos, impaciente.

— E a tua mãe, não era estrangeira? Creio que foi isso o que disse Ivan Petrovitch, não foi? — continuou a velha olhando-me timidamente.

Nelly olhou-me rapidamente com os seus olhos negros, como se pedisse o meu auxílio. Respirava irregular e precipitadamente.

— A mãe dela, Ana Andreievna — comecei eu —, era filha de um inglês, mas era russa. Nelly nasceu no estrangeiro.

— Então a mãe foi viver para lá com o marido?

De repente, Nelly estremeceu toda. A velha compreendeu imediatamente que tinha dito qualquer coisa que não devia e assustou-se ao ver o olhar iracundo do marido. Este olhou-a severamente e voltou-se para a janela.

— A mãe dela foi vítima das falas enganosas de um homem mau e vil — disse ele encarando de repente com Ana Andreievna. — Fugiu com ele de sua casa e entregou o dinheiro do pai ao amante, isto é, ele tirou-lho com artimanhas, foi para o estrangeiro e deixou-a espoliada e burlada. Houve no entanto um homem bondoso que não a abandonou e a ajudou até à sua morte. E quando ele morreu, há dois anos, voltou para casa do pai.

Não foi isso o que me contaste, Vânia? — perguntou-me à queima-roupa.

Neliy, tomada de uma grande comoção, levantou-se do seu lugar e fez menção de dirigir-se para a porta.

— Vem cá, Nelly! — exclamou o velho estendendo-lhe por fim a mão. — Senta-te aqui, senta-te ao pé de mim, aqui... senta-te.

Beijou-a na testa e ficou a olhá-la compassivo. Nelly parecia tremer toda, mas fazia o possível por dominar-se. Ana Andreievna, assombrada, numa ansiedade alvoroçada, via finalmente Nikolai Serguieitch acariciar a órfã.

— Já sei, Nelly, que foi um homem mau e desalmado que perdeu a tua mãe, mas também sei que ela gostava do pai e respeitava-o — continuou o velho, comovido, sem deixar de olhar Nelly no rosto e sem poder dominar-se, para não nos lançar essa provocação naquele momento. Um leve rubor lhe cobriu as faces pálidas, mas esforçou-se por não olhar para nós.

— A minha mãe gostava mais do meu avô do que o meu avô dela —

declarou Nelly com timidez, mas com firmeza, esforçando-se também por não olhar para ninguém.

— Como sabes tu isso? — atalhou o velho, cortante, sem se poder dominar, como uma criança, e como se se envergonhasse da sua impaciência.

— Sei — respondeu Nelly com secura. — Não quis receber a minha mãe em sua casa e... expulsou-a.

Eu vi que Nikolai Serguieitch queria dizer, objectar qualquer coisa, por exemplo, que o velho fizera bem em não receber a filha, mas limitou-se a olhar-nos e ficou calado.

— Onde viviam vocês então, quando o teu avô não quis receber a tua mãe? — perguntou Ana Andreievna, que, de repente, sentiu um desejo teimoso de insistir nesse tema.

— Quando voltámos do estrangeiro, andámos muito tempo à procura do avô — respondeu Nelly —, mas não conseguimos dar com ele. A mamã disseme então que, em tempos, o avozinho fora muito rico e tivera uma fábrica, mas que agora estava na miséria, porque o homem com quem ela tinha fugido levara o dinheiro do avô e não lho devolvera. Foi o que ela mesma me disse.

— Hum! — resmungou o velho.

— E também me contou — continuou Nelly cada vez mais animada e como se quisesse responder a Nikolai Serguieitch, mas dirigindo-se a Ana Andreievna — que o avô estava muito zangado com ela, que ela é que tinha a culpa de tudo e que no mundo apenas lhe restava o avô. E quando me contava isto, chorava... «Ele não me perdoará — dizia, quando andávamos a procurá-lo —, mas pode ser que, quando te vir, goste de ti, te ganhe amizade e me perdoe por tua causa.» A minha mãe gostava muito de mim e, quando me dizia isso, beijava-me sempre, mas tinha muito medo de ir ver o avô. Ensinou-me a rezar por ele e ela também rezava por ele, e contava-me muitas vezes como vivera noutro tempo com o avô, e como ele gostava muito dela, mais que ninguém. Tocava piano para ele e lia-lhe livros à noite, e o avô beijava-a e dava-lhe muitos presentes, dava-lhe tudo; um dia zangaram-se no dia do santo da

mamã, porque o avô pensava que a mamã não sabia que presente ele ia dar-lhe, mas ela já sabia há muito tempo do que se tratava. A mamã queria uns brincos, mas o avô, de propósito, disselhe que lhe ia oferecer, não uns brincos mas um broche, e quando chegou com os brincos e viu que a mamã já sabia que se tratava de uns brincos e não de um broche ficou zangado e esteve quase todo o dia sem lhe falar, até que por fim se pôs a beijá-la e acabou por lhe pedir perdão...

Nelly contava tudo isto com entusiasmo e até a cor subia às suas faces pálidas e adoentadas.

Era evidente que a sua *mãezinha* falara por mais de uma vez com a sua Nelly acerca dos seus antigos dias felizes, sentadas a um canto da cave, abraçando e beijando a sua menina (toda a consolação que lhe restava na vida) e chorando por ela, sem suspeitar sequer então com que força se gravariam as suas histórias no coração, morbidamente sensível e precocemente desenvolvido da sua filha.

Mas a entusiástica Nelly pareceu cair em si, de repente: olhou à sua volta com desconfiança e calou-se. O velho franziu o sobrolho e pôs-se outra vez a tamborilar sobre a mesa; uma lagrimazinha apareceu nos olhos de Ana Andreievna e, sem dizer nada, enxugou-a com o lenço.

— *Mamenka* (*) chegou aqui muito doente — acrescentou Nelly em voz baixa. — Estava muito doente do peito. Andámos muito tempo à procura do avô sem conseguir encontrá-lo, por isso alugámos um cantinho numa cave.

— Um canto numa cave! — exclamou Ana Andreievna.

— Sim, um cantito — respondeu Nelly. — *Mamenka* estava na miséria. *Mamenka* dizia-me — acrescentou, reanimando-se —, que não era pecado ser pobre, mas que o era ser rico e pecar... e que Deus estava a castigá-la.

— Foi em Vassilievski que alugaram a cave? Em casa da Bubnova, não foi? — perguntou o velho dirigindo-se a mim e esforçando-se por deixar transparecer uma certa indiferença nas suas perguntas.

— Não, não foi... Primeiro morárrios em Miechanski — respondeu Nelly. — Aquilo era muito escuro e húmido — continuou, depois de uma pausa — e *mamenka* piorou, mas nessa altura ainda saía. Eu lavava-lhe a

roupa e ela chorava. Ali vivia também uma velhinha, viúva de um capitão,e um empregado reformado, que andava sempre bêbado; embebedavam-se todos e passavam as noites todas a gritar e a chorar. Eu tinha muito medo dele. Eu dormia com mamenka e sentia-a tremer todas as vezes que o reformado guinchava e rosnava. Uma vez ele quis matar a viúva, que já era muito velhinha, coitada, e andava apoiada num pau. Mamenka teve pena dela e levou-a consigo; o reformado então começou a bater na minha mãe e eu nele...

(*) Diminutivo familiar e carinhoso da palavra mãe, em russo. (N. do T)

Nelly parou por um momento. Essa recordação perturbara-a, os seus olhos brilhavam.

— Meu Deus! — exclamou Ana Andreievna muito interessada na narrativa e sem tirar os olhos de Nelly, que se dirigia de preferência a ela.

— Quando *mamenka* saía — continuou Nelly — levava-me consigo. Era de dia. Andávamos pelas ruas até anoitecer, e *mamenka* não fazia outra coisa senão andar e chorar, levando-me pela mão. Eu estava muito cansada; não tínhamos comido nada todo o dia. E *mamenka* falava sozinha e dizia-me: «És pobre, Nelly, mas quando eu morrer não faças caso de ninguém. Não vás com ninguém; deixa-te ficar sempre sozinha, sê pobre e trabalha e, se não encontrares trabalho, pede esmola; mas nunca recorras a *ele.*» Um dia, ao escurecer, fomos ter a uma rua muito grande e, de repente, *mamenka* começou a gritar: «Azorka, Azorka!», e então um cão muito grande, pelado, veio a correr para junto de *mamenka,* ladrando e erguendo-se à altura do seu corpo; *mamenka* assustou-se, pôs-se muito pálida, deu um grito e pôs-se de joelhos aos pés de um velho muito alto, que se apoiava num bordão e olhava para o chão. E esse velho tão alto era o avô, e estava muito fraco e trazia um fato muito roto. Foi essa a primeira vez que eu vi o avô. Ele também se assustou muito e empalideceu quando viu que *mamenka* estava a seus pés e abraçada a eles; mas depois afastou-se dela com violência, deu-lhe uma pancada com a ponteira do bastão e fugiu de nós quase a correr. Azorka ficou

ainda ali um momento, a ladrar e a lamber a minha *mamenka'*, mas acabou por ir com o avô, agarrou-se-lhe às calças e puxou-o para trás; mas o avô bateu-lhe também com o bastão. Azorka correu outra vez para junto de nós; mas o avô chamou-o e então foi com ele, sem deixar de ladrar. *Mamenka* estava caída no chão, como morta, e juntara-se muita gente à sua volta. Apareceram guardas. Eu gritava e fazia todo o possível por levantá-la do chão. Até que por fim ela se levantou, olhou à volta e veio comigo. Levei-a a casa. As pessoas ainda nos seguiram durante bastante tempo com a vista e todos abanavam a cabeça...

Nelly fez uma pausa para respirar e descansar. Estava muito pálida, mas nos seus olhos lia-se decisão.

Percebia-se que estava resolvida a contar tudo até o fim. Parecia inspirada naquele momento.

— De maneira que — observou Nikolai Serguieitch com uma voz hesitante e com certa secura irritada —, de maneira que a tua mãe tinha ofendido o avô e ele tinha as suas razões para repeli-la...

— A minha mãe, ela própria me disse isso — insistiu Nelly. — E quando chegámos a casa, contou-me tudo: «Era o teu avô, Nelly, eu procedi mal para com ele e por isso ele me amaldiçoou e Deus me castiga agora.» E durante toda essa noite e todos os dias seguintes me falou do mesmo. Mas falava como se ela própria não soubesse...

O velho continuava calado.

— Mas depois mudaram-se para o outro quarto? — perguntou Ana Andreievna, que continuava a chorar.

— *Mamenka* caiu doente nessa mesma noite; a viúva procurou um quarto em casa da Bubnova. Passados três dias mudámo-nos dali e a viúva veio connosco; assim que saímos *mamenka* caiu à cama e esteve três semanas doente e então era eu que saía em vez dela. Já não tínhamos dinheiro nenhum e quem nos ajudava era a mulher do capitão e Ivan Alexandrovitch.

— Um fabricante de caixões — disse eu, à maneira de explicação.

— E quando *mamenka* se levantou da cama e começou outra vez a sair, contou-me coisas sobre Azorka.

— Que te contava ela de Azorka? — perguntou Nikolai Serguieitch, acomodando-se no cadeirão, como se quisesse esconder melhor o rosto e olhar para baixo.

— Ela falava-me sempre do avô — respondeu Nelly — e quando estava doente falava-me também sempre dele e delirava. Quando melhorava um pouco, começava logo a falar-me de como tinha sido a sua vida... e contava-me coisas sobre Azorka, porque, uma vez, não sei onde, na margem do rio, do outro lado da cidade, uns rapazes levavam Azorka atado por uma corda para irem afogá-lo, e *mamenka* então deu-lhes dinheiro e comprou-lho. Quando o avô viu Azorka fez muita troça dele. Mas um dia Azorka fugiu. A mamã pôs-se a chorar; o avô assustou-se e disse que daria cem rublos a quem lhe trouxesse Azorka. Passados três dias levaram-lho; o avô deu os cem rublos e a partir desse momento começou a gostar de Azorka. *Mamenka* gostava tanto dele que até o deixava dormir na sua cama. Contou-me que, dantes, Azorka andava com uns saltimbancos pelas ruas e sabia servir à mesa e trazer um macaco às costas, e também segurar numa espingarda e muitas outras coisas... Mas quando *mamenka* saiu de casa do avô, este ficou com Azorka e passou a andar sempre com ele; e por isso, daquela vez, quando a mãezinha viu Azorka, adivinhou imediatamente que o avô andava por ali...

O velho, pelos vistos, não esperava aquilo de Azorka e por isso ficou ainda mais zangado. Não tornou a perguntar mais nada.

— E não tornaram a ver o avô? — perguntou Ana Andreievna.

— Não. Quando *mamenka* começou a melhorar eu tornei a encontrá-lo. Foi quando ia à loja comprar pão; de repente vi um homem com Azorka; olhei e reconheci o avô. Desviei-me para um lado e encostei-me à parede.

O avô olhou para mim durante muito tempo, e com tal ferocidade que eu fiquei cheia de medo e fugi. Azorka também me reconheceu, veio a correr e lambeu-me as mãos. Corri para casa o mais depressa que pude, olhando para trás, e o avô entrou na loja. E pensei para comigo que ele ia com certeza fazer perguntas, e assim que cheguei a casa não disse nada à

minha mãe com medo que ela ficasse doente. No dia seguinte não fui à loja; disse que me doía a cabeça, mas quando lá voltei, passados três dias, não encontrei ninguém, mas senti um medo terrível enquanto ia caminhando. Mas no outro dia, mal voltei a esquina, dei de cara com o avô e com Azorka. Deitei a correr, meti-me por outra rua e vim ter à loja por outro lado; mas assim que entrei, estaquei e fiquei tão aterrorizada que nem podia dar um passo. O avô estava na minha frente, e outra vez me olhava longamente, e depois olhou-me ainda mais de perto, puxou-me por uma mão, e Azorka vinha connosco a mexer a cauda. Foi então que eu vi que o avô não podia andar direito e tinha de apoiar-se no bastão, e que as mãos lhe tremiam. Levou-me a uma frutaria que havia ali perto, onde vendiam tortas e maçãs. O avô comprou-me um galo e um peixe de pão doce, um cartucho de rebuçados e uma maçã, e quando tirava dinheiro da bolsa de couro tremiam-lhe muito as mãos e deixou cair um *pttak* (*) que eu apanhei. Ele deu-mo, mais os doces; olhou-me de frente, mas não chegou a dizer nada; foi-se e encaminhou-se para sua casa.

(*) Moeda de cobre do valor de cinco copeques. (N. da T.)

«Quando eu cheguei à minha, contei tudo à *mamenka* e disselhe o medo que tivera do avô e como me tinha escondido dele. *Mamenka,* a princípio, não queria acreditar-me, mas depois ficou tão contente que durante toda a noite não fez mais que fazer-me perguntas e beijar-me e chorar; e quando eu acabei de lhe contar tudo, recomendou-me que, daí por diante, nunca mais tivesse medo do avô e disseme que, naturalmente, o avô gostava de mim, visto que se tinha aproximado. E disseme que devia ser afectuosa para com o avô e falar com ele. No dia seguinte, de manhã, mandou-me espiá-lo várias vezes, embora eu lhe tivesse dito que o avô aparecia sempre de tarde. Ela seguia-me a uma certa distância e escondia-me numa esquina, e no outro dia tornámos a fazer o mesmo. Mas o avô não apareceu; nesse dia choveu e a mamã apanhou um resfriamento, porque vinha sempre acompanhar-me até à

porta, e por isso teve de ir para a cama outra vez.

«O avô tornou a passar ao fim de uma semana, comprou-me outra empadinha de peixe e outra maçã, mas também não me disse nada. Quando nos separámos, eu, às furtadelas, fui-o seguindo, conforme o projecto que tinha feito, para ficar a saber onde é que ele vivia e para o dizer à mamã. Fui-o seguindo à distância pelo outro passeio da rua, de maneira que ele não me visse. Mas morava bastante longe, não na casa onde veio a morar depois e a morrer, mas na Gorokovaia, também num prédio grande, no 4.º andar. Fiquei a saber isto tudo e voltei tarde para casa. A mamã estava muito assustada, porque não sabia por onde eu andava. Quando lhe contei tudo pôs-se outra vez muito contente e queria ir logo ver o avô, no dia seguinte; mas no dia seguinte reflectiu e ficou cheia de medo. Por isso não saiu. Depois chamou-me e disseme: «Olha, Nelly, eu estou doente e não posso sair, mas escrevi uma carta ao avô; leva-lha tu. E repara na cara que ele faz ao lê-la, e o que diz, e o que faz; depois põe-te de joelhos e beija-o e suplica-lhe que perdoe à tua mãe...» E *mamenka* chorava muito e dava-me muitos beijos e benzia-me durante todo o caminho até à porta e implorava Deus, e tinha-me feito ajoelhar a seu lado diante da imagem, e embora estivesse muito doente, veio acompanhar-me até à porta, e sempre que eu me voltava para trás, via-a ali, seguindo-me com os olhos. Eu fui procurar o avô e abri a porta, que não tinha o ferrolho corrido. O avô estava sentado à mesa e comia batatas com pão, e Azorka estava diante dele, via-o comer e mexia a cauda. O quarto do avô também era de tecto baixo e escuro e também só havia nele uma mesa e uma cadeira. Vivia sozinho. Quando entrei ele ficou tão assustado que empalideceu e se pôs a tremer. Eu também me assustei e não disse nada; aproximei-me simplesmente da mesa e entreguei-lhe a carta.

Quando a viu, o avô ficou tão furioso que se levantou de um pulo, pegou no bastão e ameaçou-me com ele; simplesmente, não chegou a bater-me, limitou-se a empurrar-me para o patamar. Mal eu pusera o pé no primeiro degrau quando tornou a abrir a porta e me atirou a carta por abrir. Regressei a casa e contei tudo.

Mamenka teve de meter-se na cama outra vez...

Capítulo oitavo

Nesse momento ouviu-se um trovão bastante forte, e a chuva, num rijo aguaceiro, veio bater contra os vidros.

A sala escureceu e todos nos quedámos de repente.

— Já está aqui — disse o velho olhando para a janela. Depois do que se levantou e pôs-se a dar voltas na sala, de um lado para o outro, enquanto Nelly o seguia com os olhos, às furtadelas. Estava extraordinariamente agitada, quase doente. Eu observava-a mas ela parecia evitar o meu olhar.

— Bem, e que mais? — perguntou o velho tornando a sentar-se no cadeirão.

Nelly olhou, assustada, à sua volta.

— E depois, não tornaste a ver o teu avô?

— Não, não o tornei a ver...

— Ah! Conta, minha querida! — insistiu Ana André ievna.

— Passaram três semanas sem que eu o visse mais — começou Nelly — até ao Inverno. Quando voltei a encontrar o avô, no mesmo sítio de antes, fiquei muito contente porque a mamã estava muito triste por ver que ele não saía. Assim que o vi, deitei a correr para o outro passeio, para que ele visse que eu fugia dele. Olhei e vi que o avô, a princípio, começou a andar a trás de mim, estugando o passo para me alcançar, e se punha a gritar: «Nelly, Nelly!»

E Azorka corria atrás dele. Tive pena e parei. O avô aproximou-se, pegou-me na mão, mas quando viu que eu chorava, deteve-se, olhou-me e deu-me um beijo. Viu que eu trazia uns sapatos muito velhos e perguntou-me: «Não tens outros?» Apressei-me a contar-lhe que a minha mãe não tinha dinheiro e que a dona da casa nos dava de comer apenas por dó. O avô não disse nada mas levou-me a uma sapataria, comprou-me uns sapatos e mandou-me calçá-los, e daí levou-me a sua casa, na Gorokovaia; mas antes entrou ainda numa loja e comprou um pastel e dois pacotes de doces; disseme que comesse o pastel e depois deu-me os

doces. E Azorka pôs as patas sobre a mesa, a pedir-me um bocadinho do pastel; e eu dava-lho e o velho sorria. Depois pegou em mim, sentou-me ao seu lado, pôs-se a olhar-me de frente e a perguntar-me se eu já tinha alguns estudos e o que sabia. Disselho e ele mandou-me ir todos os dias a sua casa, se eu pudesse, aí pelas três horas, porque ele próprio me ensinaria. Depois disseme que me voltasse e olhasse para a janela até que ele me dissesse quando é que eu podia tornar a olhar. E assim fiz; mas ia voltando a cabeça às escondidas e vi então que ele descosia a almofada pelo lado de baixo e tirava dela quatro rublos de prata. Assim que os tirou deu-mos e disseme: «Toma, são só para ti.» Eu ia já a aceitá-los, mas pensei melhor e disse: «Se são só para mim, então não os quero.» De repente, o avô enfureceu-se e disseme: «Está bem, é como tu quiseres. Toma-os e vai-te embora!» Saí e ele não me beijou.

«Quando voltei a casa contei tudo à minha mãe. *Mamenka* estava cada vez pior. A casa do fabricante de caixões costumava ir um estudante. Ajudava a minha mãe e fazia-a tomar os remédios.

«Eu ia ver o avô muitas vezes. Era a minha mãe que me mandava. O avô comprou um Novo Testamento e uma geografia e começou a dar-me lições, e às vezes dizia-me quantas terras há no mundo, e que pessoas vivem nelas, e como Cristo perdoou a todos nós. Quando eu lhe fazia alguma pergunta ele ficava muito contente, por isso eu fazia-lhe muitas perguntas e ele dizia-me tudo e falava-me muito de Deus. De outras vezes não dávamos lição e eu punha-me a olhá-lo de frente, embora ele não fosse muito para risos. Às vezes punha-se a falar durante muito tempo, depois calava-se de repente e ficava meio adormecido, mas com os olhos abertos. E assim ficava até escurecer; e quando escurecia punha-se horrível, com uma expressão tão velha... Eu costumava aproximar-me dele, mas ele continuava sentado na sua cadeira, meditando e sem ouvir nada, com Azorka estendido a seus pés. Eu esperava, esperava e tossia, mas o avô não se voltava para olhar para mim. E assim o deixava e me ia embora. Em casa, havia já muito que a mamã me esperava. Estava deitada e eu contava-lhe tudo, tudo, de maneira que a noite aproximava-se e eu continuava a falar, e ela a escutar o que eu dizia do avô, o que

tinha feito nesse dia e as histórias que ele contara, e também a lição que tínhamos dado. E depois falava-lhe de Azorka, dizia-lhe que o tinha feito saltar um pau e o que o avô se ria e, de repente, também começava a rir e ficava a rir por muito tempo, e ria-se e ficava muito contente, e pedia-me que lhe contasse tudo outra vez e depois começava a rezar. E eu pensava: «Porque será que *mamenka,* gostara tanto do avô e ele não gostara dela?» E quando eu ia vê-lo punha-me a contar-lhe tudo de propósito, a dizer-lhe como a mamã gostava dele.

Ele escutava-me, muito mal-humorado; escutava-me e não dizia nada. Então eu perguntava-lhe porque seria que a mãe gostava tanto dele, porque não fazia outra coisa senão perguntar-me por ele e ele nunca me perguntava por ela. Até que um dia o avô se zangou e me pôs fora de casa. Eu fiquei algum tempo no patamar, atrás da porta; mas ele tornou a abri-la de repente e mandou-me entrar; estava muito zangado e silencioso. Mas depois, quando nos pusemos a ler a lei de Deus eu tornei a perguntar-lhe: «Não é verdade que Jesus Cristo disse *Amai-vos uns aos outros e perdoai as ofensas* e ele não queria perdoar à mamã?» Então ele saltou da cadeira e pôs-se a gritar que tudo aquilo tinha sido a minha mãe que mo ensinara e mais uma vez me expulsou e me disse que nunca mais voltasse a aparecer ali. E eu disselhe que podia ficar descansado, que eu não voltaria mais, e fui-me... E o avô no dia seguinte mudou-se de quarto...

— Eu bem dizia que a chuva passava depressa. Já lá vai e aí vem o sol... Olha, Vânia — disse Nikolai Serguieitch, assomando à janela.

Ana Andreievna lançou-lhe um olhar de grande perplexidade e, de repente, nos olhos até então plácidos e altivos da velha, relampejou uma enorme irritação. Em silêncio, pegou em Nelly e sentou-a nos joelhos.

— Conta-me, meu anjo — disse —, que eu escuto-te! Deus queira que aqueles que têm um coração duro...

Não acabou e desatou a chorar. Nelly dirigiu-me um olhar interrogativo, entre perplexo e assustado. O velho olhou-me e encolheu os ombros, mas em seguida voltou-se.

— Continua, Nelly — disse.

— Eu estive três dias sem aparecer em casa do avô — recomeçou Nelly — e durante esse tempo a mamã piorou. O dinheiro tinha-se-nos acabado completamente; não tínhamos com que comprar os medicamentos, nem de comer, porque a dona da casa também não o tinha e começaram a atirar-nos à cara que vivíamos à custa alheia. Mas passados três dias eu levantei-me de manhã e comecei a vestir-me. A minha mãe perguntou-me onde é que eu ia e respondi-lhe: «A casa do avô, vou pedir-lhe dinheiro.» Ela ficou muito contente, porque eu já lhe tinha contado como ele me expulsara de sua casa e lhe respondera que nunca mais voltaria a procurá-lo, por mais que ela chorasse e procurasse dissuadir-me. Fui até lá e disseram-me que o avô se mudara; fui então procurá-lo à sua nova casa. Assim que o vi, na sua nova casa, ele deu um pulo, dirigiu-se para mim e bateu com o pé no chão; eu então disselhe que *mamenka* estava muito doente, que precisávamos de dinheiro para remédios, que custavam dez copeques, e que também não tínhamos nem uma côdea de pão para levar à boca. O avô pôs-se a gritar, expulsou-me para a escada e depois fechou a-porta a chave. Mas no momento em que ele me empurrava ainda lhe gritei que me sentaria na escada e que não sairia dali enquanto ele não me desse dinheiro. Passou bastante tempo, até que ele voltou a abrir a porta e, quando me viu ali, tornou a fechá-la. E depois tornou a abrir e a olhar para mim. Até que por fim saiu com Azorka, fechou a porta e passou junto de mim em direcção à rua, e não me disse uma palavra. Eu também não lhe disse nada, continuei sentada, e ali fiquei até que se fez noite.

— Pobrezinha! — exclamou Ana Andreievna. — com o frio que devia fazer na escada!

— Eu trazia uma samarra para me agasalhar — respondeu Nelly.

— Ainda que trouxesses samarra... minha pobrezinha, como tens sofrido! E o teu avô, que fez ele?

Os lábios de Nelly começaram a tremer, mas fez um esforço enorme sobre si própria e dominou-se.

— Regressou a casa quando era já de noite e quando ia a entrar tropeçou em mim e deu um grito: «Quem está aqui?» Disselhe que era

eu. Ele"devia imaginar que eu com certeza já me tinha ido embora e, quando viu que eu continuava ali, ficou muito admirado e esteve a olhar para mim durante muito tempo. De súbito deu uma bengalada no degrau, passou de largo, abriu a porta e, após um minuto, voltou e trouxe-me uns cobres, tudo moedas de cinco copeques, atirando-as para a escada. «Isso é para ti — gritou —, toma; é tudo quanto tenho e diz à tua mãe que a amaldiçoo...», e fechou a porta. As moedas espalharam-se pela escada. Pus-me a apanhá-las na obscuridade, e o avô, pelos vistos, compreendeu que as moedas tinham rolado e que eu precisava de ter muito trabalho para procurá-las na escada. Então abriu a porta, trouxe uma vela, e assim, com luz, não tardou que eu as encontrasse. O avô pôs-se também a apanhá-las comigo, disseme que deviam estar ali oitenta copeques e parecia agora mais brando. Quando voltei a casa dei as moedas à minha mãe e contei-lhe tudo. A minha mãe continuava pior e eu também estive doente toda a noite e na manhã seguinte ainda tinha febre. Mas só pensava numa coisa: porque teria o avô ficado furioso? E quando *mamacha* adormeceu, fui e saí para a rua e dirigi-me a casa do avô, mas parei no passeio. E foi então que passou *aquele...*

— Refere-se a Arkipov — disse eu —, o indivíduo de quem eu lhe falei a si, Nikolai Serguieitch... o que tinha combinação com a Bubnova e levou aquela sova. Era a primeira vez que Nelly o via... Continua, Nelly.

— Fi-lo parar e pedi-lhe um rublo de prata. Ele olhou para mim e perguntou-me: «Um rublo de prata?» Eu disse-Ihe: «Sim.» Então ele pôs-se a rir e disseme: «Vem comigo.» Eu não sabia se havia de acompanhá-lo ou não. De repente passou junto de nós um velhinho com óculos de aros de ouro, que me ouviu estar a pedir o rublo de prata; dirigiu-se a mim e perguntou-me para que queria eu tanto dinheiro. Disselhe que a minha *mamenka* estava doente e que precisava desse dinheiro para os remédios. Ele perguntou-me onde vivíamos, tomou nota da morada e deu-me uma nota com o valor de um rublo de prata. Mas o *outro,* assim que viu o velho dos óculos afastou-se e não tornou a chamar-me mais. Fui a uma loja e troquei a nota. Embrulhei trinta copeques num papelinho e pu-los de lado, para a minha *mamacha,* guardei oito *grivenes* na mão e dirigi-me

a casa do avô. Quando cheguei abri a porta, assomei à entrada, juntei o dinheiro e atirei-lho, de maneira que ele se espalhou pelo chão. «Aí tem, guarde o seu dinheiro! — disselhe. — A minha mãe não o quer, por vir de si, de si que a amaldiçoou!», gritei eu à porta e saí logo a correr.

Os olhos de Nelly cintilavam e olhou para o velho com uma expressão de desafio amigável.

— Fizeste muito bem! — disse Ana Andreievna sem olhar para Nikolai Serguieitch e apertando com força a mão de Nelly. — Era assim mesmo que era preciso proceder com ele. O teu avô era mau e duro de coração...

— Hum! — resmungou Nikolai Serguieitch.

— Bom. E que mais, e que mais? — perguntou Ana Andreievna impaciente.

— Deixei de ir ver o avô e ele deixou de vir ver-me respondeu Nelly.

— E então ficaste com a tua mãe? Ah, pobrezinha, pobrezinha!

— A minha mãe estava cada vez pior e raro era o dia em que se levantava da cama — continuou Nelly, a sua voz tremia e estrangulava-se-lhe. — Dinheiro, já não tínhamos nenhum, e eu comecei a sair com a mulher do capitão. E ela andava pelas ruas e também pedia esmola às pessoas e era disso que vivia. Costumava dizer-me que não era nenhuma mendiga, que tinha documentos onde constava a sua identidade e também que era pobre. Mostrava esses documentos às pessoas e davam-lhe dinheiro. Também me dizia que não era nenhuma vergonha pedir a toda a gente. Eu saía com ela e davam-nos esmola e era disso que vivíamos. *Mamacha* ficou a saber isto porque os vizinhos deram em lançar-lhe ern rosto que era uma mendiga e a própria Bubnova veio vê-la e disseme que mais valia que me deixasse ir com ela e não andasse a pedir esmola. Já antes tinha ido ver a mamã e lhe levara dinheiro, e quando a mamã não o queria a Bubnova dizia: «Porque é tão orgulhosa?», e mandava-lhe comida. Mas quando disse aquilo de mim, a minha *mamacha* pôs-se a chorar e ficou assustada, mas a Bubnova começou a resmungar, porque estava bêbeda e dizia que eu andava a fazer de mendiga sem necessidade disso, e que saía com a mulher do

capitão, e nessa mesmo noite expulsou-a de casa. Quando soube disso tudo *mamenka* pôs-se a chorar; depois, de repente, foi e levantou-se da cama, vestiu-se, pegou-me na mão e levou-me consigo. Ivan Alexandrovitch tentou detê-la, mas ela não consentiu. *Mamenka* mal podia andar, sentava-se constantemente no chão e eu ia-a amparando. Só dizia que ia procurar o avô e pedia-me que a levasse até lá; havia já algum tempo que anoitecera. De repente, fomos desembocar a uma grande rua. Aí, junto de uma casa havia carruagens paradas e saía muita gente, nas janelas brilhavam muitas luzes e ouvia-se música. *Mamenka* parou, cingiu-me a mim e disseme: «Nelly, és pobre e toda a vida hás-de ser pobre; não vás com ninguém, ainda que te chamem e seja quem for. E ainda que pudesses estar, como aqueles que vês ali, rica e bem vestida, eu não o queria. Essa gente é má e cruel. Escuta o que eu te recomendo: conserva-te pobre, trabalha e pede esmola, e se alguém te chamar, responde: «Não quero nada consigo...» Foi isto o que a minha mãe me disse quando estava doente e eu hei-de obedecer-lhe toda a vida — acrescentou Nelly trémula de comoção, com a carita afogueada — e toda a vida servirei e trabalharei, vim para a vossa casa para servir e trabalhar e não quero ficar aqui na qualidade de filha...

— Basta, minha querida, basta! — exclamou a velhota abraçando muito Nelly. — A tua *mamacha* estava doente quando te dizia isso...

— Estava doida — observou o velho, cortante.

— Pode ser que estivesse doida — concordou Nelly, voltando-se, mal-humorada, para o velho —, pode ser que estivesse doida, mas foi o que ela me mandou e eu hei-de obedecer-lhe toda a vida. E quando disse isso, também desfaleceu.

— Meu Deus! — exclamou Ana Andreievna. — Doente, no meio da rua? E no Inverno?

— Os polícias queriam levar-nos, mas apareceu um senhor, perguntou a nossa morada, deu-me dez rublos e mandou levar a minha mãe a casa, na sua carruagem. Depois disso já a minha *mamenka* não tornou mais a levantar-se... E passadas precisamente três semanas morreu...

— E o pai, que fez, por fim? Perdoou-lhe? — interrogou Ana Andreievna, anelante.

— Não lhe perdoou — acrescentou Nelly, dominando-se a custo. — Uma semana antes de morrer, *mamenka* chamou-me e disseme: «Nelly, vai outra vez ter com o avô, a última, e diz-lhe que venha ver-me e me perdoe. Diz-lhe que eu devo morrer num destes dias e te vou deixar sozinha no mundo. E diz-lhe também que me custa muito morrer...» Eu fui e chamei à porta do avô, ele abriu-a, mas quando me viu fez logo menção de fechá-la; eu agarrei-me à porta com ambas as mãos e gritei-lhe: «*Mamacha* está a morrer e chama por si. Venha vê-la...» Mas ele deu-me um empurrão e fechou a porta. Eu voltei para junto da minha mãe, deitei-me a seu lado, abracei-me a ela e não disse nada... *Mamenka* abraçou-me também e também nada me perguntou...

Quando Nelly chegou a este ponto, Nikolai Serguieitch apoiou uma mão sobre a mesa e levantou-se, mas depois de nos envolver a todos num olhar extremamente doloroso, deixou-se cair novamente no cadeirão, como se lhe tivessem faltado as forças.

— Bem; antes de morrer, no último dia, quase ao escurecer, a minha mãe chamou-me e disseme: «Eu morro hoje, Nelly.» E quis continuar a falar mas não pôde. Eu olhei para ela, mas ela parecia que já não me via; apenas segurava com força a minha mão entre as suas. Eu, devagarinho, retirei a minha mão, saí de casa a correr e, sem parar de correr durante todo o caminho, dirigi-me à do avô. Quando me viu ele saltou da cadeira e ficou tão assustado que se pôs lívido e começou a tremer. Peguei-lhe na mão e só lhe disse isto: «A minha mãe está a morrer.» Então ele, de repente, pareceu voltar a si; pegou na bengala e deitou a correr atrás de mim. Até se esqueceu de pôr o chapéu, apesar de fazer frio. Agarrei nele e pus-lho, e saímos juntos a correr.

Eu dizia-lhe que era preciso andar depressa e tomar uma caleche, porque a minha mãe estava a morrer, mas o avô só tinha oito copeques. Entretanto, mandou parar vários cocheiros e pôs-se a regatear com eles, mas eles riam-se e faziam troça de Azorka, porque, Azorka vinha connosco e nós continuávamos a correr. O avô cansava-se e respirava

com dificuldade, mas apressava-se o mais que podia. De repente caiu e o chapéu fugiu-lhe. Apanhei-o, pus-lho, segurei-o pela mão e quando chegámos a casa era já quase noite... E a minha mãe já tinha morrido. Quando a viu, o avô juntou as mãos, estremeceu, aproximou-se dela, mas não disse nada. Eu, então, aproximei-me do cadáver da mãezinha, peguei no avô por um braço e gritei-lhe: «Aí tens, homem mau e cruel, aí tens. Olha. Olha!» O avô lançou um grito e caiu no chão como morto...

Nelly estremeceu; soltou-se do braço de Ana Andreievna e colocou-se no meio de nós, pálida, esgotada e espavorida. Mas Ana Andreievna correu para ela e, abraçando-a outra vez, gritou-lhe, como inspirada: — Eu, eu serei tua mãe a partir deste momento, Nelly, e tu serás minha filha! Sim, Nelly, vamo-nos, deixemos todos esses seres maus e duros! Que continuem a escarnecer do próximo e que Deus, que Deus os proteja! Vamo-nos, Nelly, vamo-nos daqui, vamo-nos!

Nunca, nem antes nem depois, a vi em tal estado, e nunca pensei que fosse capaz de comover-se a tal ponto.

Nikolai Serguieitch, erguendo-se do seu lugar, perguntou numa voz sonora e entrecortada: — Mas onde vais, Ana Andreievna?

— Buscá-la a ela, à minha filhinha Natacha! — exclamou a velha.

E puxou por Nelly, em direcção à porta.

— Pára, pára, espera!

— Qual espera, homem duro e mau! Já esperei muito, mas agora, adeus!

Depois de lhe ter respondido isto, a velha voltou-se, olhou para o marido e mudou de cor. Nikolai Serguieitch estava diante dela, pegou no chapéu e, a tremer, desajeitado, pôs à pressa, ele sozinho, o sobretudo.

— Tu também... tu também vens comigo! — exclamou ela estendendo as mãos, suplicante, e olhando incrédula para o marido, como se não se atrevesse a acreditar em semelhante felicidade.

— Natacha! Onde está a minha Natacha? Onde está? Onde está a minha filha? — foram os gritos que brotaram por fim do peito do velho. — Restituam-me a minha filha Natacha! Onde está ela, onde está?

E tirando das minhas mãos a bengala que eu já lhe tinha estendido,

dirigiu-se precipitadamente para a porta.

— Perdoou-lhe! — exclamou Ana Andreievna.

Mas o velho nem chegou a sair. A porta abriu-se de repente e Natacha, pálida, de olhos cintilantes, como se estivesse cheia de febre, entrou na sala. Trazia a roupa toda esgarçada e molhada da chuva. O lenço com que cobria a cabeça escorregara-lhe para a nuca e nas madeixas do seu cabelo, fartas e revoltas, brilhavam grossas gotas de chuva. Entrou a correr, viu o pai e, dando um grito, deitou-se a seus pés de joelhos, estendendo as mãos para ele.

Capítulo nono

Ele apressou-se a levantá-la...

Segurou-a e erguendo-a no ar, como a uma menina, levou-a para o seu cadeirão, sentou-a nele e deixou-se cair a seus pés, de joelhos. Beijou-lhe as mãos, os pés; beijava-a apressadamente, olhava-a avidamente, como se não quisesse acreditar que a tinha novamente a seu lado, que outra vez a via e ouvia... a ela, à sua filha, à sua Natacha. Soluçando, Ana Andreievna aproximou-se dela, apertou a sua cabeça contra o peito e ficou tão comovida com esse amplexo que nem teve forças para dizer uma palavra.

— Alma minha! Minha vida! Alegria do meu coração! — exclamou o velho com incoerência, segurando as mãos de Natacha, como um apaixonado, olhando o seu rosto abatido e pálido, mas tão bonito, e os seus olhos nos quais havia lágrimas. — Minha alegria, filha da minha alma! — repetia e tornava a olhá-la em silêncio e como num alvoroço descomedido. — Quem, quem é que me disse que estavas mais magra! — dizia com precipitação, com um riso infantil, dirigindo-se a nós e sem se levantar do chão, de joelhos, a seus pés. — Um bocadinho mais magra, é verdade, um pouco pálida, mas olhem, que bonita! Ainda mais do que antes, ainda mais! — acrescentou, acalmando-se involuntariamente sob o efeito da agradável dor que parecia querer partir-lhe a alma em duas.

— Levanta-te, papá, levanta-te! — disse Natacha. — Que eu também queria beijar-te...

— Oh, minha filha! Ouves, ouves, Anutchka, como ela veio!

E abraçaram-se convulsivamente.

— Não, Natacha, não. Eu tenho de continuar a teus pés até que o meu coração sinta que tu lhe perdoas, porque agora, nunca, nunca poderei merecer o teu perdão! Eu repeli-te, amaldiçoei-te, estás a ouvir, Natacha?

Eu amaldiçoei-te! Tive coragem para isso! Mas tu, tu, Natacha, acreditaste que eu te amaldiçoasse?

Acreditaste, sim... acreditaste! Não devias tê-lo acreditado! Não

devias, não devias, de maneira nenhuma!

Minha mazinha! Porque não vieste para mim? Tu bem sabias que eu te receberia! Oh, Natacha, deves lembrar-te de como eu gostava de ti, dantes! Pois bem, agora e durante todo esse tempo gostei de ti o dobro, gostava de ti agora mil vezes mais que dantes. Queria-te com loucura! Teria dado a minha alma por ti, o meu sangue, teria arrancado o coração para pô-lo a teus pés, ó alegria da minha vida!

— Então, vá, beije-me, homem cruel, nos lábios, no rosto, como beija uma mãe! — esclamou Natacha numa voz dolente, débil, entrecortada"por lágrimas de júbilo.

— E nos olhinhos também! Nos olhinhos também! Como dantes, lembras-te? — repetiu o velho depois de um meigo abraço à sua filhinha. — Oh, Natacha! Sonharias de noite comigo, tu? Eu sonhava contigo quase todas as noites, sonhava que voltavas para casa e eu chorava por ti, e uma vez tu vieste, eras pequenina, lembras-te?

Como quando tinhas só dez anos e começavas a aprender piano... e trazias um vestidinho curto e uns sapatinhos muito bonitos e umas mãozinhas muito cor-de-rosa... Lembras-te de como ela tinha as mãos rosadas, nesse tempo, Anutchka? E vieste para mim e puseste-te de joelhos e abraçaste-me... Mas tu, tu, que menina tão má! Tu pudeste pensar que eu te tinha amaldiçoado, que eu não te receberia se voltasses para casa? Pensaste uma coisa dessas? Pois vês que eu... Ouve, Natacha, para que fiques a saber: eu ia muitas vezes até tua casa, sem a tua mãe saber, sem ninguém saber; e parava debaixo das tuas janelas, à espreita; algumas vezes ficava lá metade do dia, às voltas para trás e para diante, no passeio em frente. Podia ser que saísses para que eu pudesse ao menos ver os teus olhos! E na tua janela, ao escurecer, muitas vezes havia luz. Quantas vezes eu, Natacha, ia até tua casa, ainda que fosse só para ver brilhar essa luz e vislumbrar a tua sombra na janela e dar-te as boas-noites! E tu também me davas as boas-noites? Lembravas-te de mim? Pressentia o teu coração que eu estava ali, ao pé da tua janela? Quantas vezes, durante o Inverno, já noite avançada, subia a tua escada, parava no patamar sombrio e punha-me a escutar junto da porta! Podia

ser que ouvisse a tua vozinha! Tu podias estar a rir-te! E tinha-te eu amaldiçoado! Pois, ouve. para que saibas: uma noite fui até tua casa com a intenção de perdoar-te, cheguei junto da porta mas depois retrocedi... Oh, Natacha! Ergueu-se, levantou-a da cadeira e estreitou-a fortemente contra o seu peito.

— Estás outra vez aqui, junto do meu coração! — exclamou. — Oh, agradeço-te, meu Deus, por tudo, por tudo, tanto pela Tua cólera como pela Tua bondade! E pelo Teu sol que brilha agora, depois da chuva, sobre nós! Dou-Te graças por este momento! Oh! Podem ter-nos humilhado, podem ter-nos ofendido, mas estamos outra vez juntos e, agora, que cantem vitória esses orgulhosos e soberbos que nos humilharam e ofenderam!

Que nos atirem pedras! Não receies, Natacha... Nós caminharemos de mãos dadas e eu dir-lhes-ei: «Esta é a minha querida, a minha muito querida filha, a minha filha inocente que vocês ofenderam e humilharam mas que eu amo e abençoo pelos séculos dos séculos!»

— Vânia! Vânia! — exclamou Natacha com uma voz fraca, estendendo-me a mão por entre o abraço do pai.

Oh, nunca mais esquecerei que se lembrou de mim nesse instante e me chamou: — Onde está Nelly? — perguntou o velho olhando à sua volta.

— Ah, onde estará? — exclamou a velhita. — Minha querida! Esquecemo-nos dela!

Mas ela não estava na sala. Sem que déssemos por isso, escapara-se para o quarto de dormir. Dirigimo-nos todos para lá. Nelly estava escondida num canto, atrás da porta, e escondia-se de nós, medrosa.

— Nelly, que tens tu, minha filha? — exclamou o velho fazendo menção de abraçá-la.

— E *mamacha?* Onde *está mamacha?* — exclamou, como se tivesse enlouquecido. — Onde está a minha mãe? — tornou a exclamar estendendo-nos as mãos trementes.

E, de repente, um grito horrível, espantoso, escapou-se do seu peito, espasmos contraíram o seu rosto e rolou por terra com um ataque

violentíssimo.

EPÍLOGO

Últimas recordações

Meados de Junho. Dia quente e sufocante. É impossível permanecer na cidade. Pó, cal, casas em obras, pedras partidas, ar envenenado pelas emanações... Mas eis que, oh alegria!, se anuncia uma tempestade. Pouco a pouco, o céu enevoa-se; o vento levanta-se, empurrando à sua frente nuvens de pó da cidade. Algumas grossas gotas caem pesadamente sobre a terra e depois parece que todo o céu desaba, autênticas torrentes de água se precipitam sobre a cidade. Quando, passada meia hora, o sol torna a brilhar, abro a janela do meu quarto e, avidamente, aspiro o ar fresco com o meu peito cansado. Extasiado, de boa vontade deixaria a pena e todos os meus trabalhos, e até o próprio editor, e iria com os meus para Vassilievski. Mas por grande que seja este desejo, apresso-me, no entanto, a retomar a tarefa e com novo ardor lanço-me sobre os papéis. É preciso acabar, seja como for! O editor manda e, se não for assim, não dá dinheiro.

Lá, estão à minha espera; mas em compensação esta noite ficarei livre, tão livre como o vento; o serão me compensará destes últimos dias, nos quais escrevi três folhas.

E eis que o trabalho termina, finalmente, largo a pena e levanto-me, com dores nas costas e no peito, e enxaqueca. Sei que neste momento tenho os nervos abalados até mais não poder ser e julgo escutar as últimas palavras que me disse o meu velho médico: «Não, não há saúde nenhuma que resista a semelhante esforço, porque isso é impossível.» No entanto, até agora tem sido possível. A cabeça anda-me à roda; mal posso suster-me de pé, mas uma alegria, uma alegria infinita enche o meu coração. O meu romance está concluído, e o editor, embora lhe deva já bastante, deve dar-me com certeza alguma coisa, quando vir o original nas suas mãos, ainda que sejam só cinquenta rublos, e eu há já muito que não vejo em meu poder tanto dinheiro junto. Liberdade e dinheiro! Cheio de entusiasmo, pego no chapéu, meto o manuscrito debaixo do braço e deito a correr, para ver se vou encontrar ainda em casa o nosso caríssimo

Alexandre Petrovitch.

Encontro-o mas disposto já a sair. Ele acaba também por sua vez de fazer um contrato, não literário, mas muito mais proveitoso, e depois de despedir certo judeu melancólico, com o qual esteve em conferência duas horas seguidas no seu gabinete, estende-me afectuosamente a mão e, com a sua simpática, pastosa voz de baixo, pergunta-me pela minha saúde. E um bom homem e eu estou-lhe seriamente agradecido. Que culpa tem ele que lhe coubesse em sorte ser toda a sua vida, no campo literário, somente editor? Disse para si que a literatura precisava de editores e disse-o muito oportunamente. Honra e glória lhe seja por isso... Glória editorial, naturalmente!

Com um sorriso amável fica a saber que o romance está pronto *e* que o próximo número da revista contará assim com uma secção principal, admira-se de que eu tenha podido *terminar* qualquer coisa, e di-lo com a intenção de ser subtil. Depois disto vai ao seu cofre de ferro para dar-me os prometidos cinquenta rublos e, entretanto, estende-me um volumoso jornal inimigo, indicando-me algumas linhas na secção de crítica, onde dedicam duas palavras ao meu último romance.

Olho. É um artigo do *Copista.* Aí, não me insultam nem me elogiam, e fico muito satisfeito. Mas o *Copista,* diz, entre outras coisas, que a leitura das minhas obras, de uma maneira geral, *cheira a suor,* isto é, que eu devo suar, fazer um grande esforço para fazê-las; a tal ponto as enfeito e retoco que as deixo sem graça nenhuma.

Rio-me com o editor. Prometo-lhe escrever o meu próximo romance em duas noites; e agora, em dois dias e duas noites, escrevi duas folhas. Se esse *Copista* que censura a excessiva dificuldade e a pesada lentidão dos meus trabalhos soubesse disto!

— No entanto, o senhor é que tem a culpa, Ivan Petrovitch. Porque se descuida assim tanto a ponto de ter necessidade de trabalhar à noite?

Não há dúvida de que Alexandre Petrovitch é uma boa criatura, embora tenha a sua opinião literária, sobretudo diante daqueles que, como ele mesmo suspeita, lhe percebem as intenções. Mas eu não quero discutir literatura com ele; guardo as folhas de papel e pego no chapéu.

Alexandre Petrovitch dirige-se a Ostrov, à sua casa de campo, e quando me ouve dizer que vou a Vassilievski, oferece-se generosamente para me levar até lá no seu fiacre.

— Tenho um fiacre novo. Já o viu? É esplêndido. Subimos. A carruagem, na verdade, era magnífica e Alexandre Petrovitch, nestes primeiros dias, sente uma grande complacência e uma espécie de necessidade espiritual de *conduzir* nela os seus amigos.

Na carruagem, Alexandre Petrovitch torna a insistir nas suas opiniões acerca da literatura contemporânea.

Não se sente inibido na minha presença e, com toda a tranquilidade, repete-me várias opiniões alheias, que deve ter ouvido nestes dias a algum literato cujo critério lhe merece respeito. Por sinal que, às vezes, lhe acontece apreciar coisas bem estranhas. Acontece-lhe também modificar as opiniões dos outros, ou interpô-las onde não ficam bem, de maneira que faz assim uma grande barafunda. Eu estou sentado, admiro a diversidade e a fantasia dos indivíduos apaixonados. «Bem, eis aqui um homem — penso para comigo — que deve ganhar dinheiro, com certeza, mas que apesar disso ainda precisa da fama literária, da fama de bom editor e de crítico.»

Neste momento pôe-se a exporme pormenorizadamente um pensamento literário que há três dias me ouviu, e pelo qual há três dias tivemos uma discussão, o que não obsta a que, agora, o apresente como seu. Mas fraquezas destas costumam acontecer a Alexandre Petrovitch a todos os instantes, e esta sua fraqueza inocente é conhecida de todos os seus amigos. Como ele vai contente, discursando no seu carro! Como está contente com a sua sorte e vaidoso! Mantém uma dissertação de literato, e com a sua pastosa e pundonorosa voz de baixo abarrota de erudição. Pouco a pouco assume um tom *liberal* e passa a uma convicção levemente céptica, de que a nossa literatura, e a literatura de uma maneira geral, seja ela qual for e em todos os tempos, não pode ser honesta nem modesta e que não passa de uma *troca de safanões, sobretudo nos começos literários.*

Digo para comigo que, para Alexandre Petrovitch, todo o escritor

modesto e sincero, se não é tolo é pelo menos um ingénuo, devido a essa mesma honestidade e sinceridade. É claro que semelhante opinião deriva da extraordinária ingenuidade de Alexandre Petrovitch.

Mas deixei já de escutá-lo. Na ilha Vassilievski saio do fiacre e corro para os meus. Eis aqui já a rua treze e aqui está a sua casinha. Quando me vê, Ana Andreievna ameaça-me com o dedo, estende-me as mãos e faz-me um sinal para que não faça barulho.

— Nelly acaba de adormecer. Pobrezinha! — diz-me em voz baixa. — Por amor de Deus, não faça barulho!

Ela está tão fraca, coitadinha! Andamos preocupados. O médico diz que, por agora1, não é nada. Mas quem é que consegue arrancar-lhe a verdade, ao seu médico? E não será sua a culpa, Ivan Petrovitch! Estávamos à sua espera, esperávamo-lo para o almoço... e há dois dias que não aparece...

— Mas se há três dias os avisei que durante dois não poderia vir! — disse eu em voz baixa a Ana Andreievna.

— Precisava de acabar um trabalho...

— Mas tinha-nos prometido que viria hoje almoçar connosco. Porque não veio? Nelly levantou-se da cama de propósito, coitadinha, e sentámo-la muito sossegada na sua poltrona. Foi assim mesmo, levantou-se para vir assistir ao almoço. «Quero acompanhar-vos à mesa, a vós e a Vânia.» E o nosso Vânia sem aparecer. E já são quase sete horas! Por onde tem andado? Sempre me saiu um maroto! Pois fique sabendo que ela estava tão desassossegada que eu já não sabia o que havia de dizer-lhe... Felizmente que por fim acabou por adormecer. Pobre anjo! Nikolai Serguieitch saiu, morto de fome, só com o chá, e eu estou quase a cair de fraqueza... Saiu, ele, Ivan Petrovitch; calculo que deve ter ido a Perm, é uma ideia que eu tenho...

— E Natacha?

— Está no jardim, meu amigo, no jardim! Vá vê-la... Ela também me parece... Não posso compreender... Ah, Ivan Petrovitch, sinto-me infeliz! Quer convencer-me de que anda contente e alegre, mas a mim não me engana ela... Vá vê-la, Vânia, e diga-me depois em segredo, o que acha...

Está a ouvir-me?

Mas eu já não oiço Ana Andreievna e corro para o jardim. Esse jardinzinho pertence à casa; tem vinte passos de comprimento e outro tanto de largura, e está todo verde.

Há nele três árvores fortes, velhas e frondosas, alguns tenros vidoeiros, alguns sebes de lilaseiros e madressilvas, um cantinho de framboesas, dois canteiros de morangueiros e dois estreitos e sinuosos carreirinhos, um à largura e outro transversal. O velho está entusiasmado com este jardinzinho e afirma que não tardará a dar míscaros. O importante é que Nelly gosta muito do jardinzinho e trazem-na com frequência, num cadeirão, para o caminho traseiro, e que Nelly é agora o ídolo de toda a casa. Mas eis aqui Natacha; vem receber-me com alegria e estende-me a sua mão. Como está magra e pálida! Se ainda há tão pouco tempo esteve doente!

— Então, já o acabaste todo, Vânia?—perguntou-me ela.

— Todo, todo! Tenho a noite por minha conta.

— Ainda bem, graças a Deus! Trabalhaste muito depressa? Fizeste um grande esforço?

— Que havia eu de fazer? Mas isso não tem importância. Eu trabalho sempre debaixo de uma certa tensão nervosa, debaixo de uma certa excitação; vejo assim mais claramente as coisas, sinto com mais vivacidade e profundidade, e até o temperamento me obedece, de maneira que o trabalho forçado é o que me sai sempre melhor...

— Ah, Vânia, Vânia!

Reparo que Natacha, nos últimos tempos, se interessa estranhamente pelos meus êxitos literários, pela minha fama. Tem uma nota de tudo quanto publiquei o ano passado; pergunta-me minuciosamente pelos meus planos futuros; segue com atenção todas as críticas que me dedicam; aborrece-se com algumas e empenha-se decididamente em que eu sobressaia na literatura. Exprime o seu desejo com tal energia e altivez que fico admirado.

— Simplesmente tu precipitas-te, Vânia — diz-me ela. — Fazes esforços demasiados e precipitas-te e, além disso, estragas a tua saúde.

Repara em C..., que em dois anos só publicou dois romances e em N... que, em dez, apenas escreveu um, ao todo. Mas em compensação, como tudo isso está correcto e primoroso! Não encontras aí nem um só descuido!

— Sim, mas esses têm a vida garantida e não precisam de escrever a prazo fixo, ao passo que eu... sou um cavalo de posta. bom, mas tudo isto é absurdo. Deixemos isso, minha amiga. Que há de novo?

— Muitas coisas. Em primeiro lugar, uma carta *dele.*

— Outra?

— Outra — e entregou-me uma carta de Aliocha.

Era a terceira depois da separação. A primeira escrevera-a quando ainda estava em Moscovo e escreveu-a num arrebatamento. Apercebera-se de que as circunstâncias se tinham transformado de tal maneira que lhe era impossível regressar de Moscovo a Petersburgo, conforme pensara antes da separação. Na segunda carta apressava-a a anunciar-lhe que dentro de dias estaria connosco, para casar-se o mais depressa possível com Natacha, coisa que estava resolvida e que não haveria força alguma no mundo capaz de impedir. E, no entanto, depreendia-se do tom geral da carta que estava desesperado, que uma influência estranha se apoderara dele por completo e que nem ele mesmo acreditava no que dizia. Recordava, entre outras coisas, que Kátia era a sua providência e que era ela a única pessoa que o consolava e animava.

Foi com avidez que abri a terceira carta. Era uma carta de duas páginas, escrita de uma maneira incoerente, desalinhada, escrita à pressa com uma letra indecifrável, salpicada de borrões e de lágrimas. Começava Aliocha por dizer que renunciava a Natacha e pedia-lhe que o esquecesse. Esforçava-se por mostrar que o seu casamento era impossível, que certa influência estranha, hostil, era mais forte que tudo, e que, finalmente, tinha de ser assim; que ele e Natacha, juntos, seriam infelizes, porque não eram iguais. Mas não podia conter-se e, de repente, pondo de parte os raciocínios e as demonstrações, começava a dizer, de repente e sem transição, sem largar a pena, que procedera mal para com Natacha; que era um homem perdido e não tinha forças para opor-se à

vontade do pai, que tinha aparecido na aldeia. Dizia também que não se sentia com energia suficiente para descrever a sua dor; confessava, entre outras coisas, que se sentia completamente capaz de fazer Natacha feliz; punha-se, de repente, a demonstrar que eram os dois muito parecidos; rebatia as afirmações paternas com teimosia, com rancor; desesperado, abalançava-se à descrição do quadro da felicidade de toda a sua vida, da vida que se depararia aos dois, a ele e a Natacha, se chegassem a casar-se; amaldiçoava-se a si próprio pela sua falta de carácter e... terminava despedindo-se para sempre. Essa carta estava escrita com dor; era evidente que devia tê-la amarrotado, completamente fora de si; a mim vieram-me as lágrimas aos olhos... Natacha deu-me outra carta, de Kátia. Esta carta tinha chegado dentro do mesmo sobrescrito que a de Aliocha, mas fechada. Kátia, muito laconicamente, em poucas linhas, participava-lhe que Aliocha estava de facto muito triste, que chorava muito e mostrava indícios de desespero e parecia até adoentado; mas que *ela* estava a seu lado e ele seria feliz. Entre outras coisas esforçava-se Kátia por explicar a Natacha, para que esta não se afligisse muito, que Aliocha não tardaria a consolar-se e que a sua dor não devia ser muito profunda. «Nunca se esquecerá de si — acrescentava Kátia —, e não poderá esquecê-la nunca, porque não tem temperamento para isso. Ama-a muito; amá-la-á sempre e, se deixasse de amá-la algum dia, se alguma vez deixasse de sentir tristeza ao evocar a sua recordação, eu própria deixaria de amá-lo imediatamente por esse facto.»

Restituí as duas cartas a Natacha. Troquei um olhar com ela e não dissemos nada. Assim tínhamos feito também quando das duas primeiras cartas e, de uma maneira geral evitávamos falar do passado, como se tivéssemos feito essa combinação. Ela sofria muito, que eu bem via, mas não queria dá-lo a entender. Depois do regresso a casa dos pais esteve de cama durante três semanas, com febre, e agora encontrava-se apenas em convalescença. Também falávamos da próxima mudança das circunstâncias, apesar de ela saber que iriam dar um destino ao velho e que em breve teríamos de nos separar. Mas apesar disso mostrava-se sempre carinhosa e atenciosa para comigo e preocupava-se também com

tudo quanto me dizia respeito, nesse tempo; escutava com muita atenção e firmeza tudo quanto eu lhe dizia de mim, de tal maneira que isso chegava a custar-me, pois parecia que queria recompensar-me por causa do passado. Mas não tardou que este escrúpulo meu desaparecesse; compreendi que ela tinha outro desejo muito diferente; que me amava, *simplesmente;* que me amava muito, que não podia viver sem mim e não esquecia coisa alguma que a mim se referisse, e de uma maneira tal que nunca uma irmã amou o seu irmão assim. Eu sabia muito bem que a nossa separação iminente lhe dilacerava o coração; que Natacha sofria, e ela sabia também que eu não podia viver sem ela; mas não falávamos disto, apesar de falarmos muito pormenorizadamente dos próximos acontecimentos.

Perguntei-lhe por Nikolai Serguieitch.

— Penso que não se demora — respondeu-me'Natacha. — Prometeu estar aqui para o chá.

— Anda a tratar do seu destino?

— Sim; aliás, hão-de dar-lhe um destino, com certeza, mas parece-me que hoje, não foi por causa disso que saiu — acrescentou, pensativa. — Creio que disso tratará amanhã.

— Então porque saiu?

— Porque eu tinha tido carta... Está a tal ponto *apaixonado* por mim — acrescentou Natacha, depois de um silêncio — que até me custa, Vânia. Parece que até em sonhos não vê mais ninguém senão a mim. Tenho a certeza de que, tirando a minha saúde, a minha disposição, os meus pensamentos, não se preocupa com mais nada. Todos os meus desgostos se reflectem nele. Eu própria vejo os esforços que ele faz, às vezes desajeitadamente, para conter-se e não dar a entender o que sofre por minha causa; finge alegria e faz por se rir e por nos fazer rir a nós. A mamã também não acredita na sua alegria e suspira... É tão desajeitado! Uma alma ingénua! — acrescentou, sorrindo. — Hoje, por exemplo, quando eu recebi a carta, não teve outro remédio senão deitar logo a correr, para não encontrar o meu olhar... Eu gosto mais dele que de mim própria, mais que de toda a gente, Vânia — acrescentou, baixando a

cabeça e apertando-me a mão. — Até mais que de ti...

Demos mais duas voltas ao jardinzinho antes que ela recomeçasse a falar.

— Esta noite, Masloboiev virá também ver-nos — disse.

— Sabes porque vem ele? A mamã, não sei porquê, tem fé nele. Pensa que ele sabe tanto de tudo (de leis e de outras coisas) que poderá tratar de qualquer assunto. Sabes em que é que ela anda agora a magicar? Pois custa-lhe muito que eu não tenha chegado a ser princesa. Este pensamento trá-la num desassossego e parece-me que acabou por desabafar com Masloboiev. com o meu pai não se atreve ela a falar destas coisas e pensa: «Não se poderia conseguir qualquer coisa por meio de Masloboiev, ainda que tivesse de recorrer às leis?»

Pelos vistos Masloboiev não a contradiz e ela vai-lhe oferecendo aguardente — acrescentou Natacha sorrindo.

— Não falemos mais desse velhaco. Mas como é que tu sabes isso?

— Ora, porque foi a própria mamã quem mo deu a entender, por alusões...

— E Nelly? Como está? — perguntei.

— Fazes-me admirar, Vânia. Só agora é que perguntas por ela — disse Natacha em tom de censura.

Nelly era o ídolo de todos naquela casa. Natacha gostava muito dela e Nelly correspondia-lhe finalmente com todo o seu coração. Pobre pequena! Não podia imaginar que existissem no mundo seres assim, que pudessem gostar tanto dela, e eu via com prazer que o seu temperamento arredio se ia abrandando e que a todos abria a sua alma. Apoderava-se de todo aquele carinho que a rodeava, com um ardor doentio, por aversão a todo o passado, que gerara nela a desconfiança, o aborrecimento e a inflexibilidade. Aliás, ainda por muito tempo Nelly se mostrara obstinada; ocultou de nós, de propósito, as lágrimas de reconciliação que afluíam aos seus olhos, até que finalmente se nos entregou por completo. Queria muito a Natacha e depois afeiçoou-se ao velho. Também eu me tornei tão indispensável para ela, que caía doente quando tardava um pouco mais a aparecer. Da última vez, quando me

despedi por dois dias, para terminar definitivamente o meu trabalho, tive de convencê-la... com muitos rodeios, claro. No entanto, Nelly tinha muito pudor de pôr a descoberto os seus sentimentos, com demasiada franqueza...

Dava muita preocupação a todos nós. Tacitamente, sem a menor discussão, ficou resolvido que já não sairia mais de casa de Nikolai Serguieitch, mas, entretanto, a data da partida aproximava-se e ela estava cada vez pior. Adoecera no dia em que eu a levei a casa dos velhos, no dia em que estes se reconciliaram com Natacha.

Mas que culpa tinha eu? Doente, sempre ela tinha estado. A doença já antes se fora desenvolvendo gradualmente, mas agora começava a agravar-se com extraordinária rapidez. Não sei nem posso descrever exactamente o seu mal. Os ataques, é verdade, repetiam-se agora com mais frequência que antes; mas o principal era um certo esgotamento e enfraquecimento de todas as suas energias, febre e excitabilidade contínuas... o que, tudo junto, acabou por conduzi-la, nos últimos dias, ao extremo de não poder já levantar-se da cama. E, coisa estranha, quanto mais a doença se apoderava dela, mais comunicativa e carinhosa Nelly se punha para connosco. Três dias antes pegara-me na mão quando eu passei junto da sua caminha e puxou-me para si. No quarto não estava mais ninguém. O seu rosto queimava (estava espantosamente fraca) e os seus olhos pareciam deitar fogo. Apertou-se contra mim num arrebatamento convulsivo e, quando eu me inclinava para ela, cingiu-me com força o pescoço, com as suas mãozinhas morenas, magras, deu-me um beijo e, depois, logo a seguir, pediu-me que chamasse Natacha. Nelly queria a todo o custo que Natacha se sentasse na beira da cama e a contemplasse.

— Eu também tinha muita vontade de olhar para ela — dizia. — E ontem vi-a em sonhos e esta noite hei-de vê-la também... Eu sonho muito consigo... todas as noites...

Além de mim, gostava de Nikolai Serguieitch, mais do que ninguém. É preciso dizer que Nikolai Serguieitch gostava quase tanto dela como de Natacha. Tinha um jeito especial para fazer rir e distrair Nelly. Assim que

ele assomava à porta do quarto, logo ela se punha a rir e até com meiguice. A doentinha alegrava-se como uma criança, gracejava com o velho, ria-se dele, contava-lhe os seus sonhos e o velho ficava tão contente, tão vaidoso, ao ver a sua *filhita Nelly,* que cada dia saía dali mais entusiasmado com ela.

— Foi Deus que no-la mandou como recompensa dos nossos sofrimentos — disseme uma vez ao sair do quarto de Nelly, depois de lhe ter deitado a bênção, como costumava, todas as noites.

Todos os dias, ao fim da tarde, quando nos reuníamos (Masloboiev ia também por ali quase todas as tardes), e também o velho médico costumava fazer-nos companhia, pois ganhara amizade aos Ikmenieves, traziam-nos também Nelly no seu cadeirão e colocavam-na junto da mesa-redonda. Abriam a porta da varanda e víamos então todo o jardinzinho verde, iluminado pelo Sol poente. Dele subia o perfume da erva fresca e dos lilases desabrochados. Nelly, sentada na sua poltrona, olhava para todos amigavelmente e escutava a nossa conversa. Às vezes reanimava-se e começava também a falar... Mas quase sempre, nesses momentos, todos nós a escutávamos com extraordinária inquietação, pois nas suas recordações havia casos sombrios em que não era possível tocar.

Tanto eu como Natacha e os Ikmenieves sentíamos e compreendíamos toda a nossa culpa para com ela a partir do dia em que, tremente e esgotada, se vira *obrigada* a contar-nos a sua história. Sobretudo o médico era inimigo dessas evocações e esforçava-se geralmente por mudar de conversa. Nesses casos Nelly procurava não nos dar a entender que compreendia os nossos esforços e punha-se a rir do médico ou de Nikolai Serguieitch.

E, no entanto, estava cada vez pior. Tornara-se extremamente sensível. O seu coração pulsava com irregularidade. O médico dizia-me que podia morrer de um dia para o outro.

Eu não falei disto aos Ikmenieves, para não os alarmar. Nikolai Serguieitch estava firmemente convencido de que ela havia de pôr-se boa durante a viagem.

— Olha, o papá já voltou — disse Natacha, que ouvira a sua voz. — Vamos ter com ele, Vânia!

Assim que entrou, Nicolau Serguieitch começou a falar em voz alta. Ana Andreievna teve de fazer-lhe também um sinal com as mãos. O velho conteve-se imediatamente e, quando nos viu, a mim e a Natacha, começou a contar-nos o resultado das suas diligências, com precipitação e em voz baixa. O terreno que pedira estava já à sua disposição e sentia-se muito contente.

— Daqui a duas semanas teremos de pôr-nos a caminho -— disse, esfregando as mãos e olhando, solícito, de soslaio, para Natacha. Esta respondeu-lhe com um sorriso e abraçou-o, e com isso imediatamente se desvaneceram as suas dúvidas.

— Vamos para lá, vamos para lá, meus amigos! — exclamou ele, alegre. — Só temos pena de nos separarmos de ti, Vânia...

Devo fazer notar que nem uma só vez me tinha proposto viajar com eles, o que, a avaliar pelo seu carácter, infalivelmente teria feito... noutras circunstâncias, isto é, se não soubesse do meu amor por Natacha.

— Bem, que se há-de fazer, meus amigos, que se há-de fazer? Tenho muita pena, Vânia, mas a mudança de ares vai dar a todos nova vida... A mudança de lugar... quero dizer, a mudança *de tudo!* — acrescentou, olhando outra vez para a filha.

Tinha fé naquilo e estava contente com a sua fé.

— Mas... e Nelly? — disse Ana Andreievna.

— Nelly? Ah, sim, é verdade... Coitadinha, está doentita; mas com certeza que, daqui até lá se há-de pôr boa.

Agora já está melhor, não achas, Vânia? — disse, um pouco assustado, e olhou-me com inquietação, como se eu tivesse o dever de dissipar as suas dúvidas.

— Como está? Como dormiu? Não lhe aconteceu nada? Sabes uma coisa, Ana Andreievna? Vamos pôr uma mesinha no terraço; levaremos para lá o samovar, sentar-nos-emos todos, *e* Nelly juntamente connosco...

Verás como vai ser bom. Mas ela ainda não teria acordado? vou vê-la. Só olhar... Não te preocupes! — acrescentou, ao ver que Ana Andreievna

tornava a agitar as mãos.

Nelly já tinha acordado. Passado um quarto de hora, todos nós nos encontrávamos sentados à volta da mesa, para o chá da tarde.

Trouxeram Nelly na sua poltrona. O médico apareceu, bem como Masloboiev, que trouxe um ramo de lilases para Nelly; mas parecia um pouco preocupado e triste.

De facto, Masloboiev ia ali quase diariamente. Disse já que todos nós, e sobretudo Ana Andreievna, gostávamos muito dele, mas nunca nos lembrávamos dos serviços de Alexandra Semionovna; nem o próprio Masloboiev se lembrava deles. Quando Ana Andreievna soube por mim que Alexandra Semionovna ainda não tinha conseguido fazer dele seu marido *segundo a lei,* tomou a resolução de tratar desse assunto; mas falar dele, em casa, era impossível. A própria Ana Andreievna respeitava este princípio, embora fosse fazendo muitos projectos. Pode ser que, se Natacha não estivesse ali e, sobretudo, se não tivesse acontecido o que aconteceu, pode ser que não estivesse com tantos cuidados.

Nessa tarde Nelly estava especialmente murcha e também preocupada com alguma coisa. Dir-se-ia que sofrera um pesadelo e que pensava nele. Mas o presente de Masloboiev dispô-la bem e contemplou com prazer as flores que haviam colocado diante dela num vaso.

— Já vejo que gostas muito de flores, Nelly — disse o velho. — Olha! — acrescentou, como se lhe tivesse surgido uma ideia. — Amanhã... Também... Bem, depois verás!

— Gosto — respondeu Nelly — e lembro-me de como uma vez demos um ramo de flores à minha mãezinha.

A minha *mamacha,* quando nós ainda estávamos *lá — lá,* significava no estrangeiro — esteve uma vez um mês inteiro muito doente. Eu e Heinrich combinámos que, quando ela se levantasse da cama e saísse pela primeira vez do quarto, onde tinha estado um mês inteiro, havíamos de encher de flores a casa toda. E assim fizemos. Uma noite, a mamã disse que, no dia seguinte, de manhã, se levantaria sem falta para ir almoçar connosco. Levantámo-nos muito cedinho. Heinrich trouxe muitas flores e, os dois, enchemos a casa de folhas verdes e grinaldas.

Havia hera e também umas flores muito largas... que já não sei como se chamam, e ainda outras que se colam a tudo, e também umas flores grandes, brancas, e narcisos, que são as flores de que eu gosto mais, e rosas, umas rosas lindíssimas, e muitas, muitas outras flores. Armámos grinaldas e ramos e, tantas flores havia ali, que pareciam plantas completas em grandes vasos; espalhámo-las por todos os cantos e, quando apareceu, a mamã ficou muito admirada e muito contente... Ainda me lembro.

Nessa noite Nelly estava especialmente fraca e nervosa. O médico olhava-a, inquieto. Mas ela tinha muita vontade de falar. E, durante muito tempo, até se fazer noite, esteve a contar-nos coisas da sua vida anterior, no estrangeiro; não a interrompemos.

Lá, viajara muito com *mamenka* e com Heinrich e as suas recordações desse tempo permaneciam na sua memória com toda a clareza. Comovida, falava-nos dos céus azuis, das altas montanhas de neve que vira e percorrera, das torrentes, das fontes; depois, dos lagos e dos vales da Itália, das flores e das árvores, dos habitantes das aldeias, dos seus trajos, dos seus rostos morenos e dos seus olhos negros; contava-nos vários encontros e episódios que aí se tinham passado. Depois falava-nos das grandes cidades e palácios, dos altos templos com cúpulas, todos iluminados à volta com luzes de várias cores; depois, da cidade quente, em Junho, com o céu azul e o mar azul... Nunca Nelly nos contara tão pormenorizadamente as suas recordações.

Escutávamo-la com a maior atenção. Até aí, só sabíamos dela as suas próprias recordações: na cidade sombria, severa, de atmosfera sufocante, opressiva, de ambiente carregado, de sumptuosos palácios, sempre manchados de sujidade; com um sol turvo, gente pobre e má, meia enlouquecida, que tanto a tinha feito sofrer, a ela e a sua mãe. E eu imaginava como as duas, na sua cave infecta, pelas tardes húmidas e lôbregas, estendidas sobre o mísero enxergão, haviam de ter recordado o passado, o falecido Heinrich e as maravilhas das terras exóticas... Imaginava também Nelly, recordando tudo isso já sozinha, sem a sua mãezinha, quando a Bubnova, com pancadas e selvagem crueldade,

queria dominá-la e obrigá-la a coisas torpes.

Até que Nelly começou a sentir-se mal e a levaram para dentro. O velho médico ficou muito alarmado e lamentou que a deixassem falar tanto. Tinha-lhe dado um ataque, uma espécie de síncope. Esse ataque,já se repetira por várias vezes. Assim que melhorava, Nelly dizia que me queria ver. Precisava de dizer-me qualquer coisa, unicamente a mim. Insistia tanto nisso que, dessa vez, o próprio médico quis que eu satisfizesse esse seu desejo, e todos saíram do quarto.

— Olha, Vânia — disse Nelly, assim que ficámos sós —, eu sei que eles julgam que eu os acompanharei; mas eu não poderei fazê-lo, porque não estou em condições; por isso ficarei contigo; era isto o que eu te queria dizer.

Tentei convencê-la; disselhe que em casa dos Ikmenieves todos gostavam dela, que a consideravam como uma filha. Que todos haviam de sentir muito se ela não os acompanhasse. Que, pelo contrário, a vida comigo ser-lhe-ia muito mais difícil, e que embora eu gostasse muito dela, isso não interessava, pois não tínhamos outro remédio senão separarmo-nos.

— Não, isso não pode ser! — respondeu Nelly, com decisão. — Porque eu vejo muitas vezes a minha mãezinha em sonhos e ela diz-me que não vá com eles e fique aqui; diz-me que eu cometi muitos pecados; que deixei o avô sozinho, e vejo-a sempre a chorar quando me diz tudo isso. Eu quero ficar aqui e visitar o avô, Vânia.

— Mas se o teu avô morreu, Nelly — disse eu, depois de escutá-la, admirado.

Ela reflectiu e olhou-me também assombrada.

— Conta-me outra vez, Vânia — disse —, como o avô morreu. Conta-me tudo, sem esqueceres nada.

Este pedido espantou-me; no entanto, comecei a contar-lhe tudo pormenorizadamente. Parecia-me que ela delirava ou, pelo menos, que não estava ainda absolutamente lúcida depois do ataque.

Escutou atentamente a minha narrativa e lembro-me de como os seus olhos escuros, de um brilho doentio e com cintilações febris,

continuavam fixos e atentos enquanto eu falava. No quarto já estava escuro.

— Não, Vânia, não morreu! — disse resolutamente e uma vez mais ficou a meditar. — A minha mãe costuma falar-me do avô e quando eu ontem lhe disse: «Mas se o avô já morreu!», ela ficou muito zangada, pôs-se a chorar e disseme que não, que me tinham feito acreditar nisso com alguma intenção, mas que ele agora andava a pedir esmola, «tal como dantes a pedia contigo», disse a mamã, e vai sempre àquele sítio onde nos encontrámos naquele dia, quando eu me deitei a seus pés e Azorka me conheceu...

— Isso são sonhos, Nelly, sonhos doentios, porque agora estás doentinha — disselhe.

— Eu também penso isso, que são sonhos — concordou Nelly —, e não os contei a ninguém. Só queria contar-tos a ti. Mas hoje, quando adormeci, visto que tu não vinhas, vi o meu próprio avô em sonhos. Estava na sua casa, sentado à mesa, à minha espera, e parecia estranho, muito,,apoquentado, e disseme que havia já dois dias que não comia, e Azorka também não, estava muito zangado comigo e censurava-me. Também me disse que não tinham nem um pó de rapé, e que sem rapé a vida é impossível. De facto, Vânia, em tempos ele disseme a mesma coisa, já depois de a minha mãezinha ter morrido, quando eu fui vê-lo. Estava então muito doente e quase já nem conhecia as pessoas. Pois hoje tornou a dizer isso e então eu pensei: «Então hei-de ir para o passeio, pedirei esmola e, com o que me derem, compro-lhe pão, batatas fritas e tabaco.» E pareceu-me que eu própria me levantava e vi que o avô andava por ali, fez uns rodeios, e depois vai, aproxima-se *e* olha para ver quanto angariei e tira-me o dinheiro. «Isto — disse ele — é para pão; agora pede para tabaco.» Eu peço, ele torna a aparecer e novamente me tira o dinheiro. Eu digo-lhe que não era preciso ele ter vindo, pois eu lhe daria tudo *e* não ficaria com nenhum. «Não — disse ele —, tu roubas-me; A Bubnova disseme que tu és uma larápia e por isso eu também nunca te admitirei em minha casa. Que fizeste do outro *piatak*» Pus-me a chorar comNpena de que ele não acreditasse em mim, mas ele não quis”

escutar-me'e pôs-se a gritar: «Roubaste-me *um piatak.*» *E* começou a bater-me ali mesmo, no passeio, e doía-me. E eu chorava muito... Aí tens, Vânia, a razão porque eu me lembrei de que ele ainda deve estar vivo, e se vai pôr à espreita, em qualquer sítio, à espera que eu passe...

Tornei a tentar convencê-la de que não era assim e, finalmente, pelo menos na aparência, ficou convencida.

Respondeu-me que, agora, tinha medo de adormecer porque via o avô. Por fim abraçou-me num abraço muito apertado...

— Eu, apesar de tudo, não posso deixar-te, Vânia! — disseme, roçando a sua carinha pelo meu rosto. — Ainda que isso do avô não seja verdade, eu não me separarei de ti.

Em casa estavam todos alarmados com o ataque de Nelly. Eu comuniquei em voz baixa ao médico todos os seus desvarios e perguntei-lhe categoricamente o que pensava da sua doença.

— Ainda não há nada de certo — respondeu-me, pensativo. — Até agora limito-me a fazer conjecturas, a reflectir, a observar, mas... não há nada de positivo. Em princípio, é impossível que recupere a saúde. Morre.

Não lho digo por tê-lo perguntado; mas eu andava muito inquieto e pensei reunir amanhã uma junta médica.

Pode ser que a doença tome outro aspecto, depois da consulta. Mas eu tenho muita pena dessa criatura, como de uma filha minha... Pobre menina! E com um feitio tão brincalhão!

Nikolai Serguieitch estava particularmente comovido.

— Olha, Vânia, eu pensei — disseme — que ela gosta muito de flores. Sabes uma coisa? Vamos arranjar para amanhã, para quando ela acordar, um ramo de flores como as que ela arranjou para a mãe, juntamente com o Heinrich da sua história, conforme nos contou hoje... com que comoção ela nos contou tudo isso!

— Com demasiada comoção — respondi eu. — As comoções, agora, são perigosas para ela...

— Sim, mas as comoções agradáveis não. Acredita, querido, acredita na minha experiência, as comoções agradáveis não fazem mal, podem até

curar, restituir-nos a saúde.

Em resumo: esta ideia seduzia tanto o nosso velho que já estava entusiasmado com ela. Teria sido impossível fazer-lhe qualquer objecção. Pedi conselho ao médico, mas antes que pudesse responder-me já Nikolai Serguieitch pegara num saco e corria a pôr em prática a sua iniciativa.

— Olha — disse quando saía —, perto daqui há uma estufa de plantas, uma estufa magnífica. Os jardineiros vendem as flores. Há lá tantas e tão baratas! Dão-nas quase de graça! Se eu falasse disto a Ana Andreievna começava imediatamente a rezingar contra os gastos. Bem, mas ouve uma coisa, meu amigo, onde vais tu agora? Já acabaste o teu trabalho? Que pressa tens tu de voltar para casa? Fica para dormires connosco no quarto pequeno, lá em cima, lembras-te? Ainda está como dantes. Ainda lá está o teu colchão e a tua cama; tudo no mesmo sítio de dantes e bem arrumado. Dormirás como um rei de França. Ficas? Amanhã levantamo-nos cedinho, trazemos as flores, e às oito enchemos com elas a casa toda. Natacha também nos ajudará; ela tem mais gosto do que nós dois juntos... Então, estás de acordo? Ficas?

Decidiram que eu passaria ali a noite. O velho tratou de tudo. O médico e Masloboiev despediram-se e retiraram-se. Os Ikmenieves costumavam deitar-se cedo, às onze. Quando saiu, Masloboiev parecia preocupado e desejoso de dizer-me qualquer coisa, mas que deixava isso para outra ocasião. Quando eu, depois de despedir-me do velho, subia para o meu quartito, fiquei admirado quando o vi ali de novo. Estava sentado junto de uma mesinha, à minha espera, folheando um livro.

— Voltei para trás, Vânia, porque agora está melhor. Senta-te aqui. Repara que coisa tão estúpida, tão lamentável, até...

— De que se trata?

— É que o patife do príncipe tornou a cometer outra proeza, ainda não há duas semanas, e de tal género que ainda me sinto indignado.

— Mas que foi? Continuas em relações com o príncipe?

— Bem, aí vens tu com perguntas, quando só Deus saberá o que se passou... Tu, meu amigo Vânia, és exactamente como a minha Alexandra Semionovna e, de uma maneira geral, todo esse insuportável mulherio...

Não posso tolerar as mulheres... Assim que um corvo grasna logo nos vêm com: «O que foi? De que se trata?»

— Não te zangues.

— Eu não estou zangado, mas acho que é preciso, em todos os assuntos, ver as coisas calmamente, não exagerar... eis tudo.

Ficou calado por um momento, como se ainda estivesse zangado comigo. Não o interrompi.

— Olha, meu amigo — insistiu —, eu estou metido num caso, ou melhor, verdadeiramente não estou, nem isso teve também as consequências que eu imaginava; de certas razões deduzi que Nelly podia ser... Numa palavra, que podia ser filha legítima de um príncipe.

— Que dizes?!

— Lá vens tu com o teu «Que dizes?!» com indivíduos assim não é possível falar! — exclamou, gesticulando com violência. — Eu afirmei alguma coisa, cabeça de alho chocho? Eu dissete que ela é *filha legítima de um príncipe?* Foi o que eu te disse?

— Escuta, meu amigo -— atalhei-o, muito agitado —, por amor de Deus, não grites, explica-te com clareza e precisão. Juro-te que te compreendo. Compreendo até que ponto o caso é importante e as consequências que...

— Consequências? Porquê? Onde estão as provas? As coisas não se fazem assim, e agora falo-te em segredo.

Eu vou explicar-te a razão por que estou a falar assim contigo. Quer isso dizer que não havia outro remédio.

Cala-te e escuta, fixa bem que se trata de um segredo... Vê em que consiste o caso. Este Inverno, antes de Smith morrer, quando o príncipe tinha acabado de' regressar de Varsóvia, lançou-se nesta empresa. Embora verdadeiramente a houvesse começado já muito antes, no ano passado. Mas então procurava ele uma coisa e agora anda à procura de outra. O principal de tudo isto é que perdeu a pista. Há treze anos que se separou em Paris da filha de Smith e a abandonou, mas durante todos estes treze anos ele seguiu-a firmemente, informou-se de que vivia com Heinrich, o mesmo de que nos falaram hoje; sabia que tinha Nelly

consigo e sabia que estava doente. Bem, numa palavra, estava ao facto de tudo, simplesmente, de repente, perdeu-lhe o rasto. E isto aconteceu, segundo parece, na altura da morte de Heinrich, quando a filha de Smith voltou para Petersburgo. Em Petersburgo, naturalmente, não teria tardado em encontrá-la, qualquer que fosse o nome com que ela regressasse à Rússia; mas o certo é que os seus espiões de além-fronteira o enganaram com um falso testemunho: fizeram-no acreditar que ela vivia em qualquer aldeola perdida no sul da Alemanha; é que eles próprios se tinham enganado, por descuido, confundindo as pessoas. Assim esteve a coisa um ano mais. Mas o ano passado o príncipe começou a duvidar; de certos factos chegara a inferir, já muito antes, que aquilo não podia ser verdade. Depois pôs-se-lhe esta interrogação: «Que fora feito da verdadeira filha de Smith?» E lembrou-se (assim, sem o menor indício), que ela podia estar em Petersburgo. Até então só realizara pesquisas no estrangeiro, mas depois começou a praticá-las aqui; entretanto, pelos vistos, não queria servir-se demasiado das vias oficiais e pôs-se a falar comigo. Apresentaram-me: «Fulano de tal, que trata de investigações várias, como amador» e etc., *etc.* Bem. Então ele foi e explicou-me o assunto, simplesmente de uma maneira obscura, o filho do diabo, escura e ambígua. «Cometeram-se muitos erros — repetia algumas vezes —, transmitiram-nos os factos sob várias versões ao mesmo tempo...» Bem. Como se sabe, por muito espertos que sejam, sempre lhes escapa algum pormenor. Eu, naturalmente, comecei a trabalhar para ele com diligência e honestidade. Numa palavra, com vontade de bem servir, mas de acordo com a regra a que sempre me atenho, pensando na lei da paternidade (porque há uma lei da paternidade), comecei por dizer para comigo: «Que necessidade tinha ele de me chamar?» E depois: «Atrás da necessidade que apontou, não haverá outra escondida?» Porque, neste último caso, como tu mesmo poderás compreender, meu caro, com a tua imaginação... ele defraudava-me, porque, admitamos que um dos assuntos valesse um rublo, e o outro, quatro. Pus-me a discorrer e a conjecturar e, pouco a pouco, acabei por formular as seguintes conclusões: um desses assuntos, foi ele próprio que

mo declarou; o outro... tinha de tirá-lo de alguns dos seus servidores, por conta de terceiro, obrando com a minha própria habilidade. Hás-de perguntar, talvez, porque me decidi eu a proceder deste modo. Eis a resposta: bastava a circunstância de o príncipe se interessar tanto por uma coisa para eu concluir que ele temia algo. Mas, na realidade, que temia ele? Roubara uma filha ao pai, a rapariga ficara grávida e ele abandonara-a.

Bem, que tem isso tudo de especial? Uma travessura simpática e nada mais. Um homem como o príncipe não se inquieta por causa de uma ninharia dessas. Mas o certo é que ele tinha medo... Era aqui que começavam as minhas dúvidas. Eu, meu irmão, acabei por tirar algumas conclusões curiosíssimas, entre outras coisas a propósito de Heinrich. Este não há dúvida que morreu, mas, por uma das suas primas (agora casada com um padeiro aqui, em Petersburgo), que tinha estado algum tempo apaixonada por ele e que continuou a amá-lo durante quinze anos seguidos, apesar da existência do gordo padeiro, com o qual a princípio conviveu oito anos; por esta prima sua, dizia eu, vim a saber, depois de várias diligências, uma coisa importante: Heinrich costumava enviar-lhe, conforme o costume alemão, cartas e o seu diário e antes de ter morrido remeteu-lhe alguns documentos seus. Ela, a grande tola, não compreendia a importância dessas cartas e só compreendia os passos em que ele lhe falava da Lua, de *mein lieber Augusttn* e também *de* Wieland, segundo parece. Mas eu arranjei os encontros necessários e, graças a essas cartas, cheguei a novas conclusões. Fiquei 'a conhecer, por exemplo, a existência do senhor Smith, do seu dinheiro, da filha que lhe tinham raptado, do príncipe que lhe roubara o seu capital; finalmente, após diversas exclamações, preâmbulos e alegorias, revelou-se-me nessas cartas a verdadeira essência do caso, isto é, Vânia, compreendes-me? Nada de definitivo... Heinrich escondia-o daquela tonta e só lhe falava por alusões. Pois bem: eu, de todas essas alusões, de todo esse enredo, acabei por formar para mim uma interpretação perfeitamente harmónica, isto é: que o príncijpe se tinha casado com a filha de Smith. Onde, como e quando se teria casado com ela, se no estrangeiro, se aqui, onde estavam

os papéis? Disso não fazia a mínima ideia. meu caro Vânia; eu arrepelava os cabelos de furioso e não fazia senão investigar e investigar, de dia e de noite, semmpre a investigar! Por fim, dei também com Smith, mas logo a seguir ele morreu de repente. Nem sequer tive tempo de encontrá-lo vivo. Eis senão quando fico a saber, por acaso,, que morrera uma mulher sobre quem eu tinha as minhas dúvidas, em Vassilievski Ostrov; informo-me e ponho-me na sua pista. Corro a Vassilievski, lembras-te?, foi dessa vez que nos encontrámos.

Trabalhei muito, então. E por-sinal a Nelly me ajudou muito também... —- Ouve — interrompi-o —, achas que Nelly saberá?

— O quê?

— Que é filha do príncipe.

— Aí está, tu também sabes que ela é filha do príncipe — respondeu, alhando-me com uma censura maliciosa. — Mas então para que me fazes essas perguntas ociosas, homem frívolo? O principal não é isso, mas sim o facto de que não só ela é filha do príncipe como também filha *legítima*, compreendes?

— Isso não pode ser! — exclamei eu.

— Isso foi o que eu disse também, a princípio: «Não pode ser!», e ainda hoje o digo às vezes: «Não pode ser!» Mas o certo é que *pode ser* e que há todas *as probabilidades* de que o seja.

— Não, Meloboiev, isso não é assim, tu estás a devanear — exclamei. — Não só ela não sabe nada disso como, no fim de contas, é filha natural. Se não fosse assim, como é que a mãe, se possuísse algum documento, qualquer que ele fosse, teria podido suportar tantos dissabores aqui, em Petersburgo, e, além disso, deixar a sua filha, depois, em tamanha orfandade? Basta! Isso não pode ser.

— Era isso mesmo o que eu pensava, isto é, até agora tive-o por indubitável. Mas apesar de tudo, no fundo, é filha de Smith, era a mulher menos inteligente e mais tola deste mundo. Era uma mulher extraordinária; imagina unicamente todas as circunstâncias, todo o puro romantismo, toda a estupidez terrena, na dose mais violenta e desaforada. Repara só nisto: logo no princípio, ela não sonhava com

outra coisa senão com coisas do céu na terra, com anjinhos, apaixonava-se sem saber por quem, era de uma credulidade sem limites e estou convencido de que se tornou louca depois, não porque ele se cansasse dela e a deixasse, mas por se ter enganado com ele, por ele ser *capaz* de enganá-la *e* de abandoná-la, pelo seu anjo se ter transformado em lama, cuspindo-lhe em cima e humilhando-a. O seu romântico e aturdido espírito não pôde suportar essa degradação. E para mais, a ofensa: compreendes que ofensa? com espanto, e sobretudo com orgulho, afastou-se dele, animada de um infinito desprezo. Rompeu todos os laços, todos os documentos, cuspiu-lhe no dinheiro, esqueceu inclusivamente que não era seu, mas do pai, renunciou a ele como a lama, como a pó, para aniquilar o seu sedutor com a sua grandeza de alma, para poder apontar-lhe o seu roubo e ter direito a desprezá-lo enquanto vivesse; e talvez pensasse também que era uma desonra para ela usar o nome dele, ser sua esposa. Entre nós o divórcio não existe; mas *de facto* eles divorciaram-se, e, portanto, como é que ela poderia implorar-lhe a sua ajuda?! Lembra-te que essa, a pobre doida, disse a Nelly no seu leito de morte: «Não vás com ninguém, trabalha, mata-te a sofrer, mas não vás com ninguém *que te chame, seja quem for»;* isto é, ainda sonhava que *a chamassem* e, efectivamente, tinha ocasião de vingar-se outra vez, de aniquilar com o seu desprezo o *chamador.* Em resumo: em vez de pão era o seu sonho rancoroso que lhe servia de alimento.

Também averiguei muitas coisas a respeito de Nelly, meu amigo, e continuo ainda as minhas indagações. Não há dúvida de que a mãe estava doente, tuberculosa; esta doença dá lugar ao desenvolvimento da maldade e a todo o género de ressentimentos; no entanto, eu sei de fonte segura, por um indivíduo de casa de Bubnova, que ela escreveu ao príncipe, sim senhor, ao próprio príncipe...

— Escreveu-lhe? E a carta chegou? — exclamei impaciente.

— Ora! Se chegou, ou não, não sei. Uma vez a filha de Smith chegou a acordo com essa tipa (lembras-te de uma rapariga muito empoada, que havia em casa da Bubnova? Agora está numa casa de correcção); foi por intermédio dela que pensou enviar a carta, e chegou a escrevê-la,

simplesmente arrependeu-se e não a enviou; isto aconteceu três semanas antes da sua morte... Pormenor significativo: se já uma vez se decidira a escrever-lhe, não tem importância de maior que depois recolhesse a carta: podia ter-lhe escrito outra vez. Na realidade, não sei se teria chegado ou não a enviar-lhe outra carta; mas tenho razões para supor que não, pois o príncipe só veio a saber que ela vivia em Petersburgo depois da sua morte. Devia ter ficado bem contente!

— Sim, lembro-me de Aliocha ter falado de uma certa carta que o pôs de muito bom humor; mas isto foi ainda há pouco tempo, quando muito há uns dois meses. Bem. E que mais, que mais? Como estavas tu com o príncipe?

— Como estava eu com o príncipe?! Ora vê: a convicção moral mais absoluta e nem uma prova terminante...

Uma posição verdadeiramente crítica. Seria preciso fazer investigações no estrangeiro, mas em que ponto do estrangeiro? Não sabia. É claro que eu compreendi que tinha na minha frente a perspectiva de uma luta, que só podia assustá-lo com alusões, dar-lhe a entender que sabia mais do que realmente sei...

— Bem, e então?

— Para falar verdade, digo-te que tinha muito medo, a tal ponto que ainda hoje continuo a tê-lo. Tivemos várias entrevistas. Como ele sabia fingir! Uma vez ele próprio se pôs a contar-me tudo, espontaneamente.

Pensava que eu sabia *tudo.* Contou-mo bem, com sentimento, com sinceridade... Claro que, inconscientemente, mentia. E pude ver então até que ponto *ele me* temia. Durante algum tempo fingi perante ele que era um toleirão e que queria dar-se ares de esperto. Ele assustou-se estupidamente, isto é, com uma estupidez afectada; eu comportava-me com ele de um modo propositadamente grosseiro; comecei a ameaçá-lo... bom; tudo isso com o fim de que ele me tomasse por um simplório e começasse a dar com a língua nos dentes. Mas o velhaco é finório... De outra vez fui procurá-lo bêbado e procurei enganá-lo, mas o malandro nem assim! Tu, meu amigo, deves compreender o caso, Vânia, é que eu precisava absolutamente de avaliar até que ponto ele tinha medo de mim

e, em segundo lugar, fazer-lhe acreditar que sabia mais do que realmente sei.

— Bem, e em que ficou a coisa?

— Em nada. Eram necessárias provas, factos, e eu não os tinha. Ele só compreendeu uma coisa: é que, fosse como fosse, eu podia fazer escândalo. É claro que ele receava o escândalo, tanto mais que começava a arranjar relações aqui. Sabes que ele vai casar?

— Não.

— Para o ano que vem. Até ao ano passado ainda ele não conhecia a noiva; tinha ela então catorze anos; agora tem quinze, segundo parece, e ainda usa saias curtas, a pobrezinha. Os pais estão contentíssimos.

Compreendes como lhe convinha que a mulher tivesse morrido? A futura esposa é filha de um general, uma rapariga com dinheiro, com muito dinheiro (J). Eu, meu amigo, nunca me casarei assim... Era a única coisa que nunca perdoaria a mim próprio nesta vida! — exclamou Masloboiev, descarregando uma punhada forte sobre a mesa. — E... ainda há duas semanas me cuspiu... Malandro!

— Como foi isso?

— Como eu te vou dizer. Vi que ele compreendia que eu não tinha em meu poder nenhuma prova *terminante e,* por O tema do casamento por interesse foi já tratado pelo autor no conto «Uma árvore de Natal e um casamento», pensei que quanto mais se prolongasse o assunto, tanto mais cedo, naturalmente, havia de descobrir nele a minha impotência. Numa palavra: acabei por receber dele dois mil rublos.

— Apanhaste dois mil rublos!

— De prata, Vânia, e bem me custou recebê-los. Um assunto destes deveria render mais que dois mil rublos!

Aceitei-os com vergonha. Estava diante dele como se ele me tivesse cuspido! E ele disseme: «Eu ainda não lhe paguei as suas diligências anteriores, Masloboiev (quando, por essas diligências anteriores me tinha pago já, não havia muito, cento e cinquenta rublos, segundo o combinado), e vou partir em viagem; por isso aqui tem dois mil rublos, e espero que, com isto, o nosso assunto possa dar-se por perfeitamente

liquidado.» Eu respondi-lhe: «Perfeitamente liquidado, príncipe»; mas não me atrevia a olhá-lo na sua feia cara, e pareceu-me que lia nessa cara: «Ora bem, aceitaste então esta grossa maquia? Parece-te suficiente, não? Pois, se ta dou é por pura bondade para com um imbecil!» Nem me lembro como saí dali!

— Isso é uma baixeza, Masloboiev! — exclamei. — E com Nelly, como procedeste?

— Uma baixeza é pouco, é qualquer coisa digna do presídio, é uma porcaria. E... é... Bem, não há palavras para qualificá-lo!

— Meu Deus! Ele, pelo menos, tem obrigação de assegurar a vida de Nelly.

— Qual obrigação?! Como pode ele ser obrigado? Assustando-o? Ele não se assusta. Não vês que eu já aceitei o dinheiro? Eu próprio reconheci perante ele que todo o medo que poderia infundir-lhe valia dois mil rublos de prata; fui eu próprio que me taxei por esse preço. Como assustá-lo agora?

— De maneira que o caso de Nelly acabou aí? — exclamei quase desesperado.

— Não se trata disso! — exclamou Masloboiev com veemência e como se estremecesse todo. — Não, não será com isso que eu o assustarei. vou cometê-lo agora com um novo caso, Vânia, é ponto já assente. Que importa que eu lhe aceitasse os dois mil rublos? Que me importa isso? Eu, no fim de contas, tomo como ofensa o facto de que ele, o grande gozador, me tenha enganado e ainda por cima se tenha rido de mim. Enganou-me e ainda se riu por cima. Não, eu não consinto que se riam de mim... Agora vou pôr mãos à obra a respeito de Nelly.

Depois de ter feito algumas observações, estou convencido de que nela está a chave deste assunto. Ela sabe *tudo, tudo...* Foi a mãe que lho contou. Nas suas horas de febre, nos seus momentos de tristeza, pode muito bem ter-lhe contado tudo. Não tinha ninguém com quem desabafar — insinuou —, portanto, desabafaria com ela. E é possível que arranjemos algum documento — acrescentou com grande entusiasmo. — Compreendes agora, Vânia, porque ando eu por aqui de nariz no ar? Em

primeiro lugar, pela amizade que te tenho, disso nem é preciso falar; em segundo porque ando a observar Nelly, e em último, amigo Vânia, quer queiras quer não, tens a obrigação de apoiar-me, visto que tens tanta influência sobre Nelly.

— Juro-te — exclamei — e espero, Masloboiev, que tu, e isto é o principal, farás esse esforço por Nelly, por uma pobre órfã ofendida e não por puro interesse pessoal...

— Mas por que interesse havia eu de esforçar-me num caso destes, criatura? Trata-se apenas de agir... Isso é o principal! Não só em relação a uma órfã como em relação ao amor à humanidade. Mas tu, Vânia, não me julgues mal pelo facto de velar pelos meus interesses. Eu sou pobre e ele não se coíbe de ofender os pobres.

Roubou-me o que me pertencia e, além disso, enganou-me de uma maneira vil. De maneira que eu, a teu ver, havia de estar com cerimónias com um patife destes? *Morgen fruh!* (*).

(*) Até amanhã. (N. T.)

Mas a nossa festa floral do dia seguinte não teve êxito. Nelly piorou e não pôde já sair do seu quarto.

Nunca mais tornou a sair daquele quarto.

Morreu duas semanas depois. Durante essas duas semanas da sua agonia, nem uma só vez voltou a recuperar por completo o conhecimento nem conseguiu libertar-se dos seus estranhos desvarios. Parecia que as suas faculdades estavam embotadas. Esteve firmemente convencida, até morrer, de que o avô a chamava e se zangava com ela porque não lhe ligava importância, que lhe batia com o bordão e a mandava sair para pedir esmola para pão e tabaco. Muitas vezes desatava a chorar em sonhos, e depois, quando acordava, dizia que tinha visto a mãe.

Às vezes parecia recuperar completamente o raciocínio. Em certa ocasião, estávamos os dois sós, chegou-se para mim e segurou as minhas mãos com as suas, descarnadas, ardentes do calor da febre.

— Vânia — disseme —, quando eu morrer, casa com Natacha.

Esta, pelos vistos, era a sua constante e antiga obsessão. Sorri-lhe em silêncio. Quando viu o meu sorriso, sorriu também com uma expressão animada, ameaçando-me com os seus dedinhos descarnados e em seguida pôs-se a dar-me beijos.

Três dias antes da sua morte, numa esplêndida tarde de Verão, pediu que erguêssemos as cortinas e abríssemos a janela do seu quarto. Essa janela dava sobre o jardim; contemplou durante muito tempo a verdura exuberante e o Sol que se punha e, de repente, pediu que nos deixassem sozinhos.

— Vânia — disseme com uma voz quase imperceptível, pois estava já muito fraca —, eu vou morrer em breve, muito em breve, e quero dizer-te que te lembres de mim. Quero deixar-te isto como recordação — e mostrava-me uma bolsinha que trazia ao peito, juntamente com uma pequena cruz. — Deixou-mas a minha mãe quando morreu.

Olha quando eu morrer, tu tiras-me esta bolsinha, abre-la e lês o que nela está escrito. Hei-de dizer hoje a todos que não a dêem a mais ninguém senão a ti. E assim que tiveres lido o que lá está escrito, irás vê-lo a *ele* e dirás que eu morri sem perdoar-lhe. Diz-lhe também que ainda há pouco acabei de ler os Evangelhos. Aí diz: «Perdoai a todos os vossos inimigos.» Bem, pois eu, embora tivesse lido isso, não lhe perdoei a *ele*, porque a minha mãe, ao morrer, quando ainda podia falar, a última coisa que disse foi: «Maldito seja!» Por isso eu também o amaldiçoo, e amaldiçoo-o não por mim mas pela minha mãezinha. Dir-lhe-ás também como morreu a minha mãe e me deixou sozinha com a Bubnova, conta-lhe como foste encontrar-me em casa dela; conta-lhe tudo, tudo, e diz-lhe ainda que, apesar de tudo, eu preferi ficar com a Bubnova a ir ter com ele...

Quando disse isto Nelly empalideceu, os seus olhos chisparam fogo e o coração começou a bater-lhe com tanta força que se deixou cair sobre a almofada e durante um momento não pôde dizer uma palavra.

— Chama-os, Vânia — disse, finalmente, com uma voz fraca. — Quero despedir-me de todos. Adeus, Vânia!

Abraçou-me com muita força pela última vez. Os outros entraram

todos. O velho não queria acreditar que ela estivesse a morrer, não se conformava com essa ideia. Esteve até ao último momento a discutir connosco, afirmando que ela havia de recuperar a saúde, com certeza. Passava dias e noites à cabeceira de Nelly, muito preocupado... Na última noite nem dormiu. Esforçava-se por adivinhar o mais pequeno desejo, o mais leve capricho de Nelly, e quando vinha ter connosco, chorava amargamente, embora passado um momento já estivesse outra vez cheio de esperança e procurasse convencer-nos a todos de que ela estava a restabelecer-se.

Encheu o seu quarto de flores. Uma vez comprou um ramo de magníficas rosas, brancas e vermelhas, teve de ir buscá-las longe, e trouxe-as à sua Nelita... Ela ficava muito comovida com tudo isto. Não podia corresponder com todo o seu coração a um carinho tão desvelado. Nessa noite, na noite em que se despediu de mim, o velho não queria convencer-se a despedir dela para sempre.

Nelly sorria e toda a noite fez esforços para parecer contente, dirigiu-lhe gracejos e até se riu com ele... Todos nós nos separámos dela quase esperançados; mas no dia seguinte já não podia falar. Duas horas depois estava morta.

Lembro-me de como o velho encheu o seu caixão de flores e com que desespero contemplava a sua carinha definhada, com aquele seu sorriso e as mãozinhas cruzadas sobre o peito. Chorava por ela como por uma filha. Natacha, eu, todos nós fazíamos por consolá-lo, mas ele não admitia consolações e adoeceu gravemente depois do enterro de Nelly.

Foi a própria Ana Andreievna quem me entregou a bolsinha que ela trazia ao pescoço. Nessa bolsinha estava a carta da mãe de Nelly para o príncipe. Li-a no dia da morte de Helena. Dirigia-se ao príncipe para amaldiçoá-lo; dizia-lhe que não conseguia perdoar-lhe; descrevia-lhe toda a vida que ultimamente tinha levado, todos os horrores no meio dos quais deixava Nelly e terminava pedindo-lhe que fizesse alguma coisa pela pequena. «É sua filha — dizia — e o senhor mesmo sabe que é sua filha verdadeira. Ordeno-lhe que vá vê-lo quando eu morrer e lhe entregue a si, esta carta, nas suas próprias mãos. Se não repelir Nelly,

pode ser que eu lhe perdoe *de lá.* que no Dia do Juízo seja testemunha perante Deus e interceda perante o Juiz para que lhe perdoe os seus pecados. Nelly conhece o texto da minha carta, leu-o, eu contei-lhe tudo, ela sabe *tudo, tudo...*»

Mas Nelly não cumpriu a sua promessa; sabia tudo, mas não foi procurar o príncipe e morreu sem reconciliar-se com ele.

Quando voltávamos do funeral de Nelly, eu e Natacha fomos para o jardim. Estava um dia quente, de sol radioso. Daí a uma semana, eles partiriam. Natacha pousou sobre mim um olhar longo, estranho:

— Vânia! — disse ela. — Olhai Vânia, foi tudo um sonho!

— O que é que foi um sonho? — perguntei-lhe.

— Tudo, tudo — respondeu ela. — Tudo quanto se passou este ano, Vânia. Porque teria eu destruído a tua felicidade?

E eu li no seu olhar: «Podíamos ter vivido sempre felizes juntos!»

OBRIGADO POR ESCOLHER A

LERIORE

Você acabou de dar um passo importante:
transformar intenção em ação.

Que este e-book continue fazendo sentido
quando você voltar a ele.

“Disciplina hoje, uma vida extraordinária amanhã.”

CONTINUE ESSA JORNADA

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE E MELHORE AINDA MAIS A SUA VIDA

Mais conhecimento

Mais produtividade

Mais bem-estar

Mais resultados

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE →

digital.leriore-contato.workers.dev

LERIORE
E-BOOKS QUE TRANSFORMAM CONHECIMENTO EM AÇÃO

Obrigada por fazer parte dessa história!